

# PARKER S. HUNTINGTON

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES



# DOCE VENENO

O MEU PRIMEIRO AMOR ACABOU EM TRAGÉDIA.

O SEGUNDO COMEÇOU COM O IRMÃO DELE.

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.com

PARKER S. HUNTINGTON

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES



DOCE  
VENENO

O MEU PRIMEIRO AMOR ACABOU EM TRAGÉDIA.

O SEGUNDO COMEÇOU COM O IRMÃO DELE.

casal deletras

Capa

Ficha Técnica

Prólogo

Parte Um: A QUEDA

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Parte Dois: As Imperfeições

Capítulo Quinze

Capítulo Dezasseis

Capítulo Dezassete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezanove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

Capítulo Vinte e Seis

Capítulo Vinte e Sete

Capítulo Vinte e Oito

Capítulo Vinte e Nove

Capítulo Trinta

Capítulo Trinta e Um

Capítulo Trinta e Dois

Capítulo Trinta e Três

Capítulo Trinta e Quatro

Capítulo Trinta e Cinco

Capítulo Trinta e Seis

Capítulo Trinta e Sete

Capítulo Trinta e Oito

Capítulo Trinta e Nove

Capítulo Quarenta

Capítulo Quarenta e Um

Capítulo Quarenta e Dois

Capítulo Quarenta e Três

Capítulo Quarenta e Quatro

Capítulo Quarenta e Cinco

Capítulo Quarenta e Seis

Capítulo Quarenta e Sete

Capítulo Quarenta e Oito

Capítulo Quarenta e Nove

Capítulo Cinquenta

Capítulo Cinquenta e Um

Capítulo Cinquenta e Dois

Capítulo Cinquenta e Três

Capítulo Cinquenta e Quatro

Capítulo Cinquenta e Cinco

Capítulo Cinquenta e Seis

Capítulo Cinquenta e Sete

Capítulo Cinquenta e Oito

Capítulo Cinquenta e Nove

Capítulo Sessenta

Capítulo Sessenta e Um

Capítulo Sessenta e Dois

Capítulo Sessenta e Três

Capítulo Sessenta e Quatro

Capítulo Sessenta e Cinco

Capítulo Sessenta e Seis

Capítulo Sessenta e Sete

Capítulo Sessenta e Oito

Capítulo Sessenta e Nove

Capítulo Setenta

Capítulo Setenta e Um

Capítulo Setenta e Dois

Capítulo Setenta e Três

Capítulo Setenta e Quatro

Capítulo Setenta e Cinco

Capítulo Setenta e Seis

Capítulo Setenta e Sete

Capítulo Setenta e Oito

Capítulo Setenta e Nove

Capítulo Oitenta

Capítulo Oitenta e Um

Capítulo Oitenta e Dois

Capítulo Oitenta e Três

Capítulo Oitenta e Quatro

Capítulo Oitenta e Cinco

Capítulo Oitenta e Seis

Parte Três: O Antídoto

Capítulo Oitenta e Sete

Capítulo Oitenta e Oito

Capítulo Oitenta e Nove

Capítulo Noventa

Epílogo

Agradecimentos



**PARKER S. HUNTINGTON**

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES



# DOCE VENENO

*Quinta Essência\**

# Ficha Técnica

Título: Doce Veneno  
Autor: Parker S. Huntington  
Tradução: Paula Antunes  
Revisão: Isabel Garcia  
Capa: Maria Manuel Lacerda  
ISBN: 9789895811267

QUINTA ESSÊNCIA  
Uma editora do grupo Leya  
Rua Cidade de Córdova, n.º 2  
2610-038 Alfragide – Portugal  
Tel. (+351) 21 427 22 00  
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2021, Parker S. Huntington  
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.  
[www.quintaessencia.com.pt](http://www.quintaessencia.com.pt)  
[www.leya.com](http://www.leya.com)

Em memória de Khanh Võ.  
Dedicado a Chlo, Bau, Rose e L.

«Egoísmo é pedir ao outro que sustente uma existência intolerável somente para poupar famílias, amigos e inimigos da busca pela sua alma.»

David Mitchell, *Atlas das Nuvens*

Se as cicatrizes contam histórias, eu não tenho nenhuma para contar. Nada de saliências, vales ou sulcos. Nenhuma mancha para me lembrar os danos que causei. A minha pele é mentirosa. É suave. Sem marcas. É uma tela vazia. Um dia, os meus pecados vão apanhar-me e, quando morrer, será com uma cicatriz.

# Prólogo



**CHARLOTTE, 13**

— Por favor, não saias esta noite. Por favor. — Juntei as palmas das mãos, mostrando o meu melhor olhar de cachorrinho perdido, sentada na sua colcha multicolorida. — Por favor, vá lá. — Gatinhei pela sua cama. O meu grande sorriso idiota escondia a bola de pânico que me subia pela garganta. Parecia que o mundo ia acabar se a minha irmã saísse por aquela porta.

Em frente ao espelho, Leah acabou de encaracolar uma madeixa de cabelo cor de ébano, com uma placa de alisar, que balançou pelo seu ombro como uma mola. Passou a língua pelos dentes, limpando uma mancha de batom colada ao seu reflexo perfeito.

— Nem pensar, miúda. É a minha primeira festa da faculdade e o Phil está muito entusiasmado. Combinamos para o próximo fim de semana?

Phil era o namorado da Leah. Coisas que o Phil gostava: um, ocupar o tempo dela; dois, chamar-me plano B de forma muito séria; três, olhar para mim até eu ter a certeza de que ele me via por dentro quando a Leah não estava a olhar.

Leah agarrou na mala, balançando as ancas e saindo apressadamente do quarto. Vestia uma minissaia que provocaria um ataque cardíaco ao pai e vários castigos, como lavar a loiça o resto da vida, à mãe. Felizmente para a Leah, estavam ambos a dormir.

— *Penny!* — gritei, pondo-me rapidamente de pé, soando tão desesperada como realmente me sentia. Como não pensei nisso antes? — *Penny, penny, penny.* Não vás. — *Penny* era o nosso código de segurança. Significava seriedade. *Penny* superava os rapazes. E as festas. E perder a virgindade com um sociopata. Eu queria tanto que a Leah não perdesse a virgindade com o Phil esta noite. Tinha-os ouvido falar disso ao telefone no outro dia e desde então que não dormia.

Leah nem sequer abandonou. O meu coração parecia um caleidoscópio de vidros partidos. Qual era o objetivo de ter uma palavra secreta se não significava nada?

– Desculpa, Lottie. Fica para a próxima.

Reparei que ela se esquecera do maço de cigarros de mentol em cima do toucador. Ali, à vista, para a mãe os encontrar. Eu fervilhava de raiva, uma raiva que transbordava. Que se lixe. *Espero que a mãe acorde e te veja.*

Leah parou no limiar da porta, virando a cabeça na minha direção.

– Mas que inferno! – Meteu a mão na mala, remexeu e pôs uma moeda na minha mão, fazendo-me a vontade.

– Lottie, um centimo pelos teus pensamentos?

Aceitando a derrota, revirei a moeda nos meus dedos. Esperava que ela não engravidasse. Ter-lhe-ia dito para ter cuidado, mas a última vez que abordara o assunto Phil, ela quase me decapitara. Ela sabia que eu o odiava. Diz-se que o amor é cego e surdo. Esqueceram-se do cérebro. Isso também lhe falta.

– Espero nunca me apaixonar. Ficamos completamente idiotas quando nos apaixonamos.

Leah revirou os olhos, voltou ao quarto e deu-me um beijo na cabeça.

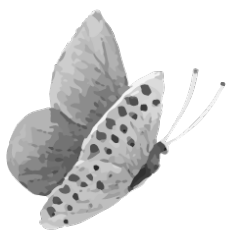
– Espero que te apaixones. O amor faz-nos sentir imortais. Não queres isso?

Ela não esperou pela minha resposta e dirigiu-se ao corredor. Os seus passos mal se ouviam a descer as escadas para que a mãe não a apanhasse. Saiu pela porta, direita para os braços de Phil. Espreitei pela janela, sabendo que vê-los juntos me ia fazer sofrer, mas olhei na mesma. Vi-o inclinar-se sobre o Hummer quando a agarrava. Pôs-lhe a mão no rabo, enfiou-lhe a língua pela garganta e levantou o rosto olhando diretamente para mim, sorrindo enquanto a devorava. Ofeguei, desligando o candeeiro e deslizando para baixo da colcha colorida da Leah. O medo que sentira toda a noite aumentou, quase que saindo pelos meus poros.

*O amor faz-nos sentir imortais. Não queres isso?*

*Não, pensei amargamente. A morte não me assusta.*

# **Parte Um: A QUEDA**





# Capítulo Um



**Charlotte, 14**

*Vou morrer sem cicatrizes. Sem experiência, sem feridas de guerra, sem sinais de que vivi. Sem nunca fazer bungee jumping, aprender uma segunda língua ou ser beijada.*

O pensamento surgiu enquanto fitava, carrancuda, o casal à minha frente no metro. Estavam a curtir desde que eu entrara na carruagem no Bronx e estava disposta a apostar que continuariam assim até eu sair em Manhattan.

Ele agarrou-lhe a parte interior da coxa, deixando marcas escarlates na sua pele por baixo do minivestido. Fingi ler um livro, observando-os por cima da capa. *Pela Estrada Fora* de Jack Kerouac. Os seus beijos eram lascivos, gulosos, misturados com o horrível roçar do balão cor-de-rosa em forma de coração que ele apertava junto à perna dela. O meu olhar desviou-se para os outros passageiros. Profissionais jovens. Alguns empresários trazendo flores e vinho. Mulheres a retocar a maquilhagem. Um casal no canto com camisolas cor de cereja a condizer com a frase *I'm With Stupid*.

Uns baixos, outros altos. Uns gordos, outros magros. Uns velhos, outros jovens. No entanto, todos partilhavam uma coisa – não se importavam minimamente que eu morresse hoje. Não que eu tivesse tatuado *Sou Suicida* na testa antes de sair de casa. No entanto... eu era uma adolescente sozinha e parecia estar mal. O meu cabelo não via uma escova há semanas, os meus olhos estavam escuros e encovados assim como o espaço entre os dentes que a mãe insistia ser encantador para não ter de pagar um aparelho.

As marcas de rímel debaixo dos olhos deviam-se ao meu ataque de choro cinco horas antes de entrar no metro. Usava meias de riscas até ao joelho, um *kilt* curto preto, Doc Martens em segunda mão e um blusão de ganga onde rabiscara, com um marcador, citações de livros que adorava.

«O futuro precisava dela, por isso virou costas ao passado.»

«A perfeição é profanidade. Insensível, hostil e inalcançável.»

«Ela acreditava que conseguia, por isso fê-lo.»

*Tretas, tretas, tretas.*

Mudei de comboio. Plataformas. Estações. O cheiro do metro agarrava-se à minha roupa com o seu perfume a motores, comida de plástico barata e suor. Um vento quente emanava do comboio à medida que ele se aproximava, espalhando-me o cabelo pela cara.

A ideia de me atirar para os carris e acabar com tudo passou-me pela mente. Mas fiz um som de desaprovação. Não. Isso seria demasiado simples. Primeiro que tudo, era a pior e mais dolorosa maneira de morrer. Segundo, odiava as pessoas que o faziam. Especialmente durante a hora de ponta. O que se passava com os idiotas que insistiam em atirar-se para os carris quando todas as outras pessoas iam para o trabalho ou para a escola ou deles regressavam? Sempre que ficava presa no metro, entalada como sardinha entre as outras, o seu suor era tão tangível que quase sentia o seu sabor na boca, e quando o condutor dizia que estávamos parados por causa de uma pessoa que ficara debaixo do comboio, apetecia-me bater com a cabeça contra as janelas de plástico. Terceiro, tivera a ideia de saltar para o meu destino de um telhado num livro de Nick Hornby e gostava desse toque literário. Sim. De regresso ao plano original.

Entrei no comboio, coloquei os meus AirPods nos ouvidos e verifiquei o telemóvel. «Watermelon Sugar» abafava o ruído exterior. Perguntava-me se o Harry Styles alguma vez pensara em suicidar-se, achei que não, enrolei o livro e enfié-o no bolso traseiro da minha saia.

Tinha dito à Leah que ia a uma festa, mas ela estava demasiado cansada do turno duplo que fizera na loja de conveniência ao fundo da rua para reparar que as raparigas de catorze anos não deviam ir a festas às dez da noite no Dia dos Namorados.

Também se esquecera do meu aniversário hoje. Ou talvez tenha fingido não se lembrar porque estava zangada. Não que a culpasse. Nem sabia como é que ela conseguia olhar para mim.

*Não te preocupes. Ela não olha.*

Não era essa a única razão por que me queria suicidar esta noite. Mas era uma delas. Era isto que acontecia com o desespero. Aumentava como uma torre de Jenga. Cada vez mais alto e mais tremido. Um passo em falso e tudo se desmoronava.

A minha irmã odiava-me. Odiava-me sempre que olhava para o espelho. Sempre que tinha de ir para um trabalho que repudiava. Sempre que eu respirava. Por coincidência, ela é a única pessoa que me resta no mundo. A minha morte seria um alívio. Claro que, a princípio, ela ficaria em choque. Perturbada. Até mesmo triste. Mas assim que esses sentimentos comesçassem a desvanecer-se...

No fundo, o suicídio era o resultado de um conjunto bem orquestrado de

tragédias juntamente com má sorte, circunstâncias e desespero. Mas ninguém se lembrar do meu aniversário este ano? Isso foi a cereja no topo do bolo. O que era realmente um trocadilho, agora que pensava nisso.

Subi as escadas saindo de Cathedral Parkway. O vento gelado atingiu-me em cheio nas faces húmidas. O som de fundo do trânsito de Manhattan, as buzinas dos carros e os bêbedos enchiam-me os ouvidos. Passei por edifícios de empresas, blocos de apartamentos e monumentos históricos. O meu pai costumava dizer que eu tinha nascido na melhor cidade do mundo. Parecia-me justo que também morresse nela.

Entrando por uma rua secundária, cheguei à minha escola. Era o meu primeiro ano em St. Paul, uma escola secundária situada na melhor parte da cidade, onde usufruía de uma bolsa de estudos integral, algo que a diretora Brooks gostava de me atirar à cara, até que Aquela Noite aconteceu e, subitamente, passou a ser inapropriado tratar mal uma criança cujos pais tinham acabado de morrer.

Basicamente, a bolsa recompensava-me por ser a melhor aluna entre as escolas primárias e secundárias fora desta zona. Uma senhora qualquer, amante da alta-costura de Upper East Side, concordara em financiar-me um colégio privado até me formar, certamente parte de um evento de caridade. No ano passado, a mãe obrigou-me a escrever-lhe uma carta de agradecimento à qual nunca respondeu.

Eu não andava em St. Paul há tempo suficiente para odiar a escola, portanto não era por essa razão que tinha escolhido o seu telhado para me suicidar. Mas era difícil não reparar na escadaria lateral daquele monstro eduardino de seis andares que conduzia ao telhado. Era um local tão conveniente e apropriado para um suicídio que seria um crime escolher outro.

Apesar do pessoal de St. Paul saber que proporcionar aos estudantes estressados acesso ao telhado não era uma boa ideia, foram obrigados a manter a escadaria. Por causa de regulamentos de saúde e segurança, colocaram uma corrente em redor da escada, mas esta era facilmente transponível. Foi o que fiz, subindo as escadas sem pressa. A morte podia esperar mais alguns minutos. Já a imaginara tantas vezes que quase a conseguia sentir. Silêncio estático. Luzes apagadas. Entorpecimento geral. Felicidade absoluta.

Quando cheguei ao topo, ao último degrau, tomei uma decisão de última hora e cortei o interior do meu pulso no corrimão ferrugento. O sangue começou de imediato a sair. Agora sim, morreria com uma cicatriz.

Com as minhas mãos húmidas e sem fôlego, limpei o sangue à saia. Parei quando os meus pés chegaram às telhas pintadas. O telhado era inclinado. Três chaminés curvavam-se em direção ao céu com as bocas enegrecidas das cinzas. Nova Iorque estendia-se diante de mim na sua glória mórbida. O rio Hudson. Os parques, as igrejas, os arranha-céus, parcialmente cobertos por nuvens. As luzes da cidade dançavam pelo horizonte escuro. Esta cidade já assistira a guerras, pragas, incêndios e batalhas. Provavelmente a

minha morte nem seria notícia.

Reparei em algo. Algo que não esperava ver aqui. Na verdade, era alguém. Vestido com uma camisola preta com capuz e calças de treino, estava sentado na extremidade do telhado, balançando os pés, de costas para mim. Os seus ombros pareciam curvados e desanimados e ele olhava para baixo, pronto a saltar. Inclinou-se para a frente, centímetro após centímetro. Lento. Determinado. Firme.

A decisão de o impedir foi instintiva. Da mesma forma que recuamos quando nos atiram algo à cara.

– Não faças isso! – exclamei. A figura imobilizou-se. Nem me atrevia a pestanejar, demasiado preocupada que ele desaparecesse quando abrisse os olhos. Pela primeira vez, desde Aquela Noite, não me sentia um completo fracasso.

# Capítulo Dois



**Kellan**

**A**posto que vão perguntar a razão. Porque é que ele fez aquilo? Porque é que se vestiu daquela forma esquisita? Porque é que tramou o irmão daquela maneira?

Bem, permitam que vos ilumine. Estava a fazê-lo porque o Tate Marchetti era um filho da puta. Acreditem em mim, eu vivia com ele. Tirou-me ao meu pai e nem parou para me perguntar o que queria fazer com a minha vida. Se pudesse morrer duas vezes só para esfregar isso na cara do meu irmão mais velho, fá-lo-ia de bom grado.

Mas falemos do meu suicídio.

Não era uma decisão precipitada. A ideia de suicídio já se afirmava há anos. Depois, na semana passada, anotei os prós e contras (cliché, eu sei, processem-me). Não pude deixar de reparar que uma das partes da lista estava muito pequena.

## **PRÓS:**

- O Tate vai ter um ataque cardíaco.
- Não há mais escola.
- Não há mais trabalhos de casa.
- Acabaram-se as tarefas de tipos atléticos que levam a série

*Euphoria* demasiado a peito.

– Acabaram-se as discussões sobre Harvard vs. Yale durante o jantar (não vou conseguir entrar em nenhuma delas com as minhas notas, mesmo que o pai doe três alas, um hospital e um rim a estas escolas).

## CONTRAS:

- Vou sentir saudades do pai.
- Vou sentir falta dos meus livros.
- Vou sentir falta da Charlotte Richards. Um à parte: nem sequer a conheço. Quero lá saber se ela é bonita? Que raio?

Tirei uma lata de Bud Light da minha mochila e bebi-a. Estava cheia de espuma por causa dos tombos na viagem até aqui e os meus dedos estavam gelados e eu devia era acabar já com isto. Estava prestes a fazê-lo quando algo me alertou. O barulho de passos a subir as escadas.

*Mas que raio...?*

O Tate não sabia que eu estava aqui e mesmo que, por um acaso, tivesse descoberto, ele trabalhava no turno da noite na Clínica Morgan-Dunn. Mais alguém reparara na escada de metal escondida. Provavelmente algum casal ébrio a esgueirar-se para uma rapidinha.

Inclinei-me para saltar antes que me vissem quando ouvi:

– Não faças isso!

Paralisei sem me virar. A voz soava familiar, mas não me permiti ter esperança, porque se fosse ela, eu estava mesmo a alucinar. Depois fez-se silêncio.

Eu queria saltar. Não tinha chegado tão longe para nada. Não me tinha acobardado. Mas estava curioso para saber o que ela ia fazer porque... Bem, porque ela acabara de entrar num espetáculo muito mau.

A pessoa atrás de mim falou novamente.

– A Crass não vende camisolas com capuz. Eles são anticapitalismo. Grande buraco cerebral, meu.

*Que raio?*

Virei a cabeça na sua direção.

Era ela.

Caramba, era a Charlotte Richards em carne e osso.

Com a franja castanha, grandes olhos verdes e um traje *anime*. Que era basicamente um traje pornográfico americano. *Kilts* e *t-shirts* dos AC/DC e meias até ao joelho saindo das Doc Martens.

Ela não era uma miúda popular, mas também não era uma eremita. Mas tinha um ar... Não sei. Fazia-me desejar conhecê-la.

Caminhando na minha direção sobre as telhas irregulares, enfiou as mãos nos bolsos do casaco.

– Fizeste o capuz sozinho? Que foleiro.

Fingi ignorá-la, atirei a lata de cerveja vazia para a mandíbula escura do pátio traseiro da escola e tirei outra da mochila, abrindo-a.

Irritava-me que me tivesse chamado à atenção das minhas manhas mesmo que sentisse uma paixoneta por ela. As pessoas da nossa idade eram demasiado idiotas para saber que as bandas *punk* anarquistas dos anos setenta

não vendem *merchandising*. Mas claro, eu tinha de me apaixonar pela única miúda que realmente tem um cérebro.

– Posso beber uma? – Ela sentou-se ao meu lado, segurando a chaminé com um braço para não cair.

Pestanejei. Nada nesta situação me parecia real: Ela estar aqui. A falar comigo. Estar ao meu lado. Ela devia saber que eu era um pária social. Ninguém falava comigo na escola... ou mesmo fora dela. E não estava a exagerar.

Perguntava-me o que saberia ela sobre mim. Não que isso importasse. Não era como se tivesse saído com ela ou fosse lidar com ela amanhã de manhã. Essa é a beleza de desistir da vida – não temos de entregar um aviso.

Hesitantemente, ofereci-lhe a Bud Light. Charlotte largou a chaminé e deu um pequeno gole.

– Meu Deus! – Tirou a língua de fora, franzindo o nariz. – Sabe a pés.

Engoli o resto da cerveja, com uma injusta sensação de superioridade.

– Sugiro que deixes de lamber pés.

– E de beber cerveja, pelos vistos.

– Habituo-nos. Ninguém gosta do sabor do álcool. Só da maneira como nos faz sentir.

– Embebedas-te com frequência? – perguntou ela, levantando a sobrancelha.

A única luz que nos iluminava vinha dos edifícios próximos. A estranha Charlotte Richards, senhoras e senhores. De perto. Tão bonita que eu sorria se ainda conseguisse sentir alguma coisa para além da minha apatia.

– O suficiente.

*Tradução: Muito mais do que deveria na minha idade.*

– Os teus pais sabem?

Olhei-a com um ar de «que raio». Normalmente não me sentia à-vontade com as pessoas, muito menos com as que têm mamas, mas as cervejas tinham-me relaxado. Além disso, na minha cabeça, eu e a Charlotte tínhamos conversado muito.

Franzi o sobrolho.

– Os teus pais sabem que está a beber esta noite?

– Os meus pais morreram.

Saiu-lhe, sem preparação. Monótono. Como se ela o tivesse dito tantas vezes que já não causava dano. Mas fiquei momentaneamente sem palavras.

«Lamento» parecia-me uma palavra muito pequena. Eu não conhecia ninguém da nossa idade sem pais. Um dos pais, acontece. A minha mãe já tinha morrido. Mas dois, isso só acontecia nos filmes. A tragédia da Charlotte Richards era superior à minha.

– Oh!

*A sério, Kellan?*

*De todas as palavras disponíveis? Oh?*

– Como? – acrescentei, para conseguir voltar a articular palavras.

Ela balançou a perna, olhando em redor.

– Houve um incêndio em nossa casa. Ardeu tudo.

– Quando?

*Quando? Porque perguntei isso? Parecia um inspetor dos seguros.*

– Pouco antes do Natal.

Pensando bem, eu reparara que ela não fora à escola antes e depois do Natal. Aposto que todos falavam nisso, mas dado que eu era menos popular do que um tampão usado na casa de banho das raparigas, não corria o risco de ouvir os mexericos. Para dizer a verdade, tinha-me tornado tão invisível que as pessoas esbarravam em mim por acidente.

– Lamento – suspirei, sentindo-me desconfortável e ressentido com ela. Eu não devia sentir-me mal esta noite. – Não sei mesmo que mais dizer.

– Lamento está bom. O que me chateia é quando as pessoas sabem disto e dizem que eu tive muita sorte em ter sobrevivido. Sim, que sortuda, órfã aos treze. Abram o champanhe.

Fiz um som de estalo de rolha, bebi diretamente da garrafa imaginária, depois agarrei-me ao pescoço a fingir que me engasgava.

Ela lançou-me um sorriso cansado.

– Podia ter ido para o norte e viver com o meu tio, mas St. Paul é uma oportunidade demasiado boa para deixar passar.

Ela agarrou a cerveja da minha mão e os nossos dedos tocaram-se. Bebeu mais um gole e devolveu-me a lata.

– Então, por que estás aqui?

– Porque é que *tu* estás aqui?

Ela piscou-me o olho.

– Primeiro as senhoras.

Charlotte Richards tinha piada. Bolas, ela também era fixe de perto.

– Precisava de pensar.

– *Hashtag* mentira – bufou ela, sem humor. – Vi-te a inclinares-te sobre a extremidade. Estás aqui pela mesma razão que eu.

– E qual é?

– Acabar com tudo – declarou de forma dramática, batendo com a parte de trás da mão na testa.

Com isso perdeu o equilíbrio e cambaleou para a frente. Estendi o braço para a impedir de cair. Ela agarrou-o, gritando, ao contrário de alguém que tenciona acabar com a vida. Neste momento estava quase a agarrar-lhe uma mama.

vou repetir: estava quase a agarrar-lhe uma mama.

Retirei a mão rapidamente, mas ela agarrou-me arranhando-me a pele e isso foi estranho. Havia uma hipótese de noventa por cento de ter um ataque. Porque é que não tinha saltado há minutos quando ainda tinha o meu orgulho intacto?

O seu coração batia contra a palma da minha mão. Ela abrandou a força com que me agarrava e eu tirei a mão, voltando a olhar para o Hudson. O meu



maxilar estava tão tenso que doía.

– Queres morrer uma ova – murmurei. Ela quase se acagaçara de medo há um segundo. – Tudo bem. A culpa não é tua. Estatisticamente, agora tens menos vontade de te matar.

Esta era a minha área de perícia. Eu tinha bons conhecimentos no que se relacionava com o suicídio. Tinha feito o meu trabalho de casa. O que era irónico, tendo em conta que eu nunca fazia os trabalhos de casa.

Por exemplo, eu sabia que as pessoas tinham mais probabilidades de se suicidarem entre os quarenta e cinco e os cinquenta e quatro anos. Sabia que o método de suicídio mais comum era com armas de fogo (cinquenta por cento) e os homens tinham mais probabilidades de o conseguir.

Mas, mais importante, eu sabia que a bonita e inteligente Charlotte não queria matar-se. Ela estava a ter um mau momento, não um ano inteiro.

Olhei para baixo para a minha morte e depois para cima. Tinha vindo aqui para morrer porque queria que todos na escola vissem. Para os marcar, como eles me tinham marcado, deixando dentro deles uma marca feia que não pudesse ser escondida com maquilhagem.

Ao contrário da própria Charlotte, ironicamente.

Ela não fora simpática comigo, mas sorria quando passávamos um pelo outro e uma vez apanhou uma caneta que eu deixei cair. A sua simpatia era cruel. Dava-me falsas esperanças, o que era perigoso.

Olhando para além das vigas, ela pôs as mãos por baixo das coxas.

– Estou a falar a sério sobre isso. Só que... não sei... quero morrer à minha maneira, acho eu. Não suporto viver sem os meus pais. E depois há a Leah, a minha irmã. Ela trabalha a tempo inteiro numa loja de conveniência para manter um teto sobre as nossas cabeças e teve de desistir da faculdade para me criar. E nem sequer se lembrou de que hoje é o meu aniversário.

– Parabéns – murmurei.

– Obrigada. – Ela inclinou-se para a frente como se estivesse a testar e depois voltou a inclinar-se para trás. – Quem me dera ter cancro. Ou outra grande batalha. Demência, enfarte, falência de órgãos. Se perder essas lutas sou corajosa, mas estou a batalhar contra a minha mente. E, se perder, vão chamar-me fraca.

– Uma coisa boa é que não importa o que os outros pensam quando estamos mortos.

– Quando percebeste que querias... – Ela passou o polegar pelo pescoço, fez um movimento para se fingir de morta.

– Depois de perceber que prefiro ter os meus olhos fechados do que abertos.

– O que significa isso?

– Quando durmo, sonho. Quando acordo começa o pesadelo.

– Qual é o pesadelo? – Como não lhe respondi de imediato, ela revirou os olhos e tirou algo do bolso. Atirou-o na minha direção. Apanhei-o. Era um cêntimo. – Um cêntimo pelos teus pensamentos.

- Cinquenta dólares seria mais lucrativo.
- A vida não é só dinheiro.
- O Tio Sam não pensa assim. Bem-vinda à América, querida.

Ela riu-se.

- Estou falida.

– É esse o rumor que corre – confirmei. Só queria que ela me odiasse como o resto da escola, para que parasse de me olhar como se me conseguisse consertar.

- Tanto faz. Não mudes de assunto. Porque é que queres saltar?

Decidi omitir a parte social da razão de estar aqui – os insultos, a solidão, as brigas – e concentrar-me no que me tinha levado ao extremo esta noite.

– Vejo o teu estado de órfã e aumento a aposta com uma situação familiar lixada com uma parte de legado insuperável. O meu pai é o romancista Terrence Marchetti. Tu sabes, *As Imperfeições*.

Não havia maneira de não saber.

Fora lançado no mês passado e já estava na terceira edição. Imaginem o *Delírio em Las Vegas* encontra o *Trainspotting* num beco muito escuro. O *New York Times* tinha nomeado *As Imperfeições* como o maior livro da década antes mesmo de ser lançado. Três adaptações diferentes em andamento – filme, série televisiva e teatro. Traduzido para cinquenta e duas línguas. Recorde de livro de bolso mais vendido em menos tempo na América. Dizia-se que ia vencer o National Book Award este ano.

Continuei, tentando manter o tom monótono.

– A minha mãe era a modelo Christie Bowman. Deves lembrar-te de que ela morreu de *overdose* como a cara desfeita num espelho partido de onde snifara cocaína na casa de família.

Não mencionei que a tinha encontrado morta. Não falei de todo o sangue. Simplesmente não o fiz. Agora era a vez de Charlotte olhar para mim como se tivesse caído do céu.

– Tenho um meio-irmão mais velho: Tate. De uma relação do meu pai nos anos oitenta. Ele afastou-me do meu pai com uma qualquer desculpa esfarrapada e o meu pai é demasiado fraco para lutar pela minha custódia.

– A sério? – Os olhos dela eram muito verdes e grandes e eu queria saltar para dentro deles e correr como se estivesse num campo.

Olhei para baixo, acenei com a cabeça e levantei o rabo, suspenso na palma das mãos.

– Pelo menos a tua irmã assumiu a responsabilidade por ti porque não tens pais. – Não eram as Olimpíadas das vítimas, mas no fundo até era, dado que se um de nós recebesse o direito de morrer esta noite, tinha de ser eu.

– Eu tenho um pai, mas o meu irmão está a manter-me afastado dele. Acho que foi porque o meu pai não estava lá para o Tate. Ele ficou todo lixado e agora está a castigá-lo através de mim.

- Parece ser um traste.

Voltei a sentar-me, sacudi a sujidade do telhado do meu capuz e anuí, percebendo que provavelmente parecia demasiado ansioso, mas ninguém, exceto talvez o meu pai, tinha nada de negativo para dizer do Tate e logo a Charlotte Richards chamara-lhe traste.

– O Tate é um demónio. Podia ter vivido com o meu pai, ter começado a estudar em casa, ter feito digressões de livros por todo o mundo. Quero ser um escritor como ele. Mas não, tenho de frequentar este pesadelo de escola e regressar para casa para nada porque o Tate trabalha oitenta horas por semana.

– Disseste «quero». – Ela mordeu o lábio inferior. – Não «queria». Presente do indicativo.

– E então?

– Aposto que o teu pai vai ficar muito triste quando souber que te mataste.

– Não tentes convencer-me a não o fazer – ripostei.

– Porquê?

– Porque vou fazê-lo.

Houve uma pausa e ela disse:

– Aposto que quando estiveres no ar vais arrepender-te.

Virei a cabeça na direção dela.

– O quê?

A Charlotte Richards, a minha paixão do oitavo ano, estava a dizer-me para não me matar. Eu nem sequer queria processar isto.

– Quando o teu corpo já não estiver no telhado, vais perceber o estúpido erro que cometeste. Já para não falar que acho que não pensámos bem nisto. Não é assim tão alto. Podes partir a coluna e passar o resto da vida numa cadeira de rodas a babares-te. Tens demasiado a perder.

– Estás pedrada?

Mas sentia-me surpreendentemente e horrivelmente tentado. Mas, acima de tudo, não queria que ela me visse a fazê-lo. Não sei. E se me borro todo? E se a minha cabeça explode? Não queria que ela se lembrasse de mim assim.

*De todo. Isso arruinaria as minhas hipóteses de andar com ela a partir da sepultura.*

– Tens uma família que te ama. Um pai rico e famoso e um sonho a cumprir. As nossas circunstâncias são diferentes. Tens tantas razões para viver.

– Mas o Tate...

– Ele não pode manter-te afastado do teu pai para sempre – disse ela, abanando a cabeça. – Chamo-me Charlotte, já agora. – Estendeu a mão para mim. Não a aceitei. A sua presença confundia-me. Então, ela disse algo que me apanhou ainda mais desprevenido. – Estamos na mesma turma, acho eu.

– Já reparaste em mim?

*E o Prémio do Idiota Mais Patético vai para... mim.*

– Sim. Vi-te a ler no teu Kindle durante o almoço como se fosses um animal. – Ela tirou um livro do bolso traseiro da saia. Não consegui ver o que

era no escuro, mas bateu-me com ele na coxa. – Acho que vais gostar deste livro. Fala de tristeza, loucura e insatisfação. Fala sobre nós.

# Capítulo Três



## Charlotte

**E**u também sabia o seu nome. Kellan Marchetti. Era o filho da nova lenda literária americana. Tinha pesquisado o Kellan no Google assim que chegara a St. Paul. O mais estranho era que ele não era nada popular, muito pelo contrário. Era radical e deliberadamente assim. Era estranho, porque baseada na sua aparência – alto, magro, bonito, atlético – e no seu apelido, ele devia ter uma boa dose de popularidade. Escolhera ser solitário. Vestia-se à gótico na escola. Todo de preto, alfinetes de dama por todo o lado, *eyeliner*, manchas de leopardo e unhas pintadas. Uma vez até apareceu em St. Paul com luvas feitas de redes de pesca. Andava com as costas curvadas, como Atlas, carregando o peso do mundo nos ombros. Apanhava beatas de cigarros ao almoço e fingia fumá-las, e a Sandy Hornbill apanhara-o uma vez a lamber uma rã na aula de biologia. Ok, esta última parte era um boato. A questão é que Kellan não era um anormal. Ele queria ser.

Não sabia o que me deixava tão angustiada por ele saltar. Eu também o ia fazer, certo? Mas, de alguma forma, para o Kellan parecia um desperdício. Ele tinha cabelo ruivo e olhos cor de tempestade. Quanto mais olhava para ele mais percebia que era lindo.

– Não saltes – repeti, enrolando os dedos dele em redor do meu livro. Estavam gelados. Há quanto tempo estaria ele aqui, a tentar matar-se.

– É um bocado hipócrita da tua parte dizeres isso, tendo em conta tudo isto.

– A minha situação é diferente.

– Pois é. Tu tens esperança.

– Não tenho pais nem dinheiro nem perspectivas. Não existe qualquer esperança.

– Somente uma irmã que aceitou sacrificar-se por ti – respondeu ele. Eu encolhi-me porque o seu comentário atingiu-me mais do que esperava. – E agora queres deixá-la sozinha. Muito simpático da tua parte, Lottie.

Retraí-me ao ouvir a minha alcunha e lancei-lhe um olhar exasperado. Apesar de ele dizer coisas duras, fazia-o de uma forma simpática. Como se realmente se preocupasse comigo.

– Estamos na mesma situação – disse eu. – Com os nossos irmãos. Se eu não saltar, tu também não devias saltar. Eles amam-nos.

Ao dizer isto, apercebi-me da verdade. A Leah amava-me. Mesmo que me odiasse neste momento, ela ainda se preocupava. Fora por isso que ela fizera o sacrifício. Fora por isso que desistira da escola. Sentia o peito quente com esta descoberta divina. Kellan abanou a cabeça.

– O meu irmão não.

– Faz-me a vontade. Não estou a dizer para não te matares. Estou a dizer para pensares nisto esta noite. Ainda nem sequer leste o *Pela Estrada Fora*. Que maneira de morrer.

Ele bebeu mais cerveja.

– Pois, não.

– Cadeira de rodas – lembrei-lhe.

– Esta porcaria tem seis andares.

– As pessoas saltam desta altura nos iates e cortam a água como uma faca. Podes simplesmente partir os ossos todos. Se isso acontecer, nunca te perdoarás.

– És implacável – disse ele, olhando-me fixamente.

– Eu sei – concordei, alegremente.

Ele sorriu. Sorriu mesmo a sério. Não era um grande sorriso, nem sequer um sorriso feliz, mas já era um começo.

– Ótimo. Vamos lá ver qual a razão de tanto alarido. – Ele pegou no livro e olhou para a capa.

Eu queria rir-me, mas não o fiz. Parecia demasiado fácil, mas talvez tudo isto naquele momento fizesse sentido. Saber que outra pessoa está a passar por momentos maus é reconfortante. Até o diabo precisa de um amigo.

– Como é que sei que vais cumprir a tua parte do acordo? Podes fazê-lo assim que sairmos daqui.

– Pois posso – concordou Kellan. – Mas não o farei. Dei-te a minha palavra. Estou deprimido, mas não sou mentiroso.

– E depois?

– A ideia de voltar atrás na decisão foi tua – disse ele, encolhendo os ombros. E, por breves instantes, achei que ele estava realmente feliz.

Estalei os dedos.

– Vamos fazer um pacto. Li sobre isso num livro.

– *Um Grande Salto*. – Kellan acenou, revirando os seus olhos invernais com um sorriso. Nick Hornby foi o homem que voltou a pôr a literatura contemporânea em grande plano na Grã-Bretanha e consagrou a frieza do

futebol para a classe média. Não devia ter ficado surpreendida por ele saber isso. Ele vinha de uma casa onde as pessoas realmente liam. Os livros. A música *punk/rock*. Era como se eu e o Kellan partilhássemos uma linguagem secreta. Fechados na mesma órbita, totalmente em sincronia quando todos à nossa volta estavam fora de tom. As sobranceiras de Kellan levantaram-se de surpresa, talvez percebendo o que significaria um pacto.

– Queres manter-te em contacto?

– Quero. – Tinha a cara a arder. Sabia o que iam dizer de mim por fazer amizade com Kellan Marchetti, mas, por alguma razão, isso não me importava.

Mas o Kellan importava-se porque o seu rosto alterou-se passando de esperançoso a angustiado.

– Desculpa, mas eu não quero amizades. – Ele roçou o seu ombro no meu e disse com uma voz quase gentil:

– É o melhor para os dois. Não leves a mal.

– Não me interessa o que as pessoas dizem.

– Isso é porque ainda não as ouviste. Vamos garantir que continua assim. Não estou a recusar a amizade. – Ele abanou a cabeça. – Estou só a dizer que... Bem, a nossa seria retificada. *Fri-end-ship*.

– Todos os Dias dos Namorados. – Sorri. – Encontramo-nos no dia do meu aniversário.

– Neste telhado. – Ele olhou para o céu, para a vastidão do universo.

Ombro com ombro, caçávamos estrelas à procura de uma supernova que caísse e brilhasse. Sentia-me mais viva do que nunca desde que a mãe e o pai tinham morrido, agora que decidira não me juntar a eles.

– No mesmo dia, no mesmo telhado, à mesma hora. – Verifiquei o meu relógio no telefone. Era quase meia-noite. Eu chegara aqui às onze.

*Estivemos aqui sentados durante toda uma hora?*

– E se um de nós decidir fazê-lo... – Ele parou a meio da frase.

– Avisamos o outro – terminei a frase.

– Sei como funciona. – Kellan acenou a cabeça em concordância.

– E não te esqueças de me devolver o livro. É da biblioteca. Não quero pagar multas.

– *Rock n' roll*, Charlotte Richards – cumprimentou ele. – Antes de irmos embora quero que me prometas uma coisa. Tipo, prometer mesmo. – Fiquei a olhar para ele à espera que continuasse. Já sabia que devia ouvir tudo até ao fim. – Primeiro, não fales comigo em público. Tipo, nunca. Confia em mim, é para teu próprio bem. Segundo, este pacto dura do primeiro ao último ano. Quando fizermos dezoito anos já não precisamos de tomar conta um do outro. – Ele baixou um microfone invisível, mostrando que tinha terminado.

Eu sabia que ele estava a fazer isto por mim, pela minha reputação, pelas minhas hipóteses de sobreviver nesta escola. Tive vontade de chorar. Eu queria lutar para ser sua amiga, amiga de verdade, mas também não queria pressioná-lo demais.

– De acordo.

Kellan levantou-se. Deu-me a mão e apertou-ma, eu de cima das telhas onde estava sentada e ele de pé. Puxou-me para cima e senti-me tonta e desorientada. Arrastou-me para o telhado, para longe da extremidade e enfiou o *Pela Estrada Fora* na mochila, colocando-a aos ombros.

– Estás a sangrar. – Aproximou o queixo do meu pulso. Olhei para baixo, sem surpresa. – Devias levar uma vacina contra o tétano.

– Tenho medo de agulhas. – E apercebi-me da ironia das minhas palavras.

Ele também, porque a noite encheu-se com um riso rouco.

– O teu funeral.

– Coisas engraçadas.

– Até à próxima, Charlotte Richards. – Fez uma pequena vénia e afastou-se, deixando-me de pé com o sangue a escorrer-me pela coxa.

*Terei acabado de salvar a vida deste tipo?*

Ou foi ele que salvou a minha?



# Capítulo Quatro



**Charlotte, 15**

Cheguei ao telhado esfomeada. A Leah andava a evitar-me há dias. Ia diretamente do trabalho para as aulas noturnas de estética e dormia nos comboios entre percursos. Queria ter comprado alguma coisa na mercearia a caminho, mas gastara todo o meu dinheiro desta semana em livros. Era melhor alimentar a minha alma do que o meu corpo.

Passavam cinco minutos das onze horas e perguntava-me o que me fazia pensar que ele viria. Fiel ao nosso pacto, não nos tínhamos falado durante todo o ano. Eu tinha-o visto todos os dias em St. Paul, exceto nas férias de verão. Ele tinha colocado um *piercing* no lábio. Tinha pintado o cabelo de louro platinado e era praticamente a estrela das lutas nos corredores. Kellan agora usava saias e *collants* femininos rasgados. Tinha ouvido da Cressida e da Kylie que ele escrevia fanzines *online* e tomava *ecstasy* e *oxy*. Eu fingia não me importar.

Importava-me.

Mas eu tinha os meus próprios problemas sociais com que me preocupar. Nomeadamente, como passara de Charlotte Richards para *Muitas Pilas* (*Lottie Dicks*) de um dia para o outro depois de ter mencionado na aula de Educação Sexual que é injusto esperar que as mulheres tenham menos parceiros sexuais do que os homens. Todos se riram. Todos, exceto o Kellan. Os seus olhos injetados de sangue estavam focados no telemóvel enquanto ele se sentava na fila de trás a fingir que não estava lá. Estava a ficar assustadoramente bom em não estar nos locais em que estava fisicamente.

Os meus pensamentos suicidas tinham-se tornado menos frequentes. Ou talvez mais controláveis. Havia momentos em que a vida me dominava e era difícil de respirar. Quando a culpa se tornava demasiado grande. Quando os

meus colegas de turma, a minha irmã, a vida se tornava demasiado pesada. Por vezes, deitava-me na cama a ouvir o bater do meu coração contra o colchão e desejava que ele parasse. Parecia tão fácil. Podia dar ordens aos meus membros para se mexerem, aos meus olhos para pestanejarem. Até podia sustentar a respiração. Ainda assim, o meu coração continuava firme. A pequena e desafiadora criatura. Era uma lição à qual já me começara a habituar: não tinha controlo sobre o meu coração. Ele fazia o que queria sem se importar com o resto do corpo. Penso que é esse o fascínio deste órgão. Pode ser a nossa ruína, a nossa salvação, o nosso amigo, o nosso inimigo.

À noite, olhava para a parede e pensava na minha mãe e no meu pai e no que fariam ou diriam para melhorar as coisas. Pensava na Leah e nos seus cêntimos. Pensava nos dias melosos de verão, a molharmo-nos uns aos outros nas fontes. A fazer piruetas no pátio das traseiras e a comer gelados juntos. Parte de mim estava feliz por ter ficado cá para me poder odiar todos os dias pelo que acontecera aos meus pais e à Leah.

Passavam agora dez minutos. O Kellan ainda não chegara. Sentei-me, baloiçando a perna direita para trás e para a frente. Tinha tanta fome que até estava zozna.

Os únicos sinais que recebera durante o ano para indicar que a noite do telhado não era uma alucinação foram as nossas trocas secretas. Três semanas depois do Dia dos Namorados, eu encontrara o *Pela Estrada Fora* na minha secretária. Abri-o e descobri um bilhete lá dentro, alguns dólares para pagar a multa da biblioteca e uma USB.

**Sinto que as nossas almas são feitas do mesmo material. A lesma preta. Fazes-me sentir esperançoso, mas isso era a última coisa que devia estar. Diz-me o que pensas.**

Quando cheguei a casa, abri a USB no meu computador portátil. Tinha-me deixado um documento de *word* de dez páginas. Um conto sobre um rapaz que se apaixona pela sua aranha de estimação. Chorei quando a mãe do rapaz matou a aranha. Perguntei-me o que significaria. Alguns dias mais tarde, deixei outro livro na secretária do Kellan. *Dom Quixote*. Enfiada na primeira página estava a sua USB e um bilhete.

**Quanto mais penso nisso, mais percebo que não quero morrer antes de me apaixonar. Antes de perder a minha virgindade. Antes de fazer as pazes com a Leah. Por falar nisso, chorei quando a aranha morreu. Mais, por favor. – C.**

Passávamos um ao outro pequenos apontamentos, livros e contos. Kellan disse que já tinha feito sexo, já se tinha apaixonado e já interiorizara o facto

de não fazer as pazes com o irmão. Por isso, para ele, nada mais tinha a riscar da lista de desejos.

Kellan era um amigo sem verdadeiramente o ser. Uma caverna escura e clandestina para onde me esgueirava quando me dava ao trabalho de tirar o nariz dos livros. Acho que ninguém na minha escola sabia o que as notas significavam para mim. Porque chorava quando recebia um Muito Bom Menos. Porque perseguia os professores nos corredores e chegava sempre quinze minutos mais cedo. Eu era o génio só porque não me podia dar ao luxo de ser outra coisa.

Estava prestes a descer quando ouvi passos. *Vou matar-te por teres chegado atrasado.* A ideia fez-me rir.

Ele apareceu na extremidade do telhado. Usava um *kilt* por cima de calças pretas justas, um casaco velho com capuz e um blusão de ganga com citações de bandas *punk*. Sem dizer nada, Kellan tirou a mochila, abriu o fecho e atirou-me algo para as mãos.

– Feliz aniversário, Dicks.

– Desembrulhei a coisa redonda e mole. Era um queque de mirtilo num saco de papel. Fiquei com água na boca, o meu estômago roncou e resisti à grande vontade de o abraçar. Talvez porque estava a delirar com fome. Talvez porque a Leah se «esqueceu». Outra vez.

– Obrigada. – Fingi que estava tudo bem, sentei-me e aconcheguei-me. Kellan sentou-se à minha frente. Vê-lo aqui fora de contexto lembrou-me de que ele era um rapaz. E giro. Mesmo assim, parecíamos um tanto patéticos. Quando fizéramos aquele pacto, ambos partimos do princípio de que não teríamos nada para fazer no Dia dos Namorados durante o resto do liceu. Nada de encontros. Nada de celebrações. Ninguém nas nossas vidas. E tínhamos razão. *Patéticos*.

Ele observou-me a comer, abrindo uma lata de Bud Light e bebendo-a.

– Como vai a lesma preta? – *Tradução: Ainda queres saltar?*

Abanei a cabeça com a boca cheia. Kellan observava-me, divertido, tirando outro queque da mochila. Atirou-mo como se eu fosse um animal selvagem que ele precisava de alimentar através das grades. Eu estava demasiado esfomeada para me importar. Sentia-me sub-humana enquanto atacava o segundo queque.

– Não te sentes tentada? Nem um bocadinho? – Ele estava a tentar ser maldoso, mas eu conseguia perceber o desapontamento na sua voz.

– Estou muito longe de ser feliz, e há momentos em que me apetece fazê-lo, mas acho que estou bem.

– E a tua irmã?

– Ainda me odeia. A mãe costumava dizer-nos: «Não te diminuas para ajudar os outros a crescer.» Quando estou com a Leah, sinto-me com metade da minha altura, mas ela também não parece mais alta. Odeio estar em casa, por isso, acabo muitas vezes por ir para a biblioteca.

– O que andas a ler ultimamente?

– *The Astonishing Colour of After. The Bell Jar.*

– Livros sobre suicídio.

– Sim. Sabes aquele plástico que vem num álbum novo? É como se o suicídio tivesse o mesmo brilho, mas quando o tiras e ouves a música sabes que não está à altura daquilo que era anunciado.

– O problema dos livros sobre o suicídio é que são escritos por pessoas que estão vivas.

Apontei o meu queixo para ele, atirando-lhe a moeda que já preparara antes de ele chegar.

– Um cêntimo pelos teus pensamentos.

– Eu ainda penso no suicídio.

– E o teu irmão?

– Não creio que ele se queira matar, embora espere sinceramente que ele reconsidere.

– Kellan – disse eu, revirando os olhos.

– O último ano tem sido uma porcaria. O meu pai esteve na reabilitação. Acho que sente a minha falta. Ele sente-se tão só, Dicks. Só o visitámos duas vezes no mês que ele lá esteve. Depois o Tate arranjou uma namorada que praticamente vive connosco. Faz comida de coelho à base de plantas todos os dias, compra-me pijamas de croché da Whole Foods, substituiu o meu blusão de pele *vintage* por pele *vegan*. Até tentou limitar o tempo com o meu pai depois de ele ter alta.

– Isso é uma treta. – Torci o nariz. – Puseste-a no seu lugar?

Ele passou os dedos pelo seu novo cabelo platinado.

– Estou a fazê-los passar um inferno. Já quase não falo com o Tate. Ele está constantemente a discutir com o pai. Ouvi-o dizer à Hannah, a namorada, que está a pensar mudar-se para longe porque recebeu uma proposta de emprego em Seattle. Por mais que eu odeie esta escola, não teria razão para viver se saísse de Nova Iorque. O pai é tudo o que eu tenho.

– Ele fará tudo para te manter longe do teu pai – disse eu. Já odiava o irmão dele sem nunca o ter conhecido. – Mas que chato.

Ficámos no telhado mais uma hora a pôr a conversa em dia. Falei-lhe do meu projeto de física, dos livros que tinha ido buscar, dos mexericos sobre os meus amigos. Ele contou-me que tinha começado a escrever algumas fanzines e eu fingi que isso era novidade para mim. Também começou a trabalhar num romance a sério, mas não entrou em pormenores quando lhe pedi mais detalhes.

Desta vez, descemos as escadas juntos.

Quando se virou para partir, resmungou:

– Sim, sim, já sei. Mesmo dia, mesma hora, mesmo telhado.

– Tenta não morrer este ano. – Dei-lhe um murro no braço. Cromo com um C maiúsculo.

– Não prometo nada. – Fiz uma cara triste. Ele revirou os olhos. – Eu aviso-te se decidir fazê-lo.

Fiz-lhe um sinal com o polegar enquanto continuava a andar para trás, para a estação de comboios. Afastei uma nuvem de balões vermelhos em forma de coração atados a dois carrinhos de vendedores de rua. Parecia que tinha saído de um sonho, voltado à realidade com a qual não queria lidar e que não queria lidar comigo.

A única coisa que me impedia de desabar era o sorriso de Kellan. Relutante, mas persistente.

– Está combinado.

# Capítulo Cinco



**Kellan**

A Charlotte Richards ficou colada a mim. Sem qualquer dúvida. Talvez porque fosse bonita. Talvez porque se preocupava. Talvez por não ser apenas outra cara laroca. Significava também bons livros e bilhetes divertidos e palavras encorajadoras, elogiando os contos que mais ninguém sabia que eu escrevia. Tudo o que sabia era que, tinha começado a ver esta ligação como a pior coisa que tinha feito a mim próprio. A única coisa que me mantinha este ano era saber que iria estar com a Charlotte.

E quando o fiz nem sequer lhe contei todas as coisas importantes que aconteceram. Como aquela vez em que o Mark MacGowan me enfiou a cabeça na sanita depois de eu quase lhe ter partido o nariz numa luta, e como todos os outros do balneário ficaram a ver e a aplaudir. Como ter começado a ter sonhos molhados com ela. Como já não sentia mais nada para além de confusão. Não, eu deliciava-me com ela porque ela era rara e doce, a luz do sol. Depois voltava à minha existência.

Demasiado zangado para ouvir.

Demasiado cansado para me preocupar.

# Capítulo Seis



**Charlotte, 16**

Cheguei dez minutos mais cedo.

O Kellan e eu tínhamos mantido viva a tradição dos livros e dos contos ao longo do ano, mas ultimamente ele parecia desinteressado. Mais ainda do que o habitual. Os círculos que rodeavam os seus olhos tinham-se tornado mais escuros e, sentia-se à sua volta uma energia negra, ameaçando eletrocutar-nos se nos aproximássemos demasiado. Mesmo assim, dei por mim a tentar chegar até ele, inconscientemente ou não.

Estive quase a falar-lhe.

Quase a tocar-lhe.

Quase a abraçá-lo.

Acabava sempre por não avançar, covarde como era. O Kellan tinha deixado claro que eu não devia – não podia – chegar perto dele. Eu não queria quebrar as regras. Tinha medo de o perder. Não apenas como amigo, mas perdê-lo mesmo.

Ocorreu-me em várias ocasiões que, provavelmente, devia contar esta situação a alguém mais qualificado do que eu. Cheguei mesmo ao ponto de esperar junto à porta do gabinete do psicólogo da escola. Mas depois lembrava-me de todas as vezes que me obrigavam a falar sobre Aquela Noite com adultos e de como essa conversa piorava tudo.

Uma coisa tinha mudado este ano: o facto de eu ter começado a sair com alguns rapazes da escola. Comíamos uma fatia de piza ou caminhávamos pela High Line ou lavávamos as mãos no Sabon no SoHo. Até tinha deixado um deles beijar-me.

Mark MacGowan.

Revelação: o beijo foi uma porcaria. Outra revelação: isso não nos

impediu de tentar novamente (e outra vez e mais outra vez). Já andávamos a curtir há alguns meses, mas ambos ficávamos felizes por manter a relação secreta. Provavelmente o Mark tinha vergonha porque eu não era uma herdeira rica como todos por aqui e eu tinha vergonha porque, francamente, já conhecia latas de 7Up Diet mais inteligentes do que ele.

*Tap, tap, tap.*

Liguei o ecrã de bloqueio quando ouvi o Kellan a subir a escada e enfieio no bolso, virando-me para a porta de metal enferrujada.

Ele apareceu no telhado. A sua imponência atingiu-me com a força do betão. De perto parecia um fantasma. Mas o que mais me impressionou foi o facto de ele ser deslumbrante, ainda mais do que antes. Era como se o seu rosto fosse uma imagem desfocada e agora tivesse finalmente atingido a plenitude.

Dizia-se, sussurrava-se, que ele andava a sair com as raparigas da escola em segredo. Que, apesar de ser um eremita, dormia frequentemente com elas. Não queria pensar nesses rumores. Davam-me náuseas.

Percebi que estava a sustentar a respiração e sorri quando vi que também ele tinha chegado mais cedo.

– Parabéns, Dicks. – Abriu o fecho da mochila esfarrapada e atirou-me algo para as mãos.

Desembrulhei e surgiu um bocado grande de bolo esponjoso de cenoura.

– Bolas! – Esmaguei-o nos meus dedos, rindo. – Estás a pôr a fasquia muito alta para o próximo ano, Marchetti.

Ele avançou na minha direção e tirou duas Bud Light. Perguntei-me se tinha ouvido dizer que eu começara a beber ou se tinha percebido isso porque todos bebiam atualmente.

Fizemos um brinde com as latas e sentámo-nos cruzados. A minha perna direita balançava. Ele passou a mão pelo cabelo.

– Como vai a lesma preta?

– Acho que já não está em mim – admiti, quase com tristeza, porque a lesma preta era o que nos unia.

A Leah odiava-me. Não tinha dúvidas quanto a isso. Eu tinha arruinado as nossas vidas. Mas eu sabia que os meus pais ficariam devastados se eu me matasse. E a Leah também. Apesar do seu ressentimento, ela não me queria ver morta. Só queria que eu desaparecesse. Respeitaria o seu desejo. Tinha planeado fazer uma inscrição antecipada, qualquer bolsa de estudos completa que me fosse oferecida, e deixá-la em paz assim que me formasse.

– E tu? – perguntei, brincando com o plástico que embrulhava o bolo. Por alguma razão, sentia-me envergonhada por comer à frente dele. Não sabia o que tinha mudado, mas empanturrar-me não estava definitivamente nos meus planos para hoje.

– A minha lesma preta está bem viva.

Tirei uma moeda da carteira e atirei-lha.

– Um cêntimo pelos teus pensamentos.



Ele apanhou-a no ar, esfregando-a entre o polegar e o dedo médio.

– Parece tudo tão inútil.

– Não tentaste... – A minha voz esmoreceu.

– Ainda aqui estou, não estou? Quando me tentar matar, eu vou conseguir. Sou um perfeccionista, Dicks.

*Quando.*

Aclarei a garganta, esmagando o bolo de cenoura com o meu punho.

– Mas... porquê?

– Desistir da pornografia e da cerveja é mais difícil do que pensava.

– Já tentaste falar com alguém? – perguntei, batendo-lhe no peito.

– Sim. Falar com o psicólogo só piora as coisas. Ou estou preso a alguém com quem não me identifico, por isso apenas finjo e passo uma hora a inventar merdas ou então, se me identifico com eles, começo a revelar coisas em que não quero pensar.

– Sabes que é apenas temporário, certo? O Tate não vai ter a tua custódia para sempre.

– Não é só o Tate. Eu odeio toda a gente na escola.

– Toda a gente odeia toda a gente na escola. Não atingir o auge na escola é um feito. Que triste existência vão ter os nossos colegas populares. Só nos faltam dois anos e meio.

Ele permaneceu em silêncio por um instante, espreitando para o chão.

– O Tate e a Hannah vão-se casar. Vão ficar em Nova Iorque, mas o Tate disse-me que me vai mandar para uma universidade fora do estado. Também não estou a falar de Nova Inglaterra. Berkeley ou UCLA ou algo do género. Algures bem longe. Ele não me quer perto do pai. Disse-me isso mesmo. – Eu gemi, cobrindo o rosto com as mãos. Kellan acrescentou: – Também deixou de me dar mesada ou mesmo dinheiro para o almoço.

– Que monstro. – Surpreendentemente, estava mesmo a falar a sério. E eu normalmente não era má.

Kellan coçou o queixo, que agora estava coberto por uma camada de pelos castanho-claros. De repente apetecia-me mesmo beijá-lo.

Não fazia sentido. Eu não estava apaixonada por ele. E, no entanto, ele parecia mesmo beijável neste momento. Mais do que o Mark, que eu realmente beijava com frequência.

Pensando bem, às vezes pensava no que o Kellan estaria a fazer quando estava com o Mark. Não sexualmente, mas o que estaria ele a ler, onde ia, o que estava a pensar...

A estúpida moeda que estava sempre a atirar a Kellan pareceu finalmente cair.

*Charlotte, sua idiota.*

Senti algo na garganta.

Eu queria o Kellan.

Queria mesmo muito o Kellan.

– Enfim... – Kellan acendeu um cigarro, inclinando o queixo para cima

e soprando uma nuvem de fumo branco para o universo escuro. – Conta-me algo sobre ti. Algo real. Algo íntimo.

Falei-lhe da Leah e das visitas às campas dos meus pais e contei-lhe que trabalhei no verão como empregada de mesa num restaurante italiano especializado em eventos. Tínhamos de acabar com as brigas de bêbedos pelos menos duas vezes por semana, mas as gorjetas eram fantásticas.

A minha mente estava constantemente fixada em beijá-lo, por isso acabei por dizer:

- E este ano comecei a ficar mais atrevida. Tão desapontante.
- Atrevida? – Ele sorriu. Gostava deste novo tópico, o que me irritava.
- É isso o que vocês, jovens, lhe chamam agora?
- Sabes o que quero dizer. – Bati-lhe no peito. – Curtir é uma merda.

Quero o meu dinheiro de volta.

Ele atirou-me a moeda.

– Toma. Mas não te menosprezes. Uma rapariga como tu vale pelo menos... – Ele olhou para mim de forma significativa, passando os olhos pelas minhas pernas e mamas e depois pela cara. – Cinco dólares na boa.

Voltei a empurrar-lhe o peito. Ele riu-se, fazendo-me cócegas. Eu contorci-me e tentei empurrá-lo encostando-me ao telhado. Num instante ele estava em cima de mim. Parecia premeditado sem o ser.

Respirávamos pesadamente enquanto os seus dedos me apalpavam as costelas e as mamas e eu ri-me. Fingi dar-lhe um pontapé sem fazer qualquer esforço.

Kellan parou abruptamente. Olhámos um para o outro, ofegantes, todo o seu peso em cima de mim e os nossos lábios a poucos centímetros um do outro. Algo na atmosfera mudou. Tudo se tornou mais pesado, mais espesso, mais doce.

O vento soprava no rosto, mas eu já não o sentia.

Perguntava-me com que raparigas ele tinha estado. Os seus nomes. Se ele gostava de alguma delas. Horrorizava-me que ele tivesse uma vida secreta de que eu não tinha conhecimento.

Kellan inclinou-se para mim. Saía-lhe condensação da boca quando falou.

– Então, fala-me do teu péssimo primeiro beijo, Dicks.

Lambi os lábios com a garganta a tremer. Ocorreu-me que ia beijá-lo.

*Ele vai beijar-me.*

*Nós vamos beijarmo-nos.*

Isto pode mudar tudo. Eu queria. Não necessariamente como namorados. Só queria ser uma constante na sua vida. Ter o controlo no pulso. No pulso dele.

– Foi muito molhado. – Cocei o meu nariz.

Ele gemeu de olhos postos nos meus lábios.

– O beijo, seu pervertido. – E revirei os olhos.

Os meus lábios estavam atraídos para os dele.

Lentamente. Hesitantemente. Loucamente.

Os seus olhos cinzentos mantinham-me prisioneira.

– Continua – crocitou ele.

– É um pouco confuso, mas não no bom sentido.

A minha respiração era curta e pesada. Os nossos lábios estavam a centímetros um do outro. O meu estômago revirava-se como se estivesse numa montanha-russa. O meu corpo revoltava-se, os meus sentidos intensificavam-se. Tudo era quente, pegajoso e correto.

– Com quem foi?

Os seus lábios pairavam sobre os meus. O seu hálito quente fez formigar o meu rosto frio.

Ele cheirava a cerveja, couro, cigarros e problemas. Como um rapaz mau. Qual seria o seu sabor? Estava prestes a descobrir.

– Mark MacGowan – gritei, inclinando-me um último centímetro para o beijar.

E assim, subitamente, senti a frieza e o terrível vazio do seu corpo a deixar o meu. Olhei para cima, ajoelhando-me. Kellan já estava de pé, olhando para mim com um sorriso de desdém.

– Kellan? – pisquei os olhos.

– Isto não está a funcionar para mim, Dicks.

– *Okay. – Oh, meu Deus. O que está a acontecer?* – Está tudo bem. Eu só...

– Não. Não te preocupes com isso. Ouve, eu tenho de ir, por isso...

Nunca na minha vida me senti tão humilhada. Achei que ia vomitar assim que ele descesse do edifício. Acenei e murmurei qualquer coisa sobre querer ir embora também. Claramente, o Kellan tinha algum problema com o Mark que eu nunca tinha notado. Nunca os vira conversar.

Kellan afastou-se, deixando-me no telhado sem sequer olhar para trás. Apanhei o comboio de regresso ao Bronx, comendo o bolo de cenoura esmagado sem o saborear. As migalhas decoravam-me as coxas como flocos de neve tristes.

Quando cheguei a casa, o relógio batia a meia-noite. Já não era o meu aniversário.

Leah ressonava suavemente no sofá, com um livro sobre amor-próprio aberto a tapar-lhe a cara.

Bati com a porta do quarto, sem me preocupar se a acordava ou não.

– Feliz aniversário para mim.

# Capítulo Sete



**Kellan**

*Foda-se. Foda-se. Foda-se.*

Qualquer um menos ele. Qualquer um. Até mesmo o Toby Watts.

Mas claro que tinha de ser o Mark MacGowan. O sacana que me tinha apanhado a olhar para a Charlotte na aula de Francês no início do semestre e que, desde então, tinha por missão meter-se nas calças dela.

– Uma brasa, não é? – Ele acompanhara-me até ao metro. Fingi limpar a sujidade das unhas. – A Lottie Dicks. Aposto cinquenta dólares que consigo beijá-la antes do fim do ano.

Eu não disse nada.

Não havia nada para dizer.

O Mark estava na equipa de remo. Grande, corpulento, muito popular. Parecia que tinha saído diretamente daqueles programas unidimensionais de adolescentes onde todos falavam como se tivessem trinta anos.

O pai do Mark trabalhava como apresentador de um programa matinal e partilhava com o meu uma discussão que durava há décadas. Há dez anos, convidara o meu pai para o seu programa para promover um livro novo. Foi um fracasso, como todos os outros antes do *As Imperfeições*, mas esse não era o problema. De facto, o meu pai conseguiu dizer uma frase para promover o livro antes de passarem para a política e as coisas escalaram a partir daí.

Em suma, James MacGowan era a pessoa mais tradicional e rígida na Terra e o meu pai estava a pouca distância de ser considerado um completo anarquista. Trocaram-se palavras desagradáveis seguidas por um cabeçalho sobre a forma como os fotógrafos de mexericos tinham apanhado Terrence Marchetti a entrar à socapa num hotel com a mulher de James MacGowan – a mãe de Mark.

O meu palpite era que o Mark queria ir para a cama com a Charlotte pela mesma razão que o meu pai tinha tido um caso com a senhora MacGowan. Vingança.

Mas eu sabia onde escolher as minhas batalhas. A Charlotte não era uma das raparigas que se esgueiravam para o meu quarto fora de horas e ficavam maravilhadas quando eu as fazia vir. Ela era inteligente, culta e atraente de uma forma discreta. Nem o Mark nem eu podíamos ter uma miúda assim.

Ainda assim, o facto de o Mark me arruinar a esperança de a ter salvava-me da estúpida ideia que ela me ia dando em pequenas doses de cada vez que me deixava um livro ou um bilhete. Em suma, era um plano infalível. Agora via todos os seus pontos fracos. Como fora idiota em acreditar que ia resultar.

No instante em que desci do telhado, fiz questão de me lembrar de que, de facto, eu não me importava. A Charlotte nunca fizera parte dos meus planos. Não havia planos. Tinha havido – o de me suicidar – mas esse falhara graças à Dicks.

Apesar de ter de esperar mais meia hora por um comboio para ir para casa, caminhei na direção oposta ao metro. Não podia correr o risco de esbarrar nela. Não depois de me acobardar com o nosso beijo.

Não me arrependi de não a ter beijado. Sentia um ressentimento irracional por ela andar a curtir com o MacGowan. Qualquer rapariga disposta a beijar o idiota era uma perda de tempo.

*Sim. Pois. Continua a enganar-te a ti próprio.*

Manhattan era feia, suja, rica e um completo mistério para mim, tal como a Charlotte. Percebi porque tivera sorte em crescer aqui. Esta cidade era tão complexa como uma pessoa – cheia de contradições.

Encostei-me a um monumento de pedra cinzenta.

Um beijo falhado com a Charlotte Richards nem sequer estava no Top 20 das piores coisas que me tinham acontecido este ano. Citando algumas:

– O pai sofreu um bloqueio de escritor e atrasou-se no prazo de entrega. Outra vez.

– A editora anda a ameaçar processá-lo. Outra vez.

– Fui despedido da fanzine onde trabalhava porque dei um murro na cara de um estagiário por ter dito que o meu pai tinha plagiado *As Imperfeições*. Ok, talvez também fosse por ter ido para a cama com a namorada do chefe da redação.

– O Tate já não me permitia fazer visitas sozinho ao pai. Agora faz de polícia mau e supervisiona-nos quando nos encontramos.

– O Mark e eu passámos de meras lutas e brigas a tentativas de nos matarmos um ao outro. No mês passado, ele tentou empurrar-me para os carris enquanto eu esperava pelo comboio. Não estava lá ninguém. Lutámos e eu parti-lhe uma costela.

Não regresssei a casa, ciente de que o Tate ficaria desvairado por não saber onde eu estava. A Hannah estava provavelmente a dizer-lhe para me mandar para a escola militar nesse momento. Ela já andava a tentar livrar-se

de mim.

Não a podia censurar.

Não depois de eu a ter pedido em casamento na casa de banho para a assustar e para que se fosse embora. Depois disso ela chorou durante horas com o Tate.

Ouvi-a a soluçar do outro lado do corredor, a fungar e a repetir:

– Estou a esforçar-me tanto. Sou tão boa para ele, Tate. – Porque aparentemente tudo girava à volta dela.

Verifiquei o meu telemóvel e, de facto, tinha quinze chamadas perdidas do Tate e vinte mensagens de texto. Não sei porque esperava ver lá o nome da Charlotte. Nunca trocámos números.

Dormi na rua.

Quando acordei eram quatro da manhã e estava coberto com o meu próprio vómito. O meu meio-irmão puxou-me a manga, levantando-me e arrastando-me até ao seu Lexus RX350 branco e nojento.

– Vou matar-te – murmurou ele. Parecia cansado e zangado.

*Não se eu me matar primeiro.*

# Capítulo Oito



## Charlotte

A separação do Mark foi um espetáculo triste a que todos assistiram.

Apesar de não estarmos oficialmente juntos, o Mark insistiu em fazer uma cena pública no meio da cafeteria em St. Paul. Kellan lia um livro (*A Mancha Humana*) na outra extremidade da cafeteria, olhando para nós de vez em quando.

O Mark chamou-me cabra traidora e cuspiu-me na cara para obter um efeito dramático. A saliva, quente e nojenta, escorria-me pela cara. Respirei fundo, sabendo que não me podia dar ao luxo de me meter em sarilhos.

– Desculpa, Mark, não me apercebi de que era mais do que um caso para ti. – Fingi examinar as minhas unhas com o coração a bater tão depressa que me deu vontade de vomitar.

Mais do que beijar o Kellan, eu queria agradar-lhe, e era óbvio que ele odiava o Mark com todas as forças. Foi isso que me deu energia para aguentar a escola inteira a rir-se de mim.

– Sabes bem que não era só um caso.

– Para mim foi. Além disso, és um grande idiota, mas nem sequer és um idiota impressionante.

Foi um rude golpe na minha reputação já manchada, mas humilhou o Mark ao ponto de ele gritar e esmurrar a parede. Depois, berrou ainda mais alto, tapando o punho com a outra mão. Acho que partiu pelo menos três dedos nesse processo.

Depois do rompimento público na cafeteria, eu era oficialmente marginalizada.

Mas valeu a pena porque o Kellan e eu voltámos a trocar livros e contos, embora ele nunca me tenha agradecido nem mencionado o nosso quase beijo no telhado.

Mas, para mim, isso já era melhor que nada. Mais um ano passara no meio de exames, turnos e dias passados a andar em bicos de pés perto da Leah. Sentia que me estava a preparar para a vida real sem realmente a viver.



# Capítulo Nove



**Charlotte, 17**

— Feliz aniversário, Dicks.

Ouvi o Kellan atrás de mim. Virei-me. Ele deixou cair o casaco de cabedal sobre as telhas e atirou-me algo. Olhei para ele. Era um ursinho de peluche do Dia dos Namorados. Daqueles que se aperta a barriga e ele canta.

Seria uma oferta de paz?

Meti-o debaixo do braço e enfiei a mão no bolso, atirando-lhe também algo. Ele apanhou-a.

— Um cêntimo pelos teus pensamentos.

— Que se lixe o teu dinheiro.

Ele avançou na minha direção.

Devagar. Deliberado. Feroz.

A minha perna direita começou a tremer nervosamente. Levantei uma sobrançelha, resistindo à tentação de recuar um passo.

Mais um passo.

E depois outro.

Ele estava a assustar-me.

Recusei-me a parecer assustada.

Levantei o queixo, fingindo desafio. Ele aproximou-se mais. Conseguia cheirá-lo, senti-lo, saborear o couro, os cigarros e a cerveja na minha língua. Sentia arrepios pela espinha. O meu sangue fervia e o corpo zumbia.

— Para com isso — gritei. — O que estás a fazer?

Ele não parou quando me alcançou. Num movimento muito rápido, pegou-me nos braços.

Soltei um suspiro, envolvendo-me no seu pescoço, agarrando-me a ele como se fosse a minha vida. Estávamos num telhado íngreme e Kellan não era o tipo mais musculado do mundo. Mas senti-me surpreendentemente leve.

Ele olhou para mim. Cada vez que olhava para ele era como se estivesse a vê-lo pela primeira vez. Encontrava sempre algo novo naquele olhar.

Hoje tive esperança.

O meu coração batia tão depressa, que deve ter sido a única vez que me senti viva desde Aquela Noite.

– Isto não é o princípio de nada – avisou Kellan. – No mínimo é o fim.

# Capítulo Dez



**Kellan**

Ela sabia a um doce veneno.

Quente, macia e sonhadora.

Mortalmente tóxica.

Deliciosamente viciante.

Beije-a esfomeado, penetrando a sua boca com a minha língua, apagando o Mark. Queria fazer-lhe coisas más e isso assustava-me.

Estes pensamentos tinham começado no ano passado, depois do Mark MacGowan. O meu desejo pela Charlotte misturara-se com algo mais.

Algo mais sombrio.

Talvez estivessem juntos nisto. A Charlotte e o Mark. Para me fazerem perder a cabeça.

Não sei.

Andava bastante paranoico ultimamente.

Talvez não.

Foda-se! Era patético o facto de nem sequer me importar que ela pudesse estar a fazer isto por brincadeira?

As nossas línguas enrolaram-se. Ela sabia a pastilha elástica e a coco. Envolvi-a num abraço apertado e pensei que *se pudéssemos permanecer assim para sempre, talvez respirar não fosse tão doloroso.*

Tinha tanta coisa para lhe dizer. A Hannah tinha deixado o Tate. O casamento fora cancelado. Ele estava zangado comigo por lhe ter estragado mais uma coisa.

Mas, desta vez, ele encontrara uma forma perfeita de retaliar: arrastava-me para a terapia duas vezes por semana, sentando-se à porta como um cão de guarda, olhando para ela para se certificar de que eu não fugia. Ele percebeu

tudo mal. O que eu queria fazer era saltar da janela, mas normalmente estava trancada.

Em resposta à sua estupidez eu começara a consumir drogas. Podia não ser bom a matemática, mas era certamente muito bom a metanfetaminas. A droga deixava-me sempre com uma sensação de frio, mas nada atingia tanto o Tate como saber que ele não tinha o controlo total sobre algo.

O pai não respondia aos meus telefonemas. O Tate conseguira finalmente afastá-lo. E ter ainda mais sentimentos pela Dicks era uma má ideia. Tipos como eu nunca ficam com a miúda.

Parecia tudo tão final.

Em ebulição.

Como se a vida estivesse a ferver e prestes a transbordar.

A Charlotte gemia na minha boca e eu acariciei-lhe o pescoço, pondo-lhe os pés no chão para me poder esfregar nela. Eu estava tão duro e ela era tão macia.

Nunca mais fiquei duro.

Provavelmente uma dádiva das drogas.

O nosso beijo tornou-se mais profundo, mais apaixonado. Deixe-o durar mais dez segundos antes de o interromper. Gravei o seu sabor na minha memória: fresco, doce, inocente.

Mais uma volta com a língua.

Outra mordidela.

Outro beijo.

Depois larguei-a, colocando a moeda no bolso da frente do seu blusão com um sorriso entediado no rosto.

– Até para o ano, Veneno.

# Capítulo Onze



## Charlotte

**A**final, bastou um beijo para que eu quebrasse todas as regras.

Subitamente sentia-me demasiado preocupada para continuar a fingir que não o conhecia. Que não me importava com o que ele estava a sentir. O Kellan estava constantemente à beira do precipício e eu estava farta de ver isso de fora, na esperança de que ele não desse aquele passo.

Um dia, dirigi-me ao Kellan durante a hora de almoço. Todos se imobilizaram para ver. Eu era uma croma e ele uma aberração e este era o tipo de socialização que ainda era pior do que miúdos populares e miúdos falhados. Ele estava a ler um livro de bolso muito amarrotado, franzindo o sobrolho para as páginas.

Pus-me à frente dele, de mãos nas ancas, e aclarei a garganta.

– Ei!

Ele ignorou-me. O pânico subiu-me pelo peito e fiquei com a cara a arder.

– Eu disse olá.

Nada. Algumas pessoas sussurravam. Outras riam. Cressida recuperou do choque de me ver a falar com ele e tirou o seu iPhone para gravar tudo ao meu lado.

Levantei a voz.

– Estou a falar contigo, Marchetti.

As gargalhadas ecoaram nas paredes. Kellan levantou os olhos do livro e olhou diretamente para mim, bocejou e levantou-se, afastando-se.

Embora o orgulho me gritasse para desistir, persegui-o para fora do refeitório, parecendo ainda mais patética do que já me sentia.

Pus-lhe a mão no ombro, mas ele não parou.

– Que raio se passa contigo?  
– Tudo – disse ele, sem rodeios. – E tu sabes isso em primeira mão.  
Estás a violar o contrato, Veneno.

*Veneno?*

Mas eu não tinha tempo para pensar em ninharias. Como, por exemplo, por que raio me chamava aquilo. Por que razão me tinha chamado isso na noite em que nos tínhamos beijado.

- Não me interessa o estúpido contrato.
- Que pena. Pois a mim interessa-me.
- Não estás bem.
- A sério, Sherlock?
- Kellan! – Estaquei no meio do corredor vazio.

Ele também parou. Virou-se e o seu rosto estava tão pálido que pensei que ele ia desmaiar a qualquer momento. Dei um passo na sua direção, mas ele levantou a mão.

- Não queiras lutar as minhas guerras por mim, Veneno.

*Outra vez? Quem é o Veneno?*

Estava prestes a perguntar-lhe isso quando ele se afastou. Passou pelas portas duplas e saiu da escola. Fugiu, deixando-me aqui para lidar com as consequências de ser desprezada pelo aluno mais impopular da escola.

Fiquei ali pregada ao chão a olhar fixamente para as portas de madeira. Tirei o telemóvel e enviei-lhe uma mensagem de texto. Uma das muitas às quais não respondera desde que eu tinha arranjado o seu número de uma forma nada apropriada.

*Quem é o Veneno?*

*Quem é o Veneno?*

*Quem é o Veneno?*

*Responde-me, porra!*

O Mark saiu de uma das suas aulas. O seu hálito mentolado agitou uma das madeixas que me cobria a orelha.

– Porque não me disseste que gostavas das pilas como gostas da vida, Dicks? Extra vulgares.

## Capítulo Doze



**Charlotte**

**N**a semana seguinte, deixei uma carta de quatro páginas à diretora Brooks. Detalhei todas as razões para acreditar que o Kellan era suicida e deixei o envelope na caixa no exterior do seu gabinete. Duas semanas depois recebi uma resposta de Kellan.

**Kellan: Quebraste o nosso contrato duas vezes. Falaste comigo e escreveste uma carta à diretora. O próximo Dia dos Namorados está cancelado.**

Telefonei-lhe.

Ele não atendeu.

Enviei-lhe mensagens.

Ele não respondeu.

Telefonei-lhe novamente.

Ele bloqueou o meu número.

Dei um pontapé na parede ao lado da cama.

– Foda-se!

Apesar de Leah estar ali no outro quarto, ela não me perguntou o que se passava. Nunca perguntava.

# Capítulo Treze



## Charlotte

S eis meses depois do beijo encontrei a morada do Kellan. Apareci em sua casa num sábado de manhã, altura em que o irmão dele provavelmente lá estaria. Reuni toda a minha coragem para o fazer, pois havia uma boa hipótese de estar a expor a roupa suja do Kellan a quem quisesse ouvir. Ele afirmou ser suicida, mas tal acontece com muitos adolescentes que nunca cumprem as suas ameaças. Caramba, eu ainda me sentia suicida às vezes.

*Ele nunca tentou nada, pois não?*

Então por que razão eu não conseguia deixar passar?

Kellan e Tate viviam em Pomander Walk no Upper West Side. Eu sempre imaginara um Kellan rico a viver num arranha-céus futurista e impessoal no Upper East Side. No entanto, esta rua assemelhava-se a uma encantadora vila inglesa. No meio ficava a casa de Tate e Kellan. Uma casa de pedra e tijolo vermelho com portadas verdes, vasos de flores a transbordar nos parapeitos das janelas e uma luz amarelada acolhedora a sair pelas janelas. Normal, quente e convidativa. Exatamente o oposto dos dois homens que lá viviam.

Uma pontada de inveja atingiu-me as entranhas. Não pude deixar de comparar as nossas vidas.

A rua estreita aproximava as casas que olhavam umas para as outras como duas pessoas num encontro amoroso. Não tinha onde me esconder, por isso sentei-me numa escada do lado oposto à sua porta fechada. Tirei um livro da mochila e fingi ler. Dei uma palmada na perna esquerda para a impedir de balançar.

*Vê se te recompões, Charlotte. Não estás aqui por ti.*

Não queria falar com Tate Marchetti, mas também não queria acordar



todos os dias com uma dor de cabeça, rezando para ver o Kellan na escola só para saber que ele ainda estava vivo. Comecei a imaginar cenários de como tudo correria quando finalmente conhecesse o tal Tate.

Imaginei-me a dar um sermão quando ele chegasse. A gritar para um Tate sem rosto. A pô-lo no seu lugar. A fechar os punhos e a bater-lhe no peito. A arrasá-lo com as minhas palavras mordazes. A obrigá-lo a ajoelhar-se perante a verdade daquilo que estava a acontecer ao Kellan.

Até me imaginei a acobardar-me e a fugir quando ele aparecesse.

Nada me preparou para a terceira opção – aquela em que o Tate nunca aparecia. Passei uma tarde inteira a olhar para a entrada dos Marchetti e só então vi os cortinados da sala abrirem-se.

O Kellan espreitou para a rua.

*Foda-se!*

Os nossos olhos encontraram-se. A minha garganta esforçava-se para engolir. Não acenei para ele. Havia um limite para o embaraço que eu conseguia aguentar. Quinze minutos mais tarde, um agente da polícia estacionou no fundo da rua e aproximou-se de mim enquanto puxava as calças para cima da sua barriga de cerveja.

– Recebemos uma chamada de um morador dizendo que alguém tem estado sentado à porta de sua casa há algumas horas. Está tudo bem, menina?

Senti uma profunda traição.

Eu a tentar denunciá-lo ao irmão.

Ele a chamar a polícia.

Acenei com a cabeça, forçando um sorriso para o homem fardado enquanto proferia a mentira que ultimamente me saía da boca com tanta facilidade.

– Sim, desculpe. Estou muito bem.

# Capítulo Catorze



## **Charlotte, 18**

— Às vezes gostava que nunca tivesses nascido. Isso faz de mim uma má pessoa? – Leah disse-o, por fim. Quer dizer, sussurrou-o.

Saiu-lhe da boca subitamente. No exato momento em que tirava as minhas chaves da tigela junto à porta, prestes a ir para o meu último encontro com Kellan. Tecnicamente, ele tinha cancelado. Mas eu ainda tinha esperança de que ele pudesse aparecer. Eu sabia que iria. Tinha de ir.

Virei a cabeça. Leah permanecia diante do espelho escuro do corredor, a olhar para o seu rosto. A culpa era como um monstro agarrado à minha pele. Antes de Aquela Noite, Leah sempre fora a mais bonita. Os seus olhos grandes e vibrantes um pouco mais escuros que os meus, verdes, e o cabelo preto davam-lhe um aspeto marcante que os rapazes adoravam.

Parei, mas não me virei para ela.

– Achas que não sei disso? Vivo sabendo disso todos os dias.

Há alguns meses, a Leah tinha terminado o seu diploma de esteticista e começara a trabalhar num horário normal. Pensei que isso melhorasse o seu humor, mas apenas piorou. Agora, a outrora linda Leah era a aberração de mangas compridas que tinha de se maquilhar todos os dias de cada vez que saía de casa.

– O Phil ligou-me hoje.

Virámo-nos uma para a outra ao mesmo tempo. Ela desviou o olhar do espelho, e eu da porta.

O Phil e a Leah tinham terminado o namoro pouco depois do incêndio, por causa do que tinha acontecido.

Quando ele finalmente partiu, a última coisa que a ouvi gritar para ele foi: «Ninguém te pediu para me tocares. Ninguém te pediu para ficares. Não te sintas culpado por queres deixar-me. Sente-te culpado por seres superficial

e queres ir-te embora por causa de cicatrizes. Agora sai!»

Ele saiu de rompante, empurrando-me quando me encontrou a escutar no corredor. «Vejo-te mais tarde, Plano C.»

Eu já não era a próxima. Eu era o fundo de tudo, caso ele não conseguisse encontrar uma substituta para a minha irmã.

Abanei a cabeça para me livrar da memória.

– O que é que ele queria?

– Só para ver como eu estava. Agora é banqueiro. No Morgan Stanley.

Fingi engasgar-me. Eu não tinha nada contra bancos. Nem dinheiro. Mas tinha muito contra o Phil.

Ela continuou, ignorando a minha reação.

– Anda a sair com a Natalie Mosely. E é sério. Dei dois anos da minha vida a este homem.

– Não digas isso.

Encostei a parte de trás da cabeça à porta, fechando os olhos. Odiava esta frase. Implicava que as mulheres ficavam à espera de que os homens fizessem a pergunta, desperdiçando os seus anos férteis. Uma versão de relacionamento de roleta russa.

– Deram dois anos de vida um ao outro – acrescentei. – Qualquer que seja o tempo que perdeste, ou ganhaste, o mesmo aconteceu com ele.

– Bem, ele já não está a perder.

Ela olhou novamente para o espelho, escovando distraidamente o cabelo. Queria abraçá-la, aninhar o meu rosto no pescoço dela, mesmo onde estavam as cicatrizes e dizer-lhe que ia ficar tudo bem, embora não soubesse se isso ia acontecer.

Leah e eu éramos melhores amigas antes de Aquela Noite. Ela atravessara literalmente o fogo. Por mim.

Não me mexi de onde estava.

– Leah... – comecei por dizer.

Ela abanou a cabeça.

– Está tudo bem. Esquece o que eu disse. É óbvio que estou feliz por teres nascido. Não sei o que fazes normalmente no Dia dos Namorados, mas espero que seja melhor do que estar aqui sentada a ver repetições da *Anatomia de Grey*. Porque é isso que tenho andado a fazer desde que o pai e a mãe morreram.

Balancei a perna direita para trás e para a frente, lutando para conseguir respirar.

– Vamos fazer uma maratona depois de eu regressar. Prometo. Fica para a próxima? – Eu soava exatamente como ela na noite em que as coisas aconteceram.

Ela bufou, torcendo o cabelo num nó.

– Sabes que mais? Antes de ires para o teu encontro mistério, torna-te útil e traz-me um maço de cigarros de mentol.

Atirou-me algum dinheiro na minha direção e desapareceu na cozinha.

Claro que ela ainda fumava. Essa era a grande ironia. Apanhei as notas do chão. Verifiquei as horas no meu telemóvel.

Já estava atrasada, mas não queria recusar-lhe nada. Mais do que isso, eu não podia recusar-lhe nada. Corri até à loja aberta das sete às onze que ficava na esquina e esperei na fila, depois regresssei a casa, dei-lhe os cigarros e apanhei o comboio.

Quando cheguei a Manhattan, escorriam-me gotas de suor frio pela testa enquanto descia a rua em direção a St. Paul.

Cheguei quarenta minutos atrasada a um encontro para o qual não tinha sido convidada. Mas eu conhecia o Kellan, sabia que ele estaria à minha espera. Ele queria alguém que lutasse por ele. E essa pessoa tinha de ser eu.

Corri tão depressa que os meus pés queimavam e os meus pulmões saltavam do peito. Virei à direita e cheguei ao *campus*. Parei subitamente quando vi as luzes.

Vermelhas, brancas e azuis, rodopiando juntas como um carrossel na escuridão. Havia dois carros da polícia e uma ambulância.

Não.

*Não, não, não, não, não.*

Kellan...

*Terá ele pensado que eu não ia aparecer, que tinha desistido dele e saltado?*

Lancei-me para a frente.

Uma agente bloqueou-me o caminho, levantando a mão. A colega dela estava a esticar uma fita amarela em redor do local.

– Desculpa, querida, mas não podes estar aqui.

– O que é que aconteceu?

Os meus dentes rangiam. Tinha-me esquecido de vestir um casaco quando saí de casa. Estava com tanta pressa. A única razão para não estar a chorar era por não ter a certeza de que tudo aquilo era real.

A polícia respondeu. Um colega juntou-se a ela. Os seus lábios mexiam-se, mas eu não os conseguia ouvir.

Olhei para trás dela.

Não o vejo.

Deve ter saltado do outro lado. Onde nos costumávamos sentar todos os anos.

*Acho que vou vomitar.*

– ... tão jovem, tão triste. Ainda estamos a investigar.

Finalmente conseguia ouvir no meio das batidas da minha cabeça. Queria gritar. Arrancar o cabelo. Tinha-lhe dito que esta não era uma morte certa, e ainda assim ele arriscou.

Provou-me que estava errada.

Venceu.

Perdeu.

Quebrou o nosso contrato.

Eu também o tinha feito, mas apenas para o salvar.

Caí de joelhos. As minhas mãos bateram no cimento e senti algo.

Apanhei-o e apertei-o na minha mão.

Uma moeda de um cêntimo.

Ele tinha-me deixado um presente.

A sua própria versão do adeus.

# **Parte Dois:** **AS IMPERFEIÇÕES**



# Capítulo Quinze



## Charlotte, 22

— Charlotte, faz-me um favor. — A Reagan espreitou para fora do seu gabinete de vidro, enquanto segurava a sua barriga de grávida com as mãos e unhas bem tratados, o seu vestido combinando com o cabelo escarlate, cortesia dos melhores cabeleireiros de Manhattan. A sua mão estava sempre sobre a barriga.

Não a podia censurar por ser tão protetora. Se eu tivesse quarenta e dois anos e passado a última década a tentar engravidar e finalmente realizasse o meu desejo, viveria numa bolha até o bebé nascer.

Levantei a cabeça do manuscrito que seleccionara da pilha há alguns minutos. Dava-me jeito uma distração hoje.

— Claro — disse eu, com um sorriso no rosto.

Balões em forma de coração e flores enchiam a sala, enviados aos meus colegas no Dia dos Namorados. O meu cubículo era o mais próximo do gabinete dela. O único que não tinha declarações de amor nem gestos românticos. Tinha o meu portátil, as minhas canetas e marcadores organizados em duas canecas separadas e a minha agenda e *post-it* em filas organizadas.

Tinha a certeza de que o que ela estava prestes a dizer não tinha nada que ver com o facto de eu fazer anos hoje. Ninguém ligava ao meu aniversário. Tinha aprendido a aceitar isso ao ponto de ficar surpreendida quando o mencionavam.

— O meu obstetra não atende e eu tenho de o ver ainda hoje. A linha da clínica está ocupada. Ele não atende o telefone nem responde aos *emails*. Não parece nada dele fazer isso. Podes, por favor, ir lá e entregar a minha mensagem pessoalmente? Obrigada! — Ela não esperou pela minha resposta. Em vez disso, dirigiu-se a mim, agarrou um *post-it* do meu arsenal e rabiscou o endereço, batendo com ele no meu teclado em total desrespeito pelo meu

gabinete arrumado. – E não voltes até me conseguires essa consulta, *okay*? Estou com muitos gases. Acho que os bebés vão ficar ressentidos comigo quando cá chegarem.

Pois. Quase me esquecera. A Reagan ia ter *gêmeos*.

A minha chefe correu para a sala do pessoal, agitando a ponta dos dedos como uma fada madrinha.

Tinha começado a trabalhar para a Reagan Rothschild Literary há quatro meses, dois meses antes da minha licenciatura antecipada e já tinha sido promovida de coordenadora de escritório para assistente de agente literário. O objetivo final era chegar a agente literária. Teria de me esforçar muito para o conseguir, mas já estava habituada ao trabalho árduo.

Tirei o papel da secretária e pedi um Uber. Passei a viagem de carro colada ao telemóvel, a responder a *emails*, a encomendar papel de impressora e a confirmar o *check-up* anual da Leah com o dermatologista para amanhã.

Assegurei-me de que estava bem.

*É apenas mais um Dia dos Namorados. Já sobreviveste a três desde que o Kellan fez o que fez.*

Este seria o quarto.

Claro que nada gritava mais «não estou bem» do que dizer a si própria que estava bem.

O carro parou junto ao passeio de um edifício neogótico. Alto e imponente. O condutor lançou-me um sorriso nacarado.

– Cá estamos. Feliz Dia dos Namorados.

– Não me parece – murmurei, dando-lhe uma gorjeta pela aplicação antes de sair dos seus assentos de poliéster.

Entreí na Clínica Morgan-Dunn na 57<sup>th</sup> Street. Supostamente, a elite da cidade gostava de ter os seus bebés aqui porque os quartos eram mais luxuosos do que no Waldorf Astoria.

Para conseguir um obstetra ou um ginecologista nesta unidade interna, era necessário estar numa lista de espera de três anos. Esta informação fora cortesia da Reagan. O meu eu de vinte e dois anos não tinha nada que ver com bebés, gravidezes ou, espero, hospitais.

Assinei o nome na entrada, apanhei o elevador para o quarto andar e entreí numa clínica muito elegante. Nunca vira nada tão requintado e eu vivera em Nova Iorque toda a minha vida, exceto os anos de faculdade no Kentucky.

As portas de vidro fumado e sombrio realçavam os detalhes em cerejeira, os sofás de cabedal castanho e as poltronas reclináveis de veludo. O balcão da receção tinha o formato de uma onda feita de madeira curva e escura. Viam-se filas de cestos com chá de ervas, aperitivos e água engarrafada no luxuoso átrio juntamente com gomas pré-natais e uma variedade de sacos de brindes.

Uma mulher magra de fato estava por trás da secretária polida, com o cabelo escuro puxado para trás com tanta força que lhe esticava a testa. Ela



cumprimentou-me com um meio sorriso.

– Em que posso ajudá-la?

– Estou aqui para marcar uma consulta em nome da minha chefe, Miss Reagan Rothschild. – Passei-lhe o cartão do seguro de Reagan. O sorriso frio da rececionista manteve-se intacto enquanto ela o digitalizava e clicava no seu Mac. Devolveu-me o cartão.

– Receio não poder marcar nenhuma consulta para o doutor Marchetti hoje.

Dr. Marchetti. Esforcei-me para não deixar que o seu nome me abalasse.

*Marchetti é um apelido comum, certo? Além disso, assegurei-me, tudo me faz lembrar o Kellan. Especialmente no Dia dos Namorados. Estás somente a ver coisas.*

– Miss Rothschild tem tentado contactá-lo todo o dia. É muito urgente e é por isso que estou aqui. – O meu pé direito começou a balançar. Ainda não dececionara a Reagan e isso definitivamente não ia acontecer hoje.

– Compreendo, mas o doutor Marchetti não está contactável.

– Ele não está no consultório?

Eu sabia que o médico era um homem porque a Reagan uma vez partilhara comigo e com as outras raparigas do escritório que cada vez que vinha de um exame, vinha maravilhada. Aparentemente ele era de outro mundo, um bonitão do género de Hollywood.

– Não, ele está cá. Ele só não atende consultas ou chamadas no Dia dos Namorados. Apenas casos urgentes.

*Pirralho mimado.*

Ele devia estar à total disposição da Reagan e dos bebés dela pela quantia que ela lhe pagava.

Perdi a paciência.

– Bem, considere o caso de Miss Rothschild urgente.

– Ela está em trabalho de parto?

– Não.

– Tem câibras? Sangramento? Sente-se fraca ou letárgica?

Pensei em dizer que sim, mas depois lembrei-me de que, se mentisse, podia estar a roubar uma consulta a alguém que realmente tivesse esses sintomas. E como a Reagan apelidara este médico de Dr. Milagre pela sua especialidade em gravidez de alto risco, esse cenário não era nada exagerado.

Mas o que podia eu dizer? Que a minha chefe tinha muitos gases?

– Não. – Aclarei a garganta. – No entanto...

– Sinto muito. Vai ter de esperar até amanhã.

– Mas ele está cá. – Apetecia-me esganá-la e a ele também. Não podia falhar com a Reagan. Tinha de lhe conseguir esta consulta.

– Sim, mas ainda não acabou.

– Acabou o quê? – Resisti à tentação de bater com o pé, exasperada.

– Não sei.

Em vez de a estrangular, sorri.

– Está bem. Eu espero. Qual é o gabinete dele?

A rececionista apontou para a porta do meio que dava para o átrio. Acenei com a cabeça, agarrei a minha mala e sentei-me virada para a porta. Eu era excelente no jogo da espera. Ponto de bónus: Consequia trabalhar enquanto esperava.

Ignorei o seu nariz enrugado enquanto tirava o manuscrito de há pouco e continuei a ler o romance trágico sobre uma cidade pequena que um potencial cliente nos enviara. Os meus olhos moviam-se na direção da porta do consultório do misterioso Dr. Marchetti a cada segundo. Provavelmente estava a jogar solitário, o idiota.

Quarenta e cinco minutos depois, a rececionista virou-se na minha direção. Sabia que ela odiava a minha presença ali, mas não podia pôr-me na rua.

– Tenho de ir à casa de banho – anunciou ela para a sala vazia.

– Boa sorte – disse, levantando os olhos do manuscrito.

– Volto já – disse ela, lançando-me um olhar sombrio.

– Fico à espera.

– Não bata à porta. – Apontou para mim com uma unha bem cuidada.

– Tem a minha palavra.

Assim que a Barbie Morena saiu de cena, levantei-me do meu lugar e praticamente saltei para o gabinete do médico. Uma placa dourada estava pendurada na parede, mas não a conseguia ler do outro lado da sala.

Agora já conseguia.

### **Tatum Marchetti, obstetra**

O nome apoderou-se de mim como se me tivesse caído o céu em cima, pregando-me ao chão.

*Tatum.*

Tate Marchetti.

O irmão do Kellan. O idiota que levou o Kellan a atirar-se do telhado de St. Paul há exatamente quatro anos.

Quais eram as probabilidades de isto acontecer?

Não é assim *tão mau*, disse uma voz cruel dentro de mim.

No liceu nunca me dera ao trabalho de verificar quem era o Tate ou o que ele fazia para viver. Nunca o tinha pesquisado no Google nem perguntado ao Kellan. Eu só sabia que ele trabalhava em horários insanos e turnos noturnos.

Agora tudo fazia sentido – ele era médico. E estava aqui. A uma porta de distância. O homem que eu queria estrangular desde o momento em que o Kellan entrou na minha vida. Mais de oito anos passados. O meu ódio por ele tivera tempo de se encorpar, construir, fervilhar e florescer.

Engoli em seco e os meus olhos estreitaram-se para a porta. Eu não era

uma pessoa descuidada. Tudo o que eu fazia era planeado até ao mais ínfimo pormenor. Especialmente desde Aquela Noite. Mas saber que o irmão do Kellan estava aqui desfez todos os traços positivos que eu tinha reunido depois daquela noite fatídica.

Os meus dedos curvaram-se sobre a maçaneta da porta. Esperei que o meu lado sensato me dissesse para parar. Para voltar para trás. Para ganhar juízo.

Silêncio.

Abri a porta sem bater (tinha prometido à senhora Cabra que não o faria).

Avancei um passo e fiquei imóvel.

Pestanejei, tentando digerir a cena em que me tinha metido. Um manto de cabelo louro caía em ondas sobre uma secretária cor de cerejeira. A dona do cabelo tinha a boca aberta em forma de O, os seus olhos franzidos de prazer e concentração enquanto o homem enfiado entre as suas pernas a penetrava sem piedade. Uma das pernas bronzeadas envolvia-lhe a cintura e a outra estendia-se sobre o seu ombro.

Ele estava completamente vestido com calças escuras e camisola de caxemira a condizer, realçando o seu físico insanamente musculado.

E também estava a olhar diretamente para mim.

Os meus olhos fitaram-no desobedientemente. A mulher que ele estava a comer continuava alheia à minha presença. Afinal de contas, eu não tinha batido à porta.

O ardor subiu-me do pescoço para o rosto. Fiquei com a cara a arder. Um sorriso lento e provocador estendeu-se pelos seus lábios. Simultaneamente, apercebi-me de duas coisas horríveis:

1) Ele parecia-se exatamente com a uma versão mais velha do Kellan. Cabelo ruivo, desgrenhado e brilhante, olhos cinzento-claro e as maçãs do rosto angulares de um titã. Não, ele não era lindo como um ator de Hollywood. Ele era lindo como um deus. Era lindo de morrer.

E 2) Ele estava a gostar de eu estar aqui, a ver. E muito.

Todos os ossos do meu corpo gritavam para me virar e fugir antes que fosse presa. Ou talvez fosse ele a ser preso por abuso sexual. Eu não sabia, mas sentia que um de nós devia ser algemado e não apenas como jogo sexual. Só que eu queria irritá-lo como ele me irritara, por isso mantive-me imóvel.

– Sim, Tatum! Sim! Foda-se, estou a vir-me. Oh! Oh! Tatum! Tatum... – gritava a mulher, de olhos fechados de prazer.

Tate colocou a sua mão entre ambos, deslizando o polegar para dentro dela. Introduziu-o na boca, chupou os sucos e libertou o dedo com um estalido.

– Gostas disto? – disse numa voz baixa, grave e rouca.

Senti arrepios para cima e para baixo nos meus braços. Os meus olhos estreitaram-se para ele. Não, *odiei*.

– Sim! – gritou a mulher, mas ele não lhe estava a perguntar, não a ela.

Ele penetrou-a com mais força e mais fundo, atingindo um ponto que a fez gemer vezes sem conta. Para meu horror, senti-me a apertar as minhas coxas. Os meus mamilos estavam duros e, pela primeira vez em muitos anos, agradeci à minha boa sorte por ter um peito tão liso que tinha de usar um *soutien* almofadado.

– Foda-se! – gritou ela, para que todos num raio de quilómetros soubessem que ela tinha atingido o seu clímax.

*Ela está a vir-se. Eu estou a vê-la a vir-se.*

O que se passa comigo?

Tudo.

Tudo estava errado comigo.

Mas virar-me e ir-me embora seria deixá-lo ganhar e eu não queria deixar o Tate Marchetti ganhar.

Ela afrouxou enquanto ele a penetrava até encontrar a sua própria libertação. O seu orgasmo foi diferente. Sem restrições e tranquilo. Ele não se deixou ir. Apenas soltou um pequeno grunhido educado, depois afastou-se alguns centímetros dela, tirou o preservativo e atirou-o para o caixote do lixo ao lado da secretária. Agarrou numa caixa prateada de lenços de papel, limpou-se – as partes privadas dela protegiam as suas – e meteu-as dentro das calças. Continuava a olhar para mim. Os nossos olhos nunca se tinham desviado um do outro.

A mulher abriu os olhos lentamente. As suas pupilas cor de avelã encontraram-se com o verde das minhas.

– Mas que raio? – As suas sobrancelhas ergueram-se e o seu corpo levantou-se.

Tate afastou-se, completamente vestido. Não parecia ter acabado de fazer sexo. As suas bochechas não estavam coradas, as suas roupas não estavam amarrotadas. Parecia pronto a entrar numa sala de operações e fazer uma cirurgia de coração aberto e mãos firmes. Ela, por outro lado, parecia que tinha acabado de chegar de uma orgia de fim de semana e tinha-se esquecido de tomar duche.

Tate encostou-se à sua secretária, enfiando as mãos nos bolsos e cruzando os tornozelos.

– Posso ajudá-la? – Ele ergueu uma sobrancelha, descontraidamente.

Já não valia a pena dizer a mim própria que eu estava bem. Estava prestes a explodir. Abri a boca para gritar com ele até perder a voz quando a rececionista entrou de rompante na sala.

Ela empurrou-me para o lado como se eu o estivesse a ameaçar com uma arma.

– Doutor Marchetti, lamento muito. Ela disse-me que não ia bater à sua porta. Deu-me a sua palavra!

– Eu não faltei à minha palavra. – Olhei para ela, cruzando os braços sobre o peito. – Eu entrei. Não bati à porta.

Ele soltou uma gargalhada surpreendente. Um riso profundo que senti no

meu estômago. Apetecia-me matar este homem.

– Perguntou-me se eu precisava de ajuda. – Voltei-me para ele. – Sim, preciso.

Ele lançou-me um meio sorriso como o Kellan fazia. A nostalgia estava a apoderar-se de mim. Era difícil respirar.

– Já ouviu falar de sarcasmo? – disse ele com aquele sorriso fácil.

– Sim. É a forma mais baixa de humor. – Isso valeu-me outra gargalhada de diversão.

– Observar dois estranhos a foder é a forma mais baixa de etiqueta. Prefiro a inteligência barata à má educação todos os dias da semana.

Sim. Ele é tão horrível como o Kellan tinha afirmado, mas resolvi ignorar o seu golpe.

– Estou aqui em nome da minha chefe, Reagan Rothschild. Ela deseja marcar uma consulta para hoje, mas não consegue contactá-lo. E a sua rececionista é tão cooperante quanto um bombista suicida.

A mulher loura por trás dele, que estava neste momento a arranjar o vestido de marca, bufou:

– A senhora é real?

Lancei-lhe um olhar de igual para igual.

– Completamente real. E você?

Eu podia ou não estar a referir-me ao seu peito.

– Vou chamar a segurança. – A rececionista bateu com o calcanhar, mas ainda assim olhou para Tate à espera de confirmação.

Ele inclinou a cabeça de lado, avaliando-me como se eu fosse uma encomenda para devolver sem endereço de retorno. Desconfiado, mas de uma forma excitante.

– Não. Ela está a divertir-me.

O que, para além do preservativo usado visível no cesto do lixo, me dizia tudo o que precisava saber. Que ele não se preocupava em manter uma imagem profissional. A Reagan tinha autores desses. Demasiado talentosos para se preocuparem com as boas maneiras. Cerrei os dentes.

– Eu não sou um macaco do circo.

– Não. – Ele tamborilou os dedos sobre a secretária. – Eles são amestrados. Você não é.

Há uma hora, pensaria que não podia odiar o Tate Marchetti mais do que já odiava depois do que acontecera ao Kellan. Agora sabia que sim, era inteiramente possível. É verdade o que se diz. Por vezes, o céu é mesmo o limite. No caso do Tate – ele era incompreensivelmente desagradável.

Apontei o dedo para o iPad na sua frente.

– Basta marcar uma consulta para Miss Rothschild e vamos acabar com isto.

– Sylvia, volte para a receção. Allison, foi um prazer, com todos os trocadilhos intencionais. – Ele despediu as duas mulheres com um aceno de mão.

Surpreendeu-me a rapidez com que elas se afastaram. Era óbvio que ele gostava de ser tratado como um rei dentro destas paredes. Fiquei contente, sobretudo por aquela rapariga, a Hannah, com quem ele estivera prestes a casar-se há vários anos. Ela tinha-se safado de boa.

A porta fechou-se cuidadosamente. Éramos só nós os dois. O pânico agitava-se no meu peito como uma mosca apanhada numa teia de aranha.

– Muito bem, vamos lá ver, Miss...? – interrompeu ele.

– Richards.

– Entra sempre em sítios onde não é bem-vinda?

Pensei na Leah. Eu nunca era bem-vinda em lado nenhum.

– Só quando não me importo com o que as pessoas lá dentro pensam sobre mim. – Sorri docemente. – E para sua informação, manter o olhar em alguém quando se está a penetrar outra pessoa é má educação.

Ele sorriu.

– Peço desculpa. Dei-lhe a impressão de que estava a tentar impressioná-la?

Pus a mão no coração, fingindo desfalecer.

– Que cavalheiro.

– Querida, não tem dinheiro que chegue para ver o meu lado cavalheiresco.

Como é que o Kellan tinha sobrevivido a este homem durante quatro anos? Eu não o conseguia aguentar nem dez minutos.

Tate agarrou no seu iPad com os olhos posto no ecrã. Esperava que ele tivesse decidido finalmente fazer-nos a ambos um favor e marcar uma consulta para a Reagan, mas após longos segundos ali parada, ele continuou a ignorar-me e, finalmente, falou:

– Saia do meu consultório, senhora Richards.

– Mas a consulta...

– Hoje não aceito marcações. Diga à senhora Rothschild para me telefonar amanhã.

– Mas tem de aceitar. – Eu sabia que ele não era obrigado a nada, e isso fez com que a mosca em pânico na teia de aranha cometesse o erro de se debater descontroladamente, perdendo energia à medida que a aranha mergulhava a matar. – Estou aqui à espera há mais de uma hora.

– Além disso, apanhou-me com os tomates dentro de outra pessoa e nem se deu ao trabalho de pedir desculpa, para já não falar de que isto quase parecia uma série da Netflix. Vá-se embora.

– Tate...

– Doutor Marchetti – emendou ele. – Não sou seu companheiro de brincadeira.

Os meus olhos arregalaram-se perante o seu rosto esculpido. Ele não retribuiu o meu olhar.

– É chocante. – Eu soava como a minha mãe. Bem, a minha falecida mãe.

Mas era verdade.

– Sou? – perguntou ele, sem um pinga de interesse no seu tom de voz seco.

– Sim.

– Como assim?

– É um médico que faz coisas fantásticas, mas é também um verdadeiro anormal.

– Nem sempre fui, mas a alternativa desapareceu. – Ele encolheu os ombros com os olhos ainda no iPad.

Tentei não chorar, mas as minhas lágrimas não eram de tristeza, essas eu conseguia controlar. Eram lágrimas de raiva, que me faziam arder os olhos.

– Ajudaria se eu pedisse desculpa?

Na verdade, não tinha qualquer vontade de o fazer mas, orgulho à parte, talvez não tivesse alternativa. Eu queria este emprego. Queria manter a Reagan feliz. E queria mesmo que ela conseguisse esta marcação, mas arruinara tudo. Por mais que odiasse o Marchetti, ser rude com ele não traria o Kellan de volta.

Finalmente, ele levantou os olhos do ecrã, com uma expressão carrancuda. Parecia um modelo de anúncios de perfume. Os seus olhos eram cinzentos, como a espuma da água.

– Não ajudaria mesmo que me chupasse a pila e cantasse o alfabeto de trás para a frente em simultâneo, menina Richards. Agora vou repetir-me pela terceira e última vez. Saia.

Uma lágrima traiu-me. Deslizou pelo rosto e chegou aos lábios. Mande a precaução às urtigas e fiz outra coisa que não me é natural – disse o que pensava sem me importar com as consequências.

– Percebo porque ele o odiava tanto. É repugnante. Não importa com quantas mulheres vá para a cama todas as noites. Espero que a última coisa em que pense quando fechar os olhos seja o facto de o seu irmão o odiar tanto que preferiu a morte a viver debaixo do seu teto. Feliz Dia dos Namorados, seu idiota.

Voltei-me e bati com a porta sem esperar a sua reação. Desci as escadas até ao rés-do-chão. Nem sequer me preocupava com a tarefa que a Reagan me tinha dado.

Tudo o que me importava era o meu ódio por Tate Marchetti.

Apanhei um táxi e fui diretamente para casa.

Enterrei a cabeça na almofada e chorei até adormecer.

# Capítulo Dezasseis



**Tate**

**A**cordava todos os Dias dos Namorados a imaginar que era um excelente dia para não acordar. Não de uma forma suicida. Eu conseguia ler os sinais com precisão – em maldita retrospectiva – mas numa resignação do tipo «não quero lidar com esta merda».

Normalmente, o sentimento abrandava pelas quatro ou cinco horas quando eu já tinha bebido uns copos e a minha pila já tinha sido suficientemente molhada. Hoje não. Hoje meteria de bom grado uma bala na cabeça e nem sequer me importaria com o tapete persa creme que o *designer* de interiores holandês colocara no meu consultório na semana passada e que me custou mais do que o meu carro.

*A menina Richards conhecia o Kellan.*

Ali estava a verdade, manchada com o maldito batom que ela usava. Primeiro, tinha-me chamado Tate. Kellan era a única pessoa que me chamava Tate. Para todas as outras pessoas, eu era o Dr. Marchetti, o Dr. Milagre ou o Tatum.

Segundo, ela parecia ter a mesma idade que o Kellan teria hoje. Vinte e dois anos. Era alguém da escola dele. Mas foi a terceira coisa que me fez arrepiar e me deu vontade de a perseguir como se fosse uma chita. Aquilo que ela me disse sobre o meu irmão me odiar.

Ela conhecia-o.

Com o passar dos anos, eu tinha aceitado o facto de o meu irmão não ter amigos em St. Paul. Estava ciente dos seus problemas sociais, mas ele subestimava-os e eu estivera demasiado absorvido para ler um livro sobre parentalidade ou ver o Dr. Phil para detetar os sinais.

O Kellan tinha inventado as pessoas com quem andava – que mais tarde



descobri que não existiam – para que o deixasse em paz. Foi somente após a sua morte que eu soube que ele era de facto um solitário no liceu.

Pensava que ele não tinha amigos. E se ele tivesse um? E se a tivesse a ela? E se confiasse nela? E se ela era a minha entrada, a minha abertura, a minha ligação a ele?

Corri atrás da menina Richards assim que ela saiu. Sylvia chamou-me quando me viu a bater nos botões do elevador como se estivesse a tentar arrancar-lhes a luz. A Allison não se via em lado nenhum. Não era estranho. Ela conhecia o esquema.

– Ela desceu pelas escadas – gritou Sylvia. – Roubou alguma coisa?

*Sim. A minha maldita paz de espírito.*

Corri atrás da Richards, descendo dois degraus de cada vez. Quase a apanhei. Quase. Ainda vislumbrei uma madeixa do seu cabelo cor de chocolate quando ela passava pelas portas de vidro automáticas do edifício. Usava um vestido comprido de riscas pretas e brancas e botas militares.

Como uma miúda.

*Ela é uma miúda e tu passaste os últimos cinco minutos da tua foda a fingir que era ela quem penetravas.*

Antes de a conseguir alcançar, ela entrou num táxi amarelo e partiu.

– Porra – rosnei, batendo no cimento e esmurando o edifício. Os nós dos dedos sangravam, mas nem senti a dor.

Peguei no meu telemóvel e marquei o número de Reagan Rothschild, que atendeu ao primeiro toque.

– Boa tarde, doutor Marchetti! Presumo que já conhece a minha assistente?

*Certamente que sim.*

– Correto.

– Ótimo. Então a que horas é a minha consulta hoje?

A consulta. Exato. Era por isso que a menina Richards tinha irrompido pelo meu consultório com todas as armas. Tenho de reconhecer, é preciso ter ovários para entrar numa sala sem se ser convidado nem bem-vindo e ver duas pessoas a dar uma.

Passei a mão pelo cabelo puxando as raízes.

– Que tal amanhã cedo?

– Sem problema.

– Apareça às dez.

Tenho cem por cento de certeza que tenho uma cesariana marcada para as dez. Terei de descobrir uma forma de me safar disto se conseguir chegar a amanhã sem cometer um homicídio.

– Fantástico! Deseja mais alguma coisa?

*Sim. A sua assistente numa jaula para a poder interrogar de forma que faça a Inquisição espanhola parecer a Rua Sésamo.*

– Acho que a sua assistente se esqueceu de uma coisa na minha clínica. Como é que lha posso fazer chegar?

– Pode mandar um estafeta ao meu escritório. Peça à sua rececionista para lhe enviar a fatura.

– A coisa de que ela se esqueceu é de natureza pessoal. – Soou a mentira, mesmo aos meus próprios ouvidos. O que é que ela poderia ter esquecido que fosse tão privado que eu tivesse de lho entregar pessoalmente? O maldito vibrador dela?

– Qual é o seu endereço? – Usei a minha voz cordial e sã de médico.

– Hum! Isso é estranho. Ela acabou de me enviar uma mensagem a dizer que está a trabalhar a partir de casa durante o resto do dia. Não parece dela.

Não queria saber como ela era. Importava-me o facto de que ela aparentemente possuía resposta para as perguntas que andavam a fervilhar dentro de mim há quatro anos.

– Ela vai lá estar amanhã? – Precisei de toda a paciência que me restava para não me irritar.

– É bom que esteja – bufou Reagan. – Deixe-me mandar o endereço do meu escritório por mensagem.

– Obrigado.

– Tem a certeza de que não posso levar essa coisa amanhã quando for aí?

– Sim, tenho.

– Talvez esteja um tanto apaixonado pela minha princesinha de *anime*?

Eu não sabia o que era o *anime* e definitivamente não estava interessado em descobrir.

– Ela tem idade para ser minha filha.

– Nem tanto.

– Asseguro-lhe de que não tenho qualquer interesse romântico na sua assistente.

– Devo preocupar-me com aquilo que ela deixou?

A palavra *sim* estava na ponta da minha língua. Eu podia lixar a menina Richards da mesma forma que ela me lixara a mim. Mas no fundo não podia arriscar que ela me odiasse ainda mais do que já odiava, porque eu precisava das suas respostas.

– Não. Tudo bem.

– Ela é uma joia, não é? – ronronou Reagan. – Adoro-a. Uma rapariga tão doce.

– Claro – disse eu, voltando para o meu consultório e premindo o botão de desligar a chamada. Os nós dos meus dedos pingavam sangue por todo o chão de calcário.

– Que merda de maravilha!

# Capítulo Dezassete



**Tate**

**E**is uma lição que aprendi desde muito cedo: se houver um buraco onde cair, os Marchetti encontram sempre maneira de serem sugados por ele.

Mais tarde, nessa noite, o desgraçado do meu pai estava sentado à minha frente para a nossa refeição anual do Dia dos Namorados. Era uma das raras ocasiões em que o via a não ser que ele ficasse sem dinheiro, droga ou pessoas a quem chorar.

Tínhamos iniciado a tradição depois da morte de Kellan, e estaria mentindo se dissesse que a achava reconfortante. Era mais um *check-up* para ter a certeza de que ainda estávamos ambos vivos. O tormento, como a autodestruição, estava nos nossos genes.

– Ele alguma vez te disse que tinha uma namorada? – perguntei ao Terry, cortando o meu hambúrguer de peru. Recorria a uma empresa que entregava refeições feitas.

Precisava de algo cheio de valor nutritivo, vegetais e proteínas e precisava de tudo isso fresco. Custava trezentos dólares por semana, mas isso não constituía um problema, uma vez que já não tinha de pagar a faculdade ao Kellan.

Que sortudo que sou.

O Kellan nunca chegou a descobrir o quão falido o nosso pai estava. Menos uma vergonha para levar para o túmulo.

Terry também não levantou os olhos do seu prato.

– Não. – Aclarou a garganta. – No entanto, acho muito pouco provável. Nós teríamos sabido.

– Achas? – Cortei a carne em pedaços minúsculos, desmembrando-a e tornando-a intragável. – Fizemos um belo trabalho a educar o pobre rapaz.

Encontrei hoje uma rapariga. Acho que ela o conhecia. Pelo menos, ele parecia ter confiado nela.

Isto fez com que levantasse a cabeça, interessado.

– O que é que ela disse?

*Sente-se muito culpado?*

– Ainda não disse nada. Vou investigar.

– Pois, devias. – Ele mastigou... o que quer que fosse que eu nos tinha servido a ambos. A comida era como o sexo. Eu fingia estar interessado neles para manter as aparências.

Olhei bem para o meu dador de esperma. Ele tinha mudado. Ainda mais depois da morte de Kellan. Parecia mais velho. Grande e pálido, com nariz rosado em bochechas coradas, cortesia de anos de abuso de álcool. Cabelos brancos desgrenhados brotavam do seu couro cabeludo em todas as direções, como cobras. Manchas pretas cobriam os seus pulsos de décadas a escrever e a apagar milhões de palavras. Ele precisava de uma escova, de um banho, de três anos de reabilitação e de alguém que lho dissesse. Se ele já era inútil quando lhe tirei o Kellan, agora estava mesmo acabado.

– Nada disto teria acontecido se... – começou ele, como sabia que faria.

Interrompi-o, deixando cair a faca e o garfo no meu prato.

– Não vás por aí. Largaste-o à minha porta e fugiste para Miami com uma das tuas prostitutas.

– Ela chamava-se Nadia.

– Podia chamar-se duquesa de Sussex, e isso não mudaria o facto de teres deixado o teu maldito filho a tomar conta do teu outro filho. – Dei um murro na mesa. Os utensílios chocalharam. Os copos de vinho dançaram sobre a toalha da mesa.

Ele parou de comer e olhou para mim, com os olhos muito arregalados. Vi o meu reflexo neles.

Avancei com tudo.

– Obrigaste-me a fazer o teu papel quando eu era um recém-formado da faculdade de medicina, a fazer o meu internato. Deixaste-me a fazer o teu trabalho enquanto perseguias um rabo de saias e te embebedavas como um miúdo. Eu não era perfeito, mas se há alguém para me dizer que errei, não serás certamente tu.

Ambos sabíamos que realmente não importava. Eu carregava a culpa comigo como uma medalha de honra. Foi por isso que as palavras da rapariga me magoaram tanto.

Não aceitava telefonemas nem marcava consultas no Dia dos Namorados porque era um dia para me dedicar à estadia longa e torturante na cidade da Culpa. O menu de hoje consistia em beber durante o dia, seguido de uma queca na melhor amiga da minha ex-noiva, Allison, seguindo-se ser um cretino com a menina Richards (nota: qual será o primeiro nome dela afinal?) antes de descobrir que ela conhecia o Kel. Passar tempo com o parasita do meu pai era a cereja podre no topo do bolo.

Terry afastou o seu prato.

– Existe por aqui alguma coisa mais forte para beber? – Ele cheirou o ar, coçando atrás da orelha. – O vinho não está a dar. – Ele devia voltar para a coca. Deixava-o sempre alegre e bem-disposto. E fá-lo-ia, se pudesse pagar o vício. Infelizmente, o facto de se ter baldado ao contrato de três livros que tinha assinado escavara um buraco na sua conta bancária. Era o que acontecia quando se esbanjava todo o dinheiro dos contratos cinematográficos em prostitutas, drogas e fins de semana selvagens com atrizes que recebiam o triplo daquilo que se ganhava num anúncio de uma máquina de café.

– Bebe à vontade. – Apontei para o bar no canto. Se ele queria arruinar o que restava do seu fígado, o funeral era dele.

Levantei-me e retirei-me para o andar de cima. Passei pelo quarto de Kellan. Ainda intocado há quatro anos. Parei, pus a mão na porta sem a abrir. Quem seria o primeiro a entrar lá? O agente imobiliário quando finalmente vendesse esta casa? Uma nova governanta que esqueceria a minha regra de «não tocar em nada relacionado com o Kellan» e aspiraria a casa? Um maldito terramoto? Não importava. Podia ser um rato e ainda magoaria como um raio.

O Kellan era bom e morreu demasiado cedo. Eu era mau e todos os dias vivia com o diabo à perna. Afastei-me da porta, e entrei no meu quarto. Deitei a cabeça na almofada. Fiquei a olhar embasbacado para o teto como se tivesse entrado num concurso de olhares sabendo que não venceria. O sono não viria.

Dizem que o tempo apaga a dor.

É mentira.

A culpa é o combustível da dor e reacende a chama sempre que ela esmorece.

## Capítulo Dezoito



**Tate**

Ela saiu do escritório às seis e trinta e cinco, acenando ao porteiro com um sorriso.

Eu estava sentado num café do outro lado da rua, observando o edifício como se não tivesse um consultório de doze milhões de dólares por ano para gerir. Estava aqui desde as cinco da tarde por precaução.

Pelo prazer de perseguir a jovem menina Richards, tinha adiado uma consulta de *check-up*, juntamente com dois tratamentos de fertilização *in vitro* e tinha uma herdeira muito perturbada com três centímetros de dilatação no seu quarto no Morgan-Dunn a perguntar-se onde raio estaria o médico. Ver uma assistente mal saída da puberdade a sair do trabalho era provavelmente a resposta que ela não estava à espera de ouvir.

Deixei algumas moedas numa caneca e atravessei a rua para apanhar esta rapariga explosiva antes que ela se perdesse no metro. Os meus olhos não se desviavam da sua figura, o que me dava uma oportunidade de a avaliar.

A menina Richards usava o seu cabelo castanho num penteado propositadamente desgrehado e moderno do género «vai-te lixar, eu sou de Nova Iorque» com franja aberta para os lados. Espessas sobranceiras emolduravam-lhe os olhos verdes. Tinha uma boina preta inclinada de lado, como um artista. Apetecia-me dizer-lhe que ela não era mesmo uma artista. Embora eu não soubesse. Talvez fosse.

Será que queria mesmo discutir com esta mulher?

*Sim. Queria, sim.*

Ela era curvilínea e pequena e beijada pela beleza da juventude – pele suave, pescoço delicado e tornozelos frágeis. Os seus óculos de leitura felinos, o vestido preto e umas *leggings* de xadrez vermelho faziam com que

parecesse saída de um *videoclip* dos No Doubt. Era o tipo de rapariga que Kellan teria gostado.

Muito, mesmo muito.

Atravessei a rua num semáforo vermelho antes de a entrada do metro a engolir. Um carro quase me atropelou, parando no último minuto. Bati no capô e o motorista buzinou durante dez segundos seguidos.

– Aprende a andar, idiota! – gritou ele.

– Aprende a conduzir, idiota! – Levantei a mão e mostrei-lhe o dedo do meio.

Ficou boquiaberto, mas eu já estava a correr na direção da menina Richards. Tinha esperança de que já soubesse que eu tinha consultado a sua chefe nessa manhã, apesar de Reagan ter esperado uma hora e meia enquanto eu realizava uma cesariana.

O meu pequeno confronto com o motorista tinha-lhe chamado a atenção, a ela e a metade da rua. Ficou parada à entrada do metro, olhando fixamente para mim num misto de choque e repulsa.

*Junta-te ao clube, miúda. Eu também não sou o meu fã número um.*

– O que estás a fazer aqui? – Ela fez uma careta. Tinha um sinal entre o nariz e o lábio. Muito à filme *noir*. O Kellan artístico deve ter tido uma grande atração por esta rapariga.

– Não sabia que era a dona de Manhattan. Importa-se de me fornecer um mapa das ruas por onde posso andar?

A minha resposta desafiava toda a lógica. Eu precisava que ela se interessasse por mim e não que atingisse um nível atómico de ressentimento. Era difícil ser-se simpático quando se tinha por hábito ser-se um idiota.

O seu medidor de ódio disparou franzindo os olhos para mim. Virou-se, retomando o seu caminho em direção ao metro. Segui-a quando desceu as escadas. Comecei a sentir-me como um cretino há cerca de uma hora depois de ter aparecido em frente ao seu local de trabalho, desafiando o meu Joe Goldberg. Mas agora o sentimento estava a descambar para o perverso, atirando-me mais para a zona de um Jeffrey Dahmer.

Não podia segui-la até casa.

Correção: preferia não o fazer.

Parecia ser exatamente aquilo que estava a fazer.

– Está bem – disse eu, enquanto ela passava pelo torniquete.

Saltei pelo torniquete ao lado do dela, cometendo a minha segunda infração nos últimos dez minutos. A primeira foi atravessar a rua de forma indevida. Tinha perdido a cabeça. Devia estar a afixar a foto do meu cérebro com recortes com o meu número de telefone pelo meu bairro neste momento.

E mesmo assim continuei.

– O meu comportamento de ontem pode ter sido desnecessário.

– A sua existência é desnecessária.

Ela saltou pelas escadas rolantes. Eu permaneci ao seu lado. Ela abanou a cabeça, mexendo no seu telemóvel. As pessoas resmungavam atrás de nós.

Baixei o tom de voz.

– Oiça, eu tenho perguntas a fazer-lhe.

– A resposta a todas elas é não.

– Então, uma delas é «importava-se se falássemos sobre o Kellan por alguns minutos»?

– Ah, ah, ah – disse ela, mas eu não me estava a rir. – Vá-se embora.

O resmungar atrás de mim intensificou-se. Eu nunca andava de metro e agora lembrava-me por que razão. Além de cheirar a casa de banho pública, suor e a depressão clínica, também tinha um ambiente hostil.

– Só quando me der algumas respostas depois da bomba que largou ontem no meu consultório.

Um tipo de camisola com capuz tocou-me no ombro.

– Ei, podes atirar-te a esse belo traseiro do lado direito da escada como um maldito nova-iorquino? As pessoas estão a tentar passar.

Mudei para o lado direito, dois degraus abaixo da menina Richards. O que me lembrou...

– Afinal, qual é o seu nome?

O meu nariz ficava ao nível da cabeça dela. Ela cheirava a bolachas e cipreste. Talvez até a coco. Muito importante, não era a mijo velho.

– Não é da sua conta.

– Nome giro. Pais artistas?

– Pais mortos – gritou ela. – Está a incomodar-me.

Disse para mim mesmo que os pais dela não podiam realmente estar mortos para poder continuar a incomodá-la de consciência tranquila.

– Dê-me aquilo que eu quero e eu deixo-a em paz.

A sua cabeça virou-se subitamente na minha direção, as sobrancelhas muito franzidas em raiva.

– O Kellan tinha razão.

Foi um murro no estômago, mas eu sorri através da dor. Arrogante e insensível e tudo aquilo por que era conhecido. O distante e charmoso obstetra e ginecologista com um coração de bronze.

Ela dirigiu-se apressadamente para a plataforma.

Eu segui-a.

A minha paciência, um bem já muito raro, esgotou-se. O comboio chegou e a menina Richards entrou. Eu fiz o mesmo. Não fazia ideia para onde íamos. Espero que para o inferno, para poder ter a vantagem de jogar em casa.

No comboio, apercebi-me de que, tirando o mês após a morte de Kellan, eu já não fazia nada de extravagante ou sem marcação há, pelo menos, uma década. Mesmo assim, sentei-me ao lado dela.

Ela tirou uma pilha de papéis de dentro da sua pasta de cabedal. Um manuscrito. Abriu um marcador amarelo com os dentes e traçou uma linha na página.

– Se fosse a si, eu colaborava – disse com um sorriso fechado, ciente do



facto de as pessoas estarem a olhar para nós. Ser preso por assédio ditaria o fim da minha carreira. No entanto, viver sem respostas parecia-me um castigo maior.

Ela virou a página do manuscrito, obrigando-me a alterar para o método «não tão simpático». Devia claramente ter seguido esse caminho assim que a encontrei. Não havia muitas oportunidades de salvar uma relação que começara comigo a olhar diretamente para uma mulher enquanto penetrava outra.

– Não me deixa outra alternativa senão contar à sua chefe que irrompeu pela minha porta ontem e me apanhou a fazer sexo e decidiu ficar confortavelmente a assistir. – Tirei o meu telemóvel e comecei a escrever uma mensagem a Reagan Rothschild.

Ela levantou a cabeça, horrorizada.

– Espere.

*Bingo.*

Os meus polegares voavam sobre o iPhone. Ela devia ter vindo falar comigo assim que o perdi. Ninguém viera falar comigo nem com Terry, exceto a diretora Brooks e alguns professores com ar culpado que mal se lembravam de algo significativo sobre o meu irmão.

Kellan morrera e nenhum dos seus colegas viera prestar condolências.

Ela bateu com a mão no meu telemóvel. Levantei vagarosamente os meus olhos encontrando os dela. Ela desviou o olhar.

*Culpada.*

– Onde podemos falar? – perguntei.

Ela vacilou. Eu queria arrancar-lhe as respostas. Nem sei porque me preocupava tanto. Descobrir o que o levava a fazer aquilo não o ia trazer de volta. Uma parte de mim só a queria castigar por não ter oferecido as suas condolências.

– Sobre o Kellan? – perguntou, franzindo o sobrolho.

– Não, sobre a sua fabulosa boina. As suas escolhas em matéria de moda encantam-me. – Mostrei os dentes como uma fera. – Claro que é sobre o Kellan. – A forma como olhou para mim, com o ódio suficiente para congelar o sol, deu-me vontade de rir.

Provavelmente achava que eu me importava com a sua opinião sobre mim. Provavelmente achava que eu me importava, ponto final parágrafo. Eu tinha deixado de me importar no dia em que ele morreu. A partir desse dia atirei-me ao trabalho sem me preocupar em construir uma vida fora dele.

– Então? – perguntei, franzindo o sobrolho.

– Bem, mas hoje não.

– Porque não?

– Eu tenho planos.

O que podia ser mais importante do que o Kellan?

– Elabore.

– Eu não quero. – E inclinou o queixo para cima.

Agarrei no telemóvel e retomei a minha mensagem para Reagan. A menina Richards afastou-o com um empurrão. Caiu-me no colo e apareceu a imagem de ecrã bloqueado – o Kellan escondido atrás de um livro, a sorrir.

Virei o telemóvel.

Ela reteve a respiração.

Ela viu.

– Vou levar a minha irmã ao dermatologista – respondeu, mais calma. O que não fazia sentido.

A maioria dos dermatologistas da minha clínica dava consultas até às cinco. O mais tardar, às seis.

Mas eu não insisti porque não lhe queria dar qualquer motivo para que mudasse de ideias.

– Então, quando?

– Amanhã. Há um pequeno café mesmo em frente ao meu escritório...

– Eu conheço o sítio – disse eu. – A que horas?

Reparei que a sua perna direita estava agitada, balançando para cima e para baixo. Um tique nervoso.

– Seis.

– Agora vamos começar de novo. Tem um nome, menina Richards?

– Charlotte. O meu nome é Charlotte. – Ela lambeu os lábios. – Eu diria que era um prazer conhecê-lo, mas ambos sabemos que esse não é o caso.

Levantei-me e saí do comboio sem olhar para Charlotte.

– Espere – disse ela. – Não devíamos trocar números de telefone ou algo do género?

Praticamente conseguia ouvi-la a corar. Sem sequer me virar, saí pela porta enquanto lhe respondia.

– Não. Não quero ter nada que ver consigo depois de amanhã.

# Capítulo Dezanove



## **Charlotte**

— Olá, Char, como estás? – Jonah, o meu vizinho, cumprimentou-me quando cheguei ao corredor entre as nossas portas. Eu vinha a entrar e ele a sair.

Eu vivia em Morris Heights. Muito longe da duvidosa Westchester Square para onde eu e a Leah nos tínhamos mudado depois da morte dos nossos pais. A nossa nova casa era maior. Tínhamos dinheiro suficiente para que a nossa vida não fosse uma constante luta. Não nadávamos em dinheiro, mas não tínhamos de pensar duas vezes antes de pagar as contas ou fazer as compras semanais.

Tudo o que não fosse isso era um luxo, mas a maior parte do tempo, entre o meu salário e o trabalho da Leah como esteticista num salão de pestanas em Times Square, conseguíamos sobreviver.

Retribuí o cumprimento de Jonah, ainda a tremer do meu confronto com Tate Marchetti.

– Já tive dias melhores. E tu?

– Não me posso queixar. – Ele franziu o sobrolho, virando a minha boina de lado e remexendo-me o cabelo como se eu fosse uma criança. – Está tudo bem?

Ele usava um casaco de cabedal roto, calças de ganga rasgadas e botas de motoqueiro. A barbicha clara, o emprego de mecânico e os músculos que ameaçavam rasgar-lhe a *t-shirt* davam-lhe um ar de Charlie Hunnam e todas as raparigas do bairro estavam dolorosamente conscientes disso. Partilhava a guarda conjunta da sua filha, Rowling (sim, por causa da escritora), com a sua ex-mulher.

– Nada de preocupante. – Só estou a ser perseguida por um médico lindo e furioso. – E tu? Como está a Rowling? Precisas de alguém que tome conta

dela?

Por vezes o Jonah era chamado para trabalhos especiais durante o fim de semana. Quando isso acontecia ele deixava a Rowling em nossa casa. Fazíamos bolachas, líamos livros e íamos juntas à biblioteca quando a Leah tinha vontade de se maquilhar. Depois o Jonah voltava com comida, um refrigerante para a Rowling e cerveja para nós. Detestava admiti-lo, mas os fins de semana com o Jonah e a Row eram o auge da minha vida social nos dias de hoje.

– Não. É o fim de semana da Luanne. Ela vai levá-la a um sítio chique com o novo namorado. Ouvi dizer que há um ringue de patinagem envolvido. A Row está muito entusiasmada. Na verdade, queria perguntar-te uma coisa. Há um festival de carros *vintage* em Jersey este fim de semana. Tenho bilhetes grátis do trabalho. Estava a pensar em ir lá com a Leah. Se ela estiver interessada neste tipo de coisas, obviamente. – Ele passou os dedos sobre o seu cabelo comprido. O interior das suas unhas era preto.

Eu sabia que era um teste. O Jonah queria saber se valia a pena convidar a Leah para sair. Não era segredo que ela não gostava muito de namorar.

Encostei-me à porta, chupando as bochechas.

– Estás a perguntar-me se é boa ideia convidá-la ou se ela está disponível?

Ele imitou a minha linguagem corporal, encostando-se à porta com os polegares dentro do cós das suas calças Levi's. A Leah devia estar a chegar a qualquer momento. Íamos ao dermatologista, que nos atendia fora de horas porque a minha irmã tinha demasiada vergonha de mostrar a cara em público sem maquilhagem.

– Ambas.

– O meu palpite é que ela não tem planos para o fim de semana, mas não posso dizer se aceita sair contigo. Sabes como é a Leah.

Jonah nunca vira a Leah sem maquilhagem. Ele nunca vira a pele nodosa sob as camadas de base ou a forma como o fogo lhe tinha apanhado a ponta da orelha, dando-lhe um aspeto pontiagudo de elfo. Provavelmente tinha reparado na descoloração por trás da base. Mas não sabia como era por baixo das pinturas de guerra.

– Ela saiu com alguém desde o incêndio?

– Que eu saiba, não – disse, abanando a cabeça.

– Bolas!

– É isso mesmo.

– Ela é linda! – Ele puxou a barbicha, franzindo a boca de lado. – A mulher mais bonita que conheço. Sem ofensa.

– Não me ofendi.

A Leah era, e seria sempre, deslumbrante. Acho que as pessoas têm duas caras: aquela que o mundo vê e aquela que veem ao espelho. A única coisa que a Leah conseguia ver quando olhava para si própria era Aquela Noite.

O tilintar de chaves dois andares abaixo anunciou a chegada de Leah. A

porta abriu-se com um gemido e depois fechou-se com estrondo.

Ouvi um pequeno gemido familiar.

– Esta raposa bebé vai ser o meu fim. Sou a única tonta no universo suficientemente burra para alimentar uma raposa urbana – murmurou ela.

Jonah e eu trocámos olhares. Mordi o lábio para reprimir uma gargalhada. Jonah uivou em plenos pulmões. Essa era outra coisa sobre a Leah. Ela era maravilhosa. Genuinamente boa e doce de coração.

Ouvimo-la subir as escadas. Ela apareceu no terceiro andar com uma camisola de gola alta amarelo-canário, que escondia ao máximo a sua pele, e calças de cabedal justas. Segurava um recipiente vazio onde devia ter guardado a comida para aquela raposa bebé que andava à noite pelo parque por trás do edifício, à procura da sua mãe.

Ela olhou para nós, franzindo o sobrolho.

– Parecem estar a tramar alguma coisa. Jonah, sabes que vou fazer um saco da tua cabeça se meteres a minha irmã mais nova em sarilhos.

Jonah bufou.

– Tu sabes que é a tua irmãzinha que me vai pôr em sarilhos.

Leah levantou a sobrancelha boa. A direita era quase existente por causa da cicatriz. Ela fazia um bom trabalho pintando-a quando saía de casa. Mal dava para perceber.

– A minha irmã é uma tonta – disse ela, com alguma malícia. Ela amava-me, mas não gostava de mim. – Tu também és demasiado velho para ela. Ela só tem vinte e dois anos. E tu tens o quê? Trinta?

– Trinta e um. E tu tens vinte e sete – retorquiu ele.

Por alguma razão pensei no Tate. Ele devia andar pelos trinta e poucos. Depois pensei que a Leah ia odiar a ideia de eu namorar com alguém com trinta e poucos anos. Não que eu alguma vez namorasse com o Tate.

– O que tem isso que ver com o resto? – perguntou a Leah, fazendo uma careta. Como se o facto de ela ser solteira ou mulher não tivesse nada que ver com a nossa conversa.

– Descobre tu mesma, meu chazinho. – Ele piscou-lhe o olho, enrolou as chaves no dedo e desceu as escadas a correr.

Virei-me para olhar para a minha irmã. Nos quatro anos que tinham passado desde que eu terminara o liceu, tínhamos aperfeiçoado a arte de fingir que estava tudo bem. Mas, no fundo, ela sempre se ressentiu de mim.

Ressentida pelo facto de a ter obrigado a ocupar o lugar dos meus pais quando ela tinha apenas dezoito anos.

Ressentida por ter atravessado o fogo para me salvar.

Ressentida por ter matado o pai e a mãe.

Por parecer menos perfeita quando podia ter escolhido qualquer homem no mundo antes de as chamas lhe corroerem a beleza. Antes de o fogo a consumir.

Leah procurou na sua mala de franjas o seu maço de tabaco, enfiou um cigarro de mentol nos lábios enquanto entrávamos no nosso apartamento.

– Reparaste que ele te chamou chazinho? – perguntei.

Leah encolheu os ombros dirigindo-se ao seu quarto e voltando com toalhetes de remoção de maquilhagem. A sua cara tinha de estar limpa para que o dermatologista a avaliasse. Ela aplicava uma tonelada de cremes médicos todos os dias para minimizar os danos na sua pele e evitar que esta caísse.

Começou a tirar a maquilhagem com o cigarro entre os lábios.

– Nem por isso.

– Porque te chamaria ele isso?

– Porque eu bebo seis chávenas de chá por dia – disse Leah, impassível.

– Mistério resolvido. Deixa o cheque no correio.

Pus a chaleira ao lume para lhe fazer um chá antes de sairmos.

– Mas como é que ele saberia isso? Não estás muito tempo a sós com ele, pois não?

– Talvez a Row lhe tenha contado. Passamos muito tempo com ela.

– Porque é que ele perguntaria à Row? – Afastei um sorriso estúpido com o coração inchado no peito. Pela primeira vez em quarenta e oito horas consegui concentrar-me em algo que não fosse Tate Marchetti. – Acho que o Jonah está interessado em ti.

– Acho que estás maluca. – A sua sobrancelha saudável curvou-se numa interrogação. – Ele está só a ser simpático porque tem dez horas por semana de *babysitting* gratuito. O mínimo que ele pode fazer é ser gentil e trazer comida. – Ela entrou na cozinha longa e estreita e abriu o armário do lixo, deitando fora os toalhetes que tinha usado. – De qualquer forma, não quero falar do Jonah. Vamos fazer-nos à estrada.

A chaleira apitou.

A minha perna direita balançou.

– Mas não achas que ele é... giro?

– Acho que ele é um motociclista lindo que está habituado a ter as mulheres aos pés e não quereria namorar com um monstro.

– Estás enganada – disse eu, com convicção, deitando água quente na garrafa térmica de unicórnio. – Ele quer convidar-te para sair este fim de semana. Devo dizer-lhe para não o fazer?

Leah inclinou a cabeça, lançando-me um olhar. Como se a ideia de sair com a sua horrível condição física fosse aterrorizante.

Deu uma baforada no cigarro e abanou a cabeça.

– Faz a porcaria do chá, Charlotte.

# Capítulo Vinte



## Charlotte

O dia seguinte arrastou-se de forma assustadoramente lenta. Perguntei-me se o Tate teria pensado no dia de hoje tanto quanto eu (provavelmente). Depois, perguntei-me se o Tate pensava no que eu pensava quando pensava nele (sem hipótese nenhuma).

Quando o relógio bateu as seis, o meu estômago andava às voltas e algo pesado se afundou dentro dele. Olhei à minha volta, tentando encontrar razões para ficar no trabalho. Reagan tinha saído. Assim como a Abigail e a Irene, as minhas outras colegas. Já tinha realizado todas as minhas tarefas, estava tudo arrumado e eu sabia que, por mais hostis que os meus sentimentos fossem para com Tate, ele merecia respostas sobre Kellan. Era altura de enfrentar o monstro.

Senti as minhas pernas muito pesadas quando me dirigi para o café do outro lado da rua. A culpa e a raiva agitavam-se dentro de mim como um remoinho. Culpa, porque eu sabia que este encontro com o Tate já devia ter acontecido há muito tempo. Nunca me perdoei por não o ter contactado depois da morte do Kellan. Imaginei que ele e o Terry encontrariam algum conforto por saberem que o Kellan tinha uma amiga na escola. Mas acabei por nunca contactar o Tate porque estava furiosa.

O que me levou à raiva. Estava zangada com ele. Zangada pela forma como ele fizera o Kellan sentir-se e pela forma como agira quando nos encontrámos no seu consultório. Era como se ele tivesse validado cada coisa terrível que o Kellan tinha dito sobre ele.

A campainha do teto tocou quando entrei no café. Era um cafezinho de bairro, inspirado no Central Perk da série *Friends*. Sofás acolhedores, canecas coloridas do tamanho de um balde e cartazes de bandas locais e de espetáculos de *stand-up* da zona.

Tirei o lenço do pescoço e olhei em redor. Localizei-o de imediato. Estava sentado sozinho no canto mais afastado da sala. Uma força enorme e sombria enfiada numa ridícula poltrona amarela, com as mãos apoiadas nos braços como um rei no seu trono. Tão alto que os seus joelhos roçavam a mesa redonda à sua frente.

Usava uma camisola de gola alta preta justa realçando os seus bíceps e calças *cigarette*. Parecia um modelo pornográfico de mocassins.

Quando me viu, levantou-se e fez-me sinal. Os meus olhos desviaram-se para o seu rosto que não parecia convencido nem indiferente. Nenhuma das características que demonstrara da primeira vez que o vira no seu consultório: aquele ar de indiferença que eletrizava tudo à sua volta.

Não. Ele parecia uma nuvem sombria que estava prestes a deixar cair a chuva sobre mim.

Dirigi-me a ele, tirando a boina da cabeça e deixando-a cair em cima da mesa. A minha boca estava tão seca que a língua se colava ao céu da boca. Devia dar-lhe um aperto de mão? Abraçá-lo? Por mais estranho que parecesse, sentia que tínhamos algo que nos ligava. Kellan.

– Quer tomar alguma coisa? – perguntou Tate.

– Um café.

– Como toma o seu café?

*Com um ataque cardíaco se não acabarmos isto depressa.*

– Americano. Sem açúcar. Sem natas. – Eu normalmente tomo o café com ambos, mas parecia-me errado incomodá-lo com coisas mundanas quando estávamos prestes a ter uma conversa tão pesada.

Sentei-me em frente à sua cadeira. Tate regressou com uma chávena de café fumegante e o número de telefone da empregada do café que ela rabiscara num guardanapo. Colocou o café à minha frente e amarrotou o número, atirando-o para o lixo. Balancei a minha perna direita e evitei o seu olhar quando ele se sentava.

Ele foi direito ao assunto.

– Alguma vez ia aparecer e contar-me sobre o meu irmão se não nos tivéssemos encontrado através da Reagan?

– Provavelmente não – disse eu, honestamente, lembrando-me de que ele apreciava a minha rebeldia. – Ele não era o seu maior fã. Achei que não merecia.

Ele acenou com a cabeça, surpreendentemente calmo.

– E o meu dador de esperma? O Kellan também não gostava dele?

Abanei a cabeça, nada surpreendida por ele se referir ao pai pela sua alcunha.

– Não. Com o Terry não avancei porque achei que ele era um idiota. Foi uma decisão executiva.

Ele quase sorriu. Só uma sombra de sorriso.

– Vamos começar pelo princípio. Como é que vocês se conheceram?

– Conhecemo-nos em St. Paul. – Peguei na caneca de café com as mãos



para me aquecer. – Conheci o Kellan em fevereiro do oitavo ano. Conectámo-nos.

Tinha decidido ontem à noite, enquanto me revirava na cama, ser seletiva no que contaria a Tate. Não ia mentir, mas planeava distorcer a verdade quando fosse apropriado. Não importava que Tatum fosse um idiota. Se o dia de ontem provara alguma coisa, era que ele gostava do Kellan. O homem até me perseguiu no metro.

– Como é que vocês se conheceram?

*No telhado.*

– Numa sala de aula. Ele foi para lá para... – *Acabar com a vida.* – ... pensar, e eu fui pela mesma razão. Começamos a falar. Estávamos ambos muito em baixo na altura. Não estávamos à espera de que o outro estivesse lá. Acho que nos esquecemos da nossa armadura no corredor.

Não podia dizer-lhe que nos tínhamos conhecido no telhado. Não, porque o Kellan tinha acabado com a sua vida lá. Tate era esperto. Ele juntaria dois mais dois e compreenderia o simbolismo daquilo e o meu papel nisto.

Além disso, permitir ao Tate mergulhar na vida do Kellan parecia uma invasão à privacidade dele. Uma traição à sua confiança. Eu já não podia pedir permissão ao Kellan para contar os seus segredos íntimos e sombrios, por isso tomei a decisão por ele de partilhar o mínimo possível e, ao mesmo tempo, ainda dar ao seu irmão algum encerramento.

– Quão má era? A depressão dele? – perguntou Tate. A dor que contraía o seu rosto era tão palpável que quase me tirava o fôlego.

– Ele não era feliz. – Bebi um gole do meu café. Sabia a esgoto. Amargo e turvo. Pousei a caneca. – Depois daquele primeiro encontro, tornámo-nos amigos. Eu dava-lhe livros para ler e ele dava-me contos que escrevera. Era um mágico com as palavras.

Tate olhava fixamente para mim como se ainda estivessemos em guerra. Talvez estivessemos.

– Ele odiava-me – disse Tate. Uma afirmação. Não uma interrogação.

Encolhi os ombros. Não era falso.

Tate recostou-se, passando a mão pelo queixo bem definido. Havia algo de sombrio e decadente nele. Acho que só encontraria gelo por baixo da sua pele, dos seus impossíveis olhos cinzentos-claros, da sua boca desejável e do corpo para o qual trabalhara tanto.

– Ele pensava que eu o tinha separado do Terry – disse Tate, mais para ele próprio do que para mim. Chamava-lhe Terry e não pai. De alguma forma não fiquei surpreendida. Era melhor que Dador de Esperma.

– E não o fez?

Tate franziu o sobrolho.

– Alguns anos depois da mãe do Kellan morrer, o Terry ligou-me às quatro da manhã. Disse-me que cuidar de um filho estava acima das suas capacidades. Ele simplesmente não era feito para ser pai. Ou deixava o Kellan em minha casa ou enviava-o para um internato. Eu não era muito próximo do

Kellan – éramos meios-irmãos, mais de uma década de diferença de idades – mas eu sabia que ele estava a sofrer principalmente pelo que tinha acontecido à mãe. Eu estava prestes a iniciar o meu internato e trabalhava horas insanas. Mas não podia deixar este miúdo num qualquer instituto a quilómetros daqui. No dia seguinte, deixei o meu apartamento, encontrei o mais próximo que consegui de uma casa de família e mudei-me para lá com o Kellan. O nosso dador de esperma largou-o à minha porta a caminho de Miami para ir divertir-se com uma modelo europeia que prometia chupar-lhe o sexo em troca de um pequeno papel numa das suas adaptações ao cinema. Alerta *spoiler*: ela não conseguiu o papel.

As suas palavras cortavam-me o coração, e o meu corpo parecia um origami de tão dobrado que estava. Tentei disfarçar a minha tosse bebendo um gole daquele café horrível. Kellan não soubera disso.

– Porque não explicou isso ao Kellan?

– As mentiras magoam. A verdade dilacera. Ele teria ficado destruído se soubesse a verdade sobre o seu pai.

– Se não pedi para ficar com ele, então porque pediu a custódia dele?

Tate olhou fixamente para mim como se eu fosse uma ave rara e algo fez sentido.

*Claro.*

– Eu não pedi.

– Foi o que o Kellan me disse.

– Foi o que o Terry lhe disse. – Se o olhar matasse, eu sairia daqui direta para a morgue. O jogo de olhares do Tate não era brincadeira. – O Terry sempre foi um pretexto. Não que eu não conseguisse a custódia se quisesse. A verdade é que o Terry nunca mostrou qualquer interesse em educar o Kel.

Não tinha a certeza se ele me estava a dizer o que queria que eu ouvisse para me sacar mais informações ou se era mesmo verdade. Sabia que o Kellan não era mentiroso. Mas também sabia que o Kellan fora um adolescente em grande sofrimento. Ele vira a vida através de óculos sombrios, esmagado pelas consequências de ser filho de dois ícones culturais demasiado traumatizados.

– O Kellan disse-me que tinha começado a monitorizar o tempo que ele passava com o Terry.

Franzi os lábios, mas o meu ressentimento contra o Tate começou a dissolver-se como fumo. Tudo o que ele dizia fazia sentido. Por que razão um médico jovem e ambicioso a realizar o seu internato seria tão intransigente para ficar com a custódia do meio-irmão que ele mal conhecia? Não fazia sentido.

– O Kellan também mencionou que o Terry lhe deu erva e *ecstasy*? – Os olhos tempestuosos de Tate tornaram-se mais sombrios.

– Não, ele não mencionou isso.

Passou a língua pelos dentes.

– Pois. Também achei que não.

– Corriam rumores na escola que o Kellan consumia drogas – admiti. – Mas nunca o confrontei com isso. Sabia que ele me afastaria e eu não o queria perder como amigo.

– Ele drogava-se com frequência. A primeira coisa que eu fazia quando chegava a casa todas as noites era verificar o seu quarto, a casa de banho e a cozinha para tentar encontrar a droga. Deitava-a pela sanita. A sanita dele viu mais droga do que o Ozzy Osbourne. Eu verificava o seu telefone com aplicações e percorria a escola depois de um turno duplo na clínica, de olhos vermelhos, só para ver onde ele estava. O pior era que o Terry o ajudava a drogar-se. Depois de perceber que o Kellan pagava ao Terry com o dinheiro do almoço, comecei a mandá-lo para a escola com refeições preparadas. Pensei que talvez se esse parasita não tivesse o incentivo do dinheiro, ele deixaria de dar droga ao seu filho. Quanto mais tentava ajudar o Kellan, mais ele me afastava.

Eu não estava à espera de nada disto. De saber o quanto o Tate se preocupava. De saber que a culpa não era sua. Percebia porque o Kellan queria culpá-lo de tudo. Ser rejeitado pelos dois pais era pior do que odiar o meio-irmão demasiado controlador que mal conhecia.

Ele olhou fixamente para a caneca, depois pestanejou e olhou para mim.

– Dei-lhe tudo o que podia.

– Namorou uma mulher que ele odiava – atirei, encontrando finalmente um buraco na sua versão dos acontecimentos. – Ele odiava a Hannah.

– Eu acabei a relação com a Hannah por causa do Kellan. – Tate cerrou os dentes, balançando-se para a frente como se eu o tivesse magoado fisicamente. O fogo no seu olhar ameaçava queimar-me. – Também namorei com ela por causa dele. Ela parecia ser uma boa ideia na altura. Uma enfermeira. Doce, simpática e carinhosa. Vinha de uma grande família sulista. Era do género de combinar pijamas no Natal e de fazer comida caseira. Achei que ela conseguiria substituir a mãe horrível que morreu de *overdose* quando o Kellan estava a dormir no quarto ao lado. Sabia que o Kellan encontrou a mãe quando teve um pesadelo? Ele correu para o quarto dela e tentou acordá-la. Ela nunca abriu os olhos.

Caí para trás e belisquei o nariz. Todos na vida de Kellan tinham falhado com ele. A sua mãe. O seu pai. O seu meio-irmão. *Eu*.

– A Hannah tentou durante algum tempo – explicou Tate. – Acho que ela sabia por que razão eu andava com ela. Por que razão a escolhi. Ela fazia um esforço extra para ajudar o Kellan.

– A sua versão das coisas era diferente. O Kellan disse que ela era intrometida e chata. Queixava-se sempre que ela tentava dizer-lhe o que fazer, o que vestir, como agir.

Tate fez uma careta com a boca.

– Ela estava a ficar farta. Passado um ano, eu comecei a ficar impaciente quando me apercebi de que o meu McFamília instantâneo não estava a resultar. O Kellan não estava a cooperar. Eu era jovem num emprego novo, e

carregava o apelido de um famoso toxicodependente e ainda estava a criar um miúdo de quinze anos. Eu era horrível e amargo. Tanto o Kellan como a Hannah sofreram. Quando se tornou evidente de que o Kellan não conseguia gostar da minha noiva, ela mudou de tática.

– Escola militar. – Belisquei a perna direita para a impedir de balançar. Lembrava-me do quanto tinha odiado Hannah por ter sugerido isso.

Tate fez um estalido com a boca.

– Ele contou-lhe?

– Ele estava chateado – disse, acenando a cabeça.

– Não sabia que ele estava a par disso. Ela falava sempre disso quando pensava que ele não estava a ouvir. Isso irritava-me. Mesmo que, naquela fase, a minha relação com o Kellan estivesse tensa, eu achava sempre que ele ia entender. Que teria uma melhor perspetiva quando crescesse. Quando a Hannah começou a insistir na escola militar, acabei com ela.

Baixei o olhar.

– Ele pensava que ela o tinha deixado a si porque o odiava. Gostava que ele tivesse sabido o quanto gostava dele. Ele pintou um quadro completamente diferente. Por isso achei que seria uma boa ideia irromper pelo seu consultório e ensinar-lhe alguma humildade.

– Era isso que estava a fazer?

Um sorriso em forma de meia-lua surgiu nos seus lábios. Era a primeira vez que o via sorrir verdadeiramente e, por momentos, perdi o fôlego. Ele era tão parecido com o provocador e charmoso Kellan e, no entanto, era totalmente diferente. Queria estender a mão a tocá-lo, mas isso seria uma loucura.

– Queria fazê-lo sentir-se desconfortável – admiti.

– *Idem*.

– Missão cumprida. – Eu ri-me, lembrando-me de como ele tinha olhado para mim em desafio quando penetrava Allison. – Desculpe ter interrompido.

– Desculpe por... – interrompeu-se. Eu sabia do que é que ele estava arrependido. Por ter mantido o meu olhar enquanto estava dentro dela. – Se vale de alguma coisa, eu sou sempre um cretino idiota, mas no Dia dos Namorados atinjo um nível superior.

– Esse dia também é difícil para mim. Tréguas? – Enrolei os dedos e ofereci-lhe o mindinho. Ele agarrou-o. Parecíamos muito cómicos juntos, uma vez que ele era muito maior que eu.

– Tréguas.

O silêncio estendeu-se entre nós, formando uma barreira invisível que sabia que não podia atravessar. Agora eram os nossos olhos que falavam. Algo se passou entre nós. Uma espécie de aceitação. Perdoei-lhe por ser um idiota e ele perdoou-me por coisas que nem sequer sabia. Coisas horríveis.

Por não lhe ter dado o conforto quando podia.

Por lhe ter escondido toda a verdade.

Por lhe ter contado as mentiras em que me tornara tão boa a contar a

mim própria.

– Ele nunca lhe disse que queria fazer isto, pois não?

Tate não estava a perguntar.

Ele estava a implorar.

Ele queria acreditar que isto tinha surgido do nada. Que nenhum de nós podia ter sabido. Que ele não tinha ignorado os sinais gritantes. A minha consciência dizia-me que mais um golpe na sua alma despedaçada não ia fazer diferença, mas a verdade cobarde era que eu não queria que ele me odiasse. Ele era a única coisa que o Kellan tinha deixado e eu não suportava a ideia de ele voltar a desprezar-me.

Abanei a cabeça, mas não consegui pronunciar a palavra «não» em voz alta.

Mentira número um.

– Acho que não o faria. – Tate coçou o queixo. – Posso fazer-lhe uma pergunta pessoal?

– Acho que sim.

– Vocês eram amigos ou algo mais?

– Só amigos.

Mentira número dois.

Esta contei como meia mentira. A única coisa que tínhamos feito fora dar um beijo, mas preferia que o Tate não soubesse disso. O amor adolescente é a maior dor de todas. Ensina-nos o poder que as outras pessoas têm de nos destruir. Não queria que o Tate olhasse para mim e visse outra pessoa no coração de Kellan. Ainda assim, as palavras sabiam a cinza na minha boca. Eu não era mentirosa.

*Agora és.*

– Obrigado pelo seu tempo. – Ele bateu com a mão no joelho. – Foi muito apreciado.

Talvez fosse porque o Tate tinha pedido desculpa ou talvez eu não quisesse ir para casa e ver a Leah, manchada com as cicatrizes que eu lhe causara num momento de imprudência... Mas, de repente, eu só queria passar mais umas horas com este homem. Só para me certificar de que ele estava bem.

– Que tal irmos ao bar ao fundo da rua? – sugeri, com a cara a escaldar.

– E se eu lhe chamasse um táxi? – retorquiu ele, exibindo aquele sorriso Marchetti que virava as mulheres do avesso. – Acho que já passa da sua hora de dormir.

*Idiota.*

– Eu tenho vinte e dois anos.

Bem, acabados de fazer.

– Ainda é, pelo menos, menos seis do que eu para ser-se visto publicamente comigo.

– Estamos em público neste momento...

– Café é igual a amizade. Álcool é sair num encontro – disse ele,

impassível.

Engasguei-me com o café horrível e espalhei-o pelo colo. Tate olhava para mim com um à-vontade como se provocasse sempre esta reação nas pessoas.

– Quantos anos tem?

– Trinta e quatro.

– Não é assim tão velho.

– Não. E mesmo assim... – Ele levantou-se, vestindo o casaco preto que lhe assentava na perfeição.

Levantei-me com o pânico a correr-me nas veias. Finalmente percebi. A presença de Tate dava-me conforto. Fazia-me sentir como se estivesse com o Kellan. *Ufa. Isso é natural, certo?* Não implicava que eu gostasse dele. Não gostava.

Tate agarrou no telemóvel e na carteira de forma robótica.

– Obrigado, Charlotte Richards. Adeus.

Ele estava a ir-se embora. Não podia deixá-lo ir. Não depois de tudo o que ele me tinha dito. Não depois de saber que ele tinha desistido de tanta coisa pelo Kellan. Procurei no meu cérebro algo que o fizesse ficar. Algo que aliviasse a dor que ele estava a sentir.

Porque eu também a sentia. Todos os dias acordava ciente de que tinha falhado com Kellan ao chegar atrasada naquele dia. Que tinha arruinado a vida da minha irmã ao cometer um erro colossal. Nem conseguia imaginar o que o Tate sentia quando abria os olhos todas as manhãs.

– Escrevi uma carta à diretora Brooks. Sobre o Kellan – tentei, sabendo o que tinha acabado de arriscar. Que se ele pensasse bem, perceberia o que aquilo significava, e também a minha mentira – que Kellan nunca me tinha contado os seus planos – acabaria por dissolver-se como pó.

Tate parou no meio da cafetaria movimentada. O cenário de fundo de uma Manhattan iluminada brilhava através das janelas, iluminando a sua magra figura. Em suma, ele parecia um anjo caído, o que era completamente insano porque ele era um médico famoso e eu era uma mera assistente. Ele podia encontrar muitas outras mulheres para o salvar. Continuou de costas para mim quando falou.

– Qual é a tua bebida de eleição, Charlie?

– Charlie? – Senti o coração na garganta, quase pronto a saltar para o chão, ganhar pernas e correr até ele.

– Charlotte é demasiado formal para ti. – Ele continuava de costas voltadas para mim.

– É?

Ele acenou a cabeça.

Eu gostei.

*Charlie.*

– Bud Light. O Kellan costumava roubar-te o *stock* e partilhá-lo comigo.

Tate virou a cabeça, lutando contra um dos seus sorrisos impressionantes

que nos faziam andar com a cabeça à roda que eu sabia que ele escondia por trás da sua expressão estoica.

– Eu sabia disso. Por isso é que comprava sempre a mais. Ah, e ele teria dado cabo de ti por o teres denunciado, Charlie.

# Capítulo Vinte e Um



## **Charlotte**

**D**irigimo-nos para um bar por onde passava todos os dias a caminho do trabalho, mas que nunca tinha entrado. Apesar de ser amiga das minhas colegas, não gostava muito de socializar. Também não era fã de cerveja. Mas pelo irmão do Kellan agarrei uma garrafa de Bud Light enquanto nos sentávamos em bancos altos.

«The Cute That Always Bleeds», de Conan Gray, tocava, sentindo-se nas paredes de néon amarelas. O interior fez-me sentir que tinha sido teletransportada para dentro de um submarino e se não fosse pela força tranquilizadora dos olhos cinzentos do Tate ficaria com claustrofobia. Ele bebia um Rusty Nail, dobrando a base do copo na sua mão enorme. As suas mãos distraíam-me demasiado, por isso olhei para o balcão de madeira.

– Tinha as minhas suspeitas. – Tentei chegar à verdade com calma. – Sobre o Kellan querer suicidar-se, quero dizer. Mas sempre que eu abordava o assunto, ele interpretava-o como uma crítica e afastava-me. Também não ajudou o facto de com o tempo passarmos por diferentes mudanças. Eu estava a começar a aceitar os meus problemas, mais ou menos, e ele continuava a acumular os dele. Então, procurei a ajuda da diretora Brooks.

– Falaste com ela?

– Não, escrevi-lhe uma carta de quatro páginas. Mas assinei-a com o meu nome e disse-lhe que estava pronta a falar quando ela quisesse. Nunca me abordou.

Tate inclinou a cabeça para trás e terminou a bebida de um só trago. Bateu com o copo no balcão.

– Ela apareceu depois do que aconteceu. Deu-me um discurso de fachada, de como encorajava os seus alunos a procurarem terapia e falarem



abertamente sobre os seus sentimentos. Disse que St. Paul tinha sempre dois conselheiros à disposição dos alunos.

– Eu sabia – murmurei. No mínimo ela deve ter falado com o Kellan, porque ele descobriu que eu o tinha denunciado e bloqueou o meu número.

– A não ser que ela não tenha lido a carta.

– Como é que se consegue não ler uma carta íntima? É demasiado tentador, acho eu.

Tate encolheu os ombros.

– Não é para todos.

Eu acreditava nele.

Acreditava que ele não se interessava por nada nem por ninguém. Tinha um ar intocável, de alguém que já tinha amado e perdido e que não pensava cometer o mesmo erro duas vezes.

Arqueei uma sobancelha.

– Então, se encontrasses cartas não enviadas que o Kellan escreveu e soubesses que ele não queria que as lesse, não as lerias?

Tate não perdeu a compostura.

– Não as leria.

– Mesmo que fossem sobre ti?

– *Sobretudo* se fossem sobre mim.

Mordisquei o lábio inferior.

– Tu és estranho.

– E tu estás a empatar. Fala-me mais sobre o Kellan.

Eu atendi ao seu pedido. Confessei que era eu quem ia ao túmulo de Kellan e deixava rosas todos os dias dos namorados. O Tate sempre se tinha interrogado sobre quem seria essa pessoa.

Ele contou-me coisas que eu também não sabia.

Por exemplo, o Kellan era um atleta famoso e muito popular em miúdo, tal como eu suspeitava. Membro da equipa de natação e estrela do atletismo. Depois, a sua mãe morreu de uma forma muito publicitada e embaraçosa.

A partir daí, os miúdos gozavam com ele por causa da sua família problemática. Os pais deles cancelaram as brincadeiras entre eles e, sem a mãe, Kellan não tinha ninguém para o levar a casa dos amigos depois da escola.

O pai estava enfiado no quarto a escrever ou a festejar a vida e o irmão estava em Harvard a estudar medicina.

Tate tinha crescido com uma mãe normal, que se separara de Terry Marchetti mesmo antes de dar à luz Tatum. Ela tinha incutido no filho toda a normalidade do mundo, mas Kellan nascera mesmo de uma modelo problemática, uma artista torturada e da sua história de amor pública.

O Tate disse-me que o Kellan tinha os mesmos problemas de abuso de substâncias que o Terry. Ele admirava o pai e tentava imitá-lo em tudo. Até nos maus hábitos. Trocámos notas durante sabe Deus quanto tempo até que, de repente, quando chegámos à terceira bebida, ficámos em silêncio.

O Tate ficou a olhar para o bar.

Eu fiquei a olhar para ele.

– Amanhã tenho de acordar cedo. – Puxou o cartão de crédito, colocando-o entre os dedos indicador e médio, entregando-o à empregada do bar.

Mexi na minha mala para tirar o meu também, mas ele tapou-me a mão com a sua. Um choque de eletricidade fez-me arrepiar os pelos dos braços e eu respirei fundo.

Ele soltou-me.

– O teu dinheiro não vale nada aqui.

A empregada do bar devolveu-lhe o cartão com um recibo e um guardanapo com o seu número de telefone. Observei atentamente enquanto Tate lhe dava uma gorjeta de trinta por cento, tirou o guardanapo e amarrotou-o na mão quando ela se virou.

Sáímos. Enrolei os braços à minha volta, mas não por causa do frio.

Tate começou a fazer sinal para os táxis.

– Eu chamo-te um táxi.

Um olhar rápido para o meu telemóvel mostrou-me que já eram onze e meia, e a rapariga de vinte e dois anos de hoje era muito mais cuidadosa quanto a andar nas ruas de Nova Iorque no meio da noite do que quando era adolescente.

*Passámos mesmo cinco horas e meia juntos?*

Um táxi parado num semáforo fez-nos sinais de luz, indicando que se aproximava.

Virámo-nos um para o outro ao mesmo tempo.

– Obrigado por fazeres isto. – Ele apertou-me a mão de forma mecânica. Exatamente como penetrara aquela mulher.

Ele fazia tudo com indiferença, perguntei-me se seria capaz de demonstrar sentimentos que não fossem relacionados com o Kellan.

– Claro. Vou dar-te o meu número para o caso de queres falar mais sobre o Kellan, mas já reparei que não és grande coisa com os números. – Estava a referir-me à empregada do café e à do bar desta noite.

– Perspicaz.

Bati com os dedos na minha têmpora, ignorando a picada no meu peito.

– Arma de destruição maciça.

– Mantém essa arma bem trancada e segura. – Ele levantou a mão, passando o polegar pela minha testa. Zero emoções no seu rosto. – Adeus, Charlie.

– Adeus, Tate.

O carro parou na curva. Subi enquanto o Tate dava dinheiro ao motorista, levando o cartão da empresa de táxis e assegurando-se de que lhes telefonaria para ter a certeza de que eu chegara bem a casa.

Tirei a última moeda que dera a Kellan e girei-a nos dedos enquanto o Tate desaparecia de regresso ao bar de onde tínhamos acabado de sair.

Porque voltaria ele a entrar?

*Para falar com a empregada do bar, sua tonta.*

Eu não devia sentir ciúmes.

Não devia.

Mas sentia.

# Capítulo Vinte e Dois



**Charlotte**

**E**ncontrei uma caixa embrulhada e um bilhete junto à porta quando regressei ao apartamento. O bilhete estava pendurado no pacote, manchado por dedos negros. Ao contrário do Tate, eu não me importava de ler bilhetes privados, especialmente quando estavam à vista de todos.

Abri a porta levando a caixa comigo. O bilhete dizia:

**Leah,  
Podemos sair este fim de semana? Há um lugar especial onde te  
quero levar.  
Jonah**

Enfiando a caixa debaixo do braço, dirigi-me ao quarto da Leah e bati à porta. Via-se luz por baixo da porta, por isso sabia que ela ainda estava acordada. Andava sempre com cuidado quando me aproximava dela. Como se possuísse a capacidade de a incendiar se dissesse ou fizesse alguma coisa errada.

– Leah. – Aclarei a garganta, odiando o facto de me sentir tão pouco natural junto da minha própria irmã. – Abre.

Ela respondeu após um instante, embrulhada no seu roupão de cetim e com o cabelo enrolado numa toalha.

– O que se passa?

– Olha. – Permaneci no exterior do quarto e entreguei-lhe a caixa e o bilhete. Ela não os agarrou, de olhos postos em mim e depois na caixa. – É do Jonah.

– Sim. – Ela inspirou fundo, fazendo-se de forte. – Eu vi-a quando cheguei a casa.

– Viste? – Hesitei. – Porque não a trouxeste para dentro?

A expressão no seu rosto não se alterou. Permanecia vazia, resiliente e apática, como a de alguém que se habituara à sua existência, mas que não planeava viver realmente.

Ela não levava a caixa para dentro porque isso implicaria tomar uma decisão.

Eu conhecia a minha irmã.

Uma parte da Leah queria sair com ele, mas uma parte maior preocupava-se que ele tivesse feito isto porque tinha pena dela.

Ou porque ela se tornara uma piada para ele.

Ou talvez um golpe ainda maior, que ele a tivesse convidado como amigo.

– Leah...

Ela abanou a cabeça.

– Deixa estar, Charlotte, *okay*? – Ela fechou a porta no exato momento em que recebi uma mensagem no telemóvel.

**Jonah: Vi que levaste o presente. E então?**

**Eu: :/**

Abri a caixa com as minhas unhas. Ele presenteara Leah com uma bela chaleira com um conjunto igual de duas chávenas às flores.

Uma etiqueta vermelha no canto superior da caixa: *Rachado*.

Outra etiqueta verde: *Preço total*.

O meu peito doía quando percebi a mensagem nada subtil que ele lhe tentara dar. Respirei fundo, agarrei o telefone e mandei novamente uma mensagem a Jonah.

**Eu: Ei, Jonah?**

**Jonah: Diz.**

**Eu: Por favor, não desistas. Ela vale a espera.**

# Capítulo Vinte e Três



**Tate**

— Preciso de um empréstimo.

Terry encostou-se à ombreira da minha porta às dez da noite, tão bem-vindo como um monte de merda. Também não cheirava muito melhor que isso. A mistura de urina, álcool barato e a sua própria morte iminente davam-lhe o odor exclusivo de um bordel do século xix.

Algures no ano passado, o seu nariz tinha um atingido uma tonalidade avermelhada permanente, e perguntava-me quantas vezes atingira o fundo antes de o perceber. Pelas minhas contas, ele atingira-o pelo menos seis vezes na última década. Claramente, isso não era suficientemente mau para o impedir de cair no abismo da autodestruição. Estava tão envelhecido que me surpreendia que ainda estivesse vivo.

Apoiei o meu ombro contra a parede, fingindo dar um tiro na cabeça com o dedo e explodindo as minhas bochechas. *Bum.*

— Muito engraçado. — Ele cambaleou para trás. — Preciso de ajuda.

— Por favor, porque achas que isso me preocupa?

— És meu filho.

— Certo. O teu filho que já te pagou a renda nos últimos dois anos. Arranja um trabalho, Terry. Eu não tenho cara de serviços sociais. Não podes pedir-me dinheiro e pôr-me os teus filhos à porta quando as coisas ficam difíceis.

Fechei-lhe a porta na cara. Voltou a bater à porta com força e arrotou.

*Maldição.*

Revelação total: Eu não sou exatamente do tipo feliz.

Hoje, eu estava com uma disposição especialmente amarga. Uma das minhas pacientes tinha dado à luz um nado-morto aos seis meses de gravidez. Passara pelo inferno para tentar engravidar e isto marcava a sua última

tentativa. Era suposto ser o seu bebé feliz de fertilização *in vitro*.

No mês passado ela fizera quarenta e cinco anos. Ambos sabíamos o que isso significava depois de ter dado à luz um bebé azul, pequeno e sem ritmo cardíaco. Não haverá outra oportunidade para esta paciente. O seu sonho de uma vida inteira não seria concretizado.

Quando saíra da sala de operações, atirando a máscara cirúrgica para o lixo, o seu marido estava lá. Ele olhava pela janela do edifício alto e eu sabia o que ele estava a pensar. Sabia, porque os mesmos pensamentos tinham marcado a minha mente nos meses após Kellan se ter suicidado.

A batida na porta transformou-se num pontapé.

Abri novamente, carrancudo.

– O que foi?

– Tu sabes... – Ele passou por mim e, cambaleando, empurrou-me. Podia pô-lo na rua com um dedo, mas deixei-o entrar. Não precisava que os vizinhos falassem disto amanhã de manhã. – Até podíamos pensar que estarias um tanto arrependido por teres matado o único filho que significava alguma coisa para mim.

A mesma história outra vez. Eu sentia-me cem por cento responsável por aquilo que acontecera com o Kellan. Carregava esse peso comigo todos os dias. Mas se o Terry pensava que a sua psicologia infantil funcionava comigo, estava muito errado. A minha opinião de mim próprio era muito mais importante do que a opinião dele.

– Estás a ver o buraco por onde entraste? Chama-se porta. Sai. – Virei-o na outra direção e empurrei-o para fora.

Ele rodopiou com uma agilidade surpreendente, agarrando o tecido da minha camisa e atirando-se para a frente de modo a ficarmos cara a cara.

– Eles vão expulsar-me do apartamento, entendes? – O fedor do hálito a álcool atingiu-me. Esta era a sua sexta ordem de despejo desde que deixara de pagar a hipoteca num condomínio em Central Park que nunca conseguira pagar. – Vou ficar sem casa e viver na rua.

– Arrenda uma casa mais pequena. Muda-te para Brooklyn. Não vou pagar mais a tua renda.

A única razão por ter pagado a renda do Terry até agora era porque eu sabia que, se não o fizesse, ele acabaria por vir parar ao meu sofá. Ele não tinha para onde ir. O que acontece é que, sem dinheiro, sem contratos de cinema e sem prestígio, as mulheres não tinham tanta vontade em partilhar a cama com ele.

Eu gostava da minha privacidade. Também não queria partilhar o teto com um homem a quem odiava quase tanto como Hitler.

– Não posso. – Ele cambaleou perdendo o equilíbrio, tropeçando para trás antes de se virar novamente para mim. – Eu tenho duzentos e trinta dólares na minha conta.

– Está na altura de ires às tuas poupanças.

– Não tenho poupanças. Esvaziei-as todas na semana passada. – Ele

soluçou, caiu no sofá e quase me arrastou consigo. Terry atirou o braço por cima da cabeça. – Talvez seja altura de desistir do apartamento.

– Achas?

Ele arrotou. Muito elegante, sem dúvida. Era difícil de perceber que era solteiro. Batendo com a perna no braço do sofá, ele acrescentou:

– Tens aqui um quarto vago.

– Não, não tenho. – Permaneci na sala de estar de mãos na cintura, sabendo que a única coisa que me impedia de o pôr na rua com um pontapé no traseiro era a etiqueta social, o resto da minha sanidade mental e a ligeira hipótese de ele me processar na esperança de eu lhe financiar o vício das drogas.

Terry retirou o braço do rosto, franzindo o sobrolho.

– O que queres dizer com não? E o quarto do Kellan?

– Ninguém entra lá há quatro anos. Não és tu que vais mudar isso.

Ele assobiou baixinho, abanando a cabeça.

– Ainda? O quarto dele deve cheirar mesmo mal.

– Também tu.

– Vá lá, filho. Tenho de dormir em algum lado. – O facto de ele usar a palavra «filho» sempre que precisava de algo irritava-me. Para ser justo, vê-lo a respirar era o suficiente para me deixar de mau-humor.

– Que tal na rua?

Dirigi-me para a cozinha. Vivia numa casa pequena, de apenas 160 metros quadrados e a precisar desesperadamente de uma remodelação. Custava uma fortuna, mesmo no centro da cidade, numa das ruas mais pitorescas de Nova Iorque.

Na altura em que acolhi o Kellan, eu era jovem e idiota o suficiente para ter grandes esperanças sobre o que seríamos. Tinha planeado trabalhar neste sítio quando mudasse para o setor privado. Derrubar as paredes. Começar do zero. Torná-la numa casa que Kellan e eu pudéssemos partilhar.

Agora, não era altura de começar a mudar as coisas. Não quando o quarto do Kellan ainda permanecia intocado. Exatamente como quando ele o deixara.

– Tens de seguir em frente com a vida. – A voz de Terry fluía pela sala como uma nuvem tóxica.

– Eu segui. Tu é que estás preso no mesmo sítio, ainda a tentar aproveitar a onda de sucesso de um livro que escreveste há quase uma década. Sai daqui.

Ele levantou-se do sofá, indignado.

– Vais deixar-me viver na rua?

– Sim. – Abri e fechei os armários, sem procurar nada. Odiava este sítio. Queria ter coragem de me mudar, mas virar as costas a esta casa era como abandonar o Kellan.

– Dou-te um belo saco-cama como presente de boas-vindas.

– És um monstro – gritou Terry.



– Sou o teu monstro.

– Nunca fui tão...

– Por favor. – Levantei a mão, já a ficar aborrecido. – Não há nada pior do que as pessoas se autoelogiarem. Já acabaste?

Ele olhou em redor. Não era uma lixeira, mas estava muito longe da vida glamorosa que levava desde que escrevera *As Imperfeições*.

Eu ganhava muito dinheiro, mas remodelar a casa exigia mudar as coisas e tudo tinha de permanecer exatamente como estava no dia em que o Kellan fez o que fez... mesmo o relógio do avô que já não funcionava. Até a caneca de barro horrível que o Kellan fez para a mãe no Dia da Mãe no terceiro ano ainda me servia o café todos os dias.

Seria ótimo livrar-me desta casa e mudar-me para um arranha-céus, daqueles vazios e sem alma com serviço de limpeza e porteiro.

– Eu fico com o sofá – disse Terry, com convicção.

– Isso é difícil. Gosto dele na minha sala. Dá carácter à casa.

– Quero dizer, durmo no sofá.

– Hum, isso também não. Já não ando na faculdade. Os meus dias de partilhar casa com colegas de quarto bêbedos e duvidosos já lá vão.

– Tens de me ajudar. – Ele agarrou-se à minha camisa outra vez. – Tens de me ajudar.

– Permite-me discordar.

– Se não me ajudares, vou para a rua e depois o que achas que vai acontecer? Alguém vai reparar e, quando deres por isso, vai aparecer em todos os noticiários. – As suas mãos enquadraram a manchete no ar para dar ênfase. – A lenda literária, Terrence Marchetti é um sem-abrigo e, a pouco quilómetros, vive o seu filho, um médico de sucesso, numa luxuosa casa em Manhattan.

Ele tinha alguma razão, infelizmente, e por isso ainda estava na minha vida. Para manter a minha reputação intacta, não o podia deixar morrer nas ruas. No entanto, os dias de lhe pagar rendas de quinze mil euros por mês tinham acabado.

Mordi a língua, reprimindo uma série de palavrões.

– Haverá regras a cumprir.

– Eu consigo lidar com regras.

– Regra número um: nada de álcool ou drogas. Não apenas dentro da minha casa, mas em todo o lado. E estou a falar muito a sério. Não quero isso perto de mim. Se os encontrar, atiro-os para o lixo e ponho-te fora de casa com um pontapé. Na verdade, vai ser perfeito. Porque quando a imprensa vier bater à minha porta, terei a desculpa perfeita – trouxeste para minha casa a mesma merda com que mataste o teu filho.

– Eu dei-lhe droga da boa para que ele não andasse a comprar a porcária da rua. Veneno de ratos, pó talco, detergente da loiça em pó... – continuou Terry. Espero que ele não estivesse à espera de receber o Prémio de Pai do Ano. – Que mais? – perguntou, com os dentes cerrados.

Acho que ele não se apercebeu que eu estava a falar a sério em relação às drogas e ao álcool. Eu estava a contar que ele infringisse essa regra para o poder expulsar antes mesmo de ele se mudar para minha casa, e ele estava a contar que eu fizesse vista grossa.

– Não trazes ninguém para cá. Não se pode fumar dentro de casa. Tens de trabalhar todos os dias, vou deixar-te na biblioteca local a caminho do trabalho e venho buscar-te quando acabar e, acima de tudo... – Levantei um dedo no ar. Esta era a parte crucial. Os seus olhos seguiram religiosamente o meu movimento. – Não te atrevas a pôr os pés no quarto do Kellan. Não toques em nada. Nem sequer olhes na sua direção. Nem respires para lá. Entendido?

– Sim.

– Não ouvi bem.

– Sim – gritou ele, levantando os braços no ar. – Que Deus me ajude. Sim.

– Quando é que termina o teu contrato de arrendamento?

– Daqui a uns dias.

– Não estás autorizado a trazer nenhum dos teus bens pessoais para aqui, exceto roupa, a máquina de escrever e o computador portátil.

Vi o Terry sair pela porta, murmurando palavras. Bateu-me com a porta na cara como um adolescente que tinha acabado de descobrir que estava de castigo para todo o sempre. Tal como o Kellan.

Subi as escadas passando pelo quarto dele. Parei junto à porta, respirei fundo e abri-a um centímetro. O Terry tinha razão. O quarto cheirava a morte. A uma triste mistura de pó, fungos e negligência. As janelas tinham de ser abertas. Os lençóis tinham de ser mudados. Uma camada espessa de sujidade pousava em todas as superfícies.

Fechei a porta e fui para o meu quarto.

Talvez na próxima semana.

# Capítulo Vinte e Quatro



**Tate**

**D**uas semanas depois de me ter despedido de Charlotte Richards, entrei numa loja de batidos depois do treino. Estava a chover a cântaros, as ruas estavam vazias e escorregadias e o gelo cobria tudo em meu redor, incluindo o coração. Nem pensar em chamar um táxi para casa se isso significasse esperar lá fora por um minuto.

Tinha o saco de cabedal preto ao ombro, vestia calças de treino, um blusão de aviador e exibia um ar carrancudo. Pedi um batido de proteínas e bati com os dedos no balcão quando o aroma de bolachas de açúcar e cipreste me assaltou as narinas.

Era demasiado doce. Demasiado inocente. Demasiado...

*Charlie?*

Olhei por cima do ombro para a mesa à janela. Quais eram as probabilidades de me cruzar com ela? Bastante boas, tendo em conta que o ginásio do Ralph ficava a apenas dois quarteirões do escritório dela.

Estava sentada à janela a ler um livro e a rolar entre os dedos aquilo que parecia ser uma moeda. Girou a moeda pelo braço antes de a atirar novamente ao ar. Lambeu o polegar, virou uma página e depois pegou em algo que estava em cima da mesa. Uma fatia de bolo.

Bolo de cenoura.

Aquela memória sugou-me todos os outros pensamentos da cabeça e eu conseguia vê-la com nitidez. Dia dos Namorados. Há cinco ou seis anos. Kellan telefonara a meio do meu turno (três partos prematuros e uma cesariana com complicações) e pediu-me para lhe comprar um bolo.

– Para que precisas de um bolo?

– Outra vez com perguntas? Não me podes fazer um favor? Estou

completamente falido.

– Podes crer que estás. Terás a tua mesada quando eu confiar que não a vais gastar em drogas.

– Compra o raio do bolo, Tate.

– Vou ver o que posso fazer.

– Não é assim tão difícil. Vais a um sítio, compras um bolo e trá-lo para casa.

– Eu tenho um emprego, idiota.

– E eu tenho um encontro, estúpido.

Desliguei-lhe o telefone na cara. Comprei-lhe o bolo de cenoura na cafetaria da clínica mesmo antes de sair, sabendo muito bem que ninguém gostava de bolo de cenoura, mas era a única coisa que havia àquela hora tardia. Parecia um bicho-da-seda careca e provavelmente tinha o mesmo sabor.

Kellan bufou quando lhe dei o bolo.

Ele estava a sair e empurrou o cabelo para o lado para poder examinar o bolo.

– Uau... Bolo de cenoura!

– Como? Obrigado, Tate, por te esforçares. Não tens de quê. De nada.

– Chato.

– Então? Um encontro, hein?

– Estava a brincar. Vou sair com um amigo.

– No Dia dos Namorados?

– Ela está a passar por uma má fase.

– Então é uma ela.

– Sabes, alguns de nós olhamos para as mulheres sem queremos instintivamente enfiar os dedos dentro dela. – Ele estava a referir-se ao meu trabalho.

Eu sorri.

– Falou como um miúdo que nunca enfiou os dedos numa vagina.

Dei-lhe uma palmada na nuca, ignorando a sua careta.

– Boa sorte, miúdo.

– Vai para o inferno, Tate.

– Senhor? Senhor? – O homem atrás do balcão acenou a mão para trás e para a frente.

Olhei novamente para ele. A minha mente estava a quilómetros de distância, em casa com o Kellan. Devia tê-lo levado até lá. Devia ter-lhe perguntado quem era ela, o que tinham planeado, de que passatempos ela gostava.

– Vende bolo de cenoura?

– Sim. – Endireitou o peito com orgulho. – O único sítio neste bairro que o vende.

Ela tinha vindo aqui de propósito por causa do bolo.

– O seu batido, senhor.

Agarrei nele, paguei e fui ter com a Charlie. A perna dela estava novamente a balançar. Sempre a direita. Nunca a esquerda. Perguntei-me por que raio tinha reparado nisso. A Hannah ficava sempre zangada quando eu não reparava num novo corte de cabelo, num vestido ou numa peça de joalharia.

– Eu podia entrar em casa sem um dos meus membros que tu nem reparavas – dizia ela. Ao que eu respondia:

– Claro que reparava. Principalmente se tivesse de o coser eu mesmo.

Sentei-me ao lado da Charlie sem sequer pedir licença. Tínhamo-nos despedido em bons termos, mas eu ainda não confiava nela. Havia qualquer coisa naquele cabelo cor de chocolate, nos grandes olhos verdes, nos óculos de leitura sensuais e nas sardas que me faziam desejar ligar os pontos entre eles e que não gritavam amiga platónica. E não queria imaginar um cenário em que ela partira o coração do meu irmão e nem sequer se dera ao trabalho de aparecer à minha porta para pedir desculpa.

Bati com o copo na mesa branca.

– Mentiste-me.

Ela levantou os olhos do livro com as bochechas a arder quando me viu. Olhei para baixo para ver o que ela estava a ler e percebi que era *As Imperfeições* de Terry Marchetti. O meu estado de espírito, já de si azedo, piorou consideravelmente.

Charlie ficou de boca aberta.

– Tate – murmurou ela, com voz rouca.

– Em carne e osso. – Peguei no papel de embrulho, que já não tinha bolo de cenoura como prova, cobrindo os olhos. – Disseste que o Kellan era apenas teu amigo. Mas ele foi ter contigo no Dia dos Namorados e levou-te um bolo.

Percebi que ela não estava à espera de ser confrontada. O seu corpo retesou-se como se a tivesse esbofeteado e o seu rosto vermelho empalideceu. Ela lembrava-se perfeitamente daquilo que tinha acontecido nesse Dia dos Namorados. E agora também eu me lembrava. Kellan não tinha ido para casa nessa noite. Encontrara-o deitado sobre o seu próprio vômito não muito longe da escola na manhã seguinte.

Amarrotei o embrulho do bolo como se fosse uma bola.

– Chegou a altura de dizeres a verdade, Charlie.

– Não há nada para dizer. – Ela fechou o livro, resmungando. – Nós sempre saímos juntos no Dia dos Namorados. É o meu aniversário. Grande coisa.

Levantei uma sobrancelha cética.

– Nasceste no Dia dos Namorados?

Um sorriso amargo cortou-lhe o rosto como uma cicatriz.

– Essa foi a primeira pergunta que fizeste sobre mim. Sim, nasci.

Porque lhe havia de fazer perguntas pessoais? Não tinha qualquer interesse romântico ou platónico por ela. A única coisa que nos unia era o facto de ela conhecer o meu falecido irmão.

Observei-a cuidadosamente.

– Não mencionaste isso.

– Porque haveria de o fazer? O que é que isso tem a ver com o Kellan?

– Ele suicidou-se no Dia dos Namorados.

– Ele não estava de coração partido. Pelo menos, não romanticamente falando. – Ela parecia estar prestes a dizer mais qualquer coisa, mas depois pensou melhor.

Vesti a minha capa invisível de Capitão Óbvio e disse-lhe o que ela já sabia.

– Ele levou-te bolo de cenoura para o teu aniversário.

– Sim. – Ela levantou-se do lugar, agarrou nas suas coisas e enfiou-as na mala. O seu corpo ficou tenso.

– Como eu disse, era o meu aniversário.

– Fodeste com ele? – A pergunta saiu-me da boca antes de a conseguir impedir. O café estava silencioso, éramos só nós os dois e, à janela, eu conseguia ver o reflexo do tipo que nos servira. Ele engasgou-se com o seu pão, tão indignado com a minha pergunta insistente como a Charlie.

Ela olhou furiosamente para mim por um segundo. Em vez de me responder com palavras, levantou a mão e agitou-a na minha direção para me esbofetear.

Agarrei-lhe o pulso um centímetro antes de me atingir. Que posso dizer? Reflexo assassino. Faz parte de uma profissão que precisa de uma mão firme.

Soltei uma interjeição, inclinando a cabeça de lado.

– Era uma pergunta de sim ou não, Lottie.

Ela encolheu-se, claramente não era fã desta alcunha. Não sei porque lhe chamei aquilo, em vez de Charlie, mas isso fê-la desequilibrar-se.

– Como sabes essa alcunha?

– Do livro anual do oitavo ano do Kellan.

*Sim, eu verifiquei.*

*E sim, odiava-me por admiti-lo.*

– Não me chames isso. É o nome com o qual a minha irmã me trata. – Ela puxou o pulso. As chamuscas nos seus olhos cor de jade tornaram-se cinzas. Ela voltara a odiar-me, e estava em boa companhia, porque eu também me odiava. – E não. Eu disse-te. Nós não namorávamos.

– Namorar e foder são duas atividades bem distintas.

*Eu sou a prova viva disso.*

Ela levantou a sobrancelha.

– Devias estar a perguntar-me sobre a minha vida sexual quando eu era menor de idade?

*Touché.*

– Ele não veio para casa naquela noite.

Isso fez com que ela abrisse a boca de choque. Tinha uma boca fantástica. O seu corpo era arredondado e cheio e muito próximo da perfeição. Irritava-me que reparasse nessas coisas. Ela era demasiado jovem, demasiado

complicada, demasiado do Kellan para que eu reparasse.

– Não foi?

– Ele dormiu na rua – disse, mordendo a bochecha.

O seu rosto contorceu-se. Lágrimas cobriam-lhe os olhos.

– Meu Deus! – Ela pôs a mão na boca. – Kellan, não.

– Por isso compreendes que esteja um pouco hesitante em aceitar a tua palavra. Especialmente porque não partilhaste qualquer informação sobre ele durante quatro malditos anos. Então, Charlie? O que lhe fizeste?

Escolha errada. Soube isso assim que lancei as palavras. Havia milhares de formas diferentes de apresentar a pergunta. O que aconteceu naquela noite? Ele estava chateado? Podes dizer-me por aquilo que ele estava a passar? Mas não, escolhi culpá-la a ela.

Nem sequer sabia por que razão. Ele estava irritado comigo quando saiu. O facto de ele não ter regressado a casa naquela noite pode ter sido apenas culpa minha.

Ela pendurou a mala no ombro.

– Sabes, no outro dia, quando falámos, eu realmente senti-me mal por ti. Pensei em ti depois de ter ido para casa. Perguntava-me como estavas. Até tive de me impedir de te enviar um *email* algumas vezes só para me certificar de que estavas bem. Mas sempre que começo a sentir simpatia por ti, tu consegues provar que eras tão enfurecedor como o Kellan contava.

Com isso, ela empurrou a porta da loja e correu para o exterior. A chuva batia no cimento como balas, em lençóis espessos e brancos. A escuridão engoliu a Charlie e eu não consegui ver se ela virara à direita ou à esquerda.

Voltei a sentar-me com o estômago vazio de incómodo e bebi pela palhinha quando algo à minha direita me chamou a atenção. Virei-me. Ela esquecera-se do seu casaco.

Por mais que quisesse ser um cretino, e eu era, queria realmente magoá-la por uma razão que me escapava neste momento, não podia ter uma pneumonia na minha consciência. Agarrei no casaco e saí a correr da loja de batidos, deixando a minha bebida para trás. Olhei em redor, mas tudo o que consegui ver foram cortinas de chuva. Fiquei ensopado em segundos.

As ruas estavam vazias, mas eu avistei uma figura a correr para o metro. Comecei a correr atrás dela.

– Charlie!

Ela não parou, mas eu sabia que era ela. Já encurtara bastante a distância entre nós, ela não era grande corredora, e vacilou quando gritei o seu nome.

– Caramba, Charlie. Para.

A chuva caía com mais força. O facto de eu ter sido a estrela da equipa de corrida no liceu e na faculdade também não a ajudava.

Ela contornou a esquina. Agarrei a bainha da sua camisola e puxei-a para o meu peito, virando-a. Não a abracei para a reconfortar. Prendi-a nos meus braços porque não queria que ela fugisse para a rua e fosse atropelada no seu esforço para me evitar.

E abracei-a porque estava cansado de correr.

Atrás do Kellan.

Atrás da normalidade.

Atrás do tempo, da felicidade e da esperança.

A fugir de mim próprio.

Pus a mão por trás da sua cabeça e apertei-a junto a mim. Os seus soluços percorriam-lhe o corpo, os ombros a estremecer a cada grito que lhe rasgava a boca. As suas lágrimas quentes misturadas com a chuva fria no meu ombro, e as roupas do nosso corpo, presas, colando-nos juntos. O seu casaco ainda a balançar na ponta dos meus dedos, arrastando no chão.

Permanecemos na chuva durante não sei quanto tempo. Normalmente tinha uma boa noção do tempo, mas isto era tão fora do normal que podia ter passado um minuto ou uma hora. Ela estava a desmoronar nos meus braços e eu sabia que fora o anormal que causara isto.

Ela tinha razão. Eu não lhe perguntara nada sobre ela, apesar de, com toda a probabilidade, o que juntara a Charlie e o Kellan fora estarem presos no inferno da adolescência e só terem um ao outro por companhia.

– Eu só queria que ele fosse feliz. – Sentia as suas palavras no meu peito. – Eu juro, eu tentei.

Enfie os dedos no seu cabelo, mas não disse nada. Depois de o Kellan ter morrido, tentei ultrapassar isto. Não me tornei uma pessoa amarga e má por decisão intencional. Os grupos de apoio deprimem-me e fazer voluntariado com crianças problemáticas só me lembrava como eu fora inepto ao educar o meu irmão. Onde quer que fosse, a empatia tinha o sabor sintético da falsidade. Como a cobertura num bolo – demasiado doce, colorida, perfeita.

Charlie era a única pessoa que conhecera desde a morte do Kellan que sofria mesmo. Com tiques nas pernas, uma consciência pesada e colapsos sinceros. Ela era real, vulnerável e consumida pelo que lhe tinha acontecido.

A certa altura, o seu tremor inicial tornou-se total. Eu sabia que ela estava a ficar muito gelada. Caminhei e encostei-a a um prédio. A varanda por cima protegia-nos, por isso, pelo menos, já não estávamos à chuva.

– Eu chamo-te um táxi.

Ela tirou-me o casaco da mão, desviando o olhar de mim.

– Obrigada.

– Eu acredito em ti quando dizes que não estiveram juntos.

*Nem por isso.*

Isso fê-la virar a cabeça na minha direção. Não parecia feliz nem sequer aliviada por ouvir aquilo.

– Como queiras, Tate.

Chamei um táxi pelo telefone, depois guardei o aparelho no bolso de trás.

– Para que serve a moeda?

– A minha irmã costumava atirar-me um cêntimo e dizer «um cêntimo



pelos teus pensamentos» sempre que eu estava triste. Isso ficou-me na memória. Sempre que me sinto mal, brinco com uma moeda. Consegui que o Kellan também o fizesse. Acho que ele gostava. Tínhamos esta regra em que, sempre que lhe atirava uma moeda, ele tinha de confiar em mim. Era prático.

Olhei para ela. Ficava bonita quando estava molhada. O nariz e as bochechas salpicados de sardas. Lábios grandes e cheios. Perguntei-me por que o Kellan não se tinha atirado a ela. Eu, com dezasseis anos, teria arrebatado a Charlotte Richards e exigido mais.

*Boa altura para deixares vaguear a mente, idiota.*

– Tens saudades dele – disse eu. A dor no meu coração intensificou-se.

– Sim. – Ela revirou os olhos, mas apenas para conseguir reprimir outra vaga de lágrimas. O seu nariz ficou rosado.

– És mesmo um idiota. Não admira que sejas perito em engravidar pessoas. – Ela abanou a cabeça. Era estranha de uma forma que eu ainda não sabia se era adorável ou irritante.

– Mas não podes ser assim comigo – avisou ela. – Não o vou tolerar.

Não pedi desculpa.

– *Okay.*

Era uma promessa fácil de fazer.

Não era como se tivesse marcado um encontro.

Surgiu-me uma ideia em mente. Uma ideia terrível. Uma ideia excelente. Uma ideia corajosa. Uma ideia que me deixaria mais perto de me livrar daquela maldita casa que eu odiava desde que a tinha comprado. E por acréscimo, ajudar-me a livrar-me do Terry no meu sofá.

– Alguma vez estiveste no quarto dele? – perguntei.

– Não éramos assim tão chegados – disse ela, abanando a cabeça.

Foi a primeira vez que acreditei que ela não tinha ido para a cama com o meu irmão. Se eles nem sequer iam a casa um do outro, era difícil ter sexo. Por alguma razão, isso deixou-me aliviado. Pensar que o Kellan podia estar de coração partido por causa de uma miúda era demasiado difícil de aguentar.

– Achas que estás em condições de o ver agora?

– Queres dizer agora, mesmo já?

– Em breve. Tenho de o limpar. Ninguém lá entra há quatro anos e acho que chegou a altura. Mas vou precisar de ajuda.

– Para limpar?

– Para entrar lá.

Ela permaneceu num silêncio contemplativo.

– Então? O que me dizes? – Observei-a à espera de uma reação. De algum sinal de que ia ceder.

O táxi chegou. Fez sinal com os faróis, cegando-nos. Olhámos um para o outro de soslaio. A Charlie estava a demorar muito tempo a tomar uma decisão.

– Eu pago-te – disse eu.

– Eu faço-o de graça – disse ela, sem rodeios, depois franziu o sobrolho.

– Na verdade, faço-o por uma cópia autografada do *As Imperfeições*.

– O Terry é um cretino. Tu própria o disseste.

Estás a ser mesmo idiota, Tate.

– Não me interessa o que ele é. Ele sabe escrever um livro. Se eu tivesse de boicotar idiotas do meu cardápio artístico, estaria faminta de filmes, livros e canções.

Ela sabia que eu odiava o meu dador de esperma, por isso concluí que o fazia pela mesma razão que os gatos bem alimentados comiam ratos. Era por desporto.

– Eu não falo com ele.

O táxi voltou a fazer sinal de luzes. O motorista estava impaciente. Eu não me mexi. Ela sorriu-me docemente.

– Parece que estás prestes a fazê-lo.

Olhei para ela com um ódio silencioso. Ia ter de enfrentar o idiota de qualquer maneira, já que ele vinha viver comigo.

– Está bem.

*Foda-se!*

Ela correu para o táxi e abriu a porta com um puxão. Antes de entrar, parou e virou a cabeça na minha direção.

– Eu não tenho o teu número! – gritou ela, por entre a chuva.

– Não vamos trocar números de telefone. Conheces as regras. – Senti-me como uma árvore, viva, mas sem me mover.

Eu conheço as regras? Existem mesmo regras?

*Sim. De facto, existe uma: não foder a melhor amiga do teu falecido irmão, que é doze anos mais nova do que tu.*

Um plano sólido.

Ela estava fragilizada. Eu estava destruído. Isto era um desastre iminente.

– Ótimo, idiota. Eu tenho a tua morada. Sexta às seis?

Ela não tinha acabado de dizer que nunca tinha estado no quarto do Kellan?

– Sexta às seis – confirmei.

Virei-me e voltei para a loja dos batidos para ir buscar o meu saco de cabelal, o blusão e a minha sanidade. A chuva continuava a cair, mas sem uma donzela em apuros para salvar de uma pneumonia, eu não tinha pressa.

# Capítulo Vinte e Cinco



**Charlotte**

*F*odeste com ele?

Deixei a pergunta rodopiar na minha mente como uma moeda. Eu tinha dito que não e isso era verdade. A minha verdade, pelo menos.

Mas havia algumas coisas que devia ter mencionado. Eu tinha beijado o Kellan. E ele correspondera ao meu beijo. E noutra vida, noutro universo paralelo onde eu não tivesse perdido os meus pais e o Kellan não tivesse sido devorado pelos seus fantasmas, talvez pudéssemos ter sido mais do que isso. De qualquer forma, isso iria para a cova comigo.

Acho que o Tate não se apercebeu de como soou quando baixou a guarda e deixou de ser o Dr. Milagre. Parecia partido, brincando demasiado perto da depressão.

Eu já tinha perdido um irmão Marchetti. Não ia ver outro a arruinar a sua vida. Apercebi-me disso quando bati à porta da casa de Tate, sentindo-me uma intrusa.

Ontem à noite, enquanto me revirava na cama, tinha-me comprometido a tentar ajudá-lo. Ele era insensível, duro, indiferente e frio, mas também tinha sofrido uma grande perda... um irmão que o odiava e que vivia com ele.

O facto de estar aqui para ajudar o Tate não era um ato altruísta. Eu tinha passado os últimos oito anos à procura de uma oportunidade de me ajudar a aceitar o que fizera à Leah, à mãe e ao pai. Se pudesse redimir-me aos meus olhos, provar a mim mesma que era de facto um ser humano decente, talvez me voltasse a amar. Gostaria muito disso.

O Tate abriu a porta. Jesus, era mesmo alto. Anormalmente alto. Preenchia a ombreira da porta como se esta tivesse sido projetada para se ajustar às suas medidas. O que era uma loucura, porque as ombreiras das

portas normalmente eram mais altas que as pessoas e não *vice-versa*.

Os seus olhos estavam de um cinzento fósfil, naturalmente encovados e ameaçadores. O seu maxilar esculpido era quadrado e duro como pedra. O seu cabelo à Robert Pattinson implorava ser puxado e eu perguntava-me como é que ele era solteiro, porque quem quer que fosse a mulher no seu consultório, ela não era sua namorada. A Reagan estava constantemente a falar da recusa de Tate em assentar.

Encolhi a barriga, endireitando a coluna.

– Olá.

A sua beleza intimidava-me.

– Como sabes onde vivo?

*Olá para ti também.*

E também: Que merda.

– Imprimi a folha de contactos da escola. – Levantei um ombro. – Croma com uma bolsa de estudo.

As extremidades das minhas orelhas ardiam e tinha a boca muito seca. Tate levantou uma sobrancelha cética e afastou-se, deixando-me entrar. A montanha de mentiras sobre a qual começara a nossa amizade aumentava a cada dia.

A primeira coisa em que reparei foi que a casa não era tão impressionante por dentro como era por fora. Continuava a ser linda, mas definitivamente antiquada. Os cobertores e as almofadas estavam empilhados num monte desarrumado no sofá. As paredes estavam cobertas de papel descascado dos anos oitenta e a cozinha era composta por armários em carvalho cor de mel com um acabamento pesado, as bancadas laminadas cor de mostarda e os azulejos eram amarelados. Parecia um cenário da série *Três É Demais*.

Segui Tate. A casa podia não parecer, mas cheirava a fresco. Exatamente como Tate. Sândalo, citrinos, fogueira e sexo. Eu não era especialista em sexo, mas podia jurar que ele tinha um odor a sujo e a limpo ao mesmo tempo. Delicioso de fazer crescer água na boca.

Fiquei contente por não ser uma das suas pacientes. Devia ser tão incómodo abrir as pernas à frente de um homem como ele quando o objetivo não é um orgasmo.

– Quem está a dormir em tua casa? – disse alto, para pôr fim aos meus pensamentos loucos.

– O Terry.

– Onde está ele agora?

– Pu-lo na rua esta noite para podermos fazer isto.

– Bela maneira de tratares o teu pai.

– Ele não é meu pai. É só um homem que comeu a minha mãe. Nada de bom que mereça ser admirado.

– Continua a ser uma conceção.

– É só foder.

Assobie, dando a volta à pequena sala e fingindo admirar as prateleiras quase vazias, apenas com pequenas molduras ainda com as fotos de origem.

– Os médicos ginecologistas e obstetras não têm a melhor conversa porca do mundo, certo?

Estava de costas para o Tate quando ele me respondeu.

– Aposto todos os centavos da tua mala barata que consigo fazer-te vir na minha cara em menos de dez segundos, sem mesmo usar a minha pila ou a língua.

Virei-me, boquiaberta com o choque. Tate olhava para mim com um ar quase indiferente e desinteressado, de braços cruzados sobre o peito.

– O que é que acabaste de dizer?

– Disseste que o meu jogo de conversa suja não é forte. Estavas enganada.

– Como sabes?

Tate colocou-se atrás do balcão, tirando dois copos.

– Sei porque estás molhada. Sumo de laranja serve?

– Na verdade, vinho seria bom. – Decidi ignorar o seu comentário rude. Não valia a pena estar a discutir com ele antes mesmo de começarmos. – Tendo em conta que vou ter de lidar contigo toda a noite.

Ele abanou a cabeça.

– Deitei fora todo o álcool assim que o Terry entrou aqui em casa. Água?

– Claro.

– Sai já uma água.

Subimos as escadas com a água e parámos junto a uma porta. Um rolo de sacos de lixo, uma vassoura, toalhas de papel e produtos de limpeza estavam junto à parede como soldadinhos de chumbo.

Ele virou-se para mim e eu virei-me para ele. Ele estava a empatar.

Eu olhava para a porta de madeira simples como se ela nos pudesse engolir.

– Queres que o faça?

Tate abanou a cabeça, respirou fundo e abriu a porta. Entrámos numa divisão poeirenta e desarrumada. A realidade do reino de Kellan atingiu-me como um murro no estômago. Parecia que ele ainda estava ali. Os lençóis estavam enrugados, a impressão do corpo magro de Kellan ainda delineada no linho. Cartazes de Black Flag, Poison Girls e Subhumans estavam pendurados nas paredes. Havia centenas de livros empilhados no chão, erguendo-se em três torres retorcidas até ao teto.

Este quarto era tão Kellan.

– Tenho saudades dele. – As minhas palavras foram quase inaudíveis, mesmo para mim.

Tate gemeu.

– Ponho tudo num armazém?

Abanei a cabeça.

– Tu nunca vais usar estas coisas. Temos de as doar. O Kellan gostaria disso.

Durante as três horas seguintes, limpámos e lavámos o quarto de Kellan e deitámos fora sete sacos de lixo com coisas. O Tate estava a falar a sério quando dissera que não tocara no quarto do Kellan todos estes anos. O caixote de lixo debaixo da secretária ainda tinha um saco vazio de Cheetos e uma lata de Coca-cola *diet*.

Limpámos o pó, esfregámos, aspirámos e abrimos a janela em silêncio. A única coisa em que não conseguimos mexer foi nas duas gavetas da secretária do Kellan. Precisávamos da chave e não a encontrámos em lado nenhum.

Era uma secretária bonita, feita de carvalho maciço. O Tate abanou os puxadores, mas quando percebeu que não se mexiam, não partiu a gaveta, apesar de ambos sabermos que conseguiria fazê-lo.

O seu olhar desviou-se para o meu, perguntando-me se eu tinha alguma ideia do que fazer. Ele era o homem mais confiante e formidável que eu conhecia, mas hoje, esta noite, parecia tão perdido como o seu irmão mais novo durante os nossos anos de liceu.

Abanei a cabeça.

– Podemos procurar a chave mais tarde. Vamos tratar dos livros.

Tate agarrou a fila de cima, baixando-os para eu os poder separar. Comecei a limpar-lhes o pó um a um. Pobres livros. A culpa de o seu dono ter falecido não era deles. Tate entregou-me *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde. Um sorriso lento espalhou-se no meu rosto.

– Qual é a piada? – perguntou Tate.

– Este livro contém uma das minhas citações preferidas: *Gosto demasiado de livros para me preocupar em escrevê-los*. É verdade. Quando a nossa arte se transforma no nosso trabalho perde o ser charme esquivo e sensual. É como ver os bastidores do nosso filme preferido. Os cabos e a tela verde e os duplos que usam látex e os guiões espalhados. Isso dessensibiliza-nos. Foi por isso que nunca quis ser escritora.

– O Terry tinha esse problema. Quando o dinheiro fluía, a musa secava. A arte e a prosperidade não se dão bem juntas.

O Tate folheou um livro distraidamente, ainda de pé. Eu sentei-me no chão alcatifado, de pernas cruzadas, passando um pano húmido sobre as capas.

Todos os livros estavam cobertos com um pó prateado que se assemelhava a cabelo grisalho.

– Sim. Posso imaginar o que a pressão lhe fez.

– Não fiques à espera de um final feliz. – Tate pousou o livro. – Aqui vai um aviso: ele tornou-se bêbedo, drogado e um pai de merda.

– Pelo menos, agora sabes por que razão. Provavelmente odeia-se a si próprio.

– Ainda bem. E deve odiar-se mesmo.

Tate passou-me mais livros para limpar. O seu aroma cítrico, a sândalo e a fogueira tinha uma quarta componente. Almíscar. Ele cheirava a almíscar e isso fez-me o estômago revoltar-se de uma forma quase violenta que nunca tinha sentido antes.

– Qual é a tua grande T? – perguntou Tate.

– Grande T?

– Tragédia.

A minha garganta contraiu-se.

– Eu não falo muito sobre isso.

– Achas que ando por aí a falar do suicídio do meu irmão para quebrar o gelo? – Ele soltou uma gargalhada amarga. – Já passámos da conversa fiada, Charlie. Nunca me aconteceu.

Eu não disse nada.

Acreditava que era diferente. O que o Tate tinha feito era destrutivo de uma forma indireta. Ele tentara fazer algo bom, mas isso perdera-se na tradução.

O que eu fiz foi... não.

– Vá. Dava-me jeito uma distração – disse Tate. A sua voz baixa infiltrou-se nas minhas entranhas, embora não tivesse de o fazer. – Este quarto está a provocar-me um ataque de pânico que não consigo aguentar. Estou de serviço esta noite e há aproximadamente sete bebés que vão nascer este fim de semana e que ficariam muito gratos se eu estivesse bem.

Estávamos quase a chegar ao fim da pilha de livros.

– Acho que consigo ser pior do que tu.

– Custa-me a acreditar.

Deixei cair um exemplar do *A Hora das Bruxas* em cima do dedo do pé, mas nem sequer senti dor.

– Queres apostar?

– Claro.

– Quando tinha treze anos, quase catorze, encontrei o maço de cigarros da minha irmã no quarto dela. Era de noite. Os meus pais estavam a dormir. A minha irmã tinha saído. Ela andava na NYU e estava numa festa fora do *campus*. Tinha uma bolsa de estudos completa, tal como eu tinha em St. Paul e na faculdade. A Leah era linda, engraçada e muito inteligente. Um bom partido. O Phil, o namorado dela, ficava louco de ciúmes quando alguém falava com ela. Três meses depois de começarem a namorar, ele já falava em casamento. Mas ela era tão incrível... quer dizer, ainda é... que tudo o que eu realmente queria era ser como ela. Então... – Respirei fundo, fechando os olhos. Não sabia por que razão é que parecia sempre a primeira vez que falava disso. Já tinham passado oito anos.

– Acendeste um cigarro – murmurou Tate. Ele estava sem reação, o que era talvez o melhor que me podia proporcionar.

Sentia o seu olhar no cimo da minha cabeça. Quase jurava que o meu cabelo se mexia quando os seus olhos desceram para o meu rosto. Não sabia

por que razão, mas o seu olhar em mim parecia-me reconfortante. Como um cobertor.

– Sim. – Balancei a perna direita para trás e para a frente, pensando na Leah. – Para ser honesta, fumar revelou-se horrível. Tossi imenso. Apaguei o cigarro depois de três baforadas. Pelo menos, foi o que pensei. Atirei-o para o lixo quando acabei. Mal sabia eu que, nessa noite, a Leah tinha feito a limpeza que a minha mãe lhe andava a pedir há semanas. Ela deitou tudo o que era inflamável para o lixo. Verniz seco para as unhas. Frascos meio vazios de desinfetante das mãos. Acetona. Teria sido melhor atirar aquele cigarro meio aceso para um balde de gasolina.

Tate respirou fundo, mas não disse nada. Vi-o a olhar para a minha perna inquieta. Não consegui parar. Ele sentou-se à minha frente, apesar de ainda haver mais seis livros para limpar.

– Voltei para o meu quarto e adormeci. Só me lembro de acordar a tossir com uma temperatura que não fazia sentido em dezembro. Olhei em volta e a fresta da porta do meu quarto estava iluminada a laranja. O fumo saía do outro lado. Estava um calor insuportável. Eu não conseguia respirar. O quarto dos meus pais era o último do corredor, por isso, se eu me sentia a arder, eles estavam... – Respirei fundo. Os meus olhos mantiveram-se fixos nas minhas botas. Não conseguia olhar para ele.

Surpreendentemente, não chorei.

Tinha sido obrigada a contar o que tinha acontecido naquela noite tantas vezes: à polícia, à companhia de seguros, aos bombeiros, aos familiares, aos vizinhos curiosos, que aprendi a contar a história como se eu nem sequer tivesse lá estado. Como se fosse um conto dos Irmãos Grimm.

Mas com o Tate, foi diferente. Senti-me crua e exposta. Tinha medo do que ele pensaria de mim quando eu acabasse. Já era suficientemente mau ter-lhe escondido todas as outras coisas. O beijo que partilhara com o Kellan. Os pensamentos suicidas que eu sabia que consumiam o seu irmão. Era uma lição de vida que nunca pensei ter de aprender. Os nossos segredos são somente um conjunto de memórias que desejamos esquecer.

Tate colocou a mão no meu ombro.

– Não tens de continuar.

Apertei a mão dele na minha. Era quente, áspera, calejada, masculina. Perfeita.

– E os bebés?

Tate esfregou as sobrancelhas.

– Temos boas enfermeiras e mais alguns médicos que os podem ajudar a nascer se eu perder a cabeça.

Respirei fundo. Tinha de acabar esta história. Por ele. Por mim.

– A Leah chegou minutos antes dos bombeiros e da polícia. Acho que, de certa forma, eu sabia que a culpa do incêndio era minha assim que acordei. Quando abri a porta, o puxador estava tão quente que me deixou uma marca na mão. Tudo o que vi foi fogo do outro lado do corredor e soube que os meus



pais tinham morrido. Talvez fosse apenas a minha imaginação ou talvez fosse algo que acrescentei à minha memória em retrospectiva, mas juro que senti o cheiro de carne a arder. Sabes, como numa churrasqueira. O cheiro da pele queimada e cabelo a arder.

Tate fechou os olhos e cerrou os lábios.

– Charlie.

Os meus dedos fecharam-se com força. Quando fechei os olhos ainda sentia o calor.

– Depois ouvi a voz da Leah. Ela chamava por mim. Não pela mãe nem pelo pai. Chamou por mim. Ela estava no fundo do corredor, perto das escadas e entrou para ver quem conseguia salvar. Disse que conseguia ver para além das chamas porque o seu lado do corredor estava mais claro e que eu conseguia atravessar. – A minha voz ficou embargada pela primeira vez. – Eu estava tão assustada.

Tate deixou cair a cabeça nas mãos, de cotovelos apoiados nos joelhos.

– Ela implorou-me que corresse para os seus braços até que o fogo se tornou demasiado intenso. Depois, ela saltou para as chamas para me arrastar à força. Pôs o seu casaco em cima de mim e protegeu-me o corpo com o dela enquanto corríamos através das chamas, descemos as escadas e saímos de casa. A parede do corredor colapsou em cima dela. Marcou todo o seu lado direito com uma cicatriz roxa.

» Lembro-me dos gritos. Das lágrimas. Da forma como fiquei petrificada. Como tinha ficado zonzá. A Leah teve de me arrastar com toda a sua força. Lembro-me da parede a cair em cima da minha irmã. Do seu corpo pressionado contra o meu. O seu peso a magoar-me a perna direita. Tenho balançado a minha perna para trás e para a frente desde então. Um impulso nervoso do qual não me consegui livrar quando a minha grande T me pesa.

» Assim que saímos de casa, vi que ela estava literalmente a arder. Ela rolou em cima do relvado húmido de casa para apagar as chamas enquanto eu gritava histericamente. Mas era demasiado tarde. O fogo devorou metade da sua cara. E até hoje... – Inspirei fundo, fechando os olhos para impedir as lágrimas de caírem e me levarem até à marca que deixara no rosto de Leah. – O pai tinha tirado as pilhas dos detetores de fumo quando eles começaram a apitar e esquecera-se de as substituir, por isso recebemos muito pouco da companhia de seguros. Tivemos sorte em receber alguma coisa.

Aclarei a garganta.

– A casa tinha ardido e mudámo-nos de Brooklyn para o Bronx. A Leah desistiu da faculdade para nos sustentar e, em vez de se tornar uma executiva de *marketing* com um diploma de prestígio como tinha sonhado, foi para uma escola de estética e tornou-se esteticista. Não que haja alguma coisa errada com isso, mas ela nunca o quis. Acho que aprendeu porque ficou fascinada com as formas de esconder o seu rosto. – Fiz uma pausa. – Já agora, o Phil desapareceu pouco depois. Namora agora com outra pessoa. Uma amiga de infância comum.

– Parvalhão – murmurou Tate. Eu acenei com a cabeça. – Pelo menos, ela conseguiu salvar-te. A alternativa de não chegar a tempo teria deixado uma cicatriz muito pior. Eu sei, porque é como me sinto. Como me sinto todos os dias e é um inferno na Terra. Procurar um rosto na multidão, sabendo que nunca mais o verei.

Não sei como aconteceu, mas deixei cair o meu rosto no seu ombro. Ele segurou-me a nuca e eu soltei um uivo arrasado e doloroso. Foi feio e esmagador e não era algo que me sentisse à vontade para fazer em frente a um estranho.

Os braços de Tate envolveram-me. Ele transportou-me de volta aos abraços que o Kellan me dava; podia contá-los com os dedos de uma mão.

Nos braços do Kellan eu sentia-me como se estivesse envolvida por uma fina película.

Nos braços de Tate parecia que nada me podia tocar.

Nem mesmo a morte.

Ele era forte, grande, alto e invencível. Só eu sabia que, por dentro, ele era tudo menos isso.

Não sei quanto tempo ficámos ali sentados. Não era definitivamente uma posição confortável. Mas parecia que estávamos paralisados no tempo quando a porta do quarto do Kellan rangeu e um rosto espreitou para dentro. Somente o rosto.

Não precisei de perguntar quem era. Reconheci-o da contracapa de *As Imperfeições*. Terrence Marchetti. Se eu não soubesse que ele era um idiota, teria ficado encantada.

– Eu... eu pensei... quer dizer... – Ele olhou à nossa volta enquanto o Tate lentamente afastava os braços de mim. – Caramba. Olha-me para este quarto.

A realidade caiu sobre mim como uma nuvem, lenta e arrepiante. Apercebi-me de que, quando nos separámos um do outro, estava aninhada entre as suas pernas. Parecíamos uma bola de tristeza, abraçados, com a minha cabeça amparada sob o seu queixo e isso podia parecer mais íntimo do que realmente era.

– Terry.

– Tate.

– Sai daqui – ordenou Tate, sem rodeios.

O pai nem sequer pareceu pestanejar. Parecia-se muito com o Tate e o Kellan na altura. Os olhos azuis profundos sobre a pele morena e bronzeada. O cabelo mediterrânico, castanho-claro com madeixas escuras. Só que o dele estava grisalho nas pontas com madeixas espessas que não se dera ao trabalho de pentear e parecia gasto, enrugado e cansado da vida.

– Como é que tu... tu nem sequer... – Terry Marchetti olhou em redor, espantado. – Disseste que ias manter este lugar intacto para sempre.

– Os planos mudam – cortou Tate.

Terry deslizou os olhos para mim.

– Estou a ver.

Eu corei.

– Tira a cabeça da sarjeta. Ela é uma criança. Agora deixa-nos em paz.

Tate levantou-se subitamente e bateu-lhe com a porta na cara, por precaução. Eu permaneci no chão, a ver o Tate a abrir novamente a porta depois de se ter lembrado de algo.

– Na verdade, faz-te útil e vai buscar um exemplar de *As Imperfeições* e assina-o para a Charlotte.

– Não tenho aqui livros – gritou Terry lá de baixo. – Disseste que não podia trazer nada para além de mim e de uma máquina de escrever. Desculpe, Charlotte.

– Não há problema – gritei eu.

Tate bateu com a porta novamente, mexendo no cabelo. Não se virou para mim. Estava muito confuso e eu queria tirá-lo dali. Depressa.

– De qualquer forma, encontrei aqui verdadeiras joias. Os livros do *Feiticeiro de Oz*, por exemplo, são primeiras edições e assinadas. – Agarrei num deles, aclarando a garganta. – Acho que se os doarmos à biblioteca local, eles vão concordar em ficar com todos os outros livros. Será o legado de Kellan. – Honestamente, com um conjunto inteiro da primeira edição do *Feiticeiro de Oz*, ficaria surpreendida se não dessem o nome dele a uma das alas da biblioteca.

O olhar de Tate dirigiu-se para mim como se tivesse esquecido de que eu estava aqui.

Aclarei a garganta.

– Ou podes vendê-lo. Acredito que vais conseguir um bom preço.

– Não – disse ele. – Vamos doá-los.

– Posso fazer isso por ti, se não tiveres tempo. Eu vou à biblioteca três vezes por semana desde os treze anos. – Bela maneira de lhe dizer que não tenho vida. Não que não fosse verdade. – Eu dou-te o formulário de doação para que possas obter a dedução fiscal. – Eu só não queria que ele pensasse que eu os ia vender ou ficar com eles. Mas agora tinha tornado as coisas mil vezes mais incómodas. Dedução fiscal? A sério?

– Que simpático da tua parte. Aceito.

Saiu-me de forma rígida e formal e não sei porque a desilusão se instalou no meu peito, tendo em conta de que não éramos amigos. Nem sequer éramos conhecidos. Apenas dois estranhos de passagem que por acaso estavam a fazer o luto pela mesma pessoa.

– Está bem.

– Está bem.

Vi as horas no meu telemóvel. Eram quase dez. Ainda não tinha jantado. Pensei que talvez eu e o Tate pudéssemos encomendar alguma coisa, já que tínhamos passado a noite juntos. Mas ele nunca o sugeriu e eu nunca perguntei.

O meu estômago roncou alto. Apetecia-me tapar a cara, desaparecer e

rastejar para debaixo do tapete. Ele não podia ouvir isto.

Ele ainda estava de pé junto à porta.

– Obrigado pela ajuda.

*De que estás à espera, Charlotte? Levanta-te e arrasta o teu traseiro para casa. Ele não quer estar contigo. Deixou muito claro que és demasiado nova para ele.*

Não que eu o quisesse dessa forma. Eu só queria conversar. E talvez comer. Bem, definitivamente comer.

Pus-me de pé antes que ele se sentisse obrigado a pôr-me fora.

– Eu levo os livros agora e deixo-os na biblioteca noutra altura. Já é tarde e eu não quero...

– Eu chamo-te um táxi.

– Não tens de o fazer...

– É o mínimo que posso fazer – atirou ele.

Eu acenei a cabeça. Ocorreu-me que ele chamava sempre táxis para casa. Se isto não era uma excelente metáfora para a nossa relação, não sei o que era. Eu puxava e ele empurrava. Eu aparecia à porta dele e ele mandava-me embora como um cachorrinho rejeitado. A sério, ainda bem que não nos veríamos mais depois disto.

Não nos abraçámos nem sequer nos olhámos quando entrei no táxi com a pilha de livros da primeira edição. O Tate tinha dito que ia telefonar para uma empresa para levar o resto. Só os mais caros é que ele queria que tivessem uma boa casa.

– Eu mando-te o formulário de impostos pelo correio – disse, cansada. – Já que não tenho o teu número de telefone. – Tive a decência de me encolher quando disse isto. Muito subtil?

– Parece-me bem.

Quando ele fechou a porta, reparei que nem sequer esperou na berma para se despedir enquanto o táxi deslizava novamente para o trânsito, desaparecendo entre as silhuetas de outros veículos sob os postes de iluminação de Nova Iorque. Abracei o conjunto do *Feiticeiro de Oz*.

No final, isto era tudo o que me restava de qualquer um dos irmãos Marchetti.

# Capítulo Vinte e Seis



**Tate**

**S**ubi as escadas assim que a Pequena Lottie saiu. Pequena. Lottie. Como se fosse uma adolescente, minúscula, Lottie de vinte e dois anos. Que costumava andar com o meu irmão mais novo. Não é preciso ser ilegal para estar completamente fora dos limites.

*Não tiveste uma ereção depois de ela ter partilhado contigo a sua grande T.*

*Não tiveste uma ereção depois de ela ter partilhado contigo a sua grande T.*

*Não tiveste uma ereção depois de ela ter partilhado contigo a sua grande T.*

Alerta spoiler: tive.

Que se lixe a minha vida, ela chorou nos meus braços e eu tive uma ereção como um miúdo de treze anos. A pior parte foi que o Terry me tinha apanhado. Ele viu a protuberância nas minhas calças quando me levantei para lhe fechar a porta na cara. As suas sobranceiras franziram-se como se me dissesse: *não é a minha mente que devia estar a sair da sarjeta*.

Não interessa. Estas merdas acontecem.

Já passou quase um mês desde a última vez que fiz sexo. Desde que tive a Allison no meu consultório, para ser exato. Depois de a Charlotte ter entrado na minha vida como uma doença contagiosa, a minha mente andava por outro lugar. Nomeadamente no Kellan.

De certeza que a Charlotte se sentira mal quando a pusera na rua, sobretudo depois de me ter ajudado a limpar o quarto durante quatro horas. Foi só quando o seu estômago começou a roncar que me lembrei de que lhe devia ter dado comida. Mas passar mais tempo com ela parecia

contraproducente para... oh... não sei... NÃO LHE IR ÀS CUECAS.

O Terry fez-me parar, colocando uma mão no meu peito quando eu voltava para dentro.

– Tate, fala comigo.

Tirei-lhe a mão do meu peito e subi as escadas. Sentia-me um miúdo. Ele seguiu-me. Porque é que eu estava a correr? Ele não me podia pôr de castigo. Estava na minha maldita casa.

– O que se passa? Esse quarto está limpo.

– Sim, como disseste, já devia estar há muito tempo.

– Posso, pelo menos, dormir aqui? Não trago nada para cá. Ficaria grato por dormir numa cama de verdade. – As suas palavras abalaram-me.

– Não. É a cama do Kellan.

Ele seguiu-me até ao meu quarto.

– Estou orgulhoso de ti.

– Não quero saber.

– Olha, eu já saí com mulheres mais velhas e mais jovens, e posso honestamente dizer que nada te traz mais de volta à vida do que uma jovem, atraente e divertida...

Virei-me para ele bruscamente quando cheguei à porta do meu quarto, vendo tudo vermelho. Os meus olhos estavam mortos quando o encostei à parede. As suas costas bateram com tanta força que um quadro caiu no chão, quebrando a moldura.

– Tu não sabes o que estás a dizer. Não quero falar contigo sobre ela, nem que penses nela ou te refiras a ela qualquer que seja a maneira. Compreendido?

Os seus olhos arregalaram-se.

Os meus também.

Eu não era aquele tipo que usava a força física para ter razão. Mas tinha de lho fazer entender. Não queria a porcaria do meu pai perto da Charlotte.

– Eu não estava a insinuar nada. Só a tentar fazer-te sentir melhor.

– Podias ter-me feito sentir melhor se tivesses tomado conta do teu próprio filho.

Ele cerrou os dentes.

– Até quando me vais fazer sentir culpado?

– Até parares de me culpar pelo que aconteceu – rosnei.

– Eu estava bêbedo naquela noite!

– Tu estás bêbedo todas as noites.

– Não desde que me mudei para aqui. Maldição, filho. Tenho estado sóbrio há alguns dias e tu nem sequer prestaste atenção. Vim aqui para ajudar.

– Podes ajudar, morrendo. – Assim que as palavras me saíram da boca, o meu *pager* começou a tocar. Tirei-o do bolso e franzi o sobrolho. – Tenho um bebé a nascer. – Apontei para o quadro partido enquanto descia as escadas. – Limpa esta porcaria.

Sempre fora assim comigo.

A vida entrelaçada com a morte.

Na noite em que o Kellan morreu eu ajudei a nascer trigêmeos. A mãe, que há duas décadas tentava engravidar, ouviu-me a resmungar e a queixar-me sobre o meu irmão durante os seus exames semanais juntamente com os três ritmos cardíacos.

Ela tinha decidido chamar Kellan a um dos seus filhos.

Eu ia dizer-lhe isso quando chegasse a casa nessa noite. Que ele agora tinha um legado, que alguém tinha o seu nome, e que o mundo é cruel, mas existem razões para sobreviver.

Nunca tive a oportunidade.

# Capítulo Vinte e Sete



## Charlotte

*O passado é um caçador que nunca deixa de perseguir.*

Eu li a mesma frase pela décima vez, incapaz de a processar. A minha mente estava presa noutra lugar. Para ser exata, no quarto do Kellan, no meu corpo entre as pernas do Tate. Agarrei no marcador com força, passei a extremidade pelos dentes e mordi a ponta.

– Charlotte? – Reagan meteu a cabeça pela porta, espreitando. – Preciso que me peças um serviço de entregas.

Atirei o manuscrito para a pilha dos que não interessam, agarrando um *post-it* e uma caneta. Uma distração. Era isso que me faltava.

– Endereço?

Ela encostou-se à ombreira da porta com uma mão na barriga e a outra segurando um envelope grosso de cor creme. Do tipo extravagante, cortado a laser e selado com lacre.

– Consultório do doutor Marchetti – disse ela, sem se importar minimamente com o meu estado mental. – Está tudo no envelope.

Fiquei imóvel, de caneta a pairar por cima do *post-it* amarelo, antes de me levantar para o ir buscar.

– Quando quer que seja entregue?

– O mais cedo possível. É para a festa de revelação de sexo do bebé no próximo fim de semana. – O resto dos convites já tinha sido enviado há três semanas.

Uma vez que nunca tentei nem quero ter um bebé, não sei quando o sexo é revelado, mas sete meses parecia-me bastante tarde. Com uma gravidez em idade tardia e vários abortos, eu não podia culpar a Reagan por querer esperar possíveis complicações antes de fazer grandes anúncios.

Abri a boca para falar, mas ela impediu-me levantando a mão. Pegou no



telefone da sua secretária e apontou-o para mim.

– E antes que me julgues, eu sei que as festas de revelação são pirosas. Mas esperei muito tempo para ter um bebé, e raios me partam se não quero ter tudo aquilo a que tenho direito.

Os meus lábios curvaram-se num sorriso.

– Não estou a julgar. Estou desejosa da festa. – Tirei a tampa da caneta.  
– O que quer que escreva no bilhete?

– Escreve... – Ela inclinou a cabeça, demorando tempo a responder. – Lamento o convite à última hora. Queria tê-lo entregue na última consulta, mas o meu cérebro de grávida atacou-me.

Rabisquei no bloco, sem realmente me focar naquilo que estava a escrever.

– Entendido.

Quando regresssei ao meu cubículo e tirei o *post-it* do bloco, percebi que só escrevera uma palavra. *Tate*.

O seu nome olhava fixamente para mim no quadrado amarelo. Assim que doasse a primeira edição de *O Feiticeiro de Oz* e lhe entregasse o recibo de doação, nada mais me ligava a ele. Não tinha qualquer razão para voltar a vê-lo. Estava cortada a minha única conexão ao Kellan.

Escrevi o seu nome no envelope.

*O que fazer, o que fazer, o que fazer.*

Antes de me convencer a fazê-lo, corri para o gabinete da Reagan e bati na porta de vidro.

– Entre.

Permaneci atrás da porta, meio convencida que ela perceberia a mentira se chegasse muito próximo.

– O nosso estafeta está ocupado todo o dia de hoje e de amanhã. Quer que o envie daqui a dois dias? Ou posso tentar encontrar outro estafeta.

Reagan estremeceu, reclinando a sua cadeira.

– A última vez que tentámos um estafeta novo, a encomenda acabou em Jersey. Podes entregá-lo pessoalmente? Apanha um Uber e paga com o cartão da empresa.

– Claro.

A Reagan chamou um Uber na sua aplicação enquanto eu esperava no passeio, tentando não me sentir culpada com a mentira, mas falhei redondamente. O mesmo acontecia quando tentava pensar noutra coisa que não fosse ver o Tate Marchetti novamente.

Levei anos a construir o meu ódio por ele e ele desfê-lo em menos de um mês. Se o Kellan me tivesse visto na última sexta-feira, aninhada entre as pernas de Tate, abraçada a ele, de queixo no seu ombro, chamar-me-ia traidora?

*Não.* Se odiar o Tate fosse um desporto olímpico, o Kellan teria recebido uma medalha. Ele considerava-o um trabalho, um passatempo e um estilo de vida.

Já tinha deixado uma marca do tamanho de um polegar no convite quando o Uber parou à porta do consultório. O motorista tossiu algumas vezes, tentando pôr-me fora do carro. Dei-lhe uma gorjeta em dinheiro e arrastei-me até às portas giratórias de madeira de carvalho escura.

Havia muitas coisas que devia estar a fazer – a ler um manuscrito no escritório, faltar ao trabalho para ir doar os livros de *O Feiticeiro de Oz* do Kellan, cortando os laços com o irmão que ele odiava – nenhuma delas incluía mentir à minha chefe e encontrar uma desculpa para visitar o Tate Marchetti. Mas aqui estava eu, a subir no elevador para o seu consultório. E era demasiado tarde para parar.

A cabeça da rececionista surgiu assim que as portas de metal se abriram. Desde a última vez que viera aqui, ela pintara as raízes do cabelo e tinha trocado as lentes de contacto por uns óculos de leitura da moda. Mas tinha a mesma cara carrancuda, uma placa retangular com o nome *Sylvia* e reconheceu-me.

– Tem marcação?

Ela sabia que eu não tinha.

– Sim – menti por trás de um sorriso, mas apenas porque vi o Tate a sair de uma sala nas traseiras e sabia que ele iria intervir.

Ele segurava uma prancheta enfiada no seu bíceps e uma bata de médico desabotoada. O seu cabelo tinha ondas estilizadas, a camisa sem rugas e as calças caíam-lhe na perfeição.

E, ao contrário de mim, parecia descansado. Nada incomodado. Senti-me desequilibrada. Fez-me odiá-lo um pouco mais do que já o odiava.

*Ele significa tudo o que o Kellan odiava.*

As minhas palavras surpreenderam Sylvia, porque ela parou, remexendo no teclado.

– Não estou a vê-la na lista, menina...

– Richards – terminou Tate, lançando-me um olhar firme. Claramente, ele não me queria ver. Mais um lembrete de que esta não tinha sido a minha melhor ideia.

Sylvia saltou da sua cadeira. Quase que esperava que ela lhe fizesse uma vénia. Em vez disso, ela agarrou o pulso com a mão oposta, apressando-se a pedir desculpa, como se estivesse à espera de que ele a decapitasse por maus serviços.

– Lamento, doutor Marchetti. A senhora disse que tinha uma marcação, mas eu não a consigo encontrar no sistema e não me lembro de ter marcado nenhuma consulta. Posso ligar já para a segurança.

– Não é necessário. – Tate pendurou a prancheta que trazia consigo numa porta e seguiu para o seu gabinete sem uma palavra.

Segui-o, ignorando o olhar de ódio de Sylvia. Ele abriu a porta e fechou-a atrás de nós quando eu entrei.

A última vez que estive aqui, outras coisas mais carnavais distraíram-me. Desta vez cataloguei cada centímetro da sala, mais interessada em entender o

Tate do que queria admitir.

O espaço era adequado a ele: madeiras escuras e poucos móveis. Um vazio clínico. Parecia o tipo de espaço onde se recebiam más notícias. Duas cadeiras para os visitantes em frente a uma pesada secretária e uma para ele. Livros grossos enchiam a estante embutida. Janelas de parede a parede ofereciam uma vista da cidade, suficientemente altas para não se distinguir as pessoas, mas suficientemente baixas para ainda parecerem pessoas. A cadeira que estava na frente tapava a vista do minifrigorífico.

Uma fila de diplomas, certificados e prémios decorava a parede oposta. Olhei para o azul profundo do de Yale antes de passar para o vermelho de Harvard.

– De qual gostastes mais? Harvard ou Yale?

Claramente, eu estava a empatar e, naturalmente, Tate não perdeu a oportunidade.

– Porque estás aqui, Charlotte?

– O Kellan disse que tu e a Hannah costumavam discutir ao jantar se ele devia candidatar-se a Harvard ou a Yale, como se ele conseguisse entrar em alguma delas.

– Conseguia e conseguiu – interrompeu Tate, com a voz tão baixa como a sua paciência.

– Porque estás aqui?

– O quê? – disse eu. O meu polegar deixou uma marca na superfície de vidro quando me virei para ele. – Ele disse que não tinha notas para isso.

Na verdade, ele disse que não se queria candidatar. Acho que as suas palavras exatas foram: *nem pensar*.

– Porque estás aqui?

– O que queres dizer com ele conseguiu?

– Ele recebeu uma carta de aceitação de Harvard em dezembro. Foi uma decisão antecipada. Admissões especiais. Vou perguntar outra vez. Porque estás aqui?

Virei-me como se ele me tivesse esbofeteado.

*Kellan Marchetti, que odiava a escola, a estrutura, as instituições tradicionais certinhas, candidatou-se a Harvard.*

Não sei o que me chocou mais, ele ter enviado a candidatura ou ter sido admitido com as suas notas. Uma vez ele mencionou que o Terry tinha arrasado a herança da sua mãe e gastado tudo em drogas, deixando-o apenas com o suficiente para pagar as propinas de St. Paul até ao fim.

Então, quem pagaria Harvard? O Tate?

Ainda faltavam três meses para terminar o liceu e escapar aos intimidadores. Duas semanas até ele ter dezoito anos e escapar ao Tate. Ele não ia perder mais quatro anos acorrentado ao irmão, contando com ele para pagar as propinas.

Ainda assim...

Também não se teria candidatado se não quisesse entrar.

A razão pairava entre mim e Tate, algo em que não pensava há anos. Pensei que aceitara a morte do Kellan, que percebera as razões por que ele escolhera ir, e que soubesse tudo sobre as circunstâncias. Aparentemente estava errada.

O envelope na minha mão estava amachucado. Nesta altura, parecia algo comprado em saldo, completamente arruinado.

A minha confiança evaporou-se. Fiquei a olhar para os painéis de madeira, olhando para todo o lado menos para Tate.

– Tenho de ir.

Tate bloqueou-me o caminho, segurando-me quando colidi com ele. O meu pescoço pulsava. O seu aroma invadiu o pequeno espaço entre nós e deixou-me zozza.

Senti-me tonta. Instável. Numa espiral descendente da qual nunca recuperaria.

Ele baixou o tom de voz, mas ainda assim saiu rouco. No limite.

– Porque vieste, Charlotte? – Ele ainda mantinha a mão no meu cotovelo.

Recuei, agitando o envelope no ar como uma idiota.

– A Reagan mandou-me dar-te isto. É um convite para a sua festa de revelação de sexo.

Ele olhou fixamente para o envelope amachucado, com a marca do meu polegar e levantou a mão para mo arrancar dos dedos. Suspirei quando a nossa pele se tocou.

As minhas mãos estavam cerradas. Enfiei-as nos bolsos do meu vestido e agarrei os fios do forro.

– Há noventa e nove por cento de hipóteses de seres o único homem lá. Se fores.

*Pronto. Fizeste o que tinhas a fazer. Para de falar. Sai, Charlotte.*

Tate revirou o envelope, leu o nome e atirou-o para o enorme monte de cartões de agradecimento na sua secretária.

Endireitei o vestido.

– O pai morreu há dois anos. Ela não tem irmãos. E, bem, os bebés vêm de um dador de esperma, por isso não há pai. – O diploma médico de Tate olhava-me da parede. – Oh! Pois. Tu és o médico dela. Já sabias isso.

Oh, meu Deus! Quanto mais falava pior ficava.

Ele sentou-se na sua cadeira.

– Porque ainda está aqui, Charlotte Richards?

*Pois, boa pergunta.*

Os meus pés permaneciam colados ao chão. Olhei para as filas de livros por trás dele e disse:

– Ainda me debes uma cópia assinada do *As Imperfeições*.

– Envio-ta para o teu escritório através de serviço de estafeta. – Ele levantou as sobrancelhas, olhando para o convite. – Por acaso, existe esse tipo de serviços. A Reagan já me enviou várias coisas através de estafeta.

Não tinha resposta para aquilo, por isso disse a única coisa que me ocorreu.

– Não te esqueças de confirmar a presença. – Parecia algo que a minha mãe teria dito, o que me fez corar.

– Vais lá estar?

– Sim.

Tate tirou uma caneta e um livro de cheques da gaveta e, quando percebeu que já não tinha cheques, atirou-o novamente lá para dentro. Os seus dedos tocaram no botão de intercomunicador.

– Sylvia, traga-me um presente do armazém.

Ocorreu-me que mentir à minha chefe num emprego que fora difícil de arranjar, um emprego que eu gostava, não valia a pena só para ver novamente o Tate Marchetti. Não quando ele voltara a ser frio e distante e não o homem que me confortara na sexta-feira depois de lhe contar um dos meus maiores arrependimentos.

Cruzei os braços, e ondas súbitas de amargura invadiram-me.

– Ainda não tive oportunidade de ir à biblioteca doar os livros. Envio-te o formulário para dedução de impostos em breve.

– Que pena. Entretanto, a minha conta bancária vai sofrer.

Parecia que com exceção de Kellan e de Reagan, nada mais tínhamos em comum. Nada para conversar. E eu não sabia por que razão, mas recusei-me a aceitar essa verdade. Chamem-me teimosos. Ou idiota.

– Como vão os bebés um a sete?

Ele reclinou-se na cadeira.

– Como?

– Os que iam nascer durante o fim de semana.

– De um a cinco estão bem.

– E os outros dois? – A minha voz subiu de tom. O Tate via vida e morte todos os dias. Como é que ele conseguia não pensar no Kellan?

– Teimosos. Mas acho que não vieste aqui para entregar o convite da Reagan.

Uma batida abrupta na porta interrompeu-nos.

Tate nunca tirou os olhos de mim.

– Entre.

Sylvia entrou trazendo um saco de presente alto e fino. Colocou-o em cima da secretária de Tate e saiu, mas não sem antes me olhar de soslaio. Um tecido fino envolvia o que era, sem dúvida, uma garrafa muito cara.

Tate tirou a etiqueta com o seu nome e retirou um cartão, atirando-o para o caixote do lixo à minha frente sem o ler.

Fiquei a olhar para o papel, inclinando um pouco a cabeça para perceber o que dizia.

***Dr. Marchetti, é um santo. Obrigado por tornar os nossos sonhos realidade.***

Sonhos. Tate Marchetti realizava sonhos. Quase lhe disse isso. Só para ver se os seus pedaços partidos podiam ser curados.

*O problema não é teu, Charlotte.*

*Ele não é problema teu.*

Tate fez deslizar o saco para a minha frente para eu o tirar da secretária.

– Eu não vou às festas das minhas pacientes, especialmente as revelações de bebés dos quais já conheço o sexo. Mas, por favor, entrega este meu presente à Reagan, juntamente com as minhas felicitações sinceras.

*Sincero.*

A palavra não se adequava a ele. E eu decidi, firmemente, que nada em Tate Marchetti era passível de ser arranjado.

Agarrei no saco e dirigi-me à porta.

– Oh, e menina Richards? – A minha mão imobilizou-se na maçaneta, mas eu não me virei para ele. – Diga à Reagan que desejo boa sorte para os gémeos rapazes.

Tate regressou ao seu trabalho, folheando alguns ficheiros em cima da secretária. Virei-me e olhei para ele, mais chocada por ele ter aquela reputação angélica de Dr. Milagre do que estava por me ter estragado a surpresa de revelação do sexo.

Algo que o Kellan uma vez disse ecoou na minha mente.

*Não esperes nada do Tate. Se ele não é feliz, mais ninguém pode ser.*

Kellan tinha acertado em metade. Tate tinha prazer na sua própria infelicidade. Via-a como uma penitência e nunca reparava quando ela rebentava em cima dos outros.

# Capítulo Vinte e Oito



**Tate**

**E**is um facto engraçado do qual me lembro sempre que ajudo uma criança a entrar neste mundo: por cada nascimento neste país, há uma morte. Na noite em que os trigémeos nasceram, o Kellan foi uma delas. E em todos os nascimentos desde então, tentei dar uma cara àquilo que não a tinha. A de Kellan. E era por isso que eu nunca saía da clínica de bom humor, incluindo hoje.

O parto de Tracey Wallingford tinha durado dezasseis horas. Ela tinha um marido desinteressante que, quase apostaria, não teria mão na educação dos filhos e ela conseguiu usar todos os palavrões do dicionário quando lhe disse que a epidural só durava uma ou duas horas. Quando apanhei um táxi, a noite já estava a transformar-se em dia.

O marido de Tracey permanecia em frente ao hospital, a fumar. Quando me viu, pôs o dedo em frente à boca.

– Ei, podemos manter isto entre nós? A Tracey obrigou-me a deixar de fumar por causa do bebé.

*A Tracey tem um nariz a funcionar e uma boca a condizer. Aprecie o divórcio, a pensão de alimentos e a perda de cinquenta por cento dos seus bens.*

Mas pelo privilégio de regressar a casa mais depressa, calei-me, acenando a cabeça e passando pelo fumo espesso que ele soprava na minha direção.

Entrei no táxi e repeti o meu endereço ao motorista.

– Acorde-me se eu adormecer, por favor.

Regressei a uma casa vazia. O Terry tinha deixado o cobertor num monte no canto do sofá e a cozinha toda desarrumada. Deitei a caixa de

cereais a meio no lixo, sem vontade de tentar o destino no que tocava ao Terry e atirei uma das minhas refeições encomendadas para o micro-ondas.

Ouvi um som nas escadas e percebi de imediato. Sabia a quem pertencia. Para seu crédito, eu estava à espera de uma quebra das regras mais cedo. Terry Marchetti possuía a força de vontade de um cão quando vê um biscoito, o que acontecera desde os vinte até aos sessenta anos.

Segui o ruído até ao quarto do Kellan. Ouviam-se roncões no corredor através da frincha da porta. Empurrei a porta e agarrei-a antes de bater na parede.

O Terry estava deitado na cama de Kellan com uma almofada em cima do peito e uma pilha de papel presa com um clipe.

Parei de inspecionar, sabendo o que ia encontrar se continuasse e que, muito provavelmente, iria explodir. A centímetros de distância estavam pedaços de madeira da gaveta trancada da secretária do Kellan espalhados pelo chão. Tinha-se lascado no centro como se alguém tivesse forçado a fechadura.

Era mesmo do Terry ignorar cada regra que eu estabelecia. A minha fúria aumentou. Um feito impressionante tendo em conta que já andava sempre alta. Tinha estado a ferver toda a noite, aumentando de cada vez que a minha paciente tinha de implorar à enfermeira para telefonar ao marido na pausa dos seus cigarros. Catorze vezes, por falar nisso, como se fosse ele que precisasse de uma pausa do bebé que estava pronto a rasgar um novo buraco na sua mãe.

Dirigi-me à janela, abri as cortinas pesadas e embosquei o Terry com os raios de sol.

– Oh! – resmungou ele, soltando o papel para proteger os olhos da luz. O seu cabelo estava todo espetado por ter dormido numa posição estranha. – Estás em casa.

– Sim – declarei. O meu suposto pai é mesmo brilhante. – Estou em casa. A *minha* casa.

Será que gostava de entrar em disputa com o Terry?

*Somente quando o céu está azul.*

– Encontrei um manuscrito. – Ele bocejou, apontando para a pilha de papel no chão. – O Kellan escreveu-o.

O som do nome do Kellan nos seus lábios instigou a reação típica: raiva. Depois, como um relógio, a culpa fê-la desaparecer.

Encostei-me à porta, recusando-me a entrar novamente no quarto.

– Se bem me lembro, uma das condições de ficares aqui era não pões os pés no quarto do Kellan.

– Estava à procura de um isqueiro. – Ele coçou o braço. Estava destapado e sem marcas de agulhas. Não que isso significasse alguma coisa. O Terry preferia pó, comprimidos, álcool e cigarros.

Olhei para ele.

– Arrombaste a gaveta.



– Ei, deixei a outra inteira. Ele também já não a vai usar mais.

Este Terry, o Terry sóbrio, era tão mau como a outra versão dele. Acho que até preferia quando ele andava na cocaína e fora da minha vida.

Quando iniciara esta conversa, não fazia ideia do que ia acontecer, mas desde que ele abrisse a boca, eu sabia exatamente onde o queria. Endireitei-me e mantive a porta aberta.

– Sai.

– O quê? Porquê?

– Quebraste as regras. Sai.

– Não posso dormir no sofá. É frio.

– Está mais frio na rua. Que é para onde vais já que quebraste as condições da tua estadia e já não és bem-vindo na minha casa.

Tirei-lhe o edredão, olhando para a nova marca no colchão, a marca do corpo do Terry. Já nada neste quarto gritava Kellan. Quatro anos depois conseguira finalmente apagar da minha vida todos os vestígios do meu irmão.

Pelo menos os visíveis.

O Terry deve ter finalmente percebido, porque se agarrou à extremidade do colchão como se estivesse à espera de que eu o arrancasse do sítio.

– Eu preciso de me aquecer – insistiu ele.

– Tenta o inferno. Ouvi dizer que o tempo está quente por lá.

– Mas o sofá...

– Já não está disponível para ti. – Segui-o pelas escadas até à entrada, abrindo a porta. – Rua.

O facto de ele não ter nada tornava mais fácil e conveniente mandá-lo embora.

– Fizeste comida? – Ele levantou a cabeça, cheirando o ar. – Aquilo é lasanha? Eu saio depois de comer.

Caminhei até à cozinha, agarrei no tabuleiro do micro-ondas e coloquei-lho nas mãos apesar de saber que precisava de, pelo menos, mais três minutos em lume alto.

– Sai.

Ele hesitou, permanecendo no limiar da porta.

– Permanentemente?

Bati com a porta assim que ele saiu.

Do outro lado, ouvia-o gritar:

– Eu vou falar com a imprensa! Médico famoso deixa o seu pai idoso a passar fome na rua. Vê lá se gostas da atenção negativa para variar.

Eu não respondi.

– E o manuscrito? – gritou ele.

Fui a tropeçar até chegar ao quarto do Kellan.

Apanhei as farpas de madeira do chão.

Ignorei o pedaço que me picou a pele.

O manuscrito estava à minha frente. Apanhei-o, deixando as pesadas páginas enterrar ainda mais a farpa na minha pele. Fiquei a olhar para ele sem

realmente o ver. Os meus olhos ardiam do esforço.

Nunca lia.

E nunca lera nada do Kellan.

No fim, consegui ver o título antes de enfiar o manuscrito por baixo da cama, mesmo antes de vomitar no seu caixote do lixo.

*Doce Veneno.*

# Capítulo Vinte e Nove



## Charlotte

**D**ei por mim ensanduichada entre as minhas colegas na festa de revelação de sexo da Reagan. A Abigail cuspia quando falava, mas eu conseguira evitar a trajetória até agora.

A Irene falava tão alto que qualquer assunto sensível tinha de ser tratado numa câmara à prova de som a não ser que quiséssemos que toda a vizinhança soubesse como era ter um homem entre as pernas de Reagan. O que, infelizmente, era o tópico sensação da noite.

– Estou a dizer-te, ter este homem a tocar-nos é uma maldição. – A Reagan apoiou as pernas no sofá do outro lado. – Não sei como não atinjo um orgasmo assim que os seus dedos me tocam entre as pernas. Acho que vou ter cinco filhos só para ser ele a fazer os partos.

Mexi-me no sofá vitoriano cor de caramelo. Não conseguira fazer muito trabalho hoje. Apenas mexera nas coisas e arrumara alguns papéis, tentando fazer o melhor para bloquear a voz dela quando se bamboleva para o exterior da sala de teleconferências, segurando a sua barriga e falando sobre os dedos experientes do Dr. Marchetti na mesa de observações.

A conversa continuara desde o escritório ao táxi e à Madame Wade's, uma sala de chá em Upper West Side.

– Eu já estou na sua lista de espera há anos – exclamou Abigail, dando uma dentada num dos *scones* de baunilha acabados de fazer. – Ele não aceita clientes novas.

A Irene meteu-se na conversa.

– Eu vou sempre ao médico local. Em Williamsburg. Ser vista por um homem, quer seja lindo de morrer ou não, é demasiado estranho para mim. A Dra. Waxman é uma joia. A mulher mais simpática que conheço.

As três mulheres olharam para mim, à espera de que eu participasse na conversa. Tendo em conta o assunto íntimo, acho que era estranho que uma de nós decidisse não partilhar.

Equilibrei uma sanduíche na minha perna e empatei, bebendo chá *oolong* de manjerição de uma chávena minúscula com o mindinho espetado na direção da Reagan. Havia cerca de cinquenta pessoas espalhadas pela sala e eu preferia estar a conversar com qualquer uma delas do que aqui, presa nesta conversa.

Esbocei um fraco sorriso.

– Nunca consultei um ginecologista.

– Nunca? – Irene franziu o sobrolho. – Mas nunca foste a uma consulta?

Eu abanei a cabeça.

– Nem mesmo na faculdade? Quando começaste a fazer sexo?

Eu nunca tinha começado a fazer sexo, mas tinha a sensação de que admitir ser virgem numa sala cheia de fêmeas alfa educadas e francas seria visto como uma fraude.

De qualquer maneira, eu estava bem ciente de que a maioria das raparigas modernas de vinte e dois anos já não eram virgens. Simplesmente nunca tivera tempo para essa coisa dos encontros. Desde que os meus pais tinham morrido, eu priorizava a manutenção da minha bolsa e ganhar dinheiro.

Senti-me corar.

– Pois, nem mesmo nessa altura.

Abigail arfou.

– Isto não é real.

– E um pânico? – Reagan bebia o seu chá de laranja-sangue. – Não me digas que nunca pensaste fazer um. Todas as pessoas com mais de vinte e um anos devem fazê-lo.

Abanei novamente a cabeça.

– Vou retificar isso. Vou marcar.

– Não, não vais. – Abigail riu-se. – Olha para a tua cara. Estás assustada.

– A minha tia Jessa morreu de cancro do colo do útero. Gostava muito dela. – Reagan bateu na caneca com a sua unha. – Não vou deixar que andes pelo mundo sem fazeres exames de rotina. Assim que esta festa acabar, vou telefonar para te marcar uma consulta.

– Por favor, isso não é necessário...

– Na verdade, é a própria definição de necessário – salientou Irene.

Reagan substituiu a sua chávena pelo telefone.

– Está decidido, então. Vais fazer o exame. Não quero ouvir mais nada.

Olhei para o aparelho, preocupada que ela pudesse telefonar a Tate neste momento quando ele nem sequer se dera ao trabalho de aparecer.

Fiquei aliviada quando a Reagan pousou o telefone, mas depois ela acenou.

– Hannah!

Estremeci, espetando as unhas na sanduíche. Uma sala cheia de pessoas parecia um mau local para perceber que o nome me agitava. Apesar de, bem, não poder ser ela...

Uma loura alta materializou-se à nossa frente. Usava um vestido elegante, saltos muito altos e cabelo comprido puxado para trás num coque. A sala adequava-se a ela com os seus quadros elegantes de folha de ouro, papel de parede bordado e cornijas. Subitamente, o meu vestido curto com saia evasé, meias às riscas pelo joelho e botas da tropa fez-me a sentir marginalizada.

A Reagan aconchegou-se, oferecendo espaço extra no sofá.

– Esta é a Hannah. Foi a enfermeira que me ajudou depois de ter abortado da segunda fertilização *in vitro*. Ela recomendou-me o doutor Marchetti e o resto é história.

A minha boca estava seca.

*Era* ela.

A Hannah do Tate.

O meu coração ensurdecia-me e conseguia ouvir a minha própria pulsação. Começou a tocar uma nova música. Algo sobre encontrar o caminho de regresso a casa, que mais parecia uma tentativa do universo para me dizer algo.

Senti que me transportava ao passado. Para o momento em que eu passara de Charlotte Richards a Muitas Pilas. Devia apresentar-me? Admitir que conhecia o Kellan? Admitir que conhecia o *Tate*?

No final, permaneci silenciosa, bebi o meu chá e observei-a, tentando ver o que Kellan odiava e Tate gostava. Abigail e Irene cumprimentaram-na efusivamente, o que eu imitei, mas com um sorriso de plástico. Desligado e fabricado.

Ela parecia serena. Exatamente o oposto de mim em tudo.

Hannah acenou a cabeça.

– Ele também vem?

– Não tenho a certeza. – Reagan olhou para mim, arqueando a sobrancelha. – Charlotte?

– Oh! – Pousei a minha sanduíche esmagada, imaginando que uma mentira seria melhor do que a verdade: que Tate ficara chocado com essa perspetiva. – Ele não me deu uma resposta em definitivo, mas acho que não virá.

– O Tatum não é do género de gostar de festas de revelação de sexo – disse Hannah, como se fosse uma autoridade no assunto Tatum Marchetti.

– Ou celebrações em geral – murmurei eu para a minha chávina.

– Ele prefere ficar perto da clínica quando está de plantão.

*Ou talvez o irmão de Tate tenha morrido e ele já não veja sentido numa vida fora do trabalho.*

Pelo menos, essa era a pessoa que eu via quando olhava para Tate Marchetti. Quebrado e a funcionar em piloto automático.

Irene inclinou-se para a frente.

– Parece que o conhece bem.

– Já estivemos noivos.

– O quê? – Reagan virou-se, batendo com a barriga na anca de Hannah.

– Como é que eu não sabia disso?

Hannah encolheu os ombros, a imagem da indiferença. A sua voz tinha uma característica musical e fazia com que tudo o que dissesse soasse como uma bênção. Ou a letra de uma canção de Bonnie Tyler.

– É passado.

Ela contraiu os dedos muito depressa.

Tão depressa que eu não tinha a certeza de ter acontecido.

Será que a Hannah ainda sentia alguma coisa pelo Tate? Ou guardava-lhe ressentimento? De qualquer das formas, ela podia juntar-se ao clube. Podíamos ter *t-shirts* a combinar.

– Bem... não vale a pena ficar a matutar nisso! – decidiu Reagan.

– Não há problema. Eu segui em frente. Ele também. Já passaram quatro anos.

Fiz a matemática mental. Kellan tinha mencionado a separação no primeiro ano, o que implicava que tinham passado cinco anos. Não quatro.

Será que o Tate e a Hannah voltaram a juntar-se depois de ele morrer? Antes?

O facto de eu saber tão pouco sobre o Tate Marchetti atingiu-me. Afundei-me mais na almofada do sofá, pensando nos rapazes Marchetti.

Queria perguntar ao Tate sobre aquilo de Harvard. Tinha pensado nisso a semana toda. Sentia-me de olhos vendados. Enganada. A cura que demorara quatro anos desaparecera de uma só vez.

Francamente, eu conhecia o Kellan suficientemente bem para saber que ele não podia ser obrigado a fazer algo que não queria. O que implicava que ele se tinha candidatado a Harvard por vontade própria.

Será que ele tinha um sonho para o futuro e mesmo assim escolheu morrer?

As mulheres mudaram de conversa para novos lançamentos de *audiobooks* de não-ficção. Bebi o resto do meu chá, desejando ter chegado aqui mais cedo para poder ir-me embora agora sem parecer mal-educada.

O arrependimento aumentou quando ouvi uma das primas da Reagan dizer:

– É ele? O Doutor Milagre? Acham que ele me aceita se eu lhe pedir muito?

Virei subitamente a cabeça na direção da porta ao mesmo tempo que a Hannah, engolindo em seco quando o vi.

*Tate.*

# Capítulo Trinta



**Tate**

Que se saiba que só vim por causa da minha paciente. Com o dinheiro que a Reagan pagava, ela merecia que o seu bebé nascesse bem e com tudo a que tinha direito. O mínimo que podia fazer era aparecer na sua festa de revelação com um presente a sério e um sorriso que gritasse aqueles seis mil que o seu seguro paga por consulta são bem gastos.

Na mesa dos presentes, atirei um envelope para um cesto. Continha uma carta de recomendação para um infantário muito bem classificado na cidade onde uma antiga cliente minha trabalhava na direção de admissões. Provavelmente um subproduto da minha consciência a fazer horas extraordinárias. Não ajudava o facto de me sentir um merdoso por, bem, por ser mesmo. E foi por isso que acabei aqui, para que conste, apesar do que disse à Charlotte Richards.

Tirei uma caneta e um cartão de um monte, escrevi o meu palpite sobre o sexo dos bebés e coloquei-o na caixa das rifas. Dois rapazes, já agora.

Eu próprio os vi na última ecografia. E, sim, foi pouco profissional. Mas eu sabia que a Reagan se ia divertir com isso. Além disso, o prémio incluía auscultadores com cancelamento de ruído, que seriam úteis sempre que o Terry aparecesse.

Um grupo de mulheres olhava para mim junto à lareira. Normalmente, as mulheres olhavam para mim por uma de duas razões: 1) Queriam-me dentro delas (sexualmente), ou 2) Queriam-me dentro delas (clinicamente).

Qualquer que fosse a razão, eu não estava interessado.

Dirigi-me a Reagan com a intenção de a saudar e sair o mais depressa possível. Depois vi a Charlotte Richards, seguida da minha ex-noiva. Estavam com as cabeças inclinadas para a frente a conversar. Charlie ostentava um

rubor de tom lagosta e um vestido que deixava noventa por cento das suas pernas à mostra.

*Não vieste aqui para comer a melhor amiga do teu irmão.*

*Não vieste aqui pela Charlotte Richards, de todo.*

Não tinha intenção de continuar a espiral descendente no que a ela dizia respeito. A minha fixação estava sob controlo. Por isso, não tinha qualquer desejo de conversar com ela. Ou pior, tirar-lhe aquele minúsculo vestido e entrar dentro dela com aquelas meias pelo joelho ainda vestidas.

Nenhum.

Alguém me agarrou o ombro. Pelos vistos, a mãe de Reagan.

– Doutor Marchetti, certo?

Estendi a mão para apertar a dela, perguntando-me quem raio inventou a boa educação e lamentando o facto de ter de a respeitar para manter a minha personagem de charmoso Dr. Milagre. Aparentemente, as pacientes queriam Jekyll, não Hyde. Chocante.

– Pode chamar-me Tatum. Suponho que é a Senhora Rothschild?

– Jennifer. – Ela colocou as palmas das mãos de cada lado da minha mão em vez de me dar um aperto de mão. – Doutor Marchetti, aquilo que fez pela minha filha... Não tenho palavras para lhe agradecer.

Atrás dela, Charlie observava Hannah, que estava exatamente como quando se tinha mudado há quatro anos. Os lábios de Hannah formavam palavras a um ritmo calmo. Ela tinha tendência a pensar e a ver pelos pensamentos antes de os verbalizar, com exceção de tudo o que dizia respeito ao Kellan. Que acabou por ser a causa da destruição da nossa relação. Isso e o pequeno e irritante facto de eu simplesmente não gostar dela. Como ser humano, sim. Como noiva? Não.

– Nunca a vi tão feliz. – As mãos dela continuavam a agarrar as minhas. – Estamos tão entusiasmadas com a chegada dos bebés. Eu já arranjei um quarto em minha casa para quando forem visitar a avó. Como tem passado? Tem descansado?

*Encontrei a melhor amiga do meu falecido irmão e fiquei com tesão enquanto a consolava.*

Nem por sombras.

Mas eu li as entrelinhas, e sabia o que a Sra. Rothschild queria ouvir.

– Em plena forma. Pronto para dar à luz os gémeos. Farei o meu melhor – assegurei-lhe, cansado.

Ontem à noite encontrei o Terry à minha porta com uma cópia autografada de *As Imperfeições* e a condição de que lhe desse uma última oportunidade em troca do livro. O que, em retrospectiva, não me deveria ter surpreendido, uma vez que o verdadeiro talento de Terrance Marchetti na vida era explorar a sua própria carne e sangue. Levava o livro no bolso de trás, curvado, porque não conseguia tratá-lo com delicadeza. E depois de o entregar a Charlie, cortaria todos os laços com ela.

Como se me estivesse a ouvir, ela virou a cabeça na minha direção. O



nosso olhar cruzou-se. Imaginei que ela ficaria, no mínimo, assustada. Não lhe tinha dado a impressão de que viria aqui. Mas ela aceitou bem a minha presença, mantendo o seu queixo levantado.

A mãe de Reagan inclinou-se para mim, aproximando-se.

– Então, diga-me... são meninas, certo?

– Acho que a sua filha ficaria aborrecida comigo se lhe dissesse antes da revelação.

– Ela precisa demasiado de si para ficar aborrecida consigo.

– É verdade – concordou Reagan, oferecendo-me uma garrafa de cerveja artesanal. – Obrigada por ter vindo, doutor Marchetti.

Agarrei a garrafa pelo gargalo e bebi metade de um só gole.

– Estou certo de que irei para casa com uns Sennheisers com cancelamento de ruído no final da noite.

– Entrou no concurso das rifas? – Ela desatou a rir. – Isso é batota.

Eu sorri.

– Precisa demasiado de mim para ficar aborrecida comigo.

– É verdade. Além disso, gostei da garrafa de Dom que me ofereceu – brincou, piscando-me o olho. – De certeza que até os bebês se embriagaram. – Ela fez uma pausa. – Oh, e antes que me esqueça, tenho uma assistente que nunca foi ao ginecologista. Espero que a aceite como favor. O nome dela é Charlotte. Lembra-se dela, certo?

Tanto para dizer. Primeiro, era completamente irresponsável ignorar a saúde reprodutiva. O que também não parecia nada da Charlie. Mas a última coisa que precisava, ou queria, era tê-la como paciente.

Hannah vinha na minha direção. Reagan viu-a primeiro e puxou a mãe pela manga, dizendo que ia enviar um *email* à Sylvia para coordenar os pormenores da consulta. Eu nem sequer tinha concordado.

Charlie seguiu o movimento de Hannah com olhos de falcão. A minha ex-noiva aproximou-se de mim com a mesma hesitação que demonstrara após a morte de Kellan. Como se eu fosse uma granada à qual saltara o clipe de segurança e ela precisava de ser esse clipe.

– Hannah. – Inclinei a minha garrafa para ela em sinal de cumprimento.

– Tatum. – Ela apontou com a cabeça as portas duplas transparentes que davam para um pequeno pátio. – Podemos conversar?

– Claro.

Tinha planeado sair depois de cumprimentar a Reagan, mas achei que uma conversa de cinco minutos era o mínimo que podia fazer pela Hannah depois de ela me ter mantido, alimentado e obrigado a respirar nos meses que se tinham seguido à morte do Kellan.

No pátio, a Hannah posicionou-se de forma a me impedir de fugir. Não a podia censurar. A ideia tinha-me passado pela cabeça. Seria fácil arranjar uma desculpa para fugir. Mãe em trabalho de parto. Cesariana de emergência. Potencial gravidez ectópica. Tinha usado todas essas três desculpas no passado quando precisava de espaço.

Este sítio oferecia-me uma visão clara da Charlie, o que não era o ideal, considerando que ela parecia ter coisas para me dizer e eu achava difícil desviar o olhar. Ela disse qualquer coisa, mas era tão má a fazê-lo que a sua língua lhe deslizou pelos lábios. E isso chamou a atenção da minha pila.

Que patético.

Era uma atitude idiota ficar a olhar para a Charlie enquanto falava com a Hannah.

Mas gritar comigo para mandar o meu irmão para o colégio militar também era um passo idiota, que Kellan aparentemente tinha ouvido. Como Terry podia atestar, guardar rancor era um talento especial meu.

Hannah pigarreou.

– Tu seguiste mesmo em frente, não foi?

– Não havia nada para seguir em frente.

As palavras saíram-me da boca. Ela estremeceu, mas não me arrependi. Eu conhecia a Hannah. Se eu não clarificasse o estado da nossa relação, ela agarrar-se-ia a qualquer esperança que pudesse.

Mas também, magoar era a minha configuração-padrão e era-me perturbadoramente fácil cair nela. Afinal, eu era filho de Terrance Marchetti. E ela era a mulher que tinha tentado expulsar o meu irmão de minha casa.

Depois de ele morrer, a Hannah voltou e ficou lá em casa durante seis meses e só desistiu quando percebeu que eu não fazia conta de me matar e que Kellan não era o problema na nossa relação. Ele tinha sido a razão para a relação.

A minha atenção desviou-se novamente para a Charlie. Ela tinha mudado para uma nova estratégia: repetia a mesma palavra vezes sem conta, dando ênfase a cada sílaba.

*Har. Vard.*

Não compreendi a sua fixação. No meu consultório, tinha-a atribuído a uma estratégia para empatar. Ou talvez ela não soubesse mesmo da sua entrada na faculdade e isso implicava que ela não era tão próxima dele como pensava.

A Hannah fingiu não reparar que eu estava a olhar. Fazia-me lembrar muito a nossa antiga relação – fingir que estava tudo bem quando nunca tinha estado. Agarrou-me o braço, tentando atrair-me novamente para a conversa.

– Como tens passado?

– Era sobre isso que querias falar?

– É uma gentileza, Tatum – disse ela. *Aí está.* – Algo que se diz quando não se vê uma pessoa há três anos e sete meses.

Mas quem está a contar, certo?

– Não vim cá para discutir.

*Nem para te ver. Porque é que estás aqui?*

– Queria saber por que razão as coisas terminaram, mas acho que a questão é saber por que razão começaram.

– Isso é importante?

– É, se eu quisesse sentir que acabou, e acho que mereço saber.

E então fez-se um clique. Percebi o que a Charlie queria. Ela queria saber a razão. Se o Kellan se candidatou a Harvard era porque ele queria ir. E se ele queria ir, significava que tinha um futuro. E se tinha um futuro, tornava-se mais difícil digerir a sua decisão de se matar.

Encerramento.

A palavra andava às voltas na minha mente. Estava a remoê-la, perguntando-me se algum de nós a merecia.

– Passaram quatro anos, Charlie.

– Hannah – corrigiu ela.

*Merda.*

– Passaram quatro anos, Hannah.

A minha atenção desviou-se para trás dela. Charlie continuava de olhos postos em mim. Ela podia ter agitado uma bandeira vermelha que não seria tão óbvia. Por outro lado, eu duvidava que estivesse melhor. E eu a pensar que tinha escapado da espiral.

– Ela é a Charlie? – Hannah sacudiu o polegar para trás. – A rapariga para quem estás sempre a olhar?

– Não. – Sentia-me tão confortável a mentir que o fazia mesmo quando não tinha nada a ganhar com isso. Depois de hoje, não voltaria a ver a Hannah. Não importava que ela soubesse a verdade.

Olhei para além dela. A Charlie vinha na minha direção, ganhando velocidade à medida que a multidão diminuía. Se eu ficasse haveria uma explosão. Um confronto. Era tão inevitável como a morte. Precisávamos de ter esta conversa, mas eu também precisava de manter a minha sanidade mental intacta. Pelo menos até à cesariana marcada para as quatro da tarde de amanhã.

Porque é que o Kellan se matou? De quem era a culpa? Podíamos ter feito alguma coisa para o evitar? Eu não sabia a resposta a nenhuma dessas perguntas. Só sabia duas coisas: 1) não estava preparado para descobrir nada, e 2) a autopreservação é a primeira lei da natureza.

Por isso, fiz o que os idiotas fazem.

Correção: fiz o que o Terry fazia sempre.

Fugi.

# Capítulo Trinta e Um



**Charlotte**

Vim trabalhar vestida exatamente como me sentia. Caótica. *Collants* rasgados sob um vestido preto cheio de salpicos de tinta vermelha. Usava uma gargantilha no pescoço, luvas sem dedos nas mãos e rosto carrancudo, que se aprofundou quando vi uma multidão junto à minha secretária.

A Irene inclinou-se para a frente, com as mãos atrás das costas, a olhar para algo como se tivesse demasiado medo de lhe tocar.

A primeira a ver-me foi a Abigail.

– Ali está ela! – E veio a correr na minha direção, pondo um braço à volta do meu ombro. – Onde é que a encontraste?

– Onde encontrei o quê?

– Uma cópia autografada de *As Imperfeições*. Ouvi dizer que o Terry Marchetti não faz uma sessão de autógrafos desde a primeira edição e esses eventos eram para maiores de dezoito anos. Tu eras uma bebé quando foi editado.

– Tinha treze anos.

– Sim. Uma bebé.

Cociei o nariz, sem saber do que ela estava a falar e subitamente lembrei-me do meu acordo com o Tate.

– O doutor Marchetti esteve cá?

– Não. – Ela franziu as sobrancelhas. – Porque estaria aqui? A Reagan está bem?

– Sim. Desculpem. Fiquei confusa por um instante.

– Espera. – Abigail inclinou a cabeça. – Acabei de perceber que o doutor Marchetti e o Terry Marchetti têm o mesmo apelido. Achas que... – O seu sorriso esmoreceu, abanando a cabeça. – Achas que são familiares?

Meu Deus! Tate. Ultimamente, tudo vai dar a ele e eu começo a sentir-me encurralada. Como se tivesse sido enterrada viva com ele e depois me apercebera de que era claustrofóbica. Ele estava a encurralar-me por todos os lados.

Eu não sabia se a relação do Tate e do Terry era do conhecimento público, por isso apenas encolhi os ombros, murmurei uma desculpa e corri para o gabinete da Reagan. Ela mandou-me entrar ao segundo toque.

Enfie a cabeça primeiro e depois o resto do corpo. Porque é que me sentia como se estivesse a entrar no gabinete do diretor?

– Deixei um livro na tua secretária. – Reagan fechou o manuscrito pousado no seu teclado. O seu olhar era inquiridor, mas ela não disse nada.

– Obrigada. Foi o doutor Marchetti que lho deu?

– Sim. Pensei que ele tinha saído da festa, mas voltou com o livro. – Ela fez uma pausa significativa. – Disse que o deixaste no seu consultório quando entregaste o convite.

Soava a desculpa.

Uma desculpa estúpida.

Quem é que andava por aí com uma cópia autografada de *As Imperfeições*? Esse era o tipo de livro que se guarda numa caixa de vidro emoldurada a sete chaves. E possivelmente com seguro.

Cravei o meu calcanhar na alcatifa. Talvez o chão percebesse a mensagem e me engolissem inteira.

Reagan continuava a olhar fixamente para mim. À espera de uma resposta à pergunta que ela não fizera. Eu continuava junto à soleira da porta, sem vontade de entrar mais. A insegurança agitava-me o estômago, deixando-me um pouco enjoada. Eu tinha subido na hierarquia mais depressa do que qualquer outra pessoa neste escritório e senti que o Tate tinha desviscerado esse progresso pelo simples facto de existir.

Aclarei a garganta, empatando.

– Na verdade, foi um presente. – Presente. Acordo. É a mesma coisa, certo? – Eu conhecia o irmão do Tate, o Kellan, mas só conheci o Tate quando me pediu para marcar uma consulta em fevereiro.

– Percebi depois de receber o livro na festa que o Tate e o Terry possivelmente eram familiares.

Anui.

– Pai e filho.

*Da mesma forma que Lúcifer e Deus possuem uma relação de pai e filho.*

– Ele nunca o mencionou.

E esta era a minha deixa para me retirar da sala. Esta conversa já não tinha pernas para andar.

– Eu não o conheço muito bem, mas não me parece ser uma pessoa que fale sobre a vida pessoal. – Coloquei a mão na maçaneta da porta, recuando lentamente. – Por falar em dinâmicas familiares disfuncionais, tenho um

*thriller* doméstico para o qual tenho de voltar.

Reagan dispensou-me com um aceno. Eu corri para a minha secretária e sentei-me, olhando para o livro encostado ao meu teclado. Com a sua capa escura e a fonte minúscula datilografada.

*As Imperfeições.*

*Caramba.*

Um exemplar autografado.

Abri a capa, passei os dedos pela assinatura de Terry e virei-me para a página da dedicatória, lendo-a pela milionésima vez.

*Para o meu filho, sem o qual não haveria palavras.*

Não tinha dúvidas sobre qual o filho a que Terry se referia. E isso fez-me ficar triste pelo Tate. Mas eu sabia o que significava este livro. O que Tate me disse quando me abandonou na festa. O que ele me tinha dito no primeiro dia em que nos tínhamos conhecido.

*Não quero ter nada que ver contigo depois de amanhã.*

Parece que ele se cansou de esperar que o seu desejo fosse realizado. Agora era menos uma coisa que me ligava a ele.

Não tinha o número do Tate, por isso escrevi-lhe uma carta. Uma longa carta. Coloquei-a num envelope. Rabisquei a morada. Colei um selo da marinha de Chien-Shiung Wu no canto superior direito.

Depois, guardei-a no canto mais afastado da minha secretária para ser destruída mais tarde.

Para nunca mais ser lida.

# Capítulo Trinta e Dois



**Charlotte**

**E**u tinha um complexo de culpa. Não que tivesse nascido com ele, mas que se desenvolvera depois de Aquela Noite. Agora não podia ter as coisas que os outros não tinham. Não sabia se era por achar que não as merecia ou por achar que ia ser atingida por um raio como forma de o universo equilibrar a balança.

De qualquer das formas, sentia-me muito desconfortável neste momento, com a Leah a olhar para a minha cópia autografada de *As Imperfeições* de vez em quando. Estava pousada na nossa ilha da cozinha, à espera da entrega da caixa de vidro que eu tinha comprado *online* na semana passada.

Uma repetição da série *The Nanny* estava a passar em fundo, embora nenhuma de nós lhe prestasse atenção. A Leah folheava uma revista de beleza sem a ler. A pergunta estava-lhe na ponta da língua. Ela nem precisava de a verbalizar para eu a ouvir.

*Onde é que a arranjaste?*

A Leah não amava os livros como eu. Ela só amava *este*. Porque todas as pessoas com cérebro conheciam *As Imperfeições*. Era o *As Correções* juntamente com o *Parasita*. Um comentário satírico sobre o declínio da família nuclear.

Era um sucesso cada vez que o lia, fazendo-me lembrar o antes. Antes do incêndio. Antes do Kellan. Antes de a vida me empurrar para aquele telhado, pronta para acabar com tudo.

Era ainda mais impressionante quando me lembrava de que o homem que o tinha escrito tinha a inteligência emocional de uma noz e, pelo menos, dois filhos ilegítimos (que nós soubéssemos). É verdade que, se o Estado legitimasse as uniões de facto, o Kellan seria legítimo.

A questão é que todas as obras-primas que vieram depois tinham um

pedaço de *As Imperfeições*. E todos os que tinham lido o livro ou visto o filme ficavam obcecados, incluindo a Leah.

Ela costumava chamar ao Terry Marchetti – aquele que era décadas mais velho do que ela, que snifava cocaína e que fora uma vez apanhado a fumar erva com um cachimbo através de uma máscara de gás numa fotografia que se tornou viral – um bom pedaço.

– Queres? – perguntei-lhe, finalmente. O meu coração gritava, ganhando velocidade a cada segundo que passava.

*Por favor, diz que não. Por favor, diz que não. Por favor, diz que não.*

Eu já sabia que diria sim, porque eu dizia sempre sim. Assim como sabia que ela perguntaria. Era a mesma dança desde aquela noite.

Uma parte de mim – uma grande parte – não queria admitir aquilo que suspeitava. Que a Leah fazia isto de propósito para me obrigar a fazer sacrifícios de forma a compensar o que ela tinha feito.

Eu não me importava.

Não mesmo.

Eu queria agradar-lhe.

Só queria que não estivéssemos presas num ciclo tóxico.

Leah enfiou uma madeixa de cabelo na boca, mordendo-a.

– A sério?

A sua pele nua olhava para mim, uma sinfonia de rosas e roxos. Eu achava-a bonita, com ou sem maquilhagem. De facto, era tão linda que achava que ela pertencia às capas das revistas que devorava.

Mas não podia impor-lhe as minhas opiniões.

Somente os efeitos secundários da minha culpa.

– Claro. – Engoli em seco. – Não é nada de especial.

*Mentira.*

– Não faz mal. – Os olhos dela viraram-se novamente para o livro.

*Tradução: Eu quero-o, mas não quero ser a idiota que o pede.*

*Dupla tradução: Isto não te absolve da culpa sobre o que aconteceu.*

– Fica com ele. Eu insisto.

Agarrando o livro da bancada, ofereci-lho. Há nove anos, tê-lo-ia atirado para o seu quarto e teria gritado que não aceitava devoluções.

Mas agora eu nunca entrava no quarto dela.

Nunca.

E também nunca lhe dava coisas. Não por não tentar. Ela simplesmente recusava-se a aceitar alguma coisa de mim. Nem sequer queria compensar o seu grande sacrifício com um saco de Skittles.

O livro pairava entre nós. Senti-me como um balão, à espera de que a Leah me enchesse de amor, apreciação, qualquer coisa que me ajudasse a flutuar.

A sua mão agarrou-o.

A minha pulsação subiu-me à garganta.

Ela abriu a boca.



O balão cresceu, flutuando no meu peito, cheio de esperança.

– Obrigada – murmurou Leah.

E depois pousou-o no seu colo e voltou a prestar atenção a Fran Drescher a pavonear-se numa casa de um milhão de dólares.

O balão rebentou.

Eu esvaziei-me.

A Leah não queria o livro.

Ela queria magoar-me.

# Capítulo Trinta e Três



## Charlotte

No dia seguinte, andava ausente. Distraída pelo *As Imperfeições*. Nem mesmo a reunião semanal da Reagan me conseguiu animar.

– Charlotte?

Sentia-me como se tivesse doado um órgão que acabara por não ser usado. E agora tinha perdido um pedaço de mim sem razão, tentando convencer-me, ilusoriamente, de que não havia problema.

*O Tate vai pedir ao Terry outro exemplar autografado para mim.*

Pois, não acreditava nisso de maneira nenhuma. Ele odiava o Terry. Presumi que pedir favores não se enquadrava no âmbito do ódio. Além disso, tinha deixado claro que não queria voltar a ver-me. Mas seria uma boa oportunidade para o interrogar sobre Harvard. A ideia tinha pernas para andar.

– Charlotte?

*O que fazer? O que fazer? O que fazer?*

– Charlotte!

Levantei a cabeça, assustada por encontrar todos a olharem para mim.

– Desculpem. Não dormi muito ontem à noite.

A Reagan encolheu os ombros. Ela tinha atingido a marca das trinta e duas semanas de gravidez, um recorde que nunca conseguira antes. Achei que, mesmo que tivesse acidentalmente encontrado o próximo Harry Potter, ela continuaria a falar com o tom de voz débil e doce que tinha usado toda a semana.

– Leste alguma coisa promissora esta semana?

– Nada que sobressaísse. Está à procura de alguma coisa específica? – Assim que disse isto, arrependi-me. Irene estremeceu, o que me indicou que a parte da reunião dedicada às tendências editoriais e critérios de publicação

tinha terminado.

*Lá se foi a promoção que querias.*

A Reagan bateu com os dedos na barriga como se esta fosse uma mesa. Ela possuía o brilho da gravidez que irradiava de cada centímetro do seu corpo.

– Uma fantasia urbana para jovens adultos. Talvez ficção para adultos se for bem escrito. Eu quero o próximo *Jogos da Fome* ou *Twilight*. Algo que provoque uma guerra de licitações e que faça explodir a Netflix.

Eu era responsável pela pilha de manuscritos que não vinha dirigida a um agente em particular, o que implicava que recebia manuscritos de muitos nichos e géneros. A maioria carecia de uma faísca que me prendesse.

– Cerca de noventa por cento das minhas últimas leituras foram *thrillers*. Aspirantes a *Em Parte Incerta* com reviravoltas que consigo detetar a milhas de distância.

Reagan acenou a cabeça e Irene continuou.

Desta vez, prestei atenção.

O brilho da gravidez desapareceria assim que Reagan desse à luz e com isso terminaria o meu período de tolerância. Eu queria ser agente literária e fugir do purgatório dos manuscritos maus agraphados a cartas muito genéricas do tipo «mandei isto para todas as agências do país».

Quando a reunião terminou, levantei-me do lugar.

– Charlotte?

Parei, virando-me para Reagan.

– Sim?

– Podes ficar por um instante? Preciso de falar algo contigo.

– Claro.

As restantes agentes saíram da sala. Assim que a porta se fechou, a Reagan recostou-se na sua cadeira de executiva. A camisa levantou-se com o movimento, deixando à mostra a grossa faixa das calças de ganga de maternidade.

– Ontem fui à clínica fazer uma ecografia.

– Está tudo bem?

– Sim. Está ótimo. O doutor Marchetti fez uma ecografia de ultrassom em 4D. Consegui ver os rostos, narizes, lábios, tudo. – Ela fez uma pausa. – Também falei com a Sylvia, a rececionista do Doutor Marchetti. Lembra-te da nossa conversa no fim de semana?

O meu estômago revolveu-se. Eu sabia onde isto ia dar e tinha o pressentimento de que não iria gostar.

– Sim...

– Bem, a Sylvia falou de uma vaga para uma nova paciente. – As palavras saíram lentas. Arrastadas. Como se ela estivesse a abrir um presente muito devagar, um pedaço de fita de cada vez. – Eu disse que podias estar interessada e ela concordou em reservar a vaga para ti. Não é fantástico?

Mentira.

Eu sabia que era mentira porque:

1) Se houvesse de facto uma vaga, o que eu duvidava porque as grávidas desejavam mais o Dr. Marchetti do que o alívio para as dores de costas e tornozelos inchados, a Sylvia literalmente escolheria qualquer outra pessoa a mim.

2) A Sylvia sabia que eu trabalhava para a Reagan, e

3) A Sylvia e o seu chefe não me suportavam.

Encostei-me à cadeira de couro *vegan*.

– Oh!

– Como é o teu primeiro pânico, não vais encontrar ninguém melhor do que o Doutor Milagre. Não só é um grande profissional como também é o médico mais gentil com quem já estive.

Ela disse isto como se tivesse acabado de me dar um presente, à espera de que eu o desembrulhasse e a enchesse de gratidão. Aguardando a minha reação a sua mão ia fazendo movimentos circulares na barriga.

Conseguí esboçar um meio sorriso, mas o meu corpo gritava por uma fuga.

– Estava a pensar em encontrar alguém mais perto de minha casa.

– O doutor Marchetti é o melhor da cidade. Provavelmente do país. – Ela franziu o sobrolho. Este não era o agradecimento de que estava à espera. – Disse à Sylvia para me enviar a conta, uma vez que sou eu quem estou a insistir nisto. A tia Jessa morreu de cancro do colo do útero apenas com cinquenta e seis anos. Não conseguiria viver comigo própria se algo te acontecesse e eu soubesse que tinha os meios para o impedir.

Por cima do ombro dela, olhei para a minha secretária através da parede de vidro. Especificamente para a pilha de papel ao lado dela. Das centenas de manuscritos que tinha começado a ler, apenas tinha terminado dois. Os restantes tinham sido abandonados a meio. Precisava de uma promoção para poder largar estes romances e passar para as pesquisas que eu realmente gostava de ler.

*Faz isso. Agradalhe. Diz que sim.*

– Se isso te serve de consolo, gostava que a minha primeira vez tivesse sido com o doutor Marchetti. – Ela estremeceu, e isso evocou-me mil cenários de como isto podia correr muito mal. Já para não dizer que estamos a falar de Tate. – O meu médico enfiou o espéculo muito fundo. Fez-me fugir durante um ano.

*Tu consegues fazer isto. A Reagan vai ficar impressionada. Aquela promoção é tua.*

– Então, posso dizer à Sylvia que queres a consulta? – perguntou Reagan.

Dei por mim a concordar.

– Obrigada.

O meu estômago revolveu-se.

– A consulta é só na sexta-feira ao fim da tarde, mas tu pareces cansada.

– Ela observou o meu corpo, detendo-se no rosto. – Fazemos assim, tira o dia de folga. Dorme um pouco.

– Obrigada – repeti, sem me sentir minimamente agradecida.

*São só vinte minutos, no máximo.*

*Não é nada de especial.*

*Tu consegues.*

As famosas últimas palavras.

# Capítulo Trinta e Quatro



## Charlotte

A vantagem de ser virgem (suponho que só existe uma) era que podia preencher a parte do formulário sobre as infeções sexualmente transmissíveis do registo médico com a absoluta certeza. Na zona de receção da Bernard e Marchetti, anotei as respostas, à espera do inevitável momento em que o Tate e eu entrássemos em contacto. Uma médica assistente recolheu o formulário e conduziu-me ao consultório de Tate. Felizmente, estava vazio. Quando ela saiu, afundi-me na cadeira mais afastada da porta.

– Tu consegues. – Tinha aprendido esta manifestação positiva num livro que havia lido na semana passada. É seguro dizer que não funcionou. Mas as minhas palavras eram verdadeiras. Já tinha ultrapassado coisas muito mais assustadoras. Além disso, decidi antes de chegar que não me ia acobardar. Não tinha motivos para isso. – *A Reagan adora-te. E adora-te mais quando a ouves.* – Tu és uma jogadora de equipa e os jogadores de equipa são promovidos e libertados dos trabalhos genéricos da pilha de livros menos bons.

Soou uma pancada na porta e ouvi a voz profunda de Tate.

– Charlotte Richards, está pronta?

*Ops! Não podia ter falado mais alto? Que maneira de parecer mentalmente estável.*

Aclarei a garganta com as faces coradas.

– Estou pronta.

Ele entrou, parecendo calmo, controlado e tão animado como seria possível. Se estava chocado por me ver, não se notava. Sustive a respiração, à espera de ver que versão do Tate me calhava. Da última vez, ele não quisera falar comigo. Mas imaginei que ele era suficientemente profissional para, pelo menos, conversar com a sua paciente. (Pouco. Eu sei).

– Charlotte Richards. – Ele pegou num dossiê, metendo as folhas que preenchi lá dentro. – Revi o seu formulário de admissão e reparei que este é o seu primeiro exame ginecológico. – Ele tornou clara a sua relutância em tratar-me.

Quase lhe perguntei porque é que ele tinha concordado em primeiro lugar, mas isso exigiria entrar numa conversa embaraçosa. *Passo.*

Levantei o queixo, com a perna a balançar para a frente e para trás.

– Sim.

*Que eloquente, Charlotte.*

Recostei-me na minha cadeira e cruzei os tornozelos. Tudo parecia bem até agora. Era exequível. O meu coração lutava contra a caixa torácica e eu estava reduzida a um vocabulário de primeiro ano, mas pensando bem, parecia estar tudo controlado.

Tate encostou-se à sua estante cheia de livros, com a prancheta enfiada debaixo do bíceps. Tinha um ar profissional, mas também... juvenil. Muito diferente do homem que eu tinha conhecido dentro destas paredes a penetrar uma loira e que teve um orgasmo de dois minutos.

– Posso chamar o meu colega Bernard. – Era a bandeira branca que eu precisava para confirmar que hoje não veria a versão idiota do Tate.

Pensei nisso.

– Bernard é um homem ou uma mulher?

– Homem.

– Velho ou novo?

Tate levantou uma sobranceira.

– Cinquenta e tal anos, acho eu. Deseja ver uma foto?

Inclinei a cabeça de lado, pestanejando.

– Isso seria demasiado estranho de pedir?

Ele suprimiu um sorriso. Fazia tanto lembrar-me o Kellan. No entanto, eles não podiam ser mais diferentes, mesmo que tentassem. E isso fez-me lembrar de que eu gostava do Kellan de outras formas que não me tinha permitido admitir na altura. O que era estranho é que os sentimentos que nutria por ambos os irmãos eram tão fortes e tão diferentes. Mexiam com diferentes partes de mim.

Os olhos cinza-safira de Tate observaram-me o rosto. Ele colocou a palma da mão no telemóvel, clicou e deu-mo. Peguei nele com dedos trémulos e olhei para a fotografia que ele tinha tirado. Um homem com uma gravata azul a sorrir para a câmara. Parecia um dos irmãos Baldwin.

Devolvi-lhe o telemóvel.

– Não sei. Nunca fui examinada antes. O que acha? Devo preferir um completo estranho ou alguém que conheço e odeio? – Ocorreu-me que podia escolher a terceira opção: nenhuma das anteriores. Se quisesse podia sair deste sítio e marcar uma consulta noutro lugar. Com alguém que me fizesse sentir confortável. Uma mulher. Esqueci a ideia, sabendo que ia ficar e recusando-me a admitir a razão.

Tate olhava-me com uma intensidade que ameaçava queimar-me viva, com a garganta a enrolar-se.

– Acho – disse ele, cuidadosamente – que não é a mim que devias perguntar.

– É justo. Vamos perguntar ao Abe Linc. – Tirei um cêntimo da carteira. Não me senti mal por ter desvalorizado a minha tradição com Kellan, porque isto era completamente diferente. Eu estava a atirar a moeda ao ar, não a oferecê-la a Tate. – Cara para Bernard. Coroa para Marchetti. Que ganhe o melhor.

Atirei a moeda ao ar. Os nossos olhares seguiam as graciosas cambalhotas da moeda no ar. A moeda caiu na minha mão. Virei-a para as costas da outra mão e olhei para baixo para ver o veredito. A minha boca secou. Olhei para o Tate.

– Então? – A sua voz esmoreceu a meio da palavra.

Neste momento, sentia um milhão de borboletas a rodopiar no meu peito e a beijar-me o coração. Apetecia-me vomitar, mas da melhor maneira possível. Lambi os lábios.

– Coroa.

– Não quer dizer nada. Posso ligar ao Walter.

Walter Bernard. Soava a alguém que me tratasse do IRS e, muito francamente, tinha receio que me julgasse a vagina.

– Não, tudo bem. Tenho a certeza de que vais manter o teu profissionalismo.

– Claro. – Tate inclinou-se para a frente, premindo um botão na central telefónica. – Grace, por favor, leve a menina Richards a uma das salas de exame.

Uma rapariga bonita com um uniforme cinzento de enfermeira surgiu à porta com um iPad na mão.

– Siga-me, por favor.

Respirei fundo assim que a distância entre mim e o Tate aumentou. Segui a Grace até uma zona privada de exames junto ao posto de enfermagem onde ela mediu a minha tensão arterial, o peso e a altura. Fez-me uma série de perguntas sobre a minha saúde durante os vinte minutos seguintes, tomando nota no seu *tablet* após cada resposta.

– Toma anticoncecionais?

– Sim. Foram-me receitados pelo farmacêutico perto de minha casa.

– Teve alguma reação a eles?

– Sintomas menstruais mais leves e um ciclo regular, que é exatamente a razão pela qual os tomo.

– É sexualmente ativa?

Aclarei a garganta, demorando bastante tempo a responder.

– Não de momento.

– Quando era, usou contraceção?

– O... – Engoli em seco. – O doutor Marchetti vai ler isto?



Olhei fixamente para a sua prancheta. Os seus olhos deslizaram do papel para os meus, confusos. Não a podia culpar. Que pergunta tão estúpida.

– Claro. – Ela tinha uma voz tranquilizadora que nada fazia para me acalmar. – Isto é informação pré-exame obrigatória para avaliar a paciente.

*Maldição.*

– Há alguma coisa errada? – perguntou ela, gentilmente, inclinando-se na minha direção. A sua mão pousou no meu joelho. – Está preocupada com alguma coisa? Foi... violada?

*Oh, meu Deus! Ela pensa que eu fui... Jesus!*

– Não. Não. Nada disso. Eu só... – Abanei a perna. – Bem, sou virgem.

– Oh! – Ela levantou-se, a sorrir. – Não se preocupe com isso. Muitas das nossas pacientes são virgens. Vou certificar-me de que o doutor Marchetti está ciente disso para ele ser muito cuidadoso. De qualquer forma, posso garantir-lhe que ele é extremamente gentil e respeitador.

De alguma forma, duvidava disso baseada na maneira como ele penetrara aquela mulher no seu consultório. Francamente, a sua personalidade no geral gritava insensível e agressivo, mas não a contrariei.

– Não é necessário tomar nota disso. Eu não estou ligada ao meu hímen.

– Parei um instante. – Quero dizer, espiritualmente. Fisicamente ainda estou.

*Meu Deus, Charlotte, cala-te!*

– Okay. Estamos prontas! – disse ela, levantando-se e batendo com o *tablet* na coxa. Grace conduziu-me a uma sala de exame com luzes brilhantes, agarrou numa espécie de bata de hospital e num lençol gigante dobrado e colocou-os numa mesa acolchoada adornada com acessórios para colocar os pés. – Por favor, dispa-se completamente e vista esta bata. O doutor Marchetti virá ter consigo em breve. Estarei lá fora se precisar de alguma coisa.

Grace saiu, dando-me por fim tempo para me arrepender de ter aceitado a ideia genial da Reagan de ter um homem extremamente atraente a enfiar a mão na minha vagina. Pensei em mudar de ideias e escolher o Dr. Bernard, mas também não queria parecer medricas.

Além disso, ser examinada por ele iria levantar um conjunto de problemas totalmente diferente e seria igualmente mau.

*Podes ir embora agora.*

Mas depois a Reagan saberia que não fizeste o papanicolau e ficaria desapontada, e isto nunca mais teria fim. Abanei a cabeça.

*É só um teste. Foste sempre uma aluna excelente.*

E isso foi a coisa errada a pensar, porque me lembrou da diferença de idades entre mim e o Tate. Quando foi a última vez que ele esteve na escola? Há meia década? Há uma década? Afastei essa linha de pensamento antes de ficar fora de controlo.

Rapidamente, retirei as roupas, extremamente ciente de que o meu corpo estava longe de ser perfeito. Eu tinha visto a mulher com quem Tate fizera sexo. Magra, com um bronzado perfeito. Eu tinha algum excesso de peso e celulite no rabo. Além disso, o seu trabalho era praticamente apalpar vaginas e

mamas. E se a minha fosse pior que a média da elite de Manhattan? Tinha depilado a maior parte de baixo para me preparar e, subitamente, temia que parecesse demais. Como se estivesse a aninhar uma águia careca entre as pernas.

*Porque é que não consigo desligar o meu cérebro?*

Dobrei a roupa, coloquei-a num monte em cima do balcão creme, depois atei a bata de hospital à volta do pescoço e da cintura o mais apertado possível. O que continuava a não ser suficiente, porque esta coisa não tinha parte de trás. O meu rabo estava literalmente de fora, nu e a sentir a brisa. Por fim, cheguei ao lençol esquisito. A Grace não me explicara o que fazer com ele, por isso, decidi embrulhá-lo nele. Pelo menos o meu traseiro estava agora tapado.

*Sim. Muito melhor. Agora podes esquecer o facto de ele estar prestes a vistoriar o interior da tua vagina.*

Na minha procura por modéstia, pus os braços em redor de mim para me assegurar de que estava tudo tapado. Sentei-me na extremidade da marquesa, literalmente embrulhada em papel a perguntar-me como me metera nisto.

*No segundo em que vi o Tate levar uma mulher ao orgasmo, decidi.*

Ouvi baterem à porta. Sustive a respiração.

A voz baixa e grave de Tate ouviu-se pelas frechas.

– Posso entrar?

*Não.*

– Sim.

Ele abriu a porta e fechou-a atrás de si. Desta vez usava uma bata de médico por cima das suas habituais calças *cigarette* e camisola de lã justa. Virou-se para me ver e os seus olhos abriram-se um pouco.

– É uma forma interessante de fazer as coisas – disse, tentando esconder um sorriso.

Apetecia-me morrer de vergonha. Tinha quase a certeza de que a minha cabeça estava prestes a explodir com todo o sangue que se acumulava nas faces. Mas encolhi os ombros como se não fosse nada de especial.

– Não sabia o que fazer com o lençol.

– Normalmente põe-se sobre as pernas por uma questão de pudor.

– A minha maneira parece-me melhor nesse capítulo.

– Não posso argumentar com essa lógica.

Ele deu um passo em frente com a prancheta na mão. Com o formulário que provavelmente já tinha lido. Portanto, agora sabia o meu peso, sabia que eu tomava a pílula e sabia que nunca tinha tido sexo anteriormente. Ainda não me tinha provocado sobre nenhuma dessas coisas. Talvez nunca o fizesse. Se calhar era mesmo um bom médico, que conseguia pôr a nossa animosidade de lado durante o trabalho.

Tate pousou a prancheta no balcão e lavou as mãos, esguichando sabão na palma da mão. A tensão que se sentia na sala quase podia ser cortada com uma faca de manteiga.

– Estive a ver o teu processo – começou ele.

Cá vamos nós.

Ele esfregou as mãos, as unhas cortadas rente à pele, os antebraços cheios de músculos e veias.

– Como nunca vieste a um ginecologista, gostaria de fazer um *check-up* geral?

– Em que consiste um *check-up* geral? – Senti-me uma idiota. Jovem, ingénua e ignorante.

– Exame mamário, exame abdominal e exame pélvico.

– Recomendas isso? – Eu estava claramente à procura de algum tipo de confirmação de que ele queria tocar-me.

Tate fechou a torneira, pegou em toalhas de papel, secou as mãos e atirou as folhas amachucadas para o lixo. O estalar das suas luvas encheu-me os ouvidos. Eram azul-claras, como o anel em redor das suas íris cinzentas. Ele aproximou-se mim.

– Eu faria.

– Está bem. Como queiras.

– Vou ter de insistir numa confirmação verbal, menina Richards.

Eu revirei os olhos interiormente.

– Sim, gostaria de um exame geral, por favor.

– Posso desprender-te do teu... – Ele passou os olhos pelo lençol de papel que tinha à minha volta. – Cinto de castidade?

O calor subiu-me ao pescoço e às faces.

– Tanto faz. Acho que sim. – Não poderia soar mais juvenil mesmo que tentasse. O que, por mais incrível que possa parecer, não era o que estava a tentar fazer.

Ele aclarou a garganta.

– Vou precisar de...

– Oh, sim. Por favor, por favor desprende-me o lençol.

Ele estendeu a mão, desenrolando o tecido sem me tocar. A esta distância, o seu cheiro... sândalo e fogueira e almíscar inebriante... fez vibrar cada centímetro do meu corpo. Afastei-me para não ficar com água na boca.

Quando o lençol ficou num monte debaixo do meu corpo, Tate fez-me sinal para que me deitasse.

– Vou guiar-te passo a passo. Diz-me para parar se tiveres alguma dúvida ou te sentires desconfortável. – A sua voz era casual. Taciturna.

Anuí com a cabeça, empurrando os óculos para cima do nariz. Ele começou o exame abdominal, que consistia em apalpar-me o estômago através da bata. Apertava aqui e ali com os dedos fortes e experientes. Reprimi um gemido, os meus músculos retesaram-se. Percebi porque é que as mulheres acham os ginecologistas atraentes. Eles dedicam literalmente as suas vidas a aprender tudo o que há para saber sobre o corpo feminino. Provavelmente, ele conseguia dar orgasmos às mulheres enquanto dormia. E provavelmente dava orgasmos às mulheres enquanto *elas* dormiam. Nos seus

sonhos.

– Vou passar ao exame mamário. – A sua mão dirigiu-se ao nó que protegia o meu peito do frio e da mortificação quando Tate inevitavelmente visse o estado de alerta dos meus mamilos. – Vou abrir a tua bata. Pode ser?

– Claro.

Ele esticou a mão e puxou o fio e... nada. Apercebemo-nos simultaneamente de que a minha estratégia tinha sido um tiro pela culatra, e olhámos um para o outro no silêncio. Eu tinha apertado tanto os nós que o decote me sufocava a garganta. O fio demoraria uns bons minutos a desembaraçar-se. Mordi o lábio quando o meu tornozelo bateu com muita força no estribo.

– Qual é o protocolo para situações destas?

– Não há protocolo. – Para seu crédito, ele não se riu de mim, o que só tornou a situação mais tensa. – Esta é uma estreia para Bernard e Marchetti.

Abri um sorriso.

– Posso saltar o exame mamário e levar a bata como recordação? – Ele não respondeu. – Eu compenso-te por isso, claro – apressei-me a dizer.

*Oh, meu Deus, Charlotte! Faz como a Ariel e cala-te.*

Onde havia um alarme de incêndio quando era preciso?

– É isso que realmente queres?

Estaria ele já arrependido de não me ter passado para o Dr. Bernard? Esta consulta tornar-se-ia uma daquelas histórias engraçadas que todas as enfermeiras contavam às amigas?

*Cala-te, cérebro. Não estás a ajudar.*

Pensei nisso. Era o cúmulo de a cobardia aparecer, despir-me e ir-me embora sem ter realizado todos os exames.

– Quais são as outras opções?

– Podes tirar a bata por trás ou eu posso desatar o nó.

*Tradução: Podes despir-te ou deixar que as minhas mãos apalpem as tuas mamas nos cinco minutos que demora a desatar o nó da tua camisa de forças.*

– Vamos passar o exame mamário – disse eu, aclarando a garganta.

– Já fizeste algum antes? – perguntou, franzindo o sobrolho.

– Não.

– Posso ensinar-te a fazer um autoexame mamário em casa.

– O que é isso?

– É uma ferramenta de rastreio para detetar precocemente o cancro da mama. – Ele entregou-me um panfleto e virou-se abrindo um armário para procurar alguma coisa. – Vou ensinar-te como apalpar os seios para detetar nódulos e outras anomalias, passos quatro e cinco.

Olhei para o papel brilhante que continha instruções. O quarto passo consistia numa ilustração de uma mulher deitada com os dedos no peito.

– E vais ensinar-me... por cima da bata? – Eu sabia que era uma pergunta estúpida, assim que ele se virou para me encarar novamente com

uma mama falsa na mão, mas não havia como voltar atrás quando se tratava de palavras embaraçosas. – Oh, está bem!

Nos minutos que se seguiram, ele mostrou-me como sentir os nódulos, usando o peito falso como exemplo.

– É assim que se faz um autoexame. Recomendo que o faças mensalmente e que te familiarizes com o teu peito, para conseguires detetar possíveis alterações mais tarde.

– Está bem. – Agarrei a falsa mama. Era a minha vez de a apalpar para ver se tinha nódulos. O problema era que não conseguia sentir nenhum. Tentei outra vez. E mais uma vez. E outra vez. Esperava que os ginecologistas não cobrassem à hora, porque eu estava aqui a empatar.

– Sentes algum nódulo?

– Claro – menti, querendo pôr um ponto final nisto.

– Onde? – Ele não parecia divertido.

– Aqui. – E apontei para um sítio qualquer.

– Tenta outra vez.

– Não consigo sentir nada – admiti.

Os seus dedos desceram sobre os meus, arrastando-os ao longo do peito e pressionando.

– Sentes agora?

– Não. – Aclarei a garganta, distanciando-me um pouco dele. – Vamos optar pela hipótese C.

– Hipótese C?

– O nó. Desata-o, por favor.

– Ainda tens de aprender a fazer o autoexame da mama.

Voltei a agarrar no panfleto, agitando-o.

– Eu procuro no YouTube.

– Charlotte Richards...

– Palavra de escuteiro.

Ele estreitou os olhos, mas não insistiu e, em vez disso, avançou para o nó da desgraça.

– Vamos desatar isto agora.

– Por favor, faz isso.

Ele agarrou o nó, tão perto de mim que quase o sentia em todo o lado. Os nós dos seus dedos roçavam a minha clavícula a cada movimento. Senti-me tonta e muito agitada. Como se estivesse a flutuar numa névoa. Deixei-o trabalhar em silêncio, contando ovelhas até chegar às trezentas e oitenta e quatro e ele parou.

As duas abas que me cobriam o peito abriram-se, revelando-lhe os meus seios.

A mão de Tate deslizou pela minha caixa torácica.

– Agora vou tocar-te no peito.

– Também fazes isso nos encontros? Porque parece-me muito estranho.

Ele ofereceu-me um sorriso frio, de «isto não é divertido», todo

profissional. *Pronto.*

Tínhamos realmente entrado num domínio diferente assim que me tornei sua paciente.

As mãos de Tate estavam agora no meu peito. Como nunca tinha sido examinada, não sabia se os médicos deviam ser assim tão minuciosos, mas ele passou uma considerável quantidade de tempo a massajar o meu seio direito, pressionando com movimentos metódicos e estudados.

Os meus mamilos começaram a ficar levantados, o calor a circular na zona por baixo do umbigo. Não precisei de olhar para baixo para saber que estavam ambos duros como uma rocha. Os dois mamilos olhavam diretamente para ele, sensíveis e implorando para serem tocados. Olhei para o seu rosto, com o coração a cavalgar. Ele franziu o sobrolho, concentrado em procurar nódulos. Senti-me uma perversa.

Tate passou para o meu seio esquerdo. Os seus dedos deslizaram sobre a minha pele e circularam a curva do meu decote com o polegar a cravar-se num ponto que nunca pensei que fosse sensível. Mesmo por baixo do mamilo. Soltei um gemido sem querer, depois disfarcei-o com tosse e uma desculpa parva de estar a recuperar de uma constipação. *Ops.*

Fechei os olhos desejando não estar molhada. Demasiado tarde. Eu sabia que estava. As minhas pernas ainda estavam fechadas e entre as minhas coxas estava húmido e quente, implorando que as esfregasse. Ele deixava-me louca. Temia chegar ao clímax antes de ele me tocar lá, por isso manter a calma quando as suas mãos se deslocavam para sul não era uma opção.

– Tudo bem – disse ele, um pouco rouco. Mantinha uma expressão tão equilibrada: o rosto passivo e os ombros relaxados.

O polegar roçou o meu mamilo esquerdo quando ele se afastou. Foi um toque ligeiro, leve e accidental, mas eu senti-o. Estremeci, o meu ventre contraiu-se. Soltei outro gemido desesperado e involuntário e caí num ataque de tosse falsa.

*Não havia como disfarçar.*

– Desculpa – murmurou ele, e eu entreabri os olhos, as pálpebras pesadas.

Passei a língua sobre os lábios. Tinha de parar. O meu cérebro gritava-me para não verificar se ele tinha uma ereção. Ele iria ver.

– Está tudo bem. – Saiu-me meio gogue. Como se tivesse sido drogada.

– Agora vamos ao papanicolau. Visto que nunca tiveste relações sexuais é pouco provável que tenhas cancro do colo do útero ou células cancerosas. Na maioria dos casos, o cancro do colo do útero é causado por uma infeção sexualmente transmissível chamada HPV. No entanto, é sempre bom jogar pelo seguro. Além disso, existem outros fatores a ter em conta, como o historial de cancro na família, o tabagismo, etc. Em todo o caso... – Ele aproximou-se da parte inferior do meu corpo. – Vou ser muito cuidadoso. As hipóteses do teu hímen ser afetado por este exame são absurdamente baixas, por isso tenta relaxar. Agora abre as pernas para mim, Charlie.

Não foi o que ele disse, mas a forma como o disse que me fez abrir muito os olhos em horror. Ele tinha-me chamado Charlie e a sua voz já não soava taciturna. Tinha um leve toque de tonalidade esfumada e mandona. Uma voz que dizia: isto é uma ordem, não um pedido.

Mantivemos o olhar um no outro durante demasiado tempo. O suficiente para perceber que ele também cometera um deslize. Que chamar-me Charlie não tinha sido intencional. Ele também estava a perder o controlo.

Tate deu uma palmadinha no estribo, saindo do nosso devaneio mútuo.

– Precisas de ajuda? – A sua voz ardente fazia-me coisas nas minhas entranhas das quais nunca iria recuperar.

*Diz não.*

– Sim, por favor.

Ele levantou-me os pés e colocou-os no estribo. O seu toque era tão terno e confiante que me apetecia chorar. Foi o primeiro momento em que consegui admitir que queria ser fodida pelo Dr. Tatum Marchetti. De uma forma implacavelmente dura e impiedosamente suja. Queria fazer coisas que fizessem corar a loira bonita que ele tinha levado ao orgasmo no seu consultório. E eu iria para o inferno por causa disto, porque ele era o irmão do meu falecido melhor amigo.

Eu estava completamente aberta à sua frente. Tate sentou-se numa cadeira entre as minhas pernas. Instintivamente, apertei os joelhos.

– Menina Richards – disse ele, suavemente.

Fechei os olhos, implorando uma série de coisas na minha cabeça, sem ter a certeza qual queria mais.

*Por favor, não tornes isto mais estranho. Por favor, não me envergonhes. Por favor, não sugiras o Dr. Bernard e me faças sentir humilhada. Por favor, despacha-te. Toca-me já.*

Os meus mamilos doíam de necessidade, só o mexer de um dedo podia desfazer-me.

– Sim? – engoli com dificuldade.

– Agora seria uma boa altura para abrires as pernas.

Sabia que a sua escolha de palavras não era acidental, fosse ela profissional ou não.

*Estou com tesão, apetecia-me gritar.*

– Sou tímida – disse, em vez disso.

– Não tens razão para isso. Queres começar pelo exame pélvico? Pode pôr-te mais à vontade. Podes sentir algum desconforto, mas não passará disso.

– Está bem. – Acenei com a cabeça, mantendo os joelhos ainda apertados.

Achei que estava a fingir inocência muito bem, tendo em conta que apenas quinze por cento do meu cérebro estava ocupado com o facto de o Tate ir ver a minha vagina de perto. Os outros oitenta e cinco por cento estavam a entrar em pânico por poder vir-me na sua mesa de exame. Isso seria considerado assédio sexual?

Tate esperou pacientemente. Por fim, afastei os joelhos e abri-me para ele. Vi-o a olhar para a minha vagina. Engoli em seco. Um olhar perpassou pelo seu rosto, mas não consegui identificá-lo. Eu não era muito versada em exames ginecológicos nem em homens. Mas ele estava a fazer um trabalho tão bom em parecer profissional que se me dissesse que eu não o afetava, eu acreditaria nele.

– Agora vou tocar-te.

Anuí, sentindo os seus dedos através das luvas de borracha enquanto ele abria os lábios da minha vagina. Ele respirou fundo. Ou talvez fosse a sua respiração normal. Tudo parecia e soava mais intenso neste momento.

Não conseguia olhar para ele. Mais uma vez dei por mim a usar todo o meu autocontrolo para pensar em coisas que não fossem ele a levar-me para a mesa de exames.

– Como te sentes? – murmurou ele.

– Bem.

Ambos fizemos uma pausa, deixando o que eu tinha dito entrar na mente.

– Quero dizer, não me dói nada – deixei escapar, corando.

Os seus olhos azuis acinzentados encontraram os meus verdes. A garganta dele estremeceu. A minha pele ficou arrepiada. Esforcei-me por manter os olhos abertos. Embriagada pela necessidade. Dei por mim a levantar as ancas, em busca do seu toque.

Tate olhava para o meio das minhas pernas.

– Não posso fazer um exame bimanual porque pode danificar o teu hímen, por isso vou passar diretamente para o papanicolau.

– O que é um exame bimanual?

– É quando ponho dois dedos dentro de ti para verificar o tamanho, forma e posição do teu útero para procurar massas císticas ou tumores nos ovários.

– Parece-me importante. – A minha voz saía grossa. Só conseguia pensar no Tate a enfiar-me dois daqueles dedos longos e fortes. Tinha oficialmente perdido o juízo. – De certeza que queremos saltar essa parte?

– Tenho a certeza de que não quero rasgar o teu hímen e ser processado, sim – disse Tate, com ar de gozo. Continuava o mesmo parvalhão que eu conhecia e de que gostava.

– Eu não te vou processar.

– Vou precisar disso por escrito – disse ele, a rir.

Ele estava a brincar, mas eu estava a falar muito a sério. Agarrei no telemóvel e enviei-lhe um *email* rápido, confirmando que tinha pedido um exame bimanual e explicando que entendia as consequências. Por sorte, eu tinha o *email* da clínica desde a altura em que havia marcado a consulta para a Reagan.

– Pronto. Verifica se eu tenho tumores. – Deixei cair o telemóvel ao meu lado, cruzando os braços sobre o peito.



Tate olhava-me intensamente. Tão intensamente que percebi que ele sabia o que eu estava a tentar fazer. Ele olhou para o telemóvel, que se iluminou com a chegada de um novo *email*, depois voltou a olhar para mim.

– Não.

– Porquê?

– Porque não devias romper o teu hímen desta forma.

– Isso é paternalista. Não posso escolher como perder a minha virgindade?

– Romper o hímen – corrigiu ele. – Eu não estaria a tirar a tua virgindade; eu estaria a romper-te o hímen.

Os meus lábios entreabriram-se. As suas palavras deixavam-me ainda mais húmida. Senti-me como se me tivessem dito qual era o prato do dia num restaurante de três estrelas Michelin e que precisava de implorar para o poder comer.

*Fá-lo-ei se for preciso*, decidi. Assustava-me o quanto eu queria isto.

O quanto o queria a ele.

Tate soltou um suspiro, com um ar desfeito.

– Vais arrepender-te.

– Ainda mais paternalista. Que bom. – Eu estava a fazer uma jogada.

Ele finalmente passou-se, com os olhos cheios de raiva, perdendo o controlo e o profissionalismo.

– Entendes que estou prestes a romper-te o hímen na mesa de exame e que não te vou telefonar nem mandar flores amanhã?

Puxei a minha perna. Empurrei os óculos para o nariz. Provavelmente mais um dos maus hábitos compulsivos que ele acordava em mim. Ele seguiu o ataque da minha mão à minha coxa. Empurrei o rabo na sua direção ainda mais, quase que me oferecendo de bandeja para ele.

– Eu quero. E já que estou aqui, quero mesmo excluir qualquer hipótese de ter cancro. Faz o que tens a fazer.

– Charlie.

– Faz.

Tate continuava a olhar para mim enquanto me abria as pernas com as mãos enluvadas deslizando o dedo indicador para dentro de mim. Devagar. Demasiado lento. Aperto-me à volta dele por instinto. As minhas mãos fecharam-se em punhos. Apertando-me enquanto retraía um gemido. Era tão bom que não me importava de morrer em cima desta mesa de exame.

– Está tudo bem?

– Sim – disse eu, fechando os olhos e com os joelhos a tremer. – Está ótimo.

Ele enfiou outro dedo dentro de mim. Eu tremia por todo o lado, os músculos a contraírem-se. Senti a barreira que ele estava a tentar não romper a impedi-lo de deslizar mais, mas mantive os olhos fechados. Ouvi o Tate a respirar.

– Respira lenta e profundamente para dentro do teu abdómen.

Depois ele murmurou qualquer coisa. Em voz baixa. Demasiado baixo para perceber. E empurrou até ao fim. Levantei o rabo da mesa, a minha boca abriu-se de dor e de desejo. Ele não estava à espera do movimento, porque o meu clítoris tocou-lhe a palma da mão. Os meus dedos dos pés enrolaram-se. Mordi a língua para me impedir de gritar.

Quando voltei a pousá-lo na mesa, Tate enfiou os dedos bem dentro de mim tocando num ponto sensível que me fez gemer alto. Eu estava à beira de colapsar. Como é que as mulheres não se vinham todas na sua mesa de exame? Se fosse prática comum, eu estava tramada.

– Está a doer? – A voz dele estava rouca.

– Um bocadinho. – Menti para não parecer mal, fingindo que não estava prestes a vir-me nos dedos dele. Fechei os olhos, tentando passar por isto sem descambar, tentando gravar esta sensação na minha memória para mais tarde. Estava doente. Tão doente.

– Vou colocar a minha mão na tua barriga e pressionar o teu útero agora.

Tate fez deslizar a bata para cima até passar a cintura, expondo toda a parte inferior do meu corpo. Inclinou-se para a frente e colocou as pontas dos dedos da sua mão livre na parte inferior da minha barriga. Mesmo em cima do meu útero. Pressionou-as profundamente, escavando o que quer que fosse que precisava de escavar.

Contorci-me ao toque, sentindo-o dentro de mim, por cima de mim, em todo o lado. O movimento levou a palma da sua mão ao meu clítoris. Lutei contra o meu gemido e falhei. Os meus olhos abriram-se muito, encontrando os dele. Não conseguia disfarçar isso com tosse. Não sem lhe apertar os dedos. As minhas faces ardiam.

Ou ele tinha uma ótima cara de *poker* ou não sabia onde estava a palma da mão. Não sabia que estava prestes a desfazer-me diante dele. A pressão entre as minhas paredes aumentou. Com a outra mão, ele pressionou a minha barriga. Apertei-lhe os dedos, sem o conseguir evitar. Os meus olhos fixaram-se nos dele. Nunca se afastaram dos meus, procurando no meu rosto sinais de desconforto. Eu não lhe dei nenhum.

Aclarei a garganta, tentando manter a calma.

– Não dói muito.

– Provavelmente dói menos do que perder o hímen da forma tradicional.

– Tenho a certeza. Não é assim tão doloroso.

– Também ajuda o facto de estares lubrificada – disse ele, com naturalidade, com a palma da mão ainda no meu clítoris.

Mas eu não me lembrava de ele ter aberto o tubo do lubrificante no carrinho ao seu lado. Era tudo natural. Tudo eu. Por esta altura tinha as faces a arder. Os seus dedos sondavam-me profundamente. Eu tinha tido aulas de saúde. Vi isto num vídeo. Parecia cem por cento um exame, mas não era essa a sensação. Parecia que a intenção era fazer-me vir.

A minha boca formou um O e eu sabia que estava prestes a vir-me. Já me tinha vindo antes, usando os meus próprios dedos, mas nunca dentro de

mim. E nunca me sentira assim. Nunca com a sensação do meu corpo estar cheio com as partes de outra pessoa, a pressão a aumentar.

Os meus olhos reviraram-se. Fechei-os resolutamente. Todos os músculos do meu corpo estavam tensos e deliciosamente comprimidos.

– Tate – gemi.

– Doutor Marchetti. – O seu tom profissional acordou-me para a realidade.

Demasiado tarde.

– Eu... eu...

– Parece que sim.

Começou a retirar os dedos, lentamente, saindo de mim, mas eu agarrei-me em redor deles. As minhas ancas avançaram, os dedos dos pés voltaram a enrolar-se nos estribos. Os meus glúteos apertaram-me para me inclinar, empurrando os dedos dele para dentro de mim.

Não tinha qualquer controlo sobre o meu corpo. Contorcia-me perante ele. Nunca mais o conseguiria olhar nos olhos. Ele não tinha feito nada de mal. Quando muito, fui eu. Mas foi a primeira coisa que me fez sentir algo mais do que um orgulho estático e aborrecido por ter feito a coisa certa desde Aquela Noite. Tirar as melhores notas. Frequentar uma boa faculdade. Encontrar um emprego adequado.

Não, isto não era confortável, nem agradável, nem correto. Sentia-me real, suja e fora deste mundo. Parecia algo pelo qual valia a pena lutar.

Saí do meu orgasmo como se estivesse a atravessar um nevoeiro. Os tremores que me percorriam eram como as últimas ondas de um furacão, levando-me de volta à costa. Quando o meu rabo chegou finalmente à mesa de exames, apercebi-me de que o Tate tinha retirado a mão de dentro de mim e puxado a cadeira para trás, afastando-se do meio das minhas pernas.

Tirou as luvas com um estalido.

– Tudo limpo – disse ele. – Vamos passar ao papanicolau.

Os meus dentes cravaram o lábio inferior. Fiquei a vê-lo virar-se, lavar as mãos e aplicar um novo par de luvas. A realidade abateu-se sobre mim. *Oh, meu Deus!* O que é que eu tinha feito? Tinha-me vindo nos dedos dele na marquesa. E agora ele agia como se nada tivesse acontecido.

Ele tinha dito que isto não ia acabar com ele a mandar flores ou a telefonar-me e eu tinha aceitado as suas condições, inclusive enviei-lhe um *email* legalmente vinculativo sobre isso, então porque estava surpreendida e furiosa comigo própria quando ele continuava o exame sem prestar atenção ao que acabara de acontecer?

Ele sabia. Senti a minha humidade a acumular-se nas coxas e na mesa. Eu tinha-me agarrado a ele. Ele. Tinha. De. Saber.

Fiquei em silêncio quando ele se virou para mim, colocando-se novamente entre as minhas pernas. Eu sabia que estava muito corada. Que o suor tinha deixado fios de cabelo colados às minhas têmporas. Que eu ainda estava molhada.

Para confirmar isso, pegou em alguns lenços de papel e limpou-me de cima para baixo.

– Vou colocar um espéculo dentro de ti. Pode parecer um pouco estranho, mas vou certificar-me de que o tamanho é o mais pequeno possível. És muito estreita, o que é algo de que talvez queiras falar com o teu futuro ginecologista-obstetra se e quando decidires ter filhos.

Eu era muito estreita? Isso era uma coisa boa, certo? Isso significava que ele gostava de me tocar com os dedos? Que raio, porque é que ele não diz nada sobre o que se passou aqui há dois minutos?

E depois percebi o resto da sua frase. O meu futuro ginecologista-obstetra. Como que a dizer que esta era a última vez que isto acontecia. A última vez que ele me via. Que estava dentro de mim.

Tate fez deslizar o espéculo, afastando as paredes da minha vagina. Para meu horror, a sensação ainda era muito agradável. De facto, um som de sucção saiu da minha parte feminina. Gemi de vergonha, fechando os olhos. Se me viesse outra vez, divorciava-me do meu corpo.

Passou uma escova suave nas minhas entranhas, depois retirou o aparelho de metal. Eu continuava deitada na mesa de exame, recusando-me a olhá-lo nos olhos. Tecnicamente, não tínhamos de nos ver novamente. Ele tinha deixado claro que não seria o meu ginecologista-obstetra no futuro.

O meu orgulho incitava-me a cortar todos os contactos com ele, mas aquela coisa maldita no meu peito não me deixava virar-lhe as costas. Nem sequer sabia quem estava a tentar salvar nesta altura. Ele ou eu.

– Já está. Deves receber os resultados nas próximas quarenta e oito horas, uma cortesia da qual a nossa clínica se orgulha. – Ele virou-se para mim com o rosto vazio de emoções.

Estava ansiosa que ele comentasse o que tinha acontecido, mas sentia que tinha atingido a minha quota patética para este ano.

– Obrigada, agradeço o seu tempo. – Para minha surpresa isto saiu com a mesma frieza que as suas palavras. Agarrei na minha roupa antes mesmo de sair. Queria sair daqui, bloquear o número da clínica do meu telemóvel e fingir que ele nunca tinha acontecido. Afastá-lo da minha memória.

Ele encostou-se ao balcão, a observar-me.

– Quanto ao teu hímen...

– Por favor, para de falar do meu hímen.

Tate lançou-me aquele olhar que me enlouquecia. Como se eu fosse uma aluna do primeiro ano que tivesse acabado de aprender a limpar o rabo corretamente.

– Quanto ao teu hímen... – continuou ele, sem se deixar intimidar. Sacana. – Não tenho a certeza se o perdeste todo ou só parte dele, mas podes sentir alguma hemorragia e desconforto. Não hesites em contactar a clínica se isso persistir.

*Sim, meu. Completamente. Eu ligo-te sobre a virgindade que me tiraste usando os dedos e aquela outra coisa metálica que enfiaste dentro de mim.*

– Claro. Sim.

– E, no futuro, quando decidires ter relações sexuais, faz como se fosses virgem porque, em última instância, és, e o teu corpo tem de se ajustar de acordo com isso.

Fiz-lhe uma careta, enfiando as pernas nas calças. Não era justo. Ele não queria fazer isto. Reagan marcou a consulta e eu quase implorei por ele em vez do Dr. Bernard. Mas para ser honesta, eu não estava apenas chateada com ele por aceder ao meu pedido. Eu estava principalmente chateada comigo própria por não ter qualquer controlo perto dele.

– Estás assim tão preocupado com a vida sexual de todas as tuas pacientes? – disse eu.

– Claro – disse ele, indiferente. – Sou o ginecologista delas.

– Bem, não te preocupes com a minha. Isto foi apenas um exame pânico que não volta a acontecer. Como mencionaste no teu consultório no outro dia, eu não posso pagar a tua clínica.

– Por falar nisso, a Reagan pediu-lhe para lhe cobrar a ela a tua consulta. A Sylvia vai enviar-lhe a fatura por *email*. – Com isso, o sacana saiu da sala sem sequer me acenar um adeus.

Fugi do edifício, aliviada por pelo menos o Tate não conhecer a história toda. Que no seu consultório, a moeda não tinha caído em coroa, mas sim em cara. O destino não queria que ele me apalpassse. Eu é que queria.

# Capítulo Trinta e Cinco



**Tate**

A minha agenda atarefada poupou-me a horas de discussão interior sobre o orgasmo de Charlotte Richards. Por vezes, as pacientes vinham-se. Já tinha acontecido no passado. Iria acontecer novamente no futuro. Eu não tinha por hábito envergonhá-las com isso. Nem sequer de pensar nisso, já agora, para além de lhes assegurar de que não tinham nada de que se envergonhar.

*No entanto...*

Charlie tinha a tendência de provocar uma reação em mim que ia contra a normalidade. Nomeadamente, ela reduzia-me a uma capacidade de tomada de decisões anteriormente reservada aos *reality shows*.

Nos dias seguintes, andei de paciente em paciente. Até me ofereci para fazer uma ecografia de rotina ao Walter depois da sua gota ter aumentado. Passar gel numa barriga protuberante não conseguiu desviar os meus pensamentos. Não ajudava que o ruído da sonda do transdutor a deslizar pela barriga húmida da paciente rivalizava com o volume da vagina da Charlie depois de os meus dedos se afundarem nela. (Esta última não precisava de lubrificante e não me orgulho de me sentir vaidoso com disso.)

A paciente ficou a rir-se da mancha no ecrã, agarrada ao bíceps do marido. Imprimi uma imagem do feto de vinte e duas semanas com as pernas enroladas para dentro. Não se conseguia perceber o sexo da criança naquela posição estranha.

Os pais não se importaram. Ficaram a adorar a pequena foto e eu percebi. Com as muitas gravidezes falhadas que via, o nascimento também passara a ser um milagre para mim.

Depois de saírem, dei por mim com quatro horas de sobra antes de uma cesariana agendada. Naturalmente, passei os minutos de um a duzentos e quarenta em casa, com a pila na mão, sem conseguir convencer-me a arranjar

uma rapariga no bar mais próximo e acabar com a minha frustração.

Não é o meu modo de atuar típico.

Nem de perto.

Irritava-me que a Charlotte Richards tivesse conseguido destruir o controlo que eu construía ao longo de três décadas e meia de existência. A minha irritação fervilhava. Terminei a cesariana sem complicações e meti-me no metro. Acabei na estação onde não devia estar.

Nem era preciso ser um génio para perceber a razão.

Conseguia ver o escritório da Charlie assim que saísse da estação. Não esperava encontrá-la ali, nunca decidi vir de forma consciente, mas ali estava.

Em toda a sua glória.

As mamas levantadas por um corpete preto de renda. O pescoço com uma gravata castanha ligada a um colarinho falso. Um quilómetro de pernas espreitava por baixo de uma minissaia de xadrez.

Foda-se.

Estava na altura de procurar uma solução que não envolvesse uma ida às urgências com um caso de grave de testículos inchados, a perda da minha sanidade e mais bagagem que um pacote do St. Regis.

# Capítulo Trinta e Seis



## **Charlotte**

O problema era que eu não podia fazer sexo com Tate Marchetti. Para começar, ele não me deu qualquer indicação real de isso ser uma possibilidade. E, segundo, a julgar pelo incidente na mesa de exames, se ele realmente tentasse, eu estaria tramada. Arruinada.

A Abigail, por outro lado, tinha uma vida sexual muito ativa e não tinha medo de a partilhar.

– Podemos remarcar a saída desta noite? Tenho um encontro com um arqueólogo e espero que ele descubra o meu ponto G.

Segurei a porta do edifício de escritórios, saí atrás dela e gritei-lhe quando ela já estava de costas:

– Se o arqueólogo falhar, podes sempre tentar um detetive privado. Ouvi dizer que eles são bons a encontrar coisas.

– Um ginecologista pode ser uma aposta mais segura – sugeriu uma voz profunda vinda de trás. – Claro que sabes isso por experiência própria.

Virei-me e encontrei o Tate ali, encostado a um pilar de betão do edifício. Tinha uma mão enfiada no bolso das suas calças e a outra a mexer no telemóvel.

A Abigail já tinha entrado num táxi e desaparecido de vista, mas, tal como nós, a Reagan trabalhava até tarde e a última coisa de que precisava era que ela me apanhasse a salivar pelo homem responsável pelo parto dos seus bebés.

Conduzi-nos para um beco, virando o corpo dele para que ficasse de costas para a rua. Longe de olhares curiosos.

– O que fazes aqui?

– Fizeste-me uma pergunta. Estou aqui para te responder.

– Não me lembro de ter feito nenhuma pergunta.



– Fizeste. Não sou neurologista, mas ouvi dizer que a vitamina E pode retardar a perda de memória.

Na verdade, em retrospectiva, eu podia ter perguntado algo. No consultório dele. Mas o quê? Talvez sobre a sua preocupação com a minha virgindade.

Sentia a face quente. Remexi na minha mala fingindo que procurava algo para não ter de olhar para ele.

– Está bem. Responde.

– Eu não estou preocupado com a tua vida sexual porque és uma paciente – disse ele, casualmente. – Estou preocupado com ela porque quero foder-te os miolos até perderes a capacidade de andar a direito. Infelizmente para mim.

Estanquei.

O silêncio cobriu-nos.

Tinha metade do braço enfiado no meu saco remendado, o outro agarrado ao meu telemóvel. Deixei cair o telefone no chão.

*Desculpa?*

Tate apanhou o aparelho e deu-mo.

– Não cobrei a consulta à Reagan. Considera isso como a minha recusa oficial em ver-te como ginecologista com o argumento de que tenho um interesse pessoal em ti. Ficarei feliz de te encaminhar para o doutor Bernard ou qualquer outro dos meus colegas.

– Isso quer dizer que queres namorar comigo? – Sentia os olhos a arder, mas era aquela maldita coisa no meu peito que me pôs em alerta máximo.

– Eu não namoro. Eu fodo. Se ficas contente com esse acordo, sabes onde me encontrar. Gosto muito de ti, Charlotte, e é por isso que te aconselho, como amigo, a não aceites essa oferta. Sou demasiado velho e demasiado destruído para te dar aquilo que queres fora do quarto.

# Capítulo Trinta e Sete



**Tate**

Quando se tratava da ascensão e queda de Terry Marchetti fazia-se sempre a mesma pergunta. Onde? Onde está Terry Marchetti? Para onde foi o dinheiro? Para onde foi o talento? Podia responder às duas primeiras questões facilmente. Terry pagou poucos impostos sobre os seus direitos de autor e ignorou o IRS quando lhe vieram bater à porta. Gastou tudo numa casa em Central Park que não podia pagar para acabar por aprender que existem entidades governamentais com as quais não se pode brincar. O banco ficou com a *penthouse* quando ele deixou de pagar a hipoteca. O IRS e as Finanças penhoraram os seus cheques trimestrais de direitos de autor. Ficou apenas com as memórias do sucesso e uma medalha que o igualava ao Harry Potter.

Quanto ao talento? Tinha sido um choque para todos nós. Qualquer que fosse a proeza literária que ele possuía estava habitualmente confinada a títulos de categoria média que tinham uma edição medíocre de uma editora independente que ninguém conhecia. O suficiente para pagar um estúdio em Parkchester e algumas doses de droga que ele consumia naquele mês. Mas *As Imperfeições*? Era o tipo de lançamento com que todos os autores sonhavam. Os críticos elogiaram-no antes de chegar às prateleiras. Foi selecionado como um dos melhores livros da literatura moderna. Vendeu milhões de exemplares e entrou em todas as listas de *bestsellers*. Os alunos estudavam-no na faculdade, viam a adaptação cinematográfica e salivavam por tudo o que Terrence Marchetti era, apenas para descobrir que os outros títulos dele eram muito maus.

E era por isso que odiava a terceira pergunta. Aquela a que nunca conseguia responder. Aquela que todos pareciam perguntar assim que descobriam a minha linhagem.

– Não tem de responder se não desejar. – Reagan deslizou a blusa por cima da barriga no final da sua consulta. – Eu estava unicamente a fazer conversa. Além disso, muitos autores escrevem apenas um livro bom e desaparecem. Já trabalhei com dezenas deles.

Guardei uma cópia da sua ecografia e saí do *browser*.

– Duvido que ele publique mais alguma coisa na sua vida.

– Ele está a escrever?

– Se considerar que escrever e apagar é escrita, claro.

Usando o exemplar autografado como vantagem, Terry tinha voltado para minha casa. Passava as noites a escrever na sua máquina e a destruir as palavras ao amanhecer. Depois, dormia no meu sofá o resto do dia, acordando somente para me roubar comida e deixar um rasto de desarrumação da casa de banho até à cozinha.

– Ele ainda tem representação literária?

– Sinto-me na obrigação de a avisar que o seu agente desistiu depois de ele se ter baldado a um contrato de três livros e ser obrigado a devolver o adiantamento de sete dígitos.

– Se calhar ele tem algo de valor.

*Ou talvez As Imperfeições tenham sido um acaso.*

Eu já me tinha conformado com isso há muito tempo. Tal como o seu agente e editor. O único que não parecia querer aceitar isso era ele.

– Talvez – exclamei, para pôr fim à conversa.

Nessa noite, cheguei a casa depois de uma cesariana de emergência e encontrei o Terry esparramado no meu sofá a ver uma repetição do *Foi Assim Que Aconteceu* num ecrã plano que eu tinha instalado para que a casa não parecesse tão vazia. Até agora não fazia ideia se funcionava.

– Olá, filho. – Ele enfiou a mão num pacote de batatas fritas de marca branca. – Estás em casa?

Como sempre, o uso da palavra «filho» irritou-me.

– Não sou teu filho. – Liguei o interruptor da cozinha e abri a porta do frigorífico, encontrando-o vazio. – Não é a tua casa.

O meu estômago roncou. Precisava de duas mil calorias, quinze horas de sono e uma máquina do tempo para voltar à fase anterior à proposta de sexo sem compromisso que fizera à Charlie como um maldito cretino (ela era apenas uma miúda e nós conhecíamos as mesmas pessoas e era perigoso e tão contrário à minha essência). Também precisava de bom senso, provavelmente cortesia de uma ordem de restrição que iria ter se continuasse assim.

– Há restos de piza. Uma piza inteira da Rubirosa – disse Terry, fazendo uma pausa para reformular uma frase do espetáculo em voz alta. – Deviam ter-me contratado para escrever o maldito guião. – Ele abanou a cabeça. – Pensei que tinha posto a piza no frigorífico, mas posso tê-la guardado no congelador.

Tanto quanto sabia, o Terry não tinha um cêntimo em seu nome para comprar uma pastilha, quanto mais comprar um bilhete para a Nolita e uma

piza inteira da Rubirosa. contei até três na minha cabeça, combatendo o calor que crescia na minha nuca.

– Viste o manuscrito do Kel? Pensei que o tinha visto metido debaixo da sua cama, mas deves tê-lo tirado de lá. Tenho procurado pela casa todo o dia. Está no teu quarto? Não o deitaste fora, pois não?

*Um.*

– Comi o resto da tua comida. Espero que não haja problema. – Migalhas de batatas fritas voavam da sua boca enquanto ele falava, caindo no meu tapete, no sofá e no seu corpo. Nada como migalhas para animar. – Sabia mal. Talvez devesse encontrar outro sítio de comida feita melhor? Faz uma pesquisa. Verifica a aplicação que os miúdos usam. Tu sabes... – Ele estalou os dedos algumas vezes, apontando para mim. – A Yelp.

*Dois.*

– Ah, e a tua empregada de limpeza passou por cá hoje. – Ele mastigou mais uma mão-cheia de malto dextrina com alto teor de frutose, milho e xarope. Se eu não o matasse, as batatas fariam isso por mim. – Coisa insensível, começou a aspirar o meu espaço de escrita, apesar de me estar a ver a escrever. Espero que não te importes, mas disse-lhe para deixar como estava e voltar mais tarde. Não conseguia escrever com todo aquele barulho. A boa notícia é que, poupei-te o dinheiro que deixaste na bancada para ela. – Levantou uma batata frita, acenando-a na direção da cozinha. – Usei-o para abastecer a despensa.

*Três.*

Arranquei-lhe o pacote da mão, voltei para a cozinha e deitei-o no lixo. Virei-me para o encarar novamente.

– Este é o teu único lembrete de que a condição de ficares aqui é trabalhar.

– Eu estou a trabalhar. – Ele apontou para as batatas fritas. – Estas foram caras!

– Perfeito. Podes comprar mais quando terminares um livro e o venderes.

– Não consigo. Não, estando sóbrio. – Ele coçou a parte de trás da orelha. – Escrevi *As Imperfeições* bêbedo e drogado. Nem sequer me lembro de como o fiz.

– Eu acorrentei-te ao chão ou tranquei-te na cave? – Sacudi o polegar para a esquerda. – A porta é ali. Ninguém te obriga a ficar.

Ele apontou para uma pilha de papel descartado aos seus pés. Amachucado em bolas.

– Não consigo terminar este livro.

– Sugiro que resolves isso o mais depressa possível, tendo em conta que o teu agente e o teu editor te abandonaram e eu estou a dez segundos e um dia muito mau de te expulsar. Se não queres acabar na rua, tens de escrever um maldito livro. – Principalmente porque com isso estaria um passo mais perto de o expulsar da minha vida. Desta vez, para sempre.

Ele pôs as mãos na cintura, fazendo com que as migalhas caíssem para o meu chão, que já não tinha a sua limpeza semanal.

– Não posso!

– O problema não é meu.

– E se eu não conseguir?

Por fim, olhei para ele. Quero dizer, olhei *mesmo* para ele. Uma camisa cheia de buracos pendurada à volta do corpo. A fina camada de gordura que cobria o seu cabelo brilhava. Dois sacos vazios rodeavam-lhe os olhos. Por mais que dormisse, estava sempre cansado. Parecia que tinha estado a lutar com o camião do lixo, e o camião do lixo tinha ganho.

– E se eu não conseguir? – repetiu Terry, agora mais baixo.

Não conseguia perceber como é que a sua vida tinha descarrilado. Talvez tivesse sido na sua primeira experiência com drogas. Talvez na altura em que decidiu seguir a sua carreira com muito mais esforço do que pôs na família. Talvez tivesse nascido falhado. De qualquer forma, o problema não era meu. Ele não era meu pai.

– Não testes a minha paciência, Terry. Não vais gostar do que vais encontrar quando eu chegar ao fim da minha corda.

– Não consigo escrever outro livro.

– Estás acabado. Estás destinado a ter uma morte prematura, tão irrelevante como era no dia em que nasceste. Se não queres fazer nada com a tua vida, isso não é problema meu. Fico mais do que feliz em te ver sair por aquela porta. – Virei-lhe as costas. Os meus pés ressoavam no chão a caminho do meu quarto. Consequia ouvi-lo a seguir-me.

Ele apanhou-me antes de eu chegar às escadas, agarrando os colarinhos da minha camisa.

– Eu plagiei. Está bem? É isso que queres ouvir?

Mexi as mãos para o tirar de cima de mim, mas elas imobilizaram-se perante as suas palavras.

– Repete lá isso.

– Eu roubei o raio do livro. – Ele esperou que eu dissesse alguma coisa e, como não o fiz, tentou encontrar uma desculpa. – Mas... mas... não é como tu pensas.

As peças do *puzzle* encaixaram-se no lugar. Surgiram memórias de todas as malditas vezes que me perguntavam sobre a ascensão e queda meteórica de Terry Marchetti. *Não é como nada que ele tenha escrito. Não sabia que ele tinha isto dentro de si. Uma leitura única na vida.* Nunca tinha lido o livro, mas sim o que os críticos diziam dele. Por algum tempo, pensei que Terry Marchetti não era totalmente inútil.

– As palavras... – Ele largou-me. – O livro veio de outra pessoa. – Ele permaneceu silencioso, à espera de que eu dissesse algo.

Eu não conseguia. Não conseguia compreender a possibilidade de o livro sobre o qual passara a última década a gabar-se, aquele que redimia a sua existência, ser uma mentira.

– Metes-me nojo. – Saiu-me num tom baixo e pesado, coberto de raiva. Empurrei-o para o lado, marchando pelos degraus acima.

– Posso ficar na mesma, certo? – gritou ele.

Bati com a porta, ignorando a forma como o meu estômago roncava e o meu ultraje acabou com a minha sanidade. Durante quase dez anos eu tolerara o regresso de Terry Marchetti à minha vida por uma razão só. Kellan idolatrava-o por ter escrito *As Imperfeições*.

*Kellan idolatrava-o por nada.*

# Capítulo Trinta e Oito



## Charlotte

O ups-gasmo passou na minha cabeça num círculo sem fim. Um disco riscado preso na parte mais audível. O principal problema era que eu tinha gostado. Queria até que voltasse a acontecer. O outro problema? Nunca mais podia olhar o Tate novamente. Não para pedir desculpa. Não para aceitar a sua oferta. Não. Nunca.

– Charlotte? – Abigail tocou-me no ombro. – Estás a corar.

Estávamos amontoadas num canto do elevador do escritório a descer. Apertadas como sardinhas nesta armadilha mortal. Tão juntas que não conseguia ver a placa com a capacidade de peso para além da fila de corpos à minha frente.

– Estou? – Tentei dar umas palmadinhas nas minhas bochechas, mas tudo o que consegui foi levar com o cotovelo de alguém. As portas abriram-se. Nós saímos. Atrás de nós o elevador rangeu de alívio.

– Estás bem? – Abigail seguiu-me para fora do edifício até ao passeio. – Passaste o dia todo com a cabeça quente. Estás a ficar com uma constipação? De certeza que a Reagan te deixa faltar amanhã.

Tínhamos várias reuniões agendadas para as próximas duas semanas com algumas das grandes editoras. A Reagan queria apresentar vários livros de autores que ela representava e pediu-me para a acompanhar. Uma oportunidade que eu sabia que tinha de aproveitar.

Ele usava o casaco do Kellan por cima de uns calções de cintura subida com tachas e *collants* de rede. Ele tinha-o deixado no telhado no Dia dos Namorados no primeiro ano, e eu não tinha conseguido devolvê-lo. Não depois daquele beijo.

– Estou bem. Só estou com calor. – Encolhi os ombros e tirei o pesado casaco de cabedal *vegan* com mais correntes que uma loja Hot Topic. –

Parece que a vaga de calor do verão está a chegar mais cedo este ano. Estou a pensar em ir para casa e dormir com o ar condicionado ligado a todo o gás. Vemo-nos amanhã.

Dirigi-me rapidamente para a estação de metro, desci os degraus a correr e entrei no comboio. Os livros do Kellan estavam no saco impermeável preso no meu braço. Tinha de me separar deles. Era a última coisa que me ligava a Tate Marchetti, para além da memória mortificante de me vir na sua mesa de exames e da sua chocante proposta.

Os panfletos horríveis que a conselheira de St. Paul costumava dar-me encorajavam as pessoas deprimidas a procurar o lado bom da vida. Instigavam a encontrar um único ponto positivo num mar de negativos e agarrar-se a ele.

O lado positivo, para além do facto de ter sido um orgasmo muito bom, era que eu não pensava na Leah e em *As Imperfeições* há dias. Porque a pior parte de lho ter dado – a parte que realmente importava – era que, no final, o livro em si não significava nada para mim. Foi o facto de ela o ter usado como veículo para me magoar que realmente me feriu. E eu estava magoada. Quando pensava que tinha prendido a viver com o facto de a Leah gostar muito menos de mim do que me amava, perdia novamente as esperanças. Mais uma vez.

Na minha estação, hesitei antes de sair do lugar. Olhei para o saco e depois para as portas que davam para a plataforma. É bom saber que a minha cobardia não se limitava a admitir a verdade a Tate. Que o seu irmão me tinha beijado uma vez. Que eu sabia que o seu irmão se queria matar. Que lhe tinha andado a mentir desde que o tinha conhecido. E depois havia a outra verdade. Aquela que eu nunca poderia admitir a mim mesma com medo de desiludir o Kellan. A lealdade é uma escolha e eu tencionava fazê-la.

*O Tate é tóxico*, lembrei-me a mim própria, pensando na volta de cento e oitenta graus que ele dera desde que lhe tinha contado sobre a minha Grande T. *Ele apunhala-nos no coração e depois pergunta-nos porque é que dói tanto.*

Irrompi pela porta no último segundo, assustando os casais que estavam de ambos os lados.

– Desculpem!

As minhas botas de combate soavam na plataforma. Se não corresse para a biblioteca, nunca teria coragem de lá ir. Os meus pulmões lutavam contra mim. O suor escorria-me pelas têmporas. Quando lá cheguei, o meu cérebro parecia nevoeiro. Fumo onde os pensamentos se dissolvem.

O edifício de pedra calcária ergueu-se diante de mim. Fiquei por baixo do toldo, rodeada de grossas colunas de cada lado. Tinha chegado à porta da frente no dia em que o Tate me deu os livros para doar, mas nunca passei da balaustrada. E não tinha ido lá desde então, quebrando a minha sequência de presenças desde a faculdade.

Respirei fundo e dirigi-me diretamente à receção antes de poder mudar de ideias. O saco batia-me na coxa a cada passo que dava.



– Charlotte! Há tanto tempo que não te via. Tenho andado preocupada. – Doris, a bibliotecária-chefe, sorriu para mim. – O que posso fazer por ti?

Bati com os dedos na bancada. Os livros de Kellan pesavam-me no braço. Por falar em Kellan, iria ele ficar zangado com o que tinha acontecido? Ele odiava o irmão. E, raios, tinha de parar de pensar no ups-gasmo.

– Eu tenho... – hesitei, odiando-me por isso. A proposta do Tate passou-me pela cabeça. Sexo sem compromisso. O meu cérebro não sabia o que queria, mas o meu corpo sim.

*Se, pelo menos, tivesse uma razão para o voltar a ver...*

– Tu tens... – Doris franziu o sobrolho.

*Se fizeres isso, nunca mais verás o Tate.*

O meu pé recuou um passo.

*Nunca mais terás as respostas de que precisas.*

Outro passo.

*Nunca vais poder confrontá-lo sobre o Kellan.*

E outro.

*A proposta dele não vai durar para sempre...*

– Não importa – murmurei, girando sobre os meus calcanhares.

A Doris chamou-me, juntamente com a Faye, a minha bibliotecária preferida.

Saí pela porta da frente, irrompendo para a rua com um suspiro de cansaço. As palmas das mãos apoiaram-se nos joelhos. As pessoas espalhavam-se pelo passeio, afastando-se à minha volta como o mar Vermelho, enquanto eu tentava recuperar o fôlego. Para me recompor. Não sabia o que estava a fazer. Ou o que queria. Ou para onde iria a partir daqui.

Por isso, andei. Andei até me doerem os tornozelos. Até que o entardecer se transformou em noite. Até o sol desaparecer e a cidade brilhar sob um manto de luz artificial. Até não pensar em mais nada senão no Tate e no Kellan Marchetti. E, quando olhei para cima e vi o que me rodeava, apercebi-me de onde os meus passos me tinham levado. O bar onde tinha ido com Tate. Espreitei pelas janelas. Só para ver o sítio onde nos tínhamos sentado a trocar histórias. Provavelmente, o mais próximo de uma cura saudável que qualquer um de nós alguma vez teria. E então, vi-o. O único homem que alguma vez me roubou a sanidade mental desta forma. *Tate*.

Ele segurava um copo vazio e, pelo aspeto, não era o primeiro. Devo ter permanecido ali durante meia hora. Atordoada. A olhar para ele pela janela como se tivesse saído do livro *Misery*. Uma mulher sentou-se ao lado dele. Duas, na verdade. Ambas a salivar. Ambas interessadas. Uma delas deixou cair uma caneta da bolsa e dobrou uma folha de papel, deslizando-a até ele. O número dela, talvez? Ele olhou. Agarrou-o. Meteu-o no bolso. Engoli em seco, colada a cada movimento do seu corpo. O suor escorria-me pelo pescoço. A bÍlis subiu-me à garganta. O meu coração dava saltos violentos dentro de mim.

*Abre a porta, Charlotte. Para com isto. Aceita a sua oferta. Tu sabes*

*que queres.*

Em vez disso, fiquei colada ao chão até não conseguir ver mais. Ele estava bêbedo e eu sabia que devia entrar no bar e oferecer-lhe a minha ajuda para que chegasse a casa são e salvo. Mas não consegui. Fugi, perguntando-me por que razão me interessava o que o Tate Marchetti fazia com a sua vida. Ele era um estranho. Mais velho. Alguém a quem sobrevivera durante vinte e dois anos sem conhecer, e alguém a quem sobreviveria mais vinte e dois sem ver.

E depois percebi. Não era somente *observar* o Tate. Eu estava *preocupada* com ele. Quando comecei a preocupar-me? Quando deixei de o odiar?

# Capítulo Trinta e Nove



**Tate**

Desde que a Charlotte Richards entrou na minha vida, apercebi-me do desagradável facto de que havia muita coisa na vida do meu irmão mais novo que eu desconhecia. Kellan tinha uma amiga e eu só a conhecera agora. Kellan queria suicidar-se e eu só descobrira através de dois polícias que tinham aparecido à minha porta.

Kellan escreveu um livro, e não me contou.

*Doce Veneno* continuava enfiado na minha mesa de cabeceira. Provavelmente a fonte das minhas recentes insónias. Não que tivesse dormido bem nos últimos quatro anos. (Comprimidos para dormir não eram uma opção quando tinha de estar de plantão as vinte e quatro horas do dia.)

O *barman* passou-me um copo com algo transparente. Levantei-o e levei-o ao nariz, cheirando. Nada.

– O que é isto?

– Água.

– Eu pedi um Macallan.

*Uma garrafa inteira, de facto.*

Ouvi a dureza na minha voz. Tive também a decência de ficar envergonhado. Quando cheguei à idade legal para beber, eu via Terrence Marchetti apaixonar-se por sete substâncias diferentes, chocar contra uma árvore sob a influência dessas substâncias em Turtle Bay e passar metade dos seus fins de semana nos bares de bêbedos em todos os bairros a sul de Lennox Hill.

Ele teve um amor épico que alterou a sua vida e a destruiu. As drogas. Dois, se contarmos com as mulheres. E foi por isso que me mantive afastado de ambos. Mas hoje, no ducho, tinha-me masturbado com a memória da

Charlotte Richards a vir-se nos meus dedos. Saí da casa de banho e encontrei o Terry a esgueirar-se para o quarto do Kel para procurar novamente o *Doce Veneno* e tinha acabado a noite com o parto de gémeos nado-mortos no trabalho. Precisava de álcool ou teria de recorrer a algo mais forte.

– Não te vou servir mais, meu. – O sorriso triste e conhecedor do *barman* poderia ter-me incomodado se eu me importasse com a opinião dos outros. Mas eu tinha outras prioridades. Especificamente, o Macallan que tinha pedido.

Tinha um argumento na ponta da língua, pronto a ser usado no *barman* até ele ceder. Tinha passado de embriagado a bêbedo na última meia hora e conseguia beber mais uma rodada ou mesmo dez. Mas depois vi o vislumbre de um laço de cabelo enorme através das janelas.

*Charlie.*

Pestanejei duas vezes e desaparecera. Possivelmente nunca lá estivera. Pus duas notas de cem dólares no balcão juntamente com o número que uma mulher me dera há pouco e saí do bar, esquecendo-me do casaco. O ar noturno cortava-me a pele. Cambaleei pelo quarteirão, meio convencido de que tinha alucinado ao pensar que vira a Charlie. Até que apanhei um rasto de botas vermelhas e brancas que gritava Charlotte Richards. Era definitivamente ela.

– Charlie!

Ela continuou a andar. Eu esforcei-me por apanhar, apoiando-me num muro ondulado. E por que raio havia tanta gente na rua? Esbarrei num grupo de engravatados, murmurei uma desculpa meio idiota e segui a Charlie pela rua de sentido único.

– Porra, Charlie. Para.

Ela não parou. Provavelmente não me conseguia ouvir a esta distância. Mas eu mal conseguia andar a direito. Alcançá-la parecia um sonho impossível nesta altura. Mesmo assim, segui-a enquanto ela se desviava para a esquerda e atravessava a rua, abrindo caminho por um mar de táxis amarelos a buzinar.

A esta altura, já posso admitir que estava fora de mim. Era tarde. Estava embriagado. Sentia arrepios nos braços. A Charlie não tinha aceitado a minha proposta. Mal conseguia andar ou ver. As hipóteses de a alcançar neste estado eram menos favoráveis que as hipóteses de a sobriedade do Terry durar mais de um mês. E havia mil e uma razões para não correr atrás da melhor amiga do meu irmão mais novo.

Mas não conseguia lembrar-me de nenhuma.

Ela parou no semáforo de um cruzamento grande, à espera que o sinal vermelho mudasse. Aproximei-me mais em passos irregulares. A imagem dela tornava-se mais nítida a cada passo. Conseguia ver o contorno desfocado da sua roupa. Uma espécie de casaco preto e prateado. Uns calções minúsculos que mostravam mais do que cobriam. E uns *collants* enfiados numas botas de combate pesadas com o padrão de bengalas doces.

Aconteceu em câmara lenta. Agarrei-lhe o braço, a balançar. Ela virou-se ao meu toque e tropeçámos juntos. Agarrei-lhe a cintura para a segurar, mas não consegui equilibrar-me.

Acabámos por cair em cima do capô de um automóvel estacionado. O alarme do carro quase me rebentava os tímpanos. Metade do corpo da Charlie estava em cima do meu e a outra entre as minhas pernas.

– Mas que raio... – Ela pestanejou e olhou para mim. – Tate?

Abri a boca, consciente que devia cheirar a um bordel do século xviii. Havia várias coisas em agenda para esta conversa. *Doce Veneno*. Terry. Kellan. A resposta dela à minha proposta. Mas a única coisa que me saiu foi:

– Charlie.

Os meus lábios curvaram-se num sorriso torto. Endireitei-me debaixo dela e puxei-a para cima do carro, imaginando que devíamos ter cerca de trinta segundos antes de o proprietário aparecer zangado a gritar connosco.

Ela empurrou-me com as duas mãos, equilibrando-me quando cambaleei. O seu nariz enrugou-se.

– Estás bêbedo.

– Algo de que estás bem ciente, tendo em conta que me estavas a espiar no bar.

– Eu não estava a espiar. – Ela cruzou os braços. – Que bar? Não faço ideia daquilo que estás a dizer.

– Não sabes mentir – tartamudeei. Sentia os braços pesados. Pesados com algo mais do que o álcool. O que, por acaso, me fez sentir como um monte de merda como o Terry. E isso lembrou-me... – Fala-me do Kellan.

Estávamos a chamar a atenção de todos. O alarme soava. As pessoas espreitavam pelas janelas. Um *maître* estava à frente de um restaurante italiano, com as mãos nas ancas, a olhar para mim.

*Sim, amigo, eu também me desaprovo.*

Alguém chegou à escada de incêndio de um apartamento.

– De quem é raio desse carro? Há pessoas que têm de trabalhar amanhã!

Levantei a cabeça para cima e gritei:

– Mete-te na tua vida.

A Charlie empurrou-me, deixando-me sozinho para lidar com a cena do crime. Fui atrás dela.

– Fala-me do Kellan – exigi novamente, sem deixar espaço para a discordância.

– Não – disse ela e, aparentemente, havia espaço para a discordância.

La repetir-me quando percebi que o casaco dela não era prateado. Era de cabedal preto, repleto de correntes prateadas e era do Kellan. Ela estava a usar o casaco do Kellan. Por que raio estava ela a usar o casaco do Kellan? Enfie um dedo na corrente mais grossa, obrigando-a a parar.

– Isto é do meu irmão.

As faces de Charlie ficaram vermelhas. Ela olhou para si própria de sobrolho franzido como se tivesse acabado de perceber o que tinha vestido.

– Muitas pessoas têm casacos de cabedal.  
– É do Kellan. – Agarrei outra corrente, mexendo num berloque. Metade cobra. Metade bússola. Ou seja: Tate Marchetti é uma cobra sem uma bússola moral.

*Bem jogado, Kel.*

Como ela não negou, aponte para o ombro esquerdo.

– Há ali um rasgão que ele tapou com um marcador. Um buraco no forro provocado por mim. Ele também acrescentava uma corrente ao casaco de cada vez que eu tentava tirar-lho. – Devia haver pelo menos trinta. – E isto – mostrei uma cobra em metal – foi o primeiro berloque que ele pôs. Diz-me lá que não é do Kellan. Estou à espera. – Silêncio. – Oh, e enquanto me dizes isso, diz-me novamente como é que tu e o Kellan eram apenas amigos.

Assim que as palavras saíram, assim que verbalizei o que ambos sabíamos, a oferta de «amigo da queca» caiu no chão e morreu solitária e flácida.

A Charlie ficou em silêncio. Mantinha os olhos fixos no passeio e era melhor não pensar numa forma de sair disto. Alerta de *spoiler*: não havia. De acordo com o Kel, a persistência era o meu pior traço de personalidade e a Charlotte Richards estava prestes a levar com uma boa dose dela.

– Fala-me do Kellan. E nada de tretas desta vez.

– Está bem. Eu estava à porta do bar e vi-te. Mas, Tate... – Ela levantou o queixo, prendendo-me com toda a atenção. – Não te viraste para mim uma única vez. Como sabias que eu estava lá?

Passava a maior parte dos meus dias a fugir às perguntas de Terry sobre o paradeiro do *Doce Veneno*. Não me apetecia responder às dela também.

E, no entanto... puxei-lhe o laço enorme que ela tinha na cabeça.

– Tu tornas isso óbvio.

– O que é que isso quer dizer?

– Não quer dizer nada. Fala-me do Kellan.

Doía-me ter de andar de atrás de uma rapariga para descobrir informações sobre o meu próprio irmão? Como uma bala. Tudo nas minhas interações com a Charlotte Richards era caótico, doloroso e um pesadelo à espera de acontecer. Ou era ela que fazia figura de parva ou era eu.

– Assim de repente?

– Só repeti a pergunta quatro vezes.

– Eu quero dizer de repente, no grande esquema das nossas interações, exceto no nosso primeiro encontro a sério.

– Todos os nossos encontros foram sempre só sobre o Kel. – Levantei as sobrancelhas, mas tudo o que disse soou muito menos sério porque eu estava a arrastar-me. Muito. – Não tenho motivos para te ver sem ser por ele.

*Mentira.* O nosso último encontro provava isso.

E foi a coisa errada para dizer porque ela deu um passo atrás, distanciando-se de mim.

– Tenho de ir, Tate.

Eu estava bêbedo. Demasiado bêbedo para ser racional.

– Ótimo. Eu começo. – Segui-a pela rua, esforçando-me para a acompanhar, apesar dos meus passos serem mais longos. – O Kellan idolatrava o Terry por nada.

– Ele idolatrava o Terry porque era o seu pai.

– Ele também é o meu dador de esperma e acho-o tão encantador como um preservativo usado. Mas pelos menos um deles é um veículo de prazer.

– O Terry escreveu o livro preferido do Kellan.

– O Terry é um idiota sem talento – bufei.

Ela parou no cruzamento, apertando o botão para parar o trânsito.

– Já leste *As Imperfeições*?

– Não, e não tenho intenção de o fazer. Nunca. – Encostei-me ao poste. – Agora fala-me do Kellan.

O que foi isto? A quinta vez? Rezei aos deuses da ressaca para que, amanhã de manhã, quando acordasse, já tivesse esquecido que esta conversa tinha acontecido. Mas não o suficiente para fazer algo lógico como deixar de falar com a Charlotte Richards e preservar o que restava da minha dignidade.

– Não tenho tempo para isto. – Charlie pôs a mão no bolso e tirou uma nota de vinte amassada, pressionando-a na minha mão. O toque dele eletrizou-me. – Apanha um táxi, Tate. Vai para casa.

Eu devia contar-lhe isso. *Doce Veneno*. O livro do Kel. Mas não contei, porque se o fizesse tinha de lho dar e, se ela o tivesse, lê-lo-ia e, se o lesse... Bem, eu não sabia o que ela ia descobrir. Era demasiado covarde para isso. Talvez tenha sido isso que me encorajou a mudar o manuscrito da minha mesa de cabeceira para o cofre no armário.

– Não queres falar sobre o Kel? Tudo bem. – Dobrei a nota de vinte e enfiei-lha no bolso da frente dos calções. – Podemos falar sobre o que aconteceu durante o teu exame.

O sinal abriu para os peões, mas ela não se mexeu, e ficou a olhar para mim. À espera de que eu voltasse a falar.

– Reparei que te vieste e não quis saber. Não é nada de especial. E não porque não aconteça, que acontece, mas porque a minha oferta de sexo sem compromisso está cancelada, devido ao facto de estares a usar o casaco do meu irmão morto ao qual ele era muito apegado e não me dizeres como ficaste com ele. – Pus o dedo numa das correntes. Aquela que tinha o berloque do dedo do meio. Adequado. – Finge que nunca aconteceu.

Por trás dela, o sinal ficou vermelho.

– És um idiota.

– Estou bem ciente disso.

Estava a olhar para a única ligação que tinha ao meu irmão mais novo e estava a estragar a merda da nossa relação. Eu não era parvo. Sabia o que estava a acontecer aqui. Quanto mais coisas se desenrolavam com o Terry, mais eu procurava a Charlotte. Eu sabia, mas não o conseguia impedir. E, aparentemente, também não conseguia controlar a merda que me saía da boca,

sóbrio ou bêbedo.

Ela virou-se para a passareira, viu o sinal vermelho e virou para o passeio, andando mais depressa do que o normal de propósito. Eu segui atrás dela enquanto ela descia as escadas do metro, dois degraus de cada vez. Virou à esquerda para apanhar o comboio mais próximo que eu duvidava que fosse aquele que ela queria.

Esforcei-me para a acompanhar, tropeçando um pouco e amaldiçoando o *barman* por não ter deixado de me servir mais cedo. Eu tinha um controlo tão forte sobre a minha vida, tão apertado e militante, que mesmo a forma como perdia o controlo tinha de ser feita sob as minhas condições. Da forma que eu queria que acontecesse. Sob as circunstâncias que eu criava. E a Charlotte Richards fazia tudo isso descarrilar.

Ela entrou no comboio assim que a vaga de pessoas saiu. Acelerei o passo, seguindo-a, lutando contra a tontura que me subia à cabeça.

Caramba. Já tinha atingido a minha quota de pessoa patética e gostaria de refazer os últimos vinte minutos.

Ceguei às portas duplas assim que elas fecharam. As minhas mãos aterraram no vidro, uma de cada lado da Charlie. Ficámos a olhar um para o outro através do vidro. Um segundo apenas, mas que pareciam dez. Ela virou-se primeiro, afastando-se de mim.

Por cima de mim, os altifalantes avisavam para sair da zona amarela. Recuei aos tropeções. O comboio começou a mover-se.

E a Charlotte Richards desapareceu.



# Capítulo Quarenta



**Charlotte**

**S**e eu era uma eremita sem vida social, a Leah Richards era um conjunto de bonecas que vinha em apenas três modelos – trabalhar, dormir e tricotar.

O último dos quais a encontrei a fazer no sofá quando cheguei a casa esta noite, depois daquele espetáculo do Tate.

*Para de pensar nele. Para de te preocupares se ele chegou a casa bem. Ele não é teu para te preocupares.*

Suspirei e vi a Leah a levantar as duas agulhas para recitar uma frase de *A Nanny*, que ela já tinha memorizado nesta altura. Atrás de mim, a porta fechou-se anunciando a minha presença.

*Caramba.*

Não sabia do que estava à espera. Que nos aproximássemos outra vez? Que ela aceitasse as minhas desculpas? Que ela reconhecesse a minha presença? Aceitaria qualquer uma das três, para ser honesta.

Infelizmente, não consegui nenhuma delas.

A televisão ao fundo abafava o som das agulhas de tricô da Leah a baterem uma na outra. Ela franziu o sobrolho para o trabalho em curso no seu colo. Os pontos eram irregulares e o desenho quase indecifrável.

– Adoro quando Maxwell põe a reunião dos C.C. em espera para a operação às amígdalas da Fran. – Ela terminou uma laçada antes de mudar para a bacia de trás. – Tão romântico.

Da porta de entrada, os meus olhos desviaram-se para o ecrã onde, certamente segundos depois, Maxwell punha a reunião de C.C. em espera pela operação às amígdalas da Fran.

E, sim, a Leah via demasiada televisão se ela memorizara uma série de 1993 com cerca de cento e cinquenta episódios.

*Podias encontrar o teu próprio romance, Leah. Na verdade, pode estar mesmo aqui ao lado.*

Mas não disse nada. Nunca mais disse o que pensava perto da Leah. Não desde Aquela Noite, quando ela me atirou a moeda pela última vez.

Eu ainda não saíra da porta quando a Leah decidiu surpreender-me.

– Onde estiveste esta noite?

– Eu? – Apontei para mim própria.

– Não. A pessoa ao teu lado.

Apesar de saber que não estava ali mais ninguém, virei-me para a esquerda para verificar. Era inacreditável que a minha irmã expressasse qualquer nível de interesse pela minha vida.

O meu coração começou a galopar, ganhando a velocidade a cada segundo que passava. Ofereci-lhe um sorriso e tentei manter a calma.

– Saí tarde do trabalho, andei por aí e passei por um bar.

– Estiveste a beber?

– Não.

– Hmm. – Ela voltou ao tricô, dando por finda a conversa.

O galope parou. Encostei-me à porta, procurando apoio.

*Hmm? Só isso?*

É isto que se passa com a esperança. Um pouco faz muito. O suficiente para nos fazer de estúpidos. O suficiente para nos fazer *tentar*.

Mantive a conversa a fluir, não que trinta segundos se pudessem qualificar como diálogo.

– Já comeste?

Eram quase duas da manhã. Claro que ela já tinha comido.

– *Tonkotsu ramen* daquela loja ao fundo da rua. – Ela não tirou os olhos das suas agulhas de tricô. – Há restos no frigorífico. Os *noodles* já devem estar empapados.

– Jantaste em casa? – Entrei na sala de estar, sentando-me no chão a uma distância adequada dela. Não era surpresa eu tratar a minha irmã como um cão vadio, com medo de que ela fugisse antes de a poder salvar.

A Leah fez-me um olhar de *estás parva?*

– Claro.

– A viver a boa vida.

O olhar que me lançou fez-me ter vontade de me baixar e vomitar. Claro que nada na sua vida era bom, e era tudo por culpa minha.

Por vezes, a Leah parecia uma estátua, congelada no mesmo local há oito anos. Ela só comia refeições encomendadas, ia direta do trabalho para casa e passava algum tempo fora de casa com animais, porque pelo menos eles não a julgavam. Até escolhera o passatempo mais silencioso e solitário de todos.

Claro que ela não apreciava isso.

Queria dizer alguma coisa. Encorajá-la a sair de casa. Talvez até implorar-lhe para acreditar em mim quando lhe dizia que a achava bonita,

com cicatrizes e tudo. Que o Jonah também a achava. Mas eu sabia que ela não me ia ouvir. Pior, eu sabia que ela ficaria zangada.

De facto, as palavras exatas que usara da última vez tinham sido: «Tu não sabes o que é ser-se bonita num dia e acordar no seguinte sem beleza. Experimenta fazer cicatrizes na *tua* cara, Charlotte. Depois vem falar comigo. Até então, tudo o que possas dizer será somente uma tentativa egoísta de te sentires melhor.»

Eu não podia fazer nada, por isso deslizei para o tapete até as minhas costas chegarem à base do sofá do lado oposto ao dela. As agulhas pararam. Ela agarrou no comando, aumentou o volume da televisão e continuou a tricotar. Mensagem recebida. E ignorada.

– O que vais fazer com isto tudo? – observei o novelo azul-claro transformar-se numa manta. A Leah seria capaz de estar a tricotar todo o dia em frente à televisão se soubesse que ficaria longe das pessoas.

Mas ela não me podia evitar, mesmo que quisesse.

Como ela não respondeu, eu pressionei-a.

– Para quem é desta vez? – Porque eram sempre para alguém ou alguma coisa.

– Para o abrigo de gatos no fundo do quarteirão.

– Então, já não tentas sozinha tornar as ruas de Nova Iorque mais hospitaleiras para a população de coiotes e passaste a ajudar os gatos. Percebi.

Ela pousou as agulhas.

– O que queres de mim, Charlotte?

– Quero sair e quero que saias comigo. Vens? Por favor? – Levantei-me, a falar por cima do odioso som da série. – Vamos ao cinema. Tenho a certeza de que conseguimos encontrar um filme decente no cinema que está aberto 24 horas. Talvez um daqueles da série de carros que nunca tem fim. Convidávamos o Jonah. Ele é mecânico. Deve gostar de filmes de carros.

Seria isso o equivalente a dizer que o Tate é ginecologista, por isso ele tinha de gostar de vaginas? Fiquei corada. Um – tinha de tirar o Tate da minha cabeça. E dois – não estava a conseguir esconder as minhas intenções, mas uma parte de mim queria que a Leah percebesse e concordasse em sair com o nosso vizinho superbonito e disponível. Seria isso crime?

– Podemos alugar um.

*Não te dês ao trabalho.*

A minha esperança passou a ira e a minha ira a lágrimas. Combati-as. Escondi-as nos olhos onde elas pertenciam e pedi-lhes que ficassem lá, pelo menos até eu escapar.

– Na verdade... – Calcei novamente os sapatos. – Acabei de me lembrar que deixei um manuscrito no trabalho que tenho de terminar esta noite. Talvez noutro dia.

Eu não tinha o direito de estar zangada. Também não tinha o direito de agir sobre a minha culpa. Mas foi o que fiz, caminhando para a porta. Ela bateu atrás de mim. No corredor ainda conseguia ouvir *A Nanny* com o

volume alto. O tom nasal de Fran Drescher ecoava nos meus ouvidos.

Um 3 e um D espreitavam para mim. Já passa da hora de visita adequada há pelo menos três horas, mas que se lixe. Isto tinha de parar.

O meu punho bateu na madeira antes de me lembrar da campanha e carreguei nela. Menos de um minuto depois, o Jonah materializou-se na minha frente, sonolento e a olhar de lado.

– Posso entrar?

Ele desviou-se.

– Está tudo bem?

– Sim.

– A Leah está bem?

Claro que o primeiro pensamento dele foi para a Leah. E era exatamente por isso que ele era perfeito para ela. Isso e o facto de ele ser mil vezes melhor do que o Phil.

– Não, na verdade ela não está. – Sentei-me num dos bancos da cozinha, aceitando a caneca de chocolate quente instantâneo que ele me ofereceu. – Ela sente-se só. Acho que ela hoje tricou um monte de mantas maior do que eu. Ainda continua enquanto estamos aqui a falar.

– Eu sei porque estás aqui. Queres que lhe peça para sair com ela outra vez. – Ele sentou-se à minha frente, olhando diretamente para os meus olhos. – Ela rejeitou-me, Charlotte. Não quero insistir e tornar as coisas estranhas entre nós.

– Vale a pena lutar por ela. Ela só precisa de um pequeno empurrão.

*E não pode vir de mim.*

– Charlotte...

– Por favor. – Agarrei-lhe a mão, apertando-a com força. – Estou a implorar-te.

– Eu quero sair com ela. Não tens de me implorar. É a ela que tens de convencer.

– Por favor, tenta. – Saltei do banco e ajoelhei-me, juntando as mãos como numa oração.

– O que estás a fazer?

– A implorar. Está a funcionar?

Ele demorou algum tempo a responder, mas fez um sorriso.

– Está bem, tonta. Eu faço isso.

Lá estava aquela esperança novamente.

E eu não queria saber se isso me tornava estúpida.

# Capítulo Quarenta e Um



## Charlotte

A Reagan convenceu-me a vestir-me como uma mulher de negócios a semana toda. E por *convencer*, quero dizer que ela me obrigou a largar os trajes góticos ou não me deixava entrar.

Além de gostar do meu trabalho, querer mantê-lo e estar de olho numa promoção, achei que era má ideia conhecer o lado mau de uma grávida que parecia não conseguir deixar de trabalhar, apesar do avançado estado da sua gravidez.

Vesti um fato que pedi emprestado à Leah. Ficava-me bem em todos os sítios errados, empurrando o meu rabo para direções desconfortáveis até se assemelhar a uma panqueca. Tentei ignorar esse facto. O meu coração batia muito. Rápido e forte. Era o seu estado permanente desde que tinha encontrado o Tate.

Os saltos da Leah, demasiado altos, faziam barulho no chão de mármore enquanto me dirigia para a reunião. A terceira esta semana. Desta vez com Helen Moriuchi, uma importante editora de aquisições de uma das cinco grandes editoras. E também antiga colega de quarto da Reagan em Columbia.

A anfitriã conduziu-me para uma sala privada nas traseiras do Toshikoshi, um restaurante de luxo que eu tinha visto na Food Network. Endireitei as minhas calças antes de entrar e tirei os sapatos para ela os colocar no cubículo ao lado. A Reagan e a Helen sentaram-se ao estilo *zashiki* em almofadas espalhadas pelo chão em redor da mesa baixa.

Reagan virou-se para mim com um aceno.

– Charlotte, *timing* perfeito. Eu estava a dizer à Helen sobre as obras de ficção de J. T. Hawthorne. Trouxeste-as?

– Sim. Também enviei cópias à Helen. – Tirei três manuscritos do meu saco e entreguei-lhos. – Prazer em conhecê-la. Sou a Charlotte.

Helen olhou para mim de forma curiosa. Percebi que me tinha esquecido de sorrir e lembrei-me de que devia fazê-lo. As pessoas gostavam de sorrisos. Eles faziam-nas sentir-se confortáveis. Dizia-lhes: «Está tudo bem. Não olhe demasiado perto. Não escave demasiado.»

Por outras palavras, os sorrisos eram desculpas para as pessoas não se preocuparem.

Ela deu-me um aperto de mão, cumprimentando-me calorosamente.

Assim que os empregados trouxeram os nossos pratos e saíram, lançámo-nos na reunião, discutindo as tendências de mercado e aquilo que a Helen queria para o ano que se avizinhava.

Ela tirou uma fatia de *A5 Wagyu*, pô-la na pedra quente e mergulhou-a no sal de chá verde.

– Tenho a certeza de que estás interessada em tornares-te agente, Charlotte.

Girei os *noodles* em volta dos meus pauzinhos, anuindo.

– Algum conselho?

– Sim. Faz exatamente o oposto da Reagan.

Reagan bateu com os dedos na mesa.

– Engraçada.

– É um conselho sólido. – Helen encolheu os ombros. – Qual de nós decidiu que um bebé era um bom passo na carreira?

– Os bebés são divertidos!

– Os bebés são fatigantes.

– Vais arrepender-te disso daqui a quarenta anos quando estiveres a mudar as tuas próprias fraldas.

– Liga-me quando os teus filhos quarentões começarem a ressentir-se por os obrigares a mudar-te as fraldas. Estarei na minha mansão com cuidados vinte e quatro horas por dia, cortesia do dinheiro que poupei por não ter filhos.

Andaram para trás e para a frente sobre as vantagens de ter filhos, acabando por voltar aos livros.

A Reagan empurrou o seu prato para a frente e limpou os lábios a um guardanapo de tecido.

– Cerca de metade dos manuscritos enviados por *email* ou por correio para a empresa são enviados para o agente apropriado. A Charlotte está encarregada dos manuscritos que não satisfazem esses requisitos.

– O que implica que ela trata de não-ficção, ficção literária e ficção de género – terminou Helen. Ela tirou da sua mala um cartão de visita. – Se encontrares um manuscrito que tenhas a certeza de ser bombástico, sabes onde me encontrar. Estou à procura de algo que me rasgue o coração. Ficção literária que possa ser lida pelas massas.

Saltei para a oportunidade de provar o meu valor à Reagan, aceitando o cartão.

– É um grande monte. Vou encontrar o que procura.

E encontraria.

A única coisa que me restava era o trabalho.

Tencionava encontrar esse manuscrito, nem que tivesse de o escrever eu própria.

# Capítulo Quarenta e Dois



**Charlotte**

**E**ra fácil evitar o Tate Marchetti. Pelo menos em termos de logística. Trabalhávamos em diferentes ramos, em diferentes bairros, raramente socializávamos e mantínhamos as nossas bolhas claras e solitárias sem a agitação do mundo exterior.

Sem ninguém.

Mas se me descuidasse, se deixasse os pensamentos vaguearem, dava por mim a desejar vê-lo. Perguntei à Reagan sobre os exames dos bebés, sondando para obter informações sobre o bem-estar do Tate. Até perdi a estação do metro ontem à noite, indo já a meio caminho da casa dele. Tive de forçar-me a sair para a plataforma e entrar num Uber, onde não podia mudar o destino por capricho.

Depois da nossa última reunião (um realizador de topo interessado em direitos cinematográficos), apanhei um táxi com a Reagan. Estávamos a falar da sua última consulta com o Tate quando o carro parou.

Ela estremeceu quando entrámos, colocando uma mão protetora sobre a barriga quando se sentou.

Entrei no táxi, comuniquéi o endereço do escritório ao motorista e virei-me para a Reagan, que estava com o nariz enrugado.

– Está a sentir-se bem?

– Não sei – disse ela, coçando a barriga.

Nunca a tinha visto tão hesitante, tão insegura quanto ao que fazer.

– Quer que ligue para o consultório do doutor Marchetti?

– Sim, por favor.

Redirecionei o motorista para a Clínica Morgan-Dunn, tirei o telemóvel e verifiquei na lista de contactos antes de me lembrar de que não tinha o



número do Tate. De propósito. O propósito do Tate, para ser mais específica. Então decidi-me pelo número da clínica.

Atenderam ao primeiro toque.

– Centro Médico Bernard e Marchetti. Fala a Sylvia. Em que posso ajudá-la?

– Boa tarde. Aqui é Charlotte. Estou a ligar em nome de Reagan Rothschild.

– O doutor Marchetti não está no consultório, mas posso dar-lhe o recado.

– É uma emergência. Ela está a sentir muitas dores e receamos que algo possa estar errado. – Olhei para os dentes cerrados de Reagan.

– Estamos a ir para a clínica neste momento. Pode chamar o doutor Marchetti?

– Estou a ligar-lhe neste preciso momento. – Ouvi-a a digitar do outro lado para ligar a alguém. – Quando chegarem teremos uma enfermeira e uma cadeira de rodas prontas para ela.

Desliguei e implorei ao taxista que conduzisse mais depressa e agarrei-me à mão de Reagan. Senti-a inchada na minha, desde o pulso até às pontas dos dedos. O seu rosto também. Estava com mau aspeto, o que optei por não revelar.

– A Sylvia vai chamar o doutor Marchetti. – Mantive a minha voz baixa na esperança de a acalmar. – Eles estão à nossa espera.

Depois de ter passado a marca das trinta e quatro semanas, Reagan tinha relaxado um pouco. Como se tivesse ultrapassado o pior e o que mais a perturbava e que o resto seria calmo. Mas o medo regressou ao seu olhar.

O seu rosto empalideceu, as mãos trémulas.

Ela olhou para mim.

– Diz-me que isto não é nada de mau.

Não podia.

Não sabia o que estava a acontecer. O que só assustava mais porque a cara dela estava inchada e parecia estar a segurar a mão de outra pessoa e não a dela.

Fiquei-me pela verdade. Vaga, mas real.

– O doutor Marchetti é o melhor obstetra da cidade.

– Tens razão. – Ela expirou e anuiu, empurrando os ombros para trás. – É mesmo. Ele vai resolver isto.

Quando chegámos ao hospital, duas enfermeiras ajudaram Reagan a sentar-se numa cadeira de rodas, levando-a para dentro. Segui-as com os nossos sacos e enviei uma mensagem à mãe dela, pedindo-lhe para vir ao décimo oitavo piso.

Colocaram a Reagan num quarto privado no andar de cima da clínica, e foi assim que percebemos que estavam a levar isto a sério. Informei a Reagan de que a sua mãe vinha a caminho, depois saí para o corredor enquanto uma enfermeira e uma auxiliar a despiam e vestiam uma bata de hospital sem

costas e iniciavam alguns testes normais.

Fiquei em frente à secretária curva da receção, encontrando a enfermeira que levava a Reagan.

– Existe alguma estimativa de chegada do doutor Marchetti?

– Ele estava a almoçar, mas saiu assim que recebeu a mensagem. Deve estar mesmo a chegar.

E assim foi, Tate entrou de rompante no corredor pela mesma porta que nós tínhamos entrado, vestido com uma calças giras e uma camisola de lã.

Ele ficou ao meu lado sem me prestar atenção, focando-se na enfermeira.

– A paciente?

Eu aponte para a porta mais próxima.

– Está na sala de exames.

– A paciente? – repetiu ele, ainda a olhar fixamente para a enfermeira.

Ele conseguia ouvir-me. Eu sei que sim.

Ela apontou para a mesma porta.

– Sala de exames três.

– Obrigado, Marie.

Tate virou-me as costas.

Percebi o quanto as coisas tinham mudado. Fora ele que me perseguira até ao metro. Agora as suas costas eram a panorâmica a que rapidamente me estava a habituar.

E uma daquelas que eu não gostava.

Não após a mágoa no meu ego quando me rejeitou.

Tate Marchetti estava apostado em terminar qualquer possibilidade de levarmos a nossa atração mais à frente. Ele tentava ao máximo evitar-me.

E estava a ser literal.

Conseguia ver nas entrelinhas.

Baixei o olhar. Reparei numa coisa enfiada no seu bolso de trás. Distintos autocolantes de caveiras vermelhas e brancas espreitavam por entre a lã.

Caramba.

*A minha carta.*

Aquela que tinha escrito depois de receber o exemplar autografado de *As Imperfeições*.

Aquela que eu pensava ter rasgado.

Aquela em que o acusava de ser um cobarde por não me entregar o livro pessoalmente.

*Foda-se.*

Dirigi-me para a saída, estava a segundos de fugir, entrar no programa de proteção de testemunhas e viver o resto da vida sob um pseudónimo. Depois lembrei-me da Reagan e fiquei, escondendo-me atrás de um vaso de plantas sempre que pensava ver Tate.

Passou uma hora.

Tate saiu do quarto da Reagan com uma prancheta e uma expressão

carrencuda para o mundo. A mãe da Reagan saiu do quarto quinze minutos depois.

– A Reagan está a perguntar por si. – Tirou uma carteira do bolso. – Vou buscar um café. Também quer?

– Não, obrigada.

Pôs a mão sobre a minha, apertando-a.

– Obrigada por a trazer cá e tê-la mantido calma.

Entrei no quarto quando ela foi para a cafetaria. A Reagan estava deitada numa cama de hospital com a parte de cima levantada. Um monte de fios decorava o seu corpo, conduzindo a uma máquina que monitorizava os seus sinais vitais. Parei aos pés da cama.

– Sente-se melhor?

– Sim. Os bebés estão bem. – Esboçou um sorriso cansado e reclinou-se na almofada. – É pré-eclâmpsia. Estão a fazer mais testes para terem a certeza, mas é o que parece. O doutor Marchetti deu-me opções de tratamento, assegurando-me de que, independentemente daquela que escolher, ele está confiante quanto ao resultado.

– Precisa de alguma coisa de mim? Posso trazer roupas ou um saco de viagem, se tiver.

– A minha mãe vai passar por minha casa para o ir buscar. Ela levou o meu telemóvel, porque não quer que eu o use nos próximos dias. – Carregou num botão elevando a cama. Sentia nela uma agitação, como se não quisesse ficar quieta. Ou não conseguia. – Preciso de que informes a equipa que vou estar inacessível durante a próxima semana ou duas, dependendo se decidirmos fazer uma cesariana ou tentar outras opções primeiro.

– Claro.

Anotei as instruções de Reagan, incluindo a forma como queria que dividíssemos o trabalho no mês seguinte. Quando saí, sentia as pernas prestes a ceder, e não sabia se desejava mais dormir ou comer.

Um táxi parou em frente à clínica. Olhei para rua uma última vez em busca de sinais de Tate antes de entrar no carro e dizer a minha morada. O Tate não parecia zangado, apenas... não sei.

Rígido?

Tenso?

Dei voltas à cabeça, tentando lembrar-me das palavras exatas que tinha escrito na carta. As coisas más, cruéis e escandalosas que tinha escrito só porque pensava que ele nunca a iria ler. E isso foi antes do ups-gasmo.

Antes de ele me oferecer sexo sem compromisso.

Algumas frases saltavam-me na cabeça.

Optei pela última.

A mais horrível.

*Parece que não tens um par de tomates para agir de acordo com os teus desejos. Por isso, vou ser ousada e dizer-te o que estou a pensar. Ontem à noite, quando me toquei, imaginei que era eu que tinha fodido na tua*

*secretária. Acho que também o fizeste naquele dia porque não conseguiste tirar os olhos de mim enquanto estavas dentro dela. Enfrenta isso, Dr. Tatum Marchetti, eu estou na tua frente, à tua volta e na tua cabeça.*

*E estou aqui para ficar.*

# Capítulo Quarenta e Três



**Charlotte**

**S**ubi as escadas até ao meu apartamento. A luz do corredor acendia e apagava. Contrariamente ao que tinha prometido, o senhorio não tinha mudado a lâmpada. Diante de mim estendia-se uma grande sombra sobre a alcatifa. Imóvel. À espera.

O medo subiu-me pelas costas. O meu coração afundou-se mais a cada segundo. Agarrei no meu telemóvel e marquei o número de emergência só por precaução, inclinando o aparelho para a frente como uma arma. A luz apagou-se. O ranger dos sapatos ecoava no corredor. Uma lanterna acendeu-se a centímetros de mim. Gritei, avancei e bati com o telemóvel em algo duro. Por cima de nós, a luz voltou a acender-se. Encontrei o Jonah encostado à parede a massajar o estômago.

– Jesus, Jonah! – Ajudei-o a levantar-se. – Porque é que estavas no escuro a meio da noite?

– Estava à tua espera.

O pavor voltou contraindo-me as entranhas.

– Aconteceu alguma coisa?

– Convidei a Leah para sair.

Todo o meu corpo suspirou.

– Ela recusou.

– Disse-me que se a convidasse outra vez, ela mudava de casa.

Oh, meu Deus! Eu sabia que era mau, mas não sabia que era assim tão mau. Que nos tiraria daqui só para fugir a uma paixoneta. Não estávamos com os mesmos problemas financeiros de há oito anos, mas também não poderíamos pagar outro sítio. Pelo menos, não sem trocar o apartamento de dois quartos, perfeitamente seguro, embora pequeno, por um casebre infestado

de baratas numa das zonas más da cidade.

– Nós não nos vamos mudar – prometi.

– Ela parecia falar a sério.

– Estava assustada.

A Leah era assim. Com medo da própria sombra. Ou, mais especificamente, de as pessoas verem algo mais do que a sua sombra. Estou convencida de que, apesar das queimaduras, se o Phil tivesse ficado, ela teria conseguido manter a sua confiança intacta. *Aquele idiota maldito.*

– Vamos fazer o seguinte. – Bati no braço de Jonah. – Eu falo com ela e resolvo o assunto.

– Acho que não vai ajudar. Pelo menos, não esta noite. Houve um momento quando lhe pedi para sair comigo que realmente pensei que ela diria que sim. Ela parecia tão feliz, Charlotte. E depois um miúdo olhou para a cara dela durante algum tempo e algo mudou. – Ele endireitou-se, tão grande, no entanto, meigo. – Até que ela aprenda a ver-se a si própria como nós a vemos, ela nunca aceitará. Não se consegue amar alguém que não se ama a si própria. – Ele tinha razão. Claro que sim.

Senti-me indefesa. Sem respostas. Carregava o peso de demasiadas vidas nos meus ombros. Esperei alguns minutos depois de o Jonah se ter retirado para entrar no meu apartamento. A porta abriu-se com um rangido. Meti a cabeça lá dentro. As luzes estavam apagadas, mas a Leah costumava estar acordada a esta hora. Então, vi-a. No escuro. Com um copo de vinho na mão. Cheio até quase transbordar.

Acendi o candeeiro ao lado do sofá.

– Se a nossa conta da luz for mais baixa este mês, já sei por que razão. Estás a tentar salvar o ambiente. Uma lâmpada de cada vez.

– O Phil está noivo. – Saiu-lhe em voz baixa. Desligado. Como se estivesse a informar-me de que amanhã ia chover.

– Da Natalie? – perguntei, estremecendo.

Ela não respondeu. Vi-a bebericar o vinho, continuando mesmo quando pensei que ia parar. Depois de esvaziar o copo, pousou-o aos seus pés, olhando fixamente em frente. Tinha manchas pretas nas faces. Secas. As lágrimas deviam ter parado há algum tempo.

*Oh, Leah. Há quanto tempo tens estado aqui sentada?*

– Achas que eles já estavam juntos quando nós namorávamos?

Honestamente, não punha as mãos no fogo pelo Phil. Mas isso não tinha nada que ver com o valor da Leah, mas sim com a falta dele no Phil.

– Isso interessa? – Sentei-me na outra extremidade do sofá. A minha mão queria tocar-lhe. Confortá-la. Dar-lhe uma irmã em quem confiar. – Ele é um anormal e tu mereces melhor do que ele.

– Mereço?

Fiquei de coração partido em mil pedaços ali no tapete barato. Só que ela não estava a ver. Nunca via. A Leah só conseguia ver o seu próprio desespero. Se, pelo menos, eu pudesse abaná-la e pedir-lhe para abrir os olhos. Mas da

última vez, ela apenas se tornara *mais* insegura.

Por isso, fiquei-me por:

– Nem sequer vou dignificar isso com uma resposta.

– O que é uma resposta em si mesma – salientou ela. – Não te preocupes. Eu não te culpo. Por não queres responder a isso, pelo menos. – Mas culpava-me pelo incêndio. Por ter arruinado a sua vida. Se eu soubesse o que fazer para emendar tudo isto, fá-lo-ia de imediato. Por mais que doesse. Por mais que eu sofresse. Ela acabou por se virar para mim, dando-me um vislumbre da quantidade de lágrimas que derramara esta noite. Muitas. O suficiente para deixar-lhe os olhos inchados e as faces cheias de rímel. – Disseste ao Jonah para me convidar para sair?

– Ele próprio queria pedir-te para sair. – Estendi a minha mão para agarrar a dela. Ela tirou-a tão depressa, que as suas unhas me arranhamam. Tentei não estremecer. – Ele pediu-te para saíres da outra vez...

– Não estou a falar da primeira vez. Estou a falar de hoje.

– Vamos acalmar-nos e falar sobre isto com uma chávena de chocolate quente.

– Nós não temos cinco anos, Charlotte. Os nossos pais não estão vivos para mediar as nossas brigas. Eles estão mortos, no caso de te teres esquecido. – Uau. Ela queria mesmo magoar-me hoje. Mais do que o habitual. Ela elevou-se, transformando-se em algo que eu não reconhecia e, francamente, não queria reconhecer. – Já não precisamos de chocolate e de um abraço para resolvermos os nossos problemas. – A sua voz soava dura e ostensiva. Chicoteava-me a pele e deixava-a levantada. – Disseste ou não ao Jonah para me convidar para sair? Ouvi-te a falar com ele no corredor, por isso nem penses em mentir.

Lancei-me de joelhos perante ela, incapaz de aguentar mais.

– Sim, Leah, pedi. Quero que a minha irmã seja feliz. Que encontre o amor. Que esqueça o cabrão do Phil. Isso é crime?

– Queres saber como me senti depois de ele me levar a ver o Muro de Berlim, levar-me a um restaurante e pedir-me para ser sua namorada? Como... como se eu não fosse *isto*. – Ela apontou para a cara com os lábios enrugados de nojo. – Como se eu fosse especial. Como se eu fosse *bela*. Nem acredito que fui suficientemente estúpida para inclusive considerar dizer sim.

– Ele levou-te a ver o Muro de Berlim? – O meu coração começou a dançar-me no peito. Eu só queria que a Leah vivesse. Viver *realmente*.

Ela olhou para algo atrás de mim. Talvez nada.

– Ele levou-me ao pedaço do Muro de Berlim no Jardim de Esculturas das Nações Unidas e mostrou-me o mural que lá está.

Eu conhecia-o. De um homem e uma mulher a abraçarem-se por cima do muro. Eu sabia porque é que o Jonah a tinha levado lá.

– Ele queria que visses as consequências da tragédia. Que elas podem ser belas e devem ser celebradas.

– A dor e as cicatrizes são a armadura que a beleza usa. Foi o que ele

disse. – Ela zombou. – Que monte de tretas.

– Ele tem razão. E obviamente pensou muito no dia de hoje. Devias dar-lhe uma oportunidade.

– Tu tiraste-me a escolha. Ao correres para o Jonah e pedires-lhe que tivesse pena de mim, tiraste-me a oportunidade de sair com ele por mim.

– Ele já queria sair contigo.

– Sim? Bem, eu já desisti da minha cara por ti. Não vou desistir da minha liberdade também. – Ela dirigiu-se intempestivamente para o seu quarto, parando mesmo à entrada para acrescentar: – Não sou tua amiga, Charlotte. Não escolhi ter-te na minha vida. Pelo menos, deixa-me escolher as outras pessoas na minha vida.

*Que merda!* Isto doeu. Mas ela tinha razão. Nós *não éramos* amigas. Éramos irmãs. Ligadas por um golpe do destino. De infortúnio. Um fio vermelho ligava-me a ela. Não escolhemos partilhar o mesmo sangue, tal como eu nunca lhe pedi para correr pelo meio do fogo para me salvar e ela nunca pediu para ser colocada numa situação em que tivesse de fazer essa escolha. Por vezes, as suas palavras atingem com tanta força que só quero deixá-la. Permanentemente. E depois lembro-me porque ela me odeia.

Leah bateu com a porta atrás de si, sabendo que eu não a seguiria lá para dentro. Nunca tinha estado no quarto da Leah depois de Aquela Noite. Não depois de nos mudarmos para o Bronx. Não quando nos mudámos. Desde o incêndio, fiz questão de nunca mais invadir o espaço da Leah.

*Bem, não desta vez.*

A minha mão tocou na maçaneta. Rodei-a, o coração a bater como louco. Podia ter morrido ali de ataque cardíaco. Mas dei um passo para dentro. Um silêncio atordoante atingiu-me. De facto, acho que estávamos *ambas* num silêncio chocado. Já nem me lembrava daquilo que queria dizer.

– Estás no meu quarto – murmurou Leah.

Fechei os olhos, inalando o aroma familiar de óleo de citronela e roupa lavada. Cheirava ao seu quarto há nove anos. Lugar diferente. Mesma pessoa. *Ela ainda ali está. Vale a pena lutar por ela.*

– Amo-te, Leah. – Os meus olhos estavam muito abertos, mirando-a. Empoleirada na ponta da cama dela como se quisesse tornar a sua existência tão pequena quanto humanamente possível. – E porque te amo, podes dizer todas as coisas maldosas que quiseses, e eu estarei sempre aqui para ti. Sempre.

Era assim que se teria passado entre o Tate e o Kellan? Boas intenções e má comunicação. Tragédia e mágoa. Amor e ódio. Uma lágrima rolou-me pela face. Deixei-a cair no tapete antes de limpar a cara.

– Desaparece da minha vida, Charlotte. – Mas as palavras não tinham fúria. Eram apenas palavras cansadas. Tão cansadas de tudo.

Suspirei, virando-me para sair, quando a vi. Grandes rodópios e linhas apertadas. Os redemoinhos familiares da letra do Kellan. Escrito num envelope enfiado entre o fundo da estante da Leah e um manual de beleza



sobre como maquilhar cicatrizes. Avancei para ela. Agarrei a carta. Mordi a língua ao ver um pedaço do Kellan que sobrevivera, engolindo um bocado de sangue.

– Onde arranjaste isto?

Leah virou-se na cama, quase caiu.

– É antiga.

– Leah, onde raio arranjaste isto?

– Um miúdo passou por cá há muito tempo. No Dia dos Namorados do teu último ano. – Ela encolheu os ombros. – Queria que eu te desse a carta. Imaginei que fosse apenas um cartão de parabéns.

Avancei para a cama, abanando-lhe os ombros.

– Diz-me exatamente o que se passou.

– Qual é o problema? – Ela afastou-se de mim, recuando no colchão para ganhar distância. – É só uma carta de um rapaz do liceu.

– Kellan.

– O quê?

– O rapaz que te deu a carta. O nome dele era Kellan e ele matou-se. Nessa noite.

Eu nunca lhe tinha contado. Nunca quis que ela sentisse que eu estava a ameaçar a sua tragédia. Isso era culpa minha, mas também era dela por me fazer acreditar que eu era um arrependimento. Que salvar-me tinha arruinado a sua vida. Que não podia falar com ela sobre as dificuldades que enfrentava com medo de ofuscar a dela.

Não só o Kellan se suicidou depois de entregar a carta à Leah como pode ter sido a última coisa que fez antes de tirar a sua própria vida. Eu escondi isso dela. Ela não precisava de conhecer a dor de tentar salvar alguém e falhar. Já era suficientemente doloroso ter conseguido. Via isso sempre que ela olhava para mim.

As palavras do Tate do dia em que confessei a minha Grande T ecoaram dentro da minha cabeça. Ele tinha razão. Pela primeira vez compreendi que havia uma possibilidade pior do que a Leah me salvar.

– Charlotte... – A sua voz era suave. Como se pensasse que me ia quebrar se levantasse o tom de voz. Acho que algo que ela viu quando olhou para mim a assustou, porque, por uma vez, era a vez dela de agir como se tivesse algo a perder entre nós. Ela levantou-se, lentamente, como se estivesse a encurralar um animal. – Charlotte – repetiu ela.

Eu não respondi. Virei-me e afastei-me. O fio vermelho do destino que nos ligava desfez-se, libertando-me.

De alguma forma, ainda me senti mais presa.

# Capítulo Quarenta e Quatro



**Charlotte**

*Se eu cair, vou arrepender-me?*

O pensamento ocupava a minha mente. Acabei no telhado pela primeira vez desde a morte de Kellan, pairando sobre a borda, perguntando-me quão só se teria sentido ao cair sem ninguém para o agarrar.

Quão assustado deve ter estado.

A carta estava escondida a salvo no bolso da minha camisola com capuz. Tinha-a aberto na viagem de táxi até cá, tinha lido a primeira linha e voltado a colocá-la dentro do envelope.

Sentia demasiado medo daquilo que encontraria.

O que era um dado, tendo em conta que: 1) era do Kellan que estávamos a falar (o rapaz era um mestre em irritar-me) e 2) a primeira frase consistia numa ameaça.

St. Paul ainda não tinha murado o acesso ao telhado para além daquela corrente ridícula e de um sinal a dizer NÃO ENTRAR situado por cima de um conjunto contraditório de instruções de emergência para subir em caso de inundação.

Para ser justa, quem mantinha este espaço tinha dado o seu melhor para tornar as telhas o mais inóspitas possível. Era o mesmo e diferente. Perturbador e frio, no entanto repleto de memórias que eram calorosas.

Cocó de pássaros, espigões de corvos, beatas de cigarros e ecos distantes de beber cerveja e falar de livros – e isso era só o que eu conseguia ver.

Estava escuro. Recuei alguns passos, de pés descalços, porque tinha saído a correr do apartamento sem parar para apanhar os sapatos. Os meus dedos dos pés enrolavam-se para dentro com o frio.

– Fá-lo, Charlotte. Abre-a. Deixa de ser tão medricas.

Inspirei fundo e acendi a lanterna do telemóvel, olhando para baixo para o envelope. Tinha um selo de cera com o símbolo do A rodeado. Partido ao meio por mim. Não consegui evitar no táxi. Mas era um sinal de que a Leah nunca a lera.

Talvez ela realmente pensasse que era apenas um cartão de aniversário.

Abri o envelope.

Duas chaves caíram no meu colo. daquelas pesadas, antigas, forjadas à mão. Guardei-as no meu bolso para as estudar melhor mais tarde.

Depois, tirei a carta do Kellan, alisando os cantos que tinha virado para dentro com o tempo.

Li.

Chorei.

Quebrei.

# Capítulo Quarenta e Cinco



**Meu Doce Veneno,**

*D*eixa-me começar por dizer que, se chorares, venho do inferno para te perseguir. Não que eu acredite no inferno. E não que acredite que vás chorar. Estou só a cobrir as hipóteses.

*Aqui não há nada.*

*Deixa-me dizer-te que esta não é uma carta de suicídio. É uma carta que, por acaso, será a última que escreverei. Estou a dizer-te agora para não te culpares daquilo que aconteceu. De facto, foste a razão pela qual durei estes quatro anos.*

*Não vou entrar naquela parte do «porque fiz isto». Ambos sabemos porque é que me suicidei. Há muito tempo que já estava para o fazer, e, apesar de saber que o teu coração está no sítio certo, tu e eu não somos feitos da mesma matéria. A lesma preta. Eu sei que gostarias de pensar que somos, mas acredita em mim, há algo de forte dentro de ti. Por dentro sinto-me sem pinga de sangue. Vazio e desaparecido. Sou um cadáver ambulante e a minha existência cheira mal.*

*Sei que me disste que me arrependeria a meio da queda, mas deixa-me que te diga, querida: Brinquei com a faca o ano todo e só sinto arrependimento quando retiro a lâmina da minha pele.*

*Estou pronto.*

*Agora que já arrumei isso, tenho um favor a pedir-te. Antes de dizeres alguma coisa, lembra-te: o funeral é meu, as regras são minhas.*

*Deixei algo para ti. Na verdade, deixei-te várias coisas. Elas estão nas duas gavetas do meu quarto na casa do idiota. As chaves estão neste envelope. A primeira é um manuscrito que escrevi (oficialmente, pelo menos). Uma vez que o Tate pensa que Dostoievski é a marca de bebida preferida do*

*pai e é um idiota, e não posso confiar no meu pai nem sequer com um lenço de papel, vou deixar isto para ti.*

*Não consegui acabar o livro, Dicks. Por mais que tentasse, eu sempre soube que só conseguia fazer metade. Até que me apercebi que eras tu a peça que faltava.*

*A parte da morte eu acertei. O desespero. A escuridão. A desolação da existência. Agora preciso que pintes as sombras e, se o produto final não for muito mau, publica-o. Talvez seja o próximo As Imperfeições. Não sei.*

*Vou passar-te a batata quente. É algo que não pediste, mas eu sei que nunca te esquivaste a um desafio e serás amaldiçoada se deixares escapar este.*

*Desafio-te a terminá-lo, Veneno.*

*Desafio-te a olhares para dentro de ti.*

*Este livro é a minha última moeda para ti.*

*Guardei a tua.*

*Conseguirás guardar a minha?*

**O teu  
Kellan**

# Capítulo Quarenta e Seis



**Charlotte**

Um gemido rasgou-me a garganta.

Tropecei. Exatamente onde o Kellan me impediu de cair para a minha morte. No último segundo estendi os dedos agarrando-me a qualquer coisa para não morrer. Encontrei a chaminé. Enrolei-me à volta da sua boca num aperto de morte, ignorando o puxão das minhas unhas que se levantaram ao apertar.

Senti arrepios nos braços. Tremi, mas não de frio. Se não me sentasse, caía para o lado. Uma parte de mim desejava-o. A ideia de cair era bem-vinda, só para sentir o que aconteceu a Kellan antes de partir.

Em vez disso, caí sobre as telhas e agarrei as pernas. Puxei-as para o meu peito e envolvi os braços à volta dos joelhos para parar os tremores. Não paravam.

Gritei o nome dele. Uma e outra vez.

– Kellan! Kellan! Kellan!

Tornou-se um cântico, mergulhando num sussurro. Doía-me a garganta. Eu raramente contemplava a existência da vida após a morte, mas hoje perguntava-me se existia uma. E, se existisse, estaria lá o Kellan, a ver as lágrimas inundarem-me as faces, e desapontado comigo? Será que ele me tinha renegado?

– Estás errado, Kellan. – Forcei as lágrimas a abrandarem, dobrei a carta em três e enfié-a no envelope, cuidadosamente fazendo deslizar a carta para o bolso da minha camisola de capuz.

– Não sei porque o fizeste. Tinhas-me a mim. Tinhas Harvard. E mesmo assim não pensaste, tinhas o Tate. Raios... – Limpei o rosto com as costas da mão. – Acho que, de uma forma estranha e completamente lixada, até tinhas o

Terry.

Fiquei a olhar para o céu. Mesmo que ele pensasse que pertencia ao inferno, eu não. Acreditava que existia um sítio especial algures para as pessoas que eram torturadas no mundo e que sentiam que a única saída era acabar com tudo.

Um lugar onde sentiam tudo o que lhes faltara neste plano.

Amor. Felicidade. Alívio.

– És mesmo um idiota. Sabes disso, Kellan?

O vento começou a soprar. Coloquei a mão na chaminé para me equilibrar.

– Acho que sabes.

Ri-me, sem saber o que me magoava mais, a sua presença na ausência ou quando ele desaparecia por completo.

– Não acredito que tive tanto medo de voltar ao telhado. As memórias felizes ainda cá estão. Eu sinto-as.

Se fechasse os olhos e limpasse a minha mente dos últimos quatro anos, quase nos podia ver aqui outra vez, a roubar olhares e a rir sobre qualquer coisa idiota que um de nós tinha dito.

– Tenho andado a pensar em algo... – Encostei-me à coluna, apreciando o vento. Embriagada com a dor, quase me conseguia convencer que era o Kellan. – Porque é que te candidataste a Harvard se não tencionavas ir para lá?

O vento abrandou.

Esperei uma resposta, mas não veio nenhuma.

Após uns instantes, o vento parou de me bater no rosto. A minha solidão abateu-se sobre mim. Eu não tinha ninguém com quem falar sobre a morte do Kellan. Ninguém com quem gritar. Com quem me enfurecer. Não tinha coragem para visitar o Tate e desabafar a minha raiva com ele, o pai, a Hannah. Era só... eu. Era isto que acontecia com a solidão. Quando entrava, não saía.

– A solidão é um prelúdio, não é? Um gostinho dos dias que virão.

Eu ainda tinha uma irmã. Eu ainda tinha um futuro. E vivia na mais populosa cidade do país. Se não conseguisse encontrar um único amigo em nove milhões de pessoas que viviam em Nova Iorque, só me podia culpar a mim.

*Não é que não consigas. Não queres. Ninguém se pode comparar.*

– Se ela me tivesse dado a carta a tempo, se ela não tivesse pedido aqueles malditos cigarros naquela noite, ainda estarias vivo?

Nenhuma resposta surgiu.

– Como posso perdoar a Leah?

Novamente, nenhuma resposta surgiu.

Mas eu já chegara à conclusão. O meu coração estava finalmente em sintonia com a minha cabeça. Não haveria perdão. Nenhum futuro entre nós. Nenhuma confrontação.

Não havia nada a dizer.

A última racha do espelho tinha sido tratada.

Não a podíamos remendar.

Estávamos irremediavelmente danificadas.

A intenção não importava.

Simplesmente não importava.

Só me conseguia focar no resultado. O Kellan morreu e eu podia tê-lo evitado. Não admira que a Leah tenha corrido para a casa em chamas naquele dia. Porque a alternativa – *isto* – era uma merda. Como o fracasso. Aquele em que me obrigava a lembrar todos os dias que eu respirava, mas ele já não.

Fiquei a olhar para a carta como se ela fosse a minha ligação ao Kellan.

– Desta vez, não vou falhar.

Não tinha nada a dizer à Leah.

Mas tinha muito a dizer ao Tate.

A começar pelo manuscrito.



# Capítulo Quarenta e Sete



**Tate**

O Terrence Marchetti conseguia sempre inventar novas formas de ser odiado. Acordei às três da manhã com a campainha a tocar sem parar. Como uma criança faria.

Por outras palavras, Terry. E provavelmente era a sétima vez que ele se esquecia das chaves e armava confusão a meio da noite.

*Maldito.*

Por uma vez gostaria de sentir a dinâmica de uma família normal. Em vez disso, enterrei a cara na almofada, desejoso de mais uns minutos de sono.

Não tive sorte.

Terry passou de esmurrar a campainha para esmurrar a porta.

*Que raio?*

Desci as escadas intempestivamente, dois degraus de cada vez apesar da minha visão enevoada. Se acabasse no hospital com o pescoço partido, o Terry provavelmente encontraria uma forma de *me* processar.

Agarrei na maçaneta e abri a porta, inspirando o ar frio.

– Nova regra da casa: se te esqueceres da chave, não vens para cas...

Fiquei cara a cara com a desgraça da minha existência. Ela usava a mesma roupa que vestia na clínica hoje de manhã. Um fato de saia e casaco banal que lhe chegava à barriga das pernas e afogava as suas curvas em excesso de algodão barato. Uma camisola de capuz cobria-lhe o peito.

Só que desta vez ela estava descalça. De olhos vermelhos e abraçada a si própria para se manter de pé. Os seus dentes rangiam. Tinha ar de precisar de um banho quente, uma escova de cabelo e um Xanax.

– Charlie?

*É Charlotte Richards para ti, idiota.*

– Vim cá por causa do manuscrito do Kellan – disse, sem rodeios.

Sangue escorria-lhe dos dedos, espalhando-se pelo batente.

– Jesus! Que raio aconteceu à tua mão?

– Não estavas a ouvir a porta.

– Por isso deste-lhe um murro? Compreendes como isso soa a loucura? –

Agarrei-lhe o punho. – Eu tenho um estojo de primeiros socorros.

Ela abanou a cabeça, tirando a mão.

– É só um arranhão. Vai sarar. Não mudes de assunto.

Mas que raio de assunto era esse? A mão dela distraiu-me. Remexia o cérebro tentando lembrar-me daquilo que ela tinha dito.

Algo sobre o Kellan.

– O manuscrito – disse ela.

Abanei a cabeça. Levantei a palma da mão. Apercebi-me de que não tinha nada onde me agarrar e fechei a mão, segurando-me como ela estava a fazer.

*Ela sabe do manuscrito.*

Naturalmente, não foi surpresa para ninguém o facto de eu ser o único sem noção quando se tratava do Kel. Patético, se considerarmos o facto de que eu passava metade dos meus fins de semana a vasculhar o quarto dele à procura de drogas e a outra metade a segui-lo naquela aplicação de localização de crianças publicitada por montes de amas. Não que eu tivesse o direito de julgar.

*Nunca estavas em casa.*

– São três da manhã, Charlie. – A suavidade na minha voz quase me fez parar.

Entretanto, a dela tinha determinação.

– Eu preciso do manuscrito.

Se eu me mexesse um centímetro, aposto que ela entrava por cima de mim. O mais certo a fazer era deixá-la entrar, ajudá-la a sair ao frio e tratar-lhe dos nós dos dedos. Qualquer coisa mais do ficar aqui parado. O que, surpresa, eu fiz. Uma barreira física entre o mundo exterior e o meu espaço pessoal.

A verdade é que eu não estava pronto para desistir do *Doce Veneno*. Não o tinha lido. Também não o planeava fazer. A tortura emocional não era o meu fetiche. Preferia ter o órgão que bombeia sangue intacto no meu peito, muito agradecido.

Uma determinação furiosa passou-lhe pelo rosto. Tirou duas chaves pequenas do bolso, juntas por um fio.

– Tenho as chaves para as gavetas dele.

– Assim de repente? – Estreitei os olhos. – Há um mês não as tinhas quando limpámos o quarto dele, mas agora tens...

– As circunstâncias mudaram.

– Explica. – Baixei o tom de voz, ciente de que tinha vizinhos. A Charlie tinha aquele olhar que podia passar por dezoito ou vinte e seis anos e a última coisa que eu precisava era de mexericos sobre o Dr. Milagre receber visitas

noturnas de uma menor. – Não é que tenha alguma coisa melhor para fazer às três da manhã.

– Também não quero saber.

Ela não tinha a decência de parecer culpada. Em vez disso, tapava o espaço entre mim e a porta, como se estivesse a debater-se se conseguia entrar.

Resposta: conseguia.

Mas só porque eu me desviei. Não confiava em mim para lhe tocar neste momento. Ou noutro.

– Tendo em conta de que estás à minha porta às três da manhã a exigir ver o *Doce Veneno*, acho que preciso de uma explicação.

– *Doce Veneno*?

Foda-se!

Lá se foi a possibilidade de confirmar ou negar a existência do manuscrito. Lembrem-me para nunca me candidatar a um emprego na CIA.

Ela cambaleava no último degrau. Movi-me para a apanhar e imobilizei-me. A Charlotte Richards era somente uma antiga paciente.

Não era a minha miúda.

Não era problema meu.

Vi-a fechar os olhos e respirar fundo duas vezes. Para se acalmar, talvez.

Depois o seu olhar cruzou o meu, queimando-me com a sua intensidade.

– É esse o seu nome?

Fiquei surpreendido por o Kellan lhe ter dito que escrevera um livro? Nem por sombras. Ela era amiga dele. A sua única amiga. O que, tecnicamente, fazia dela a sua melhor amiga. Mas era estranho. Porque, por mais surpreendido que ficara com ela, ela ainda estava mais. A vacilar na porta, ela não conseguia livrar-se.

Isso não implicava que eu fosse o seu cavaleiro andante. E certamente não significava que eu desistiria da única coisa que sobrava do meu irmãozinho.

– Não vais levar o livro, Charlie. Nem te dês ao trabalho de tentar.

Neste ponto, era o mais claro que conseguia ser nem que lhe tivesse enviado um postal ou tivesse escrito as palavras num dos painéis publicitários de Times Square.

No entanto, ela insistia. E, raios, ela tinha um trunfo.

– O Kellan escreveu-me uma carta naquela noite.

Ri-me no gozo, mas algo me incomodava. A possibilidade disso, mesmo que mínima, enervava-me. Levava-me à loucura. Mantive o meu tom de voz.

– E só te lembraste disso esta noite? Que conveniente.

– Nem penses. Nem penses em atingir-me com isso, Tate. Ele deixou. E nela disse-me que o manuscrito é meu e que gostaria que eu o terminasse. Na verdade, ele *desafiou-me* a terminá-lo.

– Foi uma bela história que inventaste, mas está na altura de ir para a cama. – Levantei o pulso, fingindo ver as horas. – Estou certo de que a hora

do recolher está quase a acabar. Corre.

O olhar que ela me deitou, de desapontamento e de algo mais, algo mais feroz, mexeu comigo. Não o suficiente para me fazer ceder. Mas o suficiente para me fazer considerar as suas palavras como verdadeiras. Na verdade, a esta altura, eu tinha a certeza de que ela me estava a dizer a verdade. Eu é que não a queria aceitar.

Vi-a tirar alguma coisa do bolso como se estivesse a ver um acidente de automóvel em câmara lenta. Os olhos petrificados. O coração a bater demasiado. A adrenalina a subir. O pulso a mil a hora. Algo como um rochedo gigante alojou-se na minha garganta. Não conseguia engolir. Não conseguia fazer mais nada senão olhar fixamente para o envelope na sua mão, escrito com a letra confusa e ousada de Kellan que reconheci imediatamente. Afinal, eu passara metade dos meus fins de semana a verificar as coisas dele. Incluindo as gavetas que, até à sua morte, ele nunca mantivera trancadas.

Ela entreabriu os lábios. Não queria que ela dissesse nada; queria que ela dissesse tudo. Ansioso, só conseguia ver os lábios dela a mover-se.

– Foi o seu último desejo, Tate.

*Carro a chocar.*

Devo ter cambaleado para trás porque ela passou pelo limiar da porta rapidamente, fechando-a atrás de si. Mantive os olhos fixos naquela coisa que ela segurava no seu punho pequeno. Ela puxou a carta para trás quando tentei agarrá-la.

Olhei para o envelope. Depois para ela. Depois para o envelope novamente.

– Fazemos o seguinte – comecei eu, como um vendedor manhoso de carros usados prestes a oferecer-lhe o negócio da sua vida. – Vamos fazer uma troca. Eu dou-te o manuscrito se me deres a carta.

– Não.

– Não? – perguntei de sobrolho franzido.

*Esta não é a altura de perceberes que nunca ouviste essa palavra de uma mulher, idiota.*

– Não. – Ela tinha a voz de aço e a postura a condizer. – Eis como vai ser. Dás-me o manuscrito porque era o que o Kellan queria. E eu *não* te vou dar esta carta porque o Kellan não queria isso.

Ela disse-o como se tivesse alguma propriedade sobre o Kel que eu não tinha. Tocou em algo ferozmente protetor dentro de mim. Ou talvez simples teimosia. Não era só por abdicar ao poder da Charlie. Era recusar-me a abdicar do poder sobre o meu irmão.

– É um bocado ousado estar a reivindicar o que o Kellan queria. – Palavras fortes tendo em conta que a minha resolução se dissolvia segundo a segundo. Fio por fio. – Para alguém que era só amiga dele, parece saber muito sobre ele que a sua família desconhecia.

Endireitei-me. Senti-o assim que o disse. A família do Kellan não sabia nada sobre ele porque éramos uma péssima família. Presos nas nossas

próprias bolhas. Incapazes de arranjar tempo para ele. De facto, revelava mais sobre o Terry e sobre mim do que sobre o Kel e a Charlie.

Eu sabia porque o tinha dito. Odiava-me por ser incapaz de o deixar ir. Porque, no fim, por mais que que dissesse que não queria saber dela, importava-me o que a Charlotte Richards tinha sido para o Kel.

A Charlie podia ter-se ido embora, mas teve a decência de não o fazer. Em vez disso, ela tirou a carta do envelope.

Fiquei petrificado, imóvel, observando-a enquanto ela desdobrava cuidadosamente a carta e a levantava. Os seus dedos estavam abertos e estendidos de uma forma que cobria a maior parte das linhas. Ela queria que eu visse o menos possível. Mensagem recebida.

Li os pedaços que conseguia.

*Meu doce Veneno,*

*Deixei algo para ti.*

*Não consegui acabar o livro.*

*Vou passar-te a batata quente.*

*Desafio-te a terminá-lo...*

Ela não estava a mentir. O Kellan chamava-lhe o seu Veneno. Queria que ela ficasse com o livro. Talvez até o tivesse escrito para ela. *Sobre* ela.

O silêncio expandiu-se, enchendo as frestas vazias da minha casa com mais vazio. Não tinha nada a dizer. No final da noite, ela ficaria com a única coisa que eu tinha do Kel.

Charlie pôs a mão na cintura. A outra continuava a agarrar a carta.

– Antes de dizeres novamente não, pensa nisto. Há dois lados em cada história e o do Kellan é que não o apoiavas, que estavas sempre ocupado e nunca com vontade de lhe dar aquilo que ele queria.

– O que ele queria era viver com um drogado que nunca conseguiria criar um adolescente – disse, fervendo de raiva. Para não mencionar que não tive escolha. Assim que o Terry deixou o Kel à minha porta sem sequer olhar duas vezes para ele, as opções dele eram eu ou a rua, e eu não era um idiota tão grande para deixar o Kel sozinho.

– Não estou a dizer que não tinhas boas razões. – Ela avançou, e os seus pés tocaram os meus. Esta era a primeira vez que ela estava tão perto de mim sem que lhe quisesse tocar. – Estou a dizer que o Kellan tinha quereres, necessidades e desejos e tu recusaste-os todos. Desta vez, tens a oportunidade de lhe conceder o seu desejo. Ele quer que eu termine o livro, e é isso que farei. Se não me deres o *Doce Veneno*, estás a ir contra os seus desejos. – Ela pousou a mão no meu peito. A ensanguentada. O meu coração quase que lhe feria a mão da forma apressada como batia. – Escolhe o lado do Kellan desta vez, Tate.

Eu sabia como esta noite acabaria. Com ela na posse do manuscrito; e eu, na posse de uma casa vazia e de um coração ainda mais vazio. O meu silêncio só prolongava o inevitável.

Ela deixou cair a mão. Recuou um passo. Havia uma faísca nela como se

a tivesse desapontado de alguma forma.

– É sobre o Kellan. Não sobre ti.

Meti as mãos nos bolsos para não me sentir tentado a fazer algo estúpido como agarrar a carta e fugir.

– Está no meu cofre. 28-02.

– O aniversário do Kellan.

Eu não respondi. Só me afastei para o lado.

Ela esgueirou-se pelas escadas, fazendo o menor barulho possível. Algo nos seus movimentos me dizia que ela estava habituada a ser invisível, e isso entristeceu-me.

Quando ela regressou, trazia o pacote grosso nas mãos, aninhando-o como se fosse um dos meus recém-nascidos.

Ela parou à porta.

– Vou fazer o Kellan orgulhoso, Tate.

Fechei a porta na sua cara, cortando os nossos laços. Para sempre.

Parecia que o Kellan Marchetti tinha três grandes segredos: tendências suicidas, o *Doce Veneno* e a Charlotte Richards.

# Capítulo Quarenta e Oito



**Tate**

**D**e volta a uma cama que não parecia a minha, numa casa que nunca me pareceu um lar, olhei para o teto, perguntando-me se a Charlie teria chegado bem a casa.

Revi a forma como ela subiu as escadas. Com um silêncio digno. Como se estivesse tão habituada a ser invisível, que não tinha de se preocupar em fazer um som. Ela sabia que não o faria.

Depois pensei em *Doce Veneno*.

Quantas palavras havia no manuscrito? Quantas palavras havia num livro em geral?

Não sabia nada sobre livros. O Kel saiu ao nosso dador de esperma: tudo criatividade e palavras escritas. Eu saí à minha mãe, excelente em matemática, biologia e química.

Saberia ela o que escrever? Iria fazê-la sentir saudades dele? Traria de volta memórias antigas? Mais coisas que eu podia descobrir sobre ele, mas que nunca descobriria porque estava a ser uma pessoa horrível para ela.

Mexi-me e virei-me. Mudei para o lado direito da cama. Olhei para os números digitais a vermelho no despertador.

Verifiquei os meus braços e pernas à procura de partes que me faltassem. Não faltava nenhuma.

Mas senti que algo me faltava.

Na verdade, eu sabia que não podia culpar a Charlie. Ela não precisava de satisfazer os desejos do Kel. Fazia-o porque era boa pessoa. Era, talvez, o que mais gostava nela.

Esta era a verdade nua e crua.

Não queria que esta noite fosse a última vez que via Charlotte Richards.

A sua presença acalmava-me nas situações em que normalmente fervia de fúria. Em muitas maneiras, ela era a minha última esperança. A única ligação que tinha com o Kellan.

Mas o *Doce Veneno* era a última coisa que tinha dele. Sem isso, eu e ela não tínhamos mais razões para nos vermos.

*Podias agarrar no telefone e pedir para te encontrares com ela. Para saberes mais sobre o Kel.*

Mas de que servia isso?

Cada vez que estávamos na mesma sala havia confusão, raiva e tensão. Não a suportava nem conseguia ficar longe dela. Ela não conseguia deixar de olhar para mim. No entanto, ela nem pestanejava quando se tratava de fazer justiça pelo Kel.

Isso era outra coisa.

A lealdade da Charlie era com o Kellan.

Não comigo.

Nunca comigo.

Kellan.

*Porque fizeste isto, Kellan?*

Mas eu já sabia porquê.

Em parte, era por minha causa. Porque eu estava tão ocupado a fingir ser adulto que me esqueci de tratar dele.

O Kellan nunca me perdoou por esse erro.

E eu duvidava muito que a Charlie também me perdoasse.



# Capítulo Quarenta e Nove



**Charlotte**

**P**assei os dedos ao longo das lombadas de velhas capas cartonadas enquanto caminhava pelo corredor, respirando o cheiro a terra e a almíscar do papel envelhecido, do pó e da tinta. Tinha passado uma semana desde que me tinha despedido do Tate e hoje, finalmente, reuni a coragem para me desfazer da única coisa que ainda nos unia. Os livros do Kellan.

Não fui à Biblioteca Pública de Nova Iorque em Midtown West para deixar os preciosos livros. Não. Essa era a biblioteca mais turística e rica que todos conheciam e gostavam. O Kellan teria odiado saber que os seus livros tinham acabado ali.

Fui à que frequentava todas as semanas desde criança. A Biblioteca da Sociedade de Nova Iorque. Já tinha depositado as preciosas primeiras edições de *O Feiticeiro de Oz* com três bibliotecários de confiança que eu conhecia: Doris, Henry e Faye. Eles tinham-os bajulado e acariciado como se fossem unicórnios acabados de nascer. Não que isso tenha contribuído para atenuar a sensação com que saíra da casa de Tate nessa noite. Mas, ao contrário de Kellan, eu era excelente a fingir que estava tudo bem.

Olhei para as horas no meu relógio. Quarenta minutos até ao fim da minha hora de almoço. As filas e filas de romances relaxavam-me. Entre o carvalho escuro e pesado e os grossos tomos, sentia-me em casa. Quente e segura.

Pendurei o meu saco ao ombro e desfrutei do silêncio. Mexi num romance – *Jane Eyre* – ao mesmo tempo que outra pessoa no corredor à minha frente lhe tocou também. Retirei a mão rapidamente. O mesmo fez a pessoa que estava por trás dos livros.

Olhei para o livro com atenção para ver se alguém o levava. Não

levaram. Sorri para dentro e continuei ao longo do corredor, os meus olhos deslizando pela pilha de livros cartonados.

A pessoa caminhava exatamente ao mesmo ritmo, uma grande sombra que eu conseguia ver através dos intervalos dos livros bem alinhados. Quem quer que fosse era alto. Pelo menos uma cabeça e meia a mais do que eu. Provavelmente era um homem.

Obriguei-me a não entrar em pânico e ordenei ao coração para se acalmar. Mas quanto mais devagar eu caminhava, mas devagar a pessoa caminhava.

Decidi testá-lo. Parei novamente, agarrando um volume de *O Anão Verde* que estava junto a oito exemplares do mesmo livro. A pessoa por trás da cortina de livros também parou.

Fiquei de boca aberta e o meu pulso disparou.

*Bum, bum.*

*Bum.*

Toquei no romance, colocando o dedo indicador no topo da lombada. A pessoa do outro lado fez o mesmo, tocando na contracapa. Ocorreu-me que ele estava a ver lombadas completamente diferentes e que tinha escolhido o *Jane Eyre* porque eu lhe tocara e não porque quisesse lê-lo. Provavelmente nem conseguia tirá-lo.

Engoli em seco.

Devia ir-me embora. Que sorte a minha dar de caras com um masturbador em série da biblioteca.

Olhando em redor, confirmei que não havia ali ninguém. Só eu e esta pessoa.

*Jesus!*

Recuei um passo, retirando a mão do livro. Formigas invisíveis começaram a subir e a descer pelos meus braços e pernas.

*Sai daqui, Charlie.*

Virei-me prestes a correr.

Por fim, a pessoa do outro lado abriu a boca.

– Tenho uma confissão a fazer.

E, sem mais nem menos, o ar preso nos meus pulmões saiu disparado. Reconheci imediatamente a voz baixa e grave.

Tate.

Com a passagem de *Doce Veneno* para mim e a doação das edições de *O Feiticeiro de Oz* à biblioteca, estávamos oficialmente terminados. Acabados. Não havia nenhuma razão para nos vermos ou falarmos outra vez. Então, o que estava ele a fazer aqui? E como é que ele sabia que eu estava aqui?

Não fiz nenhuma dessas perguntas. Borboletas encheram-me o peito até ao pescoço, esvoaçando ferozmente. Encostei-me à prateleira oposta à que partilhávamos, colocando as mãos atrás das costas.

– Isto não é um confessionário. – Saiu mais trémulo do que gostaria. Engoli em seco, coçando a cicatriz do meu pulso.

– Podia ter-me enganado.

Ouvi o sorriso na sua voz e soube que estava tramada. Todos os esforços que tinha feito para não pensar nele evaporaram. A linha entre querer salvá-lo e querer beijá-lo esbateu-se e, sim, percebi amargamente, eu queria muito beijá-lo neste momento.

Ele tinha razão. Realmente parecia um confessorário com aquela divisória entre nós, de livros que iam manter esta conversa secreta para sempre. Sentia formigueiros nos dedos.

– Então, vamos ouvi-la – murmurei.

– Odeio ler.

As suas palavras abalaram-me.

Os meus olhos arregalaram-se.

– Estás a dizer... tipo, em geral, ou...?

– Livros. Poemas. Canções. A merda dos manuais do IKEA. Ler não é a minha onda. Nunca foi. Acho que sou alérgico, graças ao meu querido Dador de Esperma.

Quem me dera que ele deixasse de chamar isso ao Terry.

Quem me dera que ele estivesse grato por o seu pai ainda estar vivo.

– É o efeito William Ford. Por que raio haveria eu de tentar a minha sorte numa coisa que o meu pai dominou de uma forma que o mundo inteiro vai lembrar? Por isso, por via das dúvidas, nunca leio por diversão. Para extinguir o risco de querer eu próprio escrever – continuou ele, implacável.

Comecei a percorrer o corredor assim que o meu coração pareceu voltar ao ritmo normal. Tate fez o mesmo. Testei as águas, passando com os dedos pelos livros entre nós à medida que passava por eles.

Ele fez o mesmo.

– Porque me estás a dizer isso? – A minha voz era espessa, entrecortada e não parecia eu.

– O Kellan odiava que eu não fosse #Equipa Terry. Ele adorava tanto o pai que o facto de eu não estar a bordo o fazia ressentir-se de mim. Quanto mais eu tentava separá-los para salvar o Kellan, mais ele me detestava e o Terry também. Quando o Kellan resolveu o assunto com as suas próprias mãos, ninguém na família Marchetti conseguia suportar-me.

Subitamente, os seus dedos roçaram os meus. Quase me faltou o ar.

Uau!

Era suposto sentir-me assim? Como se tivesse entrado num nevoeiro tranquilizante e acinzentado. Mexi-me para manter o fio de conversa.

Tate continuou.

– Tenho estado à defesa durante tanto tempo, com tantas pessoas que é difícil aceitar as tuas boas ações. Especialmente quando me lembram que falhei com o Kellan.

– Eu compreendo. – E surpreendentemente, eu entendi. – Isto é um pedido de desculpas?

– Queres que seja?

– Mais ou menos.

– Então é.

– Tate... – Fiz uma pausa, sem saber como dizer o que se seguia. – Não faz mal que tenhas feito asneira. Todos fazemos, às vezes. – Pensei em mim e na Leah. Em como falhei com ela. – E também não faz mal perdoares-te a ti próprio.

– Diz isso a ti mesma, Charlie. Muitas vezes. E em voz alta.

Os seus dedos tocaram novamente os meus. Parecia uma fila de livros a cair com um baque forte no meu peito. Exalámos juntos. Inspirámos juntos. Parei de andar quando chegámos o final do corredor. Mais um passo e estaríamos frente a frente e eu ainda não estava preparada para que este momento terminasse.

O Tate imitou-me. Virei-me para o corredor. Os nossos olhos encontraram-se por trás da fila de livros na prateleira de cima. Ele observou-me em silêncio durante aquilo que pareceu uma eternidade. Isto parecia monumental de uma forma que não estava preparada para lidar.

– Tréguas? – perguntou ele.

– Tréguas.

– Estou farto de guerra.

– Eu sei. – Quase me engasguei nas minhas palavras. De qualquer forma, ninguém vence.

Os seus olhos disseram-me que ele conhecia a dor e a dor conhecia-o a ele e que estavam numa relação comprometida e inquebrável. Abri a boca para dizer alguma coisa porque achei que devia, mas não saiu nada.

A sua mão agarrou a minha por baixo da prateleira. Ele puxou-me para a frente. Ficámos com o rosto a centímetros um do outro. Tornou-se difícil respirar. Esta era a segunda indicação que eu recebia de que o Tate me via. Via-me realmente. Como uma mulher e não apenas como um frasco cheio de memórias dolorosas.

– Tate.

– Charlie.

– Eu não te odeio – admiti.

– Eu sei. – Ele enrolou o lábio inferior. – Pobre Charlie. – Cada osso do meu corpo estremeceu. – Agora seria uma boa altura para fugires – disse ele com a sua voz triste e sedosa, os seus olhos ainda presos nos meus. – Porque se não o fizeres, sou capaz de te beijar.

Afundi-me novamente naquele nevoeiro prateado e calmante. Os meus joelhos fraquejaram. Os meus ossos derreteram. Algures no fundo de mim, eu sabia que isto não era uma boa ideia.

– Eu também tenho uma confissão a fazer. – Uma energia cinética fervilhava entre nós. Ele não interrompeu o meu fluxo de palavras. Quem me dera que o tivesse feito. – Eu quero que o faças – sussurrei.

Bastava um passo e tudo mudaria. Ambos sabíamos isso, por isso nenhum de nós deu o passo. Ficámos ali parados, fascinados. Eu tinha

começado a pensar que o beijo nunca iria acontecer quando o Tate finalmente deu um passo para a frente, para o canto da sala. Fora do corredor.

Eu continuava sem me mexer. Ele contornou a prateleira, ficando à minha frente. Usava um fato cinzento completo.

– Uma última oportunidade para fugires – sibilou ele, com os olhos azuis a escurecerem.

Fiz questão de não me mexer um centímetro. Ele agarrou num livro da prateleira – *O Mercador de Almas* – e usou-o para cobrir os nossos rostos enquanto me puxava para si, o corpo duro, pressionando a minha cintura na dele. Agarrou a frente do meu pescoço de forma quase punitiva, possessiva e depois os seus lábios caíram sobre os meus como uma tempestade.

Parecia que o meu corpo estava prestes a explodir de adrenalina com o seu calor, os seus lábios quentes e experientes fecharam-se sobre os meus, avidamente. Sugou a minha língua para dentro da sua boca, soltando um gemido feroz que fez ricochete no teto de mosaico.

Agarrei-lhe o rosto com as duas mãos, desesperada de me aproximar mais. O livro caiu no chão. Ele encostou-me à prateleira que servia de confessionário, prendendo-me entre os seus braços enquanto agarrava o meu maxilar e aprofundou o beijo.

A sua língua acariciou a minha com intenção e ele apertou-se contra mim. Estava duro. Tão duro que a minha boca ficou a salivar e o meu corpo arqueou-se, implorando por mais. Eu devia estar a correr para o escritório antes que a minha hora de almoço acabasse, mas não conseguia quebrar este momento.

Era frenético como tudo. Empurrei oito anos de frustração para dentro dele e ele devolveu-me multiplicada por dez.

– Açúcar, bolachas, cipreste – disse ele, durante o nosso beijo. Eu sabia exatamente o que ele estava a dizer.

Sorri, puxando-lhe o lábio inferior.

– Sândalo, fogueira, cítricos... sexo.

– Sexo, hein? – A sua voz soava rouca e grogue. – Eu mostro-te o sexo.

Agarrou a parte de trás das minhas coxas e puxou-me para cima, tentando que eu envolvesse a sua cintura estreita com as minhas pernas. Tinha a certeza de que era demasiado pesada para ele. Tentei assentar os pés no chão alcatifado, mas ele puxou com mais força e envolveu-me.

– Sou pesada – lamuriei-me.

– És perfeita. – Calou-me com um beijo enquanto rebojava as ancas entre as minhas pernas. Soltei um gemido involuntário. – A que horas termina a tua hora de almoço? – perguntou.

*O quê?*

Afastei-me, inclinando a cabeça.

– Como é que sabes?

– Perguntei à Reagan quando passei pelo quarto dela na clínica.

Foi por isso que ele veio cá. *Duh.*

– Porque é que ela te disse?

– Porque idolatra o chão que eu piso. E porque pensa que eu tenho de te dar algo pessoal que inventei há meses. Então? A que horas?

Mal consegui conter o riso. Este homem era inacreditável.

Abanei a cabeça.

– Provavelmente daqui a dez minutos. Por volta das duas horas.

– Foda-se. – A testa dele desceu para a minha, encostando-a. Roubou-me outro beijo. Ele realmente soltava a bomba F muito mais do que qualquer outro médico que eu conhecia. – É melhor ires antes que te foda entre a ciência e a ficção.

Anuí. Não pedi o número dele. Não desta vez. Estava mesmo orgulhosa de mim própria quando ele me pôs de pé e eu recolhi o saco que tinha deixado cair durante o nosso período de explosão de estrelas cadentes.

– Devias pedir-lhes o certificado de doação. – Não me atrevi a passar a mão nos lábios, apesar de sentir que estavam tenros, inchados e estremecidos de beijos. Ainda tinha o seu sabor na minha boca e duvido que comesse alguma coisa hoje.

Ele mordeu o interior da sua bochecha, acenando. Reparei que ele ainda não parecia perturbado. Tal como com a loira no seu consultório. Basicamente, ele era incapaz de se libertar.

Dei meia-volta e comecei a afastar-me.

*Pede o meu número.*

*Pede o meu número.*

*Pede o meu número.*

Cada passo que dava parecia mais uma pedra no meu estômago.

Uma pedra.

Duas.

Três.

Quatro...

Quando cheguei ao fundo das escadas e passei a entrada, já tinha contado cerca de dezoito.

Nenhum número de telefone. Nenhuma continuação.

Deixara-o beijar-me estupidamente porque ele queria. Porque eu queria que ele o fizesse.

Sou mesmo estúpida.

O meu telefone tocou. Merda, devia ser a Abigail. Estava tão atrasada. Tirei-o do saco e atendi antes de verificar o identificador de chamadas.

– Estou?

Silêncio do outro lado.

– Estou?

Nada.

Estava prestes a desligar quando ele falou, por fim.

– Assim está bem? – A sua voz soava tensa. Quase terna.

Estava quase a cair de joelhos no meio da rua. Fechei os olhos,

respirando fundo.

– Sim. Como conseguiste o meu número de telefone? – Eu tinha deixado esse espaço em branco no formulário de admissão de pacientes de propósito.

– A folha de contactos da turma. Encontrei-a depois de saíres.

Ele estava a mentir. Não havia tal coisa. No entanto, o Tate tinha obtido o meu número, tinha trabalhado para isso. Isso fez-me sorrir. Juntamente com o facto de ele se lembrar das minhas palavras daquele dia em que tínhamos limpado o quarto do Kellan.

– Um cêntimo pelos teus pensamentos – murmurei para ele, com a voz ainda nebulosa.

– Gostaria de ver mais de ti e menos das tuas roupas. Um cêntimo pelos teus.

*Quero beijar-te intensamente. Deixar-te desfazeres-me em pedaços com as tuas mãos, com a tua língua, com as tuas palavras. Quero contar-te toda a verdade e abraçar-te enquanto a aceitas.*

Em vez disso, deixei a minha perna direita balançar enquanto suspirava.

– Estou a pensar que devia mexer-me antes que me meta em sarilhos. Adeus, Tate.

# Capítulo Cinquenta



**Tate**

Senti-me um criminoso que tinha cometido um crime após semanas de preparação.

Desde o primeiro momento em que vi a Charlotte Richards, quis beijá-la. Finalmente tinha conseguido, e o mundo não acabara. A polícia não tinha aparecido a bater-me à porta com um mandado de prisão por perseguição. Satanás não apanhara o elevador até à Terra e não me dera o passaporte para o inferno.

Beijei-a, e o mundo não acabou.

Beijei-a, e nem sequer senti metade da culpa que devia sentir.

Beijei-a, e em breve, se dependesse de mim, faria muito mais do que beijá-la.



# Capítulo Cinquenta e Um



**Charlotte**

**S**e os livros fossem homens, eles seriam aqueles que andam com todas, que te traíram com a tua melhor amiga e que te deixaram pela tua irmã através de mensagem.

Eu conhecia-me suficientemente bem para saber que não sobrevivia aos livros. Eles desfaziam-me em pedaços. Nunca tinha conhecido um objeto inanimado tão talentoso a partir corações como um livro. Foi por isso que adiei a leitura de *Doce Veneno* até sexta-feira à noite, sabendo que estaria numa agitação de lágrimas no final do livro.

Esperei que a Leah sáísse para a sua aula noturna suplementar sobre micropigmentação – não que estivéssemos a reconhecer a presença uma da outra nesta altura – antes de me trancar no quarto, pôr a tocar a *playlist* com as bandas preferidas do Kellan (Anti-Flag, Antischism, Anti System e, bem, havia aqui um padrão) e tirei o manuscrito do seu esconderijo debaixo da minha cama.

Era grosso. Mais grosso do que implicava a contagem das páginas, coberto de *post-its* de cinco cores diferentes, comentários com carimbo de data e hora ao lado do texto e tantas outras páginas com rasgadelas que as tornavam inúteis.

Abri-o numa página ao calhas. Notas espalhadas pela coluna, dirigidas a mim pelo nome. Como se o Kellan tivesse revisto todo o manuscrito, sabendo que seria eu a terminá-lo.

*Ele planeava deixar-te isto.*

*Ele planeava morrer.*

*Desde o início.*

Literalmente, no início também, visto que o primeiro comentário com

registo de data e hora indicava o dia a seguir a nos termos conhecido. Ele tinha começado isto no oitavo ano. Pode não o ter terminado, mas o facto de o ter começado tão novo...

\*

Só me lembrava de uma mão-cheia de autores que adorava e que tinham escrito os seus livros por volta dessa idade.

S. E. Hinton e *The Outsiders*.

Matthew Gregory Lewis e *O Monge*.

Christopher Paolini e *Eragon*.

Mary Shelley e *Frankenstein*.

Kellan Marchetti era pródigo e nunca tinha mostrado brilho.

Engoli em seco, recusando-me a deixar que aquilo que significava se entranhasse. Tinha de ser pragmática em relação a isto. Tratá-lo como se fosse uma editora e este fosse o livro de um autor que eu representava.

A boa notícia é que parecia totalmente terminado. Trezentas e quarenta e seis páginas em espaço simples. Pronto para ser editado. A má notícia era que eu estava familiarizada com o processo de edição, mas nunca o tinha realizado.

Virei a primeira página e vi uma nota na margem que dizia: DICKS, LÊ ISTO PRIMEIRO! E eu li.

**Dicks,**

***A maior parte das notas são de minha autoria. O resto é de um pretensioso da Ivy League com demasiado tempo livre e uma opinião de si próprio demasiado elevada (leia-se: o meu futuro, se eu não me matasse, por isso o mundo esquivou-se de boa). Basicamente, gastei muito tempo e esforço a candidatar-me a Harvard em especializações, a conceber um currículo de escrita criativa que eu sabia que nunca iria atingir, tudo para que um Professor Idiota lesse o Doce Veneno e dizer-me que não entendo o que é a perda. Entende o que quiseses disso.***

**K**

***P.S.: O Idiota descobriu que eu entrei em Harvard e está prestes a comprar-me um carro novo (provavelmente um Prius porque ele tem prazer no meu sofrimento eterno) para fazer o trajeto.***

As peças do *puzzle* encaixaram-se no lugar. O Kellan precisava de *feedback* sobre o seu livro. Ele nunca quis entrar em Harvard. Sabia que não iria chegar tão longe.

Perguntei-me se o Tate teria alguma ideia do que ele andava a fazer, mas parecia improvável.

Bastou-me um capítulo para perceber que o livro era bom.

E estou a falar de tão bom como *As Imperfeições*.

Simplesmente... *Uau!*

Mais quatro capítulos para perceber o objetivo do livro. Mais dois capítulos para aceitar que não o podia terminar.

Não hoje, pelo menos.

Não com a minha sanidade mental intacta.

E mais um capítulo para perceber que estava lixada.

O Kellan – o amante do *punk*, que usava *kilts*, sempre rebelde, demasiado fixe para a escola – tinha escrito uma história de amor.

Uma história de amor entre eu e ele.

Uma história de amor que nunca acontecera.

Uma história de amor que nunca aconteceria.

E dentro da confissão, tinha colocado um pedido de desculpas por tudo o que me tinha feito passar.

Reli uma linha, tocando-lhe com reverência, como se ela ganhasse vida e trouxesse o Kellan de volta com ela.

*Percebi, com uma clareza deprimente, que ela não era o veneno. Ela era o antídoto. Mas as quantidades estavam todas erradas.*

Toquei nos lábios com as pontas dos meus dedos. Os mesmos lábios que o Tate tinha devorado. Lembro-me de quando o Kellan me chamou Veneno pela primeira vez. Tinha-me beijado, atirado um cêntimo para o meu bolso e lançado um sorriso sem preocupações, prometendo ver-me novamente no próximo ano.

Tornou-se difícil respirar. Limpei a cara com as mangas, forçando as lágrimas que me queimavam no fundo dos olhos e continuei a ler, parando quando uma frase me atingiu com tanta força que os meus dentes rangeram.

*O suicídio é uma guerra entre dois medos – o medo da morte e o medo daquilo que nos empurra para ela. O mais forte vence sempre. E se perderes, o castigo é a morte.*

Fechei o manuscrito com força. Voltei a enfiá-lo debaixo da cama. Enrolei-me numa bola em cima do tapete. Chorei. Os meus ombros estremeciam com o esforço para não me ir abaixo. O meu corpo estremeceu. Dava a sensação de que os meus órgãos caíam um a um se eu não me mantivesse firme.

O tapete queimava-me as faces. O seu cheiro, a velho e a pó, penetrou em mim. Seria tão fácil cair no nada. Afinal, já nos conhecíamos bem.

As lágrimas encharcavam a manga da minha camisola. Limpei novamente os olhos, esborratando o rímel por todo o lado.

Um sapato bateu na prateleira do lado de fora, marcando a chegada de Leah, mas não consegui parar de chorar. Ouvi os passos que se detiveram à minha porta. Fiquei a olhar para a sombra por baixo, à espera para ver o que ela faria.

Ela deve ter ali permanecido alguns minutos enquanto eu chorava, fungava e gemia antes de ir para o seu quarto. Ouvi a porta fechar-se um

instante depois.

Virei-me de costas e repeti uma linha do *Doce Veneno* na minha mente. Uma frase que me deixou de rastros.

*Uma vez por ano, durante uma hora roubada, deixo-me ser o veneno. A toxina. A coisa que a envenenou. Mas, num lapso momentâneo de egoísmo, afasto-a. Arrependo-me disso todos os dias.*

Pela primeira vez, eu via o Kellan.

Aquilo que o fazia respirar e sangrar.

*Eu.*

# Capítulo Cinquenta e Dois



**Tate**

**E**ntão, era a isto que chamavam uma espiral.

Primeiro passo: falar rispidamente com a rececionista o dia todo ao ponto de a apanhar na sala de descanso em lágrimas, a enfiar uma barra de Snickers pela boca abaixo enquanto envia uma mensagem de texto aos amigos para lhes dizer que o chefe dela é um idiota. Por falar nisso, foi a primeira vez que a vi a consumir um único hidrato de carbono. Mesmo então, ignoramo-la porque a alternativa – a compaixão – hoje está para além do meu domínio de capacidades.

Segundo passo: revelar o sexo do bebé a um casal que queria manter o fator surpresa porque não consigo manter a calma. Um casal que passou uma década e várias rondas de fertilização *in vitro* para conseguir conceber. Quando eles começam a chorar, mas decidem manter-me como médico porque mais ninguém consegue fazer o que eu faço, ofereço-lhes um *voucher* para uma consulta gratuita como se o seu apelido vindo diretamente do Mayflower indicasse que eles alguma vez o iriam usar.

Terceiro passo: chegar atrasado a uma cesariana, chamar as enfermeiras que conheço há anos pelo nome errado e sair da cirurgia assim que acaba sem sequer dar os parabéns aos novos pais. Exigir ao meu colega que supervisione os restantes cuidados à paciente o resto do dia porque não confio em mim próprio e não quero cometer algum erro.

*Verificar, verificar, verificar.*

A realidade da carta do Kel foi-se evidenciando assim que a Charlie chegou a minha casa. Mas tinha-a relegado para segundo plano, obrigando-me a não a processar. O que me saiu pela culatra de uma forma espetacular.

Mais especificamente, começou a corroer-me dois dias depois de ter

beijado a Charlotte numa biblioteca e durante o pequeno-almoço a caminho para o trabalho. Primeiro, entornei o café no elevador e passei o resto do dia com uma nódoa amarelada e, segundo, o facto de o meu irmão mais novo ter escrito o que devia ser uma carta de suicídio começou a aumentar a pressão na minha cabeça.

Ao meio-dia, uma dor de cabeça ameaçava partir-me o crânio em dois e já tomara mais más decisões numa manhã do que tinha feito durante toda a minha vida. Mas estas decisões eram reversíveis. Não eram de uma magnitude impossível que me assombrasse o resto da vida, vida essa que só tinha uma.

Não ter percebido os sinais do Kellan.

Por isso, disse a mim próprio que não era importante e continuei o meu dia como um idiota distraído e sempre pronto a disparar. Ainda bem que trabalhava por conta própria, caso contrário teria sido despedido. Embora a este ritmo, a minha reputação estivesse a cair a pique e ninguém quisesse estar na mesma sala do que eu.

Não os censurava.

Quando pedi à Sylvia para desmarcar o resto da minha agenda, ela saltitou para junto do teclado com o alívio claramente estampado no rosto.

O Terry não estava em casa quando cheguei. Pensando bem, há dias que ele não aparecia. Mas eu estava positivamente nas tintas para isso.

Na verdade, eu apreciava o silêncio.

Precisava dele para me poder odiar em paz.

Sentei-me na cama a olhar fixamente para o teto. Debatendo-me se devia entrar no quarto do Kel, mas decidi não o fazer.

Após uma hora e tal de inutilidade total, liguei à Charlotte Richards pela segunda vez na vida e não da forma que tencionava usar o seu número quando menti à Reagan para que ela mo desse.

Ela atendeu no último toque, sem dizer uma palavra.

Eu também não disse nada.

Por isso, ficámos ali a ouvir o outro a respirar, nenhum de nós cedendo. Fez-me sentir sujo. Como um anormal doentio.

Era claro que o facto de ela ter recebido a última carta do Kellan, e eu e o Terry não, indicava que ele tinha uma paixoneta por ela. Já não para dizer que ele se referia à Charlie pelo mesmo nome que dera ao livro.

*Beije a tua paixão de liceu, Kel.*

*Quero fazê-lo outra vez.*

*Quero fazer mais.*

*Foda-se, eu não presto. Não presto para nada. Mereço todas as coisas más que disseste e sentiste sobre mim.*

Agora eu sabia o que era ser um ladrão e não estava a gostar nada. Não me parecia ter ganho nada. Mas sabia porque estava em silêncio. A razão dela para o silêncio, porém, escapava-me. Especialmente pela forma como tínhamos deixado as coisas na biblioteca.

Cedi primeiro.

– Tenho uma pergunta, menina Richards.  
– Eu... – A sua voz cedeu. Parecia que tinha estado a chorar e não me parecia ser do tipo chorona.  
– Não posso garantir uma resposta, doutor Marchetti.  
– É sobre a carta de suicídio.  
– Então, definitivamente não posso garantir uma resposta.  
– Então, é uma carta de suicídio.  
– Eu nunca disse isso. – Ela aclarou a garganta e eu ouvi o som de papel remexido. Muito, a julgar pelo tempo que ela demorou a ficar quieta. – Não te fiques pela minha palavra. Acredita na dele. O Kellan disse na carta que não era uma carta de suicídio.

Parecia que tinha alguma coisa presa na garganta.

– Então, é somente a última carta que ele escreveu.  
– Sim. – Ela riu-se. Da forma taciturna que as pessoas gentis faziam quando não encontravam nada de verdadeiramente divertido. – Na verdade, é quase literalmente o que ele diz na carta.

*Diz.*

Nunca entendi por que razão as pessoas falavam da palavra escrita no presente como se ainda estivesse a acontecer. O autor podia estar morto e os leitores continuavam a dizer «Ray Bradbury *escreve* sobre a censura. Harper Lee *aborda* o racismo. F. Scott Fitzgerald *leva-nos* de volta à Idade do *Jazz*.» Era tão típico do Kellan ser o seu próprio assassino e imortalizador.

Disse isto em voz alta e a Charlie riu-se.

Desta vez, de forma genuína.

– Ele tinha um talento para conseguir o que queria – murmurou ela, como se me estivesse a contar um segredo.

– Exceto quando eu aparecia no caminho.

– O que estás a fazer, Tate?

– A falar contigo.

– Estou a falar a nível emocional. – A sua voz aumentou de volume. Até conseguia ver o seu nariz empinado como acontecia sempre que discutíamos.

– Eu não fui a tua casa para te destruir.

– Eu nunca estive inteiro, Charlie.

– Talvez não, mas aprendeste a viver com a dor. – Ela parou. – Não queria provocar mais.

Eu não tinha nada a dizer. Por isso não respondi. Já estávamos ao telefone há vinte minutos e eu ainda me sentia como pastilha elástica num sapato. A Charlie pertencia ao Kel. Nem isso conseguia deixar em paz.

– Depois da morte do Kellan, confrontei a diretora de St. Paul – admitiu ela.

– Confrontaste?

Ela era uma criança naquela altura. Mas algo me dizia que a Charlie fazia muitas coisas de adultos para as pessoas que amava.

– Sim.

– O que é que disseste?

– Culpei-a por não proteger melhor o Kellan. Ele estava a ser intimidado numa base regular e também estou a falar fisicamente, Tate.

Abanei a cabeça, tentando lembrar-me se alguma tinha visto nódoas negras no Kel.

– Era muito mau?

– Mau. Muito mau. – Ela deu-me tempo para eu digerir as suas palavras.

– Os professores sabiam. Toda a escola sabia. Mas estes miúdos pagam uma anuidade muito grande. Os seus pais estão todos em posições poderosas na cidade. Até mesmo no país. Ninguém queria atacar essa situação explosiva. Nada que uma miúda bolseira com os pais mortos e uma irmã falida pudesse fazer.

A última frase parece ter sido dirigida a si própria. Como se estivesse a tentar assegurar-se de que tinha tentado. Serviu para me lembrar o que eu poderia ter feito.

– A diretora não fez nada. – A sua voz endureceu. – O Kellan não fez nada. Tentei falar com ele uma vez durante a hora de almoço. Não correu bem. Por isso... deixei uma carta no gabinete da diretora Brooks. O Kellan descobriu e zangou-se comigo por o ter denunciado. No final, não aconteceu nada. O *bullying* não parou. Durante algum tempo procurei alguém para culpar e ela era o alvo mais fácil.

– O que te disse quando foste falar com ela?

– Disse-me para não espalhar boatos. Acho que estava a tentar proteger-se.

– Estava mesmo a proteger-se. No funeral do Kel, ela disse-me que não fazia ideia daquilo que se estava a passar. Como se, um, eu acreditasse nela e, dois, o facto de não saber a absolvesse de qualquer responsabilidade relativamente ao que se passava no seu *campus*.

Ela concordou com um murmúrio. Pode ter sido a primeira vez que me permiti soltar a minha raiva sobre o que aconteceu ao Kellan a outra pessoa que se sentia da mesma forma.

– Ela também me mandou para o psicólogo da escola depois de a confrontar.

– O que disse o psicólogo?

– Deu-me um panfleto sobre o luto. O mesmo que me deu depois da morte dos meus pais, mas acho que nem se lembrava disso. Eu li-o outra vez. Dizia para eu encontrar alguém que me fizesse sentir melhor. – Ela bufou, parecendo mais irritada. – Que estupidez. Era como se o tipo que escrevera o panfleto nunca tivesse passado por nenhuma perda. É o luto! A única pessoa que te pode fazer sentir melhor foi-se embora. Por isso é que dói tanto.

Ela ficou em silêncio.

Eu não disse nada. Não queria que ela parasse de falar. De facto, agarrei-me às suas palavras, ávido de tudo o que ela pudesse dizer-me sobre o meu irmão. Sentia-me como se estivesse a conhecer o Kel pela primeira vez



através da Charlie.

– Depois disso, virei-me para os livros – disse ela, no quadragésimo minuto do nosso telefonema. Em ponto. Quase como se tivesse estado a olhar para o cronómetro em contagem decrescente.

Perguntava-me se ela teria decidido antecipadamente quanto tempo deixaria a conversa continuar. Afinal de contas, era perigoso.

Eu desejava-a.

Ela, de uma forma marada, também me desejava.

Estávamos a chorar o Kellan e ao mesmo tempo a traí-lo.

– Eu sempre os adorei, é claro – continuou ela. – Foi assim que nos relacionámos. Adorávamos os mesmos livros. Partilhávamos recomendações. Ele enviava-me algumas histórias que escrevia e eu implorava por mais. Algumas pessoas não querem recordações da pessoa que faleceu, mas eu anseio por elas. Vejo o Kellan em cada palavra que leio e isso faz-me continuar. Gostava de encontrar essa coisa para ti, Tate. Aquilo que te faz continuar.

– Devias odiar-me.

– Não te odeio. – Ouvi-a levantar-se e agarrar coisas. – Estou ressentida. Há uma diferença.

– Não é uma grande diferença.

Um súbito ruído veio do local onde ela estava. Carros a buzinar. Pessoas a andarem em redor dela. Um cão ladrou. Ela estava na rua. Algures com muita gente.

A Charlie não discordou de mim, em vez disso, mudou de assunto.

– És médico.

– Da última vez que verifiquei, sim.

O som de fundo esmoreceu. Ela disse algo a alguém, mas saiu abafado, como se estivesse a tapar o bocal com a mão e voltou à nossa conversa.

– O que é um efeito secundário?

– Estás doente?

– Não da forma que estás a pensar.

– Tens um efeito secundário específico em mente?

– Não. Estou a falar no contexto de uma doença, enfermidade ou cura. No sentido geral. Como quando usas o termo no trabalho.

– É uma característica física ou mental que indica uma condição ou doença.

– Acho que é disso que estamos a sofrer. Dos efeitos secundários.

– Do quê?

– Do amor. O luto é um efeito secundário do amor. Dura enquanto durar o amor. Habituo-nos à dor até nos lembrarmos de que ela existe. É assim que funciona sempre. O que precisas é de uma distração.

– O que preciso é de uma cura.

– As curas também têm efeitos secundários, doutor. E algumas doenças são... bem... incuráveis.

E depois desligou.

Não tive tempo de entender completamente as suas palavras antes de a campainha tocar. Desci as escadas, rezando que não fosse o Terry, caso contrário não responderia por mim.

A campainha tocou novamente, seguida de uma pancada forte. Abri a porta e encontrei os olhos de Charlie.

– Vou fazer uma coisa que não vais gostar – avisou ela, passando por mim.

– Então não faças.

– Disseste que precisavas de uma cura. Eu arranjo-te melhor do que isso.

– Por um segundo pensei que ela me ia beijar. Em vez disso, tirou o manuscrito da mala, levantou-o ao lado da cabeça e declarou: – Tenho uma distração.

– Não o vou ler.

Ela acenou a cabeça, como se já esperasse isso.

– Calculei que não o tivesses lido nem quisesse. – Isso só me deixou mais curioso sobre o conteúdo. – Vou ocupar a tua casa.

– Nem pensar.

– Vou, sim – repetiu ela e eu tive um pressentimento doentio de que isto ia acabar como da última vez, com ela a levar a melhor. Uma característica que partilhava com o Kel. – Eu preciso de estar aqui para acabar o *Doce Veneno*.

Abri novamente a porta, gesticulando para o espaço.

– Considera isto como sendo eu, educadamente, a declinar pelo facto de termos limpadado o quarto do Kellan e que nada há que encontres lá que não possa ser encontrado noutro lugar.

– *A casa permanecia vazia a maior parte dos dias, o meu quarto perfeitamente situado para aguentar os ventos invernais. Deixei que os pensamentos sobre ela descongelassem o frio dos ossos. De rir com ela. De a beijar. Das coisas que queria fazer com ela, mas que nunca faria. E mesmo com o meu irmão fora e o meu pai escondido de mim como um fugitivo, o vazio fugia. O Veneno estava aqui.*

Ela estava ofegante quando terminou, olhando para mim com olhos selvagens, com o peito a balouçar e a desfazer-se a cada respiração.

– É uma passagem do *Doce Veneno* – explicou ela. – E se eu quiser continuar o livro do Kellan, tenho de experimentar o que ele fez. Não posso fazer isso sem entrar na pele dele. Não faz sentido dar-me este manuscrito se não me vais ajudar a terminá-lo como ele queria. E o meu instinto diz-me que não queres mesmo que te devolva este livro.

– Está bem – disse eu, odiando-a por ter razão.

Eu não tinha escolha.

Era o último desejo do Kel.

Mesmo no seu túmulo, ele conseguia destruir a minha vida. Criar o caos.

Ela virou-me as costas, subindo as escadas sem mais convites.

Confirmei três coisas ao mesmo tempo.

1) A Charlie era o Veneno.

2) O Kellan Marchetti tinha estado profunda, louca e furiosamente apaixonado pela Charlotte Richards, e

3) Ele não era o único que tinha uma fraqueza por esta beleza estranha e excêntrica.

# Capítulo Cinquenta e Três



**Tate**

**L**embrei-me da noite em que o Kellan morreu, exatamente como se segue:

*20:15 – Saio cedo do trabalho para me encontrar com o Kel num restaurante. É estranho ele querer jantar comigo, ainda por cima em público, mas estou entusiasmado. Até mesmo esperançado, o idiota otimista que sou. Naquela manhã disse-lhe que não ia fazer nada e deixava-o ir visitar o Terry sem supervisão (o que requer que tenha de convencer o sacana inútil a encontrar-se com o seu filho, mas um problema de cada vez). Depois disso, o Kel parece... diferente. Muito diferente, acho, porque como mencionei, ele convidou-me para jantar logo a seguir.*

*20:33 – Recebo uma mensagem de urgência sobre uma paciente e os seus trigémeos. Corro para as urgências. Na minha pressa, esqueço-me de enviar uma mensagem ao Kel, explicando a situação. (Por que raio dei prioridade aos filhos de outra pessoa em vez de ao meu próprio irmão ao ponto de não conseguir tirar dois segundos para lhe enviar uma mensagem a dizer que o veria mais tarde? Porque é que o tempo é irreversível? Dizem que aprendemos com os nossos erros, mas isso é inútil se nunca mais estivermos em posição de aplicar novamente essa lição. Que raio de mentira.)*

*20:45 – O Kel aparece no restaurante, não me vê e pensa que eu o abandonei. Manda-me uma mensagem, que eu não vejo, porque estou a preparar-me para uma cesariana de urgência.*

*21:00 – Começa a cirurgia e três crianças choramingonas entram neste mundo, Sienna Omri dá a um deles o nome de Kel. O que me lembra, deixei-o pendurado sem uma palavra. Mas, foda-se, estou excitado por lhe ir dizer que ele já deixa um legado. Um ser humano com o nome dele. Ele iria achar isso fixe, certo?*

22:45 – Verifico as minhas mensagens e vejo uma de Kel. Diz: «Pedi frango com parmesão. Está no frigorífico, Dr. Milagre. Não digas que nunca fiz nada por ti.» Não sei bem qual o tom da mensagem. Está chateado ou a ser genuíno? Mesmo assim, fico entusiasmado por lhe dar a notícia. E que ele tem de se recompor antes que a criança cresça e perceba que lhe deram o nome da pessoa mais chata de sempre.

23:05 – Chego a casa. Há polícias. Dois. Pelo aspeto não é bonito. O meu primeiro pensamento foi que o Kellan foi apanhado com droga e eu vou ter de passar a noite a tentar pagar-lhe a fiança. Estou enganado. E sinto-me um sacana por sequer ter pensado isso. Eles dizem-me que o meu irmão mais novo já não existe nesta Terra. Dizem que ele está num lugar melhor. Se (e apenas se) ele estiver morto, acredito neles, sabendo que qualquer coisa é melhor do que o que ele fez.

23:16 – Acabo em St. Paul. Não tenho memória de como cheguei lá, mas estou no meu Lexus. Paro o carro mesmo antes da curva. O Kellan não está morto. Não acredito nisso. E se não vir mais polícias, a fita a delimitar a cena de crime, a consequência, ele está vivo. Digo a mim próprio que quando regressar a casa, o Kel estará lá, com o coração ainda a bater e uma desculpa idiota por ter saído depois do recolher obrigatório.

23:32 – O Kel não está em casa.

23:49 – Tento comer o frango com parmesão porque foi o último presente que o Kel me deixou. Ainda consigo engolir antes de vomitar. Já não é a minha comida preferida. Nunca mais pus os pés no Pauli's Kitchen.

23:50 – A Hannah aparece após um telefonema do Walter e obriga-me a dormir. Eu concordo porque não quero olhar para a cara dela. É uma lembrança de uma má decisão minha numa longa sucessão de más decisões.

24:01 – Arrependo-me de tentar dormir. Tudo o que vejo é o Kellan quando fecho os olhos. A cair do telhado. Em câmara lenta. Em movimento rápido. Em tempo real. Dói sempre. À quarta repetição estou convencido que ele se arrependeu. Nunca o saberei.

02:30 – Acordo. Dormi mal e não consigo funcionar. Envio um email à minha rececionista, pedindo-lhe para ela me cancelar todas as consultas para o resto do ano. Não quero saber como é que ela vai fazer isso. Tento comer, vomito e descubro uma mensagem de voz do Kel. Mais tarde, soube que a enviou uma hora antes de morrer. Ainda não a ouvi.

A morte do Kellan coincidiu com a renovação do meu seguro por negligência. Foi necessária uma avaliação psicológica com um psiquiatra que decidiu que seria bom forçar-me a reviver o dia da morte do meu irmão. Ele obrigou-me a anotar o que me lembrava dessa noite para podermos ir abordando. Algo sobre reviver a história para a deixar ir. Como se alguma vez eu deixasse de lado a minha quota-parte de culpa na morte do meu irmão mais novo. Como se alguma vez fosse capaz de o fazer.

Sentei-me no escuro, com as pernas enfiadas debaixo da secretária a ler o caderno que ainda guardava dos dias com o Dr. Felton. A existência da carta

do Kel alterava a minha cronologia.

Quando é que ele a escreveu? Quando a entregou? Deu-a diretamente à Charlie? Isso aconteceu no dia da sua morte?

Aquilo que sabia, sem dúvida, era que era uma carta de suicídio. Se a Charlie não queria que eu a visse significava que ela – *eles* – tinham algo a esconder. A fealdade da minha relação com o Kellan indicou-me o que seria. Não ficaria chocado se soubesse que a carta que ele tinha escrito antes da sua morte consistia numa carta de cinco mil palavras de ódio pelo Tate Marchetti.

Mas isso só levantava mais questões. Nomeadamente, porque é que o Terry não recebeu nenhuma? O Kel idolatrava o seu pai mais do que qualquer deus conhecido. Parecia estranho ele não lhe ter escrito nenhuma. A não ser que houvesse mais alguma coisa na sua história que eu desconhecia. Uma pergunta que nunca faria ao Terry, porque... bem, ele que se lixe.

O intercomunicador tocou. Carreguei no botão, aceitando ouvir o que me iam dizer.

A voz da Sylvia ecoou no meu gabinete.

– Doutor Marchetti, cancelei as suas consultas de hoje, tal como pediu. O Doutor Bernard concordou em cobrir a sua consulta das três horas, embora parecesse descontente com o facto de ser uma consulta de rotina e...

Soltei o botão. O resto não me interessava. Eu só queria entender como é que a carta da Charlie entrava nesta sequência temporal. Passei as duas horas seguintes a encaixar o *puzzle*, sabendo que a única forma de obter respostas era perguntar-lhe.

Mas isso exigia agarrar no telefone e ligar-lhe. Da última vez que fiz isso, tinha acabado com ela em minha casa, a invadir o meu espaço.

A porta abriu-se. Vi um mocassim de couro e espuma de memória entrar no meu consultório e segui-o com o olhar até ao rosto da imitação do irmão Baldwin a quem pertencia.

Walter ligou o interruptor da luz, olhando-me com desconfiança.

– Ouvi um rumor que espero que não seja verdade.

*Que uma das minhas pacientes se veio na mesa de exame e que gostaria que ela se viesse de novo?*

Arqueei uma sobranceira.

– Conta lá. Sabes que adoro mexericos.

Ele ignorou o meu sarcasmo, embora isto parecesse um pouco mais cortante do que as nossas habituais brincadeiras.

– Chegaste atrasado à consulta da Isabella Romero.

– Já cheguei atrasado a várias consultas no passado, essa é a natureza da nossa profissão, mas nenhum atraso justificou uma visita em pessoa do grande Doutor Walter Bernard.

Ele encolheu os ombros.

– Nunca chegaste atrasado a uma ecografia com a filha de um médico que, por acaso, faz parte do Conselho Médico do Estado de Nova Iorque.

– Eu não dou tratamentos preferenciais.

– Também não desmarcas a tua agenda sem aviso prévio e passas-me consultas de rotina enquanto estás sentado às escuras no teu gabinete a fazer sabe Deus o quê, mas aqui estamos nós.

– Isto é uma intervenção?

– Precisas de uma intervenção?

– Não, mas preciso que esta conversa termine.

– Não estou só preocupado contigo. Estou também preocupado com as tuas pacientes. Sabes o que acontece se tirares os olhos da bola.

– Ela bate-nos na cara – terminei, deixando aquele gelo familiar expandir-se nos meus pulmões. Até que me transformei novamente no frio e clínico Tate. A minha única defesa contra o mundo. – Preocupação registada. Podes continuar com o teu dia.

Depois de ele ter saído, voltei a olhar para o teto, com o bloco de notas aberto no meu colo. Uma posição que mantive até ser razoavelmente tarde para sair do consultório e ter a certeza de que a Charlie já tinha saído da minha casa.

Ela tinha roubado uma chave do meu porta-chaves. Durante a última semana, ela entrou e saiu à sua vontade, transformando-a num campo minado que eu estava determinado em evitar. O que implicava noites tardias no meu consultório. Sozinho com os meus pensamentos. Sem fazer trabalho a sério.

Isso confundia imenso a minha equipa, que só gostava de sair quando eu saía.

O Terry já tinha saído quando cheguei a casa, graças a Deus. Tinha voltado há alguns dias. Aparentemente, de uma viagem de jogo a Atlantic City, que eu não fazia ideia de como tinha financiado.

(Nota para mim próprio: certificar-me de que a mobília está toda no sítio.)

Agora a sua rotina diária consistia em sair durante várias horas seguidas e regressar sóbrio, por isso não podia pô-lo na rua por infração. Depois, implorava-me que lhe desse o *Doce Veneno* até eu estar quase a pô-lo na rua.

Estava uma caixa no meu alpendre. A entrega da refeição preparada. Há alguns dias que pretendia levá-la para dentro, mas esquecera-me. Coloquei-a na ilha da cozinha e abri-a, desviando o nariz do cheiro a podre.

Havia muitas coisas que devia estar a fazer, uma das quais incluía pôr o lixo na rua, mas não conseguia encontrar motivação. Meti uma barra de granola na boca, mal me dando ao trabalho de mastigar. Depois, arrastei-me penosamente pelas escadas e caí em cima da cama com os sapatos ainda calçados.

Se eu precisava de me recompor?

Sim. Havia vidas em risco.

Mas isso podia esperar mais um dia.

# Capítulo Cinquenta e Quatro



**Tate**

**E**ra o mesmo sonho. O Kellan a cair daquele telhado, braços pendurados, pés a esvoaçar. O arrependimento enchia-lhe os olhos, muito arregalados e surpreendidos. Só que, desta vez, eu estava lá para o apanhar. Tinha a carta na minha mão. Um manifesto de uma página inteira sobre todas as coisas que o Kel odiava em mim. Todas as razões pelas quais eu o fizera desejar morrer.

Posicionei-me na sua trajetória.

Estendi a mão para o apanhar.

E acordei.

A minha mão bateu na mesa de cabeceira, silenciando o alarme. Aquele órgão que tinha no peito ameaçava rebentar. Sentia-me como se tivesse corrido a maratona. Na verdade, tinha dormido umas boas sete horas. Preferia os sonhos rotativos dos meus erros a este. O erro irreparável. Aquele que me transformou num idiota insuportável durante todo o dia, mas como esse parecia ser o meu padrão ultimamente, duvidava que alguém na clínica notasse.

Quando saí da cama, senti-me tão merdoso como nas últimas semanas. Talvez ainda mais. Lavei-me, vesti roupa suficiente para ficar ligeiramente mais apresentável e desci os degraus.

Um som melódico subia as escadas, chegando até mim. *Charlie*. Verifiquei o meu telemóvel, apercebendo-me de que era sábado e que ela não trabalhava. Normalmente eu acordava cedo e saía antes de ela chegar. As suas perguntas sobre o manuscrito eram uma forma de assédio constante. Eu não queria saber nada sobre o *Doce Veneno*. Mas tínhamos iniciado o jogo do gato e do rato. Eu saía cada vez mais cedo; ela chegava antes do tempo. Hoje, ela venceu.



Entrei na cozinha. Um aroma cítrico invadiu-me as narinas, seguido pelo leve cheiro de algo a morrer. O que me fez lembrar. A comida. Procurei o pacote na ilha de cozinha e não o encontrei. A Charlie seguiu a minha linha de visão.

– Deitei-a fora. A carne estava toda estragada. Tentei manter os legumes, mas cheiravam a carne podre. Abri uma nova embalagem de ambientador. Ia dizer que esperava que não te importasses, mas duvido que te tivesses apercebido se não te tivesse dito.

Claro que não me teria apercebido.

Ela passou um pano nas bancadas. Pareciam limpas. Mais limpas do que alguma vez tinham estado desde que o Terry conseguiu despedir Hilda, a minha empregada, que optara por não mais voltar. *Nota para mim próprio: descobrir o que o Terry fez e disse para pôr a pobre Hilda a milhas.*

A Charlie mordeu o lábio inferior.

– O frigorífico está vazio. Quando foi a última vez que foste às compras?

Fiz o que fazia muitas vezes quando a Charlie aparecia antes de eu conseguir escapar. Ignorei-a. Fingi que ela não estava aqui e que eu não a queria. Esta era a minha melhor defesa para o facto de estar prestes a beijá-la.

Na minha periferia, vi-a levantar uma moldura dourada. Tinha uma fotografia de mim e do Kel no dia em que nos tínhamos conhecido. A única foto que tínhamos juntos. Crescer com *paparazzi* fez-lhe mal. Não ajudava o facto de ele me odiar.

Sem a foto do seu livro de curso (onde ele parecia estar prestes a matar o fotógrafo, a recorrer à bruxaria para desencadear um *tsunami* sobre a cidade de Nova Iorque e encontrar refúgio num Hot Topic), eu não tinha uma única foto do Kel no seu último ano de vida.

– Encontrei isto enquanto limpava a lareira. Estava virada para baixo.

*Outra nota para mim próprio: mudar a moldura da minha mesa de cabeceira para onde a Charlie não a consiga encontrar.*

E por que raio estava ela a limpar? Há alguns dias, pensaria que a empregada de limpeza tinha regressado, mas isto fazia mais sentido.

– Reparei que não havia fotografias do Kellan aqui. Eu tenho algumas...

– Ela mordeu o lábio. – Se as quiseres ver.

Parei, tentado por um momento de loucura. Não o suficiente para quebrar o meu silêncio.

– Estás a ignorar-me porque estás zangado por eu ter entrado aqui à força?

*Estou a ignorar-te porque não devia desejar-te, mas desejo.*

Agarrei numa barra do armário, li a data de validade e imaginei que não perderia um órgão com algo que já passara três meses da data.

– Não vai durar muito. Eu termino o livro em breve e vou-me embora. Não te chateio mais. – Ela fez uma pausa. – Saio da tua vida. – Virei-me e ela estava ali. Outra vez no meu espaço. Pestanejou para mim e o seu olhar desceu até aos auscultadores que tinha em redor do pescoço. – Esse foi o

prémio por teres adivinhado o sexo dos gémeos da Reagan?

Medi o pequeno espaço que havia entre nós e a bancada. Podia passar por ela, mas teria de lhe tocar. Contentei-me com um sim.

– Mas és o médico dela. Já sabias o sexo dos bebés.

– Sim. Mas duvido que estejas aqui para discutir ética de participações em festas de revelação de sexo. O que queres, Charlie?

*Não me faças perguntas. Não me faças perguntas.*

– Estou preocupada contigo.

Isso era quase tão mau como fazer perguntas.

– A sério? Não devias estar – disse eu, em tom de conversa. – Eu não sou um problema teu.

– Não te devia ter falado da carta.

– Enquanto andas por aí a decidir o que devo ou não saber sobre o meu próprio irmão, está à vontade para saíres.

– Estás em espiral descendente, Tate. – Ela parecia preocupada. Genuinamente. Se eu tivesse coração, ele estaria a bater muito depressa. – Eu mal te conheço e consigo ver isso. Não tens medo de cair?

*Como o Kellan?*

Foi uma má escolha de palavras e ambos sabíamos isso. Vi-a estremecer, as engrenagens a girar na sua cabeça.

– Aceitas visa? – disse eu, impávido. – Isto não é terapia. Deixa-te de perguntas, *Lottie*.

Ela nem sequer reagiu à sua alcunha. Pelos vistos, hoje estávamos a focar-nos nos meus demónios e só neles.

– A pergunta permanece.

– A minha resposta é a mesma: não é da tua conta.

– Eu já perdi um dos irmãos Marchetti. Diabos me levem se vou perder o outro. Estás em queda livre e prestes a chegar ao fundo do precipício. Esse órgão que tens no peito já quase não bate, repleto de sangue amargo, medo e arrependimento.

Neste momento, sentia-me filho de Terry Marchetti. Um idiota. Confuso. Indigno de respirar. Arrisquei tocar-lhe, passando por ela a caminho da porta.

– Isto não está a resultar.

Ela veio atrás de mim.

– Por causa das minhas perguntas?

– Pelo facto de estares aqui.

– Tenho de terminar o manuscrito.

– Já passaram duas semanas. – Enfiei os pés num par de sapatos italianos e ajoelhei-me para os atar. – Disseste que o Kel o tinha terminado e que só precisava de uns retoques de edição.

– *Muita* edição. – Ela seguiu-me até à porta e isto estava a começar a parecer demasiado doméstico para mim. Tinha de sair daqui. – Frases completas reescritas. Edição do enredo. Até mesmo alterações nos diálogos.

– Há pessoas que escrevem romances inteiros em duas semanas.

- Eu não sou uma romancista com experiência.
- Talvez o Kel devesse ter pedido a outra pessoa.
- Não havia mais ninguém – atirou ela. Tinha carregado no botão certo.

Ela estava tão furiosa que nem queria ver-me.

*Ótimo. Talvez me deixes sozinho para ser infeliz em paz.*

A minha mão tocou na maçaneta e abri a porta.

– Mete-te na tua vida, Charlie, e despacha-te. Quando regressar do parto espero que já te tenhas ido embora.

# Capítulo Cinquenta e Cinco



**Tate**

Contrariamente aos meus desejos, regressei a casa e encontrei a Charlie. A trabalhar. Com um bloco de notas na mão, o manuscrito empoleirado na ilha da cozinha.

Da entrada, fiquei a vê-la a andar pela minha casa como se fosse sua, tomando notas, consumindo o espaço. Sentia-o cheio. Mais cheio do que me lembrava. Nem com o Terry. Nem com a Hannah. Nem com o Kellan.

Ela viu-me passado um ou dois minutos, baixou o bloco de notas e agarrou no *Doce Veneno*.

– Eu fotocopiei o manuscrito. O original está num cofre à prova de fogo em casa. Posso fazer-te uma cópia, se quiseres.

*Não, obrigado.*

– Tenho uma pergunta – disse ela, quando se tornou claro que eu não ia falar. – É sobre uma passagem em que o Kel...

Coloquei os auscultadores abafando a sua voz. Ela cortou-me o caminho. Fiquei ali parado a ver os lábios dela mexerem-se, fingindo que a funcionalidade de cancelamento de ruído resultava melhor do que realmente era. Esta não era a primeira vez que fazíamos esta dança.

Eis como corria normalmente: A Charlotte abria a boca, eu via a determinação estampada no seu rosto e fugia. Se isso não resultava, arranjava forma de a silenciar. Quando ela percebia que eu não estava a ouvir, ia-se embora. Só que desta vez, ela não foi.

Os meus pés levaram-me até à sala de estar onde me sentei no sofá e liguei a televisão pela primeira vez. Ainda tinha os auscultadores. Não a conseguia ouvir nem à televisão, mas consegui sentir-me como o anormal do meu pai. Por falar nele, tudo o que o Terry fazia era comer, dormir e

desaparecer. Reconheci os sinais da depressão. Pelo menos, agora. Mas não conseguia ajudá-lo.

A Charlie sentou-se ao meu lado. Vimos um documentário sobre leões no Discovery Channel enquanto ouvia um *podcast* sobre partos. O obstetra, que parecia ter tirado o curso de medicina na Farinha Amparo, falava sobre a beleza da capacidade de adaptação do canal de parto. A vagina. Ele estava a falar sobre a vagina. Só que não conseguia dizer a palavra. Desliguei o *podcast*. A Charlie tinha deixado de falar já há algum tempo. Pus os auscultadores no bolso, esperando que ela continuasse onde tinha parado. Mas não o fez. Não sei porquê, talvez por privação de sono ou por insanidade, mas ofereci-lhe um ramo de oliveira.

– Tu não entendes. – Fiquei a olhar em frente para os leões e as zebras. – Fico fisicamente mal só de pensar neste livro e naquilo que pode conter.

– Só precisas de o ler uma vez e saberás. – Mas a forma como ela o dizia, como se nem ela quisesse que eu o lesse, dizia tudo.

Terminámos o documentário juntos. Desta vez, não usei os auscultadores. Desta vez, ela não falou. Quando os créditos apareceram, o seu estômago roncou.

Ela estremeceu.

– Não tive tempo para comer e a tua casa é um deserto de comida.

Era quase meia-noite. Tê-la aqui já era perigoso. Tê-la aqui, tarde, sozinha e ao meu lado? Absolutamente letal.

Suspirei, dirigi-me à cozinha e coloquei uma pilha de menus em cima da ilha.

– Escolhe um.

Um sorriso iluminou-lhe o rosto. Ela espalhou os menus, demorando tempo a escolher. O logotipo do Pauli's Kitchen olhou para mim. *Não o escolhas. Não o escolhas. Não o escolhas.* Ela tinha jeito para me fazer sentir pequenino. Nesta altura era um talento comercializável.

Ela agarrou no telefone e marcou um número, tapando o bocal com a mão.

– Queres alguma coisa?

– Não.

– O frango à parmesão parece bom.

Fiquei imóvel, murmurando mais um não. Ela olhou para mim com ar estranho, fez a sua encomenda e desligou. Enquanto esperávamos pela comida, os meus olhos percorreram a cozinha, em busca de uma distração. Fixaram-se na cicatriz no pulso da Charlie.

– Onde fizeste isso?

Ela escondeu-a.

– Queria morrer com uma cicatriz no pulso.

*Como a irmã.* Li as entrelinhas. Fizera-a a si própria.

– Como te sentes? – Levantei-lhe o pulso, aproximando a cicatriz do meu rosto. Era vermelha, saliente e zangada. Algo que deve ter durando

meses se não anos. – Não sou dermatologista, mas parece um quelóide. Eles podem ficar sensíveis. Por vezes dolorosos.

– Nada que eu não consiga aguentar.

– Fizeste algum exame?

– Não.

A comida chegou antes de poder convencê-la a ir a um especialista. Paguei a comida enquanto a Charlie preparava o prato de massa e o mesmo frango parmesão que o Kel me comprou no dia em que morreu. Ainda usavam a mesma embalagem. Tinha de sair daqui, caso contrário começava a vomitar.

– Onde está o Terry? – A Charlie mexeu o *tagliatelle* com o garfo.

– O que é que isso interessa?

– Ele é teu pai.

– Ele é o meu dador de esperma.

– É o que estás sempre a dizer. Acontece que ele também é teu pai.

– E tão fiável como um pneu furado, o que anula qualquer reivindicação que ele tenha sobre paternidade.

Ela cortou o frango. Vi os sucos a escorrerem no seu prato, diluindo o molho vermelho-sangue. Ela enfiou uma garfada na boca, suspirando.

– Isto é tão bom. Tens a certeza que não queres?

– Tenho. – Precisava que ela acabasse de comer e fosse embora. Que saísse do meu espaço. Da minha cabeça.

– O Kellan costumava ver-me comer. Encontrávamo-nos no meu aniversário todos os anos e ele trazia-me sempre algo doce para comer. Mesmo quando era repugnante, eu adorava. Acho que gostava de sentir os seus olhos em mim. Mais ninguém me prestava atenção.

A forma como ela o disse, a forma como os seus olhos baixaram, foi como se as coisas ainda não tivessem mudado. A sua situação em casa ainda doía.

– Ele alguma vez te contou sobre quando o conheci? – Lembrei-me do fim de semana com muita clareza. Tinha voltado a casa nas férias da Páscoa, mesmo a tempo de ver um irmão que nunca tinha conhecido e a ser-me imposto como um dos vestidos da mãe sempre fora de época.

– Não. O que aconteceu?

– Não te importas de perder o apetite?

Ela afastou o prato.

– Se isto acabar por ser um método de dieta inovador, digo-te já que vou patentear-lo.

La sentir falta dela quando ela terminasse o projeto, isso era certo.

– A mãe dele estava sabe Deus onde. O mesmo acontecia com o Terry. A minha mãe apareceu com o Kel um dia e disse: «Este é o teu irmão. Hoje vamos tomar conta dele.» Foi a primeira e única vez que o vi até o Terry aparecer à minha porta com o Kel a reboque.

Ela agarrava-se a cada palavra minha. Como se fossem migalhas preciosas para saborear.

– Que idade tinha ele quando se conheceram?  
– Oito. O suficiente para se lembrar daquilo que aconteceu.  
– O que aconteceu?  
– Estávamos a almoçar num restaurante. Ele estava a chorar porque queria saber onde a mãe tinha ido, por isso, para o distrair, contei-lhe aquela anedota do «puxa-me o dedo».

– Aquela em que puxas e te peidas?

Eu fiz o mesmo sorriso que ela.

– Fiz o som com a boca, mas sim.

– Deixa-me adivinhar. – Ela inclinou-se para mais perto como se estivéssemos a partilhar um segredo.

– O Kellan queria experimentar?

– Sim. Então, puxei-lhe o dedo e ele peidou-se. Mas não foi só isso que ele fez.

– Não. – O seu queixo caiu. Ela recostou-se na cadeira. – Não pode ser. No meio do restaurante?

– Ele começou a chorar. A mãe deu-lhe a camisola para ele atar à cintura e saímos tão depressa que acho que os empregados nem perceberam o que tinha acontecido. Quando o vi novamente, o Kel não conseguiu olhar-me nos olhos durante uma semana, o que foi uma proeza, tendo em conta que já estava a viver comigo. Depois disso, todos os anos, no Natal, ele oferecia uma camisola à minha mãe. – Bufei. – Acho que roubava algumas à mãe dele porque eram usadas e muitas cheiravam a perfume.

A Charlie atirou a cabeça para trás e riu-se. Eu compreendia porque o Kellan gostava dela. Ela era nervosa, mas doce. De alguma forma, era capaz de penetrar a nossa pele num curto espaço de tempo. Ela era letal. Ela era o Veneno. O *seu* veneno.

O meu sorriso esmoreceu quando percebi o que estávamos a fazer. A sorrir. A rir. Parecia assustadoramente próximo da felicidade e eu nunca tinha conseguido ganhar esse direito. Estava destinado a morrer como um miserável. E merecia-o.

Aclarei a garganta.

– Com que frequência passavas tempo com ele?

– Não com frequência suficiente. Os nossos encontros eram sempre segundo as condições dele e a maior parte das vezes eu era demasiado cobarde para lutar contra isso. Acabei por procurá-lo, mas ele recusou. – Ela encolheu os ombros, metendo a massa no seu prato em forma de círculo. – Acho que ele estava a salvar-me da sua má reputação.

– Ele tinha um complexo de herói?

– Comigo, pelo menos.

– Não sabia.

As palavras foram ditas num tom muito baixo, mas ela ouviu-as.

– Deve ser doloroso partilhar um coração com tanta mágoa.

Eu engoli em seco. Desviei o olhar. Olhei para o relógio.

- Está a ficar tarde.
- Ainda não acabei de comer.

Era mentira, mas isso não a impediu de espetar o garfo num bocado de frango com parmesão e de o meter na boca. Demorou algum tempo a mastigar. Quando abriu novamente a boca, preparei-me para as suas palavras.

– Uma vez ele escreveu um conto sobre duas crianças que procuravam uma bruxa para lhes conceder desejos. Queres ouvir?

Eu sabia que devia parar com isto se quisesse sobreviver, mas dei por mim a anuir.

– A rapariga e o rapaz tinham perdido os pais. – Ela engoliu em seco, desviando os olhos. Perguntei-me se o Kel teria escrito esta história para ela. E para ele próprio. Uma rapariga órfã e um rapaz que encontrou a mãe morta. – Ela temia a solidão. Ele detestava a dor. – Os olhos de Charlie fecharam-se, as sobrancelhas franzidas e unindo-se no meio como se ela estivesse a imaginar a cena enquanto a narrava. – Juntos, eles encontraram uma bruxa que concedia desejos que duravam para sempre.

Os meus olhos fixaram-se nela como se eu fosse a flecha e ela o alvo. Por um momento, perguntei-me como seria ler por prazer. Tal como lhe agradava tanto.

– A rapariga desejava viver sem medo e o rapaz desejava viver sem dor. A bruxa concedeu-lhes esses desejos. Os anos passaram e a rapariga deixou de sentir medo e o rapaz deixou de sentir dor. No entanto, nenhum deles sorria. Voltaram à bruxa e pediram-lhe que lhes concedesse outro desejo – a felicidade. A bruxa disse-lhes que não podia fazer isso porque os seus desejos anteriores eram permanentes e não se consegue sentir felicidade sem conhecer o medo e a dor. – A Charlie aproximou-se, agarrando a minha mão. – A dor é o crescimento. O medo é o risco. Ninguém pode ser feliz sem crescer nem correr riscos.

Ouvi as palavras que ela não disse: *Lê o manuscrito, Tate.*

Retirei a minha mão das dela.

– O Kellan escrevia contos de fadas? – Eu parecia cético, mas não estava. Não realmente.

– Sim.

– Ele escreveu mesmo isso? Ou estás a tentar dizer-me alguma coisa?

– Ambos. – Ela ficou à espera, pousando o garfo na bancada, manchando-a com molho de tomate. – Só para que fique bem claro, só estou preocupada com o teu bem-estar porque vais fazer o parto dos bebés da minha chefe na próxima semana.

– Claro como água. – Não. Nem por um segundo pensei que isto tivesse algo a ver com o parto induzido da Reagan.

A Charlotte Richards tinha razão. Eu estava em queda.

Mas ela também.



# Capítulo Cinquenta e Seis



**Tate**

**Terry: Preciso do *Doce Veneno*.**

**Eu: 09609999 Erro número inválido. Por favor, reenvie usando um número ou um código válido de 10 dígitos.**

**Terry: Ah! Ah!**

Entrei numa consulta com uma paciente de quarenta e dois anos que queria tentar outra ronda de fertilização *in vitro*. Quando terminei, encontrei três mensagens do meu querido dador de esperma.

**Terry: Não tem piada.**

**Terry: Estou a falar a sério.**

**Terry: Eu preciso de ver o manuscrito.**

**Eu: O mais perto que vais chegar do livro do Kellan é num tribunal quando eu apresentar uma ordem de restrição.**

Ele ligou-me de imediato. Carreguei em ignorar. Parte de mim queria bloqueá-lo permanentemente, mas achei que faria um favor à polícia de Nova Iorque quando ele tivesse uma *overdose* e acabasse na morgue por identificar.

**Terry: É importante.**

**Eu: Sobreviveste oitenta anos sem isso. Vais sobreviver mais.**

**Terry: Eu tenho sessenta e três anos.**

**Eu: Posso sugerir Botox?**

Desliguei o telemóvel durante o resto do dia e regressei a casa depois de

um longo parto, completamente exausto, esfomeado e rabugento e encontrei o Terry a dormir no sofá. A sua forma preferida de passar tempo depois de o ter obrigado a deixar as drogas. Atualmente, ele só possuía uma personalidade para as funções necessárias do corpo e para implorar pelo *Doce Veneno*.

Depois de o Kel ter morrido e eu ter decidido que a tortura seria o meu passatempo, tinha procurado sinais de depressão. Havia oito coisas importantes a ter em conta: desespero, perda de interesse, fadiga e alterações no padrão de sono, ansiedade, irritabilidade, alterações de apetite e de peso, emoções descontroladas e ideia de suicídio.

O Terry cumpria quase todos os requisitos. E eu também, já agora. Mas não conseguia preocupar-me. Ou decidir que valia a pena salvar qualquer um de nós.

Deixei-o a dormir e debati-me se o devia expulsar ao amanhecer, citando a falta de progressos no seu manuscrito como violação do nosso acordo. Decidiria de manhã.

Abri a porta do frigorífico, esperando de não encontrar lá nada. Em vez disso, deparei-me com o frigorífico totalmente abastecido. Bebidas energéticas arrumadas em coluna, café engarrafado e sumos naturais. Carne de aves e proteínas organizadas numa fila específica. A gaveta tinha alface, legumes e fruta – lavados e guardados em recipientes de vidro separados.

*Charlie.*

A única pessoa que faria isto por mim. O Terry certamente não o faria (e não saberia distinguir um pepino de uma curgete), a Hilda demitiu-se e mais ninguém tinha chave. Fiz uma sandes para mim, engoli-a em menos de duas dentadas e subi as escadas, ansioso por escapar à preguiça que estava colada às almofadas do meu sofá.

Encontrei a porta do quarto do Kel aberta e ouvi som lá dentro. A voz da Charlie, para ser exato. Espreitei para dentro, ficando ali à porta como um maldito cretino.

Ela estava deitada no chão, com o cabelo solto numa auréola, a olhar para o teto. A falar sozinha. Ou talvez com o Kellan. Não sei. Todos nós fazíamos coisas estranhas quando se tratava do Kel.

– Lembras-te de quando esperei em frente à tua casa?

Por um instante, pensei que ela estava a falar comigo.

Mas depois ela continuou:

– Esperei o dia todo que o Tate chegasse a casa, a ganhar coragem para gritar com ele por não te tratar bem, mas ele nunca apareceu. E tu chamaste a polícia. Fiquei envergonhada quando eles me expulsaram. E irritada. Meu Deus, eu estava tão irritada.

A sua mão pousou na madeira. Ela traçou um padrão que eu não consegui decifrar, suspirando.

– Às vezes pergunto-me o que teria acontecido se não tivesses chamado a polícia quando eu apareci, se o Tate tivesse chegado, se eu tivesse tido a oportunidade de falar com ele. Teria feito alguma diferença? Ainda estarias

vivo?

Uma lágrima solitária desceu pelas suas faces.

– Lamento tanto, Kellan. Lamento muito não ter tentado mais. Lamento muito que todos tenhamos falhado contigo. – Ela virou-se de lado, enrolando-se numa bola. – Eu penso muito no nosso pacto. Sobre o facto de o teres quebrado. Sobre o facto de eu ter quebrado uma regra primeiro. Mas devias ter-te encontrado comigo no telhado todos os anos até ao último ano. Roubaste-me um encontro, Kellan.

Eu queria abraçá-la. Para a esconder dentro de mim e protegê-la do mundo. Um sonho impossível. Mas dei por mim a agarrar a maçaneta. Ela falou novamente.

– O desconhecido assombra-me. Pensei que o ia perceber se lesse o *Doce Veneno*, mas as tuas palavras deixaram mais perguntas do que respostas. Se sabias que te ias matar, porque é que concordaste com o maldito pacto? Porque é que concordámos em olhar um pelo outro todos os anos? Porque é que não cometeste suicídio da primeira vez que nós tentámos?

*Nós.*

Petrifiquei. Não eram só suspeitas. Ela sabia que o Kellan queria cometer suicídio e não fez nada. Ela. Sabia. A minha mão agarrava a maçaneta com tanta força que quase a partiu. Não havia volta atrás depois disto. Nada de olhar a Charlotte nos olhos e desejá-la. Odiava-me por ter desejado isso.

Virei-me sem a confrontar. Não havia nada para dizer.

O Kellan conhecia-a melhor.

*A Charlotte Richards é Veneno.*

# Capítulo Cinquenta e Sete



**Charlotte**

**A**cabei de editar o *Doce Veneno* ontem à noite.

Três leituras, várias provas e muitas noites inteiras. Nunca me senti tão realizada na vida.

Também nunca me senti mais cansada.

– Estás bem? – Abigail parou junto à minha secretária com uma caneca de chá quente. Pousou-a, cuidadosamente para evitar uma pilha de papel. – Pareces exausta.

– Tenho tido problemas em dormir. Tenho um projeto apaixonante.

– Caramba. Um manuscrito?

Acenei com a cabeça, mas não entrei em pormenores.

Ela percebeu a dica e regressou ao seu gabinete.

Para ser sincera, não era só o *Doce Veneno* que me consumia. Agora o Tate ignorava-me e eu não conseguia perceber por que razão. Pensava que tínhamos feito tréguas durante o jantar, mas o seu comportamento tinha-se tornado... diferente.

Terá sido a carta?

Parecia sempre voltar a isso.

Não lha podia dar.

O que é que lhe podia dizer? Que o seu irmão me escreveu uma carta de despedida e não o mencionava, exceto para lhe chamar «aquele idiota»? Era algo tão à Kellan, que eu não sabia se me devia zangar ou chorar.

Não fiz nenhuma das duas, tirei a carteira e o que precisava dela.

Um cartão de visita.

Mexi-lhe, olhando para o cartão dourado como se ele me fosse morder. A luz incidia sobre o nome de Helen Moriuchi. Pelo que sabia, o convite dela

para lhe entregar um manuscrito tinha sido apenas uma gentileza. Como um «até à vista» que se diz a um conhecido distante sabendo que não se tem intenção de voltar a ver.

Sentia a pulsação no pescoço. Agarrei no telefone, introduzi o número dela e impedi-me de carregar no botão «ligar». Se o fizesse, isso cimentava o meu compromisso de completar o manuscrito do Kellan.

Não havia volta atrás.

Seria definitivo.

Estava revogada a minha capacidade de me afastar.

Carreguei no botão de ligar.

A Helen atendeu após dois toques.

– Fala Helen Moriuchi.

– Olá, Helen. – Pigarreei para aclarar a voz. O telemóvel escorregou um pouco. Agarrei-o com a mão pegajosa. – É a Charlotte Richards... da Rothschild Literary and Management.

– Charlotte. – A sua voz era acolhedora, o que ajudou. – Disseram-me que a Reagan deu à luz ontem à noite.

– Sim. Em breve vai poder receber visitas.

– Já coloquei isso na minha agenda. Então, em que posso ajudá-la? Tenho a certeza de que não ligou só para falar sobre a Reagan. Tem algum manuscrito para mim?

– Na verdade, tenho. – Soltei um suspiro, quase me esquecendo de respirar. – Acho que é aquele que andava à procura. O grande. O que muda o jogo.

– Estou intrigada. Esse manuscrito tem nome?

– *Doce Veneno*. Não o consigo descrever adequadamente por palavras. É uma história de amor que nunca aconteceu. Uma reflexão sobre a vida e a decência humana e a sobrevivência. A legibilidade é ótima. O autor é perspicaz, rápido e fácil de seguir. Acho que se vai apaixonar pelo manuscrito como me aconteceu a mim.

– Alguma coisa do autor que eu possa ver?

– Ele é estreante.

– Hmm... – Ouvi a cadeira a ranger. – Gosto de cópias físicas. Permitem-me sentir o poder de uma caneta na mão. Então, que tal enviar o manuscrito para o meu escritório? A morada está no cartão de visita que lhe dei. Endereça-o a mim e eu leio-o assim que puder.

– Obrigada.

Algo parecido como esperança borbulhou dentro de mim.

Desliguei depois dela.

O meu rosto abriu-se num sorriso grande e pateta. Coloquei uma cópia recém-impressa do *Doce Veneno* num envelope almofadado, com muito cuidado para manter os cantos direitos.

Deixei o nome do Kellan fora do manuscrito, porque precisava de ter a certeza de que ela gostava dele pelo seu mérito e não pelo aspeto comercial de

um romance escrito pelo filho de Terry Marchetti.

Quando o estafeta o veio buscar, o peso que sentia no meu corpo diminuiu.

Senti-me leve.

Mais leve do que me sentira em quatro anos.

# Capítulo Cinquenta e Oito



**Charlotte**

Reagan exibia o sorriso orgulhoso de recém-mamã. Mas não era dirigido aos seus gémeos. Ela tinha dado à luz dois rapazes lindos e saudáveis há três dias. Noah e Ethan Rothschild. Eu tinha um nos meus braços e ela segurava o outro ao peito, amamentando-o.

– A Helen visitou-me ontem.

– Foi? – Tentei parecer casual. – O que é que ela disse?

– Disse que lhe enviaste um manuscrito para o escritório.

– Ela leu-o?

– Ainda não.

– Oh! De certeza que deve estar ocupada.

– Ela queria saber se não havia problema em recebê-lo vindo de ti. Eu disse-lhe que não havia problema nenhum, tendo em conta que a minha agência recebe uma boa parte de tudo o que vender. – Ela piscou-me o olho. – Também lhe disse que tinha dado a todos no escritório liberdade para tomarem as suas próprias decisões até eu regressar.

– Que generoso da sua parte – provoqueei, trocando o Noah pelo Ethan para que ela o pudesse alimentar de seguida.

– Nunca pensei que fosses encontrar o teu grande manuscrito nesta altura – brincou ela.

Conversámos durante mais uma hora, falando de tudo, desde os bebés ao parto doloroso e à vida no escritório sem ela. Quando a visita terminou, regressei a casa de bom humor, que desapareceu assim que encontrei a Leah no sofá, novamente a tricotar.

Desta vez eram camisolas.

Tão pequenas que serviriam num macaco.

Ela não disse nada quando entrei no apartamento, me dirigi à cozinha e preparei um prato de massa instantânea; eu não disse nada quando ela terminou a camisola/roupa de macaco e a juntou à pilha de atrocidades semelhantes já tricotadas, levantando-se para se esticar.

Passou por mim para ir buscar água.

Eu bebi o meu copo.

A perna dela tocou acidentalmente na minha.

Ambas fingimos que não tinha acontecido.

Ela suspirou.

Eu também suspirei.

E depois, ela enfiou as agulhas na gaveta ao lado dela, juntou as suas peças de tricô e entrou no quarto, fechando a porta atrás de si.

Respirei fundo assim que ela saiu. Senti que podia respirar outra vez.

Estava resignada ao que éramos.

Dois fantasmas a assombrar o mesmo espaço.



# Capítulo Cinquenta e Nove



**Charlotte**

Uma semana depois, a Helen convidou-me para jantar na mesma sala privada no Toshikoshi.

Não consegui avaliar o seu estado de espírito pelo telefonema, mas se ela tivesse bom gosto adoraria as palavras do Kellan. Qualquer pessoa que se preze no mundo literário ajoelhava-se perante a sua escrita maravilhosa.

E eu?

Eu era a protetora deste manuscrito. Assim que decidi aceitar o desafio do Kellan, prometi proteger a sua história. O *Doce Veneno* não seria arruinado. Deformado por mentes externas que nunca o conheceram nem o amaram. Transformado em alimento comercial para as massas.

A última vez que jantei com a Helen, a Reagan obrigou-me a usar roupa mais convencional. Desta vez, reconsiderarei. Se a Helen não me aceitasse como o Kellan me tinha descrevido, não podia confiar nela para lidar com o manuscrito sem alterar o seu âmago.

Por isso, à última da hora, decidi deixar de lado a roupa de trabalho que tinha preparado e fui com botas que me chegavam quase às coxas por baixo da minha saia preferida de xadrez com pregas, um *top* de mangas largas e um lenço no pescoço. Por outras palavras, a resposta do Dead Master à Sailor Moon. Exatamente como a Veneno usaria.

Helen franziu as sobrancelhas ao ver-me. Não tinha pensado bem na situação do jantar quando escolhi estas botas. Infelizmente, ela tinha de me ver a desamarrar as botas e a fazê-las deslizar pelas minhas pernas o mais graciosamente possível.

Eu balançava-me como se estivesse numa lancha, saltando sobre um só pé. A pobre da empregada ficou de lado, à espera de que eu lhe entregasse as

botas para as poder guardar num compartimento e dar-nos tempo para vermos a ementa.

– Botas assassinas – comentou Helen, quando a empregada nos deixou a sós.

– Literalmente. – Sentei-me no chão à frente dela, agarrei a ementa e apertei-a nas extremidades quando a vontade de balançar a perna aumentou. – Estive a dois segundos de partir o pescoço.

*Boa, Charlotte. Muito boa. Meu Deus, se estiveres aí em cima e me ajudares a gerir isto sem fazer porcarias, doarei o meu cérebro à ciência e talvez encontrem uma cura para a idiotice.*

Parecia uma daquelas anedotas. Um assistente de agente literário e um editor de aquisições entram num bar... só que era uma sala privada num restaurante exclusivo com bancos *zashiki*. Nenhum autor estreante recebia este tipo de tratamento. Especialmente um que era representado por alguém que ainda não tinha recebido uma promoção para agente.

– Antes de começarmos, posso saber porque me enviou isto? – Helen pousou o menu à sua frente. Havia algo no seu olhar inabalável. Algo... peculiar. – Embora eu não a conheça bem, a Reagan é uma das minhas amigas mais antigas. Tenho a certeza de que sabe que é um risco negociar com alguém com quem se tem uma relação pessoal. Como os acordos equitativos são raros, há a hipótese de uma de nós ficar a ganhar mais.

– Não podia dar o manuscrito à Reagan. Com a pré-eclâmpsia e o parto não seria correto sobrecarregá-la. – A minha perna estremeceu. Só uma. – Enviei-lhe isto primeiro a si antes de tentar a sorte noutros lados, porque preciso deste livro nas mãos de alguém em quem confie. Já que é uma das amigas mais antigas da Reagan, acredito que seja a Helen.

– E este é o manuscrito que selecionou como romance «a ler antes de morrer»?

Os nervos agitaram-me as mãos. Apertei o menu com mais força para os acalmar. Mas não me parecia estar nervosa e isso era importante para mim. Eu precisava que ela soubesse o quanto confiava no trabalho do Kellan.

– Se tenho de morrer, tenho mesmo de o ler. – Pousei a minha ementa, pondo as mãos sobre a mesa. Agora elas estavam firmes. Já estava no controlo da situação. – Li centenas de manuscritos no ano passado e nenhum deles chegou aos calcanhares deste. É mágico. Sei que concorda porque a magia é aquilo que procuramos neste negócio. Essa coisa evasiva, que nós perseguimos.

Ela anuiu.

– Tem razão.

O início de um sorriso formou-se num dos cantos da boca. Não tinha contado com diversão na reunião, mas aceitava-a. Esperei que ela continuasse. Nesta altura, ela parecia estar a arrastar isto de propósito, quer para me deixar confusa quer para teatralizar.

– Adorei – disse ela, por fim, com os olhos castanhos a brilhar. – De

facto, foi tão cativante que me esqueci de tomar notas da primeira vez que o li.

– Leu-o mais do que uma vez?

– Várias vezes, na verdade.

– Sete. – Levantei um ombro, sem vergonha. – Essa é a minha contagem.

Ela tirou o manuscrito da sua mala, colocou-o em cima da mesa e acariciou a página de rosto que, notavelmente, não tinha créditos de autor. Os seus dedos bateram no espaço vazio.

– Onde encontrou o autor?

Era aqui que as coisas se complicavam.

– É um manuscrito póstumo. – Isso significava que não havia uma lista de livros para aumentar as vendas. Não há livros futuros para publicar. As transações começavam e terminavam com este livro. Sustive a respiração. Os dedos de Helen pararam.

– Tem todos os direitos?

– O manuscrito foi-me legado, sim.

*Legado.* Uma palavra tão forte, considerando a área cinzenta de propriedade do *Doce Veneno*. Mas o Kellan tinha deixado claro na sua carta que o queria nas minhas mãos. Embora não tivesse consultado o Tate, suspeitava que ele não iria lutar comigo. Por uma vez.

Quanto a Terry... Bem, a opinião do Tate era mais importante para mim.

Pensei nas minhas próximas palavras.

– Gostaria que os lucros fossem doados com o nome do autor para a Biblioteca da Sociedade de Nova Iorque.

– Será uma herança inesperada. – As sobrancelhas de Helen ergueram-se.

– Espero que sim. – Fiz uma pausa. – Também espero que, independentemente das mãos onde acabe o *Doce Veneno*, ele seja bem tratado. A integridade do manuscrito deve permanecer intacta.

– Um autor estreante sem uma lista de antecedentes é um risco para a editora, mas este... é o tipo de livro que é estudado, *ad nauseam*, nos cursos de literatura.

» O tipo de livro que rapidamente é colocado em todos os principais clubes de leitura. O do Reese, o da Oprah, o do *Times*.

» Vou ser franca consigo porque é amiga da Reagan e ela disse-me para não ser agressiva consigo e agir como uma mentora.

– Ela disse isso?

Helen anuiu.

– Estou interessada no manuscrito. Em ser a editora dele. Em oferecer uma aquisição de antemão antes de ir a leilão. Numa negociação com condições muito favoráveis para si. Em participar na viagem do *Doce Veneno*, não importa de que forma.

– Uau! – *Ops.* Eu não queria dizer isto em voz alta, mas era a palavra do

momento. *Uau.*

– Normalmente, eu não mostraria o meu entusiasmo desta forma, porque isso mudaria a negociação a vosso favor. Mas ambas sabemos que, qualquer que seja o adiantamento que este livro vá ter, em breve passará para várias tiragens, adaptações, traduções. Então, qual é o objetivo de esconder o meu entusiasmo pelo projeto? Mas há uma coisa que me deixa curiosa.

– Há?

Ela levantou o manuscrito, virou a primeira página e folheou as páginas vazias.

– Reparei que deixou o nome do escritor de fora da página de título e dos cabeçalhos. – Ela semicerrou os olhos. – E que muitas vezes se refere a ele como «o autor». Não me diga que tirou isto a um assassino em série – disse ela, com a cabeça inclinada. – Na verdade, isso seria uma mina de ouro para o *marketing*. O próximo *As Imperfeições* escrito pelo protegido de Ted Bundy.

Engoli em seco. Claro que ela tinha reparado.

Demorei o meu tempo a responder.

– O nome do autor é Kellan Marchetti e não é um assassino em série.

– Marchetti... – E o choque continuava. Ela abanou a cabeça.

– Como em Terry Marchetti? Algum parentesco?

– O Kellan é... era filho dele. – As palavras saíram lentas. Relutantes.

Ela deve ter sentido o meu desconforto porque escondeu a sua reação, exibindo uma expressão neutra no rosto. Ainda assim percebi que tinha as palmas das mãos e as faces coradas.

– Agora faz sentido. – As suas pontas dos dedos voltaram a encontrar-se com o manuscrito, acariciando o título tão ao de leve que eu duvidava que ela tratasse os bebés da Reagan com mais cuidado. Eu entendi a reação. O que isto significava para o mundo editorial. Foi por isso que esperei até saber que ela adorava o livro para lhe contar.

Ela voltou a acariciar a página e depois colocou as mãos ao lado do corpo.

– O talento deve ser hereditário.

– Também acho que sim. Vejo muito do Terry na sua escrita, embora tenham as suas diferenças.

A mesma perspetiva torturada. Duas circunstâncias muito diferentes.

– Não que eu esteja a esconder a identidade do Kellan à Reagan – acrescentei –, mas pode deixar-me ser eu a contar-lhe? Eu quero explicar como entrei em posse do manuscrito.

– Claro que sim. Ela disse-me para tomar conta de si quando a fui visitar à Morgan-Dunn. Também disse que tinha grandes esperanças para o seu futuro. Agora entendo. Francamente, acho que não necessita de cuidados preferenciais. É mais corajosa do que esperava.

*Porque tenho algo pelo que lutar.*

– Obrigada.

– Eu tenho algumas notas no manuscrito para o autor. Se decidir vender-nos o livro, espero que sejam abordadas. Agora que sei que se trata de um romance póstumo, o problema é quem o vai reescrever. Este é o manuscrito em bruto que recebeu ou fez algumas mudanças?

– Li três vezes e fiz duas revisões. Está muito parecido com o manuscrito original, com alguns ajustes aqui e ali, especialmente na reação da mulher ao herói.

– Hmm. De facto, encontrei um problema nessa parte da obra. Falta alguma consistência à reação da Veneno ao herói sem nome. Na maioria das vezes é crua, gutural, real. Repleta de inseguranças que fazem com que o meu coração sofra pelo herói.

Esperei pelo «mas» e, realmente, apareceu.

– Mas o livro é contado na primeira pessoa, tempo passado, ponto de vista único. As reações da Veneno devem ser mostradas pela lente do herói. Se ele se sentir ansioso e torturado, não vai reparar que a Veneno o ama. Vai reparar nas coisas más – as mãos dela, o nervosismo, etc. – e assumir que ela não gosta dele. Quando ele a vê e fica hiperconsciente, às vezes é sobre as coisas erradas. Essas passagens não são adequadas.

Ela virou uma página marcada do manuscrito e mostrou-ma, apontando para a passagem. Eu li-a.

*A Veneno estava estendida no telhado diante de mim, com o corpo apoiado nos painéis, as costas arqueadas para admirar as estrelas. O seu olhar combinava com aquele que me mostrara nas aulas. Desejo. Fome. Entrelaçado com algo mais feroz. Quando a via assim, as palavras disparavam na minha mente, exigindo serem ouvidas. A mãe e o pai eram tóxicos quando juntos e chamavam a isso amor. Acho que o verdadeiro amor é um hábito incontrollável, como respirar. Nós nascemos com a capacidade de o fazer, por isso, quando acontece, é fácil. Sou eu a Veneno. No telhado. As únicas pessoas que existem no mundo. Nós e as estrelas.*

Era uma cena que eu tinha revisto. Na versão original, o Kellan percebeu a forma como me afastei dele enquanto falava e achou que eu não queria ouvir. Que eu estava lá pela emoção e não pela companhia. Depois de eu ter saído, ele considerou a hipótese de se atirar do edifício e chegou mesmo a dançar na ponta do parapeito e só parou quando a mãe do seu meio-irmão lhe enviou uma mensagem de agradecimento com uma foto dela com a camisola que ele lhe tinha oferecido no Natal. Não consegui aguentar a cena. Não parecia real. Como se ele a tivesse embelezado para dar um toque dramático. Mas eu conhecia o Kellan o suficiente para saber que ele estava a falar a sério. Pior, ele sabia que eu veria o manuscrito e tinha-o escrito na mesma. Nunca poderia expor a minha alma assim para o mundo ver os meus maiores erros, os meus medos mais profundos e o meu fracasso no amor. De facto, eu nem conseguia dizer à única pessoa que interessava. O Kellan.

Sacudi a minha perna. A sala estava quente. Inclinei-me para a frente, perdida no meu devaneio, até que Helen me tirou de lá da pior maneira.

- Acha que o Terry Marchetti estaria interessado em completar a edição?
- Ela recolheu o manuscrito, folheando-o distraidamente.

*Acho que ele não merece.*

Senti um peso instalar-se no fundo do meu estômago. Senti o resto do corpo a ser puxado por esse peso, a começar pelo coração e pelos pulmões. De repente, parecia difícil respirar. Eu devia estar boquiaberta.

A Helen leu a minha hesitação.

– Antes de me dizer alguma coisa, isto não é um estratagema para associar o nome do Terry Marchetti a este projeto. Já o está por defeito. Vejo grandes influências de *As Imperfeições* no livro, talvez por causa da sua relação e acho que o Terry Marchetti seria uma ótima combinação. É óbvio que o Kellan se inspirou muito no pai.

– Vou falar isso com ele.

*Improvável.*

– Sim, faça isso, por favor. Na verdade, não costumo fazer isto por um livro com o qual ainda não assinei um contrato, mas estas são as minhas notas sobre o manuscrito – linha, conteúdo e desenvolvimento. – Ela devolveu-me o manuscrito. – É seu. Mesmo que não me venda o livro. Mesmo que o venda ao Loran Greene da Hatch Press, aquele idiota.

Agarrei no *Doce Veneno* e pu-lo na minha mala o mais rápido que pude, com medo de que me queimasse.

– Obrigada.

– Que tal fazer estas modificações, quer a Charlotte sozinha quer com a ajuda do Terry Marchetti, e voltar a contactar-me sobre a aquisição? Podemos depois partir daí ou pode levá-lo a outro lado ou a leilão. – Helen inclinou-se para a frente, com a sua linguagem corporal em desacordo com as suas palavras. Ela queria o livro e queria-o muito. Por isso, o facto de ela não se ter vendido, de se ter comprometido em fazer a coisa certa, fez-me querer que fosse ela a editora. – Sem ressentimentos – prometeu. – Embora eu vá ficar com ciúmes de quem o conseguir. – E exibiu-me um sorriso.

Eu sabia que devia exprimir a minha gratidão, mas era difícil falar com o nó de emoções que sentia na garganta. Em vez disso, fiquei junto a ela, tirando as minhas botas do cubículo e tentando calçá-las o mais depressa possível sem parecer apressada.

– E Charlotte? – chamou Helen quando a minha mão tocou a porta.

Virei-me para trás.

– Sim?

Os olhos dela desviaram-se para a mala pendurada no meu ombro que continha somente o manuscrito. O seu olhar era inquisidor. Com perguntas que não conseguia decifrar. Mas depois os seus ombros descaíram e ela ofereceu-me um sorriso.

– Bom trabalho hoje.

Mas não o suficiente.

Passei os olhos pelas notas da Helen na viagem de metro para casa. Elas

enchiam as margens, escritas numa letra militante. Ela dera grandes críticas às partes a que eu tinha prestado mais atenção, adorando as passagens que mantive apesar de todo o meu corpo protestar contra a forma como Kellan se retratava: assustado, sozinho, quebrado. Sem esperança.

*E se não conseguires fazer justiça ao livro?*

A pergunta perseguiu-me até chegar ao tapete familiar do corredor do apartamento e forcei-me a admitir a resposta.

– Então, vais ter de pedir ao Terry.

Entrei na sala e encontrei a Leah a tricotar cachecóis que não combinavam. A televisão estava ligada à sua frente. Uma repetição do *Fear Factor* onde mulheres vestidas de biquíni se revezavam deitadas numa banheira com muitas sanguessugas. O seu programa favorito. Mas durante os seus últimos oito anos e meio, a Leah nunca enfrentara o seu medo. Uma ironia.

Fez uma pausa a meio de um ponto, com as agulhas de tricô suspensas no ar. Sustive a respiração e esperei que ela dissesse alguma coisa. Não disse. Os meus ombros descaíram. Agarrei num copo de água só para estar perto dela, para o caso de ela decidir que valia a pena falar comigo.

*Não.*

Depois de uma hora a comer à força uma segunda refeição só para estar perto da minha irmã, retirei-me para o meu quarto. Partilhava o teto com uma perfeita estranha da qual sentia uma terrível falta.

# Capítulo Sessenta



**Tate**

A Charlotte Richards perturbava-me. Passei os últimos meses a convencer-me de que, se trocássemos histórias sobre o Kellan, se limpássemos o quarto dele, se eu lhe desse os livros de *O Feiticeiro de Oz*, se lhe desse o *Doce Veneno* – se, se, porra, se – conseguiria cortar laços com ela de uma vez por todas.

Estava enganado. Ponto final.

Enganado como? Ela ainda bombardeava a minha casa todos os dias, ignorando-me quando lhe perguntava se já tinha terminado o manuscrito. A comida no meu frigorífico? Dela. O perfume no ar? Dela. O saco de lona do tamanho de um cadáver que descobri no meu corredor esta manhã? Dela.

Pelo menos, eu estava noventa e nove por cento certo de que não era meu. Fiquei a olhar para o objeto ofensivo, perguntando-me se o teria comprado. Ou pior, o Terry. Mas quando vasculhei, pronto para atirar o seu conteúdo para o camião do lixo, encontrei um espartilho. De renda preta com um laço vermelho enorme que não conseguia deixar de imaginar na Charlie.

Desci as escadas e despejei o saco na ilha da cozinha, ao lado da sua dona. Por incrível que pareça, ela fingiu não me ver. Segurava na mão um pano e uma solução de limpeza ecológica na outra. O seu dedo premiu o gatilho. Metade do produto diluiu-se no ar. A outra metade caiu na minha camisa.

Ela inclinou-se para a frente e limpou a bancada, cantarolando. Aproximei-me, aparecendo na sua linha de visão. Muitas vezes eu adaptava a minha existência para encaixar na dela. Em essência, ela destituía-me da minha vontade e era fácil odiá-la por isso. Nos oito anos que a conheci, a Hannah nunca me fez perder o controlo sobre mim. Como se eu precisasse de ser elástico, adaptável e em crescimento.



Mas a Charlie... raios a partam. Ela devia ter-me avisado de que o Kellan tinha pensamentos suicidas. Nunca me devia ter mentido sobre isso quando por fim me conheceu. Que mais sabia ela? Só a perspectiva fez com que a minha raiva aumentasse. Deixei-a a ferver. Algo crepitava entre nós. Algo denso e agourento. A sua atenção virou-se para mim. Primeiro, para os meus pés. Depois, para as minhas pernas e, por fim, para o meu peito. O meu pulso acelerava a cada progressão como um surto febril que não parava de crescer.

– Isto não é um hotel, Menina Richards. Deixe a sua bagagem em casa. Melhor ainda, fique lá. – Agitei o polegar para o saco de lona e falei assim que ela levantou os olhos para mim.

– Olá, também para si, Doutor Marchetti. – Ela pousou o frasco de *spray* na bancada e cruzou os braços. O pano roçava-lhe os bíceps, e por que raio é que ela estava sempre a limpar? Tinha de admitir que desde que ela chegara a minha casa estava mais limpa do que nunca.

– Estamos com um clima estranho – observou ela. – Passou de soalheiro a nublado muito depressa.

– Talvez também irrites a natureza.

– Não estou a falar da meteorologia, Tate.

Ergui uma única sobrancelha.

– Também não estou a falar da natureza, Lottie.

Ela recuou perante a alcunha, cortando a conversa e virando-me as costas. Pensei em pô-la na rua, mas em vez disso abri o frigorífico, puxando o colarinho da minha camisa Tom Ford. Ela tinha razão. O tempo parecia mudar a grande velocidade. De repente, fiquei com calor. Desesperado por sair dali.

Agarrei numa garrafa de bebida energética e bebi metade de um só gole. Quando me virei, ela estava a limpar o lado oposto da ilha. Ordenei aos meus pés que me tirassem daqui. Eles recusaram-se a mexer. Éramos uma grande metáfora. Eu, a sombra. Ela, o corpo.

*Que raio ainda estou a fazer aqui perto dela? Pés, tirem-me daqui.*

Novamente, os idiotas não me ouviram.

Sentei-me num banco alto sem me preocupar em esconder o facto de que estava a observá-la.

– Fiz alguma pesquisa ontem à noite.

Ela não respondeu.

– Sobre o tempo que é necessário para editar um romance completo, como o do Kel.

Nada, ainda.

Tentei outro ângulo.

– Encontrei térmitas esta manhã. Uma infestação. Vou mandar fumigar a casa. Vais ter de te ir embora. Tenho a certeza de que quando terminar, também já terás terminado o manuscrito, por isso não precisas de voltar mais.

Tretas. As térmitas. A infestação. A fumigação. Tudo. Não estava à espera que nada daquilo funcionasse. As nossas vidas eram uma teia

cuidadosamente elaborada de desgraças. Um fio podia partir-se, mas haveria sempre mais alguns que continuavam firmes. Neste caso, os fios que se romperam foram a confiança e a traição. Nunca lhe perdoaria por ter guardado segredos de mim. Também não voltaria a confiar nela.

– A fumigação está marcada para daqui a algumas horas. Espero que saias até lá.

Silêncio.

A Charlie parecia distraída. Consumida pelos seus próprios pensamentos.

*O bem-estar dela não é problema teu, Tate.*

Eu precisava de esquecer o facto de que ela sabia que o Kellan se queria suicidar e nunca me ter dito nada. Os meus pés finalmente entenderam a dica e mexeram-se. Passei por ela e cheguei a meio das escadas antes de parar.

*Não dês um maldito passo em direção a ela. Não é da tua conta. Tu não a suportas.*

Dei o maldito passo. Depois outro. E mais outro. Até que fiquei em frente dela, que continuava a limpar a bancada. Para todos os efeitos, esta bancada podia estar num anúncio de produtos de limpeza. Ou qualquer outra marca orgânica de merda que ela tivesse na mão.

– Charlie.

– Hum – murmurou ela, sem fixar o olhar em nada. Apenas no vazio.

– Já terminaste o manuscrito?

– Hum.

– Tens intenção de sair de minha casa no próximo século?

– *Século?* – Ela bocejou, piscando os olhos lentamente. – Sim. Claro. Posso comprometer-me com isso.

Semicerrei os olhos.

– Hoje comi o meu pé.

– Parece-me delicioso.

– Tinha um sabor estranho, mas acho que é para isso que serve o *ketchup*.

– *Sriracha* também. Não te esqueças da *sriracha*. – Ela não estava a prestar a mínima atenção.

– Acho que da próxima vez vou experimentar o molho *barbecue*.

– Hum. Depois diz-me como correu.

– Ou talvez o teu pé soubesse melhor.

– Uh, uh.

– Charlie.

– Sim?

– Charlie.

– Completamente.

– Charlotte Richards!

Ela levantou subitamente a cabeça.

– Hein?

– Exceto se tiveres desenvolvido um gosto pelo canibalismo ou por uma variedade fetiche por pés, não tens estado a prestar atenção a nada do que disse.

– Fetiche por pés?

– O que se passa contigo?

Ela suspirou.

Eu abanei a cabeça.

– E antes que o negues, lembra-te de que seria hipócrita mentires, tendo em conta o quanto me tens pressionado nos últimos meses.

– Não é nada... – Ela viu a minha expressão de «deixa-te de merdas». – Está bem. Não importa. É a Leah. Não nos falamos.

– Não falam... do tipo nada ou menos que o habitual?

– Como em... brigar mesmo. Não estou a falar da nossa habitual guerra fria.

– Quando é que isso começou?

*Porque te preocupas?*

– Talvez há um mês. Pode ser mais.

– O que é que provocou isso?

*Outra vez, parvalhão – Tu. Não. Te. Importas.*

– A carta do Kellan.

– Elabora.

Lá se foi mais um fio. A paciência. Era reconhecidamente o fio mais pequeno. E apenas reservado para momentos como este, para me lembrar de que eu estava descontroladamente fora de controlo quando se tratava de Charlotte Richards.

– Nunca entro no quarto dela. – A Charlie pousou o pano e o frasco, encostando-se à ilha. – Não desde o incêndio, quando lhe roubei os cigarros e o espaço dela se tornou o ponto zero do nosso sofrimento. – Mas discutimos no mês passado, eu entrei no quarto e vi a carta.

Engoli em seco.

– Pela primeira vez?

– Sim. Reconheci a letra de imediato e agarrei-a. A Leah disse-me que o Kellan lha entregou na noite em que morreu e lhe pediu para ma entregar, mas ela nunca o fez. Em vez disso, mandou-me ir buscar um maço de cigarros e eu cheguei tarde ao meu encontro com o Kellan.

*No telhado*, pensei, lembrando-me daquilo que ela sussurrara no quarto do Kel. Eles encontravam-se no telhado de St. Paul. Todos os anos. Para verem se estava tudo bem um com o outro.

*Ela precisava que vissem se estava bem.*

Isso não me surpreendeu. Considerava a morte dos pais como culpa sua. E não ajudava o facto de a Leah a culpar pelo estado da sua cara em vez de estar grata por a irmã estar viva. Eu daria qualquer coisa para ter o Kellan de volta. Qualquer. Coisa.

– Ela foi a última pessoa que ele viu? – Não queria pressioná-la sobre o

seu acordo com o Kel.

A Charlie olhou-me com cautela, apressando-se a dizer:

– Antes de te zangares, e tens todo o direito de o fazer, entende que ela não sabia que o Kellan se ia suicidar. Eu também nunca lhe disse que ele se tinha suicidado. Por isso, a carta ficou no quarto dela. Intocada. – Ela ergueu o queixo. – Mas levou-a consigo quando nos mudámos e eu gostaria de pensar que isso significa alguma coisa. Ou talvez esteja a inventar desculpas para ela. Seja como for, pela primeira vez desde o incêndio, estou zangada com ela e sinto que tenho todo o direito de estar.

– Mas continuas a sentir-te culpada.

Charlotte Richards: a mártir.

Às vezes, ela conseguia ser muito estúpida.

– Ela sacrificou tanto por mim. – Levou o dedo ao peito e acertou em cheio no coração. – Perdeu os pais por minha causa, odeia a sua cara e desistiu da faculdade.

– Essas decisões foi ela quem tomou.

– O fogo...

– Foi iniciado por cigarros que ela deixou em casa antes de sair depois da hora de recolher.

– Não estou a tentar culpá-la.

– Não. – Eu avancei, encurralando-a contra a ilha para que ela não tivesse escolha senão ouvir-me. Consumida. – Estás a tentar culpar-te a ti própria. Notícia de última hora, Charlie: isso não ajuda ninguém. Muito menos a ela.

– Eu tentei tudo. Estendi um ramo de oliveira uma e outra vez. A maldita árvore inteira. Ela não muda.

– Então, estende outro maldito ramo de oliveira. Detesto dizer-te isto, mas não te vai matar. – Afastei-me, pelo menos fisicamente, avançado um pé na direção da fila de armários atrás de mim.

Ocorreu-me que estava muito errado em abordar este assunto. Que hipócrita isso me fazia sentir. Como ela era frágil quando se tratava da irmã.

Suavizei a minha voz.

– Faz as pazes com a Leah. Não interessa como ou o que tens de fazer para que isso aconteça ou quem tem de avançar primeiro. Quando eu morrer, o meu maior arrependimento será a relação de merda que tinha com o meu irmão. Tu tens oportunidade de salvar a tua.

Ela desviou os olhos, cruzando os braços.

– Isso é lindo vindo de ti. – Os nossos olhares cruzaram-se. – Já consideraste a reconciliação com o Terry? Ele está sóbrio há meses, Tate.

– Ele vive em minha casa – disse eu, como se fosse o suficiente. E era. Na verdade, era demasiado.

– Uau! Que generoso da tua parte. – Ela aplaudiu, lentamente. – Devias ser canonizado por seres santo.

– A diferença é que o Terry é um pedaço de merda inútil.

– Ele é teu pai.  
– Isso é uma desculpa. Há pessoas que não precisamos na nossa vida. Há coisas que ninguém devia ter de suportar. Nunca andaste de avião?  
– Sim. O que tem que ver com isto?  
– E ouviste aquele discurso sobre segurança?  
– Claro.  
– Então sabes como é. Devemos colocar a máscara de oxigénio antes de ajudar o passageiro sentado ao nosso lado. E não faz mal escolheres-te a ti primeiro. De facto, devias. Lembra-te disso, Charlie. Deixa que isso se entranhe nesse teu cérebro teimoso.

Ela sacudiu as mãos, mudando de assunto.

– Eu mandei o livro do Kellan para uma editora. Uma das grandes. Uma das maiores do país.

– E? – perguntei, respirando fundo.

– E ela adorou. – A Charlie começou a morder o lábio, mergulhando o queixo no peito. – Ela também me deu *feedback*. Eu passei as notas e tentei corrigir aquilo que precisava de correção, mas... estou a ter problemas. Eu consigo identificar os problemas melhor do que resolvê-los. Não sou escritora. Estou fora da minha zona de conforto. Acho... acho que preciso da ajuda do Terry. Ele concordaria com isso?

– Não te incomodes.

– Ele é o único que pode fazer isto.

– O Terry é um aldrabão sem qualquer talento.

– Ele é um dos autores mais famosos do mundo.

– Ele é uma fraude.

– Tu nem sequer leste *As Imperfeições*. Tu próprio o disseste.

– Não preciso de ler *As Imperfeições* para saber que ele é um aldrabão sem talento. É a última pessoa a quem deves pedir ajuda.

– Oh! E porquê? – Ela cruzou os braços e bateu com os pés na madeira.  
– Estou à espera.

– Porque ele plagiou *As Imperfeições*! – Dei um salto para a frente num movimento errático. Os braços dela descaíram. Os seus pés imobilizaram-se.

– Desculpa!?

– Ele próprio o admitiu.

– Impossível.

– Sabias que o Terry me pede o *Doce Veneno* todos os malditos dias? – Assim que ela desviou os olhos, eu soube que ele já lho tinha pedido também. Tão previsível. Algumas pessoas nunca mudam.

– Claro que ele pergunta por ele. É o livro do seu filho.

– O Terry nunca conheceu uma tentação a que não tenha cedido. Faz parte da sua personalidade. Sempre foi assim. Duvido que ele esteja a pedir o *Doce Veneno* por bondade. – Ela envolveu a barriga com os braços.

– Dá-lhe uma oportunidade, Tate. Toda a gente merece uma segunda oportunidade.

– Como a que estás a dar à Leah?

Abanei a cabeça.

– O Terry já teve uma segunda oportunidade. E uma terceira e uma quarta e até uma quinta. Tantas oportunidades que já não tenho dedos para contá-las. – Soltei uma gargalhada seca. – O Kellan não sabia que o Terry tinha plagiado *As Imperfeições* e desperdiçou a sua vida a idolatrar o pai para nada. Olha onde isso o levou, Charlie.

– Mas...

– Não vás ter com o Terry. Não vai acabar bem. Nunca acaba.

# Capítulo Sessenta e Um



**Tate**

Percebi que era uma má ideia assim que me passou pela cabeça. Mas o meu controlo de impulsos andava muito em baixo nestes dias. Estava no meu ADN, suponho. Eu era filho de Terrence Marchetti, afinal de contas. Que foi a desculpa que usei quando entrei no meu Lexus pela primeira vez desde há algum tempo e me dirigi para uma zona da cidade mais a norte do que alguma vez frequentara.

Morris Heights consistia em moradias geminadas e complexos de apartamentos construídos após uma onda de incêndios criminosos nos anos setenta. Alinhavam-se nas ruas, dominadas por prédios de altura média, terrenos baldios e escadas íngremes que explicavam o traseiro firme de Charlotte Richards.

Estacionei no único lugar que consegui encontrar, aguentando o calor invulgar, amaldiçoando as colinas a cada passo que dava. Nesta altura, estava a ignorar ativamente todos os sinais de que não devia ter vindo. Precisava de um que não conseguisse ignorar. Um relâmpago. Um ataque cardíaco. Um derrame cerebral.

*Estás aí, Deus? Escolhe um.*

Passei por alguns restaurantes de bairro. Mais uma tonelada de escadas. E, finalmente, dei por mim em frente ao complexo de apartamentos da Charlie à espera de que alguém entrasse para eu poder passar, como faria um perseguidor.

Já atingira o critério de fixação doentia há trinta erros atrás e perguntava-me se alguma vez poderia recuar. Era hora de voltar atrás. Desfazer este nível de loucura tipicamente reservado aos rapazes pré-adolescentes com cérebros muito pouco desenvolvidos.

*Não.* Entrei pela porta logo a seguir a uma família de quatro pessoas e isso selou o acordo sobre o debate se a minha alma é passível de ser salva. Cheguei ao 3C. O apartamento da Charlie. E eu não tinha nenhuma boa desculpa para saber isso... para além do facto de nunca lhe ter pedido para ser o seu ginecologista, não me podiam culpar por ter acesso aos registos dos meus pacientes e não ter culpa de, um dia, ela ter deixado a carteira aberta na minha bancada. Ninguém a convidou a entrar em minha casa. Muito menos eu. Quando muito, podia culpá-la por fazer coisas inúteis.

*Se chegares mais longe, idiota, podes juntar-te à NBA com essa envergadura.*

Bati aporta. A Charlie ainda estava em minha casa quando eu saíra, pelo que era uma boa altura para o confronto. A porta abriu-se. Ofereci o meu melhor sorriso de confiança, ciente de ser um homem desconhecido a aparecer e, segundo a irmã, a Leah tinha um problema com as pessoas em geral.

– Bom dia. – Estendi a minha mão. – O meu nome é Tatum Marchetti. Prazer em conhecê-la. Precisamos de falar.

– Marchetti – repetiu ela, sem fôlego. – Onde é que já ouvi isso? Não pode ser a carta... – Os seus olhos arregalaram-se. Ela ignorou a minha mão estendida, recuando. – O irmão do Kellan? – Anuí. O meu sorriso desvaneceu-se. Como se eu precisasse que me lembrassem de como ela conhecia o Kel. Ela entrou no corredor e começou a fechar a porta atrás de si, mas os seus olhos fixaram-se na casa à nossa frente, o 3D. Voltou a entrar no apartamento. Afastou-se para o lado, deixando-me entrar.

– Isto é sobre a carta?

– Não.

Leah agitava-se. Parecia fazer isso muitas vezes também. As pontas dos seus dedos tentaram passar pela cara, mas baixou-os antes de fazer qualquer contacto com a espessa camada de maquilhagem. Era a sua versão do tique da perna da Charlie. As irmãs Richards estavam danificadas e possuíam o poder de se curarem uma à outra. Ela dirigiu a mão para o braço oposto e coçou-o na dobra do cotovelo.

– É sobre o quê, então?

– A Charlie.

Para que conste, isto não era sobre a Charlie. Eu revia-me na Leah. Vi todas as oportunidades que perdi com o Kel. As férias. Os aniversários. As brincadeiras. O envelhecimento. O futuro que ele poderia ter tido se eu me tivesse recomposto mais cedo e prestado atenção. E era por isso que eu não conseguia evitar, por mais que argumentasse para justificar porque devia regressar a casa. Vi todos os erros que cometi na Leah Richards e isso deixou-me furioso. Isto não era sobre a Charlie. Era sobre mim.

*Claro.*

– Charlie... – Leah franziu o sobrolho, reavaliando-me. As suas mãos moveram-se para as ancas. A hesitação desvaneceu-se. – Está a falar da Charlotte?



– Refiro-me à mulher que não consegue concentrar-se em nada durante mais de trinta segundos por sua causa.

– Desculpe? – O fogo iluminou-lhe os olhos. Da mesma tonalidade que os da irmã. – Oiça, amigo, quem é o senhor para entrar em minha casa e falar comigo sobre a minha própria irmã?

– Abriu-me a porta e deixou-me entrar. – Encostei-me à parede, oferecendo-lhe distância. – Dificilmente classificaria isso como intromissão.

– É aquilo que eu quiser. A casa é minha. As regras são minhas.

– Interessante – murmurei mais para mim próprio.

E era. A Leah parecia-se mesmo comigo. De facto, eu devo ter dito isso ao Terry algumas dezenas de vezes. Só na semana passada.

– Interessante? – Ela franziu o nariz. – Eu não conheço. Não lhe compete vir aqui e intervir na minha vida.

– Eu conheço a Charlie. É da minha conta. – Dei um pontapé na parede, endireitando-me. – Vamos ser realistas. Mesmo que eu lhe prestasse atenção durante meio segundo, seria muito mais atenção do que aquela que ela recebe aqui.

– Ela incendiou a nossa casa de infância – cuspiu Leah.

– Estou bem ciente disso.

– Então, tenho a certeza de que também sabe que, ao fazê-lo, ela matou os nossos pais.

– Sim, mas não vou agarrar-me a um acidente que aconteceu quando ela tinha treze anos.

Tinha ligado aquele interruptor. Todos tinham um. A única coisa que, por si só, conseguia fazer com que se autodestruíssem.

Leah atirou as mãos ao ar.

– Não lhe cabe a si decidir se o incêndio foi um acidente! – Ela deu um passo na minha direção, cada vez mais irritada. – Eu corri para aquela casa. Vi as chamas a consumirem a porta do quarto deles. E nem sequer tive tempo de compreender as suas mortes porque tive de correr para salvar a minha irmã. Então, desculpe-me se não me interessa o que um completo estranho tem para me dizer sobre uma irmã que salvei.

O seu peito subia e descia em solavancos selvagens e ocorreu-me que eu nunca, em circunstância alguma, iria expor a minha Grande T a uma estranha. Mas ela parecia uma chaleira. O vapor escapava-se em silvos altos, a dez segundos de derramar tudo. Esta pode ter sido a primeira vez que ela falou sobre isto, pela forma como as suas palavras saíram.

– Está zangada.

– Claro que estou zangada. Ela roubou-me tudo. – Ela tinha colocado o dedo no meu peito, espetando-o a cada frase. – O meu futuro. O meu namorado. A minha cara. – *Facada. Facada. Facada.* – Até saber o que isso é, pode sair por aquela porta e nunca mais voltar.

– O seu namorado foi um idiota em ter-se ido embora. Está muito melhor sem ele. – A cada refutação, eu fazia um tique com o dedo. – O seu

futuro ainda está aqui. Pronto para si. Nunca é demasiado tarde. – Outro dedo. – E a sua cara? Não é o mesmo rosto que tinha antes daquela noite, mas mesmo assim é bonito. É também uma lembrança de que a sua irmã está viva. – Olhei para ela, vendo Leah, mas também a mim próprio. – Eu daria tudo para poder dizer o mesmo.

– Eu sou feia – disse ela, como se isso explicasse alguma coisa.

Ela não era feia. Longe disso.

– A sua autoestima sofreu um rude golpe. Mas a da Charlie também. Já reparou naquilo que ela faz com a perna? Puxando-a como se quisesse arrancá-la do corpo? – Observei Leah. Aparentemente, ela nunca tinha reparado.

Passados quase nove anos e ela nunca tinha reparado. Meu Deus, que mais eu não tinha reparado no Kel? Engoli em seco, forçando-me a continuar:

– Ou quando a Charlie se apercebe de que está a brilhar e se fecha em si mesma, não porque queira ficar escondida, mas porque se condicionou a acreditar que não merece atenção. A Charlie está a sofrer. É mau. Nem tudo gira à sua volta, Leah.

– Finalmente, tem razão em alguma coisa. Nada é sobre mim. Absolutamente nada.

Ela exibia um olhar que dizia que tinha de provar alguma coisa. A mim? À Charlie? A ela própria? Tinha de a provocar. Fazê-la libertar tudo até não restar mais nada. Com a sorte da Charlie, provavelmente a raiva da irmã seria um abismo sem fundo de onde ela não conseguiria sair com a Charlie sempre na sua mira. Mas, porra, tinha de tentar.

– Cresça, Leah. A vida é assim.

– Cresça? Crescer? – Ela cuspiu as palavras. – É realmente simpático.

– E a Leah está fora de si. – Abanei a cabeça, não acreditando no que estava prestes a fazer. Ouvi uma merda de um *podcast* de luto que a Hannah costumava ouvir. – Algumas pessoas têm tanto medo do amor que só sabem odiar.

– E acha que é o meu caso?

– Acho que perdeu os seus pais e tem medo de deixar entrar outras pessoas, incluindo a sua irmã, porque os pode perder. Por isso, age dessa forma.

– Ou talvez porque tenha todas as razões para odiar a minha irmã. – Ela fez um gesto na direção do seu rosto. – Por causa dela, eu não saio. Não tenho ninguém na minha vida. Estou sozinha. Estou a definhar enquanto a vida passa por mim. Olho pela janela todos os dias para os meus vizinhos, sabendo que nunca vou ter o que eles têm. Foi-me roubado pela Charlotte.

– Lottie. O nome que lhe dá é Lottie. Acho que ela ia gostar que lhe chamasse isso novamente.

– Não lhe cabe a si decidir.

Estávamos a andar em círculos e a paisagem não era boa. Não precisava de um doutoramento em psicologia para saber que isto não estava a resultar.

Decidi expor-me.

– Tenho a certeza que sabe que o meu irmão faleceu.

– Sim. – Ela acenou a cabeça, virando-a para o outro lado. Quando voltou a olhar para mim, a raiva tinha-se desvanecido dos seus olhos. – Lamento a sua perda. Lamento não ter dado a carta à Charlotte. Se soubesse, tê-lo-ia feito.

*E se a Charlie soubesse que iria provocar um incêndio, não teria fumado naquela noite.*

– O que a Charlie provavelmente omitiu foi que eu tinha a hipótese de salvar o meu irmão, mas não sabia. Não houve um incêndio para nós. Eu não cheguei a casa com o prédio em chamas e vi as opções óbvias à minha frente: salvar o Kellan ou deixá-lo morrer. A morte dele começou muito antes de ele parar de respirar. O suicídio é um longo caminho para um beco sem saída. Não é instantâneo. Há paragens nas boxes ao longo do caminho. Eu podia tê-lo salvado em qualquer uma delas, mas não o fiz. Tenho de viver com isso. Alguma vez parou para agradecer o facto de a Charlie estar viva? Já lhe disse que está feliz por ela ter escapado ao fogo?

– Claro que estou grata. Ela disse-lhe que não estou?

– Ela não precisa de mo dizer. Eu vejo-o todos os dias. Ela acredita genuinamente que a Leah não a quer na sua vida. Já alguma vez lhe perguntou se ela está bem? Como é que ela está a assumir a culpa? – Fiz uma pausa. – Alguma vez se perguntou se ela já esteve nessa estrada de sentido único?

Leah cambaleou para trás como se eu a tivesse atingido.

– Não. – Ela agarrou-se ao peito, fazendo pressão. – Ela nunca...

– Experimente perguntar-lhe como é que ela conheceu o Kellan.

Ao dizê-lo, eu sabia ser verdade. Não havia outra razão para eles fazerem um pacto para se encontrarem num telhado isolado em St. Paul. Também achei que tinha ultrapassado um limite, mas era o mesmo limite que a Charlie estava disposta a passar.

*Às vezes, pergunto-me o que teria acontecido se não tivesses chamado a polícia quando eu apareci em tua casa, se o Tate tivesse chegado, se eu tivesse tido a oportunidade de falar com ele...*

Lembrei-me das suas palavras. Elas afastavam a culpa que se agitava dentro de mim. Tinha intenção de explicar tão bem o meu ponto de vista que não precisaria de o fazer outra vez.

– Eu... – A cabeça de Leah pendeu. Ela não conseguia terminar a frase. A imaginar como a Charlie se sentia. Silenciada durante quase nove anos. Toda a empatia que eu sentia secou. Estava a admoestar a Leah, mas também estava a condenar-me a mim próprio. E foi selvagem, cruel e feio. Da única maneira que eu sabia ser.

– Dê um tempo à sua irmã. Ela está a perder-se para lhe agradar a si. Pare de agir como se ela lhe devesse alguma coisa – cuspi. Não havia como interpretar mal as minhas palavras. Não havia mais desculpas depois disto. – Deixou um maço de cigarros à mão de uma miúda de treze anos. Deixou o

lixo inflamável no caixote. Deixou o isqueiro. Foi você que lhe partiu a merda do coração naquela noite. Está na altura de assumir a responsabilidade dos seus atos. Eu já estive no seu lugar, Leah. Tentei colocar a culpa no meu irmão mais novo durante algum tempo. E isso levou-me exatamente onde a Leah está: a lado nenhum.

Não esperei que ela respondesse. Não havia nada a dizer. Eu sabia que as minhas palavras tinham atingido o alvo, instalando-se algures no fundo dela. Uma lágrima caiu-lhe pela face. Ela soluçou. Abanei a cabeça e virei-me para fechar a porta silenciosamente atrás de mim.

Estava um homem no corredor. Alto, tatuado e coberto de óleo de motor. Olhou-me fixamente, mas deixou-me passar, fazendo um pequeno aceno com a cabeça para me indicar que tinha ouvido tudo.

– Eu trato da Leah. – Ele fez uma pausa. – Não sei quem raio é o senhor, mas sei que a Charlotte vai odiar que tenha vindo falar com a irmã dela.

– Sim – murmurei, passando por ele. Desci as escadas a toda a velocidade, sabendo que a Charlie me mataria se descobrisse o que eu tinha acabado de fazer e não me arrependia num por um segundo.

*Eu devia odiá-la.*

Mas, no fundo, sabia que não a odiava.

Também sabia que era um hipócrita.

Porque o Terrence Marchetti nunca obteria outra oportunidade vinda de mim.

# Capítulo Sessenta e Dois



**Charlotte**

**E**stava a vigiar a casa do Tate, despejando uma quantidade obscena de *ketchup* num cachorro-quente que tinha comprado numa banca. Andei às voltas no quarteirão. À espera. Três horas e quarenta e dois minutos e a contar. Espreitei pela esquina. Ainda não havia sinal de Tate.

O Terry tinha entrado há meia hora, mas eu precisava que o Tate saísse antes de poder entrar. Ele não queria que eu envolvesse o pai dele no *Doce Veneno*, mas: 1) o ódio do Tate pelo Terry não mudava o facto de o Kellan adorar o pai, e 2) eu não podia fazer isto sem ajuda do Terry. Aceitei logo o facto após o meu encontro com Helen e desenvolvi um plano para enfrentar as próximas revisões do livro.

Primeira fase, emboscar Terrence Marchetti nas costas do filho.

Por fim – finalmente – a porta abriu-se. Tate saiu e virou-se para a fechar. Vestia um fato azul-marinho de três peças feito à medida para cada centímetro dele, e uma carranca gigante que eu conseguia ver daqui. Um sinal claro de que tinha interagido com o pai. Meti o resto do cachorro-quente na boca e coleí-me ao exterior do muro de tijolo ao lado do qual me encontrava. O meu coração dava pulos dentro da sua gaiola. Abracei a parede. Literalmente.

Tate entrou no seu Lexus e nem sequer aqueceu o motor antes de descer a rua a alta velocidade e desaparecer. Os meus ombros descaíram. Baixei-me contra a parede de tijolo e esperei dez minutos para ter a certeza de que ele não regressava, ali a assar ao sol. Tinha decidido que hoje era um bom dia para me desafiar com um tempo de 36 graus.

– Hum. Olá?

Virei-me para o dono da voz. Era um miúdo. Saí de onde devia ser a sua

casa e acenei antes de atravessar a rua. A última coisa que precisava era que aparecesse um polícia para me impedir de entrar em casa do Tate. Outra vez. A porta da frente abriu-se. Uma pontada de nervos atingiu-me o estômago. Tinha feito isto quase todos os dias nos últimos meses, mas hoje ouvia sinos de alerta na minha cabeça, cortesia da tensão constante entre nós ultimamente. Talvez não devesse...

Enfiei a chave na ranhura. Girei a maçaneta. Entrei em casa de Tate como se não tivesse a certeza de estar a cometer um grande erro. Uma sinfonia de vozes saudou-me. Segui o ruído até à sala de estar onde Terry estava sentado em frente à televisão, vestido com uns *boxers* largos e uma camisola rasgada de mulher. *Encantador*. Ele mantinha a sua atenção fixa no programa. *O Novo Príncipe de Bel-Air*. A música da série começou a tocar. Uma faixa de risos soou nos altifalantes. O tio Phil gritou com a tia Viv. A Hilary entrou na McMansão com sacos de compras. A Ashley tocava bateria enquanto Geoffrey colocava tampões nos ouvidos. Quando me apercebi de que o Terry não tinha qualquer intenção de reconhecer a minha presença, já tinham passado mais de cinco minutos.

*Isto é uma péssima ideia. Nem sequer consegues falar com ele. Como é que vais editar um manuscrito inteiro com ele?*

– Olá. – Aclarei a garganta, pairando entre a cozinha e a sala de estar. – Ainda não tivemos oportunidade de... falar.

O Will fez um comentário ao Carlton. E mais outro.

O Terry inclinou a cabeça para trás a rir à gargalhada. Baixou o volume, abanando a cabeça.

– Já não se fazem séries como esta.

*Na realidade até fazem. Chama-se um reboot.*

Mas eu duvidava que salientar isso ajudasse a minha causa, por isso mantive a boca fechada, à espera de que ele me considerasse digna da sua atenção.

– Charlotte – declarou ele finalmente, parecendo demasiado divertido para uma simples saudação, e apercebi-me de que tinha de o tratar com rudeza ou ele pisava-me. – Estás aqui para te divertires?

Precisei de tudo para não vomitar.

– Não.

– Eu compreendo. Atualmente, ninguém quer um carro usado. Não quando podem pagar por um novinho em folha. – Ele arrotou, acenando com a mão para afastar o seu fedor. Acho que estava a falar do Tate. Ele conseguiu tornar a perspetiva sedutora de dormir com o Tate... suja. E acrescentou:

– Então, estás aqui pelo meu filho?

– Sim.

– Ele saiu. – Terry não se mexeu da sua posição no sofá, esparramado como uma deusa grega à espera de que lhe dessem uvas para comer. – Tentou expulsar-me também. Diz que estou bêbedo. Que tinha quebrado o nosso acordo de sobriedade. Disse-lhe para provar isso. Provavelmente está a roubar

um bafômetro a um carro de polícia neste preciso momento. – Ele piscou-me o olho. – O truque é sustar a respiração antes de soprar.

– Estou a falar do seu outro filho.

*Aquele de quem provavelmente tens muitas saudades.*

Levantou de imediato as sobrancelhas.

– O Kellan?

A não ser que haja um terceiro Marchetti Jr. a causar estragos na cidade. O que, honestamente, não me surpreenderia. No entanto, o que me surpreendeu foi a animosidade que eu sentia pelo Terry. Não me tinha apercebido até agora, mas colocava grande parte da culpa da morte de Kellan nele.

– Sim. – Entrei na sala, sentando-me no braço da poltrona reclinável ao lado do sofá. – Na verdade, é sobre o *Doce Veneno*.

Todo o corpo de Terry se animou. Quase conseguia ver o interesse a crescer dentro dele. Passou de abatido a resplandecente em quatro palavras. Um milhão de alarmes soaram na minha cabeça. O aviso de Tate ecoou.

– A sério? – Terry sentou-se, inclinando-se para mim. Juntou as mãos, esfregando-as. – Já o viste?

– Li-o.

– É... que dizer, como é que é? – Ele estava prestes a rebentar.

Olhei para ele com interesse. Não estava à espera daquela reação.

– É bom? – Ele abanou a cabeça, os ombros estremecendo entre um riso ou um soluço mal contido. – Não importa. Claro que é bom. Foi o Kellan que o escreveu. – Ele fez uma pausa como se percebesse que soava como um pai orgulhoso pela primeira vez, depois virou-se e aclarou a garganta. – Mas é vendável? Ele às vezes escrevia umas coisas muito estranhas.

Veio-me à mente a história da aranha. Estranha, mas bonita. Kellan no seu estado mais puro e autêntico. Como a primeira coisa que li dele, ela ocupava um lugar especial no meu coração. Eu ainda tinha uma cópia dela numa caixa na minha estante.

– Leu as histórias dele?

Isso surpreendeu-me. Ele parecia-me alguém incapaz de amor paternal. Ler os escritos do filho adolescente parecia demasiado paternal.

– Claro que li. O miúdo entrava no meu escritório à socapa e colocava-as na minha secretária sempre que podia. – Terry abanou a cabeça, mas parecia divertido. Talvez até nostálgico. – Sempre foi um desesperado por reconhecimento, esse.

– E o *Doce Veneno*?

– O Tate entrou em guerra pelo manuscrito como se fosse um ditador. Fui vencido. Cheguei ao fim do primeiro capítulo do livro do Kellan, mas umas noites fora deixaram-me estoirado. Tive de dormir. Não estava à espera de que o desmancha-prazeres aparecesse antes de eu acordar, senão tinha-o escondido.

– E se eu lhe dissesse que tenho uma cópia?

Ele olhou-me com ceticismo.

– Roubaste-a ao Tate?

– O Kellan deixou-me o livro. – Eu estava a parecer defensiva, o que odiava.

O Terry possuía dois modos: impetuoso e persistente. Eu não confiava nele o suficiente para lhe dar qualquer margem de manobra, o que implicava que tinha de ser mais dura. Para ganhar, precisava de enfrentar a sua ousadia com a minha. Ser muito má.

– Vou ter de ver provas. – Ele bateu com a palma da mão no joelho como se fosse um juiz com um martelo.

– Ele deixou-mo numa carta. – Mantive o meu tom leve, mesmo casual, mas a minha pulsação tinha disparado. – Posso dar-lhe uma cópia editada.

– Editada?

– O resto é pessoal.

– O que é mais pessoal do que a minha relação com o meu filho?

*Ficaria surpreendido.* Encolhi os ombros, sentindo-me estranhamente protetora do Kellan em relação ao seu próprio pai, que ele amava.

Terry resmungou.

– Tu e o meu filho foram para a cama?

Uau, mas que peça. O *déjà vu* atingiu-me em força. Lembrava-me do Tate a perguntar algo semelhante. Acho que descobri de onde ele tirou isso.

– Não que seja da sua conta, mas não.

– Porque outra razão o deixaria para ti?

– Porque o livro também é sobre mim. – Respirei fundo. Teria de lhe dizer, mais cedo ou mais tarde, que esperava que ele revisse o *Doce Veneno* e mantivesse o texto autêntico.

Mas Terry tinha ficado chocado em silêncio. Observou-me novamente, como se me achasse digna de ser analisada pela primeira vez.

– Ele escreveu-te um livro, não foi?

Parecia que acreditava em mim. Ou, pelo menos, estava a começar a fazê-lo.

– Talvez. – Fiz círculos no chão com os dedos dos pés. – Não sei bem o que lhe passou pela cabeça quando o escreveu.

*Mentira.* Era óbvio. Eu só tinha dificuldade em aceitar a verdade. E, se o Terry concordasse, ele leria e ver-me-ia como o Kellan me via. A perspetiva revolveu-me o estômago.

Ele cruzou os dedos, colocando-os debaixo do queixo.

– Se o livro está realmente ao teu cuidado, porque me deixas lê-lo?

– Porque não o deixaria lê-lo? É o pai dele.

Ele desatou a rir, batendo com a mão na coxa.

– Desculpa. Já há algum tempo que não me chamam outra coisa senão Dador de Esperma.

– As boas maneiras do Tate deixam muito a desejar. – *E eu não o posso censurar.* – Mas o Kellan nunca lhe chamou isso.



Algo parecido com culpa perpassou pelo rosto de Terry. Ficou sóbrio num instante.

– O Kellan era um miúdo decente. Demasiado ingénuo para o seu próprio bem.

– Ele admirava-o.

– Como eu disse, demasiado ingénuo para o seu próprio bem.

– Ingénuo ou não, ele admirava-o. E é por isso que estou aqui.

Ele deu uma palmadinha nos *boxers* e tirou do cós um maço de Winston. Fiquei quieta. Detestava cigarros pelas razões óbvias. Segurava um fósforo entre as pontas dos dedos, mas não o acendeu. Parecia que estava à espera do pior e, de repente, a maré mudara a meu favor.

Terry acenou a cabeça para que eu continuasse.

– O Kellan pediu-me para terminar o livro dele. Na verdade, desafiou-me a fazê-lo. Fiz algumas revisões e recebi um *feedback* positivo de um editor.

– Andaste a mostrá-lo? – Ele parecia desapontado. Tentei ignorar mais um sinal que pairava sobre mim como prenúncio e disse o nome da editora para a qual Helen trabalhava. Terry assobiou, tirando o cigarro dos lábios. – Como conseguiste isso?

– Trabalho para a Rothschild Literary and Management.

– E esta editora... quer comprar o livro? – Ele deu um soluço. Estaria embriagado? Fiquei quieta, depois abanei a cabeça. Eu tinha dito ao Tate que o seu pai estava sóbrio há meses. De certeza que o Terry não ia quebrar essa sobriedade só para ver o *Novo Príncipe* em roupa interior.

– Ela está interessada. Muito interessada. Deu-me algumas sugestões e disse-me para voltar a contactá-la assim que completar as revisões. E é aí que entra.

Ele tirou o cigarro da boca, apontando-o para mim.

– Precisas da minha ajuda.

– Preciso.

– O que é que eu ganho com isso? – As palavras saíram-lhe de supetão. Como um reflexo.

Ele estava a falar a sério? Não admirava que o Tate o desprezasse.

– Para além da alegria, privilégio e honra de ajudar o livro do seu filho a ser publicado?

– Estou falido – explicou ele. – E não estou sóbrio há cerca de duas décadas e meia.

Senti-me enganada. Como uma idiota. Caí no ato da sobriedade quando todo o historial de Terrence Marchetti sugeria o contrário.

Abanei a cabeça, parte de mim a querer sair pela porta, mas fiquei por causa do Kellan.

– Se está à procura de incentivo financeiro, já disse à editora interessada que os lucros serão doados.

– *Doados?* – repetiu ele.

Fiquei à espera de que fizesse um escândalo. Que ameaçasse levar-me a tribunal onde teríamos de lutar pelos direitos do livro. Mas esta conversa não parecia estar a ir nessa direção. Se ele tivesse plagiado *As Imperfeições*, como o Tate sugeriu, não queria chamar a atenção sobre si dessa forma. Assumindo que ele tinha plagiado. Acreditei no Tate porque sabia que ele não me ia mentir sobre esse assunto. Mas era tão inacreditável como as tragédias. Demorava algum tempo a perceber.

– Achas mesmo que lhes consegues vender isto? O Kellan está acabado. Um estreante sem uma lista de antecedentes e sem futuros manuscritos para continuar.

Não consegui esconder o meu arrepio. Ele era tão insensível quando falava do filho que era difícil acreditar que alguma vez o tivesse amado. Aproximei-me mais para farejar o álcool. Ele só podia estar alcoolizado. Os seus olhos brilhavam como um *donut* glaceado.

– Não vou parar enquanto o livro não for publicado – garanti.

Ele ficou em silêncio por um instante. Eu esperei, sustendo a respiração. Um segundo transformou-se em dez. Depois vinte. Soltei o ar quando ele voltou a falar.

– Não.

– Não?

– Precisas de um cotonete? Estou sempre a roubá-los do quarto do Tate.

– Porquê?

– Porque são de borla, eu estou teso e o ingrato de merda não me dá um maldito dólar. – Ele fez um esgar. – Pensava que como o dei à luz ele estaria mais agradecido.

– Tenho quase a certeza de que os bebés saem das vaginas, mas pode perguntar ao Tate. Eu não sou obstetra.

Ele acenou com a mão.

– É a mesma merda.

Cruzei os braços.

– Porque não ajuda a rever o livro do Kellan? – Levantei uma só sobrancelha. – Ambos sabemos que foi isso que quis dizer.

Ele arregalou os olhos, balbuciando:

– Porque não ganho nada com isso. – Franziu o sobrolho. Passou os olhos pelo meu corpo de forma sugestiva e isto era um sinal de que não podia descer mais fundo. O mais fundo que podia.

– A não ser que queiras outras regalias.

Não podia acreditar. Não podia acreditar que ele pudesse ser tão egoísta (ou nojento). Nem pensar. Tinha de haver outra coisa a prendê-lo. Tirei uma página do *Doce Veneno* da minha mala e alisei-a. O meu coração acelerou, como sempre acontecia quando via as palavras. Tinha preparado a passagem para o caso de as negociações chegarem a um impasse. O Terry olhou para ela como se fosse uma doença contagiosa que não queria apanhar.

*Ele sabe.*

Da mesma forma que eu sabia que havia algo mais a impedi-lo de me ajudar. Aclarei a garganta e li:

*– O que se pode dizer de um homem com uma sombra maior do que o seu corpo? O meu pai perseguia a atenção e apercebeu-se rapidamente de que a única forma de a obter era através dos livros. Funcionou bem até que a realidade o atingiu como a bola demolidora da Miley Cyrus. Acontece que, quando se persegue a atenção, ela às vezes morde-nos. Desta vez sob a forma de um paparazzo com um grande bigode. O que me trouxe até hoje.*

– Chega – rosnou Terry.

Eu continuei.

*– Faltei às aulas quando soube que aquele idiota tinha uma cesariana de manhã e não poderia atender os telefonemas da administração de St. Paul. Nestes dias, o pai parecia empenhado em beber até morrer, dando um novo significado ao «sê água» do Bruce Lee. O bar de striptease ao fundo da rua dele vendia bebidas a um dólar e meio às terças-feiras. Desde que o pai começou a dar sinais de estar a aceitar o facto de ser David nesta batalha contra as Finanças, este tornou-se o seu local de eleição.*

Terry agarrou-se aos joelhos, ficando de uma tonalidade púrpura que eu pensava não ser humanamente possível.

*– Quando cheguei, escolhi um lugar nos fundos. Um sítio com vista para toda a sala. O meu capuz escondia as partes mais relevantes do meu rosto. O pai passou pela frágil porta, como se tivesse passado os últimos três dias a preparar-se para este momento. Mesmo que me pudesse ver, não me reconheceria. Não neste estado.*

Terry caiu para o sofá, olhando para o teto. Parecia que tinha ido embora. Como se soubesse o que vinha a seguir e pensasse que merecia a dor de o ouvir.

*– O empregado do bar serviu uma dose de vodka barata e deu-lha. Ele bebeu-a como se fosse o néctar dos deuses. Eu vim deste homem. Partilho o ADN com ele. Talvez fosse por isso que a minha vida se tinha transformado nesta merda. Quase não o confrontei. Quase deixei passar, ele era assim patético. Conheces o ditado. Vidas patéticas criam mentiras patéticas. Bem, ele era uma grande e gorda mentira. Então, o que faz isso dele?*

Um som sufocado saiu da boca de Terry.

*– Eu soube a verdade por um repórter a quem o meu pai pagou. Ele pensou que me estava a fazer um favor ao destruir a vida que eu mal conseguia manter com fita adesiva e Veneno. Esta é a verdade em toda a sua glória feia, lixada e destruidora. O pai deu à mãe as drogas que a mataram. Ele encontrou-a morta primeiro. Foi-se embora sabendo que eu seria o próximo a encontrá-la. Sabendo que se eu o fizesse, ele não teria de lidar com os jornalistas acampados lá fora enquanto o médico-legista levava a mãe num saco de cadáveres. Eis o problema da desilusão: Ela implica que esperávamos algo. A culpa foi minha. Lição aprendida. Erro para nunca mais repetir.*

– Para.

– *Eu avancei, coloquei a mão no ombro do pai...*

– Chega! – Terry pontapeou a mesa de centro. Bateu na parede e deixou uma marca.

Assustei-me, baixando a página. Se isto o agitava desta forma, o resto do manuscrito partiria tudo, libertando os seus demónios. Esta cena era leve em comparação com outras.

*Ele precisa disto. E o Tate também.*

– Okay – murmurou ele.

– Isso é um sim? – Cruzei os dedos atrás das costas a rezar.

– Está bem. Sim.

Tirei um documento e uma caneta da minha mala e empurrei-os na direção de Terry.

– Preciso que assine isto.

– O que é?

– É um contrato onde afirma que desiste de qualquer direito que tenha sobre o *Doce Veneno*, incluindo a sua contribuição no processo de revisão.

Ele acenou com o papel, amarrotando-o.

– Esperas que assine isto?

– É a única forma de receber o livro.

– Se calhar não preciso... – começou, tentando fazer-se de difícil.

Levantei a mão, abanando a cabeça.

– Não. Ambos sabemos que lhe deve isso.

– Rapariga esperta – grunhiu ele, rabiscando a sua assinatura no papel e usando a coxa magra como mesa. – Mais dura do que pareces. E sádica também.

Recolhi o contrato, tirei uma fotografia com o meu telemóvel para o caso de ser necessário e coloquei o contrato num envelope grosso e almofadado e devolvendo-o ao interior do meu saco.

– Antes de começarmos... – arrastei-me. Era aqui que as coisas se complicavam. Mordi o lábio inferior.

– Queres mais alguma coisa de mim? Parece que estou a dar muito sem nada receber.

– Preciso que compreenda que tenciono supervisionar todo o tempo que estiver com o manuscrito. Não o vou deixar sozinho com ele. Tratá-lo como se fosse o meu bebé. Na verdade, vou dar-lhe um capítulo de cada vez e levar esse capítulo quando precisar de um novo ou quando me for embora.

As minhas palavras foram recebidas com silêncio. Terry soltou uma gargalhada súbita e maníaca, acrescentando em tom de conversa:

– O Tate falou-te sobre o plágio.

*Sobre o plágio.* Tão simples.

– Sim.

– Eu era jovem e parvo. – Ele acenou com a mão como se estivesse a afastar uma mosca.

– Não era tão jovem assim – disse eu.

– Não importa. Não é nada de especial. Não volta a acontecer.

Ele admitiu-o. O grande Terrance Marchetti acabou de admitir o plágio. Olhar para ele era como olhar para as ruínas de um edifício que outrora fora majestoso. Não sabia como navegar pelos escombros sem me cortar.

– Ele achava que o Terry era a melhor coisa que aconteceu ao mundo – disse eu, por fim.

Terry riu-se amargamente.

– Sim. A certa altura também pensei isso.

# Capítulo Sessenta e Três



**Tate**

**F**inalmente entendi que o meu problema com a Charlotte Richards tinha vindo para ficar. Não conseguia encontrar uma palavra para nos descrever, mas de certeza que não o podia qualificar de amizade.

Um amigo não a seguiria até à biblioteca nem lhe daria um beijo.

Um amigo não permitiria que ela entrasse e saísse da sua casa como bem entendesse.

Um amigo não iria visitar a irmã para lhe dar uma lição de bom senso, porque a ideia de ver a Charlie infeliz às mãos de outra pessoa arrepiava-me. Apesar de eu próprio fazer a mesma coisa.

Eu estava na merda e sabia-o.

A Charlie estava à minha frente na entrada da porta a enfiar a chave no bolso. Dirigiu-se à cozinha, entrou na despensa e saiu com grãos de café que eu não sabia que tinha.

Do meu lugar no banco da cozinha, vi-a pôr leite condensado num copo alto (algo que nunca tinha experimentado) e colocá-lo num moinho de café (algo que nunca tinha existido aqui antes da Charlie).

Ela viu-me a olhar e franziu o sobrolho.

– Café?

Se ela sabia da minha visita à irmã, não mostrava qualquer sinal disso.

*Boa, Leah. Pela primeira vez, fizeste alguma coisa certa e não me denunciaste.*

– Entreguei-te o manuscrito há meses e ainda não terminaste. – Surpreendentemente, a minha voz não revelava qualquer veneno. Enfiei cereais na boca sem os saborear realmente. – A Reagan sabe que és uma trabalhadora pouco produtiva?

– Vou contar-te um pequeno segredo. – Ela tirou num *shaker* de um armário e, nesta altura, estava convencido de que ela estava a fazer aquilo de propósito. A empilhar pratos numa casa tão velha que a máquina de lavar loiça nem constava do seu vocabulário. – Sou a empregada preferida da Reagan.

– Como é que sabes?

*Para de a distrair, raios.*

– Ela promoveu-me quando voltou ao trabalho esta semana. Disse que precisava de diminuir a carga de trabalho e que valoriza as minhas contribuições. – Um sorriso atrevido bailou-lhe no rosto. – Estás a olhar para a mais recente agente associada da Rothschild Literary & Management. – Ela tomou o meu silêncio por um convite para continuar. – Basicamente, sou uma agente novata que vai receber mentoria dos agentes principais. Os agentes associados procuram ativamente novos clientes e trabalham frequentemente com escritores estreantes, o que é perfeito para a situação em que me encontro neste momento.

Franzi o sobrolho.

– A Reagan não devia estar de volta ao trabalho.

– Ela está a ter calma. – Charlie soou defensiva.

– Alguma vez viste a Reagan calma? Ela saiu sozinha da Morgan-Dunn, ignorando a enfermeira Kelley quando ela lhe ofereceu uma cadeira de rodas.

– Ela fica colada à secretária. – Encheu o copo de café com gelo, adicionou uma pitada de sal e tapou a abertura com o *shaker*. – Eu prometo.

– Claro – disse eu, vendo-a misturar a bebida. – Porque eu confio em ti para te livrares da tua chefe. Ela é uma mãe solteira demasiado controladora para deixar alguém tomar conta dos filhos tão cedo.

– Os bebés vêm com ela para o trabalho num carrinho gigante que deve ter custado uma fortuna. Ela tem um berçário completo no escritório e nós temos uma sala de amamentação minúscula ao lado da sala de descanso desde que uma das agentes deu à luz.

– É uma má ideia.

– Ela parece feliz. Feliz o suficiente para me promover. – Ela piscou o olho. – Estou a subir na vida.

– Por falar nisso, quando é que saís da minha casa e da minha vida? – Mais uma vez não havia veneno em mim. Na verdade, eu estava muito triste. Precisava que ela se fosse embora o mais depressa possível, porque estava capaz de a beijar novamente. Ultimamente só conseguia pensar nisso e odiava-me por isso. Ela sabia da ideia de suicídio do Kellan e não disse nada. Ela devia ter quebrado o acordo.

– Em breve. Talvez – disse ela, de uma forma tão tranquilizadora como ser assaltada e dizerem-lhe que a taxa de sobrevivência de uma ferida de bala era de cinco por cento. – Agora tenho ajuda. Pedi ao Terry para me ajudar com o manuscrito.

– Ele não concordaria.

– Concordou, sim.

Semicerrei os olhos.

– O que tens contra ele? É difícil acreditar que ele o fez por bondade de coração?

– Sim. Impossível, mesmo, porque ele não tem coração.

– E, no entanto, ele está vivo e a respirar. Impressionante. Alguém devia chamar Deus. Acho que temos um milagre entre mãos.

– O que é que lhe deste para fazer isso?

– Nada. Absolutamente nada.

– Não acredito em ti.

Ela encolheu os ombros.

– Talvez ele tenha mudado.

– As pessoas como ele não mudam.

– Talvez não saibas tudo, Tate.

– Eu conheço o Terry.

– Conheces? Com que frequências falas com ele? Quando foi a última vez que tiveste uma conversa a sério com ele? Tu sabes, o que me disste para fazer com a Leah, apesar de te recusares a fazê-lo com o teu pai, há uma palavra para isso. – Ela bateu com o dedo indicador no queixo, olhando para cima enquanto fingia estar a pensar. – Absurdo? Ilógico? Não, não é isso. – Ela estalou os dedos. – Oh, já sei. Hipócrita!

– Ele vai desiludir-te – avisei, ignorando a sua teatralidade. Mais uma vez o meu coração afundou-se por ela. Porque é que eu me preocupava tanto com os sentimentos dela? – Ele desilude sempre.

– Estou preparada para a desilusão. Mas na remota hipótese de não ficar, o manuscrito ficará muito melhor. É só isso que importa.

– Esqueceste-te de que ele é uma fraude?

– Mas continua a ser talentoso. Já revimos as primeiras vinte mil palavras. É bom material. A sua perspicácia é perfeita. A inteligência e o humor que ele acrescenta complementam bem o manuscrito do Kellan, em especial quando fica demasiado negro.

Só o meu irmão para escrever um manuscrito tão pesado, e as contribuições de Terrence Marchetti tornarem-no mais leve.

– Eu confio nele para isto, Tate.

Ou a Charlie era mais ingénua do que eu pensava ou sabia algo que eu não sabia. Ambas as opções me desagradavam.

– Não digas que não te avisei quando ele te apunhalar nas costas com a caneta de tinta permanente.

Ela revirou os olhos.

– Primeiro, já ninguém escreve com caneta. E, segundo, tu és a última pessoa a quem recorrerias se tivesse um problema.

– Interessante. No entanto, recebeste a minha ajuda na marquesa.

Sim, fui lá. Era a coisa errada para dizer a tantos níveis. Nada profissional. Baixa. Inapropriada. Mas também verdadeira. Tão verdadeira



que ficou gravada no meu maldito cérebro.

Ela ficou muito corada e a garganta estremeceu. Desviou os olhos. Quando olhou novamente para mim, lambeu os lábios.

– Vamos fazer uma aposta.

– O jogo é viciante, Charlie.

– Tudo é viciante, Tate – disse ela, imitando as minhas palavras. – O jogo. – Ela levantou a chávena. – O café. *A luxúria.*

Engoli em seco. Estávamos a navegar em águas perigosas. Fixei-a com toda a minha atenção enquanto ela pousava o copo, contornou a ilha da cozinha e ficou na minha frente, girando o meu banco para a encarar. Ela encaixava perfeitamente entre as minhas pernas, com os lábios ao nível dos meus. Senti o seu hálito doce de café enquanto ela falava.

– Viver é um vício e é melhor desejá-lo do que odiá-lo.

A minha mão tocou na parte exterior da sua coxa antes de conseguir evitá-lo. Toquei a sua pele macia, deslizando para cima, saboreando a surpresa da sua respiração.

– Eu não me entrego a vícios, Menina Richards. – Usei a mão que tinha nas suas coxas para a afastar de mim e abandonei o banco em direção à porta.

– É Charlie – ofegou ela, seguindo-me. – Para ti sou a Charlie.

Enfie o primeiro par de sapatos que encontrei. Tinha de sair daqui antes de fazer algo de que não tinha a certeza que me ia arrepender, mas sabia que não devia fazer.

*Ela sabia do Kel, lembrei-me. Ela sabia e mentiu.*

As palavras nada fizeram para diminuir a tentação.

– Fala comigo, Tate – disse ela, roendo o lábio inferior. O barulho dos seus sapatos enquanto ela andava preenchiam o silêncio enquanto eu procurava um impermeável para me proteger do aguaceiro. Os pés dela pararam. Ela aproximou-se de mim, sem desistir.

– Não perguntei porque não queria pressionar-te, mas ultimamente tens andado distante. Porquê? Podes falar comigo.

Que se foda!

Desisti de encontrar um casaco, dando o meu melhor para a ignorar. Os meus dedos procuraram a maçaneta. Ficaram ali um segundo a mais e nem o meu corpo concordava com o meu cérebro. O traidor.

Virei-me para ela, mantendo o punho em redor da esfera de metal.

– Menina Richards?

A esperança iluminou-lhe o rosto.

– Sim?

*Diz-me que não sabias. Diz-me que não fazias ideia de que o Kellan queria matar-se anos antes de acontecer. Diz-me que não foste descuidada o suficiente para não dizer nada.*

Algo em mim não podia correr o risco de descobrir a verdade. Abri a porta.

– Parabéns pela promoção, Charlie.

Saí, fechando-a atrás de mim. Estava a chover muito. Uma daquelas chuvas quentes e pegajosas de verão que molha tudo da cabeça aos pés, de fora para dentro.

Olhei para os meus pés. Para o par de sapatos que tinha calçado à pressa. Chinelos. E agora as minhas meias estavam encharcadas, para melhorar o espetáculo de merda que era o dia de hoje.

Sentei-me no alpendre quando me apercebi de que não tinha trazido as chaves do carro na pressa de sair de casa. Andar com este tempo, mesmo que fosse só um quarteirão para chegar à zona mais movimentada para chamar um táxi, era impensável. Uma perspetiva agradável, mas eu tinha de estar na clínica para atender duas pacientes em fase final de gravidez.

A minha mente vagueou até ao Kellan. A primeira vez que me apercebi de que o meu irmão tinha um problema sério, tinha sido numa briga. Enchi a sanita com droga suficiente para matar um elefante. O Kellan chegou a casa a tempo de me ver deitar o seu contrabando pelo trono de porcelana da sua casa de banho privativa.

Deu-me um murro. Aguentei o murro como um campeão. Podia tê-lo facilmente derrubado. Ele era alto e magro, mas eu era mais alto e forte. Mas não fiz. Deixei que descarregasse tudo em mim. Eu era o seu saco de pancada. Principalmente porque eu o merecia por permitir que ele desenvolvesse o maldito vício das drogas debaixo do meu próprio teto.

No entanto, não tive em conta o quanto ele ficou perturbado. As pupilas tão dilatas, o preto eclipsava o branco, o azul e o cinzento. O Kellan nunca parou. Mesmo quando eu comecei a parecer-me com o Brundlefly.

Terminou quando eu ripostei uma vez. E eu nunca lutei com o Kel.

Não desta forma.

Usei as minhas palavras. Métodos desleais. Retirei-lhe a mesada. Impus-lhe um recolher obrigatório. Determinei uma hora para se deitar. Contratei um *hacker* obscuro em Bushwick para colocar um localizador no telemóvel dele. Fiz tudo.

Mas nunca, nem por uma vez, lhe pus as mãos em cima.

Até àquela noite.

Passei os meus braços pelos seus ombros e peito, abraçando-o como se fosse um cinto de segurança. Depois, levantei-o, pu-lo de joelhos e fiquei ali em cima dele até ele deixar de bater. A Hannah regressou a casa do trabalho e ouviu uma sinfonia de pancadas e correu para a casa de banho a gritar.

Fui parar às urgências para levar pontos. Nove, para ser exato. Ainda tenho uma cicatriz na linha do cabelo como um troféu brilhante. E a Hannah ficou obcecada com a ideia de enviar o meu irmãozinho para a escola militar. Ela queria lavar as suas mãos dele. Ela não percebeu que a sua partida significaria também a dela.

No fim, não servira para nada. Eu não consegui salvar o Kellan. Mas a Charlie... Ela sabia. Caramba, não conseguia ultrapassar isso.

Apercebi-me de que me levantara nos últimos dez minutos e que chegara

à loja de esquina a dois quarteirões de distância. Havia muito trânsito. Podia chamar um táxi e trocar de roupa na clínica, mas a Charlie... Virei-me.

A caminhada de regresso foi lenta. Pesadas gotas de água caíam-me em cima. Não tinha nada seco quando cheguei aos degraus da minha casa. Sentei-me, recompondo-me antes de entrar e... não sei... pedir desculpa por ter sido um idiota? Era o início de uma longa lista de pecados que eu tinha de expiar. Atrás de mim a porta abriu-se. Como se ela tivesse estado à minha espera. A chuva tinha aumentado de intensidade nos últimos vinte minutos. Não conseguia ver através da cortina de água que pesava sobre as minhas pestanas. O ataque sobre mim parou. Olhei para cima e encontrei a Charlie no degrau. Segurava um guarda-chuva às bolinhas sobre mim. Cobria-me a mim e a metade dela, deixando o seu vestido a condizer à mercê da mãe natureza.

O tecido tornou-se translúcido num instante. A água encharcava o fino algodão. Abraçava as suas curvas, expondo tudo, incluindo os seus seios nus. Engoli em seco e empurrei-lhe a mão até o guarda-chuva a proteger toda. Ela empurrou-o para cima de mim.

– As tuas mãos estão geladas. Vem para dentro.

– Eu aguento. – Merecia o frio. Merecia pior que isso.

– Vamos. – A sua mão alcançou o meu braço, assustando-se com o toque.

– Meu Deus, Tate! Vais ficar doente.

Eu não respondi. Não me apetecia. Porque é que tinha voltado? Quando se tornou claro que eu não tinha qualquer intenção de me mexer, ela ajoelhou-se e massajou-me o braço com a mão livre para me aquecer. Ela invadiu os meus sentidos. Açúcar, bolachas, cipreste. *Charlie*. Afastei-me dela como se fosse veneno e eu não tivesse um antídoto.

Ela é do Kel. Do Kellan. Do Kellan. Do Kellan.

Se o dissesse vezes suficientes conseguiria evitar este desejo? Duvidava. Mas era preciso um completo anormal para falhar assim com o irmão, depois roubar-lhe algo que ele amava quando ele já cá não estava para a apreciar.

A mão da Charlie descaiu. Ela olhou-me de soslaio.

– Qual é o teu problema, Tate? Pensei que já tínhamos ultrapassado isto. Tu ages como se me odiasses.

*Não te odeio. Esse é o problema.*

Na verdade, odiava. Mas por todas as razões erradas.

– E odeio. – A minha boca ignorou o comando do meu cérebro para ficar fechada. – Odeio-te por saberes que o Kellan se queria matar e esconderes isso de mim. Odeio-te por não o teres salvo. E, acima de tudo, odeio-me por ainda te querer.

A chuva caía sobre nós. Gotas gordas caíam-lhe das pestanas para as faces. Ela parecia destroçada e bela nesse momento. Mais ainda do que antes. Ainda mantinha o chapéu de chuva sobre mim. E ainda sentia dor no coração, usando o órgão somente para bater. E ela era altruísta e quente e o oposto de tudo o que as minhas palavras sugeriam. Se pudesse retirá-las, tê-lo-ia feito.

– Desculpa – murmurou ela.

– Então, é verdade. Tu sabias.

– Sabia. – Ela sentou-se ao meu lado, mantendo a distância, mesmo que isso implicasse mais chuva sobre ela. – Também lamento não te ter contado.

– Porque é que mentiste?

– Porque... Não sei. As mentiras magoam. A verdade dilacera. – Ela apertava a coxa usando as minhas palavras contra mim. Não podia acreditar que ainda se lembrava delas.

– E mesmo assim acabei magoado. – Eu podia admitir isso, pelo menos.

– Porque tu descobriste a verdade – salientou ela. – Não há desculpas. Conhecemo-nos no Dia dos Namorados no oitavo ano. Eu fui para o telhado de St. Paul, onde encontrei o Kellan. Ele estava prestes a saltar. Gritei-lhe para que parasse e ele parou. Falámos o resto da noite. Acabámos por fazer um pacto para nos encontrarmos no mesmo dia e à mesma hora todos os anos até nos formarmos.

– Só uma vez por ano?

– A ideia foi do Kellan. Ele queria limitar o tempo que passávamos juntos em público. Acho que não me queria perto dele na escola porque ele era um pária social nessa altura. Se me vissem a falar com ele, seria o seu próximo alvo. E como covarde que sou, aceitei as suas condições. Acho que senti alívio. – A chuva escorria-lhe pela face, esbatendo as sardas. Ou talvez fosse uma lágrima.

– Devias ter vindo falar comigo.

– Pensei que tinha tudo sob controlo. Na verdade, menti a mim própria. Acho que, no fundo, sabia que não tinha, mas estava demasiado ocupada com os meus problemas e hesitei em adotar medidas extremas para ajudar o Kellan. Por fim, tentei. Falei com ele na escola, mas ele humilhou-me em frente aos outros. Fui falar com a diretora e escrevi uma carta, mas o que quer que ela tenha feito deixou o Kellan ainda mais zangado. Mande-lhe uma mensagem, mas ele bloqueou o meu número. Apareci em frente à tua casa e esperei por ti durante horas, mas o Kellan chamou a polícia para me expulsar.

– Ele não queria ser salvo.

– Não, não queria. Mas isso não me devia ter impedido. Continuei a tentar, mesmo depois disso, mas nada resultou. Acho que... Eu sei que tentei. Com força. Mas também sei que podia ter feito outras coisas. Devia ter-te procurado e contado. Obrigar-te a procurar ajuda para ele. Talvez até ter procurado o Terry. Ele é rude, mas eu sei que, pelo menos, ter-me-ia ajudado a entrar em contacto contigo. Havia tantas opções e eu não fiz o suficiente. E depois menti-te sobre isso quando nos conhecemos e tive oportunidades para confessar.

– Charlie.

Ela abanou a cabeça.

– Espera. Eu preciso de dizer isto. – Virou o corpo para me encarar. Estendeu a mão, tocando na minha. – Sinto muito, Tate. Não tens de aceitar as

minhas desculpas. Basta saberes que lamento. Que me preocupava com ele. Que valia a pena salvá-lo. Que me vou arrepender o resto da vida de não o ter conseguido.

Tirei a mão debaixo da dela.

– Não sei se o pior é tu saberes e não o salvars ou eu viver com ele e não saber. De qualquer forma, o Kellan desapareceu. – Ironizei. – A previsão resulta melhor em retrospectiva.

Ficámos em silêncio durante algum tempo. Ela quebrou-o primeiro:

– A Leah culpa-se pela morte dos nossos pais. Pelos menos, em parte. É óbvio que a culpa é minha. Toda. Mas às vezes deixo-a partilhar a culpa, mesmo sabendo que está errado, porque carregar este fardo é cansativo.

– Tinhas treze anos – murmurei.

– Talvez. Mas eu devia saber. – A voz dela era tão baixa que mal se ouvia. – Tu és a Leah neste caso, Tate. Queria culpar-te para me fazer sentir melhor, mas a verdade é que tu não sabias. Tinhas um adolescente instável em casa, impingido pelo teu pai que nunca esteve presente na tua vida. No entanto, tu alimentaste-o, deste-lhe um teto e fizeste o melhor que podias para o educar. Tinhas um trabalho muito exigente que era necessário para poder cuidar do Kellan.

Levantei-me. A minha cabeça arrancou-lhe o chapéu de chuva das mãos. Caiu no chão a um palmo de distância de nós. Nenhum de nós se mexeu para o agarrar. Cravei o polegar no meu peito.

– E eu sabia que ele se tinha virado para as drogas, que queria ir ver o pai, que odiava ir à escola.

Ela pôs-se de pé, ficando mesmo à minha frente.

– Tens de te perdoar.

– Era exatamente isso que eu dizia a mim próprio quando chegava a casa todos os dias, exausto, sabendo que tinha de falar com o Kellan, mas adiava para o dia seguinte porque não conseguia arranjar energia.

Ela abanou a cabeça e recuou para o degrau acima, ficando mais perto da altura dos meus olhos.

– Na verdade, eu tinha a energia – resmunguei, zangado comigo mesmo. – Só que não consegui.

– Tu mereces perdão.

– Bem, vou ficar à espera o resto da minha vida.

Outra lágrima escorreu pela face dela.

– Pobre Tate. – Ela imitou as minhas palavras na biblioteca, atraindo o meu olhar para os seus lábios. – Partilhas o teu corpo com os teus demónios e eles estão esfomeados. Deixa-me alimentá-los.

A sua respiração coincidia com a minha. Os nossos peitos subiam e desciam ao mesmo ritmo.

Ela colocou as pontas dos dedos sobre o meu coração. A minha palma curvou-se à volta do seu pescoço.

Não era a altura certa para fazer isto. Em consequência da culpa. Em

frente a uma casa que eu tinha partilhado com o Kellan. Debaixo de um céu que já não o abrigava.

Ela tomou a decisão por mim. A sua boca desceu sobre a minha. Puxei-a mais para perto, colando os nossos corpos. As nossas línguas lutavam pelo domínio. Levantei-a nos meus braços, agarrando-lhe o rabo com força. Desta vez, ela dobrou as pernas em redor da minha cintura, deixando-me levá-la até à porta da frente. Pressionei-a contra ela e enfiei a minha ereção entre as suas coxas.

A cabeça dela caiu para trás contra a madeira. Um gemido alto subiu-lhe pela garganta. Passei a língua pelo seu pescoço, chupando com força a pele entre a clavícula e o peito.

– Mais. – Ela ofegava, implorava, agarrava-se à minha camisa. – Mais, mais, mais.

Apertei-lhe o mamilo através do vestido e coloquei a mão entre nós, mergulhando por baixo da saia e para dentro das suas cuecas. O meu dedo entrou facilmente. Ela voltou a beijar-me os lábios, sugando-me a língua para a sua boca, as mãos a segurar os dois lados do meu rosto.

– Mais – implorou de novo, encostando a testa à minha.

Baixou a mão e acariciou a minha tesão através das calças. Pressionei-me contra ela, gemendo. A chuva abateu-se sobre nós. As suas paredes apertavam-se à volta dos meus dedos. Acrescentei mais um e enfiei a sua boca na minha. Ela gemeu para mim, cavalcando a minha mão.

Eu estava irritado, magoado e não estava a pensar com clareza, mas também precisava de mais. Beijámo-nos e beijámo-nos e beijámo-nos. Encostei a palma da mão ao seu clitóris e deslizei os dentes pelo seu queixo. Ela arranhava-me a nuca, brincando com os cabelos.

– Dentro de mim – gritou ela, conquistando os meus demónios como se fossem seus, cantando repetidamente como se a sua necessidade os exorcizasse. – Quero-te dentro de mim.

Ela sabia a água da chuva, a café e a um desejo puro e feroz. Enrolei os dedos, atingindo exatamente o que eu queria. O meu polegar roçou-lhe o clitóris. Ela gritou e agarrou-se aos meus ombros. As suas unhas cravaram-se profundamente. Arranharam-me. Reivindicaram-me como seu.

E ela desfez-se e veio-se.

– Tão perfeito – murmurei contra os seus lábios. Os meus dentes tocaram a pele macia, mordiscando-a.

A sua cabeça caiu no meu ombro, a língua deslizou para o meu pescoço. Um carro passou por nós a buzinar. Alguém gritou e assobiou da janela.

Separámo-nos. O peito dela subia e descia com a sua respiração. Os seus mamilos sobressaíam no seu vestido encharcado. Levei o dedo ao seu lábio inferior, separando-o do seu vizinho. Ficou vidrado com a sua humidade antes de a chuva a ter lavado.

– Lindo.

Ela sorriu, atordoada e ainda acelerada.

- Sândalo, fogueira, citrinos... sexo.
- Açúcar, bolachas, cipreste.
- Eu bebi café – apontou ela.
- Eu mudei o meu gel de banho.
- Mentiroso.

E estava mesmo a mentir.

Mantive tudo exatamente igual à última vez que nos beijámos.

Tinha demasiado medo de mudar alguma coisa.

# Capítulo Sessenta e Quatro



**Charlotte**

*T*esudo merecia tornar-se uma palavra oficial porque descrevia o meu beijo com Tate Marchetti na perfeição.

Pensei em enviar um pedido ao Webster e fui ao *site*, só para perceber que já existia. A voz de Reagan atravessou o véu de silêncio através do intercomunicador.

Uma nova (e indesejada) adição ao escritório.

Ela procurava uma forma de falar connosco sem deixar as suas crias sem vigilância.

Como resultado, os nossos ouvidos eram coletivamente castigados.

– Charlotte! – Ainda não tinha entendido que não precisava de gritar com o intercomunicador. – Preciso de ti aqui! Por favor!

Levantei-me da cadeira e corri para lá antes que ela prolongasse a tortura pelo intercomunicador.

Nada de bom saía daquela coisa.

Além disso, depois de o ter instalado, a Abigail disse-lhe que ela podia simplesmente mandar uma mensagem ou telefonar quando precisasse de nós. Embora rica, Reagan não queria desperdiçar dinheiro, o que implicava usar o sistema.

Muitas vezes.

Entrei no seu gabinete sem bater à porta. (Os bebés choravam cada vez que alguma de nós o fazia. Também choravam com o som do papel a ser rasgado, com suspiros, tosse, espirros e sinais de vida em geral.)

– Está tudo bem? – Olhei para o Ethan por cima da extremidade do berço, que balançava sem ser necessário estar ali alguém.

Era o meu gêmeo preferido. Chorava um pouco menos que o Noah, que



precisava de uma arca para conter todas as suas lágrimas.

– Só estou cansada. – Ela levou o Noah para o peito, ajustou uma toalha sobre o ombro e pô-lo a arrotar. – Tive de mudar de camisola duas vezes ontem, por isso, hoje trouxe uma mala inteira. Quatro mudas e ainda não esgotei as blusas. Com direito a tudo e mais alguma coisa.

– O Tate disse que não devia estar a trabalhar tão cedo.

As suas sobranceiras ergueram-se.

– Tate?

– O Doutor Marchetti – corriji, mas já era tarde. – Na verdade, tenho andado para lhe contar... – Mexi-me e levei a mão à perna.

Tinha de lhe dizer?

O mundo acabaria se eu não lhe contasse?

Os olhos de Reagan semicerraram-se na direção da minha mão.

– Desembucha, Charlotte. O Noah tem um sexto sentido para a ansiedade e eu não consigo lidar com mais um minuto de choro – brincou ela, e mesmo naquele momento, ele vomitou na toalha.

Forcei o braço a dirigir-se para as costas, rodeando o pulso com a mão oposta. A posição lembrava-me aquela que eu assumia sempre que a mãe repreendia a Leah por causa das notas. Como se eu fosse culpada por associação e precisasse de me tornar o mais pequena possível antes que ela se apercebesse.

– O manuscrito não era da pilha dos endereçados – admiti.

– Não era? – Ela endireitou-se rapidamente, balançando Noah durante o processo.

– Hum... Tu não o roubarias a outro agente. É teu? Agora que penso nisso, nunca perguntei quem era o autor. Cérebro de grávida. Depois entrou em ação o cérebro de recém-mamã.

Reagan levantou o bebé como prova, a poucos centímetros de o segurar ao estilo Simba.

– Não é meu. Quero dizer, é. Foi-me dado. Mas não fui eu que o escrevi.

Ela levantou novamente a sobranceira, como se disse «Então? Quem é que o escreveu?»

– Kellan Marchetti.

Seguiu-se uma pausa, acompanhada pelo pestanejar dos olhos.

– O irmão do Doutor Marchetti?

– Sim.

– E o filho de Terry Marchetti. – Ela fez as contas, esfregando o queixo.  
– Está bem. Uau!

– Sim.

– A Helen telefonou. Parecia obcecada. Nunca a tinha visto tão feliz. Agora sei porquê. Aposto que está a contar cifrões.

– Não a censuraria se o fizesse.

– O livro é realmente bom ou ela está cega pela comercialização? – Ela estremeceu. – Desculpa. Tenho de perguntar.

– É bom – prometi. – Melhor do que bom. É ótimo. *As Imperfeições* com esteroides. A escrita é mais madura, o enredo mais original, tudo nele foi criado para detonar uma granada nas emoções dos leitores. Nem sequer disse à Helen quem era o autor quando lho entreguei. Deixei essa parte em branco.

– Pareces protetora.

– E sou. – Havia uma boa dose de vergonha nessa admissão.

– Soube como o Kellan morreu na altura, a comunidade editorial sendo pequena como é. Estás a fazer uma grande coisa por ele.

– Estou a tentar.

– A Helen mencionou que planeia enviar uma proposta esta semana.

Fiquei imóvel.

– A sério?

– O livro é teu. A decisão de a aceitar é tua. Avisa-me se precisares de ajuda para rever o contrato.

– Uau! – E estou mesmo a falar a sério. – Obrigada.

– Aqui entre nós, tenho a sensação de que podes aumentar o valor do adiantamento neste livro. – Ela piscou-me o olho.

E, de repente, publicar o livro do Kellan parecia tão real.

# Capítulo Sessenta e Cinco



**Charlotte**

Cheguei a casa com muito boa disposição.

Claro que o Tate e eu fomos interrompidos antes de podermos ir até ao fim.

E, sim, quase tinha perdido a minha virgindade à porta dele, em público.

E talvez tenha ficado nervosa e tenha desistido com uma desculpa parva que ninguém, muito menos o Tate, acreditaria.

*Tens de ir a correr à lavandaria antes de a chuva manchar o teu vestido baratinho. Não conseguiste arranjar nada melhor, Charlotte?*

Mas eu estava um passo mais perto de cumprir o meu pacto com o Kellan e isso tinha de contar para alguma coisa. E, talvez, se eu cumprisse a promessa feita a ele, não me sentisse tão mal por ter feito tudo o que fiz com o seu irmão.

A porta do quarto da Leah abriu-se com um rangido. Nem sequer sabia que ela estava em casa. O que era estúpido, agora que pensava nisso.

Era a Leah.

Claro que sim.

Ela estava sempre em casa.

A boa notícia era que, se ela alguma vez cometesse um crime, a prisão domiciliária não alteraria em nada o seu estilo de vida.

Fingi que não estava nervosa na sua presença, mudando os canais da televisão no meu lugar no sofá. Ela entrou na sala de estar com um vestido dourado justo com decote largo em V e maquilhagem esfumada impecável.

Trazia um cabide pendurado em cada pulso. Um com um *blazer* preto. O outro, um casaco comprido.

Uma pergunta agitou-se na minha língua. Reprimi-a, agarrando-me à perna. De repente estava ansiosa, como só ela conseguia pôr-me.

Os meus olhos desviaram-se para a televisão, mudando entre cadáveres podres num qualquer drama de detetives e a Leah vestida a rigor pela primeira vez em quase nove anos.

Ganhou a Leah. Não conseguia parar de olhar para ela. Se estivéssemos a falar, eu teria corrido para o meu quarto e tinham-lhe oferecido o meu gancho de cabelo preferido. Aquele que a mãe me comprou quando ganhei a bolsa de estudos em St. Paul. Combinava com o tom dourado do vestido dela e com o casaco de caxemira.

Suspirei. Mais alto do que pretendia.

Os olhos de Leah viraram-se para mim.

Perguntei-me quando voltaríamos a falar, mas não me pareceu que fosse tão cedo. Já não falávamos desde que tinha encontrado a carta, e isto – ela a olhar para mim e eu a olhar para o vestido lindo que ela usava – foi o mais perto que chegámos de reconhecer a existência uma da outra em muito tempo.

– Vou sair com o Jonah.

No ecrã, um dos médicos-legistas retirou uma carta enrolada, com recortes, da boca da vítima. Sentia algo alojado na minha garganta. Um grito. De felicidade ou ansiedade, não sabia.

– Eu disse que vou sair com o Jonah.

Esfreguei o nariz e abanei a cabeça antes de perceber que não estava a alucinar e que a Leah tinha falado comigo.

Caramba, e ia sair com o Jonah.

– Oh! – Virei-me para a encarar.

*Oh, Charlotte?*

*A sério?*

A minha primeira palavra para ela era «Oh»? Depois de tudo o que passámos?

– Sim. Achei que era altura de começar a sair. – Ela mexeu na bainha do vestido. – Porquê? É má ideia?

– Não. De todo. Ele já quer sair contigo há séculos. Estás a acabar com o sofrimento dele.

– Se tu o dizes. – Ela levantou os dois cabides. – Qual deles?

Isto era insanamente normal. O velho normal. O bom normal.

– O casaco.

Ela voltou para o quarto, fechando a porta com um estalido.

Uma Guerra Fria horrível, terminada com menos de vinte palavras. Algures lá em cima, o pai devia estar a fazer um esgar de dúvida.

Aproximei-me do meu quarto e abri a porta como se fosse um daqueles brinquedos em que salta um boneco da caixa e estivesse à espera de que algo saltasse de lá.

Os meus bens mais valiosos estavam numa caixa à prova de fogo debaixo da minha cama.

Abri-a e procurei até encontrar. O gancho. Esmeraldas em forma de pérolas colocadas numa cama de folhas de ouro.

Fechei a mão em redor dele, sentindo-o pela primeira vez desde Aquela Noite que marcou o fim da minha sorte. Antes do incêndio, eu usava o gancho todos os dias. Estava no meu cabelo na noite em que o pai e a mãe morreram. Na noite em que arruinei a cara da Leah.

Era justo que a deixasse usá-lo.

Saí do meu quarto e bati à porta dela.

Houve uma longa pausa antes de ela responder.

– Entra.

Entrei e pousei o gancho no toucador.

– Para o teu encontro. Põe o cabelo num carrapito baixo e desarranjado e prende-o na coroa.

A ponta dos seus dedos percorreu uma das folhas.

– É o que a mãe te deu.

– Sim.

Ficámos em silêncio a digerir o assunto. Nós. Eles.

Por fim, ela levantou-o na palma da mão, oferecendo-mo.

– Ajudas-me a pô-lo?

E eu ajudei.

# Capítulo Sessenta e Seis



## Charlotte

Subornei o Terry para a passar a noite num hotel de luxo no SoHo. Entreguei-lhe um cartão-presente gigante em que gastei metade do meu bónus de promoção, dizendo-lhe que expirava esta noite. (Não expirava, mas eu precisava de que ele se fosse embora.) Três ases deslizaram pela minha manga.

Wi-Fi de cortesia. Uma biblioteca abastecida. Paredes à prova de som. Nenhum deles resultou.

– Qual é a tua ideia, coisinha? – Ele mastigava uma pastilha elástica de canela no mesmo volume em que ouviria música. – Fizeste alguma coisa ao manuscrito?

– Não. – Cruzei os braços atrás das costas, agarrando o meu pulso e apertando-o, tentando ao máximo parecer inocente ao segundo homem mais calejado do mundo. O primeiro era o seu filho. – A minha irmã espera-me em casa mais cedo e não queria que o cartão de oferta fosse desperdiçado. Talvez consiga arranjar alguma coisa se sentir novamente o gostinho do estilo de vida de uma *penthouse* de luxo.

– Calma, Charlotte Richards. – Ele acenou o cartão junto à sua orelha. – Isto dá-me uma suíte menos má, na melhor das hipóteses. Não podias arranjar algo melhor?

– Sabe que mais? Esqueça. Eu dou-o ao meu vizinho. – Levantei-me para lho retirar.

– Nunca disse que não o queria. – Ele esquivou-se de mim, segurando-o acima da cabeça como um adolescente provocador. – Só queria ver se não há nada de estranho. Estou a perceber. Não tens mais amigos.

– Não tem de ser tão insolente.

Ele riu-se, rejeitando a minha provocação.

– Vamos ver quanto é que mil dólares me dão no SoHo.

Não sei de que estava à espera, mas não era definitivamente de um agradecimento. O que foi bom para mim, já que não recebi nenhum. Clássico do Terry. Ele foi-se embora levando consigo a sua volumosa mala com a máquina de escrever e uma mala que me indicou uma intenção de roubar bens do hotel.

E isso deixou-me sozinha em casa do Tate, ocupando-me das tarefas domésticas até ele chegar. Parecia ser a única coisa capaz de me limpar a mente nestes dias. Além disso, o Tate precisava obviamente de ajuda. A sua casa costumava assemelhar-se à parte inferior de um banco do metro, coberta com mais sujidade do que o razoável para dois habitantes. (Para ser justa, era só o Terry. Ele deixava um rasto de lixo suficientemente grande para explicar sozinho o rácio nova-iorquino de quatro ratos para cada ser humano.)

A Leah ia sair para o seu segundo encontro com o Jonah dentro de uma ou duas horas, por isso esperava que ela chegasse tarde a casa e pensasse que eu já tinha ido para a cama. Eu tinha esta casa só para mim e uma quantidade ilimitada de tempo para esperar que o Tate chegasse. E esperar. E esperar. E esperar mais um pouco.

Quando desisti e cheguei a Morris Heights já passava da meia-noite, a Leah provavelmente já se teria deitado há muito tempo e eu sentia-me mais idiota do que o tipo que vendeu a sua participação de dez por cento na Apple por oitocentos dólares. Percorri o caminho para o meu complexo, banhada na escuridão. Os candeeiros de rua não ficavam acesos mais de um segundo para logo se apagarem. Uma figura sombria esperava num dos degraus íngremes que conduziam à minha rua. Fiquei ali fora do seu campo de visão na base das escadas, esperando o momento certo até que a pessoa se mexesse. Não se mexeu.

Bocejei, preocupada com a possibilidade de adormecer de pé. Podia dar a volta à rua seguinte e subir os degraus da colina, mas, mesmo assim, cruzar-me-ia com ele quando voltasse para o meu apartamento no topo da colina. Mais valia fazê-lo agora e acabar com isto.

O elegante telemóvel acendeu-se na minha mão. Não sabia a quem ligar. A polícia parecia ser a aposta óbvia, mas o Jonah chegaria cá mais depressa. Então foi Jonah o escolhido.

Com o polegar sobre o botão verde de chamada, eu subi as escadas. Meia convencida de que a Leah ia acordar e encontrar-me nas notícias. Manchete: Corpo encontrado no Parque Galileu, esparramado no globo de Úrano. O candeeiro de rua piscava. Liguei a lanterna do telemóvel, esperando não ter provocado o tipo nos degraus ao apontá-la para ele.

– Charlie?

Era o Tate. Ele semicerrou os olhos e bloqueou a luz com a palma da mão, baixando-a quando meti o telefone no bolso.

Parei ao seu lado.

– O que fazes aqui?

– Estou à tua espera. – Ele próprio parecia perplexo. Como se também fosse a primeira vez para ele. Vi-o levantar-se e sacudir o pó do fato. Três peças. Cada uma delas bem familiarizada com o seu corpo magro. E não era o tipo de roupa que se usava neste lado da cidade para se esperar por uma rapariga de vinte e dois anos com quem não se namorava. – Demoraste um bocado – observou ele.

– Há quanto tempo estás aqui?

– Desde que saí do trabalho.

*Acalma-te, coração.*

Estava a respirar de forma ofegante.

– Que foi...

– Há três horas, mais ou menos alguns minutos.

O silêncio cobriu-nos enquanto deixávamos que isto entranhasse. Ele esperou três horas por mim. ele esperou três horas por mim. Mas a verdade é que eu também. Mas em casa dele. Estávamos no mesmo livro, apenas presos em capítulos diferentes. Será que alguma vez chegaríamos à mesma página?

Pus o cabelo atrás da orelha, fazendo-me desentendida.

– Podias ter-me ligado.

*Também lhe podias ter ligado a ele.*

– Eu liguei.

– Oh! – Abri o meu ecrã de bloqueio e encontrei-o vazio de notificações.

– Eu devia estar no comboio.

Ele não disse nada e eu também não. Éramos um par tão estranho. Fixados um no outro. Não querendo admiti-lo. Nesta altura, tínhamos criado uma nova dança. Onde eu me esquivava e ele se agachava. Eu abria e ele fechava. Negação. Dúvida. Desejo. Seja qual for o nome que lhe dermos, era uma porcaria.

– Hoje estiveste fora até tarde. – Ele levantou uma sobrancelha. Ajustei a alça do meu saco, alternando o pé.

– Estava em tua casa.

– A trabalhar no livro?

– Sim – menti. Vamos continuar com isso. – A trabalhar muito.

*Ou quase sem trabalhar. Pela positiva, os teus azulejos estão mais limpos do que alguma vez estiveram.*

Ele ficou a olhar para a noite.

– Queres ir dar uma volta?

– São duas da manhã.

*E provavelmente podemos ir para a segunda ronda do beijo se isto se prolongar.*

Não sei como explicarei isto à Leah se ela nos apanhar. O Tate superava-me em idade e estatura e, basicamente, em todas as unidades de medida para além da tragédia e, mesmo essa, era por pouco.

– Isso é um sim?



– Parque Galileu? – sugeri.

Os meus olhos fecharam-se enquanto aguardava uma resposta. Um pouco daquilo que eu queria que acontecesse perpassou pelas minhas pálpebras. Nós. Enrolados na floresta. A dar uma queca nos baloiços. Ele a comer-me no escorrega. Precisava de correr diretamente para o meu quarto, rezar cinquenta ave-marias e banhar-me me água benta. Este era o parque infantil onde eu trazia a filha do Jonah uma vez por semana. Nunca mais conseguiria brincar com a Rowling ali.

– Claro.

Os meus olhos abriram-se. O meu coração bateu na sua gaiola.

*Abre-te, exigia. Deixa o Tate entrar. Prometo que continuo a bater quando ele te magoar.*

Acho que nunca mais vou levar a Rowling ao parque infantil. Nem sequer conseguia sentir-me mal por isso.

Caminhámos até lá em silêncio, passando por imponentes edifícios de tijolo e lojas excêntricas ao longo do trajeto. A magia que eu amava na cidade podia ser resumida neste caminho, e eu estava a partilhá-la com o Tate Marchetti. Surreal.

O meu dedo mindinho tocou no dele. Estiquei-o deixando-o deslizar pela sua pele antes de o retirar. O dele bateu no meu. Era triste que considerasse isto preliminares? Quando chegámos ao parque vedado, dez minutos depois, eu estava a ofegar de ansiedade.

Tate foi o primeiro a saltar o portão, apanhando o meu saco quando o atirei para lá. Subi as barras de ferro, consciente dos seus olhos no meu corpo como um falcão. O metal estava frio e húmido sob as minhas palmas. As mãos de Tate seguraram-me a cintura no final, levantando-me com facilidade e baixando-me para o chão.

A luz da rua dava-nos um brilho alaranjado. Separei-me dele, inclinando-me para agarrar a minha mala. Esferas de betão gigantes estavam espalhadas pelo parque, cada uma pintada de cor diferente e rotulada com o seu planeta homónimo. Passei por Júpiter, Saturno e Vénus, coloquei os meus pertences no escorrega e sentei-me num baloiço. Fiquei tensa quando o Tate se posicionou atrás de mim. As suas mãos envolveram as duas correntes, puxando-me para junto dele. As minhas costas moldaram-se ao seu peito. O seu queixo pousou no topo da minha cabeça.

– Não sei o que estou a fazer – sussurrou ele no meu cabelo.

– É fácil. Tu empurras e eu voo.

– Eu quis dizer contigo.

– Também eu.

– Que bom – disse ele, e em breve as suas mãos estavam na minha cintura e o vento batia na minha face.

Não parecia real. Nós aqui. Ele a empurrar-me no baloiço. O tipo de cena doméstica que as mulheres adoram nos romances virais para jovens adultos com a garantia do «felizes para sempre».

– Estou fora da minha zona de conforto, Charlie.

*Eu também.*

Desde quando falávamos de nós de uma forma que exigia respostas? Não estava preparada para isto. Para o risco.

– Estás a ir bem. Mas se estás assim tão inseguro, talvez devêssemos trocar. – Saí do baloiço, apontando para o lugar agora vazio. – Tenho andado a poupar no dia dos abraços. Está na altura de treinar outra coisa que não as minhas pernas.

Os seus olhos baixaram para as ditas pernas, percorrendo todo o seu comprimento. Ele demorou o seu tempo. A sua garganta agitou-se. Quando falou, foi de uma forma rouca.

– Não mudes nada.

Eu estava a brincar, mas o seu tom indicou-me que ele não estava.

Olhar para ele era avassalador, por isso voltei para o baloiço. Ele agarrou no baloiço onde tínhamos ficado, fazendo-me deslizar pelo ar.

– Venho aqui quando preciso de desanuviar a cabeça.

*Quando a culpa se torna demasiado pesada. Quando os fantasmas se misturam à minha volta e eu me sinto sufocada.*

– Do Kellan – concluiu ele.

Estava impressionada de quão bem ele conhecia a minha parte danificada. De tal forma que o medo disparou dentro de mim. Direto do coração para a cabeça. As pessoas de quem eu gostava tinham morrido ou odiavam-me. Isto não era um romance para jovens adultos. A minha vida não inspirava finais felizes.

Lutei contra a dúvida, surpreendida quando consegui. Sentia arrepios nos braços. Por causa do ar frio. Por causa dele. Por causa da minha rara demonstração de força.

– Já pensaste que o Kellan era forte? – Deixo que o vento leve as minhas palavras até ao Tate. – Tão forte para lidar com isso tanto tempo como ele fez? Porque é isso que eu acho.

Por mais que tivesse pena dele enquanto ele vivia, isso intensificou-se no final do *Doce Veneno*. Agora conhecia a história da sua vida. Os seus medos. Os seus triunfos. As suas perdas. Mas houve uma coisa que me chamou a atenção quando cheguei à última página. Ele tinha introduzido um fio de esperança nas suas palavras. Do género que não indicava um homem à beira de acabar com a sua vida. Ou talvez a esperança fosse acabar com a sua vida.

– O livro. – Tate aclarou a garganta. – Diz porquê?

– Não. – Engoli em seco, feliz por não o conseguir ver porque sabia que haveria desilusão no seu rosto e isso magoava-me.

Ele praguejou, perdendo o ritmo a empurrar o baloiço.

– Nunca encontraremos paz, pois não?

Eu não podia aceitar isso. Não conseguia suportar o sofrimento de Tate quando ele carregava o peso da decisão de Kellan nos ombros todos os dias e isso deixava-o exausto antes do sol se pôr.

– O Kellan queria morrer. Ele planeou a sua morte muito antes de eu entrar na sua vida e, mesmo depois de me conhecer, ele sabia que iria até ao fim. Tu não podias ter evitado isso. – Ao dizer as palavras, apercebi-me de que não pareciam uma mentira contada para aliviar a dor de Tate. Talvez fossem uma esperança, mas eu não conseguia afastar a ideia de que eram verdadeiras.

*E se forem...?*

Significava que eu também não podia ter evitado a morte do Kellan. Uma lágrima desceu sobre o meu lábio abrindo caminho pela face. Passei a língua apagando as provas. Os meus ombros tremeram. Agarrando as correntes, tentei escondê-las enquanto o Tate continuava a empurrar-me, mas eu sabia que ele as via. Ele sempre me viu.

*Eu não podia ter evitado a morte do Kellan.*

Quanto mais pensava nisso, mais queria que fosse verdade. Mais acreditava que fosse verdade. Era um marcador de livros a meio de um romance já escrito. Atrasando o inevitável. Era como se o Kellan tivesse escrito o *Doce Veneno* sabendo que acabaria com a sua vida, que eu me culparia pela sua morte e que ele não queria que eu o fizesse. Se o Tate queria curar-se, ele também tinha de o ler.

– Devias lê-lo – sussurrei. Relutantemente. Sabendo que se ele o fizesse poderia terminar a nossa relação antes mesmo de ela começar.

O Kellan apresentou um argumento convincente para que eu e ele nos tornássemos um casal. Como se fôssemos destinados. E o Tate era uma pessoa tão preto e branco que eu não creio que ele fosse capaz de aceitar a beleza do cinzento.

– Não posso. – As palavras foram ditas em voz baixa, levadas para longe de nós pela brisa. Este era o Tate Marchetti na sua forma mais crua. No seu estado mais real. Assustado e arrependido e danificado.

Empurrei as correntes, alargando-as para abrandar o balanço. Atrás de mim, ele deu um passo em frente, percebendo o meu movimento. Eu colidi com ele. Ele pôs o braço em redor da minha cintura, segurando-me. A palma da mão cobria-me a barriga e a curva do peito. Esperei que ele a tirasse do peito. Mas não o fez. Ficámos assim. Silenciosos.

Pousei a minha mão na dele, deslizando-a para cima, para território perigoso antes de a tirar de cima de mim e aterrar no chão. O Tate assumiu o controlo, escolhendo uma zona junto aos escorregas. Ele examinou as suas opções e parou junto a Neptuno. Eu equilibrei-me em cima de Úrano. Um escorrega verde separava-nos.

Eu nunca gostei muito de astrologia, mas uma vez pesquisei cada planeta para a Rowling. Lembrava-me do seu simbolismo de cor. Das suas regras. Da sua magia. Sabia que Neptuno estava associado a sonhos, ilusões, imprecisão e incerteza. E Úrano? Mudanças súbitas. Quer fossem boas quer más, eu temia o caminho da descoberta. Havia algo de perpetuamente trágico em nós. Mesmo em momentos de paz. Éramos dois planetas vazios, ligados

pela dor e por uma atração gravitacional que nenhum de nós podia negar. Destinados a colidir e acabar numa morte escaldante.

– Porque vieste? – perguntei quando ficou claro que ele não ia quebrar o silêncio.

– Não sei. – Tate pôs uma perna sobre a outra e cruzou os braços. Gostava de como ele parecia deslocado no recreio com o seu fato. A forma como ele comandava até mesmo este espaço.

Eu não queria admitir porque é que estava tão desesperada ao ponto de desembolsar mil dólares para mandar o Terry para um hotel por uma noite. Porque esperei pelo Tate toda a noite. Fios invisíveis ligavam-nos. Éramos marionetas e as nossas cordas apertavam-se a cada dia.

– Eu quero-te, Tate. – As palavras saíram antes de as conseguir impedir. – Perto de mim. Junto a mim. Dentro de mim. Vou aceitar o que puder.

Ele precisava de tempo para se adaptar a desejar algo. Para aceitar que o merecia. Para ser sincera, eu também. Mas isso não significava que não pudéssemos desfrutar um do outro, entretanto.

Olhar para ele fez-me lembrar porque é que eu estava tão longe da minha profundidade habitual. Já era demasiado tarde para nadar para a parte menos profunda. Tate saiu de Neptuno e avançou na minha direção. A minha garganta contraiu-se. Exibia um ar de carnívoro esfomeado, seguindo cada centímetro de mim. Quando me alcançou, meteu-se entre as minhas pernas. O seu dedo encontrou o meu queixo e o outro roçava o meu lábio inferior.

– Não sei o que me está a acontecer – admitiu, inclinando a minha cabeça para cima, obrigando-me a olhar para ele. – Estou obcecado por ti, V.

O seu veneno.

O braço do Tate curvou-se em redor do meu pescoço, os dedos a deslizaram pelo meu cabelo, puxando-me a cabeça para trás. Inclinou-se para baixo, sussurrando-me ao ouvido:

– Vou beijar-te agora.

– Por favor, beija.

Ele queimou-me os lábios com os seus, e foi trágico, ilícito e belo, como arte valiosa roubada durante uma guerra sangrenta.

– Outra vez – supliquei.

E ele fê-lo.

– Outra vez.

Outro beijo.

– Outra vez e outra vez e outra vez.

Nessa noite, num campo de planetas sem estrela, ele atendeu às minhas exigências, beijando-me até os meus lábios ficarem feridos e o sol nascer no horizonte. Ofeguei, encostando a minha testa à dele.

As palavras da Leah n' Aquela Noite passaram-me pela cabeça.

*O amor faz-nos sentir imortais. Não queres isso?*

*Sim, pensei. Sim, quero.*

# Capítulo Sessenta e Sete



**Charlotte**

Cheguei a casa do Tate com boas notícias.

Assim que o Terry me viu, cambaleou para trás no sofá, como se tivesse visto um fantasma.

Franzi o sobrolho. Acenei-lhe com a mão à frente da cara, à espera que ele «acordasse».

– Está bem, Ter?

Sim, passámos para alcinhas e esta era anos-luz melhor do que aquela que lhe tinha dado no primeiro ano do liceu – Terry-vel.

Ele recuperou após um minuto mexendo numa das correntes do blusão do Kellan. O berloque da máquina de escrever brilhava na corrente.

– Onde arranjaste isso?

– O Kellan deixou-o no telhado uma noite.

Ele não me pediu para explicar.

Ele sabia sobre o telhado.

Depois de ler o *Doce Veneno*, ele sabia de tudo.

*E se o Tate o ler, também saberá.*

Este pensamento amargo apoderou-se de mim. Aparecia em qualquer oportunidade para me lembrar que estávamos condenados à desgraça.

– A mãe comprou-lho. – Terry folheou algumas notas diante dele, fazendo deslizar uma delas sobre a mesa de apoio entre nós. Apontou para o centro da página.

– Aconteceu por volta desta altura.

Olhei para o papel. Estavam assinalados com marcadores. Eram traços finos que começavam sempre bem e acabavam em rabiscos ilegíveis. Logo abaixo dos seus dedos, um comentário que Terry escreveu sobre o

comunicado de imprensa de pré-lançamento de *As Imperfeições*.

Rer o capítulo três. As coisas desmoronaram-se quando regressei da digressão. O Kellan atacava-me com frequência. Tinha descoberto o que acontecera. Será que alguém lhe contou alguma coisa? A culpa é minha?

O resto escapava-me, demasiado confuso para perceber. Com o Terry pode ser de propósito ou não. Uma vez vi notas que ele não queria que eu lesse. Desde então, ele mantinha-as sempre junto ao corpo.

– A sério? – Puxei uma corrente, esta com dois amuletos na mesma argola. Uma vagina de desenho animado e um dedo do meio. *É uma ode a Tate*, pensei. E não era favorável. – Sempre achei que era velho – acrescentei, rodando o dedo do meio para que ficasse virado para mim e não para a vagina.

– A Christie fazia compras em lojas de artigos de marca. Ela gastava o dinheiro muito depressa. – Bateu com o dedo no nariz, indicando que estava a falar literalmente. – Desde que se retirou da carreira de modelo, depois do nascimento do Kel, e eu... bem, nessa altura, *As Imperfeições* ainda não tinha sido publicado e os meus adiantamentos eram no máximo cinco mil.

Christie Bowman, também conhecida como o maior ícone da moda na história moderna, ex-modelo de fatos de banho e mãe de Kellan, cuidou dele durante toda a sua infância. Até ter uma *overdose*.

Na passagem mais arrepiante de *Doce Veneno*, Kellan descreve como encontrou a mãe morta, coberta de sangue e de pó branco. E também os dias que se seguiram, que ele passou sozinho.

Não se sabia do pai, não estava em lado nenhum.

A mãe estava morta.

O seu irmão, alguém em quem não queria apoiar-se.

– Eu não fazia ideia. Eu tê-lo-ia devolvido, se soubesse.

– Ele sabia que o tinhas.

– Como é que sabe?

– Estavas a usar um casaco nesse dia?

Tentei lembrar-me.

– Acho que não.

– Ele deixou o casaco de propósito. Queria que ficasses com ele – disse Terry com convicção, e embora fosse uma conjectura, fez-me sentir confusa por dentro, sensação logo substituída por um forte abalo do coração. Ele empilhou as notas.

– Acha que conseguimos terminar a tempo? – Queríamos lançá-lo no Dia dos Namorados, preferencialmente no próximo que marcava o quinto aniversário da morte de Kellan. Um prazo muito apertado, mas eu tinha-o colocado no contrato e a Helen concordou, dado o contexto.

Tinha vindo aqui para dizer ao Terry que tinha oficialmente vendido os direitos do *Doce Veneno* à Helen e ao grupo editorial para o qual ela trabalhava. Mas contive-me. A pressão parecia aumentar nos seus ombros de cada vez que falávamos. Não queria que ele soçobrasse. Pelo menos até terminarmos esta ronda de revisões.

Em vez disso, dei-lhe um maço de tabaco.

– Eu sei que conseguimos. Estes são os últimos dois capítulos. Ele não escreveu um epílogo. Disse-me que não acredita neles.

– Ele é o oposto de mim.

– *As Imperfeições* não têm um epílogo – disse eu.

– Talvez sejamos mais parecidos do que pensamos.

– Ou talvez fosse por isso que as pessoas gostaram muito dele.

*Ao contrário dos outros livros.*

Ele não disse, mas eu vi as palavras nos seus olhos. A visão despoletou uma memória distante na sua lista de pendências. Aquela que estava cheia de histórias que os leitores detestavam. Apesar de todo o seu pessimismo, os outros livros terminavam com conclusões perfeitas. Mas o *As Imperfeições* não teve um final limpinho embrulhado com um laço de cetim vermelho. As pessoas gostaram do facto de ser confuso. Porque a vida continua confusa.

Mergulhámos nestes capítulos. Quando trabalhávamos, o Terry transformava-se. Ficava mais animado. Menos deprimido. E sóbrio. Muito sóbrio. Ainda não o tinha visto embriagado desde que lhe pedira ajuda para o *Doce Veneno*. Apesar de ter ido abaixo na primeira vez que leu o manuscrito. Era desconfortável ver um homem tão combativo desmoronar. Era como ver um pai a chorar pela primeira vez.

Quando acabámos nessa noite, tínhamos ido para o quarto do Kellan para captar o cenário do penúltimo capítulo. Sentia dores por todo o corpo por causa de estar inclinada em cima das páginas. Lutava contra a fome, aceitando os capítulos que o Terry me dava.

Ele observava enquanto eu os enfiava na minha mala e fechava a aba.

– Achas que está tudo bem?

Já me tinha apercebido que a dúvida em Terrence Marchetti não era tão rara como eu pensava. Ele dissimulava-a com sarcasmo e vícios, mas quanto mais olhava, mais via alguém perdido em busca de uma direção.

Infelizmente para ele, eu era a única pessoa disposta a dar-lha. E, bem, eu também não era totalmente boa da cabeça. Certamente não o suficiente para ajudar alguém quatro décadas mais velho do que eu.

– Vendi o manuscrito.

Houve um momento de silêncio. Descrença? Raiva? Choque? Todas juntas?

Depois, o Terry deu um murro no seu punho gritando como se a sua equipa preferida tivesse acabado de marcar um golo.

– A um grupo editorial?

Mordi o lábio, escondendo um sorriso.

– Sim.

– O meu filho. – Ele abanou a cabeça. – O meu filho, o meu filho, o meu filho. Um autor publicado. Uau! – Ele fez uma pausa. O nome dele vai estar no livro?

– Claro.

- Bonito e grande?
- Maior do que o título. Incluí numa cláusula no contrato.
- Em vários países?
- Estão a comprar os direitos neste preciso momento.

– O meu filho – sussurrou ele novamente, e eu apercebi-me, não pela primeira vez, que quando o Terry era apaixonado e gentil, transformava-se num homem que valia a pena admirar.

- Já percebo por que ele o admirava.

Terry ficou paralisado.

- Ele não me admirava. Pelo menos, não no final.

– Nunca deixou de o admirar. Eu estava lá. No telhado. E apesar de nunca ter entendido porque é que ele o idolatrava, para além do facto de ser pai dele, acho que agora já percebo. Sim, é duro por fora, mas também é talentoso, obcecado com o seu ofício e estranhamente suave como massa de biscoito malcozida.

As suas faces ficaram coradas, mas ele tossiu mantendo a calma.

- Mau para a tua saúde?

- Foi só isso que retirou daquilo que eu disse?

– Ignorei o resto porque estou a agarrar-me à esperança de que não sejas tão paranoica como pareces.

– Ou talvez não seja o monstro que pensa ser. Talvez também não seja a fraude que pensa que é. Tem medo de aceitar isso?

- Não me digas que és tão ingénua como o meu filho.

- É a verdade.

- Eu fiz-lhe mal e ambos sabemos disso.

- Estava a lutar contra os seus próprios demónios.

– Isso é uma desculpa. Eu criei-o num ambiente infernal. O facto de ele ter durado quase dezoito anos é um maldito milagre.

- Ele ainda o amava.

Estava lá. No livro. A prova de que o Kellan não guardava rancor a nenhum dos seus familiares. Nem à Christie. Nem ao Terry. Nem ao Tate.

– Ele cresceu a ver a Christie e eu a snifar mais cocaína do que todo o elenco de *O Lobo de Wallstreet*. Antes de *As Imperfeições*, quando ele precisava de roupas novas, aulas de desporto, uma infância estável, eu não conseguia pagar porque gastava todo o dinheiro da fortuna da Christie e os meus adiantamentos de merda em cocaína e álcool. Ele alguma vez te disse isso? Oh, espera. Ele não precisava de o fazer. Está tudo no seu livro.

- Assim como o amor dele por si – insisti.

– O Kellan tinha sonhos, objetivos e desejos. Coisas pelas quais viver. O miúdo fazia amigos onde quer que fosse, escrevia histórias que os editores se babavam e corria para casa, para mim e para a Christie, entusiasmado com a perspetiva do dia seguinte. Os seus professores todos diziam que ele ia ser grande. Um bom miúdo em todo o lado. Teria um futuro brilhante e eu matei-o. Eu matei-o.



– A mãe morreu e ele entrou numa espiral descendente.  
– Eu dei-lhe as drogas.  
– O Kellan sabia e não ficou ressentido por isso.  
– Deixei-a lá para o Kellan a encontrar, só para não ter de lidar com a imprensa. Porque plagiei um livro e estava com muito medo de todo e qualquer escrutínio.

– É horrível aquilo que fez. Há reparações a fazer. Mas ele perdoou-o. As palavras estão lá, gravadas nas páginas para sempre.

– Como eu disse. Demasiado ingénuo para o seu próprio bem.  
– Não está a dar crédito suficiente ao seu filho. Ele tem o poder de fazer as suas próprias escolhas sobre quem perdoar.

– Tinha. Ele *tinha* poder. Até eu o matar, Charlotte. Ele precisava de mim depois da morte da mãe e eu mandei-o embora.

– O Terry também estava a lidar com a morte dela.

O Kellan viu isso. No *Doce Veneno*. Ele nunca questionou o amor do Terry pela Christie depois de o ter visto de mãos dadas, ajoelhado diante da sua cama, implorando para que um poder superior o levasse também.

– Não foi por isso que o mandei para o Tate.

A minha cabeça virou-se para trás, como um chicote.

– O quê?

– Eu abandonei-o porque não suportava olhar para ele!

Nem me atrevia a perguntar. Senti como se tivesse pisado vidro e, se me mexesse, ele afundar-se-ia mais na minha pele e sangrar-me-ia.

Ele deve ter entendido o meu silêncio como um recuo, porque uma gargalhada grosseira saiu-lhe da garganta. Quebrado, retorcido e ferido.

– Viste os meus pecados naquelas páginas e achas que eu valho algum cêntimo?

– Não importa o que eu penso. Não foi a mim que magoou. Foi ao Kellan. A opinião dele é que é relevante e ele achava-o digno de ser idolatrado. Achava que valia a pena perdoar. Há algo dentro de si que o Kellan gostava e queria. Não lhe posso dizer como viver a sua vida, mas se eu soubesse que o Kellan pensava assim sobre mim, eu encontraria a parte de mim que ele amava e honrá-lo-ia ao máximo.

– Sou um péssimo pai, Charlotte. Vou morrer como um péssimo pai. É demasiado tarde.

– Não é. Ainda tem o Tate. O Tate está vivo.

*E sente tanta dor, ele está a afogar-se.*

– Esse navio já partiu. Está a meio caminho do outro lado do mundo, no fundo do Pacífico.

– Tem de tentar.

– O Tatum preferia perder os tomates a fazer as pazes comigo. – Ele passou a mão pelo rosto. – E o Kellan...

Sacudi a cabeça, não o deixando terminar o pensamento.

– Talvez eu não conhecesse o Kellan tão bem como julgava, mas

conheço-o suficientemente bem para ver que o *Doce Veneno* é a sua redenção. Ele teria pensado assim.

– Não o posso obrigar a acreditar em mim, mas vai ver. Quando o livro dele for publicado, quando todos o lerem, quando reconhecerem o seu talento que só nós temos o privilégio de testemunhar, verá. É o melhor presente que lhe pode dar neste momento. E o Tate... Não é demasiado tarde para fazer as coisas bem com o Tate.

– Achas que não quero compensar o Tate? Que ele não é a única razão pela qual ainda respiro? A morte é demasiado boa para um sacana como eu. Por isso, não. É demasiado tarde para fazer as pazes com o Tate. Eu não o mereço. O mínimo que eu posso fazer é estar vivo para ele poder odiar. Para lhe lembrar que a verdadeira pessoa a culpar pela morte do Kellan não é ele. Sou eu.

Ouviu-se um ruído.

Um único passo.

Os meus olhos viraram-se para a porta.

Encontrei o olhar de Tate através da fresta.

A confissão do Terry foi uma flecha e acertou em cheio no coração do seu filho mais velho.

# Capítulo Sessenta e Oito



**Charlotte**

**A**s marés de felicidade acabavam sempre.

Por isso, não me surpreendeu quando a Leah chegou a casa depois do seu encontro com um estrondo.

Literalmente.

Ela bateu a porta atrás de si. Bem alto. Como se estivesse a fazer uma afirmação. E só podia ser para duas pessoas.

Achei que não era eu.

Ela descalçou os sapatos à porta. Os saltos fizeram ricochete na parede e aterraram a meio metro de distância.

Ela estava a murmurar qualquer coisa.

Tudo o que consegui ver foi Jonah, *desesperado*, e eu já devia saber.

*Oh, não, Jonah! O que fizeste?*

Tirei o telefone para lhe enviar uma mensagem enquanto a Leah despia a camisola, tirando-a pelos braços. Vi a minha irmã, que era uma maníaca da arrumação, atirar a roupa para a alcatifa da sala de estar.

*O horror.*

– Como correu o encontro?

– Perfeito – resmungou ela.

– Está bem. Se tu o dizes. – Zangada, mandei uma série de pontos de exclamação para o Jonah. – Importas-te de dizer porque estás chateada?

– Sinto-me insegura! – Ela explodiu de repente, como um vulcão adormecido que entra em erupção a partir do nada. – É isso que queres ouvir? Não é culpa do Jonah que as mulheres se atirem a ele quando ele está a ter um encontro comigo. A culpa é da minha cara de parva, mas definitivamente a culpa não é dele.

Isto era mau. Tão mau.

– Ele prestou-lhes atenção?

– Não. Charlie Hunnam Jr., não precisava de o fazer. Elas são bonitas e perfeitas. Com a pele intacta. Sem marcas. Impecáveis. Tudo o que nunca serei. – Ela abafou as palavras, arrancando o laço do cabelo e deixando os caracóis caírem em redor do rosto.

Tinha uma embalagem de toalhetes de maquilhagem amachucada na mão. Deitou-a ao chão depois de ter tirado o último, passando violentamente o lenço húmido pelas suas cicatrizes.

Bateram à porta.

– Podes abrir? – rosnou Leah.

Apontei para a toalha, puxando-a com mais força à volta das minhas mamas.

– Preferia que não. Não estou decente.

– Eu não tenho maquilhagem.

– Leah! – Tentei meter-lhe algum juízo na cabeça. Ela não podia continuar literalmente a usar uma máscara de cada vez que saía de casa.

Leah suspirou pesadamente, foi até à porta e levantou-se na ponta dos pés para espreitar pelo buraco da porta. Ela gemeu, virou-se e encostou a nuca à parede ao seu lado.

– Merda!

E outra batida.

Desta vez foi estrondosa e não parou.

Leah não se mexeu, sem dúvida a rezar para que o visitante se fosse embora. A batida parou.

– Ouvi-te a dizer «merda» – disse Jonah do outro lado. – Eu sei que sabes que eu estou aqui. Um pouco infeliz com a minha alcunha, mas aqui estamos. Vamos ser adultos em relação a isto ou vais esconder-te aí dentro? Uma ajudinha, Char?

Reprimi uma gargalhada, encostando-me à ombreira da porta do meu quarto.

– Está bem – disse Leah. – Dá-me cinco minutos e eu já abro a porta.

– Não. Agora.

– Desculpa?

– Quero ver a tua cara agora mesmo. Sem maquilhagem.

– Não sabes o que estás a pedir. – A voz dela estremeceu. Senti o meu coração partir-se.

– Deixa-me ver, porra.

Fez-se silêncio.

Ela deu um passo atrás, olhando para a porta. Senti um aperto na garganta. Queria gritar com ela, incitá-la a fazer isto, a dar o salto, mas sabia que tinha de ser ela. A decisão dela. Ela própria a escrever a sua história.

Porque, essencialmente, era isso que éramos. Autores das nossas próprias histórias. Um imprevisto sob a forma de reviravolta sombria tinha-se

derramado pela história de Leah, um buraco manchado de tinta no seu «felizes para sempre», mas ela ainda podia dar a volta. Uma página. Ela ainda podia cavalgar para o pôr do Sol com o príncipe das mangas tatuadas. Não num cavalo, mas numa Harley.

Leah deu mais um passo para longe de Jonah.

– Leah. – A sua voz quebrou-se.

E mais um passo.

*Não. Por favor, não.*

Ela virou as costas à porta, afastando-se dele. As lágrimas turvaram-me a visão.

Jonah suspirou.

– És tão teimosa. Eu agarrava em todas as tuas cicatrizes e usava-as como se fossem umas Levi's se pudesse.

Leah parou. Torci os dedos, implorando-lhe que visse a verdade. A sua verdade. Que ele se importava. Que as suas cicatrizes não a definiam.

Os seus olhos arregalaram-se.

*De compreensão?*

Eu não me atrevia a respirar. Uma lágrima escorregou-me pela face.

*É isso mesmo, Leah. Escuta-o. Ele está a dizer a verdade.*

Tudo o que o Jonah viu foi uma rapariga doce e boa do outro lado do corredor que alimentava raposas bebés órfãs, criou uma irmã quando tinha dezoito anos, atravessou o fogo pelas pessoas que amava e tomou conta da sua filha. Eu sempre soube isso.

Ele sempre soube isso.

Mas parecia que só agora é que ela tinha percebido.

Ela deu meia-volta e correu para a porta. Destrancou a fechadura e abriu-a. Ficaram frente a frente. Ambos ofegantes.

Ele estava tão sensual.

Ela era tão bonita.

Senti-me como uma intrusa, mas não me importei, porque este era o capítulo que eu estava à espera de ler na história da Leah desde a noite em que tudo mudou.

Jonah deu um passo em frente. Agarrou a cabeça de Leah com as suas mãos enormes e sujas e encostou-a à parede.

– Perfeito – rosnou ele na cara dela, com o polegar a deslizar pela pele roxa da bochecha direita. As costas dela bateram na parede. O rosto dele inclinou-se para baixo, os seus lábios paralelos aos dela. – Foda-se. Perfeito.

Depois, beijou-a com tanta intensidade que fiquei tonta indiretamente. Recuei um passo e fechei a porta do meu quarto, dando-lhes alguma privacidade.

Independentemente daquilo que acontecesse entre o Jonah e a Leah, agora sentia-me mais leve. Como se parte da minha responsabilidade pelo estado de solidão dela já não existisse.

Ela estava a voltar à vida.

A reescrever os capítulos maus.

Ainda mais importante – ela estava finalmente a aceitar a capa que lhe tinha sido dada e a lembrar-se de qual era a parte mais importante do livro.

O miolo.

# Capítulo Sessenta e Nove



**Charlotte**

— Um centimo pelos teus pensamentos.

A Leah atirou-me a moeda.

Não tive tempo de a apanhar, estava tão atónita. Ele já não fazia isto há... bem, vejamos, quase nove anos. Pensei que ela se tinha esquecido da nossa tradição.

Levantei os olhos do meu livro, aninhada no sofá. A Row estava enfiada debaixo do braço da Leah, no braço oposto do sofá, a ler-lhe um conto de fadas.

— Porque é que estás a perguntar?

— Estás a ler o *Heartburn* de Nora Ephron. Não há mais gelado no frigorífico e parece que despejaste gordura no teu cabelo. Acho que é seguro dizer que estás de coração partido. — Leah olhou para a massa de caracóis louros debaixo dos braços e beijou a têmpora de Row.

— O que achas, Row?

— Muito, muito partido. — Rowling, que teria concordado com Leah sobre qualquer coisa, incluindo a teoria que dizia que o sol era roxo e que as nuvens eram feitas de pelos do sovaco, confirmou com um aceno de cabeça ansioso.

Eu não conseguia esquecer a moeda.

— Pensei que te tinhas esquecido do «centimo pelos teus pensamentos».

O forno apitou. Leah soltou Row, levantando-se do sofá para ir verificar as bolachas de chocolate que estavam a fazer.

Eu adorava o nosso apartamento. A brancura e o creme da mobília e o colorido das mantas e dos quadros. Estava tudo exatamente onde devia estar. Arrumado, limpo e perfeito. Tudo, exceto o rosto da minha irmã.

Mas hoje, parecia que ia ficar tudo bem.

– Porque é que eu faria isso?

Ultimamente ela andava de bom humor. Muito provavelmente porque tinha começado a ver que podia ser amada apesar do seu maior medo – a sua cara.

Estava completamente maquilhada porque a Rowling estava aqui, mas eu percebia que ela se sentia mais confortável sem maquilhagem. De facto, já se tinha maquilhado ao natural três vezes na frente de Jonah. A segunda para o testar. A terceira porque ela ainda não conseguia acreditar que isso não o incomodava.

– Não sei. – Encolhi os ombros, folheando o livro sem o ler. – Pensei que estavas zangada comigo.

Ela sabia daquilo que eu estava a falar. A Leah agarrou numa luva e abriu o forno. O cheiro de bolo acabado de fazer e chocolate encheu o ar, fazendo-me crescer água na boca. Com a mão enrolada num pano de cozinha, ela voltou a colocar o tabuleiro das bolachas lá dentro.

– Estou. Quer dizer, estava. Ainda estou zangada. Com o mundo. Com Deus. E talvez... Não sei... comigo própria. Por ter fumado. Mas depois de isto ter acontecido, não havia muito mais que me pudesse devolver o que perdi, por isso decidi manter o mau hábito.

– Está a comer-me viva – articulei com os lábios sem fazer som, pois não queria que a Rowling ouvisse.

Ela voltou para o sofá e inclinou-se para Row até estar ao nível dos olhos dela.

– Os biscoitos vão ficar prontos daqui a pouco. Queres ir tomar um duche? Quando saíres, eles já estarão mornos para não queimares a língua.

Row anuiu, dirigindo-se à casa de banho. O Jonah estava a educá-la bem. Não sei por que razão, mas isso dava-me esperança na sua relação com a minha irmã. Ele era um bom rapaz. De verdade.

A Leah virou-se para mim.

– O que se passa? É o meu hábito de fumar? Ou outra coisa que te está a comer viva?

– Vais largar o vício – declarei. Era a minha maneira de responder. E de contornar o assunto.

– Como é que tens tanta certeza? Algumas pessoas tentam e falham.

– Porque tu nunca falhas, Leah. Em nada. – Bati-lhe no ombro com o meu. – E porque estás a namorar com o Jonah, é sério e ele tem a Row.

Ela suspirou, reprimindo um sorriso.

– Tens razão. Eu já comecei a usar pensos. Não fumo um cigarro desde o encontro número dois.

– Estou feliz por ti.

– É a tua vez de seres feliz. Vais dizer-me o que te incomoda?

– A culpa. De vez em quando surge.

– Sobre a mãe e o pai?

– Não. Isso também surge às vezes, claro. Mas eu lembro-me de que eles



me adoravam. Que não gostariam que eu me retraísse na vida por sua causa.

– Tens razão. – Ela mordiscou o cabelo. – Meu Deus, quem me dera ter-te dito isto mais cedo.

Quase lhe disse que não fazia mal. Que ela estava a lutar e que também eu tinha culpa disso. Mas não disse. Decidi aceitar o pedido de desculpas sem condições. Queria ser vista e, por uma vez, senti que merecia sê-lo.

– Não estava tudo bem – admiti.

Os olhos de Leah arregalaram-se, como se ela nunca tivesse pensado ver o dia em que me defendesse. Mas depois os seus lábios abriram-se num sorriso e deu-me um toque na cintura com o cotovelo.

– Tens razão. Não estava. – Ela abanou a cabeça, colocando uma mão em cada um dos meus ombros, virando-me para ela. – O que aconteceu naquela noite foi um acidente. Eu devia ter-te dito isso, mas de cada vez que olhava para o meu rosto, voltava a cair no poço do autoaversão. Há muito tempo que não sou uma irmã para ti.

– Salvaste-me a vida. – Apertei-lhe a mão, esforçando-me ao máximo para não cair em lágrimas. – Tu criaste-me.

Ela abraçou-me com muita força. Agarrei-me a ela, sentindo-me leve e alegre, apesar do peso da culpa.

Passados alguns minutos, senti-a sussurrar no meu cabelo.

– De onde vem a culpa, Charlotte? Diz-me que eu lhes dou uma tarefa.

– Do Kellan. Acho que me sentirei sempre culpada por estar feliz quando o Kellan não teve a mesma oportunidade.

Deixei de fora a outra metade. Ser feliz com o Tate. Foi a mais profunda traição. Um obstáculo que tentei e não consegui contornar. E não era só eu. Eu sabia que o Tate sentia o mesmo. Pela forma como ele olhava para mim e para o Terry juntos. A forma como os seus olhos se demoravam no quarto do Kellan de cada vez que lá passava e se vinha embora. A forma como nos dávamos bem um com o outro nalguns dias, apenas para entrar num silêncio estranho noutros dias.

– Oh! – A palavra escapou da boca de Leah num só fôlego angustiante. – Oh, Charlotte. Peço imensa desculpa.

Eu sabia o que ela queria dizer. Daquilo de que se estava a desculpar. A carta. Isso também não estava bem, mas eu compreendia. As intenções importavam. E embora a Leah sofresse, ela nunca teria magoado o Kellan intencionalmente para me magoar.

Ela recuou.

– O Tate veio ver-me. Na verdade, ele gritou comigo.

– Ele o quê?

– Okay, não foi bem gritar. Foi mais uma conversa.

– O que é que ele disse?

– Deu-me um puxão de orelhas, dizendo-me todas as maneiras como te maltratei.

– Eu não lhe disse para fazer isso – apressei-me a dizer.

– Não estou zangada. Quer dizer, no início, estava, mas depois percebi que ele tinha razão. Eu maltratei-te. – Ela lançou-me um sorriso envergonhado, apertando a minha mão. – O Jonah estava lá fora. O que, em retrospectiva, é a dupla confirmação de que o Tate fez a coisa certa. De outra forma, o Jonah tê-lo-ia impedido.

– Ainda assim... – O meu coração batia tão depressa que não me surpreenderia se acabasse nas urgências.

– Ele não teria vindo falar comigo se não sentisse algo por ti. – Uma pergunta bailava-lhe nos olhos, mas não queria abusar agora que a nossa amizade renascera.

– Sim, estou a apaixonar-me por ele – respondi à pergunta que não foi feita. – E, sim, acho que ele também sente algo por mim. Mas o Kellan vai estar sempre entre nós, tanto como elemento de junção como de divisão, e eu sinto-me a pior pessoa do mundo por dizer isso.

– Não há problema em ter sentimentos. Isso torna-nos normais. Mas não deves viver no passado. Acredita em mim. Eu tentei. E só consegui ficar zangada, amarga e cheia de remorsos. – Ela levou as pernas ao peito, envolvendo os joelhos com os braços. – Não podemos mudar o passado. A única maneira de seguir em frente é a cura. E isso é uma ordem. – Ela piscou-me o olho. – Eu sou a tua irmã mais velha. Tens de me ouvir, Lottie.

*Lottie.* Ela voltou a chamar-me Lottie.

A Leah levantou-se para ir buscar as bolachas e eu fiquei a olhar para o programa infantil que ela tinha posto para a Row. Alguns alunos de liceu cantavam e dançavam antes de o rapaz pôr o braço à volta da cintura da rapariga, declarando o seu amor por ela. Assim. Tão simples.

*Todos os dias há pessoas que se apaixonam. Pessoas boas. Pessoas más. De todas as cores. Amam depressa, intensa e profundamente. E, às vezes, têm a sorte de serem amadas também.*

A Row saiu da casa de banho com um pijama novo, o cabelo molhado e a atirar água por todo o lado. Leah guinchou quando as gotas de água a atingiram, puxou a Row para a abraçar e levantou-a ao ar em círculos. Jonah entrou, todo sujo e gorduroso de uma noite de trabalho. A Row correu para ele em círculos quando ele tentou apanhá-la com os dedos sujos. Parou um instante para beijar a testa da Leah. Ela estava radiante. A florescer sob o afeto do Jonah.

*O Tate merece o mesmo conforto.*

Naquele momento, decidi uma coisa. Algo grande e assustador e possivelmente impossível.

Jurei salvar o Tate Marchetti de si próprio.

# Capítulo Setenta



**Tate**

A Associação Americana de Obstetrícia decidiu que seria boa ideia convidar-me como orador principal para a sua conferência anual de obstetras e ginecologistas.

Apesar do facto óbvio de o Bernard e Marchetti terem uma lista de espera suficientemente longa para esgotar o Madison Square Garden e precisarem de publicidade gratuita como o Bezos precisa de dinheiro, o Walter encarregou-se de aceitar o convite em meu nome.

– É uma honra – disse-me ele, soando demasiado ousado para alguém que planeava reformar-se nos próximos dois anos.

Eu estava para o discurso motivacional como o Tommy Wiseau estava para a representação. Não me apetecia passar uma hora a dizer a estranhos para se recomporem quando a coisa que eu mais queria, para além de o meu irmão ressuscitar dos mortos, era comer a sua paixão do liceu e possivelmente o amor da sua vida de uma forma que faria corar uma estrela porno.

O que implicou que, uma hora antes do discurso no Black Hotel, em Midtown Manhattan, dei por mim numa espelunca da qual nem sabia o nome, a beber uma dose dupla de *vodka* de má qualidade. Acompanhei-o com uma amostra de elixir bocal orgânico e sem flúor (regalias de médico), e acabei a cuspir o líquido verde para um lavatório manchado de amarelo.

Quando o meu táxi chegou ao hotel, já estava suficientemente animado para tentar a minha sorte na hipocrisia. A Sylvia tinha escrito o discurso, o que significava que parecia pornografia inspirada diretamente de um filme das *Quatro Amigas e Um Par de Calças*. Cheio de coisas boas como:

*Não esperes até um momento se tornar uma memória para apreciar o seu valor.*

*Entrar na chuva para encontrar o arco-íris.*

*És a paciente mais importante que alguma vez terás.*

*Cortem-me os tomates se este discurso for publicado.*

A última era minha. E, infelizmente, não estava nos cartões para esta noite, já que eu não queria ser a próxima sensação do YouTube. Intitulado – *Colapso Público de Médico de Nova Iorque: Implora a Uma Sala Cheia de Ginecologistas Que Lhe Toquem nos Genitais*.

O Walter deu-me uma palmadinha no ombro quando cheguei. Ficou no seu lugar, como se esperasse que eu não aparecesse. Assisti a um jantar doloroso, falei com colegas cujos nomes não me lembrava e fiz o discurso da Sylvia sem vomitar de tão piegas que era. Senti-me como o Terry naquele pódio. A usar o álcool como muleta. Nervoso em público. Tudo aquilo que eu tinha jurado nunca ser.

Assim que desci do palco, os melhores ginecologistas do país passearam-me pela sala como se fosse um tabuleiro de aperitivos que ninguém queria.

– Ei, li o teu perfil no American Obstetrics. É verdade que o teu pai é Terry Marchetti?

Não. Dador de esperma. Não muito diferente de algumas das nossas pacientes de fertilização *in vitro*, só que os deles vêm de homens que não são uns merdas.

– Ouvi dizer que a tua mãe era a Christie Bowman. Gostava de ter sabido isso quando andámos em Harvard, meu. Tinha um póster dela da *Playboy* na parede quando era miúdo.

*Ponto número um, não. É a mãe do meu irmão. O Terrence anda sempre por aí. Se ele tivesse algum dinheiro para distribuir, eu provavelmente estaria numa sala cheia durante a audiência do testamento. E, ponto número dois, porque é que me disseste isso?*

– É bom voltar a ver-te, meu. Já lá vão uns anos, não é? Ouvi falar do teu irmão. Lamento muito a tua perda.

*Se lamentasses mesmo, terias aparecido no funeral há quatro anos. Podia ter aumentado o número de presenças para uns loucos sete.*

Como sempre, a lembrança da morte do Kel azedou-me o humor. Saí da conferência mais cedo. Ignorei o Walter quando ele me mandou uma mensagem perguntando-me onde tinha ido. Ultimamente, não conseguia pensar no Kellan sem pensar na rapariga que ele amava. Era fácil odiar-me. Por ser um hipócrita. Por ser como o meu pai. Por querer a Charlie. E foi assim que eu dei por mim noutra espelunca depois do discurso. Este bar ainda era pior que o anterior. Mesas sujas. Bebidas com os rótulos descascados. Humidade espessa e ar condicionado avariado.

Estava a embebedar-me e estava a fazê-lo de propósito, sabendo que seria igual ao meu inútil pai e odiando-me por isso.

O *barman* colocou uma mão no meu ombro assim que me levantei.

– Está a oscilar. Não o vou deixar sair assim.

Não respondi, porque de alguma forma tinha ido parar a um barco que

me estava a balançar muito.

– Tem alguém a quem ligar? – perguntou, agarrando no meu telemóvel. Pelos vistos, até este sítio tinha moral. Mais moral do que eu, pelo menos. – Ou posso chamar-lhe um táxi.

– Charlie – murmurei. – Ligue à Charlie.

Ele levantou o meu dedo do tampo sujo do bar e usou-o para desbloquear o telemóvel, falando logo de seguida.

– É a Charlie...? Não, é o Luke. Sou empregado de bar... O seu amigo está aqui comigo. Ele está embriagado. Disse-me para ligar à Charlie para o vir buscar. É a única Charlie no telefone dele. Na verdade, é um dos dois números do telefone dele. Não é um tipo muito popular, pois não? Estamos no The Office... Não, The Office... Não, o bar chama-se The Office... Está bem. Até já, Charlie.

Ele deixou cair o aparelho na minha mão e eu já não me lembrava quando é que ele o tinha tirado. A minha cabeça abateu-se sobre o tampo do bar. Pegajoso. Tão pegajoso, porra. Inspirei o cheiro a álcool e amendoins, perguntando-me o que faziam quando entrava alguém com alergia a nozes. Parecia um processo judicial à beira de acontecer.

Dedos tocaram-me no ombro. Arranharam-no. Depois beliscaram-no quando eu não me mexi. Gritei uma asneira, piscando os olhos contra o tampo do bar. Quando é que eu adormecera? Levantei a cabeça. Virei-me para o dono dos dedos.

*Charlie.*

Pestanejei, na tentativa de perceber se a estava a imaginar. Às vezes fazia isso. Imaginava-a perto de mim quando ela não estava. Especialmente com o aspeto que ela tinha agora. Tão bonita que não podia ser real. Porque é que ela estava aqui? Não queria que ela me levasse para casa. Ou me visse comportar-me como o Terry.

– Oh, Tate! – Ela suspirou e, sim, ela estava aqui.

A Charlie veio mesmo. Então esta era a sensação de ter alguém de quem depender. Demorei algum tempo a reconhecer o sentimento de felicidade porque tinha passado os últimos quatro ou mais anos sem ela.

– Charlie.

Ela estendeu a mão. Os nós dos seus dedos roçaram a minha face.

– Doutor Marchetti, vamos levar-te para casa.

– Ele é médico? – perguntou o empregado do bar. – Não queria que ele fosse o meu médico.

– Sistema reprodutivo errado – murmurei, voltando-me para a Charlie. – Não me vais perguntar porque é que eu estou aqui?

– Tenho a sensação de que já sei.

Claro que ela sabia. Ela era a única que me entendia.

Charlie passou por baixo do meu ombro e atirou o meu braço para cima das costas dela, ajudando-me a levantar. Tentei manter o mínimo possível de peso sobre ela, ou seja, nenhum. Lutámos com dificuldade nos seis metros até

à porta. O vento gelado atingiu-me como um golpe. Cambaleei para cima da Charlie, atirando-nos a ambos contra a parede rugosa. Coloquei as minhas mãos de cada lado da cabeça dela. Mal me conseguia segurar. O meu corpo prendeu-se ao dela.

Um idiota qualquer assobiou.

– Dá-nos um espetáculo, querida!

Levantei o dedo médio e acenei na direção dele, ainda com o olhar fixo no dela.

Um outro idiota gritou:

– Do outro lado, parvalhão!

O resto dos amigos riram-se, afastando-se de nós. A Charlie reteve a respiração, com a cabeça inclinada para trás, dando o seu melhor para não perder o concurso de olhares em que nos encontrávamos.

Ela lambeu os lábios.

– É difícil respirar.

Mantive a minha posição por mais um segundo antes de recuar. Não correu como eu pretendia. Cambaleei. Talvez tenha começado a cair. Ok, estava definitivamente a cair. A Charlie estendeu a mão antes de eu tropeçar no pavimento, estabilizando-me. Se era assim que o Terry se sentia noventa por cento do tempo, nunca seria capaz de entender porque o fazia.

– Anda, Tate. – Ela afastou a minha testa, segurando-me como podia.

– O meu carro. – Fiz uma pausa e levei-a a parar comigo. – E o meu carro?

Ela revistou os bolsos, parando quando encontrou um cartão quadrado.

– Tenho a minha carta de condução na carteira.

– Que nova-iorquino sem carro tem carta de condução?

– É uma longa história. – A visão dupla e enevoada dissipou-se o suficiente para ver as sobrancelhas dela a franzirem-se. – Isso é realmente importante agora?

– Sim. – Respirei fundo na passadeira, agarrando-me a um semáforo para que ela não tivesse de suportar o meu peso. – Tudo em ti é importante.

A Charlie afastou-se por um instante, batendo nas bochechas com as costas das mãos antes de suspirar.

– Pensei que ia precisar dela para a faculdade. Princeton era o sonho e Yale era a escolha de segurança. Acabei numa escola mais barata no Kentucky.

– Isso foram três frases – salientei. – Disseste muito tempo. Eu estava à espera de um discurso.

– Quando as pessoas dizem que é uma longa história, significa que não querem falar sobre isso.

– Diz apenas o que queres dizer. Mas, também, Yale como garantia e Princeton como um sonho não faz sentido. Yale é a melhor escola.

– Estamos mesmo a falar disto agora?

– Sim.

– Ótimo. – Ela quase apunhalou o botão da passadeira, apesar de haver oitenta por cento de hipóteses de não funcionar. Provavelmente estava a imaginar-me quando o fez. – A taxa de aceitação de Princeton é mais baixa. Não que eu deva ter esta conversa com um homem que traiu a sua licenciatura numa escola rival.

– Acho que a traição é fácil para mim.

Ambos sabíamos o que eu queria dizer.

Ela tirou-me do poste.

– Onde é que estacionaste o carro?

– Não sei.

Arrastou-me ao longo do quarteirão, esticando o pescoço à procura do meu Lexus.

– Não o estou a ver.

– Eu também não.

– Onde estão as tuas chaves?

Depois lembrei-me.

– Apanhei um táxi.

– Tate.

– Ei, estás aqui. Isso significa que as coisas não estão a correr muito bem esta noite.

Ela afundou-se num degrau próximo, ofegante, com a mão levantada.

– Dá-me um segundo.

Sentei-me ao lado dela.

– Quem é a outra pessoa? – perguntou ela, finalmente.

– O quê?

– No teu telemóvel. Luke, o empregado do bar, disse que tinhas dois números.

– Walter Bernard.

– Não tens o número do Terry?

– Porque haveria de ter o número do meu dador de esperma?

– *Ugh!* – Charlie gemeu, apoiando a cabeça no meu ombro. – Ele é teu pai e está a ficar velho. Não vai estar cá para sempre. Se ele pedir desculpa e tentar fazer as pazes, espero que aceites.

– É difícil – tartamudeei.

– Porquê?

As palavras que tinha ouvido na semana passada ficaram na minha mente.

*O mínimo que posso fazer é estar vivo para ele me odiar. Para lhe lembrar que o verdadeiro culpado pela morte do Kellan não é ele. Sou eu.*

Eu zombei. Terrence Marchetti: o Mártir. Como. Se. Foda-se. Fosse.

– Eu nunca lhe vou perdoar. – Abanei a cabeça, parando assim que me invadiram ondas de tonturas. – Não vale a pena falar com ele, muito menos dar-lhe uma oportunidade.

– Há tanto ódio dentro de ti.

– É o único sentimento que o Terry é capaz de inspirar. – Levantei uma sobrancelha, encarando-a. – Tu és a especialista em palavras. Isso torna-o inspirador?

– Diz mais sobre ti do que sobre ele. – A mão dela rodeou-me o punho, levando-o para o seu colo. Abriu os dedos um a um e encostou a palma da mão ao meu coração. – O ódio vem daqui. Quando odiamos alguém, um pedaço dessa pessoa fica alojado no nosso coração. Se não libertares o ódio, essa pessoa vive dentro de ti para sempre.

– Estás a dizer-me que há um pedaço de Terrence Marchetti dentro de mim?

– Sim.

– Chama-se ADN, Charlie, e infelizmente ele é metade do meu. Não sou especialista em reprodução, mas ouvi dizer que vem do dador de esperma.

– Ah! Ah! Que divertido. – Ela soltou-me a mão para gesticular para mim, de cima a baixo, como se encontrasse algo preocupante em cada centímetro meu.

– Isto não é sustentável, Tate. Estás a destruir-te. Deixa-me salvar-te.

– Não preciso de salvação.

– Eu acho que sim. És um grito de ajuda andante. Desprezas álcool e drogas, no entanto, nunca te vi assim tão alcoolizado. Sentes tanto ódio pela única família que te resta.

– E estou constantemente a imaginar foder o amor da vida do meu irmão. Muitas vezes. Às vezes com a pila na mão, como um perverso.

Ela susteve a respiração. Estava à espera que ela recuasse, mas não o fez.

Em vez disso, ela passou a mão por cima dos joelhos e brincou com a minha palma, seguindo as linhas da mão de um lado para o outro. Os seus dedos passaram por uma cicatriz ao longo da curva entre o meu polegar e o indicador. Fi-la com um bisturi na escola de medicina. Combinava com a dela no pulso, mas a minha era muito mais fina. Observei-a a alinhar as nossas cicatrizes na perfeição e pressioná-las uma na outra.

– As cicatrizes devem sarar. Não devemos mexer-lhes na crosta.

– Não sei onde arranjou o seu diploma de medicina, Menina Richards, mas sugiro vivamente que peça um reembolso. – Puxei a mão para trás e pousei-a nos degraus, sentindo-me estranhamente vazio com a falta de contacto. – Como alguém que já realizou uma cirurgia, posso dizer-te... As cicatrizes são permanentes. A maioria desvanece-se, mas não desaparece. Se desaparecer, não é uma cicatriz.

*Esse foi outro sinal que te escapou. As mangas compridas que o Kel usava para esconder as suas cicatrizes.*

Permitam-me repetir: foi preciso o meu irmão morrer para eu perceber que ele se andava a cortar há anos.

*Foda-se! Foda-se! Foda-se!*

Charlie levantou-se, sacudindo-se. Estendeu-me a mão.

– Não consegui salvar o teu irmão, mas vou salvar-te a ti, Tate. Nem que



para isso tenha de me perder no processo.

Sem dúvida palavras que ela nunca diria em voz alta se achasse que eu me lembraria delas amanhã.

Aceitei a sua mão, mas apenas porque não confiava em mim próprio para não tropeçar nos dois. Já tinha uma morte nas mãos, duas se contarmos com a minha alma e acrescentar mais uma parecia-me ganancioso.

– Pode tentar, Menina Richards. Será bem-vinda.

– Gosto mais quando me chamas Charlie. – Ela começou a andar, olhando de relance para mim. – Sei que visitaste a Leah por mim. Obrigada.

– Eu não o fiz por ti.

– Claro que não fizeste.

Eu gostava que ela me chamasse à razão. De facto, gostava de muita coisa nela.

*Foda-se! Foda-se! Foda-se!*

Caminhámos até à rua movimentada onde a Charlie fez sinal para um táxi. E ajudou-me a entrar, dando a minha morada ao motorista. Passámos a maior parte da viagem em silêncio até que ela o quebrou a alguns quarteirões de minha casa.

– Vou aceitar a tua oferta, Tate.

– Para foder? – E foi assim que eu percebi que estava bêbedo. Mas que raio, Tate?

O taxista guinou, olhando para nós pelo espelho retrovisor.

Charlie gemeu, abanando a cabeça.

– Para te salvar.

– Quando é que eu pedi isso?

– Há dez minutos. A tua memória está arruinada. – Ela recostou-se no assento de couro desgastado. – Um conselho, Doutor Marchetti, conversa de bêbedo nunca lhe trará nenhum benefício.

Queria dizer-lhe que não estava assim tão bêbedo. Que ela não me devia estar a dizer estas coisas, porque amanhã eu lembrar-me-ia delas. Mas não podia. Não porque elas não ficassem gravadas na minha memória, mas porque queria ouvi-la quando ela baixasse a guarda. Eu estava tão lixado.

Uma viragem brusca e repentina fez com que o ombro dela se encostasse ao meu. Ela balançou contra mim e não se afastou.

– Espero que cumpras a tua palavra – disse ela, com um sussurro suave que me esforcei por ouvir. – Independentemente do teu estado de espírito quando falaste.

O carro parou. Charlie ficou a olhar para mim, imóvel, à espera de uma resposta. Uma resposta que eu não lhe podia dar. Não confiava em mim para falar. Algo escuro transparecia nos seus olhos febris. Expectativa. Desejo. Desespero. Irrompia dela diretamente para mim. Ela não ia parar até obter uma resposta, mas eu já tinha esquecido a pergunta. Tudo o que persistia era este sentimento. De antecipação. Como se a minha vida estivesse prestes a mudar. Como se eu quisesse que isso acontecesse.

O taxista pigarreou. Peguei na minha carteira e dei-lhe cinquenta dólares extra por me ter tirado deste espetáculo de merda de minha autoria. A Charlie aproximou-se mais, com os lábios a roçar a minha orelha. Engoli em seco. Com força.

– Eu vou salvar-te, Tate.

*Não. Tu vais fazer-me perder o controlo.*

E, pela primeira vez, eu queria perdê-lo por completo.

# Capítulo Setenta e Um



**Charlotte**

Fiel à minha palavra, apareci no consultório do Tate no dia seguinte com dois sacos de comida do Lao.

Se queria salvar o Tate Marchetti, tinha de ser um elemento permanente na sua vida. A Helen mandou-me as últimas provas para aprovar. Amanhã seria o final das minhas revisões com o Terry.

Estávamos a atingir os últimos grãos da ampuheta.

Tinha de encontrar uma forma de a virar.

Para minha surpresa, a Sylvia não parecia infeliz por me ver. Quando muito, o que li no seu rosto foi alívio. E mais exaustão do que alguma vez tinha visto. Os seus olhos tinham aros escuros em redor deles que não estavam lá da última vez.

O rabo-de-cavalo pintado e muito apertado que ela normalmente exibía pendia agora mole, com um centímetro de raízes louras a rodear-lhe a linha do cabelo. Até na sua roupa faltava o esforço normal.

Desta vez não se incomodou com um sorriso falso. Apenas apontou para trás de mim.

– Ele está no consultório.

Eu hesitei.

– Está tudo bem?

Saiu-me como um sussurro. Principalmente porque o Tate até podia despedir alguém por respirar demasiado alto.

Falar do chefe nas costas dele?

Definitivamente uma ofensa para poder ser despedida.

– Ultimamente ele tem estado... muito. Ele não era assim quando comecei a trabalhar aqui.

- Há quanto tempo foi isso?
- Quase quatro anos, mais ou menos uns meses.

*Depois da morte do Kellan, notei.*

Duvido que alguém lhe tenha contado. O suicídio era assim. Um assunto tabu. Quando alguém tirava a própria vida, as pessoas falavam disso com eufemismos. Eu conhecia bem todas as frases.

*Morreu demasiado cedo. Agora está em paz. Morreu num incidente trágico.*

Ou, a alternativa: recusar-se a falar disso de todo. De qualquer das formas, era algo difícil de confirmar. Bastou um olhar para ela para perceber que ela não fazia ideia. Que achava que o Tate era um fio elétrico prestes a rebentar.

Coçou a bochecha, abrindo e fechando a boca.

Acabei com o sofrimento dela.

- Há alguma coisa que me queira perguntar?
- Conhece bem o Doutor Marchetti?
- O suficiente – disse, encolhendo os ombros.
- Ele é sempre assim? Tem sido frio desde o início, ocasionalmente exigente, mas sempre conseguiu ser justo. Mas nos últimos meses...

*Está a entrar numa espiral descendente.*

– Sou eu – menti. Bem, em parte sim. Eu tinha entrado na vida do Tate e carregado em todos os botões, todos os limites que podia. Esta espiral tinha pedaços do meu nome escritos. Cabia-me a mim curá-la.

– A sério?

– A sério. Eu fi-lo passar um mau bocado. Ele está a reagir a isso. Peço desculpa se isso está a tornar a situação tensa no consultório. Vou dar o meu melhor para remediar a situação.

– Vocês estão a... namorar?

*Será que estamos?*

Inclinei a cabeça, consciente pela primeira vez da nossa diferença de idades.

– Estamos... qualquer coisa. – Levantei o saco da comida e apontei para o consultório do Tate. – A comida está a arrefecer.

– Pode avisar o Doutor Marchetti de que vou fazer a minha pausa para almoço?

Acenei com a cabeça, vendo-a sair.

Tate não pareceu surpreendido quando entrei. Apenas resignado. Pousei o saco numa cadeira e retirei caixa após caixa, espalhando-as por cada centímetro da sua secretária.

Ele encostou-se no apoio de couro.

– O que é isto?

– *Sai oua* com arroz glutinoso, *seen savanh*, *look seen*, *khao piak sen* e uma sobremesa de cortesia. – Separei um par de pauzinhos para ele. – Espero que gostes da tua comida picante.

– Estava a referir-me à tua presença. – Ele voltou para o monitor, a clicar no rato. – Eu já comi.

– Mentir sobre isso é ridículo.

– Quando as pessoas afirmam que já comeram, isso significa que não querem comer – disse ele, usando as minhas palavras contra mim. Deixou-me tão furiosa que nem conseguia respirar. Aquilo não podia estar certo. Como é que outra pessoa conseguia ter poder sobre os nossos pulmões.

– Lembras-te da noite passada?

– Claro que sim.

Ele era esse tipo de bêbedo. O tipo insuportável.

Pousei os pauzinhos.

– Estavas intoxicado.

*Completamente alcoolizado, na verdade.*

Ele olhou-me de relance.

– Não voltará a acontecer.

– Não faz mal se acontecer. – Puxei o lábio inferior para a boca. – Também podes voltar a ligar-me quando precisares. Não faz mal apoiares-te nos outros.

Tecnicamente, tinha sido o Luke, o empregado do bar, a telefonar, mas o Tate dissera-lhe para o fazer. Isso contava. Não é?

Tate juntou as pontas dos dedos, observando-me por cima deles. Contorci-me sob a intensidade do olhar.

– Isso pode ser verdade – disse ele, finalmente. – Mas não posso e não vou apoiar-me no álcool novamente. Tens a minha palavra.

– Não faz mal se também o fizeres. Estás longe de ser um alcoólico. Não te vais transformar em Terry se beberes de vez em quando.

– Duas vezes num ano é mais do que suficiente. Na verdade, são duas vezes a mais.

– Tens assim tanto medo de ficar como o Terry?

Ele desviou a atenção para o computador. Uma tonalidade azulada irradiava do monitor, atravessando as suas maçãs de rosto afiadas e iluminando-lhe metade da cara. Pequenos cliques enchiam a sala. Eu esperaria o dia inteiro por uma resposta se tivesse de ser. Finalmente chegou e só demorou um minuto.

– O vício pode ser hereditário.

– Ser um idiota é hereditário?

– Na casa dos Marchetti? Sim.

O canto dos seus lábios ergueu-se num sorriso de esguelha. Estávamos em território seguro quando brincávamos e eu suspeitava que era por isso que o fazíamos. Às vezes só precisamos de sorrir e rir. Mesmo que seja de nós próprios.

Os seus olhos baixaram até à minha mão, que me embalava o estômago.

– Já comeste?

– Sim.

*Não.* Eu tinha perdido o apetite na altura em que ele admitiu lembrar-se da noite anterior. Assim que vi a sua bebedeira, baixei a guarda e disse coisas que não teria dito de outra forma.

*E avisaste-o sobre as palavras que se dizem durante a bebedeira? Devias avisar-te a ti própria sobre as que se dizem quando se está sóbrio.*

Ele desligou o computador, fixando a sua atenção em mim. Isso deitou-me abaixo. Afundei-me no couro duro.

– Agora quem está a mentir?

– Eu como quando chegar a casa – prometi.

A fome não fazia parte do meu arsenal de autodestruição, mas os orgasmos acidentais, memórias dolorosas e fazer-me passar pela previsibilidade das imprevisíveis alterações de humor do Tate eram outra história.

*Feito, feito, feito.*

Ele espreitou para dentro de cada caixa antes de escolher uma sobremesa com coco, manga e leite condensado.

– Pelo menos come isto.

Peguei nos pauzinhos e comi em piloto automático, sem prestar muita atenção à comida. Era difícil fazê-lo com o Tate a observar-me, reclinado como um imperador na sua cadeira luxuosa de grandes dimensões. Puro couro verdadeiro. O tipo de couro que custava milhares e oferecia a experiência de se sentar sem dor.

Entretanto, eu remexia-me no meu assento. Feito de uma mistura sintética com um talento para extrair suor das minhas coxas. Era tão típico dele fazer com que as pessoas à sua volta se sentissem o mais desconfortáveis possível, sem sequer se dar a muito esforço.

Após a minha última dentada, ele esvaziou as filas de garrafas do minifrigorífico do canto e substituiu-as pelos restantes recipientes de comida para levar.

– Há algo de diferente em ti hoje – notei.

Tate colocou uma água à minha frente.

– Talvez o meu súbito otimismo?

– Gratidão. – Estalei os dedos quando percebi.

Ele olhou-me com um ar que sugeria que me achava burra e que tinha pena de mim por isso.

Continuei sem me deixar intimidar:

– Estás comovido por eu estar aqui? – Levei a mão à bochecha. Um sorriso iluminou-me o rosto. Devo ter parecido estúpida, a sorrir para ele como se estivesse a fazer a audição para o papel de Jack Torrance em *The Shining*.

O seu silêncio dizia tudo.

– Pois estás – murmurei, espantada e suficientemente infantil para o provocar com isso.

Aqueles olhos suaves. Devia ter reparado neles quando ele viu a comida

e evitou olhar para mim.

Novo silêncio. Tamborilei os dedos no braço do sofá, à espera. Não tinha qualquer intenção de lhe facilitar a vida. Por fim, Tate deu-me um simples agradecimento, mas eu aceitei-o como se estivesse a receber uma medalha de ouro olímpica, mas sem a elegância.

Bebi um gole de água, observando-o por cima do copo. Ele passou um dedo pela prateleira embutida, que era grande para alguém que não lia por prazer. Cheia de grossos volumes de livros didáticos com títulos como, *Redescobindo a Vagina*, *Passar os Lábios* e *A Arte de Fazer Bebés*.

Isto podia ser o cenário de um filme porno.

– Reages sempre assim quando as pessoas te dão de comer? – perguntei, antes de fazer algo estúpido, como oferecer-me como voluntária.

– As pessoas não me dão de comer.

– Agora dão.

– Tendo em conta que esta é a tua primeira vez... sim, eu reagi sempre assim todas as vezes.

Fiquei corada. Não podia estar naquele consultório a ouvir as palavras «primeira» e «vez» juntas sem me lembrar do que também aconteceu pela primeira vez num dos gabinetes. Muito menos com a sua proximidade.

– Não é a minha primeira vez. – Limpei a garganta, subitamente rouca. Os seus olhos fixaram-se nos meus. – Enchi-te o frigorífico – expliquei.

– Então, foste tu.

– O Terry está falido.

Apercebi-me, tardiamente, que, se ele lesse nas entrelinhas, eu tinha acabado de lhe esfregar na cara o facto de ele não ter mais ninguém na vida a não ser eu e o pai. Ele não queria ter nada a ver com o Terry e, tudo o que tivesse que ver comigo, tinha o sabor sóbrio da culpa.

Era um picle podre.

Os seus dedos pararam.

– Parece que sim.

Foram as mesmas palavras que ele usara quando me vim nos seus dedos.

Sustive a minha respiração. A temperatura subiu em flecha. Despi a camisola, deixando-me com uma *t-shirt* preta do BIG BANG, calções de cintura subida e meias de rede a espreitar por cima da cintura.

Os seus olhos encontraram a faixa de pele na minha barriga. Um terramoto sacudiu-me as entranhas. Seguido de um *tsunami*. E uma avalanche.

Estiquei-me, mostrando mais pele para ele ver.

A sua garganta estremeceu. Ele empoleirou-se na extremidade da secretária com a perna a roçar na minha coxa. Não se mexeu e, mais uma vez, dei por mim a saborear o seu toque, por mais breve e casual que fosse.

– Obrigado.

Demorei a perceber que ele não me estava a agradecer o espetáculo erótico. Um rubor espalhou-se pelas minhas faces.

– De nada.

– Não voltes a fazê-lo no futuro. Poupa o teu dinheiro.  
– Recebi um aumento depois da minha promoção.  
– O pedido mantém-se. – Ele endireitou-se, estendendo a ponta dos dedos e roçando a pele nua da minha cintura com o movimento. De propósito? Quando se sentou do outro lado da secretária, não deu qualquer indicação de ter reparado. – Eu tenho meios para comprar a minha própria comida – disse, casualmente. Como se não tivesse acabado de me tocar. De ter acendido um fósforo e deixado a arder. – Se quisesse, podia tê-lo feito.

– Eu sei. – Tentei controlar os batimentos cardíacos. – Mas eu queria comprar-te comida, por isso comprei e tu não podes dizer que não só porque a comprei com o meu mísero ordenado.

– A Reagan não é suficientemente idiota para te pagar um ordenado miserável.

– Tu não sabes isso.

– O que aconteceu à rapariga que dizia ser a favorita da Reagan?

– Tens sempre uma resposta para tudo?

– Só de segunda a domingo. – Os nós dos dedos roçaram-lhe o queixo. – Comerei os restos mais tarde.

– Ótimo.

Acreditei nele. Também não conseguia tirar o sorriso do meu rosto. Um bocejo apagou-o, apanhando-me de surpresa.

– Dormiste?

– Tive uma longa noite. – Levantei o sobrolho. – Nem sei porquê.

– O que aconteceu ao «liga-me quando quiseres»?

– Não disse que me tinha arrependido. Apenas referi um facto. Fiquei fora até tarde e agora estou cansada. – Dirigi-me para a espreguiçadeira junto às janelas, que iam do teto ao chão, e deitei-me com outro bocejo. Desta vez consegui tapar a boca. – A oferta mantém-se.

O que me levou à minha outra oferta. De o salvar. Também se lembraria dessa?

Abri a boca para lho perguntar, mas ele antecipou-se.

– Vai para casa. Descansa um pouco.

– Eu estou bem – jurei, marcando um *hat-trick* com os bocejos. – Nem sequer estou cansada.

Que grande proeza era a minha capacidade de fazer tudo errado.



# Capítulo Setenta e Dois



## Charlotte

Acordei com o Tate na minha cara, puxando um cobertor grosso para cima de mim. O sol brilhava através dele como uma auréola. A vontade de o beijar atingiu-me com força. Estiquei a mão, tocando-lhe no maxilar. Os seus olhos dirigiram-se para os meus. Os seus longos dedos pararam na extremidade do tecido, tão perto de me tocar.

– Tate.

– Adormeceste. – Uma sobranceira levantada seguiu-se à suas palavras como se dissesse: «Eu disse-te.»

– Oh! – Aclarei a garganta, sem saber se devia ficar deitada ou sentar-me. – Esqueci-me de te dizer. A Sylvia foi almoçar.

– Ela já voltou há uma hora.

– Uma hora? – Levantei-me. – Isso não pode estar correto. Há quanto tempo estou a dormir?

– São duas da tarde, portanto, há cerca de uma hora e meia.

– Não tens nenhum compromisso?

– Tenho. O último acabou há quinze minutos. O próximo começa dentro de uma hora.

– Porque não me acordaste?

– Eu sou a fonte da tua noite de insónia. Fazia sentido deixar-te descansar. – Uma resposta tão clínica.

– Noites – corriji eu. *Plural. Esta não é a primeira vez que perdi o sono por tua causa, Tate Marchetti. Duvido que seja a última.*

As vozes passavam por baixo da porta. Consegui distinguir a de Sylvia e a da enfermeira que me ajudou antes do meu exame. Grace. Estavam a discutir uma venda na Bloomie's. Se as conseguíamos ouvir, perguntei-me se

elas também nos conseguiriam ouvir.

– Os vossos funcionários trabalham todos aos fins de semana? Não há leis laborais?

– Eu estou sempre de serviço. O Walter e eu temos pessoal suficiente para ir rodando, mantendo-os quatro a cinco dias por semana e, no máximo, quarenta horas. – Franziu o sobrolho. – Estás mesmo interessada em ouvir isto?

– Estou. Quando se trata de ti, quero saber tudo.

Já me tinha resignado a esse facto há algum tempo. Diz-se que o amor é dez por cento de queda e noventa por cento a reerguer-se. O que eles nunca dizem é quão rápido esses dez por cento passam e quanto tempo esses noventa por cento duram. A julgar pela rapidez com que me apaixonei pelo Tate Marchetti quando chegarmos ao fim do nosso prazo de validade, eu estarei completa e totalmente lixada.

A nossa proximidade impressionou-me. O meu rosto estava a centímetros do dele. As nossas respirações misturavam-se. Ele tinha-se ajoelhado para me cobrir com o cobertor, mas não se levantara. A sua presença agitava-me. Excitava-me. Consumia-me. Ele era do tipo grande que não se resumia aos limites do tamanho físico. O Tate sugava todo o oxigénio da sala e o facto de eu conseguir respirar perto dele desafiava a biologia. Apanhou-me a olhar para os seus lábios. Lambi os meus, libertando uma respiração instável. Não sei quem se mexeu primeiro. Num segundo, estávamos a centímetros de distância. No seguinte, os nossos corpos fundiam-se, colados do peito para cima. Nada entre nós a não ser roupas que eu queria arrancar.

Cravei os meus dentes no seu lábio inferior, sugando-o para dentro da minha boca. Uma das suas mãos agarrou-me o rabo e apertou. A outra curvou-se em redor da minha cintura e puxou-me para mais perto. O seu corpo era liso, duro. Habilmente esculpido. A sua ereção longa e grossa. Pus-me em cima dele, envolvendo as suas costas com as minhas pernas. Ele rodou as ancas, com as mãos a apalpar-me o rabo enquanto me levava para o sofá, com os seus lábios colados aos meus. As nossas línguas dançavam. Emaranhavam-se. Lutámos pelo domínio. Ele ganhou, mas eu também. As minhas costas encontraram a porta, empurrando-me.

Eu gemi.

– Tens o hábito de me encostar às coisas.

– Não me lembres disso, Charlie.

*Charlie.* Senti arrepios nos braços. A mão que me agarrava o rabo viajou entre nós e abriu o botão dos meus calções. Arranhei-lhe as costas com as minhas unhas, descalçando os sapatos. Ele pressionou-se contra mim, a fricção era deliciosa mesmo através do tecido. Outra investida. O meu corpo fez estremecer a porta. Atrás dela a conversa parou antes de recomeçar.

– O teu... hum, pau – disse eu, esperando que isso não o detivesse.

Não pareceu que me tivesse ouvido. Ele estava demasiado longe, a sua

língua abrasadora a rolar pelo meu pescoço. Um gemido vibrou contra a minha clavícula. Os seus dentes seguiam-na com beliscões antes de recuar. Observei com os olhos enevoados enquanto ele puxava o tecido áspero dos meus calções até aos tornozelos. A minha camisola saiu a seguir, deixando-me em *lingerie* de renda e *collants* de rede até à cintura.

As suas mãos abriram-se para o lado, rasgando as minhas cuecas e fazendo-as passar pela rede. Ele ajoelhou-se diante de mim, agarrou-me a perna e enganchou-a sobre o seu ombro, expondo-me a ele. Os grandes buracos dos *collants* em forma de diamante proporcionavam-lhe um acesso fácil. Senti o seu hálito. Impossivelmente quente.

– Deves-me todos os cêntimos da tua carteira. – Ele olhou fixamente para dentro de mim. A humidade acumulou-se, escorrendo pela minha coxa. – Fiz-te ficar molhada antes mesmo de usar a minha língua ou a minha pila.

Demorei alguns segundos a perceber que ele estava a referir-se à aposta que tínhamos feito meses atrás. Quando eu, estupidamente, tinha questionado a sua conversa porca.

Ele parecia mais brando do que o habitual, por isso, e apesar de as minhas faces arderem, reuni toda a minha coragem para o levar ao limite.

– O dobro ou nada. Se me fizeres vir na tua língua, dou-te todos os cêntimos do mundo. – Não podia acreditar que tinha acabado de dizer aquilo. Mas resultou. Tate agarrou-me a coxa com mais força.

– Combinado. – Ele inclinou-se mais para a frente, falando diretamente para a minha vagina. – Estou prestes a tornar-me um homem muito rico.

O seu nariz tocou o meu clitóris, os dentes roçaram os lábios que o envolviam. Chupou um deles antes de passar para o monte de terminações nervosas entre eles. Depois, lambeu o contorno do meu sexo com a ponta da sua língua de forma lenta, tão lenta que finalmente mergulhou em mim. As palmas das minhas mãos bateram na porta. Sylvia e Grace pararam novamente de conversar. Ouvi fragmentos de frases: *Dr. Marchetti, uma rapariga qualquer, uma cabra sortuda...*, mas era impossível focar-me com o Tate a meter a língua dentro de mim. Enrolou o dedo num dos fios da rede em forma de diamante, puxou-o para trás e soltou-o, fazendo-o estalar contra a minha pele.

Gemi com a sensação, cantando o seu nome. Suplicando por mais.

– Dentro de mim. Preciso de ti dentro de mim.

– Vem-te na minha boca e talvez eu te recompense.

– Tu queres é todos os cêntimos do mundo. – Eu ri-me, mas rapidamente o riso transformou-se noutro gemido.

Ele colocou dois dedos dentro de mim, apertados contra a sua língua. A minha respiração ficou presa no seu aperto. E então ele curvou-os, atingindo um ponto que eu pensava que era apenas um mito.

Eu vim-me. Com tanta força que os meus olhos se fecharam. Ainda via o Tate através deles. Robusto e bonito. Com uma satisfação diabólica nos olhos. Apertei-lhe os dedos, puxando-os mais para dentro de mim. A língua dele

lambeu-me o clitóris em movimentos suaves e provocantes, até que descia do auge.

Abri os olhos, vendo-o recuar e passando o polegar pelo lábio inferior. Ele estava completamente vestido e eu quase nua, e éramos tão diferentes e tão parecidos que me doía.

Tate levantou-se. Retive a respiração, sem saber o que esperar.

Não era certamente o beijo que me deu nos lábios. O meu sabor permanecia neles, levemente doce. Ele afastou-se, mas eu coloquei a mão atrás do seu pescoço e segurei-o junto a mim.

– Charlotte – avisou ele. – Já me debes mais cêntimos do que aqueles que podes pagar.

– Por favor, fode-me.

– Jesus!

Juntei os nossos lábios. Ele retribuiu o beijo e levantou-me com facilidade, colocando-me na extremidade da secretária. Peguei na camisa dele, mexi-lhe nos botões e puxei o último, rasgando-a. Abdominais bem definidos ondulavam na superfície do seu estômago. Ele tirava-me o fôlego. Tirou-me mesmo de dentro do meu peito e tomou-o como seu.

– Isso é tão injusto – gemi.

Ele sorriu. Tomei o seu silêncio como convite para saltar da secretária e ajoelhar-me diante dele. Ficou a ver-me mexer no botão das calças, satisfeito por observar a minha luta sem se oferecer para me ajudar. Cedi e parti-o também, empurrando as calças e os *boxers* para baixo de uma só vez.

A sua ereção balançou, batendo-lhe no estômago.

Hum! Uau! Era difícil acreditar na existência de justiça quando Tate Marchetti tinha nascido com uma espingarda de assalto como pila. Grossa. Dura. E mais comprida do que devia ser legal.

– Se continuas a olhar para a minha pila com a boca aberta dessa maneira, vou tomar isso como um convite para entrar.

Fiquei com água na boca.

– Por favor, entra.

Os seus olhos encontraram os meus, a garganta a contorcer-se. Voltei a saltar para cima da secretária, deitei-me de costas e admirei-o deste ângulo. Os seus dedos deslizaram pela rede dos meus *collants*, parando para deixar passar um antes de romper a rede. A rede rasgou-se em redor do meu sexo.

Ele pegou na pila, deu-lhe um puxão da base até à cabeça e dirigiu-a até chegar ao meu clitóris. Fez um círculo em redor do meu sexo. Levantei-me e belisquei o meu mamilo. Os seus olhos escureceram e encontraram os meus. A luxúria e a necessidade surgiam entre nós. A cabeça alinhou-se com a minha abertura. Empurrei para a frente, tentando apanhá-lo. A ponta deslizou para dentro de mim. Os meus olhos reviraram-se e deixei escapar um gemido.

*Caraças!*

Estávamos a fazer isto.

Estávamos mesmo a fazer isto.

Senti a sua ausência de imediato. Abri os olhos. Ele tinha-se afastado para trás, distanciando-se.

Observei-o, desde a mão que segurava a sua ereção com força até à expressão de dor estampada no seu rosto.

– O que se passa?

– Não te vou tirar a virgindade assim, Charlie.

– Não sou uma donzela pura. Isso não importa.

– Para mim importa. – Ele parecia não estar a acreditar naquilo que estava a dizer.

A sua pila também parecia não conseguir acreditar. De tão tensa que estava, batia sozinha. Queria-o dentro de mim. Precisava dele. De todas as formas possíveis. Eu também sabia que ganhar uma discussão com o Tate era uma proeza rara.

– Mas...

– Vou foder-te a boca, Charlie.

Cerrei os punhos, mortificada por estar a negociar isto. A implorar por ele.

– O meu sexo é mais apertado, mais prazeroso.

Ele arqueou a sobrancelha, como se dissesse, *vamos mesmo por aí?*

– Também o teu cu.

Fiquei corada. Não me opunha totalmente à ideia.

– Vamos experimentar a minha boca primeiro.

– Foi o que pensei.

– E então? Estou à espera.

Ele praguejou, quase revirando os olhos enquanto dava um passo em frente. Ficou a olhar para baixo, para mim, esparramada na sua secretária, fixado na visão.

– És uma visão, Charlie.

Ele estava a olhar para a minha cara, não para o meu corpo, e algo nisso fez com cada célula em mim ficar viscosa como *marshmallows* torrados. Ele planeou facilitar isto para mim. Vi-o nos seus olhos. Conhecia-o suficientemente bem para o perceber. Mas eu queria sujo, corajoso e cru. O verdadeiro ele.

– Não te contendas – implorei. – Dá-me tudo.

– Vai doer.

Eu ergui-me nos cotovelos.

– Experimenta-me.

Ele levantou-se e deitou-me no tapete. Peguei numa almofada do sofá e enfiei-a debaixo dos ombros, apoiando a parte superior do corpo. Ele ajoelhou-se diante de mim, com as pernas de cada lado do meu peito, movendo-se até a ereção ficar mesmo em frente à minha cara.

Lambi os lábios, roçando a cabeça da pila.

– Foda-se! – sibilou ele, com as mãos apoiadas no sofá atrás de mim para manter o peso para cima. O movimento empurrou a cabeça lisa do seu

pénis contra os meus lábios. Abri-os, atraindo-o para a minha boca o mais possível de uma só vez.

Consegui enfiar metade. Os meus dedos enrolaram-se na base, levando-o a enfiar mais nos meus lábios.

Ele empurrou-se para dentro da minha boca, dando-me exatamente o que eu pedia. Os seus dedos emaranharam-se nos meus cabelos, empurrando-me a cabeça para a frente até chegar à parte de trás da minha garganta.

– Linda menina.

A minha vagina contraiu-se com as suas palavras e as ancas ergueram-se. Eu queria que ele me enchesse. Me devorasse. Me deixasse incapaz de andar durante dias. A minha língua percorreu a parte de baixo do seu pénis com cada uma das suas investidas. Ele bombeava para dentro da minha boca, os seus movimentos eram irregulares e erráticos. Eu estava ávida dele, tomando tudo o que me dava, implorando por mais com os olhos. Uma pancada interrompeu-nos.

A voz de Sylvia invadiu o consultório.

– Doutor Marchetti, a paciente das três horas já chegou.

– Estou a ir – grunhiu ele, saindo de dentro de mim.

E, bem, estava mesmo.

– Espera. – Agarrei-lhe a anca. – Quero sentir o sabor – lambi os lábios.

– Eu nunca...

Ele gemeu, acariciando o pénis até à cabeça. Abri a boca. Ele bombeava a pila à minha frente, masturbando-se com a cabeça pressionada contra a minha língua. Ondas brancas e grossas saíam dele, aterrando nos meus lábios, na língua e nos dentes.

Tocou na parte de trás da minha cabeça, guiando-me para a frente. Os meus lábios envolveram a cabeça do pénis para aceitar o resto. Ele encheu-me a boca com um sabor a terra e a quente. Engoli, incapaz de me fartar dele.

Quando ele se afastou, não conseguia parar de o olhar. Ele desceu deslizando pelo meu corpo até aos nossos rostos ficarem ao mesmo nível. Ele era meu de uma forma que me deixou selvagem. Fervilhava de paixão, luxúria e todas as versões de necessidade que existiam.

Ele era meu e eu era dele e nenhuma quantidade de culpa jamais mudaria isso.

– Amo-te – sussurrei contra os seus lábios. Nunca quis mais nada.

Ele recuou como se lhe tivesse dado uma bofetada. Doe-me a perda súbita. Foi como se uma parede se tivesse fechado na cara. Tijolos feitos de repulsa e culpa. Como se lhe tivesse despejado um copo de água fria em cima.

– Tu não me conheces, Charlie. Se me conhecesses não me amarias.

Ele estava a falar a sério. O desespero aumentou dentro de mim. Era como ver o filme mais triste de sempre, sabendo que não podia alterar o enredo.

– Por mais que eu aposte que gostarias, não podes ditar os meus sentimentos. Amo-te, Tate Marchetti. É tão simples como isso.

O Tate acreditava que não era digno de ser amado. Conseguia ver isso na sua respiração. Isso deixou-me triste.

Mas pensei na Leah. Nas últimas duas semanas que passámos a sentir novamente a irmandade. A mergulhar em águas pouco profundas. Convencendo uma à outra que merecíamos coisas boas. Algumas pessoas precisam de ouvir as palavras uma e outra vez para conseguirem acreditar nelas.

Ele afastou-se de mim e pôs-se de pé, mas eu cheguei-me ao seu rosto, obrigando-o a ver-me. Recusava-me a desistir e queria que ele o soubesse.

*Acho que também me amas. Acho que me amas e isso assusta-te. Mas não faz mal. Se fugires, eu também fugirei. Contigo.*

Pressionei a minha mão sobre o seu coração.

– Não precisas de responder. Eu sou paciente.

– Não me podes perseguir para sempre.

Eu sorri.

– Posso.

– Vais ficar farta.

– Fazemos assim – disse eu, sabendo que quebraria a promessa se ele decidisse ser teimoso. – Um ano. Vou perseguir-te durante um ano e, nesse ano, dirás o mesmo.

– Não.

– Amo-te, Tate. E vou dizê-lo uma e outra vez até que não te sintas culpado quando o ouvires.

Era uma promessa que não devia ter feito. Uma promessa que desafiava a mais difícil lição que eu já tinha aprendido. O amor é caro. A sua moeda é a dor.

E, por vezes, custa mais do que podemos pagar.

# Capítulo Setenta e Três



**Charlotte**

**E**u cometi o erro de mencionar o plágio ao Terry. Sentámo-nos na ilha da cozinha do Tate, junto ao ecrã do meu portátil. A olhar para a capa do *Doce Veneno*. Correntes a abraçar um diário, unidas pela fechadura. Inclinei a cabeça.

– Fica bem, não fica?

– Ele teria dito que a capa não faz o livro – apontou Terry, e ele estava certo.

Kellan possuía aquilo que ele próprio chamava de ética literária, que tecnicamente se referia a princípios morais intrínsecos à literatura. Mas eu preferia a sua versão. Onde o apreço pelas palavras reinava supremo sobre as outras coisas – capas, frenesim nas redes sociais e conferências de imprensa.

O Terry fez *zoom* até o nome do filho preencher todo o ecrã de dezassete polegadas.

– Mas secretamente ele teria guardado uma cópia só para ficar a olhar para ela. E, sim, a capa fica-lhe bem.

– Eu estava a falar de ser um autor.

Ele abriu o documento.

– Devíamos voltar ao *Doce Veneno*.

A versão final devia ser entregue amanhã.

– Já percebeu sobre o que é a frase do capítulo dezoito?

*A capacidade humana de perdoar em nome do amor gera servilismo. A não ser, claro, que a pessoa que está a perdoar seja alguém que amamos e que a pessoa que está a ser perdoada sejas tu. Então, chama-se crescimento pessoal e isso cheira a hipocrisia. Tapa o nariz, querida. Não vai desaparecer.*



Destacava-se como um polegar ferido. Uma passagem dirigida, pela primeira vez, ao leitor, como se Kellan necessitasse de cimentar a mensagem. Só que, no contexto do capítulo, não fazia sentido. Terry insistiu que ficasse, o que conduziu a um debate áspero com Helen. Eu fiquei do lado do Terry, mas só porque também era o lado do Kellan. O meu instinto levou-me a isso. E uma grande dose de lógica. Sendo um escritor económico, ele não teria acrescentado a linha sem uma razão. Não podíamos ignorar o facto só porque ele não estava por perto para advogar o seu caso.

– Não. Vai ficar.

– Eu sei. – Fui até à passagem em questão. Um traço a vermelho destacava o parágrafo inteiro, cortesia das alterações. – A Helen precisa de uma resposta que a satisfaça para justificar a quebra na consistência narrativa.

– Que tal «eu sou o pai do Kellan e não quero que as suas palavras sejam cortadas»?

– Ela não é tão sentimental como nós.

– Tu és? Sentimental?

– Infelizmente.

Terry bufou.

Voltei a ler a passagem.

– Precisamos de uma razão para dar à Helen.

E foi aqui que tudo veio abaixo. Onde quebrei a minha regra de não mencionar o plágio. Regra que existia para o bem de todos, incluindo a minha própria negação plausível como agente do Kellan.

– Parece um disco riscado, Menina Richards.

– Consegue fazer melhor do que analogias cliché, Senhor Marchetti?

Ele folheou a página sem olhar para mim.

– Aparentemente não, de acordo com *A Peste Literária* de David Arnault.

– Um... essa é conhecida por ser a única crítica negativa que o *As Imperfeições* recebeu. Dois... há uma razão para se chamar *A Peste Literária*; eles são notoriamente incapazes de emoções humanas. A Reagan coloca metade dos seus autores na lista negra de cópias de revisão antecipada. E três... tecnicamente nem sequer escreveu... – Não conseguia vê-las, mas sabia que as minhas faces estavam a ficar de um vermelho que deixaria Clifford cheio de inveja.

– Eu nem sequer o escrevi. – Finalmente, ele tinha toda a minha atenção.

– Era isso que querias dizer?

Ao contrário de mim, ele não ficou vermelho. Mas, pela primeira vez, detetei algo que espreitava por baixo da sua superfície. Não era arrependimento. Isso sempre lá esteve. Talvez... Recuei um pouco, chocada com o que vi. O Terry parecia *menos* arrependido.

Foi um obstáculo tão grande ao progresso que eu pensava que tínhamos conseguido que tive dificuldade em lhe dizer qualquer coisa nas horas que se seguiram, optando por deixar o assunto de lado para sempre. Trabalhámos em

lados opostos da ilha da cozinha, debruçámo-nos sobre partes diferentes do manuscrito – a dele, impressa, e a minha, eletrónica. Não estava à espera de que o Terry fizesse progressos negativos no nosso último dia de trabalho em conjunto, mas a família Marchetti era imprevisível. Com apenas algumas páginas restantes, dei por mim a deixar os meus pensamentos à deriva, os dentes a roer a ponta de uma caneta barata enquanto pensava na reação dele.

Terry franziu o sobrolho, batendo numa secção do livro com a parte de trás da caneta.

– Esqueceste-te de fazer edições neste parágrafo?

Olhei de relance para a passagem, de cabeça para baixo, sem ter de ver para saber a que é que ele se estava a referir. Tinha de ser a de Tate. Que mais poderia ser?

– Recusei as suas edições no parágrafo. – As linhas destacadas esbateram-se antes de os meus olhos as focarem novamente. A palavra «ódio» olhou-me de volta.

– Queres explicar melhor?

– Se o Tate alguma vez ler o *Doce Veneno*, quero que ele leia as palavras exatamente como o Kellan as escreveu. – Especialmente este parágrafo. A primeira menção a Tate no romance.

– Está bem – anuiu Terry.

E assim foi. Só que não se tratava de um homem a regredir na sua jornada de idiotice.

Terminei o manuscrito primeiro e continuei a roer a caneta, parando a tempo de evitar que a tinta me pintasse os dentes de vermelho.

– Posso perguntar uma coisa?

O Terry não levantou os olhos das páginas.

– Dizer não iria impedir-te?

Fiquei corada.

– Não.

– Continua.

– O que aconteceu com *As Imperfeições*?

Ele trabalhou muito, terminando a última página antes de fechar o manuscrito. Os seus penetrantes olhos azuis-acinzentados encontrando os meus verde-menta.

– Surpreende-me que tenhas demorado tanto tempo a perguntar.

– Está a desviar o assunto?

– Essa é a pergunta número dois, querida. – Ele tapou a caneta de tinta permanente e atirou-a para junto do bloco de notas. – Estás a acumular uma conta, e da última vez que verifiquei, estás mais falida do que eu.

– Tive medo de perguntar. Tenho medo da sua resposta.

*Tenho medo que passe dos limites. Receio que, se assim for, isso signifique que não posso trabalhar no Doce Veneno consigo e eu preciso que este livro seja perfeito.*

Agora que tínhamos terminado, as minhas preocupações evaporaram.

Ainda me sentia no limite. Bastava uma pequena alteração para que tudo o que tínhamos construído colapsasse.

– Estava tão pedrado quando tropecei no primeiro rascunho do *As Imperfeições*. Tão pedrado que julguei que era meu. Achei que ia poder levantar o dedo a todos os críticos que me disseram para não escrever bêbedo, para editar sóbrio, porque algo que escrevi acabou por ser uma obra-prima. O facto é que eu estava convencido de que tinha acertado na porra do *jackpot*. Era assim tão bom. Estava em bruto e a precisar de algumas revisões na estrutura, mas fantasticamente inovador e com uma narrativa melhor do que 99,999% dos rascunhos finais que existem por aí.

– Por isso, mandou-o ao seu agente?

– Nessa altura, não. – Ele procurou o tabaco nos bolsos antes de se lembrar que lho confiscava de cada vez que nos encontrávamos. Havia poucas coisas que eu detestava mais do que cigarros. Por esta altura, ele também já o sabia. Terry agarrou na sua caneta de tinta permanente e bateu com ela na mesa, continuando. – Apercebi-me, assim que fiquei sóbrio, que o manuscrito não era meu. – *Tap. Tap.* – Na verdade, assim que as drogas e a bebida se dissiparam, era óbvio que não tinha vindo do meu cérebro.

*Tap, tap.*

*Tap.*

– Ainda tem o original? – Duvidava que o tivesse, mas tinha de tentar. *As Imperfeições* estava no topo da minha lista de favoritos de todos os tempos, logo depois de *Doce Veneno*. A versão não editada? Iria revelar a mente do escritor. Estava desejosa de lhe deitar a mão.

Ele fez um gesto para me dispensar.

– Eu era demasiado orgulhoso para roubar. Juro. Mas a minha agente telefonou, disse-me que a editora não queria o manuscrito que ela tentou vender e sugeriu que eu escrevesse algo mais *comercializável*. – Ele cuspiu esta última palavra como se fosse um palavrão.

– Ela não estava errada. – Senti-me na defensiva por causa de alguém que não conhecia, mas a Abigail e a Reagan davam muitas vezes o mesmo conselho aos seus autores. Sem um grande nome no mercado ou contactos, as editoras não corriam riscos a não ser que o manuscrito o merecesse. A não ser que fosse *As Imperfeições*.

– Ela estava errada – insistiu ele. *Tap. Tap.* – Essa nunca se esforçou o suficiente para vender as minhas coisas. Questionável, na melhor das hipóteses. Muito má, certamente. O pior é que ela já não é minha agente, mas ainda recebe uma percentagem das vendas do *As Imperfeições*.

– Ela vendeu o livro à editora. Tem direito a uma parte dos lucros.

– Qualquer pessoa conseguia vender aquele livro. – Fez uma pausa. – Na verdade, nem é preciso dizer uma palavra para o vender. Basta entregá-lo a qualquer burocrata de um grupo editorial e o resto é história. – *Tap. Tap.* – De qualquer forma, o que interessa é que ela não devia ter-me dito para escrever algo mais comercializável.

– Concordamos em discordar.

Ele bufou. Concordar em discordar era a única coisa em que concordávamos. Mas funcionou. Terminámos o *Doce Veneno* sem problemas. Eu não levei o capítulo dezoito em conta pelo facto de o ter apoiado na sua decisão de manter a passagem. Só gostava que ele me tivesse dado uma explicação, mas as minhas expectativas do Terry pairavam algures abaixo do tipo que tinha sido responsável pela Torre Inclinada de Pisa e acima do Joe Exotic. No entanto, ele cativou-me.

*Tap. Tap.*

A caneta de tinta permanente partiu-se. A tinta jorrou por todo o lado, escorrendo pela parte lateral da ilha e salpicando a madeira. Em breve, iria manchar e eu poderia ter-me preocupado com isso se o Tate não tivesse dito que o seu plano de renovar a casa tinha ido pelos ares depois da morte do Kellan. Quanto mais o Terry destruísse este sítio, mais hipóteses havia de o Tate finalmente fazer alguma coisa por si próprio. Acho que estava com vontade de irritar todos hoje.

O Terry curvou o lábio superior, um sinal de que estava prestes a entrar na defensiva.

– Se ela não me tivesse dito para ser... mais comercializável, para me vender, eu não teria feito o que fiz.

A responsabilidade pessoal parecia ser uma causa pífida quando se tratava do Grande Terrence Marchetti, por isso não o pressionei.

*Falso, lembrei-me a mim própria. Ele conseguiu fazer o Doce Veneno. Só precisa de um empurrão. Alguém que lhe aponte as falhas, lhe dê amor verdadeiro e o empurre na direção certa.*

Como Terry Marchetti não tinha amigos, acho que esse alguém teria de ser eu.

Franzi o sobrolho.

– Então, roubou o manuscrito porque precisava de um naquele momento e não queria escrever nada comercializável.

Ele encolheu os ombros.

– Eu não sou um vendido.

– É apenas um ladrão.

– O livro não teria sido publicado se eu não o tivesse roubado. – Ele encolheu os ombros. – O autor a quem tirei *As Imperfeições* nunca publicou nem tinha planos para isso. É como o *Doce Veneno*. Se eu não interviesse, o livro do Kellan teria morrido juntamente com ele e isso teria sido uma tragédia muito maior. Perder um filho é insuportável. Perder as suas palavras é insuperável.

Roubar o trabalho de um autor desconhecido não era de todo o mesmo que rever o manuscrito final do seu filho para cumprir o seu último desejo. Nem de longe nem de perto.

Não insisti na falsa equivalência.

– Então, fez um favor a um tipo?

– Ei, eu também escrevi o *As Imperfeições* – protestou ele. – As edições que fiz foram muitas. Vinte mil palavras, porra. Era um livro tão pesado que acho que lhe lixou a cabeça. Fiz tantas alterações ao manuscrito original que ele próprio duvidou de cada palavra que escreveu depois disso.

– Então, não lhe fez um favor.

Ele arrastou a cadeira.

– Não tenho de ficar aqui sentado a ouvir isto.

Parei o banco com a perna e mantive-me imóvel, mesmo quando o impacto me magoou a canela.

– Acho que tem, Terry, porque me parece que esta é a primeira vez que foi honesto sobre o plágio. Sobre os seus erros, em geral. Qual é a sensação de ser honesto uma vez na vida? Como é que se sente ao encarar as dificuldades?

Os seus dedos alcançaram a caneta partida, recuando quando uma das superfícies irregulares lhe tocou a pele. A tinta espalhava-se pelos seus dedos como as riscas de uma zebra. Ele esfregou os dedos.

– Isto não é um episódio do *60 Minutos*.

Não, mas senti-me como uma imitação da Lesley Stahl, da Oprah e do Dr. Phil num só. Tencionava fazer o que pudesse pelo Terry. Não por ele, mas pelos seus filhos. Por um golpe de magia, um milagre louco, ele conseguiu ser pai de duas pessoas incríveis. Tinha de acreditar que o Kellan estava a ver-nos, a testemunhar o esforço que o Terry dedicou ao *Doce Veneno* e a sentir alguma compensação. Mas e o Tate? O Terry tinha desistido antes mesmo de começar e eu recusava-me a aceitar isso.

– Apavorou um autor novato e fez com que nunca mais publicasse. – Levantei-me, contornei a cadeira do Terry e forcei-me a ficar na sua linha de visão. – Sinto um peso em si. Vejo-o todos os dias. Se o quiser tirar, tem de fazer alterações. Acho que o autor a quem roubou é um bom sítio para começar.

*E depois talvez possa tentar com o Tate antes de não haver mais nada para salvar.*

Terry abanou a cabeça.

– É demasiado tarde. O que está feito, feito está.

Parecia que um muro me tinha caído à frente. Eu tinha-me esforçado demasiado. A desilusão afundou-se na minha pele como garras. Voltei para o meu lugar e desisti... por agora. Acho que era por momentos como este que as pessoas diziam que nunca se devia conhecer os seus ídolos.

– Bem, é uma pena. *As Imperfeições*... – Fechei os olhos, recordando todas as noites que passei debruçada sobre o livro depois da morte dos meus pais. Durante a maior parte da última década, eu não tinha nada a que recorrer a não ser as suas páginas. – É uma dívida para a literatura. Para a humanidade.

– Essa é que é a verdade, porra – murmurou Terry.

Ele dirigiu-se ao frigorífico e vasculhou antes que pudesse continuar a atormentá-lo. Agarrei no telemóvel e enviei um *email* a Helen informando-a

de que tínhamos terminado o manuscrito. Os pensamentos sobre Tate consumiam-me. Nunca colocámos um rótulo na nossa relação e duvidava que ele se sentisse confortável com algum se eu abordasse o assunto. Este era o mesmo homem que se recusou a tocar no quarto do Kellan durante mais de quatro anos.

Brinquei com o telemóvel, pensando em como abordar o assunto. Um suspiro pesado saiu de dentro de mim.

– Pode fazer-me um favor?

Terry virou-se. Um palito de queijo pendia do canto dos seus lábios como um cigarro enorme. Ele falou mesmo assim.

– Outro?

– Pode manter o facto de termos terminado o livro em segredo?

A sua mão tocou no queijo e puxou-o, cortando metade de uma só vez.

– Porque precisas de uma razão para continuar a vir cá?

O Tate e eu éramos um ecossistema frágil baseado em decisões mal resolvidas. Cada uma delas tinha o potencial para nos destruir. Nada de bom aconteceria quando eu deixasse de ter uma desculpa para aparecer. Eu temia o nosso futuro como as pessoas temem um desastre natural, incapazes de o prever. Eu podia evitar os danos ou deixar-me vulnerável quando ele acontecesse. O meu sentido de autoproteção era maior do que isso.

– Sim – admiti.

– Queres que minta ao meu filho?

Contive um gemido. Quando disse que queria que o Terrence Marchetti assumisse o papel de pai fiável, não esperava que o tiro me saísse pela culatra tão cedo. Especialmente quando ele possuía a aptidão moral do Grinch.

– Se ele perguntar, diga-lhe que já terminámos o livro, mas se não perguntar... – Cociei a nuca, tendo a decência de parecer envergonhada. – Pode simplesmente não dar a informação?

Não seria uma mentira, por si só. Apenas uma omissão da verdade. No grande esquema das coisas, dificilmente contava como um pecado.

*Claro. E a família Manson não era um culto.*

– Ora, ora, ora... Não és o pilar da moralidade?

Isso não era uma resposta e ambos sabíamos. Fiquei à espera que o Terry terminasse. Não terminou. Tentei perceber qual era o seu objetivo. Ele sabia que eu podia ir a correr para a imprensa e oferecer um exclusivo sobre o seu plágio, mas a última coisa que eu queria era uma crítica negativa no nome Marchetti antes do lançamento do livro do Kellan. Por isso, decidi dar a vitória a Terry.

O silêncio prolongou-se por mais um minuto. Encarei-o como resposta. Ótimo. Arranjaria outra maneira. Outra desculpa para me manter na vida de Tate. Afinal de contas, o tempo é perverso. Quando se vai, nunca mais volta. Com o Tate, eu não tinha intenção de ficar à espera.

Arrumei as minhas coisas, dirigindo-me para a porta com o envelope contendo o manuscrito apertado ao meu peito para o proteger.

Com a palma da mão pousada num pedaço de papel de parede descascado, a outra mão a puxar o fecho das minhas botas.

– Tenho andado para te pedir...

As palavras de Terry imobilizaram-me mesmo quando ia agarrar a maçaneta da porta. Virei-me para o encarar. Ele arrastou a mão pela manga da camisola. Passou a outra pelo rosto. Aclarou a garganta.

– Continue – insisti, quando ele não o fez.

– Os créditos do *Doce Veneno*... – Ele passou a mão pela nuca. – Podes deixar o meu nome fora deles? Sem créditos de edição, sem créditos de revisão, nem sequer o maldito prefácio.

Não sabia do que estava à espera de que ele dissesse, mas definitivamente não era isto.

– Está bem. – Eu já não tinha intenção de pôr o nome do Terry nisto. Era a vez do Kellan brilhar.

– Faz isso e eu guardo para mim que nós terminámos. – Ele soprou e deixou sair o ar. – Não era mau que ficasses e tirasses aquele pau do cu do Tate.

– Que poético!

Ele arrotou, esfregando a barriga, mesmo por cima de uma mancha não identificável.

– É por isso que me pagam bem.

Uma vez que foi o Terry que mencionou o Tate, decidi aproveitar a deixa.

– Se não pede desculpa ao autor a quem roubou *As Imperfeições*, pelo menos tente pedir perdão ao Tate. Custe o que custar. – Talvez eu estivesse a exagerar, mas ele acabou de concordar em manter-me na vida do Tate.

– Não vale a pena. Ele não me vai perdoar.

– Não saberá enquanto não tentar.

– Não sou digno de redenção.

– Essa é uma decisão que cabe ao Tate. – Abanei a cabeça. – O objetivo não deve ser a redenção. Devia dizer ao Tate que se preocupa o suficiente para tentar reparar a vossa relação. Um verdadeiro pedido de desculpas não é feito com a intenção de se curar a si próprio. Isso é apenas um efeito secundário.

– Vou pensar nisso.

Passei o lábio inferior pelos dentes, mordiscando-o.

– Quando os meus pais morreram, apercebi-me de algo que já devia saber. Acho que também se apercebeu disso, mas está a ter dificuldade em admiti-lo porque isso implica que terá de mudar de vida por completo.

– A sério? E o que é isso?

– O amor é apenas estar lá para alguém. É tão simples assim.

Ele franziu o sobrolho, criando um vinco entre as sobrancelhas. O ar estava carregado, mas nenhum de nós se atreveu a dissipá-lo. Virei-me para sair, mas parei novamente quando me apercebi de que o Terry parecia querer dizer algo mais.

– É mesmo isto, não é? – Para seu crédito, ele parecia temer a ideia. Com as mãos enfiadas nos bolsos, os pés a balançar para trás. Eu não sabia se ele se estava a referir ao livro, ao Tate ou aos nossos encontros. Talvez a tudo. Esperei que ele me esclarecesse.

– Acabámos.

Ah! O livro. Ele estava a falar do livro.

Terry disse *acabámos* como se não estivesse à espera de que isso acontecesse. Desde *As Imperfeições*, ele nunca mais publicara nenhum livro. Isto marcava o seu primeiro romance em quase uma década. E nem sequer era dele.

– Acabámos – respondi. Selecionei as minhas palavras seguintes com cautela, sabendo que estava a nadar em água perigosas com alguém que tinha a tendência a recorrer a substâncias para curar os seus problemas. – O Terry não é uma fraude.

– Claro que não. – Levantou alguns dedos, fingindo que os estava a contar, mexendo os dez dedos quando acabou. – Escrevi treze livros antes de *As Imperfeições*.

– Estou a falar a sério. Sei que finge que não se importa com o plágio, que isso não afeta a forma como pensa sobre si próprio, mas é óbvio que afeta. Terminar o livro do Kellan mantendo-se fiel à voz e à visão dele provam aquilo de que é capaz. Não é uma fraude.

– Qualquer um poderia ter feito isso.

– Não. De maneira nenhuma. Há uma razão para eu ter recorrido a si.

– Trabalho gratuito.

Eu fiz uma careta.

– O dinheiro poupado não é incentivo suficiente para lidar consigo, especialmente quando a Helen teria contratado alguém muito mais tolerável para ajudar.

– Sou assim tão mau?

– Do pior – disse, sorrindo.

Ele abanou a cabeça.

– Eu continuo a ser uma fraude.

– Já alguma vez tentou dizer o contrário?

– Porque haveria de o fazer?

– Porque quando diz que é uma fraude, justifica que se comporte como tal. Justifica o ódio por si próprio. Justifica o mau comportamento. É um insulto à memória do Kellan quando ele o idolatrava.

Terry não tinha resposta para aquilo, mas eu recusei-me a deixá-lo fugir.

– O Terry não é uma fraude – disse-o com tanta convicção que isso tinha de o abanar. – Ajudou a acabar o livro do Kellan e é um livro perfeito. Não é uma fraude. Porque não tenta dizer *isso* em voz alta por uma vez?

– Isso é uma parvoíce.

– Faça-o. Pelo Kellan.

*Por si.*



Ele engoliu em seco, desviou o olhar e murmurou:

– Eu não sou uma fraude.

– Mais alto.

– Eu não sou uma fraude. – Os seus olhos fixaram-se na porta como se quisesse estar noutro lugar qualquer menos aqui. – Isto não é uma brincadeira de crianças.

– Tem razão. Isto é a vida real e o Terry é um adulto. É altura de agir como tal. – Cruzei os braços. – Outra vez.

– Eu não sou uma fraude – disse ele, com um sarcasmo tão espesso que poderia espalhá-lo em pão fatiado como se fosse manteiga de amendoim. Extra estaladiço.

– Tem razão. Não é. – Acenei com o envelope do manuscrito. – Terminou o *Doce Veneno*. Não é uma fraude. Diga novamente.

Ele repetiu a frase, uma e outra vez, e eu percebi porque me estava a distrair. Terrence Marchetti estava farto de se odiar a si próprio. De viver com um peso nos ombros que o tornava incapaz de se mexer.

Ele queria desesperadamente acreditar que não era uma fraude para poder começar a agir como se de facto não o fosse.

– Outra vez – insisti. Mas não precisava de o fazer. Agora já o estava a dizer sozinho. Sem eu pedir. Mais forte. Mais alto. Mais rápido.

Ele balançou-se nos calcanhares. Os nervos abandonaram-no um a um. Os seus ombros endireitaram-se e o queixo inclinou-se para cima. A permanente expressão carrancuda desvaneceu-se.

Terry olhou-me nos olhos. E finalmente, finalmente, ele repetiu:

– Eu não sou uma fraude.

Desta vez, ele estava a falar a sério. Eu percebi. E foi preciso muito para ele admitir isso. Anos. Dez deles.

Talvez mais.

Sorri-lhe. Terry retribui-me o sorriso. Sob a lâmpada fundida da entrada negligenciada de Tate Marchetti, sofrendo com o calor febril do verão, senti que algo monumental tinha acabado de acontecer.

Um marco que nunca pensei que viéssemos a alcançar.

Talvez, apenas talvez, eu sentisse que o Kellan estava aqui connosco.

E talvez, apenas talvez, ele também estivesse a sorrir.

# Capítulo Setenta e Quatro



**Charlotte**

Ultimamente, Úrano tinha-se tornado um velho amigo meu.

Sentei-me no planeta, no meio do Parque Galileu. O Tate escolheu Marte. Fiquei corada, lembrando-me do seu significado astrológico. Sexo. Desejo. Paixão.

*Ou guerra.*

Deixei de lado o pensamento volátil antes que a minha mente estragasse o ambiente. Por algum acordo tácito, este tinha-se tornado o nosso lugar.

Não podia entrar no meu apartamento sem encontrar o Jonah em cima da Leah numa encenação de pornografia *light*, incluindo agulhas de tricô.

O Terry não tinha a capacidade de entender uma dica, o que tornava o apartamento de Tate fora de limites se quiséssemos privacidade.

E nós queríamos sempre.

Então, esta era a nossa sexta noite consecutiva a encontrarmo-nos aqui. Como dois adolescentes a roubar beijos e a recolher beatas cuja única interação era a rebelião contra o mundo.

– Como está o livro?

A pergunta apanhou-me de surpresa. O Tate nunca abordou o assunto do *Doce Veneno*. Falar do Kellan já era raro sem ter de acrescentar um manuscrito que ele se recusava a ler.

Aquele que, por acaso, me apresentava como o interesse amoroso do seu irmão. Não que ele soubesse.

*E quando ele descobrir? Como achas que vai reagir?*

Não muito bem. E isso fazia com que cada segundo juntos fosse uma dádiva.

Observei o Tate o melhor que pude sob o manto da escuridão. O

candeeiro da rua continuava a acender e a apagar e por isso os meus olhos nunca se adaptavam. Ficou aceso apenas o tempo suficiente para iluminar a sua silhueta. Ele tinha os braços cruzados sobre o peito, como se precisasse de se preparar para a resposta. Optei pelo casual.

– É um bom livro. – Esperei um pouco, perguntando-me se devia optar pela verdade. – Devias lê-lo.

*E lá se foi a verdade.*

Eu sabia que se o Tate lesse o *Doce Veneno* isso podia significar o nosso fim. E ele era a minha fonte preferida de felicidade. O que, segundo me apercebi, podia ser um novo tipo de autodestruição. Os velhos hábitos custam a morrer.

– Eu não leio. – Ele saltou de Marte e mudou-se para Saturno.

*Estrutura. Restrição. Obrigação.*

Não que eu pensasse que as suas decisões planetárias fossem a sua maneira de me dizer alguma coisa, mas mesmo assim... Eu queria romper as suas barreiras e mandá-lo para Plutão – *transformação, renascimento, evolução*.

Apoiei as mãos no globo atrás de mim, usando-as para suportar o meu peso enquanto me inclinava para trás.

– As tuas pacientes ficariam chocadas se soubessem que passaste o curso de medicina sem abrir um livro.

– Os livros de estudo e as revistas médicas não contam como leitura.

– Faz de conta que é um livro de estudo. Um livro sobre a alma do Kellan.

Ele inclinou-se para a frente, o seu olhar cruzou o meu.

– É autobiográfico?

– De certa forma... – Encolhi os ombros. Ou tentei, com os braços ainda esticados atrás de mim. – Algumas coisas são ficcionadasas.

– Tais como...?

O meu final feliz com o Kellan. Aquele em que ele está vivo e junto comigo. Aquele em que tu não estás em cena.

– O final feliz.

Mordi o lábio, fechando os olhos. A brisa acariciava-me as faces. O Tate e eu escolhíamos a hora mais fria e escura do dia para nos encontrarmos. Tudo o que fazíamos emanava o aroma nada subtil do masoquismo.

– O Kellan não é do género de escrever finais felizes.

– É feliz segundo o padrão dele.

– Isso parece-me mais correto.

Ele arrancou as palavras de dentro de si. Os meus olhos abriram-se, concentrando-se em Tate. Ele olhava fixamente para o céu com os lábios entreabertos. O lábio inferior estava mais saliente, como se tivesse palavras na cabeça desesperadas por sair. No espaço de poucos minutos, o Tate tinha passado de despreocupado a abalado. Acho que é por isso que se diz que a dor é uma cabra implacável. Pode marrar-nos a qualquer momento.

Tirei o casaco dos ombros e deixei-o cair no chão para poder sentir o frio. Ou talvez para que isso estimulasse o Tate a vir até junto de mim aquecer-me. Não sabia o que queria. Só sabia que, qualquer que fosse o calor que recebesse, precisava de saber que não era artificial. Ou temporário.

– Em que estás a pensar? – perguntei.

– Estou a pensar que a vida é cruel e que quem a concebeu ainda é mais cruel. – Ele inclinou a cabeça, olhando para o céu noturno. Um esgar aflorou-lhe nos lábios. – E isso é só nos dias em que estou disposto a interromper a minha descrença a favor da possibilidade de um mundo onde o Kel ainda existe.

Tentei engolir o nó que sentia na garganta. O Tate tinha um buraco em forma de Kellan no peito. Eu queria preenchê-lo. Entrar no seu corpo e ver o mundo como ele o via. Para que pudesse sentir a dor que ele sentia e suportá-la por ele.

– Tens razão. – O vento trouxe as palavras até mim como uma carta de amor passada em segredo. – O Kellan era forte o suficiente para durar o tempo que durou.

Olhei fixamente para os meus pés, mexi-os porque isso me dava alguma coisa para fazer que não fosse chorar e voltei a prestar atenção ao Tate quando me lembrei de como respirar.

Os seus olhos já estavam postos em mim. Senti a força deles e respirei fundo. Carregavam uma pergunta. Eu tinha um palpite sobre o que era, mas não sabia se queria que ele a fizesse ou a enterrasse a dois metros de profundidade, para nunca mais ouvir falar dela.

*Pergunta, decidi eu.*

*Pergunta-me o que eu estava a fazer naquele telhado na noite em que conheci o Kellan. Por favor, Tate. Tu já sabes.*

Engoli em seco.

– Costumava pensar nos seus últimos momentos. Os que antecederam a queda. O que é que lhe passou pela cabeça? Estava assustado? Estava excitado? Ou estava simplesmente a... esquecer? Talvez até todas as anteriores.

– E agora já não pensas?

– Agora já sei. – Apoiei os pés no globo, puxei os joelhos até ao peito e fechei os braços à volta deles quando encontrei o meu equilíbrio. Pelo menos, fisicamente. – Para começar, é a pior forma de tortura imaginar os últimos momentos antes da morte de alguém que amamos. Eu não recomendo. Nem mesmo ao tipo que inventou a guilhotina. Mas também acho que o Kellan planeou a sua morte muito antes de qualquer um de nós saber, e nesse plano ele incluiu um caminho para nos curarmos.

Tate estendeu a palma da mão.

– Por favor, dá-me a direção e um mapa, porque estou a sentir-me excluído.

Estendi a mão para ele, como se pudesse tocar-lhe a esta distância.

– *Doce Veneno*. Esse é o mapa. O pedido de desculpas. O plano.

Tate tinha-se mexido, quase como se fosse ao encontro dos meus dedos estendidos, mas com as minhas palavras, ele desviou-se para Júpiter.

*Sorte. Otimismo. Abundância.*

Aceitaria qualquer um deles agora, por favor e obrigada.

Ele instalou-se no cimo do globo metade laranja, metade verde. Não que eu conseguisse distinguir as cores a esta hora. Mas eu sabia. Tal como sabia que ele iria recusar qualquer convite para ler as palavras do irmão.

– Eu passo.

Vês?

Decidi ali mesmo que não desistiria até que o Tate Marchetti lesse o *Doce Veneno*. Era a minha única arma nesta guerra para o curar. Baixei a mão.

– Acho que o Kellan escreveu o livro para tu leres. Contigo em mente, Tate.

– Duvido que ele me tenha deixado algo mais do que uma grande pilha de roupa suja. Não éramos chegados. Além disso, foi a ti que ele deu as chaves das gavetas.

Apoiei o queixo nos joelhos, observando-o. Os olhos azuis-acinzentados de Tate brilhavam, agitados. Ele pousou a mão na perna. Dois metros e um oceano de dúvidas separavam-nos. Suspeitei que ele estivesse a esconder-me alguma coisa. Estávamos a andar em círculos. Escondendo coisas um do outro. Incapazes de procurar a paz sem a verdade. Seria hipócrita exigir que o Tate revelasse o seu segredo sem lhe oferecer o meu e, no entanto... Eu estava mesmo a planear fazer isso.

*Porque o meu segredo podia acabar connosco.*

Não devia, mas podia.

– Eu não acredito. Não acredito nem por um segundo que o Kellan não te deixou nada. Acho que me estás a esconder alguma coisa.

A boca de Tate cerrou-se numa linha apertada. Mordi a parte interior da bochecha, à espera. Quando pensei que ele tinha abandonado o assunto, ele falou:

– Na noite em que morreu, o Kel deixou-me uma mensagem de voz.

Demorei a entender as suas palavras, mas quando o fiz, dei por mim a escorregar de Úrano. Os meus braços agarraram-se ao globo, em busca de apoio.

Tate ofereceu-me a mão, que eu só agarrei para tocar nele.

– O quê... – Limpei o pó e tentei disfarçar o tremor da minha voz, mas só consegui em parte. – O que é que ele disse?

Eu nem me atrevi a sentar-me. Não me atrevi a *mexer-me*.

– Não sei.

*Tradução: Nunca a ouvi.*

Era preciso um tipo especial de força de vontade para ter na sua posse as palavras de despedida de alguém que amámos e que queríamos mais do que

tudo no mundo e não as ouvir. Eu tinha aberto a carta do Kellan cerca de um segundo depois de a ver, e forçara-me a chegar ao telhado para a ler.

*Não é força de vontade, percebi. É medo.*

Quase me ofereci para ouvir a mensagem de voz por ele, mas tinha medo de que ele concordasse. Em vez disso, dirigi-me ao parque da selva, subi os degraus e sentei-me junto à abertura do escorrega, com as pernas penduradas no rebordo.

– Não sei o que está na mensagem, Tate, mas sei o que está no *Doce Veneno*. – Dei um pontapé no poste, com a sola dos meus Chucks só a raspar. – Um roteiro. Não há uma chave para o mapa ou rótulos ou mesmo fronteiras, mas as autoestradas, os pontos de referência e as estradas estão lá. Se leres nas entrelinhas, verás a mensagem.

– Qual é?

– Que nós não o poderíamos ter impedido. Acho que se o Kellan soubesse o que o seu suicídio faria às pessoas que amava, não o teria feito. – Se eu parecia segura disso, era porque o estava. Algumas coisas, nós simplesmente sabemos. Com o instinto. Com a cabeça. Com o coração. Passei um braço em redor do corrimão, descansando a cabeça no metal frio. – Acho que ele pensou que o *Doce Veneno* seria genuinamente suficiente para nos absolvermos da culpa. Ele não contava com o facto de a Leah não me dar a carta ou com o nível de autoaversão que possuis.

Tate não corrigiu as minhas declarações. O que é que ele podia fazer? Eu não me odeio? *Pois, e os porcos voam, a Terra é plana e o JFK é a sede dos Illuminati.*

O nosso olhar cruzou-se. O meu coração galopava a cada passo que ele dava na minha direção. Não estava à espera de que ele respondesse, por isso fiz a pergunta que me atormentava todos os dias.

– Estás bem, Tate?

Ele fez uma pausa a meio de um passo.

– Estou ótimo.

– É um facto universalmente conhecido que «estou bem» é a única frase com um significado indefinido. Eu não estou bem. Eu estou bem. Estou triste. Estou feliz. Não posso continuar a fazer isto. Eu vou ficar bem. Estou perdido. – Fiz uma pausa, enfatizando. – Por favor, ajuda-me.

– Talvez isso signifique que estou bem.

– Significa?

– Não.

O assunto foi-se arrastando entre nós. A verdade inconveniente. Vasta e exigente. Só que nós a tratámos como se fosse frágil. Embrulhámo-la em plástico com bolhinhas e fechámo-la num cofre. Preparei-me para o que viria a seguir. A única coisa que poderia seguir-se à sua confissão.

– Nunca te perguntei porque estavas no telhado da primeira vez que tu e o Kel se encontraram.

Engoli em seco e desviei o olhar. Ele não me pressionou para responder,

mas senti a presença dele à minha volta. Senti-o. Em vez de me sufocar, ele envolveu-me num abraço. Quando voltei o meu olhar para ele, parecia sério. Mais sério do que alguma vez o tinha visto.

Tate enfiou-se no espaço entre o poste e eu. O encaixe apertou-nos um contra o outro. Com o meu corpo apoiado no escorrega, ele estava ao mesmo nível dos meus olhos. Os seus dedos encontraram o meu queixo, forçando-me a encontrar os seus olhos azuis-acinzentados. Um inferno ardia neles. Olhou-me diretamente nos olhos, inabalável.

– Estás a respirar, Charlie. Estás a respirar e é lindo e eu estou muito grato por isso.

Talvez tenha sido melhor do que dizer-me a palavra começada por A.

O meu coração ameaçava sair do peito e atacar o Tate se não o tocasse neste momento. Os seus lábios desceram até aos meus e, sem mais nem menos, senti-me como se estivesse a viver de novo.

Perguntei-me como é que os beijos do Tate conseguiam roubar-me a respiração e devolver-me. Agarrei-me às lapelas do seu casaco, aproximando-o. Ansiosa por tudo o que ele me podia dar e muito mais.

Desejei poder fechar este momento numa cápsula do tempo, enterrá-lo bem fundo onde estivesse seguro e voltar a ele no inevitável momento em que acabaríamos. Pelo menos nessa altura teria algo bonito para recordar o nosso amor.

Os seus lábios roçaram a minha têmpora.

– O mundo é melhor contigo, Charlie.

Eu acreditei nele.

Nenhum de nós estava bem, mas tínhamo-nos um ao outro. Eu estava a recuperar, dia após dia e ia arrastá-lo comigo. Independentemente do que fosse preciso. Tate Marchetti expulsou a solidão de mim. Ele curou-me.

Eu sorri.

– És mesmo médico.

– Sim, da última vez que verifiquei. – Levantou uma sobrancelha, baixando-se para outro beijo.

O telemóvel tocou no meu bolso. Tirei-o. O ecrã piscou com uma mensagem da Leah.

**Leah: Onde estás? Levantei-me para ir beber água e não te vi.**

**Leah: São três da manhã! Quem és tu e o que fizeste à minha irmã?!**

**[Diário da Princesa Sobrancelhas GIF].**

Fiz as contas. O meu quarto não era a cozinha e eu deixei a porta fechada, o que significava que a Leah andava ativamente a vigiar-me. Parecia que tinha fugido do meu corpo e ido para outro plano onde a felicidade existia. Onde a Leah Richards me amava e o Tate Marchetti me regava com beijos à meia-noite num prado de planetas.

**Eu: Estou a caminho de casa. Vejo-te daqui a dez minutos [GIF de exercício físico].**

Acenei com o telemóvel.

– A Leah mandou uma mensagem para saber onde estou. Acho que é a minha deixa para me ir embora.

– Deus me ajude, somos mesmo adolescentes, não somos? – gemeu ele.

Atirei o cabelo para trás das costas.

– Vamos fazer uma corrida até ao portão do parque.

Ao sair do escorrega, corei ao tocar o corpo de Tate. Pôs o braço em redor da minha cintura e deixou-me em terra firme.

– Olá, Charlie.

– Olá, Tate.

Recuei e agarrei-lhe a mão. Como sempre, o Tate acompanhou-me até ao apartamento, parando mesmo perto do degrau do terceiro andar. Empurrei aquela barreira invisível que ele nunca quebrava, mas ele virou-me e encostou a boca à minha. Depois afastou-se.

– Agora podes ir.

– Que provocação.

Dirigi-me para o meu apartamento, incapaz de tirar o sorriso estúpido da minha cara. Abri a porta, atravessei a soleira e pus a cabeça de fora para olhar para o Tate uma última vez. Ele ainda estava a olhar para mim.

– Tate? Amo-te.

Fugi antes de ver a sua reação, fechei a porta atrás de mim e não olhei para trás.



# Capítulo Setenta e Cinco



**Tate**

**H**avia um milhão de razões para não andar de metro.

O cheiro.

A sujidade.

A incapacidade de encontrar um maldito lugar.

E, no grande golpe de sorte que tivesse, 99,99% de probabilidade de levar com o rabo de alguém na cara.

Mas a razão de hoje veio sob o formato de um cartaz digital com o nome do Kellan. Atingiu-me quando ia a sair da estação. Não literalmente, mas mais valia ter sido.

Eram doze. Estendiam-se pela parede desde o balcão de atendimento até à escada que tinha de subir para escapar deste inferno. Acendiam-se como um incêndio. E a consumir o mesmo oxigénio, também.

Foda-se. Estava a ficar difícil de respirar.

Não é que eu tenha feito um esforço para o ignorar. O universo tornou isso impossível. De cada vez que eu tentava desviar-me para a esquerda para colocar alguma distância entre mim e as placas, metade de Manhattan empurrava-me para trás como um flíper humano.

Dei por mim a olhar fixamente.

Para a capa.

Para o seu nome.

Para os elogios que se encontravam em cada cartaz de pessoas que pareciam importantes.

reflexões sobre o amor, a perda e o estado da sociedade. As palavras de Marchetti representam um caso convincente de como fazer más escolhas e gostar delas»

*The New York Examiner*

\*

«Kellan Marchetti é Holden Caulfield, caso Caulfield se apaixonasse de forma selvagem e desenfreada. Este livro tornou-se o meu amante, sem o qual não quero ficar. Cada página deixa-me desesperada por mais.»

L. T. Moon

Autora *bestseller* do *New York Times*

\*

«O *Doce Veneno* recorda-me a razão pela qual eu leio.»

*Publishers Daily*

\*

Quando cheguei a casa, não conseguia perceber porque sentia o peso de uma âncora no meu estômago. Dúvida. Arrependimento. Nostalgia. Todas elas? A acreditar nos anúncios, as pessoas adoraram o livro, o que devia fazer-me sentir feliz. Tudo o que fez foi lembrar-me de que o Kel não estava cá para o testemunhar.

*E é isso que se ganha por tentar salvar o planeta. Compraste um carro por alguma razão. Usa-o.*

A ideia de queimar o mundo antes que ele tivesse a oportunidade de me queimar, apoderou-se da minha mente. Bati com a porta de casa, acabando com a fantasia antes que pudesse conceber um plano.

A Charlie estava sentada no sofá com o portátil equilibrado nos joelhos. Quando me viu através da abertura que liga a cozinha e a sala de estar, tirou os auscultadores, fechou o ecrã e aproximou-se de mim. Encontrámo-nos no centro, onde as extremidades de ambas as divisões se juntam. Aclarei a garganta.

– Vi os anúncios do *Doce Veneno* quando saí do metro hoje.

– São fantásticos, não são? – Ela pôs-se em bicos de pés, pressionando os seus lábios na minha garganta, porque podia.

– Alguém na *Kirkus* afirmou que não gostava tanto de um livro desde *O Simpatizante* de Viet Thanh Nguyen.

– Nunca li.

– Claro que não. – A sobranceira dela arqueou-se. – Nunca pensei que fosses do género que anda de metro.

– O meu Lexus está a mudar os pneus e cometi o erro de desistir do táxi.

Ela beijou-me a maçã de Adão e afastou-se quando passos trovejaram no corredor por cima de nós.

O Terry apareceu na base da escada com uma mala cheia numa mão e a pega da máquina de escrever agarrada na outra. Pôs a mala de viagem em volta do ombro e virou-se para Charlie.

– Vemo-nos daqui a uns dias, Menina Richards.

Olhei para o seu fato, reparando no cabelo penteado para trás e num perfume que nunca tinha sentido. Sabão.

– Não devias estar a trabalhar no manuscrito do Kellan como prometeste à Charlie?

– Isso é uma nova adenda aos termos da minha estadia? – Ele esperou que eu respondesse.

Eu não respondi. Nem a Charlie.

– Bem, então, vou-me embora. – Ele fez-me uma vénia com um boné imaginário. – Espero que não haja problema para si, senhor agente.

Charlie acenou com a cabeça para a sua mala.

– Onde vai?

– A uma conferência de escritores.

Eu estreitei os olhos.

– Qual delas?

– Porquê? – Ele piscou-me o olho. – Estás preocupado comigo?

– Preocupado com eles. Talvez seja meu dever moral telefonar-lhes e avisar os participantes para manterem os olhos abertos para ti e para que costumam fazer com dez dedos.

Charlie deu-me uma cotovelada nas costelas. Ou tentou. Com a nossa diferença de altura, ela acertou-me mesmo no estômago. Esfreguei a dor. O Terry saiu com uma saudação de dois dedos que se transformou num só – o do meio – quando a Charlie nos virou costas, dirigindo-se à cozinha.

Ocorreu-me que ele podia estar a fazer isto de propósito. A dar-me a mim e à Charlie um tempo a sós. Mas também me ocorreu que os momentos de civilidade entre nós eram menos prováveis do que um assassino em série encontrar Jesus. Quando me virei, a Charlie levava um copo de água aos lábios, sorrindo.

Levantei uma sobrancelha.

– Sim?

– Os seres humanos são tão estranhos. – E não entrou em pormenores.

Fiquei a ver, perturbado, enquanto ela bebia um gole atrás do outro, marinando em silêncio.

– Desembucha, Charlie.

Ela riu-se e pousou o copo na bancada.

– O Kellan transformou-te num vilão. Tu transformaste o Terry num vilão. Qual é o objetivo? Onde é que isso o levou? Onde é que isso te leva? – Ela encaminhou-se na minha direção.

– Ou nos tornamos leões ou vilões para as pessoas que têm mais impacto nas nossas vidas. Não há meio-termo. Não há uma zona cinzenta que permita a complexidade. A responsabilização sem limite. A cura sem raiva. O

cinzentos contém a verdade, mas nós só vemos o preto e o branco.

– O que estás a dizer?

– Faz as pazes com o teu pai, Tate.

– Eu não tenho pai.

– Ah não? Como é que nasceste? Por imaculada concepção?

– Devo ter sido encontrado pelas cegonhas. – Lancei-lhe um sorriso.

– Esse sorriso... – gemeu ela. – Ele acaba com a minha linha de pensamento. – Ficámos em silêncio. Ela fixou toda a sua atenção em mim, à espera. Só à espera. Algo tinha mudado entre nós, mas acontecia de uma forma tão lenta. Como a água a sair de uma torneira, gota a gota. Quando dás por ti és atingido por uma conta de água que não consegues pagar.

– Vou pensar nisso – acabei por ceder, lembrando-me daquilo que tinha ouvido o Terry a dizer. Que ele existia para me dar algo que odiar. Para culpar.

– Por favor, pensa.

– Isto não é uma promessa – avisei.

– Eu sei.

As palavras continham demasiado otimismo e, como um idiota, eu queria extinguir o otimismo para bem da minha sanidade mental. Mas não o fiz. Uma decisão que atribuí ao sorriso que se espalhou pelo seu rosto.

*Tate Marchetti, estás tão lixado!*

Acabámos na ilha da cozinha com uma pilha de menus de comida à frente.

– Amo-te – disse Charlie, casualmente. Tão casualmente que demorei um segundo para registar. Estava a habituar-me a ouvi-lo. Pior, eu gostava. Até ansiava por isso.

Ela sentou-se no banco, agarrou o menu de *yakitori*, virou-o, estudando o verso.

– Alguma sugestão?

– Sim. – Bati-lhe na têmpora. – Um pouco de *ginkgo* para o teu cérebro. Tu já disseste que me amas.

Outra vez. E outra vez. E outra vez.

Mas sentia uma comichão no peito que só aquelas palavras eram capazes de apaziguar. Tentei perceber o que havia de diferente entre a Charlie e a Hannah que me fazia querer ouvir apenas a Charlie a pronunciar a frase de três palavras. Porque é que eu não podia optar por uma relação mais apropriada? Aquela sem diferença de idades. Aquela que não me fazia sentir como se tivesse de rezar cinquenta ave-marias por noite para evitar uma eternidade no inferno?

A resposta era óbvia. O gosto estranho por música, roupa e pessoas. A forma como levava os livros ao nariz e inalava como se eles lhe oferecessem os seus segredos quando ela se aproximava o suficiente. O seu riso, que era raro, mas travesso e que a fazia vibrar com toda a sua intensidade. Aquilo que a levou a ser única pessoa em St. Paul a ser amiga do meu irmão mais novo,

que usava *kilts* e luvas de rede e que franzia o sobrolho.

Era tudo. Apenas... *ela*. Charlie.

A doce e amorosa Charlie.

A qualquer momento, a Charlotte Richards olhava para mim como se estivesse prestes a oferecer-se para se queimar só para tentar manter-me quente.

E, como um sacana que era, acendi o fósforo.

# Capítulo Setenta e Seis



**Tate**

A teoria da Charlie – que eu me habituaria a que me dissessem «amo-te» e que iria gostar disso – estava certíssima. Não havia outra explicação para o facto de dar comigo a fazer coisas que prometi nunca fazer.

Desta vez, deixei-a entrar no meu quarto. No meu espaço. Na minha cama.

Algumas horas depois de termos terminado de comer, ela mergulhou nos meus lençóis, aterrando de costas e de olhos fechados. Fiquei um instante a observá-la.

Aqui.

No único lugar do mundo que parecia intocado pelas tretas da vida.

Ela usava um vestido que teria ficado bem no armário da Wednesday Addams, preto com uma gola branca, que ficava a meio das coxas. As suas pernas nuas estendiam-se diante de mim. Longas, pálidas e tentadoras.

Queria tirar-lhe o vestido e enterrar-me dentro dela. Contive-me, juntando-me a ela no meu colchão, mas permanecendo na minha metade.

O seu peito subia e descia.

– A Leah foi dormir a casa do Jonah.

– Que bom para ela.

Ela abriu um olho.

– Estavas bêbedo quando te disse isto, por isso vou dizer-to outra vez. Eu sei que foste vê-la. – Eu praguejei. – Não estou zangada – acrescentou. – Estou grata.

Talvez fosse a sua capacidade de perdoar ou o facto de me ver melhor do que eu me via a mim próprio. De qualquer forma, essa deve ter sido a última coisa que me fez quebrar o fio de decência que me restava. Tudo o que eu queria agora era afundar-me nela. Ela virou-se de lado. Os meus olhos

baixaram até ao seu rabo redondo.

Ela espreitou por cima do ombro. Um sorriso malicioso surgiu-lhe no rosto.

– Apanhei-te.

– Não quero saber. – Agarrei-lhe a anca, mesmo por cima do sítio onde o rabo dela começava a curvar-se. Se ela me desse luz verde, eu cravaria os meus dentes também ali.

Ela virou-se novamente. A minha mão deslocou-se com ela, chegando à coxa, perigosamente perto de uma parte dela que eu estava mortinho por explorar. Disse à minha pila para se acalmar, mas mantive a mão onde estava. Ficámos os dois deitados, por cima dos lençóis, a olhar para as partes um do outro que queríamos tocar. Por fim, ela foi buscar um gelado enquanto eu deitava a camisa no cesto da roupa suja e vestia umas calças. Virei-me a tempo de a ver instalar-se na minha cama com uma embalagem de gelado de menta. Ofereceu-me uma colher e os seus olhos detiveram-se no meu peito nu.

Abanei a cabeça, resmungando:

– Se quisesse esse gosto na boca, preferia bochechar elixir bucal.

– A menta não sabe a elixir bucal.

– Claro que não.

Via-a passar colher após colher de gelado pelos lábios.

– Já leste *O Vendido* de Paul Beatty? – Ela pôs a embalagem terminada na mesa de cabeceira e esperou pela minha resposta, continuando quando ficou claro que eu não lhe ia dar nenhuma. – Pois. Tu não lês.

– É para isso que estás aqui?

– A sério? Pensei que era para isto. – Ela inclinou-se e lambeu-me por baixo do umbigo, traçando um rasto até às minhas calças.

Antes que ela pudesse recuar, passei um braço à volta da sua cintura e puxei-a para cima de mim, invadindo-lhe a boca com a minha língua. As suas mãos dirigiram-se aos meus bíceps. Usou-os como alavanca, esmagando-se contra a minha coxa.

– Por favor, Tate. – As suas súplicas dançavam à nossa volta.

Eu não queria satisfazê-las, mas também não queria que parassem. Ia fazer-nos vir aos dois, levando isto tão longe como da última vez, mas não mais do que isso.

Eu sabia que ela me ia pedir mais, por isso levantei-lhe a batinha do vestido e pressionei-a contra os seus lábios.

– Morde.

Ela obedeceu. Com a parte de baixo do vestido puxada para cima, vi uma Charlotte Richards numa tanga preta, com as suas curvas quase pecaminosas.

– Vou fazer-te uma série de perguntas. Não largues o vestido. Percebeste?

Ela acenou com a cabeça.

Queres os meus dedos na vagina ou no cu?

– Tate!

Apanhei a bainha, dizendo:

– Largaste o vestido.

– Isso era um teste?

– E tu reprovaste. – Arqueei uma sobrancelha. – Pensei que fosses uma aluna de Muito Bom.

Como que para me calar, a mão dela passou pela cintura das minhas calças e apalpou-me a tesão. Pulsou com o seu toque. Ela ainda tinha o sabor a menta no canto dos lábios. Passei o gelado pelo seu lábio inferior e puxei-a para baixo, abrindo-lhe a boca. A sua língua saiu provocando a minha pele. Depois, inclinou-se para a frente e chupou-me a ponta do polegar.

– Foda-se – praguejei. Empurrei-o todo para dentro da sua boca. Imaginei a minha pila no seu lugar.

Os seus dedos voaram para a minha pélvis. Levantei-a de cima de mim. Ela observou, com os olhos enevoados, enquanto eu tirava as calças e os *boxers* num só movimento e voltei a deitar-me. Charlie voltou a subir para cima de mim, retomando a nossa posição anterior. Ajeitei-lhe a extremidade do vestido entre os dentes, espreitando a sua tanga. A sua humidade podia ser vista dos satélites. Ela estava tão excitada...

– Vamos tentar outra vez. Esfrega o teu clitóris na minha perna.

As suas unhas cravaram-se no meu peito, encontrando apoio enquanto ela se balançava para a frente e para trás, esfregando-se na minha perna.

– Queres que te belisque o mamilo ou o clítoris? Acena com a cabeça para o mamilo. Abana para o clítoris.

Ela abanou a cabeça. Avancei, desviei a tanga para o lado e passei pelos seus lábios, beliscando o botão escorregadio. O tecido na sua boca abafava os gemidos.

– Muito Bom Mais.

Ela revirou os olhos, os dentes ainda presos à bainha do vestido.

– Queres que te veja a masturbares-te ou preferes ver-me a masturbar-me?

Charlie abanou a cabeça. Depois acenou-a. Forcei uma gargalhada.

– Não sejas gananciosa. Acena com a cabeça para ti. Abana para mim.

Ela acenou a cabeça e, foda-se, eu estava com tanta vontade de fazer isto. A minha pila pulsava como se tivesse um coração próprio. Pressionava-se contra o seu rabo. Ela mexeu-se contra ela, parecendo satisfeita consigo mesma. Eu queria ceder. Para levar isto até ao fim. Para fazê-la vir-se na minha pila e não nos meus dedos. Mas também sabia que assim que o fizesse, ela sussurraria a palavra que gostava de me dizer e eu iria descambar. Perderia todo o controlo.

Ela reposicionou-se para ficar mais perto, desta vez sobre os meus abdominais, proporcionando-me uma melhor visão. Os seus dedos dirigiram-se para a vagina, desaparecendo nas suas dobras. *Foda-se*. Ela estava tão



molhada que a senti em todo o meu estômago. As pontas dos seus dedos roçaram-lhe o clítoris. Ela balançava em cima de mim, em busca do auge ao qual também me queria juntar. As suas pernas apertavam-se contra os meus lados enquanto ela se esfregava furiosamente, gemendo para a bainha do vestido. Mesmo sabendo que isso significava estar a pedir problemas, eu brinquei com o fecho do vestido, puxando-o. A Charlie libertou o vestido dos seus dentes e este caiu em redor da sua cintura. Ela endireitou-se, passou o vestido por cima da cabeça e atirou-o para trás das costas. O sutiã e as cuecas saíram a seguir, atirados para o chão do outro lado da divisão. Depois, as suas coxas voltaram a segurar as minhas ancas, os dedos a entrar e a sair da vagina.

A minha pila balançava contra o seu rabo, acabando com o resto da minha força de vontade.

– Charlie – gemi.

Ela rebolou as ancas, estremecendo em cima de mim.

– Só a cabeça – regateou ela, e nunca na história do planeta Terra foi apenas a cabeça.

– Eu não tenho preservativos.

– A sério?

– A sério.

Ao contrário do que sugeria a forma como nos conhecemos, eu não andava por aí a ir para a cama com todas, nem sequer fazia sexo com frequência. Não o achava agradável. Ou a vida, em geral. Embora a Charlie parecesse desafiar estas duas preferências.

– Bem, como meu médico...

– Ex-médico – corrigi. – Se é que cheguei a ser.

– ... sabes que estou a tomar a pílula. E que estou limpa. – Ela levantou uma sobrancelha.

– Estás limpo?

– Charlie, não.

– Não estás?

– Não, não vamos fazer isso.

– Fica só a dica.

Abanei a cabeça, mas ela transformou-se num aceno de cabeça e, que raio estava eu a fazer? O sorriso dela fez-me coisas que eu nunca admitiria. Ela moveu-se para trás, com a vagina a deslizar ao longo do meu pénis rígido.

– Só a cabeça – avisei, alinhando-nos.

A cabeça da minha pila deslizou pelas suas pregas por um instante. Um maldito instante, juro. Mas o seu corpo arqueou-se contra o meu. E foi isso. A última gota. Virei-a de costas e coloquei-me em posição. Os meus olhos percorreram o seu corpo, passando pelas mamas, ao longo da curva do pescoço, sobre os lábios até chegar àqueles olhos cor de mar.

– Olha para ti, Charlie. Eu nunca tive a mínima hipótese.

E depois penetrei-a. As paredes dela agarraram-se a mim num aperto. Eu tinha desfeito o seu hímen durante o exame, mas ela ainda era virgem e,

portanto, tão apertada que quase me vim ao primeiro contacto, como um maldito adolescente.

– Tate. – As suas mãos agarraram os meus bíceps. – Mexe-te.

– Dá-me um segundo. – A minha cabeça caiu no ombro dela, enterrando-se no seu pescoço. Passei a língua ao longo da curva e, finalmente, entrei mais dentro dela.

Correspondeu a cada uma das minhas investidas como se temesse que eu não voltasse a penetrá-la, as suas ancas vinham para mim com tanta energia que eu batia no fundo de cada vez.

– Mais – implorou ela. – Mais depressa.

Eu obedeci, dando-lhe tudo o que ela pedia, exceto as palavras que nunca poderia dizer. Ela agarrou-se a mim. As suas unhas afundavam-se no meu ombro enquanto as suas paredes se apertavam à minha volta.

– Foda-se – murmurei contra a sua pele, demasiado perto de me vir.

A minha mão estendeu-se entre nós, os dedos esfregando-lhe o clítoris em círculos. Ela entooou o meu nome uma e outra vez, como uma oração. Como uma resposta. Como se ela me amasse. A sua mão parou na minha nuca. Eu agarrei-a, levei o seu pulso até aos meus lábios e beijei-lhe a cicatriz.

– Tate.

Levei os lábios ao seu ouvido.

– Vem-te, Charlie.

Ela desfez-se à minha volta, as unhas a rasgar a pele, as paredes a apertar. Fui atrás dela com um rugido e caí sobre ela antes de me virar de costas. Ela pousou a cabeça no meu peito, traçando um caminho até ao centro.

– Amo-te.

Abri os lábios. Ela fixou-se neles, fazendo surgir uma espécie de esperança nos seus olhos. Mas depois voltei a fechá-los e ela esvaziou-se como um balão rebentado. Uma lágrima correu-lhe pela face e caiu no meu peito. Era quase o suficiente para lhe dizer. Afinal de contas, era verdade. Mas não fui capaz de o fazer. Em vez disso, ficámos sentados em silêncio, a remoer os nossos pensamentos.

À meia-noite, a Charlie viu as horas e levantou-se para sair, como se fosse a Cinderela, tivesse uma hora de recolher e temesse que a sua carruagem se transformasse em abóbora a qualquer instante.

Encostei-me à cabeceira da cama a vê-la a vestir-se. Os olhos dela estavam injetados de sangue, embora só tivesse derramado uma lágrima. Senti-me um idiota. E, mesmo assim, não lhe disse o que ambos queríamos que eu dissesse.

Em vez disso, olhei para as mãos dela que voltavam a prender o sutiã.

– Vais ficar bem sozinha?

– Sou oficialmente adulta há quatro anos, Tate. – Ela fingiu contar pelos dedos e sorriu. – Acho que consigo sobreviver a mais uma noite.

– Eu levo-te a casa.

Já completamente vestida, parou à porta, virou-se para mim e acenou

com o telemóvel.

– Já pedi um Uber.

– Cancela.

– É uma viagem partilhada.

– A única viagem que fizeste hoje foi na minha pila.

Ela olhou para o ecrã de bloqueio e depois para mim.

– O Cameron já aqui está.

O Cameron podia ir para o inferno.

– Charlie.

– Tate. – Ela sorriu. Veio até mim. Encostou os seus lábios aos meus.

Tirava-me algo sempre que o fazia. – Vemo-nos amanhã.

Não disse nada por um momento. Fiquei a olhar para ela, na esperança de que quanto mais tempo passasse, maior seria a hipótese de o Cameron, o idiota, se ter ido embora. Ela sabia o que eu estava a fazer. Abanou a cabeça. Um sorriso surgiu nos seus lábios.

– Não posso atrasar a partilha da boleia, Tate. – Ela levantou uma sobrancelha, chamando-me a atenção para os seus olhos. Ainda vermelhos. Eu é que era o idiota aqui, não o Cameron. E muito menos ela.

– Esse é um comportamento idiota – terminou ela.

– Está bem. Manda-me uma mensagem quando chegares a casa.

– Sim, mando.

E depois saiu.

Recostei-me olhando para o teto. Desta vez, sozinho. Se isto fosse uma pista de corrida, eu estaria na última etapa. A dirigir-me para a meta. Se eu dissesse à Charlie o que ela queria ouvir, não haveria volta a dar. Assim que as comportas se abrissem, não se fechariam mais. Que mais é que eu acabaria por sentir? Quanta mais dor poderia suportar?

*És um idiota, Tate Marchetti. E o teu irmão não pode continuar a ser a tua muleta. A tua desculpa.*

A palavra estava na ponta da minha língua. Curta e desprezível. Brinquei com ela, tentando conjurá-la em voz alta pela primeira vez. Para me convencer de que o seu peso diminuiria com o desabafo. Que seria fácil dizê-la sem um público a ouvi-la.

No final, não disse nada.

# Capítulo Setenta e Sete



**Tate**

A casa parecia assombrada sem a presença da Charlie.

Demasiado silenciosa.

Demasiado fria.

Demasiado solitária.

Ouvi o Uber dela a partir. Demorei alguns minutos antes de saltar da cama e abrir os cortinados, vendo a névoa no vidro. Em breve, choveria.

E isso foi o suficiente para justificar agarrar no meu casaco e entrar no Lexus e ir a correr para Morris Heights.

Ceguei lá antes do Uber. O monte de degraus que conduzia à sua rua deu-me tempo mais do que suficiente para questionar a minha sanidade. Fui até ao prédio dela e passei os vinte minutos seguintes debaixo da chuva antes de me aperceber que me esquecera de trazer um guarda-chuva na pressa de chegar.

Lá se foi a minha desculpa para aparecer. Perdeste a cabeça, Tate. Quando Cameron, o idiota, parou junto ao passeio, eu estava encharcado. Charlie saiu do Yukon e abrandou à minha frente, com os olhos a percorrerem-me o corpo todo molhado.

– Tate. O que fazes aqui?

– Está a chover – disse eu, como se isso explicasse tudo.

Meu Deus, eu precisava de me recompor. Passei os dedos pelo meu cabelo, atirando gordas gotas de água para as minhas costas e admitindo:

– Não sei.

Podia ter-me rido. Provavelmente. Senti-me desequilibrado. Fora de mim. Tinha passado um ponto sem retorno. O que quer que fôssemos, eu gostava. Queria agarrar-me a isto, mas não me sentia capaz.

Não sem nos arruinar aos dois.

O som da chuva a bater encheu o silêncio.

Batia no pavimento.

Nos carros.

Em nós.

Tanta chuva que mal a conseguia ver. Se calhar foi melhor assim. Como estava, eu conseguia ver os traços de antecipação no seu rosto. Não tinha qualquer intenção de lhe dizer que a amava.

Não hoje.

Não nunca.

E, mesmo assim, eu apareci. Era especialmente cruel enganá-la assim. Eu sabia-o, mas não conseguia evitar.

*Não és melhor do que o Terry.*

A Charlie suspirou e aproximou-se de mim até ficarmos frente a frente. As pontas dos seus dedos roçaram pela minha face, recuando ao contacto.

– Estás gelada.

– Não sinto as mãos.

Ela pôs as mãos nos meus bolsos, tirou as minhas mãos e levou-as aos lábios, soprando ar quente sobre a pele gelada. Estávamos ambos encharcados, perto de apanhar uma constipação.

O médico em mim sabia que era uma péssima ideia e a consciência em mim (cada vez mais fraca) concordava, mas não conseguia transmitir isso aos meus pés. Eles simplesmente permaneceram imóveis.

Estaria eu a traí-los ou estariam eles a trair-me?

– Vamos para dentro. – Ela largou uma das minhas mãos, usando a outra para me puxar para a porta do seu apartamento.

Finalmente, porra, finalmente, os meus pés mexeram-se.

Na direção errada.

Um passo.

E outro.

Segui-a pelas escadas, o único som que se ouvia era o dos nossos sapatos molhados. Ela levou um dedo aos lábios. Parei no corredor entre a porta dela e a do vizinho. Aquele que ela tinha mencionado que queria namorar com a irmã.

– Provavelmente já estão no quarto do Jonah. – Charlie agitou as sobrancelhas, incapaz de esconder o sorriso no rosto enquanto enfiava a chave na fechadura. Eu abri-lhe a porta. Entrámos os dois, descalçando os pesados sapatos. Ela segurou a minha mão, puxando-me como um cão com trela. E eu segui-a. A minha proverbial cauda abanou com tanta força que me senti particularmente patético nesse momento.

Ela levou-me para a casa de banho. Caímos no chuveiro com as roupas ainda vestidas. Os meus dedos mexeram na torneira e gotas geladas atingiram-nos. Rodei-a, cobrindo o seu corpo com água gelada até começar finalmente a aquecer.

Não sei quem se mexeu primeiro.

Os nossos lábios colidiram e os dentes também.

Agarrei-lhe o cabelo, inclinando-lhe a cabeça para que se juntasse à minha. Ela apalpou o meu corpo. O meu peito. A minha roupa.

Deixei-a arrancar tudo de mim, agarrei-a e pressionei-a contra a parede de azulejos, abrandando os nossos beijos. Saboreando o gosto dela.

Desta vez, quando me afundei dentro da Charlie, foi terno.

Suave.

Lento.

E desta vez eu disse a palavra.

Na minha cabeça.

Onde os demónios se banquetavam com as minhas fraquezas e me diziam que eu não a merecia.

# Capítulo Setenta e Oito



**Tate**

— Um cêntimo pelos teus pensamentos. — Terry entrou na cozinha. Algo caiu no meu colo.

E não era um cêntimo.

Uma ficha de póquer. Quente da palma da mão de Terry.

Levantei-a, estudando a gravura.

*Sê verdadeiro para ti mesmo.*

O ouro falso rodeava a ficha verde. As palavras «unidade», «serviço» e «recuperação» arqueadas ao longo da extremidade. Um grande dois estampava o centro.

Dois meses.

Terry estava sóbrio há dois meses. Não sabia bem como reagir a isto. Se acreditava na moeda para além do seu valor de adereço.

— É o que os miúdos fixes dizem hoje, certo? — continuou ele. — Vi a Charlotte Richards a atirar moedas de um cêntimo pela casa.

Os meus dedos brincaram com as bordas lisas da ficha antes de a atirar de volta para ele. Fez ricochete no seu peito e aterrou na sua palma aberta. Acho que nunca tinha visto o Terry com coordenação motora suficiente para atar os sapatos, quanto mais apanhar uma moeda a meio da queda.

— Então? — O Terry sentou-se no banco ao meu lado e fez deslizar a ficha pela bancada. Ficou a centímetros da minha taça de cereais. — Dei-te um raio de um cêntimo. Agora diz-me um dos teus pensamentos.

Ignorei as suas palavras e a moeda, virando o meu banco até ficar de frente para ele. Ele tinha penteado o cabelo. Também o cortara.

Uma espessa camada de gel segurava os fios de cabelo atrás, apertados contra o couro cabeludo. Os pelos cinza que antes cobriam as faces e o queixo já lá não estavam.

Também vestia uma *t-shirt* lavada que não se parecia com algo que se encontraria num contentor de lixo à porta da loja de conveniência local. De facto, se o colocassem numa fila com outros homens mais velhos que ainda trabalhavam, ele encaixaria perfeitamente.

Que coisa tão estranha.

– Tens mesmo estado sóbrio. – Não me senti tão parvo como pensava que me iria sentir depois de o dizer.

– Infelizmente.

– Porquê?

– Termos e condições da minha estadia.

Eu acreditava tanto nisso como acreditava no Pai Natal.

– Diz-me a verdadeira razão.

Engoli metade do meu copo de água e mordi um cubo de gelo, esmagando-o entre os molares. Não sei do que estava à espera.

Que eu o odiasse mais? Menos? Uma oportunidade para saber que eu ouvira as palavras dele naquela noite, com a Charlie? Que eu sabia que ele tinha pensamentos suicidas e que se manteve vivo por minha causa?

Talvez eu quisesse dar-lhe a minha permissão para morrer.

A minha cabeça latejava. Pensei em retirar-me para o meu quarto antes de a situação piorar, mas decidi que a sobriedade merecia a minha atenção. Juramento de Hipócrates e tudo isso.

No mínimo, eu queria uma resposta.

Naturalmente, ele não me deu nenhuma. Os nós dos seus dedos bateram no laminado e depois encontraram apoio na borda descascada. Ele pegou no laminado. Eu não o impedi. De qualquer forma, este sítio precisava de uma limpeza geral.

– Eu vi o *Doce Veneno* antes. – Os seus dedos apertaram o laminado, arrancando-o. – Fiquei tentado.

– Quando?

– Deve ter sido há seis anos. – Ele fez uma pausa. – Estava bêbedo.

– Claro que estavas.

– Sim, claro que estava. – Ele abanou a cabeça, rindo. – Pai do ano, certo?

*Se isto é ser bom pai, não quero ver como é ser mau pai.*

Mordi a língua, lembrando-me das palavras da Charlie. *Cura sem raiva*, tinha ela dito. Não tenho a certeza de ser capaz. Mas se não lhe podia dar aquilo que ela realmente queria, podia pelo menos tentar dar-lhe isto.

– Já leste o *Doce Veneno*? – Terry rasgou mais um pedaço do laminado da bancada.

Eu queria ser esse pedaço. Livre de todo o peso morto. Ele atirou-o para a madeira. Voou para longe de nós, ziguezagueando nas tábuas de mogno como uma pena flutuante. Desviei os olhos.

– Não, e não tenciono fazê-lo.

– É um livro muito bom.



Pousei o copo e fiquei a ver os cubos de gelo a chocalhar contra o vidro.

– Assim como *As Imperfeições*, segundo ouvi dizer. Não te esqueças de felicitar o verdadeiro autor em meu nome.

Pensei em esfregar na cara do meu pai a longa lista de fracassos como o meu passatempo preferido. Mas desta vez, um sabor amargo espalhou-se pela minha língua. Na verdade, cobre. Tinha-o mordido.

Foda-se!

*O mínimo que posso fazer é estar vivo para ele odiar.*

As palavras de Terry assombraram-me. Um *poltergeist* que eu não conseguia exorcizar. Cerrei os lábios, sabendo que sairia disparate se desse livre curso à minha língua.

Ele coçou a têmpora, soltando uma gargalhada amarga.

– Acho que merecia isso. – Ele girou o banco para se virar para mim. – Devias ler o *Doce Veneno*. Podia fazer-te bem. No mínimo, acho que o Kel queria que lesses.

– Talvez – disse, para o calar. Ainda não tinha intenção de me sujeitar a essa tortura mental por cima da minha dose diária.

Ele olhou para a moeda à minha frente, abrindo e fechando a boca. Por fim, falou.

– Ultimamente, tenho visto as coisas com mais clareza. Principalmente o passado. – Passou a mão pelo queixo. – Há muito que o devia ter feito.

– Vês alguma coisa boa?

– Sim.

Acalmei-me.

Retive a respiração.

Esperei que ele continuasse.

– Algumas coisas eram boas. Mas a maior parte... – Ele abanou a cabeça. – É demasiado tarde. A merda que não podemos mudar, muda-nos. Eu lutei ao máximo contra isso, mas esta é a jaula em que mereço estar. Uma prisão feita por mim mesmo.

Eu vi o que era.

A verdadeira razão para ele estar sóbrio.

Ele considerava isso um castigo pelos seus pecados. Ouvir isso não me fez sentir mais feliz como pensei que faria.

Foda-se!

Finalmente, percebi aquilo de que estava à espera. Não era de o odiar mais. Ou dar-lhe a minha permissão para morrer. Era muito, muito pior. Eu queria que ele vivesse. Para esquecer os meus sentimentos e existir sem sofrimento. Para me aliviar o fardo de arrastar outra vida comigo.

O Terry levantou-se, colocou o casaco na dobra do cotovelo e empurrou a cadeira para dentro. Um comportamento tão civilizado. Tão diferente dele. Era difícil conciliar o homem à minha frente com aquele que apareceu à porta de minha casa, bêbedo e drogado com um Kellan mal-humorado a reboque.

– Espera. – Agarrei a moeda, virei-a na mão para que a face do dois

ficasse para cima, e dei-a ao Terry.

Ele abanou a cabeça.

– É tua. Eu fico com a próxima.

*A próxima.*

Ele planeava ficar sóbrio. E, pela primeira vez, acreditei nele.

– Não vivas para me dar algo para odiar – disse-lhe assim que a sua mão chegou à maçaneta da porta da frente, ainda de costas para mim. – Vive para ti.

Um de nós precisava de o fazer.

# Capítulo Setenta e Nove



**Charlotte**

Fiquei no elevador vazio, a olhar fixamente para os livros que tinha nos braços. A Reagan tinha-me oferecido três exemplares do *Doce Veneno*, imprimindo-os ela própria com a permissão de Helen. Um para mim. Um para o Terry. Um para o Tate.

Quando as portas de metal se abriram, entrei pela porta giratória e dei mais uma volta, perguntando-me onde estaria o Terry. Sabia de dois sítios possíveis. Saída à esquerda para o Old Town Bar. (Só mesmo o Terry para se rodear de bebida enquanto tenta ficar sóbrio. Ele chama-lhe observar as pessoas; eu chamo-lhe tentação desnecessária.) Saída à direita para a Catedral de S. Francisco de Sales perto da Loeb Boathouse.

Na semana passada, cruzei-me com ele no meu caminho para a Biblioteca da Sociedade na porta ao lado. O Terry frequentava as reuniões dos AA na cave da igreja, que tinha um formato de polegar. Segundo ele, independentemente do sítio onde se sentasse, o polegar apontava sempre para baixo.

Mais uma volta e tomei uma decisão. Escondi os livros dentro do casaco e entrei, virando para a direita. Polegar para baixo.

Apostei mal. A cave de S. Francisco estava vazia quando entrei à exceção de um padre solitário. Ele bateu na cadeira dobrável, que se encaixou e formou um retângulo fino. Colocou-a debaixo do braço e olhou para mim.

– Em que posso ajudá-la?

– Vai haver alguma reunião dos AA aqui?

– Acabou há uma hora. A próxima começa amanhã de manhã às sete.

Vai haver *donuts*.

Saí da cave. (Definitivamente em forma de polegar, já agora. E a apontar

para baixo. Não sei como alguém se pode curar num ambiente tão deprimente.) Subindo os últimos degraus, ajeitei os livros debaixo do meu casaco e abracei-os através do tecido grosso. Uma freira passou por mim, olhou de lado para a minha trouxa como se eu estivesse a esconder contrabando dentro dela. Dirigi-me à entrada da catedral, esquivei-me de um letreiro que dizia vinho sacramental sem açúcar disponível mediante pedido e irrompi na calçada movimentada. Já que estava aqui mais valia passar pela Biblioteca da Sociedade.

Cumprimentei a Doris e a Faye a caminho das estantes, parando num canto tranquilo com alguns dos meus livros favoritos. Encontrei o Terry sentado numa mesa, debruçado sobre o livro *Don't Call Us Dead* de Danez Smith. Segurava-o entre as palmas das mãos como se fosse um livro de cânticos. Aclarei a garganta.

O Terry alisou o canto de uma página que um idiota tinha amarrotado, e sem olhar para cima:

– Como é que me encontraste aqui?

– Não há muitos sítios onde se possa vaguear à vontade. Trocou um vício por outro. Pelo menos este não é destrutivo.

– Destrutivo de uma forma diferente – corrigiu e fechou o livro. – Agora que já estabelecemos que estou falido, desempregado e viciado, o que é que queres?

– Venho trazer presentes. Um presente, na verdade. Singular. – Coloquei o livro cartonado sobre a mesa de madeira.

Terry bocejou, olhando para o livro. O seu maxilar cerrou-se. Mordeu a língua, mas eu sabia que não era essa a razão das lágrimas que se formavam nos seus olhos. Acariciou a capa com um único dedo, depois começou a arrancar a película aderente de uma só vez, atirando-a para trás das costas. Agora estava a chorar. A chorar em plenos pulmões. O som ecoava pela sala, enchendo os corredores entre as prateleiras, fazendo ricochete nos livros que eu conhecia e amava. Eu não o impedi. Não disse nada. Em vez disso, coloquei uma mão sobre o seu ombro trémulo enquanto ele agarrava no livro do filho – a alma do filho – ao peito.

As lágrimas são a linguagem da dor. E a dor é a linguagem do amor.

# Capítulo Oitenta



**Charlotte**

**G**raças a duas horas a tomar conta da Row, cheguei tarde a casa do Tate. O sol já tinha desaparecido há muito tempo. Em breve ele chegaria a casa, por isso fui a correr para o seu quarto, com um tubo pendurado ao ombro. Continha três cartazes gigantes com a mesma passagem de *Doce Veneno*.

Ampliados.

Impossíveis de ignorar.

Tinha de os pendurar num sítio onde o Tate não conseguisse desviar o olhar. Ele conseguia passar por uma parede sem olhar. Mas o teto? Fiquei a olhar para o local por cima da cama. A menos que quisesse sufocar, ele dormia de lado ou de costas.

Depois de colocar um exemplar do *Doce Veneno* na mesa de cabeceira, enquadrei a cama com pósteres. Um na parede da esquerda. Um na parede da direita. Um no teto. Subi para o edredão e com a ponta dos pés, usando um caixote de lixo por cima da cabeça, alisei o cartaz.

– Gostaria de participar um arrombamento.

Fiquei imóvel.

O caixote do lixo caiu para cima dos lençóis.

O Tate estava à porta, encostado à ombreira, com o telemóvel na orelha esquerda. Os seus olhos atingiram-me como duas setas afiadas. Pareciam divertidos.

Sorri. Alinhei na brincadeira e ajoelhei-me no seu edredão, de pulsos estendidos.

– Pergunta aos polícias se têm algemas de peluche. Sempre as quis experimentar.

Ele avançou, agarrou-me as mãos e baixou-me para o colchão,

segurando-as acima da minha cabeça. Pus as minhas pernas nas suas costas, envolvendo-as. Ele não se incomodou em tirar-me o vestido antes de me penetrar, os lábios encontrando os meus, a mão mergulhando no meu clitóris. As suas investidas eram fortes. Profundas. Rápidas.

Eu vim-me primeiro. Quando terminou, ele caiu ao meu lado, a olhar para o teto.

– A decorar a minha casa agora? – Ele inclinou a cabeça, e a voz tinha um toque de humor. – Interessante escolha de decoração.

– Demoraste algum tempo a reparar.

– Tu distraíste-me. Virou-se de lado, passou os dedos pela minha perna e traçou círculos preguiçosos no interior da minha coxa, olhando para além de mim. – Rodeaste a minha cama com eles como se fosse um círculo de oração.

– Tenho o hábito de ser minuciosa.

– São iguais?

– Sim. – Fiz uma pausa. – É uma passagem do *Doce Veneno*.

Os seus dedos pararam.

– Charlie.

Eu não conseguia avaliar o seu tom. Sabia que não era gutural, de aviso ou perturbado. Mas isso não me levou muito longe.

– Estás zangado?

– Eu nunca estou zangado contigo, Charlie. – A frase saiu-lhe num sussurro.

– Parece que isso é uma coisa má.

Ele não respondeu. Apenas beijou o meu nariz, dirigiu-se à casa de banho privativa e abriu a água. Segui-o e aceitei o toalhete húmido que ele me deu. Limpámo-nos e alisámos as nossas roupas. Os seus braços dirigiram-se ao toucador, prendendo-me contra ele. A gravata pendia-lhe no pescoço como um laço.

Observei os tufos de cabelo que se erguiam em diferentes direções.

– Dia longo?

– Agora já está melhor.

– Queres falar sobre isso?

– A fertilização *in vitro* falhou numa paciente. Outra vez. Ela faz quarenta e nove anos na próxima semana. O seu endocrinologista aconselhou-a a desistir. Ela veio ter comigo para uma segunda opinião.

– Não és especialista em fertilidade.

– Não, mas sou o ginecologista dela e um obstetra especializado em gravidez de alto risco, por isso ela confia em mim. – Ele entrelaçou os dedos no meu cabelo e os seus lábios beijaram-me o ombro. – Eu não lhe disse o que ela queria ouvir. Ela ficou destroçada à minha frente, Charlie. Disse que nunca se vai perdoar por não ter tentado mais cedo.

– A oportunidade dura um momento. O arrependimento dura a vida inteira. Era o que a minha mãe costumava dizer.

– Não falas dela muitas vezes.

– Não, mas penso nos meus pais todas as noites. – As minhas mãos estavam inquietas. Livrei o Tate da sua gravata às pintas e atirei-a para o chão.

– Perdi tudo no incêndio, por isso não tenho nada de físico para os recordar. Tudo o que tenho é um gancho e o que está aqui dentro. – Bati na minha têmpora. – Tenho medo de um dia me esquecer de como eles eram. Por isso, dedico algum tempo a recordar as minhas memórias favoritas deles antes de dormir.

Os seus lábios passaram pelo sítio onde eu tinha tocado.

– Podes partilhar as memórias comigo. Considera-me a tua nuvem pessoal.

Isso implicava um futuro juntos. Foi o primeiro sinal de compromisso que ele me deu. Uma esperança cruel atingiu-me. Tínhamos chegado a um nível viciante de domesticidade. Eu planeava espremer o máximo que pudesse dele. Jantar. Encontro. Promessas. Qualquer coisa a que me pudesse agarrar.

– Ah, sim? Como está a tua memória?

– Qual era mesmo a pergunta?

O riso subiu-me à garganta.

– Tu é que precisas de *ginkgo*.

Segui-o até ao quarto.

– Deixei um exemplar do *Doce Veneno* na tua mesa de cabeceira.

Os seus olhos demoraram-se nele.

– Obrigado.

– Não me parecees agradecido.

– Eu não leio. É para isso que estás aqui. Lembras-te?

– Não vais apanhar o bichinho da escrita se leres um livro. De qualquer forma, duvido muito que estejas disposto a mudar de carreira a meio da vida.

– Meio da vida? Ainda estou nos trintas.

Eu torci o nariz.

– Positivamente geriátrico.

– Vou lembrar-me disso quando chegares aos trinta.

As palavras saíram de forma casual, mas, caramba, implicava que seríamos algo um para o outro daqui a oito anos. Ele ouviu o meu estômago a roncar.

– Já comeste?

– Não. Queres ir comer alguma coisa? Conheço um sítio que faz um bom *tsukemen*.

– Já é tarde.

– Há restaurantes ainda abertos. É sexta-feira e estamos em Nova Iorque.

– Vamos encomendar. – Ele conduziu-nos até à cozinha. Para os menus que eu provavelmente decoraria antes de ele admitir as suas intenções.

Suspirei e deixei os ombros descaírem. Seria melhor se ele fosse mau. Se me dissesse imediatamente que eu não ia conseguir nada dele. Como estava, o Tate dava-me tudo o que eu queria... exceto a coisa que mais desejava. Amor.

Tirei-lhe o menu da piza, apercebendo-me pela primeira vez que nunca íamos a lado nenhum em público.

– Evitas sair comigo.

– Não é verdade.

Eu tinha falado sem muita convicção, mas ele parecia defensivo. Demasiado defensivo. Uau. Estaria ele realmente a evitar sair comigo?

Concentrei-me nele, analisando a sua postura rígida.

– Oh! Onde é que estivemos?

– No parque infantil.

– Depois da meia-noite.

– Na biblioteca.

– No canto, onde ninguém nos podia ver.

– No bar.

– Estavas bêbedo.

– Nem me lembres.

– Estou a sentir um padrão aqui. Prova-me que estou errada. Leva-me a algum lado, Tate. Agora mesmo. Qualquer sítio que não esteja envolto em escuridão.

– Estás a exigir demasiado – avisou ele.

Estaria? O menu caiu. Escorregou da minha mão e caiu no chão. Senti-me estúpida. Como um cordeiro a correr para o matadouro. Eu dei ao Tate tudo o que podia, indo ainda mais longe. Quanto mais repetia as suas palavras, mais irritada ficava.

Tate Marchetti nunca admitiria que me amava. Apesar de tudo o que tínhamos passado, ele nunca se demoveria. Nunca me prometeu um futuro. Nunca me daria o amor incondicional que os meus pais partilhavam. Tantos nuncas...

Deixei-o pisar-me e ele deixou um conjunto de pegadas bem profundo. Bem, podia ir para o inferno. Eu estava farta. Tentar salvar-nos seria como reorganizar cadeiras no convés enquanto o *Titanic* se afundava. Eu merecia mais do que isto.

– É um jantar, não é um pedido de casamento – cuspi e esbarrei no seu ombro enquanto passava por ele.

Ambos ficámos rígidos ao toque. Fiz uma careta quando ouvi a sua respiração e virei-me para o encarar. Lentamente, muito lentamente, Tate virou-se para mim. Consegui parecer composto. Frio e imperturbável. Ocorreu-me que ele podia achar que eu estava a exagerar.

*Parvalhão.*

Ele deu um passo em frente.

Eu dei um passo atrás.

Ele parou.

– Se queres um pedido de casamento, tudo bem. Mas não é algo que vá acontecer entre nós e quanto mais depressa entenderes isso, mas depressa perceberás de que sou apenas uma mancha na tua autobiografia, Charlie. Não



sou um capítulo. E certamente não sou o herói. Não posso levar-te a sair. Não posso ser visto contigo. Não posso amar-te da maneira que mereces ser amada. – Ele abanou a cabeça, esfregando a nuca. – Tu cresceste com dois pais que te amavam e uma irmã que daria a vida por ti. Eu não tive isso. Nunca fui bom a dar e a receber amor.

– Isso é uma desculpa. – Levantei as mãos. – Tu nem sequer tentaste.

– A minha mãe e eu mal nos falamos, o Terry é tão fiável como leite estragado e o Kel odiou-me desde o início. Os homens Marchetti não são feitos para relações saudáveis. Assim que perdemos o controlo, entramos numa espiral descendente. Isto é o mais perto que vou conseguir, Charlotte.

*Charlotte.*

Estávamos ambos ofegantes, de pé, em extremos opostos da cozinha. Meia dúzia de tábuas de mogno gastas e um oceano de história separavam-nos. Nenhum de nós se atrevia a atravessar as marés e as ondas.

– Ótimo. – Cruzei os braços. – Só para que fique claro, estou a dizer isto pelo Kellan. Não te posso impedir de ignorar o livro do teu irmão ou a sua mensagem de voz, mas posso culpar-te por isso. – Olhei para o Tate com quase nove anos de raiva acumulada. – É um privilégio receber presentes de despedida de alguém que se ama. Para haver algo para nos agarrarmos sempre que sentimos a falta dele. Lê o *Doce Veneno*, Tate. Lê-o mesmo que pareça que a tua alma se está a partir em duas. Afinal, faz parte da tua história.

À porta, olhei para o Tate uma última vez. As suas mãos estavam fechadas ao lado do corpo. Um joelho deu um solavanco para a frente antes de se endireitar novamente. Como se ele quisesse vir ter comigo, mas não conseguia.

Fazia-me lembrar um cisne. Tão gracioso acima da água, mas debaixo da superfície ele remava muito para se conseguir manter à tona.

*Ele só me vai amar no escuro. Nunca me vai amar à luz do dia.*

– Não vás, Charlie.

Era, talvez, o mais vulnerável que já o tinha visto. Mas foi egoísta, cruel e insuficiente. Eu merecia receber o amor que lhe dei. Abanei a cabeça. Isto era um adeus.

– Perder o Kellan ensinou-te o seu valor. Peço desculpa antecipadamente pelo que perder-me te vai ensinar.

# Capítulo Oitenta e Um



**Tate**

*A Charlie saiu.*

*A Charlie partiu.*

*Perdi a Charlie.*

Bati na minha boca, na minha garganta, no meu peito, fazendo um inventário do meu corpo.

*Diagnóstico inicial: dói, mas hei de ultrapassar a dor.*

# Capítulo Oitenta e Dois



**Tate**

*D*iagnóstico de seguimento: ainda dói como a merda. A Operação Esquecer Charlie começou há duas semanas e falhou todos os dias desde então. Isto era o mais estranho. Eu sabia que ia ficar bem. Que a sensação inquietante de ter um membro fantasma se evaporaria com o tempo. Era mau, mas era assim.

E mesmo assim. Mesmo assim. O número dela tentava-me sempre que o passava no meu telemóvel. Um ato de tortura que só podia ser considerado intencional, visto que só havia outro contacto no aparelho, e ligar para o Walter Bernard às três da manhã era tão apelativo como entrar no *The Bachelor*.

O meu alarme tocou, lembrando-me de que tinha um trabalho, bebês para fazer nascer e uma mulher que eu já não veria. Não que eu tivesse dormido. Olhei para os números digitais vermelhos no relógio. Quando é que foi a última vez que dormi mais de quatro horas? A Charlotte Richards tinha saído da minha vida, mas ainda conseguia estar aqui. No meu espaço. Acordei rodeado pelo aroma a limão. Da Charlie. (Ela tinha mudado o detergente de sem cheiro para um cítrico há alguns meses, e cheirava a ela. Podia tê-lo mudado, mas não o fiz.)

Um vinco marcava-me a testa por estar deitado de barriga para baixo. Uma ocorrência comum, desde que mudei os meus hábitos para acomodar a monstruosidade no meu teto. Não que eu não conseguisse ler um simples parágrafo. Só sabia que não me devia atormentar quando estava deitado. Também não consegui tirar o póster.

Terry entrou no quarto sem bater, colocando uma caixa engordurada na minha mesa de cabeceira. O que quer que estivesse escondido dentro do

guardanapo castanho tinha vazado através do papel. Acenou para o saco com a cabeça.

– Do Mike’s.

Fiquei a olhar para o saco não identificável. Estava cheio de manchas escuras. O óleo alastrou para a madeira.

– Eu passo. Prefiro as minhas artérias desobstruídas.

Embora a ideia de morte por comida tivesse mérito. Numa escala de mortes tristes, estava muito abaixo de ser pisado por um elefante, cair num esgoto e afogar-se literalmente em merda entre outras opções igualmente desagradáveis.

Ele tirou o hambúrguer com queijo do saco e pô-lo no meu edredão, a sangrar gordura no algodão egípcio.

– Come.

Comi a sandes, mas só porque me poupou o tempo que levaria a descer as escadas e a consumir metade de uma caixa de cereais fora de prazo. (Alerta *spoiler*: também já não ia às compras há algum tempo.) Além disso, comer isto tirava o Terry do caminho.

Ele inclinou a cabeça para o teto e agarrou-se ao estômago, soltando uma gargalhada estridente.

– A Charlotte Richards fez isso?

– Ela mesma.

Quando terminei, o Terry recolheu o lixo (nota para mim próprio: verificar mais tarde se existem porcos voadores no céu) e dirigiu-se para a porta. Parou mesmo em frente a ela, apontando para o cartaz.

– Sabes, quase que nos livrámos desta passagem. A editora disse que impedia o fluxo da narrativa. A Charlotte lutou para a manter.

E com isso, deixou-me. Sacudi o cobertor manchado de óleo para o chão e caí de costas a olhar para o póster gigante. Consegui ler a primeira linha antes de apagar o candeeiro, apagando o mundo.

As palavras que tinha lido ecoavam na minha mente. Uma e outra vez. Um disco riscado preso numa nota aguda. Cobri o rosto com a almofada, pressionando-a contra os meus ouvidos. E mesmo assim, ouvia as palavras de Kel. Não na voz dele, por mais estranho que pareça. Mas na dela.

*Está na altura de falar sobre o meu irmão.*

Não, não estava.

# Capítulo Oitenta e Três



**Tate**

**H**oje dei à luz um nado-morto. A sua mãe chorava, agarrada a ele como se a sua dor lhe pudesse dar vida. O suor escorria-lhe pelas têmporas. As lágrimas banhavam-lhe a face.

O marido estava ao lado dela, olhando para o bebé sem vida, consolando a mulher apesar da sua própria dor. Algo que eu via com frequência no meu trabalho, mas que nunca fui capaz de reproduzir.

Esta era a pior parte do meu trabalho.

A parte que normalmente fazia com que as memórias da perda de Kel me trespassassem.

Mas desta vez senti a ausência da Charlie. Ela saberia o que dizer neste momento. Como usar as suas perdas para ajudar as pessoas à sua volta. Mesmo um estranho.

Acenei a uma enfermeira, que fez sinal à equipa para sair da sala para que os pais pudessem fazer o luto em privado. Ficámos do lado de fora, alinhados contra a parede, de cabeça baixa.

Uma sinfonia de lamentos passou pela porta fechada e chegou ao corredor.

Quando cheguei a casa, parecia que o colarinho da camisa me estava a sufocar. Arranquei os botões, desejando que desaparecessem mais depressa do que eu os conseguia desapertar.

O interruptor da luz estava longe e eu estava demasiado exausto para atravessar o quarto e desligá-lo. Estava tão farto de lutar para conseguir respirar que me deitei de costas. As palavras do Kellan olhavam-me lá de cima, mas as palavras da Charlie eram as que me assombravam.

*É um privilégio receber presentes de despedida de alguém que amamos*

*depois de uma morte súbita. Para termos algo a que nos agarrar de cada vez que sentimos saudades.*

O incêndio deixou-a sem nada dos seus pais.

Quanto aos pais do bebé morto desta noite, nunca conheceriam o som dos seus choros, nunca o veriam dar os primeiros passos, nunca sentiriam a ansiedade de o mandar para a escola no primeiro dia.

A Charlie tinha razão.

As palavras de Kellan eram um privilégio.

Olhei para o póster por cima de mim.

E, desta vez, li.

# Capítulo Oitenta e Quatro



*Chegou a altura de falar do meu irmão.*

*Eu odeio o meu irmão da mesma forma que se odeia o leite quando crescemos. Sabemos que é bom para a saúde, mas somos incapazes de aguentar o sabor.*

*Por outras palavras, odeio o meu irmão pelas razões erradas. Aquele Idiota deu-me esperança. De uma forma estranha e lixada, eu prosperei sob a sua forma controladora de lidar comigo.*

*Não sou psicólogo, mas se tivesse de me autodiagnosticar, diria que tenho muitos problemas da mamã que o Grande (e Prepotente) Querido Irmão conseguiu transformar em algo comestível e servir na loiça florida que a sua noiva, aspirante a Martha Stewart, comprou na porra do Williams Sonoma. Com uma dose de esperança e de calor.*

*Ele ainda era Aquele Idiota para mim.*

*Seria sempre.*

*Mas da mesma forma que chamáramos ao nosso melhor amigo idiota por fazer coisas idiotas.*

*Esta vai ser a única vez que vou admitir que amo o meu irmão. Por isso, saboreiem, pessoal. É tudo o que vão ter.*

*Agora que já disse o que tinha a dizer sobre isso, eis a razão por que odeio Aquele Idiota...*

# Capítulo Oitenta e Cinco



**Tate**

A passagem terminava ali.

Com uma elipse.

Três pontinhos que mais pareciam uma provocação.

Virei-me de lado, ficando cara a cara com o *Doce Veneno*. Na minha mesa de cabeceira. Exatamente onde a Charlie o tinha deixado.

As páginas provocavam-me, protegidas pela capa cartonada. Eu queria abri-lo, devorá-lo, descobrir tudo o que o Kellan tinha escrito sobre mim.

As coisas boas. As más. As feias.

Queria tudo.

Estendi a mão. Agarrei-o. Libertei as páginas da capa e li. A dedicatória foi o primeiro murro no estômago.

*Para os homens Marchetti, sem os quais eu não estaria suficientemente fodido para escrever este livro. Que um dia possamos recompor-nos.*

Um clássico do Kel.

Era como se ele estivesse aqui. A falar comigo. A lançar acusações com o seu meio sorriso e olhos que combinavam com os meus. E não escondido dentro de páginas a preto e branco.

Abri no capítulo um, respirei fundo e guardei a primeira linha na memória.

*Como é conveniente ter o vilão e a vítima à minha frente num laço tão bonito e perfeito.*

Passou uma hora.

Depois outra.

Perdi a noção do tempo, devorando cada palavra, incapaz de as saborear na minha ganância de alcançar a próxima. Até que cheguei àquele ponto.

Onde a merda se tornou real.



*Aquele Idiota diria que me está a fazer um favor. Prevenindo-me de uma espiral descendente que me vai transformar no nosso pai de bosta. (Palavras dele, não minhas.) Que grande mentira. Certifiquei-me de que ele também sabia sob a forma de uma chave na pintura nova do seu Lexus.*

*No dia seguinte, a Martha Stewart Jr. chamou-me à parte quando ia a sair. Fiz-lhe a vontade, principalmente porque preferia receber um sermão dela do que uma tarefa de um sacana com esteroides cujo objetivo na vida era atingir o auge no liceu.*

*Ela cruzou os braços, um hábito dela, e lançou-se na sua dissertação. Há dois tipos de amor – o fácil e o difícil. O amor fácil é como respirar. Qualquer um pode fazê-lo. Mas e o amor difícil? Dói muito mais dá-lo do que recebê-lo.*

*«“Qualquer um” pode deixar de respirar ou não terias emprego como enfermeira», salientei, depois tirei um bloco de notas e uma caneta da mala. «Preciso de um bilhete para o meu professor porque agora estou atrasado para a aula, graças a ti. Podes passá-lo em nome do Sr. Wilson.»*

*As lágrimas escorriam-me pelos lábios. Limpei-as com a língua.*

*Mal vi o Terry quando ele entrou no quarto. Pôs um copo de água na mesa de cabeceira e saiu, fechando a porta atrás de si.*

*Agarrei o livro com mais força, lendo mais depressa.*

*Na realidade, o Wilson ensinava História da Arte no sexto período. Usei o bilhete para faltar a cinco das minhas seis aulas desse dia e, de alguma forma, acabei em frente da clínica de Aquele Idiota. Entrei na clínica e vi o meu irmão a cortar uma mulher através de uma janela de observação ligada à sala de operações. Ele tirou um bebé de dentro dela. Ele chorou. Deu pontapés. Gritou. Tinha de admitir que Aquele Idiota tinha os seus momentos. Se ele me tivesse perguntado se eu queria ir viver com ele em vez de me forçar, talvez não estivéssemos nesta confusão.*

*O meu irmão é assim. Ele é um cuidador nato. Manda-me para as melhores escolas, obriga-me a comer refeições cheias de nutrientes que sabem a papelão e vive com a Martha Stewart Jr. só por minha causa. Mas ele nunca recebeu tanto amor como aquele que deu. Incondicionalmente. Sem esperar nada em troca. Um dia isso vai acontecer e ele não vai saber como reagir. Sem sequer tentar, Aquele Idiota vai arruinar a mulher que ama.*

*Folheei as páginas e forcei-me a terminar. Mesmo que doesse como um raio. E, quando terminei, nada restava de mim senão ossos, carne e sangue.*

*Estiquei-me sobre as tábuas de madeira, exausto.*

*A Charlie beijou o Kellan.*

*Correção: A Charlie beijou o Kellan e ele escreveu um livro inteiro sobre isso. Deu-lhe o nome do sabor dela. Imortalizou-a dentro do mesmo caixão em que trancou a sua alma.*

*E, acima de tudo, deu-lhes um final feliz.*

# Capítulo Oitenta e Seis



**Tate**

A minha desculpa para aparecer no apartamento da Charlie consistia em devolver o *Doce Veneno* e pouco mais.

Eu sabia que tratá-la como uma biblioteca pública sugeria que eu tinha o QI de um lápis – ela tinha exemplares do livro, óbvio. Mesmo assim, eu vim em piloto automático. A cair por um precipício, tal era a desgraça em que me encontrava.

A Leah estava no corredor com as chaves penduradas na ponta dos dedos. Ela contemplou-me, uma visão sem dúvida muito diferente da anterior versão de mim que ela conhecera.

Eu não tinha mudado de roupa e ainda trazia a camisa com os botões arrancados. Manchas de ter engolido o jantar salpicavam-me as calças.

Provavelmente também cheirava mal.

Ela meteu a chave na fechadura e virou-se para mim.

– A Lottie está no parque infantil.

*Que isso seja uma metáfora, idiota. Já que agora estás, aparentemente, a ter sentimentos por uma criança.*

– Então, agora ela é Lottie.

– Sim. Obrigada por me teres posto algum juízo na cabeça. – Ela cruzou os braços. – Mas isso não desculpa o inferno que a fizeste passar.

– Ela disse-te isso?

– Não. Tu acabaste de o fazer. Ela, por outro lado, disse-me para não me preocupar. Não me queria sobrecarregar. A Lottie é assim. Sempre a pensar nos outros antes de pensar em si própria.

O pé dela batia num ritmo caótico dentro do sapato confortável. Usava uma túnica com colarinho. Uma espécie de uniforme de trabalho, deduzi. Para um trabalho que a Charlie uma vez mencionou que ela nunca quisera.

Cada sacrifício que uma pessoa faz, abre caminho para o próximo. Até que eles começam a vir com tanta facilidade que já não se consideram sacrifícios. Eu sabia porque tinha acontecido o mesmo comigo e com o Kel.

Leah suspirou.

– Já que, da última vez que falámos, me deste conselhos que não solicitei, agora é a minha vez. Se não consegues organizar as tuas asneiras e tratar bem a Lottie, não a enganes. Ela já passou por dor e sofrimento suficientes para uma vida inteira e, raios me partam, se ainda lhos vais aumentar.

Ela rodou a maçaneta da porta, entrando no seu apartamento antes que eu pudesse responder. Eu fugi dali.

No caminho para o Parque Galileu, aceitei dois factos indiscutíveis:

1) O Kellan reivindicou a Charlie no *Doce Veneno*.

e

2) Eu estava a roubar a miúda dele e era a escória da Terra por isso, mas jurei nunca passar para o próximo nível. Se ele não a podia ter até ao fim, eu também não.

Talvez caísse um meteoro.

Que acabasse comigo.

Que acabasse com o meu sofrimento.

Porque a Leah tinha razão. Eu não estava bem e não podia enganar a Charlie, obrigando-a a esperar que eu me recompusesse.

Assim que vi a Charlie, percebi que não devia ter vindo. Dar esperança sem intenção de a concretizar devia ser considerado uma ofensa criminal. Pelo menos, assim eu seria preso e teria muito menos probabilidades de aparecer aqui por capricho.

Os olhos verdes e intensos da Charlie seguiram-me a partir do seu lugar em Marte.

*O deus da guerra*, notei.

Ela lançou-me um olhar estranho. Talvez um pouco esperançoso. Talvez um pouco confuso.

– Estás aqui para pedir desculpa?

Se ela queria um pedido de desculpa, teria de ser mais específica. Nesse departamento, eu acumulara uma lista maior do que a do Pai Natal.

– Poupa-me – continuou ela, virando-se para trás para ver um esquilo do parque a descer o escorrega. – Eu não quero ouvir.

Lembrei-me da minha desculpa, e levantei o livro no ar.

– Vim devolver-te isto.

Os ombros dela descaíram, mas ela manteve a cabeça erguida.

– É teu. Podes guardá-lo.

Ela parecia resignada.

– Eu li-o.

– Impressionante.

– Charlie.

– Charlotte.

– *Charlie*.

– Ótimo. – Ela apontou na direção do parque infantil, ainda sem olhar para mim. – Põe o livro no escorrega. Eu levo-o mais tarde.

A Charlie não queria arriscar-se a tocar-me. Mensagem recebida.

– Para o esquilo usar como plataforma de aterragem?

Ela ignorou-me.

– É só isso? Ou tens mais alguma coisa para me entregar? Ou dizer?

*Vai-te embora, Tate*, exigia-me o único pingo de racionalidade dentro de mim. Foi só isso que vieste cá fazer. Por falar nisso, um mensageiro teria feito o mesmo.

Os meus pés não se mexeram.

Raios.

– Foi o primeiro livro que li desde a faculdade.

Ela fez uma pausa. Percebi que não queria falar comigo. Também percebi que a curiosidade ia matar esta gatinha.

– O que achaste?

Saíram-lhe finalmente as palavras.

– Lindo. Horrível. Difícil de terminar. – Sentei-me em Saturno porque era o planeta mais próximo dela. – Cheguei ao fundo do poço.

– O fundo é rocha e é um dos melhores alicerces onde se construir. Mas não o será para mim. – Ela tinha voltado a puxar a perna. Perguntei-me quando teria voltado a esse hábito. Engraçado como só agora me apercebi de que ela tinha parado.

Saí de Saturno para a confortar, mas ela recuou. Apercebi-me de que a Charlie já não era minha.

Não era minha para confortar.

Não era minha para amar.

– Não posso amar-te, Charlotte. – As palavras saíram de mim.

Ela suspirou, abanando a cabeça.

– Tentaste dizer-me isso de tantas maneiras. Finalmente acredito em ti.

Por um momento senti-me como se tivesse saído do meu corpo.

Ou talvez tivesse morrido um pouco por dentro.

– É a verdade – insisti. – Não posso.

Silêncio da parte dela.

– Eu li o *Doce Veneno*. Ele amava-te. Não posso ignorar isso.

As palavras fizeram o truque.

A Charlie perdeu a paciência.

– Que conveniente para ti teres lido isso logo após a nossa separação. A desculpa perfeita. Na verdade, não é uma separação. Nós nunca fomos nada oficialmente. Nem sequer ias jantar comigo! – Desta vez, ela veio ter comigo. Com uma vingança. Parou mesmo antes de me tocar, a sua respiração em solavancos. – E sabes que mais, Tate? És um verdadeiro sacana por usares o teu falecido irmão como desculpa para não me amar.

Ela virou-se para ir embora, mas algo a deteve. A sua mão gesticulou para cima e para baixo na minha direção.

– Estás a ver-te a ti próprio? Quando foi a última vez que dormiste?

Não ajudava o facto de parecer ter passado uma década no autocarro de digressão dos Mötley Crüe. A sua voz passou de quente a explosiva.

– Estás a entrar numa espiral descendente e és demasiado teimoso para admitires que precisas de mim.

Se a língua dela fosse uma bala, ela já me teria matado. Já era suficientemente mau eu não ter vindo aqui para pôr um ponto final, como ainda tinha de ser obrigado a fazê-lo.

Ela estava a ser má. De propósito. Não lhe assentava, mas eu não estava em posição de lho dizer. Pior, eu não queria que ela parasse. Aquilo que mais gostava na Charlie era a sua capacidade de ver para além das minhas tretas. Quão apropriado era que ela, até ao fim, se mantivesse fiel a si própria?

Ofereceu-me um sorriso triste, abanando a cabeça.

– Isto não é sobre a minha história com o Kellan.

– É.

– Não, não é. É sobre o teu medo. A tua incapacidade de perder o controlo. Sempre foste a pessoa de quem os outros dependem e agora chegou a tua vez de dependeres de mim. Isso assusta-te. Não queres dizer que me amas porque achas que isso me dá poder sobre ti. Mas também te agarraste a mim durante muito tempo, porque por muito que tentes negar, tu amas-me. Então, usas o Kellan como desculpa para ficares neste limbo comigo em vez de dizer as palavras que ambos sabemos serem verdadeiras. – Ela fez uma pausa, olhando para dentro da minha maldita alma. – Diz-me que estou errada.

Eu não podia. Ocorreu-me que a Charlie fazia isto muitas vezes. Metia-se nos meus assuntos. Consumia-me. Obrigava-me a confrontar coisas que eu não faria de outra forma.

– Estás paralisado, Tate. Preso em câmara lenta e sem vontade de dar um passo em frente. Já ouviste a mensagem de voz que o Kellan te deixou naquela noite?

*Não. E não o tenciono fazer.*

– Foi o que pensei.

Ela tirou algo de bolso e ofereceu-me. Como eu não aceitei, ela tocou-me pela primeira vez em semanas, abrindo-me a mão e colocando o objeto dentro dela e envolvendo os dedos em redor.

A chave da segunda gaveta de Kel. Agora já não restava mesmo nada de nós.

Cambaleei para trás e passei o portão que circundava o parque infantil, sentindo-me como se tivesse deixado um pedaço de mim no parque.

Estava na altura de voltar à minha antiga vida.

À distância.

*Afinal, a vida é uma tragédia vista de perto.*

# **Parte Três:** **O ANTÍDOTO**



# Capítulo Oitenta e Sete



**Tate**

A dose inesperada de Charlotte Richards de hoje veio de Reagan.

Eu não precisava de ser lembrado de que já não via nem falava com a Charlie há meses, mas a Reagan deu-me esse presente de graça.

– O Kellan recebeu oito críticas com estrelas no *Doce Veneno*. – Ela leu-me o rosto. – Não faz ideia do que seja uma crítica com estrelas, pois não?

– Não, mas parece ser importante.

– E é. Isto é fantástico para um livro de estreia vendido por um agente novato. Isto vai fazer a carreira da Charlotte.

Tirei as luvas, lembrando-me de sorrir.

O meu meio sorriso funcionou com a Reagan, que retribuiu e endireitou a sua bata de papel, saltando da mesa de exames.

– Então, estou livre para fazer sexo outra vez? Nesta altura, estou convencida de que tem medo de que eu engravide e aumente a sua carga de trabalho.

– Estou a dar-lhe luz verde. Vá com calma e, se sentir qualquer dor ou desconforto, basta telefonar. – Saí para lhe dar privacidade para mudar de roupa, parando quando a minha mão agarrou a maçaneta da porta. – Como tem passado a Charlie?

Reagan inclinou a cabeça para o lado, demorando a responder.

– Ela é a Charlotte. Forte. Confiável. Carinhosa. E, no entanto, está diferente.

– Mais triste?

– Não. Acho que está a recuperar.

Era uma coisa boa.

Disse a mim próprio que isso adoçava o meu humor azedo, mas ainda assim gritei com a Sylvia por ser pouco profissional quando ela voltou do

almoço com uma nódia de molho do tamanho de Itália na blusa.

O Walter empurrou-me para o meu consultório como se eu fosse uma bomba que ele precisava de desarmar.

Depois da morte do Kellan, limpámos a casa na Bernard e Marchetti. Não queria que ninguém falasse ou sequer pensasse na sua morte. O Walter protestou no início, mas assim que comecei a perder as estribeiras com todos os que se atreviam a dar-me as condolências, ele despediu toda a equipa, deu-lhes generosas indemnizações e arranjou-lhes novos empregos nos consultórios de colegas. (Ao contrário de mim, ele conseguiu socializar e fazer amigos na comunidade médica.)

Desta vez eu queria fazer o mesmo.

Tinha perdido a Charlie.

Era como ficar subitamente sem um membro.

Mantive a chave que ela me deu no bolso só para me torturar. Para me lembrar dos nossos últimos momentos juntos.

Em vez de ir a um bar, como eu queria, acabei no meu sofá. Ao lado do Terry. A ver uma repetição de um programa dos anos oitenta que nenhum de nós gostava.

Eu sabia que ele tinha alguma coisa para dizer, porque de cada vez que chegava um intervalo comercial, os seus lábios abriam-se e ele soltava um som de silvo do fundo da garganta, mas nada saía.

O programa recomeçou.

Voltámos a ver personagens das quais não sabíamos o nome a fazer coisas sem sentido, dado que tínhamos começado o episódio a meio.

Isso contaria como ligação entre pai e filho?

Se sim, eu queria um reembolso.

Por fim, o Terry acabou com o nosso sofrimento. Agarrou no comando e desligou a televisão.

– Queres dizer alguma coisa?

– Parece que és tu que tens algo a dizer. Se te esforçares mais, terão de te transformar no lobo de *Os Três Porquinhos*.

– É um feito importante na minha vida, o facto de que o único livro que o meu filho adulto alguma vez me recomendou ser um conto infantil.

– Não tens de quê.

Ele atirou o comando para o lado.

– Reparei que leste o *Doce Veneno*.

– Há algum tempo.

Engoli em seco, lembrando-me da água que o Terry me tinha deixado nesse dia. Um gesto tão pequeno, mas que não podia esquecer.

Dizem que não existe um ato de bondade insignificante. Alguém me devia ter avisado antes de convidar o meu pai para morar em minha casa.

– A Charlotte lutou para preservar todas as partes que te mencionam como o Kellan as escreveu. Essas são as palavras dele, intocadas. Só achei que devias saber.



– Tu queres que fiquemos juntos.

– *Tu* queres os dois juntos – corrigiu ele. – Eu sou apenas um espectador exausto.

– O facto de ela ter trabalhado muito para preservar a visão que o Kellan tinha de mim não muda nada.

De facto, eu imaginei que mudaria. Afinal, ela era a doce e carinhosa Charlie.

Fiável até à exaustão.

Até à nossa separação.

O Terry passou os nós dos dedos pelo maxilar, com a cabeça inclinada.

– E o que mudaria?

– Se eu soubesse não estaria nesta situação.

– Se não é por causa do Kellan é por causa de... Ah! – Ele riu-se, dando-me uma palmadinha no ombro. – O teu irmão tinha razão.

– Sobre?

– Sobre como serias numa relação a sério, incapaz de te comprometeres. Está bem. Eu sei que tenho alguma culpa nisso. Porque te deixarias perder o controlo quando foi tudo o que me viste fazer apenas para acabares como um viciado caloteiro?

Ele tirou a sua ficha mais recente dos AA e piscou-me o olho, mostrando-ma.

Cinco meses.

Acho que um leopardo *podia* mudar de pintas.

– A boa notícia é que... – Ele pressionou a ficha na minha mão. – Nunca é demasiado tarde para mudar.

*Talvez seja a tua vez, Tate.*

Dirigi-me para a cama, parando no corredor em frente ao quarto do Kel. Aquele peso que normalmente sentia no estômago só de o ver tinha desaparecido.

O que quer que ele tivesse deixado já não me intimidava tanto como o *Doce Veneno* fez.

O meu pé deslizou para a frente.

Dei um passo.

E depois outro.

Abri a porta com um rangido.

Aproximei-me da secretária.

Enfiei a chave na ranhura e girei-a, sustendo a respiração.

Uma nuvem de pó assaltou-me as narinas. Verifiquei a gaveta.

Duas moedas de um cêntimo. Uma única moldura dourada.

Senti o metal frio e pesado nas minhas mãos. Havia uma fotografia escondida debaixo do vidro. Uma fotografia de mim e do Kel no seu décimo sexto aniversário. Eu tinha a cabeça para trás de tanto rir enquanto ele tentava e não conseguia escalar as ruínas do Hospital de Varíola de Renwick.

Pensava que não havia mais fotografias nossas, mas não devia ter ficado

surpreendido. As recordações são como as relações à distância. Quanto mais longínquas, mais esbatidas se tornam.

Recolhi as moedas, trouxe-as para o meu quarto e coloquei-as na moldura *vintage* na minha mesa de cabeceira, ao lado da fotografia que a mãe tinha tirado.

Caí no colchão e peguei no telemóvel para aceder ao correio de voz.

Estava na altura de ouvir o que o Kel tinha para me dizer.

# Capítulo Oitenta e Oito



**O**lá, Tate.

É o Kel.

*Continuo a achar que és um idiota, mas és o idiota de quem preciso de um favor.*

*Há uma rapariga que conheço. O nome dela é Charlotte Richards.*

*Ela é forte. Mais forte do que pensa. É feita do material mais duro. Como o revestimento de um telemóvel Nokia muito velho. Ou aquela porcaria que usam para lançar foguetões para o espaço.*

*Dura como o raio.*

*Mas eu preocupo-me com ela, sabes?*

*Vou para um sítio longe e preciso que te certifiques de que ela está bem. Olha por ela de vez em quando. Verifica se ela tem pulsação. Se ela não está a levar com merdas da irmã dela. Ambos temos irmãos parvos, para tua informação.*

*Se fizeres isso por mim, serás um pouco menos idiota no meu livro, o que é uma oferta que podes querer aceitar, porque eu pareço ser do tipo que pode voltar como poltergeist.*

*Por isso, sim.*

*Esse é o favor.*

*Nem sequer é um grande favor, considerando todas as coisas, o que significa que és um idiota se não o fizeres...*

*Que mais posso dizer...?*

*Oh! Sim.*

*E o que raio se passa com a Hannah? A miúda acredita que a felicidade doméstica é tricotar camisolas de Natal com a tua cara. A tua cara! Estar com ela é como estar preso num episódio do Doctor Foster que nunca mais acaba. Até tu consegues fazer melhor. Recuperaste o juízo. Já vai tarde.*

*Acho que é agora que devo dizer algo simpático para rematar isto.*

*Merda de vômito.*

*Cá vai nada...*

*Eu podia ter lidado melhor com o facto de ter sido deixado à tua porta. Para que conste, tu também. Em nossa defesa coletiva, é difícil iniciar uma relação numa boa base quando começa literalmente em merda.*

*Mas viver contigo só foi um pouco mau, embora a Hannah seja a pior. Eu sei que lidar comigo é horrível, mas tu tentaste. Eu percebi isso. A sério que sim.*

*Olha, que se lixe.*

*Eu não te odeio, Tate.*

*Posso até gostar um pouco de ti.*

*Vemo-nos na próxima vida.*

*Talvez nessa sejamos mesmo irmãos.*

# Capítulo Oitenta e Nove



**Tate**

Nada diz que se chegou ao fundo poço melhor do que ser cumprimentado pelo nome pelo pessoal do Worm Welcome, cujo menu é inteiramente baseado em minhocas.

– Senhor Marchetti, o senhor voltou. – Sammy afastou-se da caixa registadora.

*Senhor.* Eu tinha trabalhado muito no meu diploma de medicina, mas não a corriji. Quanto menos ela soubesse sobre mim, melhor. Já era difícil de digerir o facto de frequentar um local conhecido por servir criaturas que se alimentam de cadáveres.

A campainha por cima da porta tilintou quando esta se fechou atrás de mim. Sentei-me na minha mesa habitual, colocando os óculos escuros de aviador quando o sol me bateu na cara.

A Sammy parou perto de mim, junto à janela. Ficámos os dois a olhar para o parque infantil do outro lado da rua. Ela guardou a caneta e o bloco de notas no bolso.

– Deixe-me adivinhar. Vai pedir uma garrafa de água e ficar a olhar para aquela mulher durante uma hora. – A pastilha elástica cor-de-rosa estalou nos seus lábios. A sua língua deslizou, recolhendo-a novamente. Ainda bem que este sítio só tinha minhocas, porque eu tinha efetivamente perdido o apetite.

– Devia fazer queixa de si por perseguição – acrescentou ela.

*E eu devia denunciá-la ao inspetor de saúde pública.* Eu sorri.

– E perder as minhas dicas estelares?

– Estelares? – zombou ela. Para que conste, uma vez fui muito poupado quando estava mal de dinheiro. Dupliquei a minha gorjeta na visita seguinte. Mas a Sammy era daquelas que guardava rancor como os idiotas de Wall

Street tinham pelas contas bancárias *offshore*.

– Continue a falar e terá menos um zero na gorjeta que lhe apresentar hoje.

– Sim, sim. – Ela fez um gesto de quem não liga ao que digo. – O que posso fazer por si?

– Uma garrafa de água.

A sobranceira dela ergueu-se, como se me dissesse «estás a ver?». Acenando com a cabeça, ela voltou com o meu pedido e depois deixou-me sozinho a olhar para o Parque Galileu. Estava vazio com exceção de um vagabundo a snifar uma beata de cigarro em cima de Neptuno. Peguei no telemóvel e reproduzi a mensagem de voz de Kellan, algo que fazia com frequência. Qual era o significado do pedido de Kellan para tomar conta da Charlie? Eu sabia o que queria que significasse: permissão para estar com ela. Permissão para ser feliz. A sua bênção. Mas também sabia que a Charlie estava certa. A fonte dos nossos problemas não era o Kel. Era eu. Eu precisava de aprender a aceitar o amor. A perder o controlo.

Como um relógio bem afinado, a Charlie chegou com a Rowling. Vi-a a empurrar a filha do Jonah nos baloiços antes de saltarem nos planetas como se estes fossem bares e ela fosse o Terry pré-sobriedade. Perguntei-me se ela saberia o significado de cada planeta e apercebi-me de que já não podia perguntar. Havia muitas coisas que eu queria fazer com a Charlie que nunca teria oportunidade de fazer. Ela dissera que tínhamos acabado. E mesmo assim... quase me aproximei dela. Quase a beijei. Quase disse que a amava. Quase.

A Sammy voltou com um prato de comida que eu não tinha pedido, pousando-o à minha frente. Fiquei a olhar para ela. Parecia bastante normal. Um *pretzel*. Massa dourada, um pouco queimada e dobrada em forma de coração com um X no meio.

– Nós desidratamos as minhocas, misturamo-las diretamente na farinha. Ótima fonte de proteína.

Podia ter sido um sinal de que precisava de sair daqui. Provavelmente deixar de aparecer por completo. Mas não o fiz. Disse a mim mesmo que estava a cumprir uma promessa ao Kel. Que estava a tomar conta da Charlie, tal como ele pretendia, da forma que ele pretendia. Mas depois de ler o *Doce Veneno*, uma coisa tornou-se clara: o Kellan arrependeu-se de ter perdido a sua oportunidade com a Charlie.

Eu sabia que também me arrependeria.

# Capítulo Noventa

**Charlotte, 23**

*14 de fevereiro*

**H**oje faz nove anos que o Kellan me salvou.

Cinco anos que ele morreu.

Um ano que conheci o Tate Marchetti.

Catorze de fevereiro era um dia de estreias.

Mas não hoje.



**D**isse a mim própria que não importava que a Leah se tivesse esquecido do meu aniversário. Afinal, eu tinha passado os últimos dez anos sem uma única felicitação da parte dela.

Além disso, para ser justa, as coisas estavam agitadas com o seu recente sucesso. Ela publicara um tutorial no YouTube sobre maquilhagem para cicatrizes que acabou por ter mais visualizações do que aquela compilação de cães dançantes.

Dei por mim no metro, em direção do cemitério do Kellan, até uma estação familiar. A carruagem balançava. Balancei com ela, decidida a não resistir às ondas. O meu telemóvel vibrou com uma mensagem.

**Leah: Prometo-te que NÃO me esqueci do teu aniversário. O Jonah e eu fomos até Jersey para te trazer os teus *menemen* preferidos e um idiota qualquer decidiu bater-nos na traseira.**

**Eu: Estão bem?**

**Leah: Sim, mas irritada. O Jonah diz que o arranja facilmente. Mas mesmo assim...**

**Leah: [GIF do Rob Lowe a gritar no deserto]**

**Eu: Não te preocupes com isso. Mal posso esperar para comer os *menemen* esta noite!**

**Obrigada.**

Pus o telemóvel no bolso, de bom humor. A Leah e eu estávamos oficialmente de volta ao normal. Parecia correto. Como se não tivesse passado nenhum tempo. O que me assustou, de uma maneira boa, porque embora significasse que tinha novamente algo a perder, significava também que tinha novamente algo pelo que lutar.

As portas do metro abriram-se, mostrando um dos muitos cartazes do Kellan. A Helen tinha marcado um lançamento antecipado em três grandes livrarias para aumentar o interesse, mas o *Doce Veneno* acabou por esgotar antes da meia-noite de ontem. O que implicava que, esta manhã, o dia oficial do lançamento, não havia exemplares físicos para vender.

A Helen encomendou outra impressão – quatrocentos mil exemplares. Entretanto, as livrarias independentes encheram-se de clientes. O Kellan teria adorado.

Quando cheguei a St. Paul, tinha um sorriso no rosto. A mesma corrente pendia de dois ganchos, barrando a entrada para as escadas do telhado. Passei por baixo dela, subindo os degraus com menos medo do que pensava.

Talvez porque tivesse vindo por um bom motivo.

Para celebrar o lançamento do Kellan com ele.

Tal como naquele dia, há nove anos, vi algo que não estava à espera de ver.

Uma pessoa.

Ele estava sentado perto do parapeito com as pernas a baloiçar por cima das vigas.

– Tate – sussurrei, sem esperar que ele ouvisse.

Devia estar a ver coisas, porque podia jurar que também vi o Tate no outro dia, perto do Parque Galileu. E outra vez numa leitura prévia do *Doce Veneno*.

A minha imaginação tinha tendência para correr solta. Muitas vezes pesquisei o Tate Marchetti no Google, sabendo que não encontraria nada. Não conseguia ir visitá-lo, porque se o fizesse, ficaria partida e, se me partisse, deixava-o recompor-me e, se ele me recompusesse, eu ficava. E se eu ficasse e ele não abandonasse o seu controlo cuidadosamente criado, o ciclo recomeçava.

Decidi não arriscar na eventualidade de não ser uma miragem. Virando-me, dirigi-me para as escadas, pronta a correr.

– Espera!

Paralisei, respirei fundo e virei-me para ele. Depois belisquei a minha perna. Isto era real. Ele estava aqui. Caramba. As telhas rangeram quando eu caminhei em direção a ele. Passei um braço em redor da chaminé para me equilibrar, sentando-me a cerca de um metro do Tate. O fato familiar que ele usava fez-me sentir coisas no estômago, como sempre. Nada tinha mudado. Desde o cabelo à roupa, aos sapatos, ele continuava o mesmo. Mas eu não sabia o que sentir em relação a isso.

Mexi-me no mosaico para ficar mais confortável. Tate tinha algo na



mão. Apercebi-me de que era um bolo de cenoura. Mas não o estava a comer.

Seguiu a minha linha de visão até ao bolo de cenoura, embrulhado em papel cor de laranja.

– Eu não gosto de bolo de cenoura – admitiu.

Estendi a mão.

– Passa-o cá.

Ele ofereceu-mo.

– Feliz aniversário, Charlie.

Corei, desembulhei o bolo e dei uma dentada. O pátio da escola parecia mais brilhante.

– Nunca vi esta paisagem em plena luz do dia. – Voltei a enrolar o papel sobre o bolo. – É melhor do que aquilo que imaginava.

Não era o que eu queria dizer. Queria perguntar-lhe porque viera, mas eu sabia a resposta. Tinha-a na mão. Porque outro motivo apareceria com um bolo de cenoura? As minhas palmas ficaram tão húmidas que podia abrir um parque aquático com o suor.

– No caminho para cá pensei no que dizer para o caso de te encontrar.

– Sim? O que é que te ocorreu?

– Nada. Excluí tudo.

– Quais eram os candidatos?

– Desculpa.

– Um bom começo, mas demasiado curto – concordei.

– Sou egoísta.

– Isso simplifica a nossa relação. É injusto para ambos.

– Tenho saudades tuas.

O meu coração acelerou, pulsando nos meus ouvidos.

– Eu não vejo nada de errado nisso.

Exceto o facto de me ver a ceder e eu tinha jurado respeitar-me a mim própria o suficiente para não deixar que ninguém me arrastasse por aí.

– Charlie.

Virei-me para o encarar. O Tate tinha uma moeda na mão, virando-a incessantemente. Atirou-a para mim.

– Um cêntimo pelos teus pensamentos.

– Tenho saudades tuas – admiti. Voltei a atirar a moeda à espera de que ele a apanhasse.

– Um cêntimo pelos teus.

– És tu.

– O quê?

Ele aproximou-se mais, tocando-me nos ombros. Uma doce determinação acendeu um fogo no seu olhar.

– Disseste que desejavas encontrar aquilo que me fizesse continuar. És tu, Charlie. Tu és aquilo que me faz continuar.

Lembrei-me desse dia. Tínhamos falado ao telefone pela primeira vez e depois apareci em casa dele. Nessa altura, eu já estava a ceder.

– Amo-te, Charlotte Richards. Não te posso prometer que vou estar sempre bem, mas posso prometer que te amarei sempre e nunca terei vergonha de o dizer. Nos últimos cinco anos, perdi-me na dor. Mas depois encontrei a coisa mais preciosa do mundo: tu.

A sua boca requereu a minha, expulsando anos de solidão e substituindo-os por ele. Sentia-o em todo o lado. Inalei o aroma familiar a sândalo, fogo e citrinos. Entrelacei a minha língua na dele. Afastei-me, ofegante, encostando a minha testa à dele.

– Inventaste tudo isso no carro?

– Foi uma viagem produtiva.

Ele inclinou-se para outro beijo. Sorri contra os seus lábios, apercebendo-me da estreia de hoje.

Alguém que amamos dizer que nos ama também.

# Epílogo



## Charlie

— Charlotte, querida, estás a fazê-lo outra vez. — A Reagan entrou a correr no meu gabinete (sim, gabinete, com quatro paredes e até uma janela), deixando cair uma revista na minha secretária já sobrecarregada.

Eu ainda estava a escrever, a meio de um *email* para uma editora estrangeira que quer comprar os direitos italianos de um livro que vendi recentemente.

— A fazer o quê?

— A esconder coisas de mim. Porque é que tenho de descobrir que assinaste um contrato de cinco livros de Marshall Clive com a Random House através disto? — Ela agarra no exemplar da *Publishers Daily* e agita-o no ar. — Afinal é a minha agência.

Mas não há um vestígio de raiva na sua voz. Como é que pode haver? Este contrato é de sete dígitos. Desde que trabalho para ela como agente de pleno direito, a parte que lhe cabe pode financiar um ano inteiro de propinas para um dos seus gémeos na pré-escola. De preferência para o Noah. O Ethan é um idiota que ainda chora quando me vê.

— Só devia ter sido publicado na segunda-feira. — Agarro na revista com uns dedos bem cuidados, enfiando-a numa das gavetas para que possa enviar uma foto para o Marshall mais tarde. — Vou p... — Parei. Não estou arrependida. Não há nada pelo que pedir desculpa. Fiz um negócio do caraças e esqueci-me de lhe enviar o memorando. Estou a aprender a libertar-me da minha culpa. Da minha necessidade de pedir desculpa ao mundo inteiro. É um processo, mas estou finalmente a dar pequenos passos.

— Não, não estás arrependida — Um sorriso espalha-se pelo rosto de Reagan. — E não devias estar. Conta-me tudo sobre este negócio. Durante o almoço. — Ela bate palmas. Agora é uma boa altura para pedir desculpa.

– Não posso. Desculpa. – Mas pela primeira vez em anos a palavra não tem aquele peso adicional. De alguém com medo de desiludir a outra pessoa.  
– Vou almoçar com o Tate. Jantar? Ou fica para outra altura?

Ao fundo, os rapazes acordaram da sua sesta, facto evidenciado pelos seus gritos. Oiço pessoas lá fora a tentar oferecer-lhes comida que crianças de três anos não devem ingerir. É estranho, mas habituei-me a escrever com dois miúdos a gritar aos meus ouvidos. Se esta experiência com gémeos me ensinou alguma coisa foi que a maternidade é um campo de treino para a vida. Sinto um respeito renovado por todas as mães.

– Tate. – Reagan franze o sobrolho. – Onde é que ele te vai levar?

Não lhe posso dizer. Não porque o Tate me tenha dito para não o fazer. Não disse. Mas porque estou bastante confiante de que é um assunto privado. Não o posso explicar. Tenho apenas um palpite.

– Não tenho a certeza. – Levanto-me, agarro num contrato impresso e dirijo-me ao arquivo. – Vamos encontrarmo-nos na Quinta Avenida e ver o que está disponível que seja bom. – É uma mentira descarada. Não gosto de mentir, mas parece-me um mal necessário desta vez.

Reagan acena com a cabeça. O seu sorriso diz-me que ela sabe algo que não me está a contar, mas como lhe menti há um segundo, não estou em posição de lhe pedir nada.

– Sim, claro. Bom, espero que aprecies.

– Claro que sim. Jantar, então?

– Oh, não sei. Falamos amanhã. Não é assim tão urgente.

Depois dá duas pancadinhas na minha secretária – no pequeno espaço que não está coberto de papéis – e sai do meu escritório.

Termino o *email*, tiro uma fotografia do artigo sobre o negócio e envio-a ao Marshall, depois agarro no meu casaco e enrolo um cachecol de cachemira ao pescoço, aquele que a Leah e o Jonah me ofereceram no Natal. É feio e cor de laranja, mas significa tanto para mim que raramente o deixo em casa.

Na casa nova do Tate.

Na *minha* casa, de muitas maneiras.

Mas não oficialmente. Foi mais uma progressão natural. A forma como a aranha tece o que começa por ser uma teia desprezensável e que toma conta de uma garagem inteira após alguns meses. Não sei bem quem será a aranha no nosso caso. Só sei que uma festa de pijama por semana se transformou em quatro. E quando dei por mim, precisava da minha própria escova de dentes, escova de cabelo, desodorizante e loção corporal, porque ter de ir ao meu apartamento antes de ir para o trabalho tornou-se demasiado incómodo.

E depois o Jonah pediu à Leah para comprar uma casa a meias. Não sem antes verificar se eu estava de acordo (claro que estava). E ela concordou. Foi numa boa altura, porque a Reagan tinha acabado de me promover e essa promoção trouxe consigo um grande aumento. Agora estou a pagar um apartamento estúdio onde não durmo. A casa do Tate fica mais perto do meu escritório e a única vez que me aventuro a voltar ao meu estúdio é para ir

buscar o correio.

Apanho o metro para St. Paul observando as pessoas. Nova Iorque está a libertar-se dos resquícios do inverno. Vê-se que as árvores já não estão tão nuas. Na forma como o efeito cebola faz as pessoas descascarem as roupas no metro. No facto de os trabalhadores da cidade terem um pouco mais elasticidade nos seus passos. Saio da estação. Sinto o coração na garganta. Não sei porque estou nervosa. Da última vez que vim, algo aconteceu de muito bom. Mas... Eu odeio aquele telhado. A fealdade da vida que levou. Aquele murro de memórias que me atinge quando passo pelo mesmo sítio onde o Kellan caiu. E agora o Tate quer que nos encontremos lá. Uma parte de mim ressentido-o por isso, porque ele está prestes a pegar noutra coisa do Kellan e a manchá-la de Tate. Aquele telhado pertence ao Kellan e a mim. Mas dizer que não parece demasiado grande. Demasiado dramático. Especialmente depois de termos tirado um pedaço do Kellan no Dia dos Namorados e substituído por um pedaço de nós.

Subo os degraus de emergência a correr, perguntando-me o que será preciso para St. Paul restringir o acesso a estas escadas. Estou quinze minutos adiantada. Isto foi planeado. Preciso de tempo para me recompor antes de o Tate aparecer.

Quando chego ao telhado fico surpreendida com o facto de me parecer tão familiar. Nada mudou. Também me surpreende o facto de o Tate já cá estar. Está de costas para mim. O vento agita-lhe o cabelo escuro. Ao vê-lo assim, com o casaco pendurado perfeitamente sobre o seu corpo majestoso, perdoo-me por me ter afogado nele. Por ter mordido o isco. Por me ter apaixonado pelo irmão do meu falecido melhor amigo. Aquele que estava apaixonado por mim e que me deixou o presente mais precioso de todos... um livro brilhante e sincero.

– Sim – ecoa a voz de Tate. Ele sabe que eu estou aqui, mas acho que não fiz um único som. É engraçado como, apesar de estarmos juntos há algum tempo, ele continua a ser formidável. Continua a ser frio com as pessoas à sua volta, mas não comigo. – Sim, tinha de ser aqui. Sei que tens andado a pensar. Mas tinha de ser.

– Porquê? – Não pergunto o que isso implica. É menos importante do que o facto de estarmos aqui.

Tate vira-se, fixando-me com o olhar.

– Porque muitas das tuas memórias deste lugar estão todas erradas, e isso não é justo para ti. Porque está na altura de construir boas memórias em cima das más. Isso não quer dizer que devemos esquecer o Kellan. Significa que o estamos a honrar.

Estou surpreendida por não estar à defesa no que respeita ao Kellan. Essa também é uma mudança bem-vinda. Acho que é por sermos uma equipa agora, eu e o Tate. Já não duvido das suas emoções em relação ao irmão mais novo.

– Está bem. – Inclino a cabeça. – Agora estamos aqui. É aqui que vamos

almoçar?

O Tate não é do género de fazer piqueniques, mas já aconteceram coisas mais estranhas. Como o facto de estar de boas relações com o Terry, que ficou com a casa antiga de Tate quando ele trocou para a nova, mais perto da clínica.

Tate vem na minha direção, movendo-se com a graça e a compostura de um predador noturno. O coração martela-me no peito. Estico-me para agarrar a perna, mas em vez disso aperto o bolso do casaco. Trago sempre um livro de bolso do *Doce Veneno*. Amassado e lido até à exaustão, mas está lá. A minha homenagem ao Kellan.

Tate para a um metro de mim. A adrenalina no meu corpo é tanta que me apetece gritar. O que está a acontecer?

– Charlie.

– Tate.

– A Reagan não te disse por que razão estás aqui hoje?

Eu franzo o sobrolho.

– Não. E estou a ficar cansada de estar às escuras, por isso é melhor dizeres-me o que se passa.

Ele ri-se e, neste momento, consigo ver o Kellan nele. Na timidez. Na juventude. Mas também em algo que é único do Tate. O homem por quem me apaixonei. A força que tenho de reconhecer. A tempestade que me apanhou no seu olho.

– Charlotte. Lottie. Charlie. – Ele abana a cabeça, metendo a mão no cabelo e despenteando-o. – Não tenho mesmo jeito para estas coisas. Ouve. Quando te conheci eu era uma desgraça. Não. Desgraça é um eufemismo. Eu era um desastre de comboio. Um navio a afundar-se. Um perigo para mim e para os que me rodeiam. Tu entraste na minha vida e mudaste-a. Viraste-a de pernas para o ar. E agora? Agora não consigo imaginar a minha vida sem ti. – Ele faz uma pausa. – Não. Isto não está certo. Eu consigo imaginar a minha vida sem ti. E seria muito triste. Na verdade, não tenho a certeza que valesse a pena viver. Nós já vivemos juntos, embora nunca o tenhamos tornado oficial e acho que está na altura de fazeres de mim um homem honesto.

Com isso, ele baixa-se para um joelho. Eu tapo a boca. Posso estar a gritar, mas não consigo ouvir nada. O Tate trouxe-me aqui para me pedir em casamento. Levou-me ao lugar onde vivi uma das experiências mais traumáticas da minha vida e transformou-a na mais bela. Ele quer apanhar os meus cacos e colá-los. Como eu fiz com ele. Tira uma caixa de veludo azul do bolso do casaco e abre-a. É um anel lindo, o diamante é negro como uma estrela. À volta dele brilham pequenas gemas polidas. O anel em si é fino e elegante. É mesmo a minha cara. Até me apetece chorar. Não, espera. Eu choro mesmo. Lágrimas quentes escorrem pelo meu rosto gelado. Abano a cabeça.

– Não? Isso é um não? – A sua voz tem um tom agudo. Ele está a tentar manter-se firme. Oh, bolas! Pensa que eu o estou a recusar.

Rio-me e ponho-me de joelhos, agarrando-lhe o rosto.

– Não, idiota. É um sim. É cem por cento sim. Só não acredito que foste tão atencioso para me trazeres aqui.

Sem me responder, ele pega na minha mão esquerda e coloca o anel no meu dedo. É rápido. Como se não quisesse que eu mudasse de ideias. Tate beija o diamante na minha mão, os seus olhos prendem os meus.

– A sério? Porque não acredito que tenha esperado tanto tempo.

Depois somos atirados um contra o outro. Não sei quem começou nem quem vai acabar. O beijo é desleixado e cheio de emoções, risos e saliva. As minhas lágrimas misturam-se com os nossos lábios e nós devoramo-las. Estamos ambos habituados a este simples facto da vida – qualquer prazer que valha a pena ter é sempre misturado com um pouco de dor.

*Doce Veneno.*

Beleza envolta em fealdade.

Amor disfarçado de ódio.

Abraçamo-nos e acho que nunca mais nos vamos largar.

– Eu vou fazer-te feliz, Charlie.

E sabem que mais? Ele já o fez.



## **Tate**

*Um ano depois*

— Vai ser um espetáculo de merda – digo, saindo do carro e contornando-o para abrir a porta à Charlie. Ela põe-se de pé, segurando a barriga de grávida. Está a ir muito bem para o final do primeiro trimestre. Quase não tem enjoos matinais. Não tem alterações de humor. Nem sequer um olfato mais apurado. Eu avisei-a de que isso podia mudar a qualquer momento. Que a gravidez não é fácil para todos.

– Vai correr tudo bem.

Enrolo-lhe um xaile nos ombros e entrelaço os nossos dedos. Vamos a caminho do Museu Literário de Arte em Brooklyn, onde Kellan está prestes a ser homenageado. Outra reedição do *Doce Veneno* chegou às prateleiras na semana passada. Terry chora sempre que ouve a contagem oficial de vendas do livro (dez milhões de exemplares e a aumentar), o que faz dele uma escolha interessante para aceitar o prémio.

– Não acreditas mesmo nisto – resmungo, apertando a mão dela na minha.

– Não, não acredito. Mas temos de respeitar a vontade dele. É assim que ele quer fazer isto. Deve-o a si próprio e ao Kellan. Não o podemos impedir.

E, de qualquer forma, não nos cabe a nós fazê-lo.

A minha mulher tem razão. Ela tem sempre razão.

Odeio isso.

No museu, é mais do mesmo. Habituei-me a esta confusão literária de ser o acompanhante da Charlie em inúmeros eventos. A conversa de elevados padrões. Os copos de champanhe. A reflexão em profundidade sobre textos escritos enquanto o autor estava completamente pedrado. Após uma hora, a organizadora do evento, uma mulher cujo nome não consigo pronunciar, e que parece ter experimentado todas as cirurgias plásticas disponíveis no mercado, bate no copo com um garfo. Clássico. Ela pede a atenção de todos. O seu sorriso escarlate é grande e sombrio. Alheia ao que a espera.

Sento-me, vendo-a chamar o Terry ao palco com um misto de satisfação e pavor. O meu pai levanta-se da nossa mesa e aproxima-se.

A mulher no palco fala sobre o *Doce Veneno*. Sobre a forma como se saiu bem nas livrarias. Como os miúdos estão agora a estudá-lo no liceu. Atrás dela, Terry empalidece. Ele olha para mim, à espera de ter a certeza de que está a fazer a coisa certa. Inclino ligeiramente a cabeça, como se dissesse: «força».

A oradora fala durante mais vinte minutos. Charlie agarra-me a mão e aperta-a. Ela sabe que estou nervoso. Tenho a certeza de que ela também está nervosa. E depois, a mulher dá finalmente o microfone ao Terry. Ele vai direto ao assunto, como nos disse que faria, quando veio tomar uma bebida a nossa casa antes. Café, caso estejam a perguntar-se. O idiota já está sóbrio há algum tempo. Ele aclara a garganta.

– Obrigado. Pelo apoio, por comprarem o *Doce Veneno*, por o lerem, por o adorarem. Por dizerem aos vossos amigos para o comprarem. Por me enviarem fotografias dele nas livrarias. Acho que não sabem o quanto isso significa para mim. Como... como é estranho. A forma como passamos aquilo que está na nossa mente para uma página e o que pensámos torna-se tão popular que todos querem ouvir e ler sobre isso.

Ele respira fundo. Fecha os olhos. Os seus ombros estão a tremer, mas não chora.

– Só que receio não poder sentir nenhuma dessas coisas que deixam um escritor orgulhoso. É que há uma razão para eu ter recusado falar em público até agora. Não é porque valorizo a minha privacidade... que se lixe a minha privacidade. Não é porque não tenho nada a dizer. Tenho demasiado para dizer. É porque dizer o que tenho a dizer é assustador, mas necessário.

Tenho um mau pressentimento sobre as suas próximas palavras. Ou um bom pressentimento, dependendo de como olho para ele.

A coordenadora do evento passa por entre as mesas, quase precipitando-se para o palco.

– Isto é sobre o Senhor Marchetti.

– Sou eu – diz Terry. A multidão desfaz-se em gargalhadas.

– O outro Marchetti.



– Estou a chegar lá.

Mais risos. Charlie e eu trocamos olhares. Nenhum de nós está divertido. Estamos preocupados com o Terry. Ela faz-me um gesto para ir buscar o carro. Eu movo-me, ainda a prestar atenção ao discurso do Terry quando ele volta ao microfone e recomeça.

– Onde é que eu ia? Sim. Kellan Marchetti era muitas coisas. Autor. Prodígio. Irmão. Filho. E o autor do livro que lhe roubei e chamei de meu: *As Imperfeições*.

Um suspiro coletivo suga o ar da sala. Eu imobilizo-me junto à porta, voltando-me para encarar Terry. Estava à espera de que ele fosse sincero sobre o plágio, mas nunca esperei que o autor fosse o Kel. Mas faz sentido. Tanto sentido.

O meu pai fecha os olhos, mas é um soldado. E, por isso, pela primeira vez, tenho orgulho nele.

– Eu não escrevi *As Imperfeições*. Não a maior parte, pelo menos. Roubei-o ao meu próprio filho. A minha carne e sangue. Ele era brilhante, especial, talentoso e eu era uma fraude. Ele fazia coisas incríveis com a mente e eu fingia que eram minhas. Foi por isso que nunca tiveram um segundo livro. Foi por isso que eu me escondi. Esta é a verdade nua, feia e louca. Eu roubei *As Imperfeições*. Plagiei, se preferirem. Eu não mereço isto. Este amor. Este apoio. Esta adoração. O Kellan sim. O seu segundo livro, *Doce Veneno*, já saiu. Leiam-no. Peçam-no emprestado. Emprestem-no. Falem dele aos vossos amigos. Digam-lhes para dizerem aos amigos deles. Deem-lhe o respeito que eu não dei. Deus sabe que ele o merece.

Ele dá um passo atrás do microfone. Os meus olhos fecham-se. Consigo sentir o Kellan aqui. À nossa volta. Talvez até dentro desta sala. O seu espírito. Eu penso que, onde quer que ele esteja, agora está bem.

– Não vou responder a perguntas. Obrigado.

A Charlie agarra a minha mão. Não sei quando é que ela chegou aqui, mas é clássico dela ser fiável em todas as situações. Eu apanho-lhe o passo.

– Tate. Vai buscar o carro, rápido. – Ela empurra-me o peito. Eu fujo, virando-me para verificar se ela está bem. Ela corre em direção ao Terry, que está a tentar sair pela porta das traseiras. Charlie agarra-lhe a mão e puxa-o. Quero pedir-lhe para abrandar. Ela está grávida. Do meu filho. Mas não há como impedi-la. Eu corro para o arrumador, vendo a minha mulher arrastar o meu pai para trás de uma árvore para se esconder. A multidão está atrás dele. É menos assustadora do que parece. É só um bando de velhos de fato e vestido de cetim querendo saber o que significa o livro que compraram autografado, desembolsando uns bons quatro mil dólares por esta ocasião e refeição. Entro no meu Lexus e dou a volta ao edifício para ir buscar o Terry e a Charlie. Escapa-me uma gargalhada. Sinto-me como uma criança malcomportada. Toda esta correria. Que confusão. Paro quando vejo a Charlie e o Terry a correr na direção do meu carro pelo espelho retrovisor. A Charlie está a rir-se. Os seus olhos brilham sob o céu noturno.

E eu sei que o Kellan também me amava. Amava-me porque me deu o presente mais maravilhoso antes de morrer.

Ele deu-me o Veneno.

# Agradecimentos

**C**hlo, tenho saudades tuas. Adoro-te. *Bau* e *Rose*, seus terrores de quatro patas. L, obrigada por me manteres funcional. Lamento ser uma namorada medíocre. (Não lamento verdadeiramente. Tu sabias ao que vinhas.)

À Heidi Jones, que casou com um jogador de golfe profissional. Basicamente. Talvez. Provavelmente. À Heather Pollock, que atura muitas das minhas parvoíces. Às pessoas que ajudaram a dar forma a este livro – Emily, Michelle, Vanessa e Paige. Aos meus melhores amigos da G. A. – Libra e Boom Boom. Obrigada por aturarem a minha ansiedade, o meu humor pré-adolescente e a minha infinidade de fotos que nunca conseguirão deixar de ver. Ao Elan. Ainda não me disseste se o ninja e a bailarina que se apaixonaram depois daquele fiasco de tropeçar numa bola de fio casaram mesmo numa capela feita de melancias. Parvalhão.

E à comunidade API. Tem sido um ano difícil, mas caramba, nós somos fortes. Estou tão orgulhosa da nossa resiliência.

Gostaria de prestar homenagem a duas pessoas bonitas e importantes que o mundo perdeu demasiado cedo. Janice Owen era a leitora e revisora de provas, e foi assim que nos conhecemos. A Janice trabalhou comigo em todos os livros que publiquei, tornando-se rapidamente uma amiga em quem confiava – não só pelo seu olhar apurado, mas também pela sua personalidade positiva e alegre. Janice, trouxeste-me grande conforto ao longo dos anos, deste-me o teu calor e permitiste que me apoiasse em ti sempre que precisava de alguém em quem confiar. Sentirei falta da tua luz. Obrigada por estares na minha vida.

Kamel Dupuis-Perez era o meu representante na Amazon. Nunca tinha falado com ninguém tão apaixonado pela sua mulher e filhos. Ele valorizava as pessoas, dedicando-se à inclusão nas publicações. Kamel, obrigada por me fazeres sentir incluída. Por teres lidado com os meus *emails* excessivos e detestavelmente longos. Nunca cheguei a enviar-te o meu *xiao long bao* preferido nem te enviei um *li xi*. Desculpa por nunca te ter agradecido as tuas

palavras amáveis. Por me ouvires. Por estares presente.

# Table of Contents

1. Capa
2. Ficha Técnica
3. Prólogo
4. Parte Um: A Queda
  1. Capítulo Um
  2. Capítulo Dois
  3. Capítulo Três
  4. Capítulo Quatro
  5. Capítulo Cinco
  6. Capítulo Seis
  7. Capítulo Sete
  8. Capítulo Oito
  9. Capítulo Nove
  10. Capítulo Dez
  11. Capítulo Onze
  12. Capítulo Doze
  13. Capítulo Treze
  14. Capítulo Catorze
5. Parte Dois: As Imperfeições
  1. Capítulo Quinze
  2. Capítulo Dezasseis
  3. Capítulo Dezassete
  4. Capítulo Dezoito
  5. Capítulo Dezanove
  6. Capítulo Vinte
  7. Capítulo Vinte e Um
  8. Capítulo Vinte e Dois
  9. Capítulo Vinte e Três
  10. Capítulo Vinte e Quatro
  11. Capítulo Vinte e Cinco
  12. Capítulo Vinte e Seis
  13. Capítulo Vinte e Sete
  14. Capítulo Vinte e Oito
  15. Capítulo Vinte e Nove
  16. Capítulo Trinta
  17. Capítulo Trinta e Um
  18. Capítulo Trinta e Dois
  19. Capítulo Trinta e Três
  20. Capítulo Trinta e Quatro

21. Capítulo Trinta e Cinco
22. Capítulo Trinta e Seis
23. Capítulo Trinta e Sete
24. Capítulo Trinta e Oito
25. Capítulo Trinta e Nove
26. Capítulo Quarenta
27. Capítulo Quarenta e Um
28. Capítulo Quarenta e Dois
29. Capítulo Quarenta e Três
30. Capítulo Quarenta e Quatro
31. Capítulo Quarenta e Cinco
32. Capítulo Quarenta e Seis
33. Capítulo Quarenta e Sete
34. Capítulo Quarenta e Oito
35. Capítulo Quarenta e Nove
36. Capítulo Cinquenta
37. Capítulo Cinquenta e Um
38. Capítulo Cinquenta e Dois
39. Capítulo Cinquenta e Três
40. Capítulo Cinquenta e Quatro
41. Capítulo Cinquenta e Cinco
42. Capítulo Cinquenta e Seis
43. Capítulo Cinquenta e Sete
44. Capítulo Cinquenta e Oito
45. Capítulo Cinquenta e Nove
46. Capítulo Sessenta
47. Capítulo Sessenta e Um
48. Capítulo Sessenta e Dois
49. Capítulo Sessenta e Três
50. Capítulo Sessenta e Quatro
51. Capítulo Sessenta e Cinco
52. Capítulo Sessenta e Seis
53. Capítulo Sessenta e Sete
54. Capítulo Sessenta e Oito
55. Capítulo Sessenta e Nove
56. Capítulo Setenta
57. Capítulo Setenta e Um
58. Capítulo Setenta e Dois
59. Capítulo Setenta e Três
60. Capítulo Setenta e Quatro
61. Capítulo Setenta e Cinco
62. Capítulo Setenta e Seis
63. Capítulo Setenta e Sete
64. Capítulo Setenta e Oito

65. [Capítulo Setenta e Nove](#)
66. [Capítulo Oitenta](#)
67. [Capítulo Oitenta e Um](#)
68. [Capítulo Oitenta e Dois](#)
69. [Capítulo Oitenta e Três](#)
70. [Capítulo Oitenta e Quatro](#)
71. [Capítulo Oitenta e Cinco](#)
72. [Capítulo Oitenta e Seis](#)
6. [Parte Três: O Antídoto](#)
  1. [Capítulo Oitenta e Sete](#)
  2. [Capítulo Oitenta e Oito](#)
  3. [Capítulo Oitenta e Nove](#)
  4. [Capítulo Noventa](#)
7. [Epílogo](#)
8. [Agradecimentos](#)

## Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)